

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

RAQUEL DOS SANTOS MADANÊLO SOUZA

**Convergências e Divergências:
revistas literárias em perspectiva**

São Paulo
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Convergências e Divergências:
revistas literárias em perspectiva**

Raquel dos Santos Madanêlo Souza

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas para a obtenção do título de Doutora em Letras

Orientador: Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira

São Paulo
2008

Dedico esta tese aos meus Pais,
que sempre me apoiaram em meus estudos
e em minha vida;
ao Frederico, meu grande amor,;
e ao Prof. Paulo, pela amizade, paciência e orientação.

Agradeço à FAPESP, que financiou a elaboração desta tese.

Agradeço ao Sérgio e a Maria Helena (meus pais queridos); ao Frederico, pelo apoio constante; ao Rafa, por toda a música em minha vida e pelo incentivo constante; a Andréa, pelas orações; ao Sr. Thales, pelo apoio; aos meus familiares, pela paciência; aos meus amigos queridos Vander Madeira e Paulo da Luz Moreira, pela leitura de trechos da tese e pelos diálogos e indicações bibliográficas; às queridas Mirian e Rosali, pelo carinho; aos meus amigos da “Entidade”, pelo apoio – especialmente ao Sandro e a Bel, que me ajudaram desde o primeiro até o último momento; à Carla Carvalho Alves, pelas palavras de incentivo e pelo carinho; à Bianca; a minha amiga Maria Manuel, que tanto me ajudou na minha estadia em Portugal; ao Prof. Dr. Ernesto Rodrigues, pela supervisão na Universidade de Lisboa; ao Prof. Paulo Motta Oliveira que me orientou desde a Iniciação Científica e que me ensinou a ser pesquisadora; e, por fim, a minha Avó Silvia, que infelizmente não está mais entre nós e de quem tenho muitas saudades...

PALAVRAS-CHAVE: revistas literárias; 2ª série de *A Águia*; *Seara Nova*; *Terra de Sol*; Portugal-Brasil;

RESUMO

A Águia foi um órgão da “Renascença Portuguesa” e sua segunda série esteve, pelo menos em seus primeiros anos, orientada pelo Saudosismo – doutrina capitaneada pelo poeta Teixeira de Pascoaes. A partir dessa revista surgiram inúmeros outros periódicos, dentre os quais destacamos a *Seara Nova* e *Terra de Sol*.

O objetivo dessa pesquisa foi, tendo a 2ª série de *A Águia* como matriz, pensar e comparar essas três publicações. Ao verificar as convergências e divergências entre elas, pudemos compreender várias questões referentes às relações entre Portugal-Brasil nas primeiras décadas do século 20: os conceitos de “nação” incorporados aos discursos desses objetos de análise; a idéia de “engajamento” entre os intelectuais envolvidos nas revistas e as *possíveis* relações entre o modernismo brasileiro e o modernismo português.

KEY WORDS: literary periodicals; *A Águia* second series; *Seara Nova*; *Terra de Sol*; Portugal-Brasil;

ABSTRACT

A Águia was the mouthpiece of the “Renascença Portuguesa” and this journal’s second series was, at least in its first years, heavily influenced by Saudosismo, a tendency whose leader was Teixeira de Pascoaes. *A Águia* was the starting point for several other important periodicals, among them *Seara Nova* and *Terra de Sol*.

This research focuses on the second series of *A Águia* and compares this important journal with *Seara Nova* and *Terra de Sol*. Identifying the similarities and differences in these three periodicals, we were able to probe into several issues concerning the relationship between Brazil and Portugal in the first decades of the 20th century: the concepts of nation imbedded in the discourses found in these periodicals; the idea of engagement among the intellectuals involved in these projects; and the relationship between Brazilian and Portuguese *modernismos*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A <i>ÁGUIA</i>	14
2.1.1. A Primeira República e os antecedentes da “Renascença Portuguesa”.....	16
2.1.2. A sociedade “Renascença Portuguesa”: sua origem, finalidade, organização e seu ambicioso projeto nacional.....	22
2.2 Propostas.....	27
2.2.1 A 2ª série de <i>A Águia</i>	28
2.2.2 Os editoriais.....	32
2.2.3. Primeiras conclusões.....	46
2.3 Aspectos gerais.....	51
2.3.1. A Saudade e o Saudosismo.....	52
2.3.1.1 A Saudade.....	52
2.3.1.2. A Saudade e o Saudosismo na 2ª série <i>A Águia</i> : a doutrina de Teixeira de Pascoaes.....	57
2.3.3. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” e o Saudosismo.....	81
2.4. A Literatura.....	88
2.4.1 Introdução.....	89
2.4.2 Aspectos gerais da literatura.....	91
2.4.3. O Saudosismo em Perspectiva.....	97
2.4.3.1. Linhas introdutórias.....	97
2.4.3.2. Poemas de temática saudosista.....	99
2.4.3.3 Poesias indiretamente relacionadas ao Saudosismo.....	113
2.4.4 Considerações finais.....	119
3. <i>SEARA NOVA</i>	120
3.1 Contexto.....	121
3.1.1 Do fim da Grande Guerra à revolução de Maio de 1926.....	122
3.1.2 Antecedentes da <i>Seara Nova</i>	127
3.2 Propostas.....	134
3.2.1 Os mandamentos da <i>Seara Nova</i> – antes do editorial.....	135
3.2.2 O editorial da <i>Seara Nova</i> : a elite intelectual e sua missão na reforma da nação lusitana.....	138
3.3 Aspectos Gerais.....	146
3.3.1 Aspectos Formais.....	147
3.3.2 Uma revista de “Doutrina e Crítica”: os intelectuais, os ideários e a reconstrução nacional.....	151
3.3.3 Entre 1921 e 1926.....	155
3.3.4 Breves conclusões.....	169
3.4 A literatura.....	171
3.4.1 Introdução.....	172
3.4.1.1 Escassos estudos.....	172
3.4.1.2 Entre a “arte pela arte” e a arte militante.....	175
3.4.2 Aspectos gerais da literatura.....	182
3.4.3 Temas e autores.....	202
3.4.3.1 O campo.....	202

3.4.3.2 A aldeia e o povo	209
3.4.3.4 Raul Brandão: o principal prosador entre 1921 e 1923	219
3.4.4 Considerações finais	224
4. <i>TERRA DE SOL</i>	227
4.1 Contexto	228
4.1.1 O Brasil durante a República Velha	229
4.1.2. Antecedentes de <i>Terra de Sol</i>	233
4.2 Propostas	242
4.3. Aspectos gerais	247
4.3.1 Características Gráficas	248
4.3.2 A estrutura	250
4.3.3 O Brasil em <i>Terra de Sol</i>	254
4.3.5 A Vertente Portuguesa	268
4.3.5.1 Características	268
4.3.5.2 As seções da Vertente Portuguesa e a questão do antilusitanismo	281
4.3.5.3 “Portugal- Brasil”, “Notas e Comentários” e Graça Aranha	286
4.4 A literatura	292
4.4.1 Introdução	293
4.4.2 Vertente americanista: poemas e traduções de textos	296
4.4.3 A seção “Páginas Portuguesas” e as obras literárias publicadas da Vertente Portuguesa	300
4.4.4 Outras obras literárias	305
4.4.4.1 A poesia	305
4.4.4.2 A prosa	317
4.4.5 À guisa de conclusão	326
5. CONCLUSÃO	328
6. BIBLIOGRAFIA	337
6.1 Textos dos periódicos analisados	338
6.1.1 <i>A Águia</i>	339
6.1.2 <i>Seara Nova</i>	342
6.1.3 <i>Terra de Sol</i>	347
6.2 Demais obras utilizadas	353
7. ANEXOS	365
7.1 Índice Geral da Revista <i>Seara Nova</i>	366
7.2 Índice Geral da Revista <i>Terra de Sol</i>	397
7.3 Editorial da Revista <i>A Águia</i>	413
7.4 Editorial da Revista <i>Seara Nova</i>	416
7.5 Editorial da Revista <i>Terra de Sol</i>	419

1. INTRODUÇÃO

A palavra *revista* passou a ser definida no sentido de *publicação periódica*¹ a partir do século XVIII, como afirma Ana Luíza Martins em *Revistas em Revista*. Mas segundo Clara Rocha Crabbé², foi no século XX que esse meio de comunicação atingiu o seu auge, devido ao desenvolvimento tecnológico dos instrumentos de produção tipográfica e, também, a uma maior “apetência informativa”³ dos leitores, a partir de então.

Sendo as revistas objetos de baixo custo e de relativamente fácil impressão⁴ - se comparadas, por exemplo, aos livros⁵ -, essas publicações atingiriam, com maior rapidez e eficácia, um determinado público, ampliando, assim, as possibilidades de difusão de seu conteúdo aos leitores. Clara Rocha afirma, também, que as revistas surgem, geralmente, como lugares de afirmação de um grupo, vanguarda ou geração; ou seja, como lugares de encontro de alguns “espíritos criadores”⁶, num determinado momento histórico.

E foi justamente como resultado de uma reunião de alguns *espíritos criadores* que surgiu, em 1912, no Porto, a 2ª série da revista *A Águia*. Fruto de uma inspiração quase *profética*⁷ de Jaime Cortesão, a associação de “artistas e intelectuais”⁸, chamada *Renascença Portuguesa*, reuniu-se em 1911 em torno de um programa de promoção da

¹ “O dicionário *Le Robert* informa que, derivada da palavra inglesa *review*, data de 1705 o primeiro uso do termo revista, hoje mais divulgado no sentido de publicação, definindo-o como ‘publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins’. MARTINS, 2001, p.45.

² ROCHA, 1985.

³ ROCHA, 1985, p.94.

⁴ Ana Luíza Martins destaca, em seu estudo, o amplo desenvolvimento das tipografias dos finais do século XIX ao início do século XX. MARTINS, 2001.

⁵ ROCHA, 1985.

⁶ ROCHA, 1985, P.33.

⁷ Em carta enviada a Raúl Proença, Jaime Cortesão apresenta dessa forma a idéia de criar uma associação e uma revista: “Em verdade a esta hora da noite, sinto-me cheio dum *proselitismo sagrado* e antevejo a alegria de pôr de parte todos os trabalhos egoístas, ainda mesmo os da minha Arte, para me dedicar a uma obra absolutamente necessária”. Espólio de Raúl Proença. (Carta de Jaime Cortesão). Biblioteca Nacional, Lisboa. 26/07/1911.

⁸ Espólio de Raúl Proença. (Carta de Jaime Cortesão). Biblioteca Nacional, Lisboa. 26/07/1911.

cultura e da educação, através da criação de bibliotecas, de universidades, da edição de livros, da organização de palestras e cursos, e também, da criação de uma revista, com finalidade “educativa e orientadora”. O grupo - formado por Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Álvaro Pinto, Raúl Proença, António Sérgio e Augusto Casimiro, dentre vários outros - uniu-se com a intenção de agir sobre os destinos da pátria, com projetos de renovação da mentalidade lusitana.

O objetivo principal da publicação seria o de fazer ressuscitar a Pátria. Em seus primeiros anos, *A Águia* se norteou pelo signo do Saudosismo, que foi movimento criado por Pascoaes para pensar Portugal, sua história, sua literatura e sua cultura. Mas as idéias defendidas pelo idealizador desse movimento, criado e desenvolvido nas páginas desse periódico do Porto, conduziram a inúmeras divergências e à dissidência de alguns intelectuais da “Renascença”, gerando, assim, anos depois, a *Seara Nova*. Essa revista lisboeta apareceu, em 15 de Outubro de 1921, no cenário português, com um projeto de ação sobre a nova realidade que caracterizava aquele momento histórico do país, buscando opor-se claramente ao projeto idealizado pelos saudosistas. Nossa análise dessa revista centralizar-se-á no período entre 1921 e 1926, pois interessa-nos, sobretudo, verificar como, até o golpe militar que pôs fim à Primeira República, este periódico, de renovada forma, manteve algumas das propostas de *A Águia*, entre as quais devemos destacar o objetivo de atuar na realidade do país, tentando modificá-la.

A terceira revista pesquisada, que é uma continuação natural da matriz deste estudo comparativo de periódicos, ou seja, é um fruto direto da 2ª série de *A Águia*, foi criada e editada no Brasil, pelo intelectual português Álvaro Pinto. Esse jornalista, que viera para o Brasil em 1920, trazendo sua Casa Publicadora e a 2ª série da revista originalmente editada no Porto, terminou essa série – em função do surgimento da *Seara Nova* e das divergências

dos colaboradores da revista – e criou, em 1924, o periódico carioca *Terra de Sol*, ao lado do poeta paranaense Tasso da Silveira. Essa revista abarcou em seu interior projetos diferentes e, também, divergentes já que propunha ao mesmo tempo enaltecer a nação brasileira e o caráter nacional do Brasil, promover a aproximação entre este país e o restante da América Hispânica, e, contraditoriamente – em projeto defendido por Álvaro – aproximar a nação brasileira da portuguesa.

Promover a ação de conscientização nacional e também a *democracia*, tendo como importante fundamento a elevação de espíritos através da literatura, das artes, da filosofia. Esse é o elo que promove a união entre as três revistas. Todos os programas, mesmo em face das evidentes diferenças de cada um, propunham a valorização da literatura como forma de promover seja um intercâmbio entre as nações – como em *Terra de Sol* –, seja o restabelecimento da ordem em Portugal – como no caso da 2ª série *A Águia* abordada nessa tese e, também, da revista *Seara Nova*.

Partindo da comparação e da análise de paralelas e tangentes¹ nessas diferentes revistas, nossa proposta será a de pesquisar em que medida cada um dos projetos foi efetivado nas páginas dos respectivos periódicos. Através da realização de um trabalho de análise de cada uma dessas publicações do início do século XX, buscaremos detectar um diálogo dessas revistas com sua matriz e, também, compreender melhor a mentalidade desse período, a fim de destacar os aspectos históricos, sociológicos, políticos, culturais e, sobretudo, literários dessas publicações.

¹ A idéia de buscar estabelecer Paralelas e Tangentes na relação entre esses periódicos, veio do título do curso da Prof. Maria Aparecida Santilli; curso esse que abordava as paralelas e tangentes nas literaturas brasileira e portuguesa do século XX. Curso da Pós Graduação da Universidade de São Paulo – 1º semestre de 2004.

Compreender as relações entre esses periódicos significa compreender suas relações com a realidade dos países envolvidos, além de abordar questões fundamentais como os conceitos de Nação adotados por cada uma dessas publicações, tendo em vista o crescente sentimento nacionalista que se espalhava no mundo, sobretudo no período entre guerras. Compreender a proposta de relações internacionais – conceito de nacional/universal presente em alguns dos editoriais – e de intercâmbio literário entre Brasil e Portugal – como se propôs em *A Águia e Terra de Sol* e, de maneira bastante superficial na *Seara Nova* – é também uma forma de avaliar alguns aspectos de programas que hoje pretendem o estreitamento de laços entre países de língua portuguesa¹. A tentativa de intercâmbio que aparece delineada nos exemplares finais da 2ª série de *A Águia*, produzida no Brasil, e que se repete nas páginas do periódico carioca, dirigido por Tasso da Silveira e Álvaro Pinto, não foi a primeira e nem a última, como se pode observar na história² das relações entre brasileiros e portugueses. Compreender essas questões significa, também, apreender os aspectos de algumas das ainda remotas³ tentativas de criação de uma comunidade, mesmo que literária, de língua portuguesa.

¹ O estudo das relações entre Brasil e Portugal no início do século XX, permitirá que lancemos algumas luzes, para pesquisadores do assunto, sobre a questão do “comunitarismo” (ABDALA JUNIOR, 2003) entre países de língua portuguesa.

² Ver: SARAIVA, 2004.

³ A tentativa de intercâmbio entre Brasil e Portugal parece ter se transformado em uma “necessidade” a partir do momento em que o Brasil tornou-se independente no século XIX. Quando o Brasil deixa de ser colônia portuguesa e busca também sua independência cultural, percebe-se que há, mesmo assim, a insistência de intelectuais brasileiros e portugueses em busca de estreitamento de laços entre esses países. Sobre essas e outras questões de intercâmbio entre essas nações ver: SARAIVA, 2004.

2. A ÁGUIA



2.1 Contexto

2.1.1. A Primeira República e os antecedentes da “Renascença Portuguesa”

“Brade o povo à terra inteira: *Portugal não pereceu*”¹

A Primeira República foi proclamada em Portugal, no dia 5 de Outubro de 1910, após uma revolução feita pelos homens da chamada “geração do Ultimatum”², juntamente com os membros da Carbonária. Foram as idéias dessa geração³ - defensora do antimonarquismo, do anticlericalismo, de um vivo democratismo, de um colonialismo intenso e de um “nacionalismo ardente”⁴ - que se transformaram em *slogans* do Partido Republicano português. Naquele momento, acreditava-se que era preciso moralizar e recuperar um país em grave crise:

O endividamento externo, a emigração crescente, a estagnação econômica interna, o domínio da burguesia mercantil e financeira, a dependência externa em vários setores, desde o tecnológico aos demais, o erro de uma opção livre-cambista num país onde a produção fabril era frustrada, o defeituoso funcionamento do sistema liberal parlamentar, todos estes problemas se agravaram de modo dramático nos começos da década de 1890,

¹ Trecho do Hino Nacional Português.

² O Ultimatum Inglês, em poucas linhas, foi a cessão do território das colônias entre Angola e Moçambique, tomada pelos ingleses aos portugueses em 1891. Esse acontecimento acabou criando em Portugal um forte sentimento nacionalista de oposição direta à Inglaterra e à Monarquia lusitana. A geração do Ultimatum: “a que pertenceram grandes vultos da revolução e do futuro regime: Machado Santos, Sá Cardoso, António Maria da Silva, António José de Almeida, Afonso Costa, Brito Camacho; homens na casa dos 20 anos por ocasião da afronta de 1890, homens na casa dos 40 quando triunfou a causa porque se bateram”. MARQUES, 1988, p.30.

A “Carbonária apresentava características genuinamente populares.(...) a Carbonária servia por assim dizer a todos e a todos acolhia, desde que lhes encontrasse ânimo e crença republicana.” Segundo MARQUES: “A revolução de 5 de Outubro teve a enquadrá-la maçons e foi essencialmente executada pela Carbonária – já que não cabe em geral à Maçonaria, como instituição, o executivo de movimentos revolucionários”. MARQUES, 1988, p.36.

³ “com eles se enxertavam uma geração anterior, a chamada geração de 1870”. Porém, apesar das semelhanças ideológicas entre as duas gerações(de 70 e de 90), havia diferenças marcantes, como aponta MARQUES em seu ensaio “Republicanismo e Idealismo”. Um exemplo claro da distinção entre os intelectuais desses dois grupos: o “iberismo” da geração de 70, não é partilhado pela de 90; e o colonialismo defendido pelos homens da geração de 90, não fazia parte da ideologia da geração de 1870. OLIVEIRA, MARQUES, 1988, p. 30.

⁴ “O Ultimato fora, a um tempo, estímulo e sintoma deste nacionalismo exacerbado”. MARQUES, 1988, p.31.

sobretudo na gravíssima crise de 1891-1892, gerada pelas flutuações cambiais na América do Sul, com o nefasto reflexo da remessa das poupanças dos emigrantes, sem esquecer a simultânea trepidação interna trazida pelo *Ultimatum* inglês de janeiro de 1890, momento de verdadeira humilhação coletiva nacional que havia de despertar para a ação um incipiente Partido Republicano, surgindo naquele período de angústia e cólera como uma espécie de Sebastianismo vermelho que transformava a idéia da República num mito de tipo messiânico”¹.

Antes da proclamação, o cenário de grande instabilidade política e econômica e a propaganda contra a Monarquia motivavam uma adesão cada vez mais ampla da grande massa da população portuguesa aos ideais republicanos. Para o cidadão comum “como aliás para muito republicano já mais instruído, a República² era o Messias, era o milagre. Bastaria a sua proclamação para libertar o País de toda a injustiça e de todos os males”³. Para o povo, entendido no sentido de “população ativa”⁴, e para os intelectuais que lutavam pelo fim da Monarquia, o destino do país dependeria da mudança de regime e de uma crença nas possibilidades de redenção dessa Nação. Por isso, o nacionalismo, fenômeno social que teve sua ascensão no século XIX - e que decorreu diretamente da Revolução Francesa⁵ ocorrida em 1789 - tornou-se um dos elementos fundamentais que funcionaram como causadores da mudança de regime e *slogan*⁶ do Partido Republicano português. Mas esse fenômeno tem um caráter bastante específico na pátria portuguesa.

¹ MEDINA, 2001, p.377. (In. TENGARRINHA, José. *História de Portugal*)

² Para republicanizar a vida portuguesa, o programa oficial do Partido Republicano Português de 11 de Janeiro de 1891, que era o que ainda vigorava em 1910, propunha o municipalismo, a secularização da vida pública, o sufrágio universal, o exército de milicianos, o protecionismo alfandegário, o apoio estatal a todos os meio de <<incorporação do proletariado na sociedade moderna>>. RAMOS, 404. In.: RAMOS, José. *História de Portugal* (dir.). s.d.

³ OLIVEIRA, MARQUES, 1988, p. 36.

⁴ MARQUES faz uma distinção entre o que ele define como massa inerte, que representaria a maioria da população e “população ativa:” a população das cidades, sobretudo, recebeu a política anti-religiosa como manifestação sua. Fora ela que fizera a República e que a sustentava”. MARQUES, 1988, p.20.

⁵ “A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo”. HOBASBAWN, 1990, p.71.

⁶ “O estado favorece o nacionalismo como um meio de incrementar os laços existentes entre os cidadãos”. GUIBERNAU, 1997, p.80.

O fato de Portugal ter suas fronteiras geográficas estáveis desde o século XIII, ao contrário do que ocorrera com a maioria dos estados europeus, teria levado a historiografia a pensar, de maneira geral, numa espécie de “existência imemorial da nação”¹. Em função disso, então, não se colocava em questão a unidade do país, seja lingüística ou populacional², nem mesmo sua unidade territorial; buscava-se somente regenerar a pátria decadente. E para essa regeneração trabalhava a propaganda republicana que procurava, através da criação e consagração de símbolos³ nacionais como o hino, a valorização de “mortos ilustres”⁴ e da bandeira, criar uma espécie de “culto oficial”⁵ da Pátria.

O Patriotismo transformou-se na “religião cívica”⁶ requerida pelo Estado a fim de fortalecer os laços de unidade nacional e transformar os cidadãos em pessoas *devotadas* à Nação. Essa nova *fé*⁷ patriótica seria a forma encontrada, pelo partido republicano, para conduzir o povo a apoiar o governo e a trabalhar em prol de um ideal coletivo: “A proclamação da República daria a todos essa sensação de participação, a base da construção de uma comunidade dotada de um objetivo e de uma fé – uma nação”⁸.

Porém, essa forma de adesão *patriótico-religiosa*⁹ não estaria relacionada, nem seria apoiada, pela Igreja Católica que, na realidade, era favorável à Monarquia. Embora

¹ MONTEIRO & COSTA PINTO, 2000, p. 233.

² Benedict Anderson, em *Imagined Communities*, considera que esses elementos (dentre outros) - a unidade lingüística, populacional e territorial - são fundamentais para a existência da consciência nacional. ANDERSON, 1990.

³ “o nacionalismo usa elementos preexistentes da cultura da nação, mas não apenas revive tradições, como também as inventa e reforma”. GUIBERNAU, 1997, p.69.

⁴ RAMOS, s.d., p.401.

⁵ RAMOS, s.d.p.,401.

⁶ HOBBSAWN, 1990, p. 106.

⁷ “A redescoberta da fé era essencial na retórica republicana”. RAMOS, p.403.

⁸ RAMOS, s.d., p.402.

⁹ Segundo Guibernau, Durkheim compara a devoção a uma nação a uma devoção religiosa: “Os indivíduos, através de sua identificação com a nação, podem ser comparados aos fiéis. Parafrazeando Durkheim, os fiéis que se comunicaram com seu deus não são meramente pessoas que vêem novas verdades que o incrédulo ignora: são indivíduos mais fortes, sentem-se mais poderosos para resistir às provações da existência ou para vencê-las(...)”. GUIBERNAU, 1997, p.84.

mais de 90 por cento da população se declarasse católica¹, o partido Republicano teria lutado, em Portugal, pela secularização do ensino e pela separação definitiva entre Igreja e Estado.

Apesar de a religião ter sido de grande importância na formação de Portugal – visto como “povo eleito por Deus” e dilatador da fé cristã, como aponta Aparecida de Fátima Bueno em seu estudo sobre a Geração de 70 – e mesmo tendo exercido ampla influência sobre o país durante toda a sua história, o *anticlericalismo*² era um “fenômeno social antiqüíssimo, embora tenha se manifestado sob as mais variadas denominações”³. Esse movimento que buscava afirmar a supremacia civil em detrimento da supremacia religiosa ganhou amplo apoio da geração⁴ representada, principalmente por Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins, que já apontavam a influência religiosa sobre a mentalidade lusitana como um dos elementos responsáveis pela decadência moral de Portugal. E sobre a relação dessa geração com a religiosidade em seu país, basta pensar em duas obras exemplares de Eça: *O Crime do Padre Amaro* e *A Relíquia*. Esse anticlericalismo, que se tornou bem mais acentuado no século XIX e acabou por influenciar fortemente, também, a chamada geração de noventa foi mais uma das bandeiras do partido republicano.

Segundo Oliveira Marques:

o catolicismo dos finais do século XIX em Portugal não se mostrava um modelo tolerante e progressivo de Cristianismo. Pelo contrário. Era uma ideologia reacionária, controlada por uma ordem religiosa poderosa e internacional, a Companhia de Jesus. Os espíritos progressivos de Portugal - (...) - estavam convencidos de que seria impossível desenvolver o País num sentido moderno sem extirpar as próprias raízes do Catolicismo, ou pelo menos, do Catolicismo reacionário(...)⁵.

¹ MARQUES, 1988, p.18.

² Aparecida de Fátima Bueno afirma que o *anticlericalismo* teria se acirrado a partir do século XIX. BUENO, 2002, p.34-35.

³ SERRÃO, MARQUES, 1988, p. 31.

⁴ Principais membros da chamada Geração de 70.

⁵ MARQUES, 1988, p.44.

Era preciso combater essa instituição *retrógrada* e radical que era responsável pela divulgação cultural e do pensamento:

Nos começos do século, a Igreja era uma das mais poderosas forças existentes no País. (...) Predominava na difusão e organização da cultura, quer através dos seminários, que a propagavam às massas, quer através de boas escolas primárias e secundárias, que a propagavam à classe média e à aristocracia¹.

Os republicanos defendiam a necessidade de lutar contra essa igreja e contra outras instituições e outros fatores estruturais da realidade nacional: “Ser republicano, por 1890, 1900 e 1910, queria dizer ser contra a Monarquia, contra a Igreja e os Jesuítas, contra a corrupção política e os partidos monárquicos. Mas a favor de quê?”². Oliveira Marques acentua o caráter muito subjetivo dos objetivos reais do novo regime:

O Partido Republicano parecia, à primeira vista, completamente diferente. Apresentava um programa de ação radical, contava com gente mais dinâmica, mais nova e mais consciente dos interesses do país. Apelava para as massas, prometendo-lhes melhoria de nível de vida. Clamava contra a corrupção política, contra o reacionarismo clerical e contra a nobreza. No entanto o partido Republicano definia-se muito mais pelo que não era do que pelo que era. Era contra a Monarquia, contra a Igreja, contra a corrupção, contra os grupos oligárquicos. Mas o seu programa mostrava-se muito vago na afirmação das realidades positivas³.

O caráter pouco definido do projeto defendido pelo Partido Republicano e a permanência da instabilidade geral do país após a proclamação da República foram responsáveis pelo temor da decadência e motivadores de programas de regeneração nacional. A instabilidade da monarquia e as sucessivas crises deste modelo se repetiram no novo regime político adotado pelo país e a esperança inicial deu lugar a uma desconfiança em relação ao republicanismo.

Com isso, alguns intelectuais passaram a buscar apresentar modelos e soluções para essa pátria em crise. A Sociedade *Renascença Portuguesa*, que surgiu em 1911, buscou pensar esse país, seu passado, seu presente e seu futuro, tomando a cultura e a literatura

¹ MARQUES, 1988, p.18.

² MARQUES, 2001, p. 25.

³ MARQUES, 1988, p.44.

como princípios fundamentais de uma recuperação efetiva desta nação. Ou seja, apesar de essa associação ter surgido em Portugal um ano após a proclamação da República, seus interesses não se centraram em propostas de consolidação deste novo modelo político. Como afirma Antônio Quadros: “O conteúdo português almejado pelos homens da *Renascença Portuguesa* seria muito diferente do que tinham desejado ou desejavam os doutrinários do grupo republicano de Lisboa”¹.

Mais que apresentar a gênese da República ou buscar suas causas mais profundas procuramos, neste breve intróito, apontar alguns elementos dos ideários republicanos, a fim de pensar sobre o contexto histórico em que se inseriu o movimento liderado principalmente por Jaime Cortesão e Teixeira de Pascoaes e sobre os efeitos de algumas daquelas idéias na criação da *Renascença Portuguesa* e da 2^a série da revista *A Águia*.

¹ QUADROS, 1989, p.78.

2.1.2. A sociedade “Renascença Portuguesa”: sua origem, finalidade, organização e seu ambicioso projeto nacional

“a *Renascença Portuguesa*, (...) teve como fundamental preocupação, construir e estimular”¹.

Os membros da Sociedade “Renascença Portuguesa”², que se reuniram pela primeira vez em 1911, apresentaram como finalidade principal de sua organização a criação de um amplo projeto de reforma na cultura e educação nacional:

A consciência da decadência do presente, o diagnóstico dos males que afetavam a sociedade do seu tempo, a necessidade premente de conhecer as causas e de encontrar as soluções para reabilitar a Pátria e, ainda, o papel que as elites desempenhavam nesse processo de renovação cultural e espiritual está presente no espírito dos homens do último terço do século XIX e também no pensamento de Cortesão e dos que o acompanharam neste primeiro vôo em comum³.

Após duas reuniões, a primeira em Coimbra⁴ e a outra em Lisboa, foram produzidos dois manifestos⁵ dessa sociedade, e submetidos aos colaboradores já aliciados até aquele momento. Para legitimar essa Associação, também foi produzido um documento contendo as normas dessa *nova* sociedade portuguesa.

¹ Álvaro Pinto em depoimento sobre a *Renascença Portuguesa*, publicado no primeiro volume da revista *Ocidente*.

² Comitê do Porto: A. Guerra Junqueiro, António Carneiro, Antero de Figueiredo, Augusto Martins, Cristiano de Carvalho, Jaime Cortesão, João Augusto Ribeiro, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e Álvaro Pinto (secretário). de Lisboa: Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, António Ferreira de Macedo, António Sérgio, Francisco Fernandes Lopes, João Correia de Oliveira, João de Barros, José de Magalhães, Luís da Câmara Reis, Mário Beirão e Raul Proença (secretário). Comitê de Coimbra: Afonso Duarte, António Joice, Correia Dias, Martins Manso, Nuno Simões, Ribeiro Lopes e Augusto Casimiro (secretário).

³ TRAVESSA, 2004, p.54.

⁴ A primeira reunião, de Coimbra, foi realizada em agosto de 1911; a segunda, foi realizada em Lisboa, em setembro do mesmo ano.

⁵ Ver comparação entre o manifesto produzidos por Teixeira de Pascoaes e o produzido por Raul Proença, que não foram publicados na revista *A Águia* e o editorial-manifesto originalmente editado neste periódico.

O estatuto original era composto por 14 Artigos divididos em IX Capítulos - intitulados “Da sociedade e seus fins”, “Da sua constituição”; “Da admissão dos sócios; “Deveres dos sócios”; “Direitos dos Sócios”; “Penalidades”; “Do fundo social”; “De A *Águia*” e “Dissolução da sociedade” - e trazia a organização formal, as regras e os objetivos dessa associação.

A *Renascença* apresentava como sua finalidade primordial a promoção da cultura e educação do povo português e, para participar desse projeto estariam convocadas todas as pessoas que se dispusessem a contribuir para este plano, que teria a 2ª série de *A Águia* - revista de Literatura, Arte, Filosofia e Crítica Social – como seu órgão divulgador de idéias. Segundo afirma Rui Ramos, na *História de Portugal* organizada por José Mattoso: “A *Renascença* veio a ser a mais ambiciosa organização de intelectuais alguma vez vista em Portugal”¹, já que apresentava uma proposta muito ampla e arrojada para o país. Porém, cremos que Ramos se equivoca ao afirmar que a *Renascença Portuguesa* tinha como alvo “a obra de ressurreição nacional da República”². Apesar de ter sido organizada apenas 1 ano após a revolução do “5 de Outubro”, o intuito dessa sociedade não era a reestruturação republicana, mas sim uma reforma na mentalidade nacional.

A República surgiu e triunfou em Portugal ao abrigo de dois mitos: o da pátria decadente ‘à beira do abismo’, conduzida pela Monarquia ‘à ruína e à desonra’, e o da possibilidade do seu ressurgimento com novas instituições, iniciada pela geração de 1890 e desde essa data³.

É a pátria “decadente” que se transforma em objeto daqueles intelectuais. Antes de Outubro de 1910, a República era pensada e defendida como a grande resposta que o país deveria dar aos problemas internos que eram, então, constantemente associados à Monarquia, principalmente depois do Ultimatum de 1890. A possibilidade de

¹ RAMOS, org. s.d., p.532.

² RAMOS, org. s.d., p.532.

³ MARQUES, 2001, p. 370.

ressurgimento nacional decorrente da crença nesse mito a que se refere Oliveira Marques, ou seja, da crença quase messiânica neste regime político, acabou por se enfraquecer logo após o estabelecimento do novo regime. A desagregação¹ do partido e a grande instabilidade na estrutura política do país após a proclamação, conduziram alguns homens a pensarem em organizar uma sociedade que visasse, acima de tudo, a nação. Mesmo em função da situação caótica de Portugal naquele momento, não importava mais o sistema político instaurado na pátria: “Em 1911, ano em que Cortesão sugere a criação de uma nova associação de artistas e intelectuais, já a I República contava um ano e a questão da natureza do regime não se colocava com tanta pertinência”². O que movia aqueles homens era a preocupação em *repor* Portugal na sua grandeza *ideal* tão negada pelas circunstâncias concretas da sua medíocre realidade política, econômica, social e cultural³.

Segundo Eduardo Lourenço em “Da Literatura como Interpretação de Portugal”, essa idéia de reposição de Portugal em sua “grandeza ideal” teria se transformado em uma verdadeira “obsessão temática” na maior parte da literatura oitocentista portuguesa, chegando ainda a ser reproduzida também em parte da produção literária do século seguinte.

Para Lourenço:

Na seqüência da primeira revolução industrial, a Grande Revolução da burguesia e do terceiro estado francês, modificam a relação do indivíduo e da pátria, que de mera terra paterna se volve Nação. Como cidadão, sujeito de direitos “universais”, o homem liberal torna-se responsável pelo *destino* e pela *figura* dessa nova entidade, a Pátria-Nação⁴.

¹ “Feita a revolução de 1910, conquistado o poder pela força, o Partido republicano desagregou-se rapidamente, e a instabilidade política prosseguiu.” MARQUES, 2001, p.371.

² TRAVESSA, 2004, p.53.

³ LOURENÇO, 1982, p. 93.

⁴ LOURENÇO, 1982, p.88.

Ou seja, o questionamento acerca dessa nova “entidade”, que surge¹ após revolução burguesa e a Revolução Francesa, será objeto de grande parte da produção literária portuguesa desde Garrett a Fernando Pessoa. A partir de então, a problematização das relações entre o cidadão e sua pátria leva os escritores a uma busca *ontológica* pelo *ser e destino* desta nação, e essa nova realidade conduz: “em termos de literatura, à obsessão de *criar* um movimento ou uma *obra* em que essa *regeneração simbólica* se cumprisse, transfigurando a miséria deprimente do Portugal contemporâneo`(...)”².

No momento seguinte a essa transfiguração da pátria em Nação, surge uma tendência, na produção literária portuguesa, de buscar respostas para questões fundamentais que aparecem expressas na mentalidade do século XIX: “*quem somos e o que somos como portugueses*”³.

A *Renascença Portuguesa* era fruto deste contexto ideológico que conduziu os intelectuais a um questionamento da nação reproduzindo, nas primeiras décadas do século XX, a tendência de pensar o país e seu *destino*⁴, que fora tão abalado tanto pela complexa interpretação cética da realidade nacional realizada pelos intelectuais da Geração de 70⁵ quanto pelo forte golpe, impresso no imaginário português, em função do *Ultimatum Inglês*⁶.

¹ “É comum situar a ascensão do estado nacional e do nacionalismo na Europa do fim do século XVIII e associar seu aparecimento às idéias que deram origem à Revolução Americana de 1776 e à Revolução Francesa de 1789”. GUIBERNAU, 1997, p.61.

² LOURENÇO, 1982, p. 93.

³ LOURENÇO, 1982, p. 89.

⁴ Sobre os antecedentes históricos da *Renascença Portuguesa* e *A Águia*, ver: OLIVEIRA, 1994.

⁵ Através da “Geração de 70” - cujos principais membros foram, certamente, Antero de Quental, Eça de Queiroz e Oliveira Martins - a cultura e o pensamento português foram colocados em cheque. Os intelectuais dessa geração, tendo naquele momento maior contato com o exterior - entre outros motivos, pela ligação de Portugal à linha ferroviária européia - , tiveram a acentuação de um sentimento de inferioridade face a Europa: “A consciência da ‘geração de 70’, desperta dentro destas condições, e no seu despertar tem um papel decisivo a visão da Europa adiantada, sobre a qual os moços de Coimbra fixam avidamente os olhos”. LOPES, SARAIVA, 1976.

⁶ QUADROS, 1989, p.75

A necessidade de encontrar respostas para a existência desse país, a necessidade de descobrir as razões da decadência e de buscar promover a mudança conduziram alguns intelectuais portugueses a se unirem em torno de um movimento que promovesse uma regeneração, senão na realidade política e econômica, na mentalidade lusitana. Essa Sociedade se constituiu em função da consciência do momento político e histórico, mas não buscou respostas para esse regime recém instaurado; o grupo que se originou no Porto, procurava ser uma resposta a alguns problemas fundamentais detectados na nação: como a necessidade de uma revolução no âmbito cultural, moral e educacional através da intervenção direta na mentalidade do país, como se pode observar através dos editoriais produzidos por ocasião da criação desse audacioso *movimento* nacional, que tinha na 2ª série de *A Águia* o seu órgão divulgador.

2.2 Propostas

2.2.1 A 2ª série de *A Águia*

“UMA REVISTA QUE SURGE é
como um astro novo que
se acende na esperança
de quem a cria,
nos desejos de quem a recebe”¹.

“O fim desta Revista, como órgão
da ‘Renascença Portuguesa’, será, portanto,
dar *um sentido* às energias intelectuais
que a nossa Raça possui;”²

A escolha do título de uma obra, seja ela literária, científica ou periódica pressupõe um exercício de reflexão sobre o(s) signo(s) selecionado(s). Sendo esta designação a porta de entrada ou chave de compreensão mais imediata no processo de leitura do elemento interpretado, ela implica, portanto, uma seleção cuidadosa que vise estabelecer um vínculo entre aquilo que designa ou rotula e o conteúdo dessa publicação. Por isso, a eleição de *Águia*, para intitular uma revista que surge é sintomática, se tomarmos em conta alguns dos sentidos habitualmente atribuídos a esse significante:

Águia – Símbolo bastante difundido, quase sempre relacionado com o Sol e com o céu, eventualmente também com o raio e com o trovão. Acentuadamente simbólicos eram, sobretudo, sua força e resistência e seu vôo em direção ao céu. (...) Os místicos muitas vezes comparavam a águia levantando vôo com a prece. Visto que ela, segundo consta (de acordo com Aristóteles), ao alçar vôo olha diretamente para o Sol, é considerada também símbolo da contemplação e do conhecimento espiritual³.

A designação dada a essa grande ave de rapina, simbolicamente representativa de força, superioridade e ascese, foi a escolhida para intitular uma publicação periódica que

¹ TERRA DE SOL, jan. 1924, p.7-8

² PASCOAES, jan. 1912, p.1.

³ LEXICON, 2000, p. 14.

surgiu em Portugal no ano de 1910¹. A 2ª série da revista *A Águia*, que passa a ser um órgão da *Renascença Portuguesa*², mantém o título a pedido de seu secretário e administrador. Segundo Álvaro Pinto: “Queriam alguns que se desse o nome da revista de ‘Renascença’. Defendi o nome de ‘Águia’, já porque dela é que tinha partido o movimento, já porque esse nome era um símbolo nada para desprezar(...)”.

É sob a égide desse signo, que evoca a elevação e o poder, que se passa a editar uma das mais importantes publicações periódicas portuguesas. Compreendendo cinco séries, esta revista foi editada de 1910 a 1932, no Porto³ e tinha uma significativa tiragem média de 1800⁴ exemplares/mês. À frente da publicação, em sua Direção literária, estavam o poeta Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; Álvaro Pinto era o secretário e administrador da publicação e as gravuras ficavam a cargo de Cristiano de Carvalho. Se comparada, por exemplo, ao seu contemporâneo *Mercure de France*, que foi tomado como modelo formal⁵ da 2ª série, observa-se que as ilustrações e o trabalho gráfico presentes na publicação portuguesa davam ao periódico uma beleza e também uma maior leveza e plasticidade em comparação ao francês, que era composto apenas de longos textos dispostos em seqüência, sem demonstrar grandes preocupações estético-formais. O mesmo podemos afirmar em relação à *Atlântida*, revista luso-brasileira dirigida por João do Rio e João de Barros. A estrutura da revista, que iniciou sua publicação em 1915 – ou seja, 3 anos depois da primeira edição da revista portuense – é bastante primária se comparada ao apuro formal de

¹ A 1ª série de *A Águia*, criada em 1910, durou apenas 1 ano sob a direção de Álvaro Pinto.

² Sobre a sociedade *Renascença Portuguesa*, ver item anterior.

³ “A revista tinha livrarias depositárias no Porto, Lisboa e Coimbra e era vendida em várias cidades do Brasil, Angola, Moçambique e Goa”. SANTOS, p. 98.

⁴ SANTOS, p.98.

⁵ O *Mercure de France* foi tomado como modelo formal – tamanho, número de páginas – para a estruturação da 2ª série de *A Águia*.

A Águia, a qual possuía muitas ilustrações e uma preocupação maior com a estruturação e apresentação dos textos em suas páginas.

Compreendendo em seu interior textos de Literatura, Arte, Ciência, Filosofia e Crítica Social, este mensário portuense trazia entre seus principais colaboradores o já citado Pascoaes, Augusto Casimiro, António Sérgio, José Teixeira Rego, Jaime Cortesão, Visconde de Vila-Moura e Leonardo Coimbra¹, além de haver editado em suas páginas os primeiros e amplamente conhecidos ensaios de Fernando Pessoa sobre a poesia portuguesa “contemporânea”.

Sendo um órgão da *Renascença Portuguesa*, *A Águia* buscava desenvolver em suas páginas o projeto idealizado no estatuto dessa Sociedade. Ou seja, promover a cultura no país através da divulgação da literatura, da arte e do pensamento (científico e filosófico, principalmente), buscando através deste enfoque, ser um inspirador da intelectualidade lusitana – como se pode perceber pela epígrafe que selecionamos para este ensaio.

Foi essa publicação periódica que inspirou uma tese de doutorado defendida na UNICAMP em 1994. Paulo Motta Oliveira introduz sua pesquisa, intitulada “Esperança e Decadência: as imagens de Portugal na 2ª série de *A Águia*”², traçando um importante e extenso panorama da literatura portuguesa desde o liberalismo até a República, buscando rastrear, nessa análise, algumas das mais importantes interpretações de Portugal empreendidas desde o século XIX até as primeiras décadas do XX.

Ao analisar os 20 volumes correspondentes a essa série, Oliveira busca verificar quais as principais imagens de Portugal presentes no mensário lusitano. Trabalhando com este periódico é possível perceber que os três primeiros volumes (18 números) têm no

¹ Ver tabela de principais colaboradores em OLIVEIRA, 1994. .

² OLIVEIRA, 1994.

Saudosismo a principal maneira de interpretar/pensar a nação: “Como pudemos notar em nossa leitura destes três volumes, o Saudosismo é neles a forma mais recorrente e sistemática de análise do país”¹.

Na realidade, já a partir do 3º volume é possível perceber que há uma diminuição no número de artigos publicados que tem nessa doutrina defendida, principalmente, por Teixeira de Pascoaes, como principal forma de pensar a situação nacional.

Do quarto ao sexto volume, desenvolve-se a famosa polêmica entre António Sérgio e o poeta de *Maranus*, diretor literário da publicação originária do Porto. Nesse momento, ao polemizar acerca das idéias defendidas por Pascoaes, Sérgio acaba contribuindo para uma sobrevida na revista dessa forma de interpretar Portugal, centrada na idéia da Saudade.

Como observa Paulo Motta Oliveira, a partir do sexto volume da revista percebe-se uma grande diluição nas questões nacionais, até que chega ao fim o “sonho saudosista” culminando na saída do poeta da direção do periódico.

Interessa-nos, portanto, perceber as nuances do Saudosismo, buscando analisar suas características e propósitos, a fim de avaliarmos as relações entre esse programa centrado na *Saudade* e suas possíveis Convergências/ Divergências com *Seara Nova* e *Terra de Sol*.

Buscaremos verificar em que medida este projeto desenvolvido por Pascoaes esteve relacionado a essa tentativa da *Renascença Portuguesa* e de sua revista, *A Águia*, de empreender na nação um vôo ascendente e definitivo em direção a um futuro ideal.

¹ OLIVEIRA, 1994, p.182.

2.2.2 Os editoriais

Para compreender o projeto da *Renascença Portuguesa*, partiremos de uma análise de três textos fundamentais que, cremos, proporcionam uma melhor visão sobre a gênese desse movimento que se organizou em Portugal um ano após a proclamação da República. Os dois primeiros, estruturados após as reuniões que se realizaram em Coimbra e posteriormente em Lisboa, foram escritos por Teixeira de Pascoaes e Raul Proença, respectivamente, porém não foram publicados na 2ª série da revista *A Águia*. Apesar de não terem sido utilizados como editoriais do mensário português, a comparação destes ensaios com o texto que foi efetivamente publicado no periódico, sob o título *Renascença*¹, possibilita uma análise mais detalhada a respeito do programa de publicação que a revista pretendia apresentar ao público português em seu lançamento.

Posteriormente inseridos em *A Vida Portuguesa*², os dois referidos artigos opõem-se em alguns aspectos, mas também apresentam características comuns. A forma de apresentar o projeto dessa Associação e também a forma de propor as idéias é diversa, o que já denota as diferenças ideológicas³ e de perspectiva de dois dos mais importantes intelectuais membros da *Renascença*.

O primeiro texto, de Teixeira de Pascoaes, foi produzido logo após a primeira reunião realizada em Coimbra, em 27 de agosto de 1911. Nele, o poeta de *Maranus*, dirigindo-se ao Povo Português, reveste-se de uma linguagem profética e, muitas vezes, metafórica para apresentar a Associação que começava a se organizar naquele país e para

¹ PASCOAES, 1912, p.1-3.

² Originalmente, o texto foi publicado em: *A Vida Portuguesa*, Ano I, n.22, 10-2-1914, pp.10-11. Informação que aparece citada em SAMUEL, 1990, de onde partimos para essa análise comparativa.

³ Essa diferença entre os dois projetos apresentados, já denota algumas das razões da posterior dissidência na “Renascença” que culmina na criação da revista *Seara Nova*.

mostrar a finalidade desse grupo de pessoas que se reunia em torno de um ideal. Ele conclama esse povo e também todos os “*homens de boa vontade*”¹, em explícita referência intertextual com o Evangelho de São Lucas². Neste evangelho, há a narração de um diálogo entre um anjo, que anuncia, e alguns pastores que recebem a *boa nova*³ do nascimento de Jesus Cristo. Para o poeta, porém, não se trata de anunciar o nascimento do Salvador, mas de um movimento em torno do qual se uniam alguns portugueses, de boa vontade, dispostos a desenvolver um projeto cultural e moral de ampla difusão na nação portuguesa.

Como se fosse esse anjo que tivesse por função anunciar a alentadora novidade, Pascoaes segue em sua empreitada, usando elementos de um léxico cristão em seu texto:

Chegou, na verdade, o momento divino de todos os bons portugueses colaborarem na grande obra da nossa Renascença. O *morto* estremeceu, ao sentir o primeiro hálito de vida. Abramos-lhe a tampa do sepulcro! Eis a nossa obra, a obra do nosso amor e da nossa fé⁴.

A abertura do sepulcro em busca de um morto, que sente em seu corpo o retorno da vida, faz o leitor crítico - que está lendo um artigo repleto de vocábulos e referências que o remetem todo o tempo ao contexto religioso cristão - pensar na imagem bíblica da ressurreição de Lázaro. Por outro lado, remete também a D. Sebastião – o rei *aguardado* pelos lusitanos –; além, é claro, de fazer pensar no próprio Portugal que sentiria, já naquele momento, o “primeiro hálito de vida”⁵, o primeiro elemento indicativo da sua renascença.

Para esse intelectual, os indícios reveladores da *ressurreição* de Portugal já estariam presentes na própria proclamação da República e no “despontar” de uma espécie de

¹ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13.

² “Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: ‘Não temais, eis que vos anuncio uma *boa nova* que será alegria para todo o povo: hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura’. E subitamente ao anjo se juntou uma multidão do exército celeste, que louvava a Deus e dizia: ‘Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz **aos homens de boa vontade**’”. BÍBLIA SAGRADA AVE- MARIA, 2000, p.1348. (grifos nossos)

³ Ver nota 3. A “boa nova” anunciada pelo anjo aos pastores.

⁴ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.

⁵ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.

heroicidade lusitana implícitos neste importante acontecimento histórico. Ele afirma que este fato seria um *senal*¹ de renúncia de alguns heróis que teriam morrido pela nação: “houve vidas sacrificadas à *Vida*”². Ou seja, houve pessoas dispostas a ceder a uma existência maior, segundo o poeta, que seria a Vida nacional.

Nesse contexto, inserir-se-ia a *Renascença Portuguesa*:

uma associação de indivíduos cheios de esperança e fé na nossa Raça, na sua originalidade profunda, no seu poder criador duma nova civilização. *Esta fé e esta esperança* não resultam duma ilusão patriótica, mas do conhecimento verdadeiro da alma lusitana(...)³.

Moveriam esses homens a *fé* e a *esperança* na “alma lusitana”⁴ que, em função de “influências estrangeiras” estaria sendo adulterada em sua “fisionomia original”⁵. Nesse processo de descaracterização da “Raça”, contribuiriam inúmeros fatores diretamente ligados a este estrangeirismo, entendido aqui como a adoção de idéias e teorias oriundas de outras nações; Pascoaes demonstra que acima de toda e qualquer forma de assimilação de mentalidades estrangeiras no país, a influência religiosa seria a mais perniciososa para a moral nacional:

devido a influências estrangeiras de natureza política, artística, literária e *sobretudo* religiosa, se tem adulterado nos últimos séculos da nossa História perdendo o seu caráter, a sua fisionomia original e, portanto, as suas forças criadoras e progressivas⁶.

Segundo a *História de Portugal*, organizada por José Mattoso: “Todas as revoluções republicanas seguiram, assim, a tradição da República francesa de 1793 de dar combate ao catolicismo”⁷. A influência negativa da Igreja Católica sobre a mentalidade lusitana é ainda

¹ O anjo fornece aos pastores o *senal* para que reconheçam Jesus.

² PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13. (grifo do autor)

³ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13.

⁴ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13.

⁵ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13.

⁶ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.13. (grifo nosso)

⁷ RAMOS, s.d., p. 409.

mais reforçada no texto, quando o poeta afirma enfaticamente: “o catolicismo, importado de Roma, jamais se tornou português(...)”¹. Para solucionar o problema da importação dessas idéias estranhas à nação, Pascoaes propõe que se observe em seu país a existência de um forte *potencial* para a criação de uma nova religião:

Com efeito, quem surpreender a alma portuguesa, nas suas manifestações sentimentais mais íntimas e delicadas, vê que existe nela, embora sob forma difusa e caótica, a matéria duma nova religião, tomando-se a palavra *religião* como querendo significar a ansiedade poética das almas para a perfeição moral, para a beleza eterna, para o mistério da Vida...Ora a alma portuguesa *sente esta ansiedade duma maneira própria e original*, o que se nota facilmente analisando os cantos populares, as lendas, a linguagem do povo, a obra de alguns poetas e artistas e sobretudo, a suprema criação sentimental da Raça – a *Saudade*.²

A Saudade, portanto, deveria suplantar o catolicismo³. E essa substituição da religião oficial, romana, por uma religiosidade presente, mesmo que de forma caótica e desordenada, no imaginário português, faria parte de um projeto maior de valorização de tudo de positivo que fosse efetivamente nacional.

Por isso, o Poeta vê a sombra de Nun’Álvares⁴ saída do túmulo, vagando pelas ruas de Lisboa; vê também “fantasmas de caravelas”⁵ navegando as águas do Tejo. O passado nacional idealizado, representado por essas imagens espectrais, ressurgiria no cenário *contemporâneo*, para impulsionar uma nova navegação que se operaria no âmbito do sonho, em busca da “Índia Ideal”. As grandes navegações em caravelas reais no passado e ilusórias na presente visão do poeta, funcionariam no texto como metáforas de um projeto

¹ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.15.

² PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.15.

³ “é necessário, portanto, combatê-lo, como a todos os inimigos invasores, ou sejam, de casta pedagógica, artística, literária, religiosa ou filosófica”. PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.15.

⁴ “Nun’Álvares Pereira – o santo condestável – ilustre guerreiro português, nascido em Cernache do Bonjardim (1360-1431). Foi escudeiro de D. Leonor Teles e, ainda adolescente, assinalou-se pelos atos de extraordinária intrepidez. Foi depois o mais fiel amigo do mestre de Avis. (...) Representou glorioso papel na batalha de Aljubarrota(...). Foi beatificado em 1918. Festejado em 6 de novembro”. LELLO & IRMÃO, 1974, p.514.

⁵ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.

grandioso para o país. A imagem de Nun'Álvares, o símbolo português do herói e santo¹, é outro elemento na construção de um Portugal idealizado por esse intelectual lusitano.

Inserem-se neste projeto outros dois elementos que aparecem destacados no parágrafo final do texto escrito pelo intelectual. Segundo aponta Paulo Samuel em *A Renascença Portuguesa: um Perfil Documental*, antes da reunião de Lisboa, Pascoaes teria acrescentado um novo trecho ao seu editorial originalmente concebido para a revista *A Águia*. Neste pequeno fragmento, o autor apresenta dois novos elementos que considera “os grandes fatores do nosso renascimento, a Higiene e a Arte”. Como se buscasse na Renascença e, portanto, no Classicismo, historicamente circunscritos no século XVI, a inspiração para a reconstrução de sua pátria, o autor afirma a necessidade da *harmonia* física e espiritual:

A Ginástica encerra tanta virtude com a Arte Poética. A guerra ao álcool, ao tabaco, à alimentação carnívora, por exemplo, é uma guerra santa e confunde-se com a glorificação da Beleza moral, com a apoteose dos sentimentos e das idéias mais puras e transcendententes. A Ilíada e os Jogos Olímpicos!².

O ideal clássico de corpo e mente harmônicos aparece, neste texto, bastante deslocado e desarmônico quando se observa o conjunto do manifesto produzido. Se tomarmos o artigo como um todo, é possível perceber claramente a inadequação dessas idéias ao restante do texto desenvolvido pelo poeta e a maneira aleatória como se apresentam esses dados novos acrescentados nas linhas finais de seu artigo sem grandes explicações ou desenvolvimentos.

Porém, parece essencial para o poeta que haja um programa nacional que contemple todos esses fatores que ele considera “fundamentais”, mesmo que se mostrem deslocados ou de difícil realização. E devemos acrescentar a esses elementos a necessidade primordial

¹ LOURENÇO, 1982, p.102.

² PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.15.

que se depreende do artigo, de *acreditar* no país e em suas capacidades construtivas e civilizacionais.

Pascoaes parece desejar despertar no povo português a quem se dirige a mesma crença que se deposita, por exemplo, na imagem de um Cristo ressuscitado presente no imaginário ocidental cristão. Ou seja, somente a partir da fé – no sentido de crença inquestionável -, é que se poderia efetivamente perceber os indícios desse ressurgimento de Portugal. O próprio poeta pergunta: “Sonho belo, mas quimérico?”, e responde, “Não!”, e a justificativa para essa resposta seria a já citada proclamação da República. Neste artigo, espectros do passado unem-se a um fato histórico atual e real – o 5 de Outubro e a sua representação no imaginário português¹ -, para demonstrar, juntos, a chegada do “momento divino” em que todos os “bons”² portugueses deveriam colaborar.

Movida por uma “sagrada idéia”, a *Renascença Lusitana*³ estaria, naquele instante, buscando reunir em torno de seu ideal o maior número de pessoas que acreditassem na “obra” que pretendiam realizar, e que trouxessem dentro de si um “clarão de esperança”. Pascoaes parece buscar, insistentemente, adequar o projeto da Renascença que aparece delineado no estatuto da Associação, a seu programa místico-patriótico. Ao falar sobre a finalidade da Sociedade que apresenta através deste texto, ele subverte o artigo 2º e afirma:

*(...) a idéia que inspira a Renascença Lusitana(...), é reintegrar a alma da nossa Raça a sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originária, para que tome conta de si própria, e se torne ativa e criadora, e realize, enfim, o seu destino civilizador*⁴.

¹ “a tendência geral era antes para se conceder à palavra ‘República’ algo de carismático e místico, e para acreditar que bastaria a sua proclamação para libertar o país de toda a injustiça e de todos os males”. MARQUES, 2001, p.366.

² “Não se exige que seja artista ou poeta ou sábio para colaborar nesta obra; tal coisa seria de um exclusivismo ridículo”. PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.

³ No primeiro manifesto de Pascoaes, a *Renascença* trazia a denominação *Lusitana* e não *Portuguesa*, como ficará definitivamente caracterizada esta associação. Proença, porém, não usa essa denominação.

⁴ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.(grifos do autor)

Mas ele ainda completa: “Temos, portanto, em vista: *dar ao povo uma educação lusitana e não estrangeira; uma arte e uma literatura, que sejam lusitanas, e uma religião no seu sentido mais elevado e filosófico, que seja também lusitana*”¹, ultrapassando a finalidade inicial que se esboçou no citado estatuto. Pascoaes reforça a idéia de uma religião lusitana, já referida em seu artigo, afirma a necessidade de buscar a natureza “originária” do país e acrescenta o caráter nacional no projeto da *Renascença*.

O Artigo 2º, porém, afirma apenas o que transcrevemos a seguir:

Artigo 2º A Sociedade tem por fim promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.².

Como se pode observar no estatuto elaborado para/ pela Associação, o autor deste editorial afirma ainda que a finalidade da *Renascença* seria combater “as influências contrárias ao nosso caráter étnico, inimigas da nossa autonomia individual”³. O poeta encara essa empreitada como uma “luta” e, consciente da amplitude do projeto a que se propõe esta Sociedade, acrescenta: “Bem sabemos que é uma obra enorme. Mas é preciso que alguém lhe dê o primeiro impulso. Outros, mais fortes do que nós, terão a glória de a concluir”⁴.

O segundo artigo, escrito por Raul Proença, foi redigido logo após a reunião realizada em Lisboa no dia 17 de Setembro de 1911. O intelectual português introduz seu artigo, também dirigido ao Povo, afirmando ter havido em Portugal uma “revolução triunfante”, que teria se tornado efetiva a partir de “aspirações mais ou menos definidas e de esperanças mais ou menos fortes”⁵. A proclamação da República que não teria ainda - no momento da redação desse artigo - completado 1 ano de existência, é apresentada como

¹ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.(grifos do autor)

² 1º Estatuto da Renascença Portuguesa. In. SAMUEL, 1990, p. 39.

³ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.14.

⁴ PASCOAES, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.15.

⁵ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.16.

uma revolução decorrente de projeto não muito bem definido. Mesmo em função dessa patente indefinição, para Proença havia um fato que seria indiscutível: “A sociedade portuguesa(...) encontra-se hoje numa situação única da sua história”.

Para o autor deste programa, era imprescindível não desperdiçar esse momento e, para isso, era preciso que houvesse orientação e maior organização nacional: “Sente-se que é preciso desde já garantir o nosso futuro, dar uma alma nova a nossa nacionalidade, despertar ação e vida nessa existência e modorra(...)”¹, reunindo num “*bloco* de renascença” todos aqueles dispostos a fazer parte desse projeto orientado pela Associação que então se apresentava.

Bloco sim, mas norteado apenas pelo amor da coletividade, estranho a todas as facções políticas, religiosas e filosóficas e a todas as *coterias* literárias e artísticas; e tão largo que nele caibam as tendências mais variadas, contanto que *úteis* e os espíritos mais diversos, contanto que *dedicados*.²

Proença afirma que houve tentativas anteriores para solucionar os problemas do país, mas que foram ineficientes e que apenas contribuiriam para acentuar “o nosso progressivo desânimo, tornando-se contraproducente porque têm acrescentado à nossa miséria a convicção de todo esforço é ineficaz”³. Ele aponta que as causas desse “malogro” seriam de ordem moral e residiriam na falta de solidariedade e em desentendimentos banais e menores sobre questões relacionadas ao país.

O intelectual ainda reforça a idéia de que haveria uma “*atmosfera*” propícia ao “movimento”, à união, à salvação da pátria. Porém, apesar dessa constatação, o país, segundo aponta o autor, estaria doente e necessitaria de um “remédio” que o salvasse de seus problemas:

¹ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.16.

² PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.16. (grifos do autor)

³ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.17.

Os males são conhecidos, e não nos compete, nem queremos, aqui estabelecer uma etiologia completa da nossa doença coletiva, bastando indicar-lhe os principais sintomas, ligados a uma causa genérica, que não pretendemos no entanto ser única¹.

A educação jesuítica, apesar de não ser a única causa dos males nacionais, seria a mais importante do ponto de vista moral, uma vez que teria afastado Portugal da “civilização mundial”. O ensino do país é atacado de maneira enfática e irônica:

a instrução é o que fazem nos liceus e em nossas escolas superiores, onde ainda sobreleva a letra ao espírito, as palavras às idéias, as abstrações teóricas às realidades práticas, e onde se troca a ignorância pela imbecilidade adornada e pedante².

Os três séculos de educação jesuítica teriam amortecido as energias dos lusitanos e teriam afastado Portugal da civilização moderna. O sentimento de inadequação ao espaço físico e às idéias da Europa torna-se patentes no editorial e mais uma vez a crítica feroz do intelectual aparece de maneira incisiva no texto: “É como se fôssemos uma pústula no seio da Europa, onde circula ininterruptamente um sangue sempre novo e sempre vivificante”³. O Portugal, líquido purulento no meio de uma Europa cheia de novidade e vivacidade, não consegue apreender as novidades da ciência e da mentalidade modernas. O país é descrito pelo intelectual como uma nação estagnada e doente⁴, inadaptada às inovações do pensamento que estariam em voga no exterior – “é o cientismo, é o positivismo, é o evolucionismo, é o determinismo”⁵ - e às mudanças de “linguagem”:

As idéias que lá fora foram no seu momento *progressivas* tornaram-se, pois, aqui *inibitórias*, como afagos para a nossa passividade inata e para o nosso fatalismo hereditário. E o mal é tão grande que até na linguagem, esse banal instrumento duma época, nós estamos fora do nosso tempo: falamos uma linguagem política e social que ninguém já entende, e que faria rir às gargalhadas o operário menos culto da França ou da Inglaterra.

¹ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.17.

² PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.18.

³ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.18.

⁴ Oliveira Marques explica em “Turquia e Portugal” a origem dessa idéia de Portugal doente que aparece no artigo de Proença e em vários outros artigos da revista. MARQUES, 1988, p.43-49

⁵ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.18.

Daqui a nossa incapacidade para resolvermos os problemas *novos* que se levantam no nosso caminho, porque não se resolvem problemas *novos* com uma mentalidade *antiga*¹.

Dado o diagnóstico, Proença apresenta ao leitor a cura: colocar os portugueses em contato com o “mundo moderno”, tendo sempre em vista “as condições, os recursos e os *fins* nacionais”, ou seja, adequando as teorias dessa modernidade às características particulares do país. Apesar de apresentar esse diferencial em relação ao estatuto da *Renascença Portuguesa*, que não fala em contato com o mundo moderno, o intelectual praticamente reproduz em seu texto a finalidade dessa Associação, que aparece no artigo 2º, dessa sociedade, transcrito anteriormente².

O autor do editorial termina o seu texto conclamando a todos que façam os maiores sacrifícios³ possíveis para solucionar os problemas nacionais. Para o intelectual lusitano, a luta coletiva representaria uma obrigação social que, ao fim ao cabo, conduziria “individualmente” a um “processo de autoterapêutica”⁴.

Proença parece desejar acreditar na grandeza do projeto da *Renascença*, na grandeza do momento em que escreve seu artigo, momento este em que haveria, como afirmado anteriormente, uma atmosfera favorável; por outro lado, ele parece reproduzir um discurso que foi empreendido pela Geração de 70 e que fazia com que o país tivesse uma imagem “reles de si mesmo”, como afirma Eduardo Lourenço em “Psicanálise Mítica do Destino Português”. Ele crê, mas sem esquecer de demonstrar o sentimento de inadequação e inadaptação da pátria ao ambiente em que se insere; ele destaca a pequenez de uma nação, que ele percebe como uma doença purulenta no seio de uma Europa em pleno vigor, cheia de novas idéias e novas ciências.

¹ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.18.

² Ver nota número 20.

³ “a situação é única na nossa história, e situações únicas requerem sacrifícios únicos – excessivos, superabundantes mesmo, se assim o quiserem”. PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.19.

⁴ PROENÇA, 1911. In. SAMUEL, 1990, p.19.

O terceiro artigo, efetivamente publicado no primeiro exemplar, de 1912, da 2ª série de *A Águia*, foi redigido por Teixeira de Pascoaes e, como afirmamos na introdução deste ensaio, intitula-se “Renascença”.

O contexto português é descrito, na introdução deste texto, por elementos que parecem, a princípio, paradoxais: “Neste momento genésico e caótico da nossa Pátria”, mas que se constituem em idéias complementares neste editorial. Verificando no Dicionário *Aurélio*:

“caos *sm*: 1. Vazio obscuro e ilimitado que antecede e teria propiciado a geração do mundo”¹ adiciona-se, através partícula “e”, à “gênese *sf*: 1. formação dos seres, desde uma origem; 2. Formação, constituição”².

A soma desses vocábulos seria a chave para a compreensão do momento português que, mesmo descrito como caótico, desorganizado traria em si a inegável possibilidade da construção de algo novo. Ainda neste mesmo campo semântico, podemos pensar também no Gênesis Bíblico em que Moisés descreve, entre outras coisas, as ações de Deus na *criação* do Mundo.

Pascoaes não descreve a criação da Pátria, mas convoca os portugueses a se organizarem e trabalharem a fim de que o país atinja a sonhada “harmonia”.

O fim desta Revista, como órgão da *Renascença Portuguesa*, será, portanto, dar *um sentido* às energias intelectuais que a nossa Raça possui; isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de puderem realizar o ideal que, neste momento histórico, abraça a todas as almas sinceramente portuguesas: - Criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridão física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram³.

¹ HOLANDA, 1986, p.339.

² HOLANDA, 1986, p.845.

³ PASCOAES, 1912, p.1.

Segundo o poeta, as almas verdadeiramente portuguesas tinham, naquele momento, um ideal que era de “ressuscitar” o país, mas para tanto precisariam se organizar e se orientar, e esse seria o fim da revista e da Associação da qual este periódico seria o órgão divulgador.

A confusão presente decorreria de séculos de “escuridão” e morte e, para suprimir essa situação seria preciso fazer com que a “Raça” despertasse para sua “realidade essencial”¹ e, a partir da união dos portugueses, criasse uma obra coletiva em oposição à vida “egoísta e individual”.

Parecendo dialogar com o artigo de Proença, em que o autor afirma que a *Renascença Portuguesa* deixaria de lado toda e qualquer vinculação com partidos políticos, grupos religiosos ou até mesmo literários, Pascoaes afirma:

Por mais diferentes que sejam as nossas idéias, sob o ponto de vista religioso, filosófico ou artístico, poderemo-nos sempre entender porque há um lugar em que todos os princípios e todas as idéias delas fraternizam. E nesse lugar altíssimo, que é para nós, neste momento, a vida da Nacionalidade, devemos dar uns aos outros as mãos amigas e caminhar juntos para a realização do sonho redentor que ilumina as almas sinceramente portuguesas: a criação dum novo Portugal, dentro do seu caráter, das suas qualidades íntimas e originais que lhe dêem relevo e destaque, fisionomia própria entre os outros Povos².

Nesta citação, podemos destacar algumas idéias fundamentais: em primeiro lugar, que as diferenças ideológicas não seriam empecilhos para a realização do projeto patriótico, já que orientaria os portugueses um ideal mais amplo centrado na “vida da Nacionalidade”; em segundo lugar, que seria imprescindível a união para a realização desse projeto. Uma terceira idéia fundamental que aparece neste trecho, e que é mais desenvolvida no restante do editorial, diz respeito à necessidade de perceber em Portugal a sua originalidade, as suas

¹ PASCOAES, 1912, p.1.

² PASCOAES, 1912, p.2.

características principais que a distinguissem, lhe dessem destaque e relevo frente ao restante dos Povos, de modo a que o país não se misturasse “à massa amorfa da Europa”.

Pascoaes recorre à cultura portuguesa e a figuras de destaque na história do país, como Nun’Álvares, Viriato¹, Afonso Henriques² e Camões, para demonstrar a originalidade, a força heróica, a origem do país e a sua grandiosidade a fim de exemplificar com as ações desses *personagens* que “O Passado é indestrutível; é o abismo, a treva onde o homem mergulha as raízes do seu ser, para dar nova luz do futuro a sua flor espiritual”. Ou seja, estaria localizada no passado a inspiração que moveria Portugal em direção ao futuro.

Nesse percurso quase *épico* pela história nacional para provar a existência quase que atemporal da “alma portuguesa”, o intelectual recorre a elementos do léxico místico cristão, como fizera no primeiro artigo produzido por ele em 1911 e analisado anteriormente. A referência ao gênesis, a uma “obra sagrada”, um “sonho redentor”, a um momento “divino”, e à comunhão dos portugueses em torno do grande ideal, são alguns desses elementos que merecem destaque neste texto. Além disso, ao tratar desses homens que representariam uma espécie de síntese ideal do passado lusitano, Pascoaes faz uma referência intertextual ao Evangelho de João, em que se afirma: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus”³. O Verbo teria surgido do desejo de Viriato, encarnado em Afonso Henriques e “fez-se *Verbo* novamente, exaltou-se num

¹ “ O herói máximo das guerras que os Lusitanos travavam com violência, desde o anos 154 a 135 a.C., contra a ocupação do ocidente da Península Ibérica, foi sem contestação, o caudilho Viriato”. SERRÃO, 1993, p.646.

² Afonso I, D. (1109? - 1185). Rei de Portugal. Filho do conde D. Henrique e da infanta D. Teresa. Nasceu em Coimbra(...) 1128, as tropas de D. Teresa defrontaram-se com as de D. Afonso Henriques tendo estas saído vitoriosas – o que consagrou a vitória de D. Afonso Henriques no território portugalense, levando-o a assumir o governo do condado.(...)”. SERRÃO, 1993, p.17-18.

³ EVANGELHO DE SÃO JOÃO, 1, 1-2, p.1384.

sonho de imortalidade, e foi o Canto eterno dos Lusíadas! ¹”. O Verbo, por fim, encarnado desde a criação de Portugal, na “alma portuguesa”, e adormecido durante séculos com os olhos “postos no Passado”, sonhou: “E nesse momento, mais divino que humano, a alma portuguesa gerou nas suas entranhas penetradas por uma luz celeste, a *Saudade*(...)”².

Essa Saudade, “*sentimento-idéia*”, misto de sensação e reflexão, aproxima-se, então, da Renascença: “É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; nela ressurgiremos, porque ela é a própria Renascença original e criadora”³.

Essa “*emoção refletida*” ⁴, revelada, teria falado aos *Poetas*, verdadeiros símbolos da grandeza do “momento atual”, “florescência da Raça portuguesa”. Caberia a Portugal revelar sua essência em busca de criar uma “nova Civilização”, onde as más “influências literárias, políticas e religiosas” oriundas do estrangeiro não pudessem ter vez.

Para o poeta de *Maranus*, seria imprescindível revelar ao mundo a “alma lusitana” e, ao criar esse novo Portugal, “*português*”, buscar dilatar a “civilização do mundo”⁵.

¹ PASCOAES, 1912, p.2.

² PASCOAES, 1912, p.2.

³ PASCOAES, 1912, p.2.

⁴ Definição da Saudade: “*sentimento idéia, a emoção refletida,(...)*”. PASCOAES, 1912, p.2.

⁵ PASCOAES, 1912, p.3.

2.2.3. Primeiras conclusões

Teixeira de Pascoaes e Raul Proença foram incumbidos de produzir um editorial que exprimisse a opinião da Sociedade que estavam fundando naquele momento, mas escreveram, cada um, sua leitura pessoal da *Renascença Portuguesa* e do Portugal da primeira década do século XX.

Ambos acreditavam na grandeza do momento e afirmavam a necessidade de reformar o país num âmbito cultural. E essa reforma na mentalidade nacional, que é o projeto efetivamente visado pela *Renascença*, foi acrescida de elementos diferentes por esses intelectuais. Pascoaes afirmava que seria fundamental afastar Portugal de toda e qualquer influência estrangeira e imprimir no país uma educação *verdadeiramente* portuguesa. Proença, por outro lado, mesmo afirmando que as idéias vindas do exterior eram completamente subvertidas em Portugal e não se adequavam, por isso, ao país, afirmava a necessidade premente de colocar a pátria em contato com o mundo, desde que tendo em conta as especificidades da situação portuguesa.

É importante, porém, acrescentar um dado fundamental. A visão sobre esse momento especial vivido por Portugal, e partilhado pelos dois pensadores, diverge nos artigos analisados. No primeiro, de Pascoaes, a República e a atitude heróica dos envolvidos na revolução funcionavam como elementos importantes na constituição do Portugal *contemporâneo*. O “5 de Outubro” e a heroicidade seriam indícios do Renascimento da alma nacional e de Portugal. O texto de Proença também percebe na “revolução triunfante”, ou seja, na proclamação da República, a oportunidade para uma mudança efetiva no país. O terceiro texto, por outro lado, mesmo tendo sido produzido pelo poeta de *Maranus* e publicado pela revista, traz uma diferença fundamental dos anteriores:

não é mais a revolução recém efetuada que daria indícios de renascimento. O *signal* estaria nos Poetas, que são descritos como a “florescência” da Raça portuguesa.

Dessa comparação é possível depreender: Pascoaes¹ via na literatura, ou seja, nos Poetas, o indício da renascença; suas idéias estariam no âmbito cultural, em busca do que ele denominou no primeiro texto como as “Índias Ideais”. Proença, por outro lado, não cita a literatura ou a arte como índices de renascimento; sua preocupação parecia ser com uma ação mais real e efetiva, somente através da educação, deixando de lado o que ele definiu, com certa ironia, como *coterie* literária.

Outro indício fundamental para o poeta, e que não foi partilhada pelo então funcionário da Biblioteca Nacional², era a Saudade³, compreendida como a síntese da alma portuguesa e “razão da nossa Renascença”⁴. A Saudade, que não é definida e aparece apenas citada naquele primeiro artigo, ganhou um espaço bem maior no texto publicado na 2ª série.

Se a Saudade não é uma idéia partilhada pelos dois autores, pelo menos havia concordância em relação ao seguinte tema: ambos acreditavam na influência negativa da Igreja sobre o país. Pascoaes afirmava que a influência da Igreja sobre os portugueses teria provocado o problema da descaracterização da alma lusitana. Por isso ele propunha a substituição do catolicismo *estrangeiro*, romano, por uma religião que fosse, também, *portuguesa*. Proença via no Jesuitismo⁵ um mal concreto que deveria ser combatido através da educação, e isso significaria, obviamente, a necessidade de abandonar a educação

¹ Essa idéia também é partilhada por Fernando Pessoa. Sobre uma proposta de análise comparativa entre o pensamento de Pascoaes e o de Pessoa, na revista *A Águia*, ler ensaio produzido nesta tese sobre a polêmica António Sérgio e Teixeira de Pascoaes.

² Raul Proença foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Nacional assim que foi implantada a República. SERRÃO, 1993, p.563.

³ Sobre a Saudade e seu significado, ver estudo sobre o *Saudosismo* produzido em item posterior.

⁴ PASCOAES, 1912, p.2.

⁵ “O jesuitismo significava a antimoral, a anti-República”. RAMOS, s.d., p.404.

religiosa em prol de uma nova forma de ensino que reimprimisse na pátria a “energia” perdida com a escola dos Jesuítas. Fazia-se necessário combater a presença excessiva dessa poderosa instituição¹ - que tinha tanta força no contexto português - para realizar o processo de reestruturação nacional proposto por esses homens.

A nova forma de religião idealizada por Pascoaes seria a solução para os problemas portugueses. A imagem de Portugal expressa por esse poeta era a de um país que estivera morto, degenerado pelo enfraquecimento de suas características originais. Esse país precisaria ressuscitar como Lázaro ou voltar a *ser*; precisaria olhar para suas glórias do passado - por isso Viriato, Nun’Álvares, Afonso Henriques e Camões são invocados para falar de um Portugal *português*, longe de influências culturais, políticas, científicas e religiosas de origem estrangeira. Na realidade, no texto de Pascoaes, percebe-se uma idéia fundamental para compreender o Saudosismo: o poeta de *Maranus* acreditava que o renascimento português *já* estava em curso.

Proença via um Portugal doente, fraco, debilitado pela educação jesuítica, detentor de uma “passividade inata”, dum “fatalismo hereditário”. O remédio para essa e outras doenças seria a educação; mas uma educação que não visasse somente a cultura de Portugal, mas que levasse em conta os conhecimentos produzidos no exterior. A desorganização do país, também, era um problema detectado pelo bibliotecário e polemista. Para ele, assim como para Pascoaes em seus dois artigos, era fundamental a união nacional para a realização do grande projeto de reconstrução do país.

Os males observados por Proença, porém, eram descritos em seu texto de uma forma bastante polêmica: sua linguagem às vezes áspera, irônica, chegando a beirar o

¹ “A propaganda republicana insistia no combate à Igreja e a República triunfante identificou-se com ele”. MARQUES, 1988, p.19.

grotesco, era bastante agressiva¹ em relação ao país e suas mazelas. Ele descreveu Portugal, como afirmamos anteriormente, como uma “pústula” no seio da Europa, e o ensino aplicado no país como mero enfeite aplicado na “imbecilidade”. E isso se opõe à linguagem mais fluida e leve do texto pascoaesiano, repleto de metáforas e referências intertextuais à Bíblia e a um léxico cristão. A inadequação ao contexto europeu, às teorias e ao pensamento e até mesmo ao espaço físico deste continente revelam o desejo, expresso pelo polêmico intelectual, de fazer parte daquilo que os portugueses tomam como a civilização. Para Pascoaes, porém, somente quando Portugal prestasse atenção em si mesmo e se reconhecesse como um povo possuidor de uma “alma nacional”, aceitando a Saudade, haveria a expansão da civilização lusitana.

O que teria levado, porém, os homens da Renascença a escolherem o segundo artigo escrito por Pascoaes e não o texto de Proença ou mesmo o texto original escrito pelo poeta?

Sobre isso, podemos apenas levantar algumas hipóteses. O objetivo da revista *A Águia* era divulgar as idéias da *Renascença Portuguesa*, abrindo espaço para variadas colaborações. E a ênfase deste periódico era a divulgação da cultura: por isso esta revista priorizava textos de literatura, arte, filosofia e ciências sociais. Também por isso, divulgar um artigo que apontasse a proclamação da República como um indício de mudança no país e um motivo para o renascimento de Portugal, significava determinar a adesão política dessa Associação.

Outro elemento indicativo da escolha do texto “Renascença” era a patente e já apontada agressividade do discurso expresso por Proença. O julgamento negativo do país e o pessimismo paradoxalmente vinculado a um pseudo-otimismo do intelectual pareciam

¹ “Um homem violento: Raul Proença foi um dos mais terríveis polemistas do seu tempo”. RAMOS, s.d., p. .532.

não adequar-se à apresentação programática de um projeto nacional que pretendia a adesão do público lusitano. Além disso, a postura polemicamente crítica do funcionário da Biblioteca Nacional não condizia com a sua falta de objetividade na apresentação de soluções para a pátria. Ou seja, ele era muito duro na análise do país e pouco eficaz na apresentação de “remédios” para a doença nacional. Ao passo que a sempre criticada subjetividade¹ de Pascoaes apresentava uma coerência muito maior em todo o seu discurso: as causas e soluções apresentadas pelo poeta têm a mesma sutileza quase poética do seu programa de renovação de Portugal.

Elisa Neves Travessa, em sua obra sobre Jaime Cortesão², afirma que haveria na escolha do artigo pascoaesiano a simples “necessidade de atenuar as divergências latentes e gerir consensualmente as singularidades de pensamento dos vários promotores” da Renascença Portuguesa, uma vez que na reunião de Lisboa todos haviam discordado do poeta e teriam preferido o artigo de Proença.

Porém, acreditamos que a escolha de “Renascença” como editorial da 2ª série de *A Águia*, não é meramente uma tentativa de conciliação ideológica por parte de Cortesão³, mas é sintomática, pois os três primeiros volumes deste periódico estiveram, como afirma Paulo Motta Oliveira, sob o império da Saudade.

¹ Ver análise da Polêmica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes.

² TRAVESSA, 2004.

³ “Cortesão aproxima-se, neste período, das tendências manifestadas por Pascoaes no seu manifesto(...)”. TRAVESSA, 2004, p.64.

2.3 Aspectos gerais

2.3.1. A Saudade e o Saudosismo

“A memória longínqua de uma pátria
Eterna mas perdida e não sabemos
Se é passado ou futuro onde a perdemos”
Sophia de Mello Breyner Andresen¹

“(…) - Saudade!
Misterioso nume, que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas – Saudade!”
Almeida Garrett²

“O mito é o nada que é tudo”³
Fernando Pessoa

2.3.1.1 A Saudade

Saudade: “Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”⁴. Assim é definido, em um dicionário, esse sentimento que conduz o pensamento ao passado, à memória; atua no presente – no momento em que faz lembrar - e toma como força propulsora a vontade, do seu paciente – entendido aqui como aquele que a sente -, de rever ou possuir aquilo de que se recorda.

Antes de ser pensada, a saudade foi cantada e é filha e prisioneira do lirismo que primeiro lhe deu voz. Antes de se tornar no mito que já não a deixa pensar e a configura num papel

¹ ANDERSEN, 2004, p.94.

² GARRETT, 1963, p.301.

³ PESSOA, 2005, p.72.

⁴ HOLANDA, 1986, p.1556.

hagiográfico-patriótico, a saudade não foi mais que a expressão do excesso de amor em relação a tudo o que merece ser amado: o amigo ausente, a amada distante, a natureza imemorial e íntima, escrínio de todos os amores, flor de verde pinho, ondas do mar¹.

Ou seja, como afirma Eduardo Lourenço nesta passagem acima, essa palavra, tomada em sua acepção original e denotativa, seria apenas a expressão lingüística de um sentimento – composto, ao mesmo tempo, de melancolia e nostalgia² - que estaria presente em grande parte da lírica produzida em língua portuguesa, ao longo dos tempos. Segundo Lourenço, a saudade, em si³, não tem história, mas suas manifestações teriam e é isso que ele busca rastrear e demonstrar nas páginas de *Mitologia da Saudade*. Neste estudo, ele procura desvendar as origens da definição deste termo e sua presença na literatura portuguesa, partindo de D. Duarte Nunes⁴ - o primeiro a buscar definir esse vocábulo em Portugal – passando pela leitura, realizada por Garrett, até chegar à ressignificação desse sentimento, proposta por Teixeira de Pascoaes, já no século XX.

No estudo citado, o ensaísta português conclui que esta Saudade-sentimento que aparece dispersa ao longo de toda a produção literária lusitana, assume um novo significado a partir do Romantismo, com Almeida Garrett que:

Unindo historicamente, e não acidentalmente ou liricamente, Portugal e a Saudade (...) instaurou a primeira mitologia cultural portuguesa sem transcendência. A que fez do país de Camões, o País- Saudade, o Portugal-Saudade que não tem outro destino que o da busca de si mesmo⁵.

Pelas mãos de um dos fundadores¹ do Romantismo em Portugal, teria ocorrido uma espécie de remitificação da cultura pátria - fenômeno tipicamente ligado à tendência a uma

¹ LOURENÇO, 1999, p.13.

² LOURENÇO, 1999, p.9-15.

³ Ou seja, em sua acepção dicionarizada, original e denotativa.

⁴ “Saudade que D. Duarte foi o primeiro a descrever, sem nela se deter(...)”. LOURENÇO, 1999, p.25.

⁵ LOURENÇO, 1999, p.109.

valorização nacional, que foi parte fundamental da mentalidade decorrente deste movimento² literário, artístico e histórico que se iniciou na Europa nos últimos anos do século XVIII³.

Com o espírito romântico começa, portanto, não apenas como interesse histórico, arqueológico ou etnográfico, essa busca do ‘primevo’ e do ‘original’, que ainda é a nossa e que nos coloca, uma vez mais, na sua esfera de irradiação –(...). Mas a preocupação, para não dizer o fascínio, do Romantismo pelo elementar e arcaico, que se liga naturalmente ao seu sonho de reintegração numa nova e grande unidade sintética, implica sem dúvida, e quase necessariamente, numa revalorização do mito⁴.

Segundo Mircea Eliade, o mundo moderno também teria seus mitos ou “comportamentos míticos” que se explicariam por um desejo de “retorno às origens”⁵. Ter uma origem bem definida no passado e na *tradição* seria o mesmo que possuir uma origem “nobre”, e a busca dessa ascendência acaba motivando, no século XIX, na Europa, uma forte valorização dos estudos historiográficos e da própria noção, recém instaurada, de Nação. A partir de então, busca-se essa genealogia pátria com o fim de dar unidade e promover, assim, uma homogeneidade nacional.

Neste momento histórico, muitos escritores buscaram formas de interpretar uma nova *entidade* que surgia, a chamada “pátria-nação”⁶; formas de compreendê-la e descrevê-la, a fim de dedicar ao seu país um discurso pessoal e enaltecendor⁷ da “alma”¹ nacional. Por

¹ “Almeida Garrett e Herculano refundaram Portugal porque, pela primeira vez – (...) -, o país esteve em sérios riscos de perecer”; riscos decorrentes das invasões napoleônicas e conseqüente transferência da corte para o Brasil. LOURENÇO, 1999, p.104.

² “O que é o Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo isto junto e cada item separado”. GUINSBURG, 2002, p.13.

³ “No movimento romântico, que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX, quando, num período de cronologia oscilante, verificou-se a grande ruptura com os padrões do gosto clássico(...)”. NUNES, 2002, p.52.

⁴ GUINSBURG e ROSENFELD, 2002, p.281. In. GUINSBURG, 2002.

⁵ ELIADE, 2002, p.156-157.

⁶ “Na seqüência da primeira revolução industrial, a Grande Revolução da burguesia e do terceiro estado francês, modificam a relação do indivíduo e da pátria, que de mera terra paterna se volve Nação. Como cidadão, sujeito de direitos <<universais>>, o homem liberal torna-se responsável pelo *destino* e pela *figura* dessa nova entidade, a Pátria-Nação”. LOURENÇO, 1986, p.88.

⁷ LOURENÇO, 1982, p.88.

isso, cada escritor, sentindo-se responsável pelo destino de seu país², passa a empreender uma busca pelas origens e pelo primevo - ultrapassando o simples interesse histórico ou arqueológico - a fim de definir, em cada pátria, qual(is) o(s) elemento(s) identificador(es) e original(is) de um país em sua relação às outras nações.

Para os românticos, “o pensamento dominante é aquele que considera a História como produto das ‘vidas ilustres’, do sábio, do filósofo, herói, rei, gênio(...)”³. E é essa noção de história – que toma para si essas figuras ilustres como símbolos nacionais - que motiva Garrett a escrever o seu poema *Camões*. “Com o seu *Camões* começa realmente o processo de *autognose* de Portugal que terminará com *Mensagem*”⁴.

Garrett transforma o autor⁵ de *Os Lusíadas* em um símbolo da pátria:

A identificação de Portugal com Camões, por obra conjugada dos acontecimentos históricos e da revolução cultural romântica, é um caso único no quadro da cultura europeia.(...). Para os portugueses, Camões não será apenas o maior dos seus poetas – (...) -, mas o seu herói nacional⁶.

Mas essa conversão de Camões⁷ em herói-símbolo traz um outro elemento bastante significativo. Ao escrever esta sua obra, de 1825, Garrett utilizou-se da Saudade como Musa inspiradora desse canto que tinha como objeto o poeta de *Os Lusíadas*.

Enquanto nos versos da *Odisséia*, de Homero⁸, pede-se à Musa que cante as glórias de um “varão astucioso”⁹, e enquanto n’ *Os Lusíadas* pede-se que cesse o cantar da “Musa

¹ “Podemos assimilar essa estranha permanência no seio da mudança àquilo que os românticos alemães designaram, para desespero da historiografia iluminista de ‘alma dos povos’ ”.. LOURENÇO, 1990, p.90.

² LOURENÇO, 1982.

³ GUINSBURG, 2002, p.14.

⁴ LOURENÇO, 1982, p.90.

⁵ “Graças à conversão ao romantismo do jovem Garrett, a presença de Camões na cultura portuguesa toma um sentido novo”. LOURENÇO, 1999, p.59

⁶ LOURENÇO, 1999, p. 57.

⁷ “identificação, em termos românticos, da imagem de Camões e da imagem de Portugal”. LOURENÇO, 1999, p.58.

⁸ Também na *Íliada* há a chamada “Invocação às Musas”. HOMERO, 2002, p.57.

⁹ HOMERO, 1960, p. 17.

antiga”¹, em óbvia referência aos poemas homéricos, em *Camões é a Saudade* a escolhida para iniciar e inspirar esse Canto, por ser ela um “Mavioso nome que tão meigo soas/ Nos lusitanos lábios(...)”².

Esse retomar de *Camões* é simultaneamente simbólico e textual. O poema *Camões* é o primeiro grande texto português tecido com o poema camoniano. Garrett dá, no entanto, um fundamento original a essa recuperação e a essa metamorfose do texto épico, fazendo da palavra saudade, e do sentimento que ela exprime, a sua verdadeira musa. Em última análise, o próprio *Camões* é uma encarnação, entre outras, apesar de ser a mais sublime de todas, de um sentimento que está para além dele, e que todos os portugueses partilham, essa inexplicável mistura de sofrimento e de doçura a que chamam saudade³.

Garrett, com esse poema, teria transformado a saudade⁴ em um elemento componente e definidor do *ser* português. Ainda segundo Lourenço, a literatura portuguesa nos últimos 150 anos teria sido: “orientada ou subdeterminada consciente ou inconscientemente pela preocupação obsessiva de descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*”⁵. E saber quem eram e o que eram, significava buscar selecionar símbolos e criar mitos que definissem a imagem de uma nação. A partir de então, *Camões*⁶ e a Saudade⁷ passaram a ser vistos como elementos fundamentais e *originais* da chamada *identidade* nacional: “é sob a pluma de Garrett que pela primeira vez, e a fundo, *Portugal se interroga*, ou melhor, que Portugal se converte em permanente *interpelação* para todos

¹ CAMÕES, 1983, p.71.

² GARRETT, 1963, p.301.

³ LOURENÇO, 1999, p.59.

⁴ “Antes de ser pensada, a saudade foi cantada e é filha e prisioneira do lirismo que primeiro lhe deu voz. Antes de se tornar no mito que já não a deixa pensar e a configura num papel hagiográfico-patriótico, a saudade não foi mais que a expressão do excesso de amor e relação a tudo o que merece ser amado: o amigo ausente, a amada distante, a natureza imemorial e íntima, escrínio de todos os amores, flor de verde pinho, ondas do mar”. LOURENÇO, 1999, p.13.

⁵ LOURENÇO, 1982, p.89-90.

⁶ Lourenço afirma que a leitura de Garrett, que transforma *Camões* em mito, é questionada pelos intelectuais portugueses ao longo do século XIX. “Erigido em mito, incorporado no discurso cultural do século XIX, *Camões* sofrerá os reveses da nossa realidade, ou melhor, das leituras que a nossa *intelligentsia* (...) – fará dessa realidade”. LOURENÇO, 1999, p.60.

⁷ “Antes de Garrett e do seu poema, os portugueses sabiam já o que era a saudade (os nossos poetas cultivaram sempre o sentimento saudoso, e *Camões* mais que todos), mas não se identificavam, por assim dizer, nem com o sentimento nem com a palavra, que tem tão perto do coração como da boca”. LOURENÇO, 1999, p.59.

nós”¹. Ou seja, Portugal transformou-se em uma questão fundamental para grande parte da intelectualidade lusitana e passou a ser insistentemente tematizada na literatura produzida a partir de então.

Isso faz com que os portugueses, dessa pátria-nação - que começara então a ser *obsessivamente* pensada pelos intelectuais - tomem a saudade como um mito, no sentido de possível elemento unificador e *original* da identidade lusitana:

Habitados a tal ponto pela saudade, os portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num ‘mito’. É essa mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia que é o seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa².

Depois do primeiro momento romântico, a saudade passará - mais de 70 anos depois da publicação da 1ª edição de *Camões*³ - a ser usada por Teixeira de Pascoaes⁴, já no século XX, na estruturação de seu projeto nacional, e sofrerá um processo de resignificação que aparece expresso nas páginas da revista portuense *A Águia*.

2.3.1.2. A Saudade e o Saudosismo na 2ª série *A Águia*: a doutrina de Teixeira de Pascoaes

“Aquele triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Enquanto houver no mundo saudade,
Quero que seja sempre celebrada”.
Camões⁵

¹ LOURENÇO, 1982, p.89.

² LOURENÇO, 1999, p.31.

³ A primeira edição de *Camões*, de Almeida Garrett, data de 1825.

⁴ “Um dos nossos maiores poetas portugueses, Teixeira de Pascoaes, levando ao extremo a visão e a intuição de Garrett, dará à Saudade romântica um alcance cósmico. Na sua divinização da existência como Saudade, nostalgia da origem perdida para sempre, vivendo na lembrança da sua fulguração originária. (...)”. LOURENÇO, 1999, p. 63.

⁵ CAMÕES, 1998, p.27.

Neste item, tomaremos os textos de Teixeira de Pascoaes, diretamente vinculados ao Saudosismo e publicados nos três primeiros volumes da 2ª série de *A Águia*. Partiremos destes artigos, a fim de buscar uma definição da Saudade e desse movimento, já que o autor citado foi o idealizador e líder desse programa que se desenvolveu nas páginas do periódico portuense.

A 2ª série de *A Águia* teve início em 1912 e foi um órgão da sociedade *Renascença Portuguesa*. O primeiro texto desta revista, intitulado “Renascença” - já analisado e comparado, nesta tese, com os outros dois editoriais propostos e indeferidos pela referida associação¹ – foi escrito pelo poeta Teixeira de Pascoaes.

Neste artigo, que teve como objetivo principal apresentar, aos leitores da publicação, as propostas da revista portuense que surgia naquele instante, aparece também a primeira definição de Saudade presente no periódico. Nele o poeta de *Maranus* afirma que a “alma” portuguesa teria sua existência bem definida desde a origem da nacionalidade, ter-se-ia transformado em *Verbo*² e, ao sofrer essa mudança, teria sido transferida - como se fora uma chama passado aos atletas em aberturas de jogos olímpicos - das mãos de Viriato, para as de Afonso Henriques e, finalmente, para as de Camões. Depois disso, esta mesma “alma” teria adormecido e sonhando e, em sonho, teria gerado “A Saudade” que para ele “é Viriato, Afonso Henriques e Camões desmaterializados, reduzidos a um sentimento, postos em alma extreme. A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno”³. Para Pascoaes, esse signo deveria ser tomado em

¹ Ver item referente à comparação dos editoriais da revista *A Águia*.

² Ver análise e comparação dos editoriais da 2ª série da revista *A Águia*.

³ PASCOAES, jan. 1912, p.2.

outra acepção: “Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-idéia, a emoção refletida(...)*”¹.

Nessa tentativa de definição, que se junta a outras relativamente diferentes dentro dos textos publicados pelo intelectual citado na 2ª série, não há mais espaço somente para a palavra-*sentimento* que aparecia dispersa na poesia lusitana; a partir de então a Saudade se transformava em um misto de sentimento e pensamento, motivadora da *renascença* e também uma marca *original* da lusitanidade que se *revelava* como tal naquele momento.

A idéia de uma revelação dessa *marca* da nacionalidade, desse *estigma* e da “alma” lusitana a que se refere o poeta, é reforçada em outro artigo que ele publica, “Renascença (o espírito da nossa raça)”, e que abre o segundo exemplar daquele mensário. Neste texto ele afirma que “A alma da Raça é a *Saudade*”, e adicionam-se a essa *definição* vários outros elementos que merecem ser transcritos aqui:

Não me cansarei de afirmar que a *Saudade* é, em última e profunda análise, o *amor carnal espiritualizado pela Dor ou amor espiritual materializado pelo Desejo; é o casamento do Beijo com a Lágrima; é Vênus e Virgem Maria n’uma só Mulher. É a síntese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as formas cósmicas se cruzam; o centro do Universo: a alma da Natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da Natureza. A Saudade é a personalidade eterna da nossa Raça; não realizada pelo artifício das Artes, como aconteceu na Itália, mas vivida, dia a dia, hora a hora, pelo instinto emotivo d’um Povo. A Saudade é a manhã de nevoeiro; a Primavera perpétua << a leda e triste madrugada>> do soneto de Camões. É um estado de alma latente que amanhã será Consciência e Civilização Lusitana...*².

Nessa citação é que é possível perceber que a Saudade para Pascoaes é, também, uma espécie de síntese de elementos opostos como dor e amor, céu e terra, beijo e lágrima. Além disso, é *personalidade* da Raça e também o sentimento cantado pelo eu-lírico do soneto de Camões. Ela é mistura e composição sintética, no sentido dialético de dados

¹ PASCOAES, jan. 1912, p.2.

² PASCOAES, fev. 1912, p.33. (grifo do autor)

praticamente antitéticos que se fundiriam em uma *realidade* futura representada pela “Civilização Lusitana”.

Neste mesmo artigo, Pascoaes buscará, então, dar uma explicação para a origem e transformação sofridas por esse *sentimento*-idéia ao longo da história de Portugal, tentando, claramente, sistematizar suas idéias. Para ele, a Saudade dividir-se-ia em períodos: o primeiro “*instintivo e ativo*” teria gerado Camões, Bernardim, Vasco da Gama e Albuquerque. O segundo “*consciente e contemplativo*”: e nessa fase “a alma portuguesa abre, pela primeira vez, os olhos sobre si própria; e está produzindo a mais admirável das gerações poéticas”. A idéia era de que Portugal estaria, naquele momento, produzindo uma tão superior geração poética que seria o indício da entrada de Portugal no terceiro período histórico “*consciente e ativo*”, pois para ele, “*o sonho precede a ação*”. E essa é uma idéia fundamental dos textos do diretor literário da revista portuense e da própria concepção que ele apresentava do que definiria a Saudade; a poesia e os poetas¹ seriam - como ele afirmara em seu primeiro artigo, e reafirma neste texto - os verdadeiros indicadores do, já em curso, *renascimento* de Portugal.

Ainda neste artigo é importante ressaltar um outro aspecto fundamental da Saudade, que é o caráter *religioso* atribuído, por Pascoaes, a este sentimento. A já citada síntese que comporia o conceito dado pelo autor do artigo, se daria também numa fusão entre paganismo e cristianismo, entre “Vênus” e a “Virgem Maria”. Essa nova religiosidade compósita faria de Portugal uma terra santa: “porque gerou a *Saudade*, como os desertos

¹ “Eu acredito na grandeza do momento atual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescência, principia a sentir-se verdadeiramente revelada”. PASCOAES, jan. 1912, p.2.

trovejantes da Palestina criaram Jeová, e os viçosos, harmoniosos vales gregos criaram Orfeu e Apolo”¹.

A Saudade agora acompanhada do sufixo “-ismo”, que significa ‘doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso’², torna-se *Saudosismo*, doutrina que: “representa o culto da alma portuguesa no que ela encerra de novo credo religioso e, de nova emoção poética, em virtude de sua ascendência étnica. Sendo ela a perfeita resultante espiritual da fusão dos sangues semita e romano criadores do cristianismo e paganismo(...)”³. A ascendência étnica seria, então, a justificativa para que o *sentimento-idéia* fosse compreendido como a fusão de duas perspectivas religiosas antagônicas como a pagã e cristã. A Saudade é “sinal dos tempos”⁴, indicador da *mudança* para os lusitanos e estaria em plena consonância com o “progresso”⁵ realizado fora de Portugal.

A obscuridade dessas idéias e a difícil definição da Saudade e do Saudosismo são visíveis se tomarmos todas as acepções aventadas até o momento nesse estudo. Lendo cronologicamente os textos publicados por Pascoaes ao longo dos dois primeiros volumes da revista, é possível perceber que a cada número há um dado novo em relação àquilo que ele busca conceituar em seus artigos. O poeta de *Maranus* admite a obscuridade de suas idéias em “Ainda o Saudosismo e a Renascença”. Na tentativa de mudar essa imagem da estruturação de seu programa, o diretor literário da revista dialoga com uma missiva de António Sérgio, que o criticara em correspondência enviada de Londres, e busca, mais uma

¹ PASCOAES, fev. 1912, p. 34.

² HOLAND, 1986, p.972.

³ PASCOAES, out. 1912, p.114.

⁴ PASCOAES, out. 1912, p.114.

⁵ PASCOAES, out. 1912, p.114.

vez, estruturar seu pensamento como o fizera em seu segundo artigo¹. Ele apresenta as divisões de sua análise da Saudade, publicada em texto intitulado “O Espírito Lusitano ou o Saudosismo”, e em seguida retoma alguns dos conceitos já dados até aquele momento:

concluí que a Saudade, como síntese do espiritualismo cristão e do naturalismo pagão, por isso que ela contém em si o Desejo e a Dor, a Esperança e a Lembrança, - esperança incidindo sobre o passado, lembrança incidindo sobre o futuro, - é o próprio espírito lusitano na sua expressão mais íntima, profunda e original².

Ele retoma seus *conceitos* dados para a Saudade: síntese de elementos diversos, nova opção religiosa composta de cristianismo e paganismo e marca *original* e *íntima* da chamada *lusitanidade*. E ao defrontar-se com as críticas³ de António Sérgio e outros⁴ intelectuais que se opuseram às suas idéias ele afirma: “O *Saudosismo* não é criação: é revelação”. Pelo fato de Duarte Nunes⁵ ter sido o primeiro a haver tentado definir o *sentimento-idéia*, teria sido ele, também, o responsável por revelar a existência desse elemento/ estigma *original* e *único* que definiria a “alma” do povo lusitano. Pascoaes insiste na idéia de que apesar de incidir sobre o passado, essa *revelação* tem seus olhos fixados no futuro e, principalmente, na pátria-nação⁶, uma vez que o *estrangeirismo* é definido por ele como o grande responsável pela decadência de Portugal, mal que poderia ser sanado através da redescoberta da *alma* portuguesa.

Nessa linha de oposição ao pernicioso *estrangeirismo* causador do declínio do país, há outro importante artigo de Pascoaes, publicado no terceiro volume da 2ª série, em abril

¹ O segundo artigo de Pascoaes sobre a Saudade é “Renascença(o espírito de nossa Raça)”. Nele o poeta de *Maranus* fez uma clara tentativa de sistematizar suas idéias, ao efetuar uma divisão em *fases históricas* da Saudade em Portugal.

² PASCOAES, fev. 1912, p.185.

³ Essas críticas a que se refere o autor do artigo já são indicadoras iniciais da famosa polêmica que foi travada entre ele, Pascoaes, e António Sérgio, nas páginas da 2ª série de *A Águia*. Trataremos dessa polêmica no próximo item da tese.

⁴ “enquanto os ódios, as injúrias e as calúnias batem à minha porta”. PASCOAES, dez. 1912, p.187.

⁵ “E quem o revelou foi D. N. de Leão nos tempos antigos. Eu não fiz mais do que explicá-lo, e os poetas modernos vão lhes esculpindo todas as formas, até agora apenas esboçadas ou delidas pelo esquecimento”. PASCOAES, dez. 1912, p.186.

⁶ “Fora do seu caráter, o nosso Povo nada fará de belo e duradouro”. PASCOAES, dez. 1912, p.186.

de 1913. O autor do texto¹ procura, pela primeira vez na revista, apresentar uma espécie de poética do Saudosismo, mas o faz em oposição ao Simbolismo, por ele definido como “escola simbolista francesa”; em outras palavras, escola *estrangeira* de poesia. Mas essa tentativa de estabelecimento de um “programa de arte” se atém apenas ao que ele define como aspectos da “*nuance e vago*” – que seriam elementos simbolistas – em oposição ao *mistério* – definido por ele como o diferencial do saudosismo: “Vê-se que o *Simbolismo* é feito de *nuance e vago*, no sentido francês desta palavra”². E ele completa: “Ora, o *Saudosismo poético* procura o *mistério* que difere da *nuance*: esta é o revelado tornado indeciso, e aquele é o não revelado ainda, a face que a vida não desvendou ainda ao nosso espírito”³. A diferença entre essas palavras se acentuaria por outro elemento introduzido pelo poeta em sua definição: enquanto a *nuance* estaria ligada a uma forma “apagada e morta” e à “ilusão e morte”, o *mistério* estaria ligado a uma forma “oculta e viva” e à realidade, vida e ação. O autor do artigo, ao propor essa comparação, destaca o caráter vivo e positivo do *mistério* que define seu programa em oposição à morte e apagamento da *nuance* simbolista.

À parte essas discussões quase filosóficas ou filológicas sobre o sentido desses vocábulos, percebe-se na leitura deste artigo que não há efetivamente um programa de poesia definido pelo autor; o que Pascoaes faz neste texto é divagar sobre as diferenças que ele tenta estabelecer entre a escola Simbolista e sua doutrina da Saudade. O *mistério*, elemento diferencial de seu projeto, estaria nos próprios Poetas que seriam os “*enviados* da

¹ O artigo intitula-se “Saudosismo e Simbolismo”. PASCOAES, abr. 1913, p.113-114.

² PASCOAES, abr. 1913, p.113.

³ PASCOAES, abr. 1913, p.113. (grifos do autor)

Saudade”¹ e se oporia como elemento otimista em contraposição ao caráter negativo da palavra que ele toma, em sua análise, como elementar e definidora do simbolismo *francês*; e essa tentativa de definição da poesia e da literatura de caráter saudosista acabou por manter-se de maneira bastante vaga, como se pode notar, apenas no campo da semântica.

Em seu último artigo diretamente relacionado ao Saudosismo - antes da famosa polêmica travada com e António Sérgio nas páginas de *A Águia* - o poeta de *Maranus* escreve sobre “Camões² e a Cantiga popular”. Interessam-nos nesse artigo, apenas dois elementos fundamentais na doutrina capitaneada pelo diretor literário da revista portuense. Em primeiro lugar, ele retoma a idéia de que a decadência estaria diretamente vinculada ao *estrangeirismo*³. Em segundo ele afirma que o Saudosismo representaria um “Lirismo religioso”: “Aquele acordo espiritual entre o canto camoniano e a cantiga popular e o nosso atual Lirismo religioso, fortalece a nossa esperança numa próxima época de renascimento”⁴. Ou seja, o Saudosismo se definiria no campo literário, através dos poetas e da poesia, e atuaria também no religioso, com a Saudade revelada. À Saudade são agregados inúmeros elementos que não estariam ligados, diretamente, a esse *sentimento-idéia*.

Analisando os textos de Pascoaes publicados na 2ª série de *A Águia*, - antes da citada polêmica -, percebe-se que à Saudade sentimento, já idealizada por Garrett, foram agregados novos elementos que ultrapassaram a idéia de “Lembrança nostálgica” que

¹ “Ao período mais ativo da nossa Raça corresponde a divina aurora elegíaca do seu espírito poético”. PASCOAES, abr. 1913, p.114.

² A respeito da presença constante de Camões no discurso de Pascoaes e de outros intelectuais defensores do Saudosismo na publicação portuense, nos deteremos quando passarmos à análise da chamada poesia de temática saudosista.

³ “Se tem sofrido períodos de abatimento, em que o *estrangeirismo* dominou, é certo que, no presente, ela vai conquistando um alto grau de revelação, que já lhe torna intangível a sua independência”. PASCOAES, jun. 1913, p.178.

⁴ PASCOAES, jun. 1913, p.178.

aparece definida em dicionário da língua portuguesa. Para o idealizador do Saudosismo, revelava-se através daquele *sentimento-idéia* a própria “alma” lusitana tomada em seu sentido primordial e mítico.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, um dos graves erros do poeta foi ter tentado extrair desse sentimento uma doutrina¹ religiosa, filosófica, literária e política que ultrapassa² o sentido original dessa palavra.

Pascoaes, poeta da saudade, vai descobrir na saudade a alma portuguesa, a alma da literatura escrita e da nossa poesia popular, a fonte prodigiosa donde manam uma filosofia, uma religião, uma estética, uma doutrina política – por obra e graça da imaginação do poeta³.

Mas precisamente aí reside o diferencial da doutrina pascoesiana. A tentativa de atribuir a um signo um outro significado e atribuir a essa mesma palavra toda uma filosofia e um programa nacional é o elemento novo da proposta deste poeta. Como afirma Alfredo Bosi: “O signo pode manter-se igual a si mesmo por longo tempo, mas pode também mudar, ficar irreconhecível, ceder seu lugar a outro, enfim, morrer”⁴. A saudade em Pascoaes não é mais a musa do *Camões*, de Garrett, e não atua apenas no âmbito do sentimento. Ela é, sim, um pouco neo-romântica se pensarmos na insistência do poeta em atribuir a este signo a idéia de que ela seria um elemento original e definidor do caráter nacional, ou seja, uma resposta à busca do primevo a que nos referimos no início deste item. Além disso, podemos pensar que Pascoaes se utiliza de outras idéias *românticas* em seu projeto, como por exemplo, uma:

¹ “Pascoaes, (...) vai descobrir na saudade a alma portuguesa, a alma da literatura escrita e da nossa poesia popular, a fonte prodigiosa donde manam uma filosofia, uma religião, uma estética, uma doutrina política – por obra e graça da imaginação do poeta”. COELHO, s.d., p.148.

² “Neste ponto é que Pascoaes se mostra, não só incoerente (*porque extrai da saudade o que ela não contém*)(...)”. COELHO, s.d., p.152. (grifo nosso)

³ COELHO, s.d., p.148.

⁴ BOSI, 2004.

focalização mística, mítica, de uma organicidade coletiva, de onde resultou a proposta de uma nova unidade nacional, porém ao nível mais étnico de uma comunidade de sangue ou de um profundo parentesco etno-cultural, e não de uma sociedade racionalmente ordenada. Mais uma vez, percebe-se, o intento é o de reconquistar a inteireza original do homem¹.

O Saudosismo representa, entre outras coisas, também esta busca mítica e mística - empreendida pelo poeta de *Maranus* e alguns outros intelectuais -, da inteireza original e de uma organicidade coletiva definidora do caráter nacional lusitano, como o fizeram os *intelectuais românticos* no século XIX. Essa doutrina é filha da mentalidade oitocentista e descendente direta da *obsessão temática* de reposição de Portugal em sua grandeza ideal a que se refere Lourenço em “Da Literatura como Interpretação de Portugal”.

Pascoaes busca uma nova religiosidade, já que o catolicismo não daria conta, segundo acreditava, de responder aos anseios espirituais do povo português. Buscava, além disso, ser uma resposta universal – já que seria uma solução para a Europa *materialista* sedenta de uma nova religião – e ao anseio dos republicanos, como dissemos no item relacionado à ideologia da Primeira República em Portugal. Segundo Paulo Motta Oliveira, certamente “é a concepção de que uma nova religiosidade está sendo gerada em Portugal, e de que esta religiosidade pode ser a resposta a uma demanda mundial, o tópico mais recorrente”² nos textos relacionados ao Saudosismo. A saudade torna-se então a síntese ideal entre paganismo e cristianismo; e essa síntese não foi proclamada na revista apenas por Pascoaes, mas também por Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, em outros artigos da publicação portuense.

¹ GUINSBURG, ROSENFELD, 2002, p.282.

² OLIVEIRA, 1994, p.187.

A síntese proposta seria, também, uma forma de combater o estrangeirismo, já que o poeta de *regresso ao Paraíso* acreditava que o catolicismo era uma religião importada de Roma e que Portugal mereceria ter sua própria e original forma de expressão religiosa.

Combater a influência estrangeira sobre o país era uma necessidade, como pensava o poeta. Ao buscar definir a Saudade, Pascoaes procurou um termo que se transformasse no “estigma” da pátria, já que para ele era imprescindível que houvesse em seu país um renascimento *nacional* voltado para o passado, para a origem, para o início da nacionalidade. Mas esse olhar para trás, para essa nacionalidade em formação e para esse país de Viriato, Afonso Henriques e Camões, tinha um propósito de buscar energias para a construção do futuro. Ele acreditava no futuro e acreditava, também, no presente, pois a mudança estaria *em curso*: os poetas e suas poesias eram os indícios definitivos da renascença lusitana. Essa idéia de uma poesia nacional como indício de renascimento é que foi tomada por Fernando Pessoa¹ em seus artigos publicados na 2ª série de *A Águia*.

“Implantemos a *alma portuguesa* na terra portuguesa, para que Portugal exista como Pátria, porque uma pátria é de natureza puramente espiritual, e as únicas forças invencíveis são as forças do espírito”², afirmava Pascoaes. Como afirma Eduardo Lourenço: “Com Teixeira de Pascoaes, estamos decididamente, sem concessões, na esfera evanescente e visionária do pensamento e da imaginação mítica”³. Tanto essa evanescência quanto o caráter mítico atribuídos pelo poeta à saudade foram alvos de inúmeras críticas e questionamentos acerca dessa doutrina que se delineava nas páginas daquele periódico. Foram idéias vagas como aquelas, apresentadas pelo poeta nos artigos que analisamos anteriormente, que acabaram comprometendo a leitura que se tem realizado

¹ Trataremos dos artigos de Fernando Pessoa em outro item desta tese.

² PASCOAES, fev.1912, p.34.

³ LOURENÇO, 1999, p. 63.

do Saudosismo. A *obscuridade* dos conceitos atribuídos por Pascoaes a seu programa de amplo alcance, como se pode perceber pelas variadas e acumulativas conceituações que ele apresenta em seus artigos motivou a crítica feroz do ensaísta português António Sérgio: membro da sociedade *Renascença Portuguesa* e um dos principais críticos das idéias defendidas pelo diretor literário da revista portuense, nos três primeiros volumes deste mensário.

As críticas deste ensaísta representaram, na realidade, os anseios de outros membros da Sociedade *Renascença Portuguesa* e de alguns intelectuais do chamado grupo de Lisboa. Essas divergências ideológicas, inclusive, motivaram a posterior retirada de alguns intelectuais dessa associação e promoveram, anos mais tarde, a criação da revista *Seara Nova*. Dedicaremos o próximo item à análise da polêmica travada entre os dois intelectuais, Sérgio e Pascoaes, tomando também o artigo de Fernando Pessoa, “ A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”.

2.3.2. A polêmica

Esta *manifestação histórica* da saudade idealizada pelo poeta de *Regresso Paraíso* passa a ser, dentro da publicação portuense, alvo de ataques de Antônio Sérgio quando, em 22 de outubro de 1913, esse escritor e ensaísta português inicia a famosa polêmica¹, que gira em torno dos pressupostos desse projeto de renascimento da pátria lusitana.. Como observa Paulo Motta Oliveira, o Saudosismo, apesar de ser uma proposta para o país presente nos primeiros volumes de *A Águia*, não é a única² que se apresenta nas páginas

¹ É importante salientar que há um grande número de textos que giram em torno dessa polêmica. Porém, em nosso trabalho, daremos destaque apenas aos oito textos que compõem o confronto de idéias entre o poeta Teixeira de Pascoaes e o ensaísta Antônio Sérgio.

² “Se cada um dos três primeiros volumes de *A Águia*, como nossa análise tentou demonstrar, representava um conjunto específico de reflexões sobre o país, em que o Saudosismo apresentava diferentes papéis, o mesmo já não ocorre com os três volumes subsequentes. Estes possuem uma unidade que lhes é dada pela polêmica entre Antônio Sérgio e Teixeira de Pascoaes(...)”. OLIVEIRA, 1995, p.220.

desse periódico. Esse movimento capitaneado por Teixeira de Pascoaes tornar-se-á efetivamente o centro das discussões na revista a partir desse embate de idéias entre esses dois intelectuais.

Oito textos compõem o debate¹ que se inicia com “Epístola aos Saudosistas”². Nessa primeira carta, Sérgio busca, de maneira bem objetiva e racional, traçar os planos de sua análise que pretenderia, segundo ele, abordar os seguintes tópicos: “1. O que é realmente a saudade; 2. Que representou ela nas nossas letras; 3. Que poderia representar na atualidade”³. A partir daí, o ensaísta busca, explicitamente, desqualificar o discurso de seu oponente, através da utilização de um exemplo, bastante esdrúxulo e cômico, para desbancar a definição de Saudade usada por Pascoaes na intenção de definir sua doutrina estética. Referindo-se a Duarte Nunes e Garrett e suas definições da saudade, o escritor afirma:

O Saudosismo(...) sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: ‘lembrança de alguma coisa com desejo dela’; e Pascoaes propõe esta: ‘a velha lembrança gerando o novo desejo’. (...)

(...) “O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma característica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude fato geral de toda animalidade. Exemplificando:

Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor comprimida entre os seus caninos e... zás, estão aí vocês a ver a cena. Que se passara na consciência do animal? Nada de extraordinário: uma velha lembrança gerando um novo desejo: - a saudade (definição de Pascoaes)⁴.

Essa citação é necessária, para que fique clara a estratégia usada pelo iniciador da polêmica. Partindo de três tópicos principais, o autor da carta procura, com bastante ironia,

¹ A “polêmica entre Antônio Sérgio e Teixeira de Pascoaes, (...)se iniciou no n. 22, de outubro de 1913(quarto número do volume IV) e se alongou até o n.31, já no início do volume VI, de junho de 1914”. OLIVEIRA, 1995, p.220.

² SÉRGIO, 1913, p.97-103.

³ SÉRGIO, 1913, p.97.

⁴ SÉRGIO, 1913, p.97.

usar métodos racionais de argumentação definindo, inicialmente, seus objetos de análise no texto e, em seguida, buscando provar, através da exemplificação, o equívoco da definição dada pelo poeta a um sentimento que pertenceria, segundo afirma, a “toda animalidade”. Mas ele não pára por aí. Ele segue usando um exemplo, da mesma envergadura, para provar que a definição de Duarte Nunes também seria equivocada.

Finda essa análise inicial, Sérgio parte para o segundo aspecto a analisar, e busca provar que a saudade, que aparecera, realmente, com tanta frequência na literatura portuguesa, teria sua razão de ser, em situações de exílio de poetas que se encontravam longe da pátria e cantavam esse sentimento como forma de trazê-la para perto de si e em função de questões sociais que ele descreve em seu texto. Sendo assim, ele pergunta aos saudosistas, que estariam, segundo ele, “pacatamente instalados na pátria amada”¹ e ao lado das pessoas que amam: “de que raio têm saudades vocês todos, santo Deus?”².

A ironia, como se pode perceber pelos trechos destacados, constitui o elemento fundamental de sua argumentação. Além disso, o ensaísta afirma que a doutrina “pascoaesiana” caminharia contra a tendência contemporânea, uma vez que se tratava de um projeto que visava, segundo ele, “imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi...”³. O que se observa, porém, a partir dessa afirmação e de outras do texto, é que Sérgio esteve bastante atento a alguns aspectos dos textos e pressupostos do poeta, mas selecionou apenas o que serviria especificamente para sua argumentação anti-saudosista. O autor da carta, ainda, desfila um sem número de citações de nomes e estudiosos para provar que não há nada de específico no vocábulo “saudade” e para comprovar a existência de correlatos dessa palavra em outros idiomas. E

¹ SÉRGIO, 1913, p.99.

² SÉRGIO, 1913, p.99.

³ SÉRGIO, 1913, p.99.

fecha ainda com ironia afirmando que os países que não possuem esse vocábulo, com algum esforço chegariam “ao *saudosismo*”¹.

Intermediada apenas por um poema de Augusto Casimiro, é publicada, já no mesmo IV volume e quase em seqüência, a carta de Pascoaes em resposta ao seu oponente: “Os Meus comentários às duas cartas de Antônio Sérgio”. Usando de cordialidade, o poeta de *Retorno ao Paraíso* destaca o “belicoso gênio galhofeiro” do ensaísta e inicia sua argumentação opondo-se às acusações apresentadas na “Epístola aos Saudosistas”. Ele busca centrar-se em sua definição da saudade, do saudosismo, e afirma, mais de uma vez que: “A Saudade é a grande criadora do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada(...). Ela constrói o Futuro com a matéria do Passado”². Afirma que a crise portuguesa seria de caráter “moral” e propõe como solução a “educação de acordo com o gênio da Raça”³. Pode-se depreender desses trechos, então, que há uma diferença importante na estratégia dos polemistas: Sérgio propõe uma definição dos objetivos de seu texto já em suas primeiras linhas, o que não se percebe no artigo do poeta das *Elegias*. Ele parece não ter nenhum objetivo que não seja o de responder às acusações do ensaísta e buscar repetir o que já havia dito sobre sua doutrina espiritual da saudade.

A resposta a esse artigo de Pascoaes vem já no quinto volume e é intitulada “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”. A estrutura desse texto é bastante semelhante ao anterior publicado pelo ensaísta. Sérgio comenta as idéias de Pascoaes e mantém a ironia e sarcasmo iniciais, como se pode observar pela afirmação que segue:

Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma, - o saudosismo arrojava não somente o seu Aquiles, mas o seu

¹ SÉRGIO, 1913, p.103.

² PASCOAES, 1913, p.104.

³ PASCOAES, 1913, p.109.

cabeça e o seu chefe: o próprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pitonisa!¹

Haveria, segundo ele, uma: “infinita distância entre um poeta amabilíssimo (...) e um volutarista-intelectualista, esculpido à custa de machadada num tronco já seco da antiga Helênia; entre um romântico e um clássico”². Ele define-se como um intelectual, acusa de transcendente e sonhador o seu oponente e filia seu discurso a dois importantes nomes da literatura e do pensamento lusitano: Alexandre Herculano e Antero de Quental: “admirador de Antero e de Herculano, todo atascado, como bem crê, no carvão de pedra suja da Europa”³. Ainda nesse contexto, cita trecho das “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares”: “Que é preciso para readquirirmos nosso lugar na civilização? *Quebrar resolutamente com o passado...* A nossa fatalidade é a nossa história”⁴. Negar o passado foi a proposta de Antero e é a proposta de Sérgio para Pascoaes. Ele discute ainda outros pressupostos do poeta expressos em carta anterior e em textos publicados na revista, mantendo seu projeto inicial de desqualificar o discurso de seu oponente através do riso, da ironia.

A “Resposta a Antônio Sérgio” traz uma novidade na forma de o poeta dirigir-se a seu antagonista. Pascoaes parece pretender responder, agora, na mesma moeda:

Eu sei que a vida é restrita ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Há pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; há outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São criaturas no sentido restrito da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas próprias idéias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o Mundo é feito de pedras... e elas, para todo o sempre, empedernidas! Que lástima!

Não imagina, meu querido amigo, quanto me custa vê-lo enfileirar-se ao lado de semelhante gente!⁵

¹ SÉRGIO, jan. 1914, p.1.

² SÉRGIO, jan. 1914, p.1.

³ SÉRGIO, jan. 1914, p.3.

⁴ SÉRGIO, jan. 1914, p.6.

⁵ PASCOAES, fev. 1914, p.33.

Assim, ao afirmar a estreiteza de visão do escritor e ensaísta, ele busca também desqualificar o discurso do outro, mantendo uma certa cordialidade, mas com claro tom irônico. Além disso, ele acusa Sérgio de ter abandonado seus objetivos iniciais, apresentados na primeira carta, e afirma que a estratégia do intelectual foi a de misturar frases suas, fora de contexto, e limitar-se a rir-se delas. Percebe-se que essa estratégia fará com que Antônio Sérgio publique, em seguida, um texto mais racional e quase desprovido de ironias ou sarcasmos.

Apesar do título, “Despedida de Julieta”, o escritor recolhe o riso e busca maior objetividade; e assim ele explica: “Creio que soube desta vez conservar o sério; e, no entanto, se os meus sorrisos, como pretende, significam *sim* (dir-se-ia que sou Julieta, e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo”¹. Como podemos notar por essa afirmação, Sérgio pretendia, com esse artigo, finalizar o debate com o poeta de *Maranus*. Outro dado importante desse texto é o fato de que o autor define, em seu terceiro artigo, a quem se destinaria seu discurso:

Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente, - por uns classificado de idealista e por outros de retórico, - que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatários da Cavalaria².

Ele define seu público alvo e afirma que gostaria, através desse “último” texto, de “apontar no seu artigo os capitais erros de fato que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos”³. Ou seja, Sérgio procura, com esse texto supostamente final, melhorar sua imagem com os leitores a quem tenta convencer sobre a “fantasista” e “inconsistente” proposta dos saudosistas.

¹ SÉRGIO, abr. 1914, p.111.

² SÉRGIO, abr. 1914, p.112.

³ SÉRGIO, 1913, p.109.

O título da resposta de Pascoaes é, na realidade, uma pergunta. Em “Última carta?”, o tom irônico, de seu segundo artigo, se repete mostrando que a galhofa teria mudado de lado:

Há coisas cruéis neste mundo! O meu caro Antônio Sérgio desde longos meses me persegue de martelo em punho, encarvoada blusa de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metálicos brilhos, a face talhada em fumarentas expressões, todo num arremesso destruidor contra o meu *pensamento saudosista*, contra a frágil e trêmula Saudade, pobre e delicada Virgem, branca de pânico, sob a lança dos judeus!¹.

Ele questiona seu interlocutor e critica sua tentativa de transformar-se numa “imagem de infinita beleza”², ou seja, Julieta. Ele produz um texto bastante poético, em defesa de suas idéias e discute o saudosismo e o sonho redentor português que deveria, segundo ele, ser autenticamente nacional, assim como ele afirmara acerca da educação.

Sérgio, parecendo sentir-se intimidado no debate, resolve escrever mais um artigo, esse, efetivamente, o último de sua participação na polêmica com Pascoaes. Em “Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago”, o ensaísta critica o que ele chama de “educação sentimental” e que seria, segundo ele, parte importante do projeto saudosista. Uma vez que se auto define como um homem moderno e de ação, ele afirma:

o simples senso vulgar não ignora que a educação sentimental cria o desafeto à iniciativa, aos contratempos e necessidades dos negócios, aos esforços e decisões de todos os instantes que as profissões usuais exigem, principalmente quando exercidas à moderna, ante rotineiramente. A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo³.

Depois de filiar o projeto saudosista a um comportamento imobilista e ultrapassado, que conduziria apenas ao bacharelismo, e de criticar as idéias de seu antagonista expostas em

¹ PASCOAES, mai. 1914, p.129.

² PASCOAES, mai. 1914, p.130.

³ SÉRGIO, 1913, p.171.

texto anterior, prática recorrente em uma polêmica, ele reafirma o caráter “fantástico” e irreal das idéias saudosistas: “A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre história, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha: - sonhos maravilhosos de criancinha...”¹. E é esse sonhador que mais uma vez é duramente criticado, através da citação do evangelho segundo João: “Ah, meu poeta, só agora compreendo o Evangelho de S. João: << No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus!>> E Deus transmitiu (certamente) aos Arcanjos as suas propriedades de Verbo! Agora sim, meu amigo, que me vejo obrigado a dar homem por mim!”² E assim Sérgio se expressa, a fim de convencer os leitores a quem se dirige, de que o projeto da saudade não passaria de uma verborragia espiritual, e que o disseminador dessas idéias, que ele considera fantasiosas e ultrapassadas, seria um louco acreditando ser um Arcanjo anunciador da boa nova; enquanto ele, um simples homem, mortal, teria como solução apenas, tendo em mãos a sua “espada de pau”, enfiá-la “dentro do saco”, como afirma com grande ironia e sarcasmo.

Sérgio começou a polêmica e tentou terminá-la, mas quem põe fim ao embate é Pascoaes. Em “Mais palavras ao homem da espada de pau”, o poeta critica o que define como “bisbilhotice intelectual” de seu antagonista:

A página tal, diz F., e Cicrano, na obra supra cit. Diz isto e aquilo, Vid. Bibliografia, e, sobretudo, a obra de Beltrano, na sua edição de Londres, ano de 1605, etc., etc. – nada disso me interessa. A mim, o que me interessa, é o meu pensamento, embora humilde e obscuro. Creio que está nas minhas obras(em cuja 2ª edição corrigida trabalho atualmente) melhor ou pior expresso³.

Ele afirma ser um ignorante que se põe diante de um sábio; pede perdão à ciência, mas proclama a superioridade da poesia sobre ela e afirma que a educação sentimental, aliada à prática, seria a grande chave para a solução dos problemas “morais” de Portugal: “A

¹ SÉRGIO, mai. 1914, p.171.

² SÉRGIO, mai. 1914, p.175.

³ PASCOAES, jul. 1914, p.1.

educação tem de ser sentimental e prática, preparando o homem a viver pela alma uma vida superior e, ao mesmo tempo, de trabalho fecundo e livre. O homem é carne e osso, sentimento e inteligência”¹. Ele ainda rebate várias idéias do ensaísta e termina a polêmica, de maneira enfática e decidida: “(...) se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os meses mais próximos”².

É claro, nesse momento, o esgotamento natural desse embate entre dois importantes intelectuais lusitanos acerca do Saudosismo. Já antes mesmo desse texto final, era possível detectar o fato de que as idéias principais que foram expostas por Antônio Sérgio em seu artigo inicial já haviam sido abandonadas há muito nesse debate.

O ensaísta buscou, através de sua argumentação estruturada sobre uma base racional, combater e desmoralizar seu oponente através da atribuição de inúmeras qualidades “negativas” a esse antagonista: dizer que ele é um “sonhador”, uma “criança”, um “fantasista”, uma “pitonisa”, como se ele fosse um mago ou sacerdote de uma religião nova e digna de risos; qualificá-lo, também, como um arcanjo, são algumas das formas encontradas por Sérgio (dentre inúmeras outras características que atribui ao poeta) para provar aos leitores a irracionalidade desse projeto que acredita ter sua fundação calcada em um terreno muito frágil e ilusório.

Além disso, vincular o projeto saudosista exclusivamente ao passado, sem atentar para a idéia de Pascoaes de partir da tradição em direção a um novo tempo, é outra estratégia usada pelo ensaísta na tentativa de desqualificar aquele programa de renascimento nacional que se apresentou nas páginas da 2^a série de *A Águia*. O discurso da

¹ PASCOAES, jul. 1914, p.5.

² PASCOAES, jul. 1914, p.5.

razão, do saber legitimado nos livros e da objetividade é o grande trunfo do autor dos *Ensaio*s em relação a seu antagonista. Essa tendência do escritor anti-saudosista é explicitada inúmeras vezes dentro da polêmica, como se pode observar no trecho destacado que transcrevemos em seguida:

Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos, e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade, - o horror do novo, o ódio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do dever. Para o velho, só merecem estimação as coisas do seu tempo(...)¹.

Negar o passado - proposta que aparece claramente no texto em que o autor dos *Ensaio*s filia-se a Antero e cita trecho das famosas “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares” - seria um pressuposto fundamental, segundo Sérgio, em qualquer projeto que se pretendesse vinculado às “tendências contemporâneas” que, segundo ele, conduziriam para a novidade e para a práxis: “O pensar do nosso tempo concebe essencialmente a vida como uma marcha para o novo”².

A saudade com letra minúscula, relacionada apenas ao sentimento, não sendo exclusiva dos portugueses, não mereceria a atenção atribuída a ela pelos intelectuais que a defendiam. E essa e outras idéias expostas nos artigos desse embate acabam inviabilizando um real debate de idéias entre esses dois importantes intelectuais lusitanos. Não há como convencer seu oponente, pois os discursos expressos por eles são absolutamente contrários e essa impossibilidade já havia sido destacada por este defensor do racionalismo, em “Regeneração e Tradição, Moral e Educação”:

Mas a diferença (o seu artigo mo demonstra) é maior ainda e mais profunda. Não somos dois homens muito diferentes: somos substâncias incomunicáveis; somos, pelo menos, duas espécies diversíssimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe. – Você é o rouxinol e eu o peixe”³.

¹ SÉRGIO, out. 1913, p.99.

² SÉRGIO, out. 1913, p.99.

³ SÉRGIO, jan. 1914, p.2.

Sérgio destaca aqui essa impossibilidade¹ de comunicação e afirma ser também um homem que acredita na civilização e na regeneração nacional, mas não chega a apresentar, dentro dessas discussões, nenhum projeto concreto de reestruturação da pátria lusitana.

A Saudade com letra maiúscula é outra bem diversa da expressa por Sérgio em seus artigos. Enquanto o ensaísta busca exemplos na Europa culta, citando obras que discutem a superioridade dos anglo-saxões em relação aos outros povos, o poeta de *Maranus* combate o estrangeirismo. Defende a alma nacional, a educação nacional e crê na literatura como uma forma de reorganização da pátria, já que o problema maior detectado por ele em seu país seria de caráter moral. Ele desvincula a situação do país, que define como caótica, da realidade econômica, social e política de Portugal.

Pascoaes estava filiado a uma tradição que foi traçada por Eduardo Lourenço em “Da Literatura como Interpretação de Portugal”. Nesse texto, Lourenço afirma que, a partir do momento em que ocorreu a conversão da terra paterna em Nação (a partir da “Grande Revolução da burguesia e do terceiro estado francês”), ocorreu uma grande mudança na concepção da pátria e que:

Cada escritor consciente da nova era escreverá, como Fichte, o seu *peçoal discurso à sua nação*², cada um se sentirá profeta ou mesmo messias de destinos pátrios, vividos e concebidos como revelação, manifestação culto das respectivas *almas nacionais*³.

A mudança na relação do homem com o destino de sua pátria teria percorrido, segundo Lourenço, a história da Literatura Portuguesa de Garrett a Fernando Pessoa, passando assim pelo saudosismo de Teixeira de Pascoaes.

¹ Paulo Motta Oliveira afirma, acerca dessa questão, que “mais do que um diálogo teremos aqui duas vozes que, solitariamente, vão expressar seus pontos de vista, sem que de fato nenhum dos dois chegue a alterar substancialmente suas concepções com as críticas feitas pelo outro”. OLIVEIRA, 1995, p.245.

² Grifos do autor.

³ LOURENÇO, 1982, p.88.

Pascoaes estava, naquele momento, imbuído desse sentimento de amor à pátria e carregado de um pensamento utópico. Entendendo, neste trabalho, a utopia “como energia ou potencialidade subjetiva”¹, como energia motivacional a caminho de uma mudança futura, percebe-se que os saudosistas acreditavam na força das idéias e na construção de uma nova realidade e de uma jornada de revisitação do passado, através de um projeto que seria encabeçado pelos escritores, e que pretendia a construção de um futuro melhor para a nação. E esse tempo que há de vir, que estaria, segundo afirmou Antônio Sérgio, desvinculado do projeto saudosista, aparece muitas vezes ligado a esse programa nacional defendido nas páginas da segunda série do periódico portuense.

O Futuro, que já era matéria em outros textos de Pascoaes presentes em *A Águia*, e já citados anteriormente nesse trabalho, aparece filiado ao passado de forma bastante coerente que apontaria para uma tendência de vanguarda: o papel da tradição² como elemento fundamental para a construção desse tempo vindouro. Ele que definira o momento atual como caótico e genésico, ao mesmo tempo, e definiu a saudade em termos tão paradoxais como os relacionados ao momento histórico porque passava seu país, acreditava também, como destacamos anteriormente, nas “almas” eleitas, ou seja, nos poetas, como espécies de mensageiros da esperança; reafirmava crer na saudade que: “trabalhada pelas almas eleitas, se tornará Razão superior da nossa Pátria, a sua grandeza futura, - grandeza moral, pelo menos”. O caos existia, mas a grandeza moral, acima da material³ – espiritual e da alma -, superaria, segundo ele, as dificuldades nacionais. A alma, o espírito a que se refere constantemente em seus textos implica, na realidade, a cultura, a

¹ ABDALA JUNIOR, 2003.

² Ver o que T. S. Eliot tem a dizer sobre o papel da tradição na construção da obra literária. ELIOT, 1989, p.39.

³ “Por maior que seja o ruído da Matéria, a Humanidade não pode deixar de ouvir a voz da Alma; tal fato seria o suicídio”. PASCOAES, out.1913, p.108.

literatura, ou ainda mais especificamente, a poesia portuguesa. Essa sim, considerada por ele o elemento superior da nação e o índice real do sonhado gênese lusitano.

2.3.3. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” e o Saudosismo

Terminada, mas obviamente não esgotada, a análise dessa famosa polêmica, vamos retroceder um pouco no tempo, e passaremos a avaliar um texto já bastante comentado e discutido pela crítica literária em geral. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” é um artigo fundamental publicado em um dos primeiros exemplares da segunda série de *A Águia* e representa a entrada oficial de Fernando Pessoa no mundo das letras¹. Buscaremos, aqui, apontar as semelhanças e diferenças entre o discurso do poeta de *Mensagem* e o Saudosismo expresso nessa publicação originária do Porto.

Para tanto, recorreremos à análise já realizada nesse trabalho de dois dos mais importantes artigos publicados e assinados por Teixeira de Pascoaes neste periódico: “Renascença” e “Renascença (o espírito de nossa raça)” e também à própria polêmica entre o ensaísta e o poeta de *regresso ao Paraíso*. Como afirma Paulo Motta Oliveira:

Quando Pessoa publica em *A Águia* seus artigos sobre o aspecto sociológico da nova poesia portuguesa, nos meses de abril e maio, já haviam sido publicados, nos números de janeiro e fevereiro, dois textos fundamentais de Pascoaes: o “Renascença” no primeiro e o “Renascença (o espírito de nossa raça)” no segundo. Como, certamente, Pessoa teve acesso a estes textos antes de publicar os seus, julgo que só poderemos verificar as especificidades do pensamento pessoano, se o confrontarmos com estes dois textos de Pascoaes já anteriormente publicados².

Na “Nova Poesia Portuguesa”, o poeta da heteronímia propõe-se a analisar a literatura portuguesa a partir dos seus aspectos sociológicos³. Para isso, ele apresenta como

¹ “Os artigos sobre a ‘Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente e Psicologicamente considerada’ são a sua efetiva estréia oficial nas letras portuguesas”. GALHOZ, 2005, p.18.

² OLIVEIRA, 1998, p.1159.

³ “E se a literatura é fatalmente a expressão do estado social de um período político(...) dentro da literatura, o gênero literário que mais de perto cinge e mais transparentemente cobre o sentimento e a idéia expressos – e esse gênero literário é a poesia”. PESSOA, abr. 1912, p.102. Acrescentamos, porém, que a literatura não é

base deste estudo uma comparação entre a história literária e política da França e da Inglaterra, de forma a provar a seus leitores, através de um raciocínio minuciosamente elaborado, que os períodos de maior importância das literaturas das citadas nações estariam diretamente relacionadas ao grau de nacionalismo destes países num determinado momento da história. Ou seja, quanto mais nacional fosse uma literatura, maior ela seria e, portanto, maior seria sua influência no que ele define como “movimento civilizacional”.

Essa influência na civilização deveria ser considerada, segundo afirma, mais importante até que a superioridade econômica ou bélica de um país, e se daria através da criação de “*novos moldes, novas idéias gerais*”¹: “Por vitalidade de uma nação não se pode entender nem a sua força militar, nem a sua prosperidade comercial, coisas secundárias e por assim dizer físicas nas nações”². Nem mesmo a ciência, por ele considerada um gesto mecânico e, por isso, inferior, teria vez frente à superioridade da poesia, gênero que, por excelência, seria reflexo de estado social de uma determinada época. A avaliação feita por Pessoa, da literatura, no ensaio publicado em 1912, leva em consideração o grau de *nacionalismo* presente/patente na poesia.

Em vista disso e da análise das literaturas francesa e inglesa e da sua grandeza nos momentos de verdadeiro “*espírito nacional patente e dominante*, absorvendo e eliminando qualquer influência estrangeira que haja”³, Pessoa conduz seu leitor, “matematicamente”, a pensar a produção literária lusitana.

Segundo o poeta de *Mensagem*, o fato de o movimento poético português ser, naquele momento, “*absolutamente nacional*”, o fato de conter em seu interior

apenas a expressão de um estado social de um país, o que parece ser uma das teses do poeta presentes nesse texto.

¹ PESSOA, abr. 1912, p.102. (itálico do autor)

² PESSOA, abr. 1912, p.102.

³ PESSOA, abr. 1912, p.105.

“individualidades de vincado valor”, ligado ao fato de que esse “movimento” se dava em Portugal em um período de “pobre e deprimida vida social”, seriam os indícios de que “Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinária, um ressurgimento assombroso”¹.

Como ele mesmo afirma, essa conclusão parece “um lúcido sonho de louco”². Ela beira a loucura, mas paradoxalmente é expressa de forma tão lúcida – tendo em conta a construção matemática de seu raciocínio - que beira o escândalo, como afirma Maria Aliete Galhoz, na introdução à *Obra Poética* de Fernando Pessoa. Mas esta conclusão do artigo só é possível de ser compreendida dentro da relação que esse poeta estabeleceu com os homens da Renascença Portuguesa e da 2ª série de *A Águia*. É inevitável a aproximação desse texto com o projeto do Saudosismo que já havia sido enunciado por Pascoaes páginas desta revista. Sobre “A Nova Poesia Portuguesa”, Galhoz afirma que Pessoa escreve esse texto tendo conhecimento do projeto nacional expresso pelos homens da *Renascença*:

(...) não podia deixar de se sentir atraído pela simbologia de uma Universidade Livre, pela especulação doutrinária de Leonardo Coimbra, pelas promessas do saudosismo lírico de Teixeira de Pascoaes. Fernando Pessoa admirou a Renascença Portuguesa como, àquele tempo, a tentativa mais séria – como um programa, uma persistência, uma quase coesão; e que tentação, tudo isso, para o seu pecado menor de grandes planos lançados no papel! – para elevar a cultura nacional do logro de uma fácil mediocridade com que se contentava³.

Uma vez que fica já definida a existência dessa aproximação, passaremos a analisar o ponto de vista de Pascoaes e a confrontá-lo com o de Pessoa neste seu artigo sobre o movimento poético lusitano.

Em primeiro lugar notamos que em seu artigo Pessoa não toca no tema da saudade – elemento fundamental do projeto nacional que se apresenta no texto inaugural da revista portuense – nem toca na questão do passado lusitano no sentido tratado seja por Pascoaes –

¹ PESSOA, abr. 1912, p.107.

² PESSOA, abr. 1912, p.107.

³ GALHOZ, 2005, p.17.

como momento que deve ser revisitado visando o futuro da pátria -, seja na forma tratada por Sérgio na polêmica que analisamos anteriormente – filiada à idéia expressa pela geração de 70.

Além disso, o poeta abre seu ensaio criticando a subjetividade das idéias do movimento poético que surgia:

Urge que – pondo de parte misticismos de pensamento e de expressão, úteis apenas para despertar pelo ridículo, que a sua obscuridade para os profanos causa o interesse alegre do inimigo social – com raciocínios e cingentes análises se penetre na compreensão do atual movimento poético português, se pergunte à alma nacional nele espelhada¹.

Deixar de lado o que ele define como “misticismo de pensamento e expressão” seria deixar de lado o aspecto espiritual do programa Saudosista. Ele proclama a necessidade de explicar o movimento literário através da lógica. É interessante notar aqui que também Antônio Sérgio criticou inúmeras vezes, na posterior polêmica que se instaurou no ano de 1913, esse aspecto “fantasioso”, subjetivo e espiritual (“Arcanjo”) do projeto capitaneado por Teixeira Pascoaes. O poeta de *Regresso ao Paraíso* ficaria restrito ao espaço espiritual e intuitivo.

Quando Pessoa clama por essa objetividade ele o faz tentando remediar o problema da incorreta interpretação da literatura, que lhe era *contemporânea*, por parte do público em geral: “O movimento literário representativo da nascente geração portuguesa tem sido feito pela opinião pública o favor de não o compreender”. Este poeta afirma que o “misticismo de pensamento e expressão”² servia apenas ao interesse de “profanos” – que ele já definira como possuidores de uma “pseudo-alma” nacional – que usariam esse argumento a fim de ridicularizar o movimento poético. Mais tarde, Sérgio usa a idéia de

¹ PESSOA, abr. 1912, p.101.

² PESSOA. Abr. 1912, p.101.

subjetivismo do programa Saudosista para desqualificar o discurso desse projeto, na polêmica com Pascoaes, e chega a ridicularizar também trecho do artigo sobre “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”. Em “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, ele afirma, em resposta a seu antagonista no embate já descrito:

Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu quem lhe preveu o caimento – para breve (muito breve!) – quando aparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!¹

Sérgio, parodiando o texto de Pessoa, usa esse “Super-Dito” em óbvia relação com o profético vaticínio pessoano que previa o surgimento do “Supra-Camões” no artigo citado.

Tanto Pessoa quanto Pascoaes acreditavam na grandeza do momento “atual” da literatura – movimento poético – pois sabiam que a situação política e social do país não era favorável a um crescimento econômico ou melhoria na pátria. Tanto para Pascoaes quanto para Pessoa, esses problemas “reais” da nação apareciam como forças secundárias. Para ambos o momento era genésico – Portugal estava “fadado”², no sentido de destinado, a um renascimento.

Tudo isto foi criado como forma de combater uma descrença no país; foi como um tipo de reação ao século XIX, definido por Eduardo Lourenço, em “Psicanálise Mítica do Destino Português”, como um: “século de existência nacional traumatizada”³:

o fim do século XIX, por reação ao criticismo devastador e impotente da década de Setenta, mas também como resposta à agressão do monstro civilizado (Inglaterra) verá eclodir a mais nefasta flor do amor pátrio, a do misticismo nacionalista, fuga estelar a um encontro com a nossa autêntica realidade, mas ao mesmo tempo, expressão profunda sob a forma invertida, de uma carência absoluta que é necessário compensar desse modo⁴.

¹ SÉRGIO, 1913, p.7.

² Pessoa usa exatamente esta palavra para falar da pátria.

³ LOURENÇO, 1982, p.27.

⁴ LOURENÇO, 1982, p.28.

Mas é muito importante salientar que essa renascença, essa fuga compensatória do traumatismo sofrido - a que se refere Lourenço - para eles, seria possível no campo da arte, da “elevação de espíritos” – da literatura, mais especificamente; numa espécie de nova navegação, uma navegação das idéias.

Como afirma Paulo Motta Oliveira, essas novas navegações fariam parte de um “*topos*”¹ recorrente na revista *A Águia*. Em seu artigo², Oliveira busca rastrear a presença, na revista originária do Porto, dessa: “esperança de retomada das caravelas, em uma missão em busca de uma *Índia sem fim* ou das *certezas celestes*”³, o que, segundo ele, seria recorrentes em alguns textos/poemas de Augusto Casimiro e Jaime Cortesão, também defensores do Saudosismo, na 2ª série do periódico portuense. Essa imagem, que se apresenta em textos destes intelectuais, será adotada pelo poeta de *Mensagem*, no fim do texto⁴ publicado neste mensário: “É justamente essa imagem de uma *nova navegação* capitaneada por poetas, em busca de uma *Índia* que não está no globo, que será incorporada por Pessoa no final de seu artigo”⁵.

É esta crença na poesia, nas navegações em busca das “idéias” e não mais de terras a serem colonizadas, que fez com que Pascoaes e Pessoa acreditassem no futuro glorioso que caberia a Portugal.

¹ Sobre esse “topos”, a que nos referimos, nos deteremos mais ao analisar – em item posterior - a poesia de temática saudosista publicada na 2ª série de *A Águia*.

² OLIVEIRA, 1998, p.1157-1167.

³ OLIVEIRA, 1998, p.1164.

⁴ Oliveira afirma sobre Pessoa: “Se aqui vê nos poetas os construtores do grande destino que cabe ao país, no último parágrafo de seu texto acaba por reproduzir, em seus termos, a imagem que insistentemente percorreu os textos de Cortesão e Casimiro: ‘E a nossa Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço real, em que naus são construídas << daquilo de que os sonhos são feitos>>’”. OLIVEIRA, 1998, p.1166.

⁵ OLIVEIRA, 1998, p.1166.

E nesse processo de aproximação entre Pessoa e o Saudosismo, é importante que façamos algumas reflexões. Muitos críticos tendem a ler a aproximação desse poeta com o Saudosismo como um indicador de inexperiência ou um equívoco do escritor. Paulo Motta Oliveira prova em seu artigo “Fernando Pessoa e o Saudosismo: A *Nova Poesia Portuguesa* em *A Águia*”, que, na realidade, este poeta acaba por incorporar em sua poesia alguns dos tópicos presentes no discurso dos principais idealizadores desse movimento de regeneração nacional, que foi divulgado nas páginas da 2ª série de *A Águia*.

(...)não podemos considerar nem esta participação como um equívoco, nem que Pessoa forneceu ao Saudosismo *o programa que lhe faltava*. De fato, ao aproximar-se do Saudosismo, Pessoa acabou por incorporar elementos que marcariam a forma como a partir de então analisaria o destino de Portugal¹.

Oliveira afirma que houve, na realidade, uma interferência mútua entre os Saudosistas – não somente Teixeira de Pascoaes – e Fernando Pessoa o que acaba culminando, anos depois, na publicação de *Mensagem*².

¹ OLIVEIRA, 1998, 1166.

² A relação entre *Mensagem* e o Saudosismo e *A Águia* não foi ainda realizado e, na realidade, escapa muito de nossos objetivos com esse trabalho. Mas são inegáveis as semelhanças entre esse programa nacional e as idéias expressas por Pessoa nos poemas que trazem a seguinte mensagem final: “É a hora!”; expressão que inclusive fora usada por Augusto Casimiro publicado na revista portuense. “A Hora da Prece”, traz a “Terra de Portugal” em meio ao *topos* da navegação, e traz a mesma frase no final do primeiro verso da terceira estrofe desse soneto: “É a hora”. Ainda sobre essas relações possíveis entre Pessoa e Saudosismo, ler OLIVEIRA, 1998.

2.4. A Literatura

2.4.1 Introdução

A 2ª série da revista *A Águia* tinha como objetivo, como já dissemos anteriormente, ser um órgão de divulgação das idéias do Grupo da “Renascença Portuguesa”. Editavam-se, nessa publicação, artigos e ensaios sobre temáticas variadas – arte, ciência, filosofia, crítica social – e, principalmente, textos literários que se dividiam, quase sempre, entre a prosa e a poesia, com predomínio dessa última forma de composição escrita.

O mensário portuense contava com um número bastante grande e variado de colaboradores. Dentre os principais intelectuais que publicaram textos literários na revista figuravam os nomes de: Mário Beirão, Augusto Casimiro, Teixeira de Pascoaes, António Sérgio e Jaime Cortesão, sendo que estes três últimos editaram, na revista, mais artigos e ensaios, que poesia ou prosa, propriamente ditos.

Além de autores portugueses – que eram, certamente, a maioria dentro da 2ª série - havia textos de alguns escritores estrangeiros nessa publicação. Os brasileiros Carlos Maul e Ronald de Carvalho figuravam, por exemplo, entre os principais colaboradores do periódico portuense que contou, ainda, com vários outros textos literários e artigos de intelectuais do Brasil, como Coelho Neto, Lima Barreto, Vicente de Carvalho, Gonzaga Duque e Homero Prates, dentre outros. Além desses nomes *estrangeiros*, havia a colaboração, bastante freqüente, do francês Philéas Lebesgue, que escreveu artigos sobre o Saudosismo e outros temas, além de publicar várias poesias na revista.

Como afirma Clara Rocha em *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, *A Águia* teria tentado “conciliar a abertura ao estrangeiro com valores nacionais”¹, mas situando-se no que ela define como uma “linha de nacionalidade”, característica comum a

¹ ROCHA, 1985, p.236.

algumas das publicações periódicas do século XX em Portugal. Segundo Rocha, esse periódico se inseriria numa ala da “tradição portuguesa”¹, por ter abrigado em suas páginas o Saudosismo que, segundo ela “têm a ver com a busca duma identidade nacional a partir da conscientização de mitos próprios do nosso sentir coletivo (a Saudade, o Sebastianismo)”² e por publicar textos literários que teriam como temática bastante recorrente essa definição acerca da nacionalidade lusitana.

Mas esse caráter de nacionalismo seria apenas um dos pólos que definiriam a produção literária do século passado, pois, como afirma a autora desse estudo sobre revistas literárias:

desde os começos do século XX a literatura portuguesa oscilou continuamente entre os modelos de importação externa mais vanguardistas – Modernismo, Neo-Realismo, Surrealismo, Existencialismo, Experimentalismo, etc. – e os modelos internos de raiz tradicional³.

Rocha explicita quais seriam as chamadas correntes da tradição, ou seja: a “herança simbolista e decadentista, o lirismo sentimental neo-romântico, o Saudosismo e o Nacionalismo”⁴; para ela, a literatura portuguesa, de 1900 até o surgimento da revista *Orpheu*, estaria dominada pelo signo da “Saudade”, da qual os modernistas teriam buscado se libertar. Essa leitura da literatura portuguesa, porém, apresenta alguns problemas relacionados, exatamente, a essa tentativa de delimitação temporal e, mesmo classificatória, apresentada pela autora em seu estudo.

A literatura portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX apresenta, certamente, muitos resquícios do simbolismo-decadentismo e de um insurgente neo-romantismo que teria o nacionalismo como uma característica comum aos escritos neo-

¹ ROCHA, 1985, p.229.

² ROCHA, 1985, p.230.

³ ROCHA, 1985, p.237.

⁴ ROCHA, 1985, p.243.

românticos, como afirma José Carlos Seabra Pereira¹. Mas é importante salientar que o nacionalismo, por si só, não constitui uma atitude estético-literária independente, como parece afirmar Clara Rocha, quando coloca lado a lado alguns “modelos literários” e a própria exaltação do sentimento nacional no mesmo plano semântico.

Partindo de uma atitude crítica mais acertada, Seabra Pereira, em introdução ao estudo do *neo-romantismo* na literatura portuguesa afirma:

Não pressuporei uma perfeita homogeneidade de cada período, mas antes a prevalência de um determinado estilo epocal (no nosso caso o neo-romantismo) sobre outros em fase de declínio decisivo, ou de apagamento temporário e conducente a metamorfoses (no nosso caso, o realismo e o naturalismo, por um lado e o decadentismo e o simbolismo, por outro) ou sobre outros ainda numa fase de formação e de maturação em setores restritos (no nosso caso o modernismo de *Orpheu*).

Ou seja, ao analisar a produção literária de uma revista como *A Águia*, que não trazia como programa de grupo, de *per se*, o surgimento de nenhuma estética de caráter artístico - mas sim um programa de renascimento nacional através de projetos pedagógico-culturais desenvolvidos pela sociedade que a criou – é preciso levar em conta a existência de uma convivência entre esses vários “estilos epocais”, como definiu Pereira em estudo citado.

Por essa razão, lemos nas páginas dessa revista textos de literatura que correspondem a todas essas correntes descritas por Seabra Pereira em seu estudo.

2.4.2 Aspectos gerais da literatura

Como dissemos na introdução desse estudo, a literatura publicada nessa revista seria um reflexo das correntes que conviviam, simultaneamente, nas primeiras décadas do século XX em Portugal. Além disso, era um reflexo, também, da diversidade e variedade no

¹ SEABRA, 1983, p.

número de colaboradores que tinham seus textos publicados nesse periódico dirigido pelo poeta Teixeira de Pascoaes.

Analisando a produção literária da revista – poesia e prosa - é possível perceber que há a predominância de algumas temáticas que aparecem como pano de fundo de grande parte da literatura publicada na 2ª série.

A presença constante de textos que lidam com tópicos como: o vago; o outono, sendo tomado como uma estação intermediária ou crepuscular; o mistério; o estado de vigília; imagens do fim da tarde ou da noite; de fantasmas, seres espectrais, além de espaços e objetos que se desenham nos textos perante a falta, quase total, de contornos bem definidos, são alguns dos elementos que constituem a grande maioria¹ das produções artísticas, escritas, desse periódico. Alguns exemplos dessas temáticas podem ser encontrados em poesias de Mário Beirão, como em seu poema “O Vago”: “O Vago é o para além do que somos!²”; em Teixeira de Pascoaes, em “A Dor e o céu”: “vago azul fantástico e sem fim/ A sombra da futura Criação...”³; em Matheus de Albuquerque, como em “Canto do Outono”: “Eu te amo, ó doloroso outono, como nunca/ Foste amado, tu que possuis da morte adunca/ Belo amigo, a revelação”⁴; e, também, na prosa poética de Leonardo Coimbra, em “Uma fala de espíritos”: “Noite espectral. Fantasmas de luar rondam na serenidade do Silêncio. A lua entornou-se e escorre sobre a terra em um branco mel suave d’açucenas”⁵. Mesmo Pessoa, em seu texto “Na Floresta do Alheamento”⁶, apresenta várias

¹ De maneira geral, essas são as temáticas mais recorrentes na 2ª série de *A Águia*. Mas, a temática predominante, especialmente nos três primeiros volumes da revista portuense relacionam-se ao Saudosismo, como veremos em outra parte desse estudo.

² BEIRÃO, jan. 1912, p.4.

³ PASCOAES, jul. 1913, 6-7.

⁴ ALBUQUERQUE, jul. 1916, p.12.

⁵ COIMBRA, jan. 1912, p.15.

⁶ Trecho de *O Livro do Desassossego*, “ainda em preparação”. PESSOA, ago.1913, p.38.

dessas imagens de sonho, nebulosas e vagas e uma indefinição *impressionista*¹ das figuras descritas: “Sei que despertei e ainda durmo”; “De vez em quando pela floresta onde de longe me vejo e sinto um vento lento varre um fumo, e esse fumo é a visão nítida e escura da alcova em que sou atual, destes vagos móveis e reposteiros e do seu torpor de noturna”.

Além desses elementos, há a presença de uma vastíssima edição, na revista, de textos de caráter e linguagem mais espiritual ou religiosa - oscilando entre um panteísmo, definido por uma comunhão entre o homem e a natureza, e uma forte componente cristã. Em “Bênção de Deus”, de Carlos de Oliveira, a imagem construída no poema mostra-se bastante oposta ao ambiente noturno e misterioso dos textos que exemplificaram o tópico anterior. Nesse poema, as imagens de “amanhecendo” ou “Alvorada de Luz” denotam um esplendor de êxtase diante de imagens que se divinizam pela presença de Deus: “E as coisas marmorizam-se um instante/ Em carne de silêncio! Olhai distante:/ -Um chuveiro de luz! Bênção de Deus!²”. Outro exemplo da linguagem religiosa, encontra-se no já citado texto de Leonardo Coimbra, “Uma fala de Espíritos”. O narrador descreve o surgimento de uma figura: um “Cristo-Prometeu”,³ que seria uma síntese ideal entre duas divindades formando um novo deus, mais próximo dos homens e mais ciente dos sofrimentos humanos.

Em “Padre Nosso”, de António Correia d’Oliveira, a oração do eu lírico dirige-se ao Deus- Sol: em “Venha a nós teu claro Reino”: “Ó belo Sol padre-nosso / Nosso exemplo, nosso Irmão”; esse sol ilumina, de maneira igualitária, a todos os seres vivos da terra.

¹ “O poeta, colocado perante o contorno físico, não o pinta, com cuidado realista, antes exprime o que vai dentro de si”. SEABRA PEREIRA, 1975, p.347.

² OLIVEIRA, nov.1912, p.157.

³ COIMBRA, jan. 1912, p.15.

Outro tema que permite aproximar vários textos publicados na revista seria a predominância de um olhar voltado para os mais *simples*, para os trabalhadores rurais e pessoas do povo, denotando, às vezes, uma certa denúncia da condição social de pessoas humildes. Na prosa de “O silêncio do meio-dia”¹, Arthur Ribeiro Lopes descreve a rotina de trabalhadores do campo: “De casaco ao ombro, os trabalhadores arrastam-se, devagar. Os sinos tigem e no ar estremecem três ais de bronze”. E ainda: “Campônios secos e ossudos saltitam, entre as ceroulas abaloadas, por onde as carnes sujas espreitam numa imoralidade dolorosa”. Ao final de seu texto, o narrador pede aos poetas que olhem para esses pobres trabalhadores buscando, assim, desvendar: “na funda nostalgia daqueles olhares, o transcendente martírio da minha raça”. Já o “O Calvário da Tarde”², de Carlos de Oliveira alia a denúncia social a uma forte religiosidade, revelando uma faceta mais cristã da avaliação da situação de um trabalhador humilde. Neste soneto, fala-se de uma tarde em que o crepúsculo é a imagem do calvário: “É a hora do crepúsculo - o calvário”. O sol se põe, erguendo-se aos braços de Deus: “E o sol - cálix de sangue e santuário/ Da agonia da tarde ergue-se a Deus!”, e um cavador que, de enxada ao ombro passa sob a luz crepuscular, vendo o “mal que se aproxima/ Do drama da paixão grita de cima: - Olha o calvário Santo Deus me valha!”. Mário Beirão, em “A epopéia dos Malteses”, traz também a realidade do maltês, trabalhador, que reclama sua dignidade e clama contra a situação de subalternidade do pobre³ homem de condição inferior em oposição ao rico senhor do capital: “Sou fera? Vá, que me domem!/ E vós outros que sereis?! Não sou fera, sou o Homem,/ O escravo firmando leis!/[...] Ricos, prostrai-vos: é a hora!”.

¹ LOPES, abr. 1912, p.112-113.

² OLIVEIRA, out.1912, p. 117.

³ Segundo António Cândido Franco: “Os trabalhadores rurais alentejanos tiveram voz na poesia portuguesa, a primeira vez, em Mário Beirão”. FRANCO, 1996, p.7.

Outro tópico recorrente nas páginas da 2ª série é o da chamada “escrita intimista”, entendida como forma de escrever, representar e constituir o sujeito. Esse intimismo, que começara a se expandir a partir do século XVIII, com a difusão da noção de privacidade¹, como afirma Regina Zilberman em “Crítica”, transformou-se numa importante temática para a literatura² a partir de então.

Dentro da revista *A Águia* há vários exemplos de textos que utilizam esse tópico a que nos referimos anteriormente. O eu lírico de “Elegia d’alma”³, de António Cobeira, poema dedicado a Fernando Pessoa, busca se definir a partir de figuras opostas, fantasmáticas, remontando aos temas descritos no primeiro tópico. Ele se diz: “Cristo e Satan”, “Ironia e Sombra”, “Mefisto e Fausto num só ente”, mostrando a duplicidade do seu ser, mas demonstrando nos versos finais de suas oito quadras, decassílabas, a incerteza de sua substância, que busca se definir sem, no entanto, encontrar todas as respostas: “na liga misteriosa do meu ser”. Em “Ausente”⁴, o eu lírico do poema de Mário Beirão afirma: “Estou longe de mim. Tudo o que fui/ Erra no Tempo”; e em “Ermos”⁵, o eu lírico afirma: “Fujo de mim e vejo-me fantasma”. Narcisio de Azevedo, em “Esfinge”, coloca um eu lírico que se questiona e traz a tona o “Ser ou não ser”, shakespeariano: “A louca sombra de Hamlet vive em mim”; “Falo e não me conheço... Oh dor sem calma!/ Buscando as águas turvas da minh’Alma,/ Eu vi-me transformado numa Esfinge”⁶.

¹ “O século XVII viu expandir-se a noção de privacidade, espaço do eu, da família, do afeto, oposta ao público, lugar do político, âmbito do cidadão”. ZILBERMAN, 1999, p.103.

² Isso não significa, porém, que a temática intimista tenha surgido a partir dessa ampliação da noção de privado. Podemos encontrar algumas manifestações de uma literatura de caráter intimistas, por exemplo, em poemas de Sá de Miranda, do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende – “Comigo me desavim/ Sou posto em todo perigo:/ não posso viver comigo/ nem posso fugir de mim”(*Cancioneiro Geral*); e em Camões: “De que me serve fugir/ de morte, dor e perigo/ Se me eu levo comigo?” (*Lírica*, Camões).

³ COBEIRA, ago. 1912, p.59.

⁴ BEIRÃO, out.1912, p.115.

⁵ BEIRÃO, fev. 1913, p.58.

⁶ AZEVEDO, abr. de 1913, p.127.

Outras temáticas¹, ainda, aparecem, de forma mais esparsa, nas páginas da revista. De maneira geral, porém, os tópicos selecionados constituem grande parte dos textos literários publicados na 2ª série de *A Águia*.

¹ Nosso objetivo, com essa tese, não é, certamente, avaliar toda a produção literária das revistas analisadas. Pretendemos, com esse breve estudo, levantar alguns aspectos dos textos literários das revistas, a fim de estabelecer alguns parâmetros para uma análise comparativa do formato e proposta das revistas diante da literatura, da cultura e da reconstrução nacional.

2.4.3. O Saudosismo em Perspectiva

2.4.3.1. Linhas introdutórias

O tópico que se torna recorrente na revista e que nos interessa mais de perto é o do Saudosismo. Segundo Jacinto do Prado Coelho:

“O saudosismo não constitui propriamente uma escola literária. Uma escola tem um manifesto e um programa definido. Pascoaes fez manifestos patrióticos, digamos filosóficos, mas não propriamente literários”¹.

Mas José Carlos Seabra Pereira² discorda, de certa maneira³, dessa idéia. Para Seabra, o saudosismo seria, na verdade, uma das três correntes que fariam parte daquilo que ele definiu como Neo-romantismo⁴ na poesia portuguesa. O neo-romantismo saudosista⁵ polarizar-se-ia num núcleo bem definido: “Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, o movimento da Renascença Portuguesa, suas edições e seu órgão, *A Águia*”⁶ e se definiria por uma:

¹ COELHO, 1999, p.153.

² Segundo José Carlos SEABRA, Jacinto do Prado Coelho teria utilizado a expressão neo-romantismo, em alguns estudos, mas teria parado de utilizar essa terminologia para definir o saudosismo ou a poesia da revista *A Águia*, a partir dos anos 60. SEABRA, 1999, p.70.

³ Seabra não discute a inexistência de manifestos literários escritos pelos neo-românticos.

⁴ “Impondo-se como dominante ao arripio da modernidade incubada no Decadentismo e no Simbolismo, e procedendo a um envolvimento displicente ou ao soterramento adversarial da erupção modernista, o Neo-Romantismo domina o primeiro quartel do século XX e vive uma condição singular. Detém uma hegemonia incontestável sobre um período de entre dois a três decênios da literatura portuguesa, mas ganha um caráter fixado hoje pela história literária como intervalar: dinâmica reversiva em relação aos esteticismos finisseculares, pólo negativo da provocação modernista, legado subalterno na síntese presencista”. SEABRA, 1999, p.207.

⁵ Nosso objetivo não é, aqui nesse estudo, verificar a validade das características do neo-romantismo saudosista expressos por Seabra em sua tese. Pretendemos, apenas, apontar para os estudos acerca do saudosismo e da literatura nas páginas de *A Águia*.

⁶ SEABRA, 1983, p.851.

“interrogação metafísica – a inquietude espiritual enquanto atitude afirmativa, despida já do caráter agônico que revestira na crise finissecular. (...) A dimensão metafísica é inerente à poesia e à literatura que esta corrente neo-romântica pode ter por válida”¹.

Já Eduardo Lourenço², em “Da Literatura como Interpretação de Portugal”, não pensa o saudosismo em termos de estilo literário como o faz Seabra; mas sim, em termos de uma superação do ressentimento cultural decorrente da interpretação negativa da imagem de Portugal nos fins do século XIX. E essa análise do saudosismo passa, portanto, pela leitura exclusiva da contribuição de Pascoaes a esse projeto, sem a realização de uma leitura da poesia produzida e divulgada nas páginas da revista *A Águia* por outros colaboradores desse periódico.

O objetivo desse estudo, no entanto, não é verificar toda a crítica sobre o Saudosismo dentro da história da literatura portuguesa, mas apenas demonstrar, com os três pontos de vista citados, que essa temática é bastante propensa a interpretações que partem de perspectivas literárias, religiosas e, também, filosóficas – o que torna o trabalho com essa matéria, bastante delicado e complexo.

O movimento saudosista, dentro da revista *A Águia*, encontra-se concentrado nos 3 primeiros volumes³ dessa publicação. Segundo Paulo Motta Oliveira:

Os três primeiros volumes da segunda série desta revista indicam claramente que, neste primeiro momento, o *Saudosismo* se constitui na mais importante e recorrente forma de interpretação da realidade portuguesa, visto que a maioria dos textos que se referem a Portugal está sob égide ao menos de algumas premissas desse movimento, e que as outras formas de analisar o país são nitidamente minoritárias⁴.

¹ SEABRA, 1983, p.858.

² “Teixeira de Pascoaes subtrairá a mesma *pátria* à *História*, enquanto aventura guerreira e política, passada ou próxima, para a instalar definitivamente no seu ser ideal que é simultaneamente a transmutação idealizante e idealista mais genial que o tema *pátria* acaso inspirou”. LOURENÇO, 1988, p.107.

³ Os três primeiros volumes da revista correspondem a: Janeiro de 1912 a Dezembro de 1913.

⁴ OLIVEIRA, 1995, p.81.

Nesta seção serão analisadas algumas poesias, publicadas nesses primeiros volumes, que apresentavam tópicos do pensamento saudosista que foram expressos em artigos dessa revista.

2.4.3.2. Poemas de temática saudosista

Analisaremos, a seguir, os cinco poemas que aparecem relacionados abaixo:

VOLUME I

“O Poeta e a Nau”, Augusto Casimiro;

“Regendo a Sinfonia da Tarde”, Cortesão;

VOLUME II

“Versos de Aleluia”, Augusto Casimiro;

“A Primeira Nau”, Augusto Casimiro;

VOLUME III

“Rezando Oitavas”, Mário Beirão.

Augusto Casimiro¹ foi um dos principais colaboradores da 2ª série de *A Águia*, e, principalmente, um importante nome do lirismo português da primeira metade do século XX².

Em “O poeta e a nau”, primeiro texto literário publicado por Casimiro na revista portuense, o eu lírico parte de uma imagem tipicamente relacionada ao campo imagístico

¹ Augusto Casimiro nasceu em Amarante, em Portugal (n.1889 - m.1967).

² SEABRA, 2001, p. 7-40.

da poesia lírica simbolista e decadentista¹, representada por uma nau desgovernada que segue, errante, pelo mar. A dureza do oceano “chão” é indicativa das dificuldades desta navegação e o céu fundido em elemento cinzento, escuro e sólido reforça a idéia de uma difícil incursão marítima e, até mesmo, aérea². As velas, mortas, não têm em seu auxílio o “vento galerno”, brando, que é aqui utilizado pelo sujeito poético em explícita referência intertextual a um dos versos do Canto II, de *Os Lusíadas*³. A nau é representada metonimicamente por seus componentes, aos quais são atribuídas condições concernentes, em geral, aos seres vivos - por isso as velas “mortas”, o “cansaço” do convés e o apontar inútil do mastro em direção aos céus. Do primeiro para o segundo verso da segunda estrofe, o eu lírico indica não saber exatamente qual o motivo de tamanho desalento e oscila entre o “cansaço”, o destino ou, alguma “maldição do inferno”. A grandeza do mastro que aponta para o céu contrasta com a insignificância da imagem dessa embarcação em total desamparo.

O verso isolado, na seqüência das duas primeiras estrofes, parece uma conclusão através da qual se buscaria reforçar as idéias expressas anteriormente. A imagem da nau como um cárcere, uma prisão errante e sem destino, sem um porto definido, coroa essa primeira metade do poema que é dividido, tanto semanticamente, quanto formalmente, a partir dessa estrofe. O cenário inicial de total desalento é gradativamente suprimido por uma nova situação que começa a se configurar na quarta estrofe. Uma figura espectral, que se encontra posicionada na “gávea mais alta”, em um lugar superior e privilegiado, que permite ver mais e melhor, enaltece o passado dessa embarcação que se encontra, neste

¹ “na imagística do mar inconstante ou encapelado, do viajar marítimo inseguro, do barco à deriva ou naufragado”. SEABRA, 1975, p.409.

² A idéia da dificuldade de uma incursão aérea se justifica, em seguida, no poema, pela imagem de elevação da nau às estrelas.

³ “Mas já as agudas proas apartando/ Iam as vias úmidas de argento:/ Assopra-lhe galerno o vento e brando”. (grifo meu) CAMÕES, p.115.

momento, morta e perdida. A fala do marujo, extremamente profética, apresenta um otimismo que se opõe às três primeiras estrofes do poema: “Porque o vento há de vir aninhar-se nas velas!/ Porque a nau voará, - tocará nas estrelas!...”. O vento que impulsiona a embarcação ressurgirá e levará este navio a elevar-se às estrelas.

O último verso, também isolado no poema, é a conclusão de uma imagem que se vai formando através de uma estruturação crescente das idéias expostas pelo eu lírico. E nesta estrofe, a metáfora¹ que ia se construindo no poema através da relação entre o próprio título e as outras imagens que se apresentam no texto, é desvendada: “- O marujo é Poeta – e a nau... Portugal!”.

A imagem de Portugal que se nos apresenta neste poema se insere em uma perspectiva tradicional² na literatura e da cultura portuguesa: a de um passado de esplendor representado pelas grandes navegações lusitanas. Em “O Poeta e a nau”, adiciona-se a essa imagem a idéia de um presente descrito inicialmente como desolador e de um futuro que seria, certamente, também grandioso.

Neste poema de versos alexandrinos, insere-se um dos *topos* mais recorrentes nos textos saudosistas de *A Águia*: o poeta nauta - que busca uma outra via de navegação que não é mais possível nas águas de um oceano “chão” - crê que, pelo fato de possuir uma visão privilegiada, decorrente de sua posição em alta gávea, seria capaz de conduzir esta nau/ Portugal em direção a um lugar que elevasse essa pátria/ *embarcação*. Através da poesia e, principalmente, do poeta, seria possível retomar, mesmo que simbolicamente, a trajetória a caminho da grandeza futura espelhada em um passado ideal.

¹ “Transferência, palavra que traduz literalmente o grego *metaphorá*: eis a operação constitutiva de uma figura que se tem reduzido à mera semelhança”. BOSI, 2004, p.39.

² OLIVEIRA, 1998, p.1159.

Ainda no primeiro volume, analisaremos outro poema, escrito por um escritor fundamental na gênese e organização da associação de intelectuais criada em 1911. Jaime Cortesão foi um importante poeta, dramaturgo, historiador, político e pedagogo português. Idealizador e principal fomentador da sociedade “Renascença Portuguesa”, este intelectual apoiou o saudosismo durante o auge¹ inicial desse movimento nas páginas da revista portuense.

Dentre os versos que publicou em *A Águia*, destacamos “Regendo a Sinfonia da Tarde” que apresenta uma imagem de Portugal coincidente com as idéias do saudosismo na naquele mensário.

A primeira estrofe do poema apresenta o ambiente em que se encontra o eu lírico. “Hora em que a tarde cai... Chove doçura.../ Toca meus lábios a divina Graça.../ A oculta fonte do Silêncio acorda,/ Suavíssima murmura;/... E um bater d’asas d’Anjos, por mim passa!”. O crepúsculo, o silêncio, a suavidade e a espiritualidade – da “divina Graça” e do bater de “asas d’Anjo” – conduzem o leitor a um espaço marcado pela indefinição de contornos reais, o que é reforçado por outras várias imagens dispersas ao longo das 33 estrofes de métricas variadas produzidas por Cortesão. Embriagada pela morrente luz da tarde, a voz poética indica: “Ao longe, no Ocidente, / A galera do Sol colheu as velas; / Vão a cair, dobradas... lentamente.../ Sobre o navio em fogo”. E esse antigo navio, de velas recolhidas, que aparece num longínquo Ocidente o faz recordar: “Sonho as saudosas tardes do Restelo,/ Cheias dum choro amargo/ Quando ao largo/ Se afogavam na sombra as caravelas!”. Na estrofe seguinte a esse sonho, que traz à tona o episódio do Velho do

¹ “Só mais tarde, Cortesão supera teoricamente o nacionalismo saudosista de Pascoaes afirmando a impossibilidade de separar o patriotismo do ‘humanismo universalista’, e acreditando nos benefícios de uma abertura às novas idéias que provinham do exterior”. TRAVESSA, 2004, p.65.

Restelo¹, dos *Lusíadas*, as velas colhidas parecem mover-se novamente: “E já parece/ Que o vento novamente as estremece”; mas esse movimento é reprimido por certo presságio: “Soluços, gritos, ais, lágrimas soltas...!/ Fez-se um Silêncio concentrado.../ Tudo parou num ar de agouro”.

Um coro de “espíritos ocultos”, “sombras” e diluídos vultos vai se formando: “Adeus! Adeus! Geme o sombrio coro”; e esses gemidos são comparados aos das mulheres do passado: “Tal uma turba de mulheres em choro/ Juntas à beira-mar/ Quando os homens partiam à conquista/ Para a Índia remota”.

Um sentimento de admiração e uma nostalgia tomam conta do canto desse eu lírico: “Tardes da minha Terra portuguesa!/ Não há outra onde a Luz crepuscular/ Tão docemente quebre”; e o elogio da própria terra e do povo lusitano se transforma num clamor: “Raça vidente, alucinada, inquieta,/ Sempre à busca do Além.../ Vamos... toca a embarcar! Eh! Lá! Quem vem/ Para as Índias sem fim?/ Meus irmãos, marinheiros, sou Poeta:/ Quero a mais alta gávea para mim!”. O eu lírico se assume Poeta e incita seus companheiros a uma nova navegação, em busca de outras Índias diferentes daquelas do passado.

Novamente ensaia um coro que não é mais de sombras e que, ressuscitado como “Lázaro”: “Recobra a fala/ E exala/ Seu humilde canto.../ E a gente escuta,/ Empolgada de espanto/ Esse *réquiem* rezado ao fim do Dia/ Num coro universal”. O Poeta, então, deseja dirigir o coral das vozes renascidas: “Oh! Gênios da Harmonia/ De arrebatado estro,/ Dai-me vossa batuta,/ Quero ser o maestro/ Do profundo coral”. E do sonho em se encontrava imerso, ele desperta: “E eu despertei para viver de assombros/ Vou crescendo, subindo no

¹ “Mas um velho, de aspeito venerando,/ Que ficava nas praias, entre a gente/ Postos em nós os olhos, meneando/ Três vezes a cabeça, descontente,/ A voz pesada um pouco alevantando,/ Que nós no mar ouvimos claramente, / *Cum* saber que só de experiências feito,/ Tais palavras tirou do experto peito:// Ó glória de mandar, ó vã cobiça/ Desta vaidade, a quem chamamos Fama!”(...). Canto IV, Estrofes 94 e 95. CAMÕES, 1980, p.188.

horizonte”, e assume sua tarefa diante da sua nação: “E ébrio de Amor, de tarde e de Saudade”, “Sinto que a Raça deposita em mim/ As virtudes maiores de meus irmãos/ E alucinado semi-deus/ Tomo a lira de Orfeu nas minhas mãos”. O eu lírico tange, então, a lira e, assim: “Torna-se a melodia mais intensa/ Até que em toda a Terra se levanta/ Uma elegia de Saudade imensa,/ Que entoam quantos anjos acordaram/ Pelo milagre desta Terra Santa”.

Também nesse poema, o passado português é referido; Camões é convocado através de algumas referências intertextuais e o poeta e a própria poesia são tomados como elementos indicadores do renascimento de Portugal. O eu lírico convida os seus irmãos a se dirigirem a uma nova navegação, para o Além e as “Índias sem fim”, através da elevação espiritual possível pelo tanger de sua lira e pela regência desse coro que então renasce.

No segundo volume de *A Águia*, mais dois poemas de Augusto Casimiro compõem o quadro de textos literários que apresentam tópicos do Saudosismo. O primeiro, “Versos de aleluia”, é composto por dois sonetos. Neste poema, as “velhas naus” do primeiro verso são, na verdade, as “naus da Descoberta” que teriam lançado âncoras no porto e teriam sido abandonadas pelos marinheiros: “E aquela foi a última viagem!”. A “pátria” é comparada a um “horto¹”, e o povo “triste”: “(...)fita a névoa absorto/ E espera, o olhar perdido na miragem...”.

Em outra estrofe, juntam-se vários elementos diferentes: o sapateiro, profeta e poeta Bandarra, profetizador do Quinto Império; “Alcácer” – batalha em que teria *desaparecido* D. Sebastião; Duque de Alba, castelhano que vencera os portugueses e entregara o reinado do país a Felipe II da Espanha; e a morte de Camões. Todos esses personagens e episódios

¹ “Lugar de tormento. [Esta acepç. vem do Horto das Oliveiras, onde Jesus padeceu.]”. HOLANDA, 1986, 907.

históricos – que remetem a situações negativas da pátria - são agrupados na terceira estrofe, compondo o quadro de desalento nacional, que se completa com o afundamento da principal embarcação: “Lá vai ao fundo/ A última nau do Mar, a nau mais forte...”.

Mas esse quadro de desânimo é substituído por um suspiro de esperança expresso na última estrofe do soneto I: “A manhã de névoa há de chegar!/ - E no silêncio trágico e profundo/ -Ecoa a voz nostálgica do Mar...”.

O soneto II, também composto em versos decassílabos heróicos, traz uma primeira estrofe cheia de mistério e fantasmagoria, o que se evidencia no poema tanto através do léxico utilizado, quanto da própria pontuação, repleta de reticências, que acabam prolongando a sensação de obscuridade e nebulosidade: “E vai subindo a noite... Sobre a terra/ Fantasmas e silêncio... O oceano cala.../ É meia-noite... e vai da praia à serra/ O silêncio – a maré que a noite exala...”. Mas essa construção inicial é bruscamente interrompida pelo segundo quarteto que traz uma interjeição: “Ó maravilha!”, acompanhada de interrogações e constatações: “Mas que vulto erra/ Junto do cais? E o velho mar que embara?/ Assombro!... As naus antigas!... Quem desferra/ As velas?... E que voz divina fala?”.

A calma do primeiro poema é substituída pelo levantar de âncoras e o movimentar das naus. Mas a manhã de névoa, que havia de “chegar”, não trouxe o desejado D. Sebastião; trouxe, sim, o vulto errante de Camões. E é da voz desse poeta que surge o clamor para que o povo embarque numa nova navegação, que se quer elevada às alturas, como em “O poeta e a nau” e em “Regendo a sinfonia da Tarde”: “Eh! Povo, acorda, embarca!... Olha as colheitas/ De glória e sonho, vastidões, ventura!/ - Embarca! – Acima, acima! – Camões canta”; e assim, mais uma vez, é da voz de um poeta que vem o clamor otimista para a realização de uma nova navegação renascente.

O segundo poema de Casimiro, também do segundo volume, intitula-se “A Primeira Nau”. O oceano desafiador abre os primeiros versos: “Num desabafo, à beira do Oceano/ Sobre o cabo que avança a quilha dura/ E o mar assalta numa eterna ameaça,/ O infante cisma...”. Ao longe uma embarcação “Como um fantasma de epopéia e bruma/ Uma nau, velas feitas à ventura...” avança “pelo Mar adiante”. E a pátria é nomeada e definida, na 6ª estrofe, como uma embarcação perdida:

Terra de Portugal, cimo onde pairam/ Numa Vidência, os ávidos condores/ Almas sedentas que a sonhar desvairam / uma sede natal de horizontes maiores/ Terra de Portugal! Lá fica a popa, ao longe./ Lá se perdeu no céu ou se vai a afundar.../Junto à imagem da proa reza um monge/ E os marinheiros choram a rezar....¹

A métrica é variável; a rima não segue nenhuma seqüência que obedeça a uma estrutura tradicional; e as 97 estrofes possuem números muito variados de versos em sua composição. Assim, também, se dá com a estruturação do próprio poema. As imagens que se vão construindo não possuem a estruturação que se observava, por exemplo, nos outros poemas de Casimiro; ou seja, neste longo poema não há a divisão, tão bem definida formalmente, entre passado de desalento e um futuro de esperança como em “O poeta e a nau” ou em “Versos de aleluia”.

O mar não é apenas a massa de águas salgadas do globo terrestre; é o “Mar de sonho, mar-céu, branco de nebulosa”. É o espaço do sonho e da esperança: “-Marinheiros: -dormi, sobre a nau silenciosa,/ Vá e dormi e sonhai a história gloriosa/ Que há de Camões cantar um dia aos vossos netos”.

A segunda parte desse longo poema tem o subtítulo de “Elogio das Quilhas”. Nesse poemeto, simula-se uma relação sexual entre a embarcação, metonimicamente representada pela “Quilha dura”, da primeira parte, e o próprio mar: “Quilha ferindo o Mar, funda

¹ CASIMIRO, out. 1912, p.125.

violadora/ Das ondas virgens, a sangrar lírios alventes.../ Ondas a ameaçar, dominadas agora/ Como canteiros ao luar, fosforescentes...”. As sete estrofes que compõem essa peça¹ do poema descrevem uma nau voraz, forte e insaciável, que toma para si todas as ondas e delas se desfaz logo em seguida: “Quilha insaciável, quilha ardente e delirante/ Incendiada, a ofegar, e que nada detém”; a espuma desse encontro entre esta embarcação e o mar tenta chamar para si essa quilha que passa, mas “Cai no mar, segue a nau, chama por ela em vão...”.

A euforia da segunda parte é substituída por um novo cenário, que se apresenta inicialmente na terceira e última parte intitulado “A Evocação da Saudade”: “Quase não pulsa o Mar, calmo e abandonado/ No silêncio da noite a murmurar...”. O mar agora bate mansamente naquela nau: “Na beleza amorosa e enternecida/ Daquela noite religiosa e mansa/ Sobre a equipagem, sobre a nau adormecida/ Ergueu-se a voz religiosa e comovida/ Da Saudade, - e a voz ansiosa da Esperança...”. A saudade, descrita como uma voz religiosa, teria sido criada pelos portugueses, como insistia Pascoaes em seus escritos saudosistas: “Voz da Alma a dizer divinos heroísmos.../ - Um herói semi-deus inventou a Saudade,/ Era lusíada... E lembrando a divindade/ Foi em busca do céu através dos abismos”. A essa definição da Saudade, tem seqüência uma série de pequenos monólogos do eu lírico se dirigindo à pátria: “Pátria, perdoa, - Pátria, se embarcamos/ E na praia ficaram a chorar.../ Foi pelo sonho que te abandonamos/ Pátria e o nosso futuro está no mar...”. E à saudade pede-se que acompanhe o eu lírico – coletivo – que se define então nos versos: “Seja conosco a tua companhia/ Desejo de regresso e de chorar.../ - Ó saudade da

¹ O poema “A primeira nau”, publicado nas *Poesias Completas* de Augusto Casimiro, é dividido em 7 partes (a primeira parte não tem um subtítulo; a 2ª intitula-se “O elogio das quilhas”; a 3ª, a “Evocação da Saudade”; a 4ª, “Vozes no mar alvente”; a 5ª, “A visão da profecia”; a 6ª, “Vozes lusíadas” e a 7ª, “A Bênção da Nova Largada” – acrescentando 17 novas estrofes ao poema) , diferentemente do que foi publicado em *A Águia*. A análise comparativa desses poemas escapa, porém, aos nossos objetivos. CASIMIRO, 2001.

Pátria, ó alegria/ - Ó amargura, ó devoção!...”. E a nau segue, em sono lento e, embalada pelo mar, como uma criança; “Só um marujo vela, ao alto alçado/ Na erguida gávea, sobre o mar alvente,/ Perto dos astros, dominando tudo”. O temor de que o embalar lento da nau faça também adormecer o gajeiro que se encontra na gávea mais alta, faz com que uma voz surja no poema e peça ao marujo que tenha cautela: “Anda o sono a espreitar-te, toma tento!.../ É a raça lusitana que em ti vela, -/Eh, Gajeiro, cautela!”. E novamente, há uma longa seqüência de descrições e diálogos entre o eu lírico e o gajeiro que diz o que vê de sua alta gávea: “Acima, gajeiro, acima!/ Conta o que vês ao redor”, e ele responde: “Vejo o mar cheio velas/ E as ondas brancas em flor// E as velas levam no bojo/ A cruz de Cristo a brilhar”; mas a seqüência de coisas que vê não traz somente elementos positivos. Naus de pecado afundam-se, “Renasce o mar tenebroso”, “rouco” e “raivoso”. As ondas cantam, em versos cheios de aliterações que se misturam ao ato de cantar: “épicas façanhas/ Estrofes de alto poema/ Eternas estrofes estranhas/ Dominando a solidão”. Caiu sobre a terra uma tristeza profunda, mas esse sentimento é imediatamente suprimido pelo canto de Camões: “E o mundo escutou Camões”. E o gajeiro descreve, então, um novo cenário que surge a seu derradeiro olhar: “Vejo, vejo, - que alegria!.../ Uma outra aurora rompendo/ E Portugal renascendo/ Ao clarão de um novo dia”. Desse renascer, parte um novo clamor: “Naus ao mar... Povo ao Restelo!/ Os pilotos são Poetas.../ Eh! embarcar, navegar!...”.

Nesse longo poema, novamente Camões, os poetas e a navegação aparecem como os elementos fundamentais dentro dos versos de Casimiro, à semelhança dos outros poemas analisados.

O quinto poema aparece no terceiro volume e foi escrito pelo poeta Mário Beirão, considerado por António Cândido Franco¹ como um escritor que se caracterizaria por uma forte modernidade² na composição de seus versos. Em “Rezando Oitavas”³, a estruturação do soneto revela traços dessa modernidade reclamada por Franco na análise da produção de Mário Beirão. As marcantes inversões da primeira estrofe fazem de Camões um Deus que teria produzido uma bíblia a ser rezada e meditada: “Rezo a epopéia de Camões. Medito.../ A voz do Tempo o meu silêncio invade;/ Erro na minha ausente humanidade;/ Em noite de memórias ressuscito!”. O eu lírico vaga, e do alto de um lugar, que se distingue no espaço pela representação da figura da “águia”, como se fosse uma figura imaterial: “Meus olhos espectrais de Eternidade/ Rasam visões, deliriam Infinito”. No primeiro terceto, em versos decassílabos, renasce o eu lírico que era antes apenas um fantasma: “A sombra duma Raça se projeta”/ A dentro em mim ressurjo d’Além- Mundo/ Mártir e santo, Cavaleiro e Poeta!” . Da luz desse poeta renascido: “Transcendo em luz: a sombra em luz comove;/ Liberto a Morte às penas do Profundo;/ Comungo Deus ao resgatar um Povo!”. O eu lírico espectral rezava as oitavas de *Os Lusíadas*; mas renascera e tomara em suas mãos o destino de um povo. Não se faz referência a uma nova navegação, apesar de o mar ser um espaço evocado nos versos do segundo quarteto. Camões é citado no primeiro verso e evocado no próprio título do poema, pela referência às oitavas de seu épico. Também nesse poema, a idéia de que caberia aos poetas o resgate de um povo, aparece aqui nesse soneto de Beirão, publicado na 2ª série em 1913.

¹ FRANCO, 1996, p.7.

² “Tem-se reparado menos, ou mesmo nada (...), na modernidade da poesia de Mário Beirão, ainda que Mário de Sá Carneiro, (...), tenha dedicado expressa admiração , que como se sabe era nele raríssima, a vários poemas de *O Último Lusíada*”. FRANCO, 1996, p.7.

³ BEIRÃO, jun.1913, p.188.

Através dos poemas analisados, é possível concluir que o saudosismo não é um estilo literário, no sentido estrito do termo. Não há, propriamente, uma estética a ser seguida nem um programa literário bem definido. O que há, efetivamente, é apenas a constituição de algumas imagens¹ e figuras às quais se recorre nesses poemas, formando assim uma representação de Portugal coincidente com o projeto saudosista defendido por Pascoaes e outros escritores nas páginas da 2ª série da revista *A Águia*.

Em todos os poemas recorre-se à representação de uma pátria que foi grandiosa no passado, mas encontrar-se-ia estagnada no presente. O país, em geral, é representado por uma embarcação que segue sem rumo ou que se encontra parada, mas que tem na voz de um poeta-vate a esperança de renascimento. Porém, essa viagem marítima representada nos poemas não significa a busca da conquista de portos reais. A navegação pretendida pelas vozes poéticas destinava-se à elevação da pátria a um lugar mais alto, dirigindo-se às “Índias sem fim”, como no poema de Cortesão. E para essa navegação de caráter espiritual, que tinha a intenção de fazer renascer a pátria, seria necessário um piloto que é, em todos os poemas, representado pelo poeta². Esse tópico, que aparece pela primeira vez em “O Poeta e a Nau”, passa a ser utilizado nos outros poemas do próprio Casimiro, de Jaime Cortesão e de Mário Beirão. Para corroborar essa idéia, a figura de Camões é tomada nos poemas de temática saudosista. A eleição do poeta como grande símbolo nacional começou a se tornar realidade no século XIX e teria obedecido a uma oscilação constante na consideração e leitura de sua obra e sua figura: “Erigido em mito, incorporado no discurso

¹ “designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que unidas compõem um poema”. PAZ, 1976, p.37.

² “tópico dos poetas pilotando as novas naus das descobertas, que nos parece, sintetiza de forma clara esta imagem recorrente na construção saudosista”. OLIVEIRA, 1998, p.1165.

cultural do século XIX, Camões sofrerá os reveses da nossa realidade, ou melhor, das leituras que a nossa *intelligentsia* (...) fará dessa realidade”¹.

Ainda segundo Eduardo Lourenço:

Apenas o estilo do nosso destino coletivo e a história do nosso imaginário podem explicar essa conversão do autor de *Os Lusíadas* em símbolo de Portugal. É a esse título que, com a maior naturalidade, Camões se torna objeto das nossas paixões nacionais, que são menos literárias ou culturais do que ideológicas, patrióticas, cívicas e por vezes, partidárias².

É como uma figura tutelar e símbolo nacional que o poeta de *Os Lusíadas* aparece nos poemas analisados. Ele é uma espécie de profeta do além, que anuncia o renascimento ou que aparece nos versos estudados como uma presença necessária para a conclusão da nova navegação que não completara seu sentido no passado. É dessa forma que ele representa a esperança da pátria. Nesse sentido, percebe-se a predominância, em todos os poemas, de uma componente de otimismo e de crença no renascimento do país que contrasta, claramente, com o pessimismo finissecular. A exaltação nacional e um *engajamento* meio panfletário compõem o discurso expresso nessa produção.

Em todos os poemas percebe-se um movimento ascensional³ expresso pelos versos, que decorre, de certa maneira, dessa tentativa de expressar a crença no ressurgimento iminente da pátria. De maneira geral, segue-se uma trajetória que sai do imobilismo e decadência em direção à elevação e à esperança de ressurgimento da nação.

Pensando a estrutura formal dos poemas⁴, pode-se perceber que não há uma configuração padrão de apresentação dos versos; em alguns, há a predominância de uma

¹ LOURENÇO, 1999, p.57

² LOURENÇO, 1999, p.57.

³ “o tempo d prosódia é horizontal, o tempo da poesia é vertical”; e ainda: “A meta é a verticalidade, a profundidade ou altura”. BACHELARD, 1991, p.184.

⁴ Como se viu através dos textos selecionados, o saudosismo na revista *A Águia* aparece como temática literária apenas em poesias.

discursividade torrencial, como em “Regendo a Sinfonia da Tarde” e “A Primeira Nau”; em outros, recorre-se ao tradicional soneto, que pode ou não ter sua forma desvirtuada¹ como em “O poeta e a nau”. Em geral, os poemas apresentam rimas, mas a métrica, em alguns deles, era bastante variável. O recurso a várias exclamações, a interrogações e reticências é uma constante na produção de Casimiro e serve para dar a ênfase necessária às mensagens que se pretendia veicular através dos versos produzidos.

A mensagem dos poemas é, em geral, bastante clara e composta por metáforas bastante pobres e uma transparência², que se comprova, na maioria das vezes, por uma simplicidade na forma de expressar as idéias.

De maneira geral, a temática nacional e essa forma de abordagem da realidade lusitana que caminharia da decadência em direção à esperança³ de renascimento da nação é situada, pelos críticos e estudiosos da literatura, dentro de uma *vertente* tradicionalista⁴ da cultura e da literatura portuguesas, que se oporia ao modernismo literário que teria *surgido* em Portugal a partir da revista *Orpheu*, em 1915.

¹ Esse poema de Casimiro apresenta 14 versos. 2 deles, porém, aparecem desvinculados das estrofes anteriores e são assim configurados para destacar as informações que o poeta pretendia dar relevo. Dessa forma, o que seria um segundo quarteto, transforma-se em terceto; e aquele que seria o último terceto, transforma-se num dístico.

² SEABRA, 1983, p.849.

³ OLIVEIRA, 1994.

⁴ Nosso objetivo não é, certamente, avaliar se a literatura publicada na 2ª série de *A Águia* pertence ao modernismo ou não. Porém, achamos importante destacar que a simples afirmação de que a literatura de caráter nacionalista situa-se estritamente num âmbito tradicionalista da literatura deve ser melhor estudada. Se tomarmos Fernando Pessoa, que é considerado pela crítica literária como um dos principais representantes do Modernismo em Portugal, veremos que *Mensagem* foi uma obra que abordou o nacionalismo e tematizou a pátria, sem ser, no entanto, classificada como uma obra *tradicionalista*.

2.4.3.3 Poesias indiretamente relacionadas ao Saudosismo

Há também na 2^a série de *A Águia* alguns poemas que apresentam alguns dos tópicos do saudosismo sem, no entanto, serem tão representativos dessa corrente, como os analisados anteriormente. Estes poemas são:

VOLUME I

“Quinta das Lágrimas – Fonte dos Amores” – Casimiro

VOLUME III

“Evocação Profética”, Carlos de Oliveira.

“Romaria das Árvores”, António Cobeira

“Eu”, Alexandre Ferreira

“Da comoção das Árvores”, António Cobeira

“A Luiz de Camões”, António Correia de Oliveira

Paulo Motta Oliveira, em sua tese, classificou-as como poesias *indiretamente* relacionadas ao Saudosismo, pelo fato de apresentarem apenas alguns dos temas mais representativos do movimento saudosista na 2^a série de *A Águia*.

O primeiro desses poemas é “Quinta das Lágrimas – Fonte dos Amores”, de Augusto Casimiro. O título dos dois sonetos remete a uma localidade, em Coimbra, na qual teria surgido uma fonte originada pelas lágrimas de Inês de Castro, amante daquele que viria a ser o rei D. Pedro I de Portugal, no século XIV. O soneto I traz nos primeiros versos a junção de dois substantivos que, para o eu lírico, seriam sinônimos: “Lágrimas e

Amores... Olha a graça/ Destes nomes gêmeos, abraçados!...”. Neste sentido, amor e dor caminhariam juntos e de maneira inseparável e caracterizariam o povo português: “- Tu és fonte de Amor, ó minha raça¹,/ - Trazes teus olhos sempre marejados”. Na segunda estrofe, uma “fonte” canta e se movimenta ininterruptamente, como se observa no verso “Da água que passa e beija e não descansa...”, que além de usar um verbo modificado pelo advérbio de negação *não*, indicando a intranqüilidade, fornece a idéia de continuidade também através do recurso ao polissíndeto², repetindo a conjunção *e* entre as palavras do verso. O amor, no entanto, não se liga somente às lágrimas, mas também à “Morte” “num mudo assombro”. Na terceira estrofe, então, já se advinha a tragicidade daquele encontro amoroso entre Pedro e Inês: “Ali a Morte e o Amor, num mudo assombro/ Tragicamente mudos, os sentimos/ Que se contemplam sobre o nosso ombro”. O sujeito poético afirma que no silêncio daquele lugar, quando passa uma brisa movimentando as “folhas”: “nós ouvimos/ Lábios gelados que se estão beijando...”, como se se tratasse de seres espectrais representando o encontro do passado. O soneto II inicia-se com a nomeação da protagonista do trágico episódio: “Sangue de Inês... – A santa ingenuidade/ De quem vive a sonhar por muito amar!”; e mais uma vez, como no primeiro quarteto do primeiro poema, a pátria é caracterizada: “- Portugal é uma fonte de saudade/ Toda triste e saudosa a recordar...”. A segunda estrofe reproduz, assim, o *mito* em que se afirma que a amante de Pedro fora rainha depois da morte: “Sangue de Inês que, morta, foi rainha,/ E teve altar no Amor dos amorosos”; nos dois últimos tercetos a natureza personificada, que testemunhara os encontros dos dois amantes: “Cedros velhos que os vistes – cedros velhos/ Que tanta vez os vistes de joelhos/ Extasiados, trêmulos de Amor!...”, teria sido modificada, também, pelo

¹ A palavra “raça” utilizada na maioria dos textos da revista deve ser compreendida como um sinônimo de povo. No caso desse poema, como um sinônimo de povo português.

² CANDIDO, 2004, p.134.

triste desfecho daquela história de amor: “Há paisagens que são almas rezando.../ E aqui vagueiam almas recordando,/ Encantadas e tristes, ao redor...”. Nesses versos de Casimiro, a história de Inês parece explicar ou espelhar o caráter dos portugueses e de Portugal, definidos ambos como um misto de amor, lágrimas, tristeza e saudade. Este poema apresenta um *mito* do passado português e busca definir o povo e o país, aproximando-se, assim, do Saudosismo defendido por Pascoaes na 2ª série de *A Águia*.

Em “Evocação Profética”¹, de Carlos de Oliveira, uma outra importante figura feminina da história de Portugal é evocada pela voz poética: trata-se, aqui, da Rainha Santa Isabel. Nesse longo poema de versos livres, a lendária rainha defensora dos pobres aparece de “mãos postas”, rezando e conclamando a nação; ela é chamada de “Santa” e é evocada pelo sujeito poético. O “marítimo destino” dos portugueses estaria sendo levado por uma “Nau derradeira” que carregaria, no “silêncio” da “tarde”, “A Saudade Lusíada em Tristeza”. Convoca-se, então, a pátria: “Portugal! Portugal!” e ouve-se na voz de Isabel essa “Divina ladainha”: “A evocação da Santa...”, chamando a nação mais uma vez: “Portugal! Portugal!/ Modela tua alma de mistério/ Na penumbra bendita do Pinhal!/ Saudade o Mar encanta/ E fere-o/ De longínquos rosários d’orações...”, faz mover-se o “mar estático”, mudando o ambiente inicial de “silêncio”, “penumbra” e mistério. O léxico religioso é utilizado em todo o poema, a começar pelo próprio título “Evocação Profética” e pelo recurso a termos como: “oração”, “divino”, “santa”, “rezar”, “Catedral”, “Divina”, “bendita”, “rosários”. Nesses versos, como se pode notar, Portugal é chamado a se movimentar, a sair da estaticidade em que se encontrava no presente, denotando assim um tom profético já destacado por Paulo Motta Oliveira em sua tese de doutorado². Oliveira

¹ OLIVEIRA, jan. de 1913, p. 23-25.

² OLIVEIRA, 1994.

nota nesses versos a presença dessa profecia e de uma religiosidade que remeteriam ao Saudosismo: “existe no poema um certo tom demasiadamente deliberado no uso destas expressões, nas recorrências religiosas, o que parece indicar que seu autor quis inserir-se na tão citada *nova poesia religiosa*”¹.

Em “Romaria das Árvores”², de António Cobeira, há também a recorrência a uma linguagem religiosa ao longo das 31 estrofes de versos livres. Cobeira utiliza-se de vários termos do léxico cristão: “hóstia”, “sacerdotes”, “unge”, “procissão”, “romarias”, “ladainhas dolorosas”. Nesse poema a “Natureza”, personificada, segue a “comungar”. O eu lírico funde-se ao meio: “Eu sou raiz e flor/ Roble profético e bendito”; “Meu Ser é Árvore sonâmbula que invoca/ As religiosas águas”; “Árvore-Humana, esguia, olhando os céus/ Regresso a Deus!...”. O “êxtase” diante desse espetáculo da natureza - decorrente de um líquido bebido, “sequiosamente”, em uma “taça de luz amanhecendo/ Que Deus me deu” e de todo esse ambiente divino - o conduz a uma revelação epifânica: “Sou Cristo-Orfeu!/ Guio na terra o Arvoredo- Andante”.

Em “Da Comoção das Árvores”, o sujeito poético de Carlos de Oliveira retoma a idéia de comunhão com uma natureza³ - como no poema de Cobeira -, que é também personificada: “Mãos erguidas das Árvores rezando”, “As Árvores escutam diluídas.../ E dos seus olhos de mistério rolam/ As folhas comovidas...”. Neste soneto de versos decassílabos, há vários elementos que denotam tristeza, escuridão e queda: “tristeza da tarde”, “penumbra”, “poente”, “fim do dia”, “morte”, “ritmo outonal”, terminando de maneira descendente, pela representação metafórica da queda das folhas como se fossem lágrimas caídas dos olhos das árvores comovidas. Também nesse poema a Saudade é ligada

¹ OLIVEIRA, 1994, p.166.

² COBEIRA, fev. 1913, p.44-47.

³ Oliveira destaca um “certo tom panteísta de união entre o homem e a natureza”. OLIVEIRA, 1994, p.167.

à tristeza e, no caso desses versos, esse sentimento é descrito como uma característica do país, de maneira semelhante ao que se descreve em “Quinta das Lágrimas – Fonte dos Amores”.

O sujeito poético do soneto “Eu”¹, de Alexandre Ferreira, inicia a primeira estrofe definindo-se a si mesmo: “Vivo no longe d’alma lacrimosa/ Evocando em meus olhos a Saudade.../ Sou a Lua morrendo de saudosa.../ Eu sou a Névoa erguida n’outra idade!”. A voz poética, múltipla, afirma-se: Lua, Névoa, um espectro “Vivo na Sombra. A minha carne alada/ Tem frêmitos de vaga, haustos de espuma! / E minha voz profética rezada”; “Moças, eu sou o vosso coração”, afirma a voz poética que termina por concluir, no último verso: “Sou a triste paisagem portuguesa!”. A tristeza, portanto, é uma imagem dominante em alguns desses poemas. Em vários deles, Portugal é definido como uma nação dominada por esse sentimento – mais próximo, na realidade, de uma melancolia decorrente, seja da decadência do país, seja da própria natureza da psique nacional.

O soneto “A Luís de Camões”², de António Correia d’Oliveira apresenta um sujeito poético que se dirige a Camões, elogiando-lhe a sua grande obra e sua vida: “Meu nobre Camarada de Além-Morte:/ Quando passaste nesta escura vida,/ Encheste da Nossa Alma, engrandecida,/ Um brônzeo livro universal e forte”. Nesses versos, retoma-se a dicotomia entre passado e presente de Portugal, definido o primeiro como grandioso e o segundo, como estático: “Mas, se viveras hoje, que outra sorte/ Amigos, a da tua arte! Amortecida/ Vai-se a Nossa Alma heróica, foragida/ Como névoa da tarde ao vento norte...// Foi grande a vida que viveste; e grande/ Tua eterna epopéia, onde se expande/ A Pátria antiga, o mar das maravilhas”. Para o sujeito poético, a “Raça” portuguesa teria sido definida em *Os*

¹ FERREIRA, março de 1913, p. 84.

² OLIVEIRA, junho de 1913, p. 183.

Lusíadas, enquanto o Amor, em duas redondilhas: “E o Amor?! Sendo o Infinito e Deus, o Bem e a Dor,/ Onde te coube? – Em duas redondilhas!”.

Nos poemas analisados acima, portanto, percebe-se que há a presença de algumas das temáticas e imagens abordadas naqueles mais diretamente relacionados ao Saudosismo. O sujeito poético de Casimiro define Portugal como uma pátria Saudade¹, triste e melancólica; ao passado glorioso, representado pelas navegações – como em “A Luiz de Camões” e no já analisado “A Primeira Nau” - corresponderia um presente estagnado², aguardando novas navegações.

As componentes religiosas presentes em grande parte desses poemas não se relacionam, porém, à nova proposta de uma “nova religiosidade” que, na concepção de Pascoaes, seria representada pelo saudosismo. Apenas em “Romaria das Árvores”, de Cobeira, é que há a união entre um paganismo-cristão, representado pelo “Cristo-Orpheu” tomado como síntese religiosa, que se aproximaria da idéia da Vênus e da Virgem Maria, ou mesmo de um Cristo-Prometeu, anteriormente criados por Pascoaes e Leonardo Coimbra, na revista portuense.

Vários desses poemas, pareciam buscar formas de definir a nação portuguesa, aliando-se às vezes à Saudade, e aproximando-se, assim, do Saudosismo pascoaesiano.

De maneira geral, porém, o que se pode concluir é que esses poemas apresentavam algumas características relacionadas ao Saudosismo presente em *A Águia*, mas sem abordarem de maneira mais categórica as questões mais centrais desse movimento capitaneado por Teixeira de Pascoaes.

¹ Observa-se isso em “Quinta das Lágrimas – Fonte dos Amores” e em “Da Comoção das Árvores”.

² Sobre a estagnação, ver análise de “Evocação profética”.

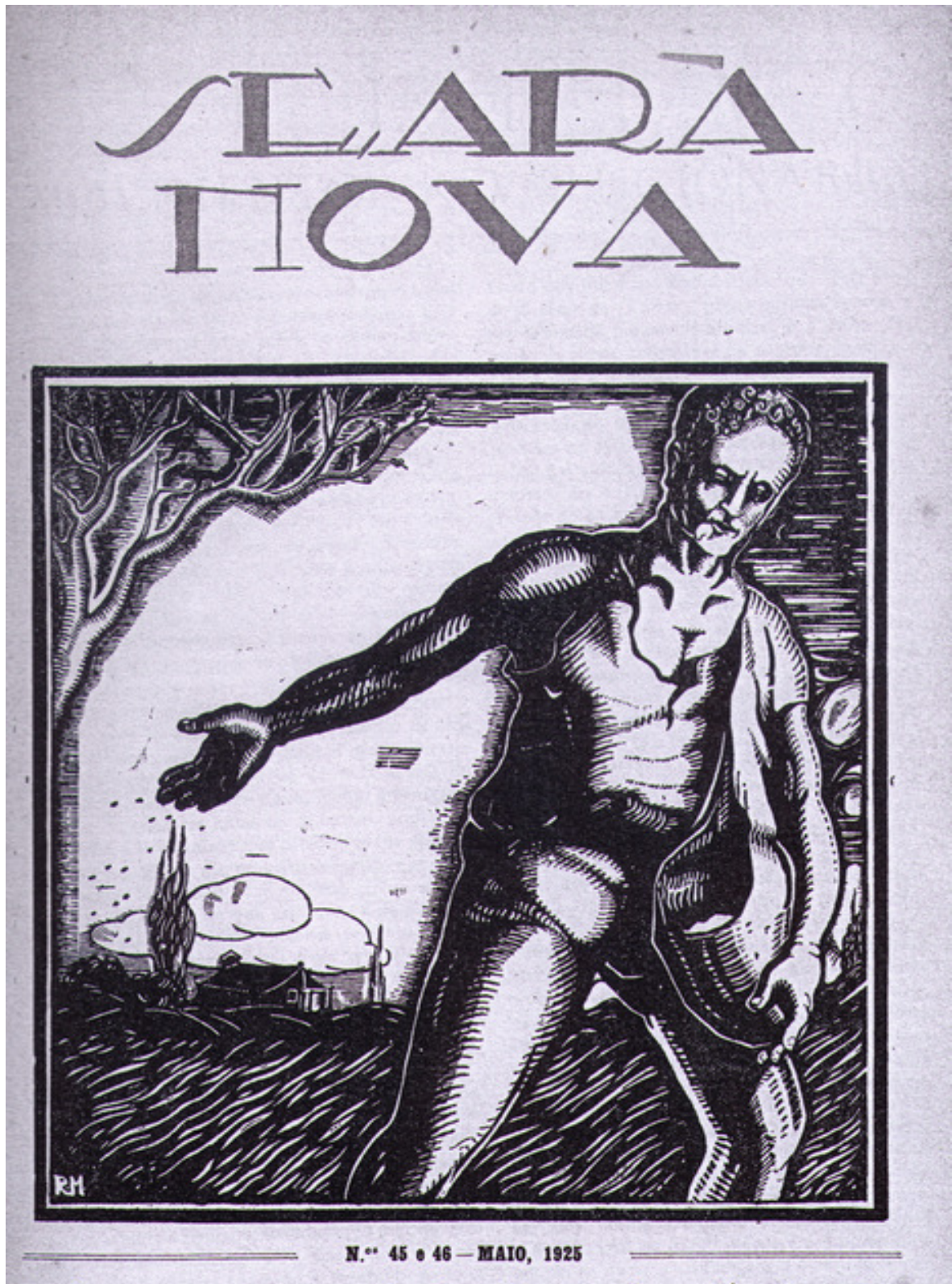
2.4.4 Considerações finais

A literatura que se apresenta nas páginas da revista *A Águia* não segue um modelo ou projeto literário previamente definido. Este *periódico* não surge no cenário lusitano como uma publicação de cunho exclusivamente literário; não há a redação, dentro da publicação, de nenhum manifesto ou projeto estético definidor de um programa nesse campo da arte. Alguns artigos, como a série de artigos de Fernando Pessoa sobre a “Nova Poesia Portuguesa”, afirmam a *novidade* dessa poesia sem, no entanto defini-la ou, até mesmo, apresentar outro projeto de produção literária.

Há, é certo, uma predominância de textos que trabalham com as temáticas já anteriormente destacadas, do vago, do mistério, de seres espectrais, de paisagens outonais e crepusculares e de uma indefinição nos contornos dos objetos descritor. Alguns desses tópicos, inclusive, podem ser encontrados em poesias de temática predominantemente Saudosista.

Devemos acrescentar, porém, que a revista possuía uma grande diversidade de colaboradores e, portanto, de estilos individuais, que fizeram com que a publicação tivesse uma ampla heterogeneidade de temáticas e formas estéticas, o que dificulta uma classificação geral e definitiva do conjunto da literatura publicada na 2ª série. O que pretendíamos com esse estudo era, portanto, situar as linhas mais recorrentes, especialmente no período em que o Saudosismo esteve em voga neste *periódico*, buscando levantar algumas imagens de Portugal presentes nesse movimento desenvolvido nas páginas de *A Águia*.

3. SEARA NOVA



3.1 Contexto

3.1.1 Do fim da Grande Guerra à revolução de Maio de 1926

O fim da Primeira Guerra Mundial, em 1916, trouxe conseqüências desastrosas¹ para a maioria dos países envolvidos nesse conflito. Em 1917, Sidónio Pais² tomou o poder em Portugal através de um golpe de estado e, a partir daí, iniciou-se o que alguns historiadores denominam como a “Viragem da República”³: “Os anos de 1917 e 18, culminando, um, com a revolução sidonista e o outro com o fim simbólico dela, foram críticos em várias frentes, da vida política e militar, e da vida econômica e social”⁴. Após a morte de Pais, em Dezembro de 1918, houve um longo período de grande instabilidade.

Mas a desestabilização econômica e financeira de Portugal tornou-se mais grave a partir de 1921⁵, já na *nova República Velha*⁶, pós-sidonista. “Chegamos a 1921/1922 numa situação de gravíssima ruptura financeira, numa situação de impasse econômico”⁷.

Somava-se a isso a grave situação social¹ do país. A queda salarial e a falta de recursos de subsistência – não havia comida, principalmente para as camadas mais pobres

¹ “As imensas despesas causadas pela Guerra infligiram um golpe severo na situação financeira e econômica num país que se achava nos começos de uma obra de reorganização interna e de criação e novas fontes de receita”. MARQUES, 1988, p.65. Segundo António Reis no artigo “A Crise da Primeira República na seqüência da Grande Guerra de 1914-1918”, seria errôneo afirmar que a Guerra teria sido uma das causas da queda da República em Portugal: “a crise desencadeada pela participação de Portugal na Grande Guerra não foi uma crise fatal, embora contivesse os ingredientes habitualmente presentes nesse gênero de crises, numa dose menos elevada do que noutros países beligerantes da Europa Central”. REIS, 2001, p.181. Salientamos, porém, que não é nossa intenção discutir essas questões de caráter histórico. Pretendemos, apenas, apresentar o contexto histórico em que se insere a revista *Seara Nova*.

² “De Dezembro de 1917 a Janeiro de 1919 Portugal esteve sujeito a um regime ditatorial. O Presidente-Ditador Sidónio Pais promoveu uma alteração à constituição, fazendo abolir o cargo de Presidente do Ministério e alargando os poderes do Presidente da República que passou a ser eleito diretamente pela nação”. MARQUES, 1988, p.68.

³ RAMOS, 2001, p. 616.

⁴ FRANÇA, 1992, p.29.

⁵ “Desde logo, em 1921, era uma crise de modelo econômico, uma crise de economia. A nova República, renascida em 1919, herdara uma dívida externa de 22 milhões de libras decorrentes da participação de Portugal na guerra; herdara uma dívida interna brutal e 300 mil contos; herdara um défice(SIC) orçamental recorde de 13,8 milhões de libras; o custo de vida entre 1914 e 1919 tinha praticamente mais que triplicado”. ROSAS, 2001, p.14-15.

⁶ ROSAS, 2001, p.14.

⁷ ROSAS, 2001, p.19.

da população² - favoreceram a ocorrência de um número bastante elevado de greves³ e revoltas, nos primeiros anos da década de 20, contribuindo, assim, para a situação instável daquela nação.

Mas esse agravamento da situação portuguesa não tinha sua causa primordial apenas no campo social ou econômico. Tratava-se de uma crise que atingia a legitimidade do próprio regime político - restabelecido após o governo de Sidónio Pais.

Segundo Fernando Rosas:

“no quadro do desprestígio crescente das instituições da República, do governo, do parlamento, dos partidos, dos políticos, entra-se num dos períodos – entre 1919 e 1926 – de maior instabilidade política de toda a História do século XX português.⁴”

A retomada da democracia e o retorno à República, após o fim do governo ditatorial, trouxeram mudanças na estruturação desse regime. “A *República Velha* não era a mesma de 1917”⁵, como afirma A.H. de Oliveira Marques. Novas personalidades surgiram na cena portuguesa; ocorreu o crescimento do chamado movimento operário, que agia muitas vezes com violência e passou a sofrer forte repressão; surgiam e desapareciam, com frequência, um grande número de partidos políticos entre 1919 e 1926⁶; a direita

¹ “Os problemas sociais tinham agora enveredado por outra direção. Era a classe média e o alto funcionalismo público quem mostrava maior descontentamento”. MARQUES, 2006, p. 609. Mas essa nova direção não excluía a insatisfação, também, das camadas populares e operárias.

² ROSAS, 2001.

³ “O movimento grevista, que já fora particularmente intenso nos anos anteriores à guerra, mostrou poucos sinais de abrandar. Embora os números subissem e descessem com os anos (21 greves em 1919; 39 em 1920; 10 em 1921; 22 em 1922; 21 em 1923; 25 em 1924; 10 em 1925), o movimento grevista continuava a indicar problemas permanentes, que tinham de ser resolvidos. Foram declaradas greves gerais em 1919, 1920 e 1921, embora só a primeira tivesse deparado com algum sucesso”. MARQUES, 1988, p.74.

⁴ ROSAS, 2001, p.26.

⁵ MARQUES, 1988, p.68.

⁶ MARQUES, 1988.

conservadora antiliberal passou a conspirar contra a República; mas surgiu, também, uma esquerda republicana programática¹.

Segundo José Augusto França:

“o panorama político mudara: a nova gente que se fazia eleger para o parlamento distribuía-se afanosamente por novos partidos, em dissidências e alianças que já nada tinham a ver com o originário Partido Republicano Português da implantação”². A corrupção aumentava no país e toda essa situação conduzia o povo a uma forte desconfiança em relação aos negócios públicos.

As mudanças no programa original dos republicanos tornaram-se evidentes. A questão cultural e educacional era considerada prioridade dentro da propaganda³ do partido Republicano desde a sua fundação, e essa postura de confrontar o problema da instrução em Portugal levou a mudanças significativas na qualidade da educação, durante a 1ª República:

Para lá do sistema oficial de educação, o período da 1ª República assistiu a um fermento cultural interessantíssimo – em grande parte iniciado, já, nos últimos anos da Monarquia – e especialmente marcado nos campos do ensino livre e da difusão da cultura pelo povo. Através do país, brotavam cursos públicos e livres de todos os tipos e a todos os níveis, organizavam-se conferências e outras manifestações de cultura popular, muitas vezes mantidas pela iniciativa de associações culturais ou outras. Entre as mais relevantes, salientem-se as chamadas universidades livres, fundadas em 1912, e as universidades populares, em 1913⁴.

O público que participava desses cursos era bastante heterogêneo e vasto. Mas a situação da educação das massas⁵ acabou por não corresponder às expectativas e esforços de uma *elite* intelectual que lutara para melhorar a situação do país.

¹ “uma esquerda republicana dispersa, mas que pela primeira vez se constitui como tal, com um programa político e econômico de governo”. ROSAS, 2001, p.27.

² FRANÇA, 1992, p.39.

³ “A propaganda republicana anterior a 1910 insistira na necessidade urgente de resolver o problema cultural do País que continuava a exibir 75,1% de analfabetos”. MARQUES, 2006, p.614.

⁴ MARQUES, 1980, p.88.

⁵ “Escassos foram, todavia, os efeitos práticos no que respeitou à educação das massas, devido à constante pobreza do Estado” MARQUES, 2006, p. 614.

Não eram apresentadas soluções para os problemas relacionados à instrução básica: “Enquanto a Igreja e o Exército se reformulavam, os políticos republicanos podiam contar com um instrumento para criar conformidade: a escola primária. Não houve, porém, maior decepção durante toda a República”¹. A alfabetização infantil progrediu de maneira muito limitada e o Estado não tinha recursos para investir no combate ao analfabetismo no país.

Segundo António Reis, as teses comumente utilizadas pela historiografia para explicar o fracasso das instituições republicanas incidiriam sobre: a questão religiosa, a questão da legitimidade do regime, a questão operária e a própria influência da conjuntura internacional sobre aquela nação. Reis afirma que essas teses teriam, sim, fundamento, mas ele redimensiona a importância desses fatores e afirma que os maiores problemas que conduziram ao fim a República em Portugal eram de carácter político-cultural; ficando, assim, em segundo plano, as questões econômico-financeiras.

Para Reis: o agravamento da crise de legitimidade do regime republicano; a eficaz reorganização dos conservadores; o crescimento do número de militares e sua ambição pelo poder²; a perda de confiança das elites nas classes políticas governantes; o vazio ideológico³ dos republicanos, fator que já se notava no momento em que se instaurou a República no país; e o alastramento de uma “síndrome ditatorial” em toda a opinião pública lusitana⁴, teriam sido algumas das principais causas do fim da República em Portugal e do surgimento da Ditadura, no país, a partir de Maio de 1926.

¹ RAMOS, 2001, p.613.

² “Quanto aos militares e à sua participação na vida política dos anos de Vinte, refira-se que, desde 1919 a 1926, doze dos 26 ministérios (46%) foram presididos por oficiais do Exército e da Marinha. (...) Em regra, os militares agiram como estadistas medíocres, pouco experimentados, o que os não impediu de cobiçarem constantemente o poder”. MARQUES, 1988, p.70.

³ Ver no primeiro capítulo, o contexto da Primeira República. MARQUES afirma que os republicanos se definiam, mais, por aquilo que não eram; mas não apresentavam, efetivamente, muita clareza em relação a programas a serem desenvolvidos no país.

⁴ REIS, 2001, p.184-186.

Entre 1918 e 1926, a ‘república’ não decaiu, e em 28 de Maio de 1926, não foi simplesmente derrubada. O que aconteceu foi que os chefes republicanos, perante uma sociedade diferente daquela sobre a qual estabeleceram o seu domínio em 1910, mudaram de idéias. Nessa mudança, algum papel tiveram as novas modas totalitaristas, sobretudo entre os mais jovens¹.

E essas e outras questões relacionadas ao contexto histórico da nação lusitana, nos primeiros anos da década de 20, aparecem insistentemente nas páginas de um dos mais importantes periódicos do século XX, em Portugal: a *Seara Nova*. Essa revista tem sido aclamada e descrita pelos historiadores portugueses como um dos mais importantes documentos sobre a nação lusitana e como uma das publicações que exerceram maior influência sobre a “cultura portuguesa”², durante os longos anos de sua publicação – e, principalmente, entre 1921 e 1926.

Criada em outubro de 21, ano de grande instabilidade³, como descrevemos anteriormente, essa publicação surgiu, em Lisboa, com a intenção de discutir e problematizar a situação da pátria, através da análise dos problemas nacionais e da proposição de soluções para a crise daquela nação.

¹ RAMOS, 2001, p.633.

² “De entre os vários projetos de revistas literárias e doutrinárias que foram florescendo depois do surgimento de *A Águia*, a *Seara Nova* foi a que conseguiu uma implantação mais duradoura (a partir de 15 de Outubro de 1921 sairá, com maior ou menos periodicidade, até praticamente aos nossos dias), e a que, individualmente, exerceu maior influência na cultura portuguesa, nomeadamente nos setores mais progressivos”. CATROGA & CARVALHO, 1996, p.353.

³ “Para alguns autores, o ano de 1921 constitui mesmo a viragem definitiva para aquilo que vai ser a agonia final da I República e, com ela, a agonia final desse primeiro longo ciclo de liberalismo político em que, nas suas expressões monárquica e republicana, tinha vivido o país durante quase um século – entre 1820/22 e 1926, ou mesmo 1834 e 1926”. ROSAS, 2001, p.14.

3.1.2 Antecedentes da *Seara Nova*

A proposta desse capítulo é estudar a revista *Seara Nova*, entre 1921 e 1926, levantando os aspectos mais relevantes do pensamento do grupo seareiro dentro do periódico, nesse período analisado. Essa importante publicação tinha como objetivo inicial exercer uma ação de doutrinação que possibilitasse a preparação e formação de uma opinião pública consciente e crítica capaz de contribuir no processo de regeneração nacional.

Partindo da análise dos aspectos gerais da ação doutrinária exercida nesse periódico, pretendemos analisar o papel da cultura e da literatura nessa revista, a fim de verificarmos qual o peso desses elementos no projeto desenvolvido pelo grupo, nesse primeiro momento.

A escolha desse período de tempo se justifica pelo fato de buscarmos confrontar essa publicação com a sua matriz – 2ª série de *A Águia* –, já que acreditamos que existia um diálogo de oposição, mais explícito, entre essas revistas nesse primeiro momento; e pelo fato de 1926 ser um ano de fechamento de um ciclo histórico-político em Portugal. Em maio de 26 a República chegou ao fim e teve início a Ditadura, o que determinou uma mudança de foco no próprio periódico. Se num primeiro momento a restauração da República fazia parte dos objetivos gerais do grupo, algum tempo depois da instauração da Ditadura¹ a luta seria, a partir de então, pela restauração da Democracia.

Delimitados os horizontes temporais dessa análise, passaremos, a seguir, ao estudo desse periódico lisboeta.

¹ “the military takeover of 28th May was the only one that *Seara Nova* did not condemn straightaway”. “o golpe military de 28 de Maio foi o único que a *Seara Nova* não condenou imediatamente”. CABRAL, 1988, p.185. Segundo Manuel V. Cabral, esse posicionamento da *Seara*, imediatamente após o golpe, seria um dos indicadores da relação ambígua de alguns seareiros com a idéia de uma ditadura *redentora*.

Desde a fundação da Sociedade Renascença Portuguesa, em 1911, houve discordância de alguns membros dessa associação em relação a aspectos da orientação ideológica que se buscava imprimir no próprio editorial¹ originalmente escrito por Teixeira de Pascoaes. A relação que se passou a estabelecer entre o ideário dessa associação e o chamado Saudosismo acabou por estimular algumas polêmicas que ficaram evidentes tanto dentro – polêmica² Pascoaes e Sérgio, por exemplo – quanto fora do periódico – *Inquérito Literário*, organizado por Boavida Portugal nas páginas do jornal *A República*.

A força dessa associação foi sendo minada, pouco a pouco. Não só as divergências internas³ em relação ao projeto da saudade⁴, como também a própria conjuntura histórica levaram a um enfraquecimento desse organismo de fins culturais. Após a Grande Guerra e, também, depois da saída de Pascoaes da direção literária de *A Águia*, o dinamismo e a projeção inicial da revista e daquela Sociedade foram sendo paulatinamente substituídos por uma crescente desorientação dentro do periódico português e do próprio grupo. Em 1920, essa publicação que era, então, dirigida por Álvaro Pinto, foi transferida para o Brasil, por esse jornalista, juntamente com a Casa Publicadora da Renascença Portuguesa. E essas e outras razões conduziram ao fim da revista, apesar de todos os esforços⁵ do jornalista-imigrante¹ em manter vivos esses organismos culturais.

¹ Ver análise dos editoriais propostos para a 2ª série no capítulo 1.

² Ver análise da polêmica no primeiro capítulo.

³ “some of the *Águia* contributors, namely António Sérgio (1883-1968), Raul Proença (1884-1941) and, to a lesser extent, Jaime Cortesão (1884-1960), challenged Pascoaes’s attempt to impose his own brand of literary and political ideology – *Saudosismo* – on the grounds of its inability to account Portugal’s social and economic problems and to provide guidelines for political actions”. CABRAL, 1988, p.182.

⁴ “O meu desejo é referir-me a alguns novos dotados das mais belas faculdades de inteligência e coração, que discordam sinceramente com a luz orientadora da ‘Renascença’, como Raul Proença e António Sérgio e outros”. Texto de Teixeira de Pascoaes, publicado na 2ª série de *a Águia*, em que ele demonstra a sua preocupação com a discordância, de alguns intelectuais, em relação ao saudosismo e à Renascença. PASCOAES, out.1912, p.113.

⁵ Enquanto esteve no Brasil à frente da 2ª série, Álvaro Pinto enviou algumas cartas para Jaime Cortesão implorando para que a revista e a “Renascença Portuguesa” continuassem a existir. Ele chegou a afirmar que seria um erro criar a *Seara Nova* e pediu para que a revista do Porto fosse modificada a fim de atender aos

Um novo contexto histórico, diferente do que motivara o surgimento da “Renascença Portuguesa”, exigiria, portanto, uma nova maneira de abordar a realidade nacional. Sendo assim, um novo grupo, composto por antigos² membros daquela Sociedade e por outros nomes da intelectualidade lusitana, surgiu em Lisboa a partir de 1919, ano da nomeação de Jaime Cortesão³ ao cargo de Diretor da Biblioteca Nacional:

Em 5 de abril do conturbado ano de 1919, Cortesão é nomeado diretor da Biblioteca, juntando-se assim a Raul Proença, numa confluência de projetos e ideais, dando continuidade à comunhão e amizade que desde cedo os uniu⁴.

Cortesão desenvolveu, juntamente com Proença e outros intelectuais, um trabalho de renovação e organização da Biblioteca Nacional e, além disso, transformou esse lugar – tradicionalmente utilizado para pesquisa e leitura – em um local de encontro de alguns membros da *intelligentsia* lusitana, que discutiam sobre a situação do país e sobre possíveis soluções para os problemas nacionais:

“No gabinete de Cortesão foram tomadas as mais importantes decisões relativas à constituição do grupo e da revista *Seara Nova*, continuadas pelos encontros aí ocorridos com o fim de preparar iniciativas ou tomadas de posição sobre assuntos diversos”⁵.

Ou seja, foi nas reuniões de um dos chamados Grupos⁶ da Biblioteca Nacional¹ que surgiu a idéia de criar essa publicação - órgão através do qual seriam apresentados os projetos de renovação nacional.

projetos e interesses do grupo seareiro. Porém, todos os seus esforços foram em vão. Em Outubro de 1921, saiu o primeiro número da revista lisboeta.

¹ Ler sobre Álvaro Pinto no capítulo 3.

² “Nasceu de um núcleo que já estivera ligado, anteriormente, a outras iniciativas (*A Águia, Pela Grei*: 1918-1919) e que, habitualmente, por razões profissionais ou por hábitos de tertúlia literária, se reunia na Biblioteca Nacional”. CATROGA & CARVALHO, 1996, p.353.

³ Jaime Cortesão foi diretor da Biblioteca Nacional entre 1919 e 1927.

⁴ TRAVESSA, 2004, p.133.

⁵ TRAVESSA, 2004,p.145.

⁶ “Contra o que é habitual afirmar-se não terá, contudo, existido – segundo Davi Ferreira – um grupo da Biblioteca mas grupos da Biblioteca que se encontravam consoante os seus interesses intelectuais e políticos.

No gabinete daquela instituição foi criada a chamada *Seara Nova*², título que caracterizava três realidades³ compósitas: uma Empresa de Publicidade⁴, que desenvolvia atividades editoriais – como a edição de livros e da própria revista; a revista⁵ publicada pela primeira vez em 15 de outubro de 1921; e o grupo, constituído pelas personalidades envolvidas na direção e colaboração no periódico de mesmo nome. O título teria sido sugerido por Aquilino Ribeiro e Câmara Reys⁶, como afirmou este último em depoimento sobre a história da *Seara*.

Segundo o crítico Câmara Reys, um dos diretores da revista, os primeiros encontros no espaço da Biblioteca teriam reunido um grupo bastante heterogêneo, o que teria motivado a necessidade de efetuar cortes de “certos elementos sem afinidades espirituais”⁷. Reys, em estudo sobre Raúl Proença, afirma que este intelectual teve um dos papéis mais proeminentes na estruturação, definição e emergência do grupo *Seara Nova*, do qual teria

Um deles era o da *Seara Nova* que, dispondo de uma sede precária, freqüentemente lá reunia e tomava as mais importantes decisões relativas à orientação e intervenção política”. CÁRDIA, 1971, p.21.

¹ “Seguindo o testemunho de Cortesão, o chamado Grupo da Biblioteca nasceu ‘da formação e convívio de *A Renascença Portuguesa* e perdeu durante quase uma década, entre 1919-1927. O convívio mais intenso fez-se entre aqueles que trabalhavam na Biblioteca: Proença, Álvaro Pinto, durante pouco tempo, António Sérgio e Aquilino Ribeiro, tendo estes dois permanecido até ao abandono dos lugares de direção por Cortesão e Proença. No Gabinete do Diretor juntava-se ‘o escol das individualidades e das letras portuguesas de então’, entre os quais Pascoaes, Raul Brandão, Reinaldo dos Santos, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Mário de Azevedo Gomes, Luís da Câmara Reys, entre outros”. TRAVESSA, 2004, p.143.

² “Nasceu [a *Seara Nova*] de uma reunião na Biblioteca Nacional, no Gabinete do Diretor, onde me encontrei a convite de Raúl Brandão, Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Macedo e Jaime Cortesão. Foi cerca de 1920. Apareci ali sem saber qual era o fim da reunião”. REYS, junho de 1937, p.177.

³ VENTURA, 1989, p.15.

⁴ Cada edição da *Seara Nova* trazia a seguinte informação na contra-capá: “Toda correspondência deve ser dirigida à EMPRESA DE PUBLICIDADE SEARA NOVA, Rua António Maria Cardoso, 26, Lisboa – Telefone: Central 2143”.

⁵ A colaboração no periodismo funcionaria, para os intelectuais da época, como uma “prática cultural que lhes conferia representação”. MARTINS, 2001, p.419. Ou seja, através da revista era possível um alcance maior no cenário cultural de um país e, também, um renome possível devido ao fato de o periódico ser, nessa época, um dos principais meios de produção cultural.

⁶ “decidiram fundar uma revista de doutrina e crítica e organizar uma seção editorial, cuja base comercial foi a Empresa de Publicidade *Seara Nova*, batizada por Aquilino, que sugeriu a primeira palavra, e por mim, que a completei com a segunda”. REYS, 10 de junho de 1937, p.177.

⁷ “O grupo de que saiu a direção da revista começou as suas reuniões cerca dum ano antes da publicação do primeiro número, isto é, em 1919 ou 1920, e dele fizeram parte desde individualidades conservadoras até elementos operários, jornalistas, professores, escritores, advogados, funcionários, médicos, procurando elaborar um programa de realizações políticas e sociais(...)”. REYS, 1985, p.17.

sido ele o “cérebro e a (...) espinha dorsal”¹. Coube a Proença², portanto, o papel de redigir o artigo de abertura publicado nas páginas do exemplar inaugural da revista *Seara Nova*³. Neste texto, foram apresentadas as finalidades do grupo e de sua ação de Doutrina e Crítica.

O objetivo principal dos seareiros, que era o de promover o renascimento nacional através de uma efetiva mudança de mentalidade em Portugal, teria suas raízes numa tradição que remonta ao século XIX, como afirma António Rafael Amaro:

A *Seara Nova* representou na cultura portuguesa a continuação de uma tradição, impropriamente rotulada de estrangeirada, que se revia nas atitudes críticas e regeneradoras de Verney, Herculano, Mouzinho, Antero, Oliveira Martins, etc. Foi sempre dentro deste quadro ou paradigma de referência, necessariamente idealizado, que ela tentou equacionar os problemas do seu tempo, procurando transportar para o século XX o espírito de uma tradição que consideravam racionalista, cosmopolita e com um sentido universalista⁴.

Diante da grave situação nacional, os homens que fizeram parte desse grupo se auto-investiram da *missão* de regenerar a pátria. Os intelectuais⁵, falando em nome da *verdade*, buscavam, assim, participar como agentes da transformação do país, a fim de renovar o presente e apresentar propostas para o futuro. Mas a mudança proposta por esse escol pretendia posicionar-se acima de qualquer relação partidária, política ou de quaisquer outros interesses particulares ou corporativos e esperava, dessa forma, manter a *autonomia*⁶

¹ REYS, 1985, p.17.

² “Na emergência do grupo e na definição da sua estratégia desempenhou Raúl Proença um papel proeminente, tanto mais que a ele se deve a redação do manifesto com que a *Seara nova* iniciou a publicação da revista. Foi certamente a sua influência que determinou que ele não se transformasse numa continuação da Renascença(...)”. TRAVESSA, 2004, p.146.

³ “pelos depoimentos posteriores constatamos que o lançamento do projeto seareiro em 1921 é, essencialmente, produto da vontade de três figuras intelectuais que conviviam na Biblioteca: Jaime Cortesão, Raul Proença e Câmara Reis a que se juntou depois António Sérgio, respondendo afirmativamente ao convite feito por Proença”. TRAVESSA, 2004, p.149.

⁴ AMARO, 1995, p.15.

⁵ “A substantivação do termo do intelectual e a tomada de consciência do peso dos intelectuais” seria uma “espécie de concretização de um novo sacerdócio, de um novo clero e de uma reivindicação de novos dias, de aquilo que se chama a opinião pública ou a educação cívica”. CATROGA, 2001, p.45.

⁶ “O intelectual constitui-se como tal intervindo no campo político *em nome da autonomia* e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes.” BOURDIEU, 2005, p.150.

de sua crítica e de seus projetos atendendo, dessa maneira, apenas ao programa mais amplo e mais profundo, segundo acreditavam, de recuperação e renovação de Portugal.

Essa postura crítica diante da elite já havia sido adotada em outra publicação que é considerada um dos mais importantes antecedentes¹ da *Seara*. Em 1918, António Sérgio, membro dissidente da *Renascença*, criou e dirigiu a revista intitulada *Pela Grei* (1918-1919), através da qual criticava os intelectuais portugueses por não terem sabido construir: “uma força moral na sociedade portuguesa, uma opinião pública, um tribunal, uma consciência da Grei, criada pela sua *elite* social em todos os campos de atividades, intensificada e esclarecida pelos seus escritores e publicistas”². Mas, essa publicação dirigida por Sérgio, juntamente com Ezequiel de Campos, dedicou-se, exclusivamente, à crítica e doutrinação política, econômica e pedagógica, enquanto que a revista criada em 1921 abriu um espaço em suas páginas para a arte e a cultura.

Ao explicar a sociologia das revistas literárias portuguesas do século XX, pensando em termos da função de uma publicação periódica, Clara Rocha Crabbé afirma:

Já tivemos ocasião de verificar que as revistas, enquanto órgãos de afirmação de grupo, contribuem muitas vezes para formar, do ponto de vista ideológico, estético-literário ou cultural, os seus colaboradores. Mas elas servem também para dar uma formação nesses três domínios aos seus leitores. Alguns exemplos são-nos fornecidos pela *Seara Nova*³.

A autora de *Revistas Literárias do século XX em Portugal* insere o periódico lisboeta dentro desses domínios e o define como uma publicação de “feição política”, com “inegável interesse literário”⁴.

¹ “revista *Pela Grei*, fundada em 1918 por António Sérgio, e da qual a *Seara Nova* se pode considerar continuadora”. LOPES, 1987, p.242.

² SÉRGIO, 1918, p.6.

³ ROCHA, 1985, p.106-107.

⁴ ROCHA, 1985, p.373.

A fim de esclarecer, em maiores detalhes, o programa que se pretendia desenvolver através da *Seara Nova*, passaremos a analisar os textos que aparecem na abertura desse periódico lisboeta.

3.2 Propostas

3.2.1 Os mandamentos da *Seara Nova* – antes do editorial

PRETENDE¹:

Renovar a mentalidade da elite portuguesa, tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de salvação;

Criar uma opinião pública nacional que exija e apóie as reformas necessárias;

Defender os interesses supremos da nação, opondo-se ao espírito de rapina das oligarquias dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos;

Protestar contra todos os movimentos revolucionários, e todavia defender e definir a grande causa da verdadeira Revolução;

Contribuir para formar, acima das Pátrias, a união de todas as Pátrias – uma consciência internacional bastante forte para não permitir novas lutas fratricidas².

O quadro aqui inserido é exposto na contra capa de todas as edições da *Seara Nova* e contém os princípios gerais pelos quais seriam regidos o grupo e a revista que se ia apresentando aos leitores. Partindo das premissas expostas acima, é possível perceber que as idéias definidas nos dois primeiros tópicos aproximam-se, pois fazem parte de um dos projetos tidos pelos seareiros como uma das questões fundamentais no processo de reconstrução nacional, ou seja, a restauração do pensamento português.

O terceiro tópico busca demonstrar a *independência* do grupo da *Seara* em relação a partidos políticos, classes ou grupos pré-existentes. Nesse sentido, deveria prevalecer, acima de qualquer outra questão, o próprio interesse “nacional”. Essa idéia, já explicitada no estudo da gênese do grupo e da revista, tem relação com a proposta de estabelecer a

¹ Esse quadro aparece inserido na contra-capa da revista, próximo ao Sumário, entre 1921 e 1923. A partir de maio de 1923 já não há mais esse quadro no periódico.

² Estas idéias aparecem em um pequeno quadro na contra-capa de todas as edições da revista *Seara Nova*.

autonomia dos intelectuais desse grupo, e possibilitar a realização de uma crítica que se pretendia livre e *independente*.

De certa maneira, as quatro premissas que se seguem a primeira aproximam-se pela utópica idéia de unidade e fraternidade almejadas pelos seareiros: seja em relação à formação de uma opinião pública, pressupondo um consenso no apoio às chamadas “reformas necessárias”; seja na idéia de defender os “interesses supremos da nação”, não definidos por eles em suas premissas; seja no ato de protestar contra “movimentos revolucionários”, que pressuporiam discordância frente à também não definida “verdadeira Revolução”; seja na tentativa de promover a “união de todas as Pátrias”, percebe-se em todos esses pressupostos a idéia de unidade como elemento fundamental no processo de reconstrução e reforma da mentalidade e do país.

O último tópico, como se pode notar, é consequência direta do primeiro conflito mundial, a chamada Grande Guerra – como se definia na época - ou Primeira Guerra Mundial, que chegara ao fim em novembro de 1918. A formação de uma consciência internacional acima do nacional demonstra a visão crítica do grupo em relação ao *nacionalismo*. Nesse sentido, os seareiros buscavam inserir-se numa vertente de oposição aos nacionalistas, considerados por eles, representativos de um tradicionalismo e um passadismo prejudiciais ao desenvolvimento pleno da pátria.

Como afirma Gerald M. Moser, em estudo sobre a revista lisboeta:

The program shows *Seara Nova* to have been animated by the ideology of classic nineteenth-century socialism as practiced in Great Britain. The *seareiros* believed in change through education and reform, hoping thus to ward off violent revolutions. They also believed in the political training of an intellectual elite (...). Finally they believed in international understanding, as well as in patriotism¹.

¹ “O programa mostra que a *Seara Nova* teria sido animada por uma ideologia do socialismo clássico oitocentista, como praticado na Inglaterra. Os seareiros acreditavam na mudança através da educação e da reforma, esperando assim reprimir revoluções violentas. Eles acreditavam, também, no treinamento

Ou seja, haveria uma forte componente social no projeto seareiro - herdeira em vários aspectos das idéias da chamada Geração de 70¹ - uma busca pelo entendimento numa dimensão de carácter internacional – decorrente da própria Guerra recém terminada– e um patriotismo que definia o comportamento dos próprios intelectuais, em Portugal, desde as primeiras décadas do século XIX, com as intervenções de Garrett e Herculano² e seu comprometimento com a realidade nacional.

intelectual da elite (...). Finalmente, eles acreditavam num entendimento internacional, assim como no patriotismo”. MOSER, 1965, p.21.

¹ “Como projeto explícito, o movimento pretendia dar continuidade a um combate que, reatualizando a melhor tradição modernizadora, iluminista e racionalista da nossa cultura, fosse capaz de prolongar o magistério de Herculano e da Geração de 70, tendo em vista a formação de uma nova opinião pública e de um novo **poder espiritual**, raízes sólidas em que deveria assentar a regeneração social e política do País”. CATROGA & CARVALHO, 1996, p.353.

² Proença was merely following a tradition that was rooted in the Enlightenment of the eighteenth century. In nineteenth-century Portugal many admired writers had represented this civic tradition, men such as Almeida Garrett and Herculano, who had fought, arms in hand, for constitutional monarchy, and were followed two generations later by Antero de Quental and Oliveira Martins, militant advocates of socialism. MOSER, 1965, p.16.

3.2.2 O editorial da *Seara Nova*: a elite intelectual e sua missão na reforma da nação lusitana

Il devient évident que la reforme du type national par l'éducation est la chose qui s'impose avant tout, la cheville ouvrière de l'évolution nécessaire pour rendre au peuple lusitanien la solidité et la prospérité qui répondra logiquement à ses qualités propres et à celles de son pays¹.

O editorial da *Seara Nova* foi escrito por Raúl Proença e publicado nas primeiras páginas desta revista em 15 de outubro de 1921. Neste texto foram descritos os objetivos principais e as idéias gerais de um grupo de intelectuais que se reunira, originalmente, no Gabinete do então Diretor da Biblioteca Nacional.

Nas primeiras linhas desse artigo foram definidos o perfil desse grupo e a finalidade de sua reunião em torno do periódico que estavam lançando naquele momento:

A SEARA NOVA representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos, mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas à vida nacional².

Em resumo, o cenário de crise no país, expresso no excerto pela idéia do “miserável circo” a que se faz referência, deveria ser modificado por aqueles que seriam os elementos das “mais altivas consciências”, ou seja, a *elite*, que deveria ser responsável pela formulação de projetos para a reforma nacional. Vale reforçar também a idéia, já referida anteriormente, da ênfase num supra partidarismo a que se propôs o grupo, nesse artigo introdutório.

¹ Trecho reproduzido nas páginas do primeiro exemplar da *Seara Nova*. “Palavras do economista León Poinsard, em *Le Portugal inconnu*, I, 64”. SEARA NOVA, out.1915, p.16.

² SEARA NOVA, out. 1921, p.1.

A situação convulsa dever-se-ia ao fato de esse escol¹ ter *renunciado* “ao seu papel diretivo” e à sua “verdadeira missão social”, mantendo-se alheado da realidade e isolado no seu “formalismo e no cabotinismo literário”. Esse isolamento, a vaidade e o egoísmo daqueles que agiriam como cabotinos: “conduziram a este tremendo resultado, que todas as esferas da atividade da nação se sentiram atingidas na falta de ideal, de inteligência, de capacidade criadora e de sensibilidade moral que se revelavam na sua *elite*”.

Reconhecendo a responsabilidade dos intelectuais na situação de crise nacional, os homens da *Seara* colocaram-se no papel de divulgadores e promotores de uma “atitude de protesto”. Sua intenção era transformar esses elementos da *intelligentsia* em membros ativos no processo de reconstrução nacional:

“Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes. Muito tempo passaram já os homens de *elite* isolados do povo, fora das realidades sociais, muito para além do plano e do movimento em que se tece o futuro do mundo”. Ou seja, como afirma Fernando Catroga: “Ser intelectual é – pelo menos na acepção de Raúl Proença no que toca a esse primeiro manifesto – ser-se herói”², e assumir para si a responsabilidade³ pelos destinos nacionais.

Definidas as primeiras diretrizes e assumida a culpabilidade no “desastre coletivo”, parte-se para a determinação das ações do grupo, que pretendia propagar as reformas necessárias, fundando “as condições da verdadeira democracia, sem as quais a República não passará do regime de baixa mentira e indigna plutocracia que tem sido até hoje”;

¹ “Em última análise, é ela a maior responsável, porque constitui aquela parte da consciência duma nação que deveria ser a última a desfalecer ou a corromper-se”. SEARA NOVA, n.1, out. 1921, p.1.

² CATROGA, 2001, p. 44.

³ “O heroísmo é a palavra mais adequada para exprimir o peso enorme das suas responsabilidades”. EDITORIAL, out.1921, p.1.

contribuir para criação de uma reforma da “consciência nacional” e lutar contra os chamados “assaltos revolucionários” em que o poder era tomado de “surpresa”:

não abandonando nunca estas disposições de combate, *A SEARA NOVA* quer exercer mais que uma simples ação de crítica e de protesto: quer chamar a atenção de todo o país para as reformas necessárias e contribuir para que se crie, em volta dessas reformas, uma opinião nacional que as exija e apóie.

Mas para empreender esse programa seria fundamental, segundo afirma-se no artigo, uma melhoria no campo material e, também, no campo Espiritual, ou seja:

Para nós a literatura, a arte, a filosofia não constituem um requinte dispensável da civilização: são, pelo contrário, as suas necessidades mais inofismáveis e as mais altas realidades da vida da espécie, sem as quais não seria possível conceber a sua existência nem desejar a sua prorrogação.

Mas essa elevação de espíritos, porém, não se poderia isolar no criticado formalismo ou “cabotinismo literário”: “Não é no marasmo intelectual, no letargo coletivo que se podem elaborar os grandes movimentos redentores”. Era preciso chamar esse escol à realidade, aproximá-lo do povo, despertá-lo para a sua *missão* de caráter coletivo.

Do ponto de vista político, os seareiros alinhavam-se na

extrema esquerda da República Radical, sem ser jacobina, os seus esforços irão para a transformação do regime no sentido das mais avançadas aspirações(...). Todas as suas simpatias vão, pois para os que lutam dentro da ordem, dos métodos democráticos, e desse espírito de realidades sem o qual são inteiramente ilusórias quaisquer reformas sociais, pelo triunfo do socialismo.

Lutando pela manutenção da democracia no país e propondo a realização de reformas sociais, em busca de “uma atitude de espírito inteiramente nova”, o grupo afirmou-se defensor do socialismo¹, mas essa atitude e essa imagem que, segundo Manuel Villaverde Cabral, permanece ainda hoje a respeito dos seareiros, faria parte de uma das ambigüidades das proposições políticas da *Seara Nova*:

¹ “the only instance of *Seara Nova*’s support for an alternation in property rights – the mild ‘agrarian reform’ designed by Ezequiel de Campos when he served in the short-lived left-wing cabinet led by Domingues dos Santos in 1924-25 – was not grounded in any peasant or working-class demand”. CABRAL, 1988, p.189.

Although many of the social and economic reforms advocated by the group had a progressive content, there is no commitment on the part of the group towards a radical change in the country's social structure and property distribution. (...) at no time did the group associate its political proposals with any working-class organization, either parties or trade unions, or any popular movement¹.

Ou seja, o grande projeto seareiro não chegaria a atingir as camadas mais populares e seria, em resumo, um projeto criado pela elite intelectual que poderia ter efeitos diretos apenas na própria elite do país, principalmente se levarmos em conta a situação da educação e o índice de analfabetismo em Portugal nas primeiras décadas do século XX. Óscar Lopes, porém, ao analisar o surgimento dessa revista, afirma que alguns elementos históricos anteriores a 1921, teriam sido determinantes no surgimento de um pensamento social na

Seara Nova:

Para melhor se compreender a viragem, convém não esquecer que a guerra e a conseqüente inflação, atingindo o povo a favor de uma minoria de *novos ricos*, extremara certos conflitos latentes, dando relevo à chamada *questão social*. Além disso, a vitória da Revolução Russa de Outubro de 1917 começa a fazer-se sentir no operariado, embora nesse período a tendência anarquista ainda prevaleça sobre a leninista².

A questão social, portanto, mesmo tendo sido idealizada e discutida por uma elite e dirigida a essa mesma elite, passava a ser uma característica e importante e uma preocupação que ocupava o pensamento dos intelectuais lusitanos, a partir de então.

Fechando o artigo, apresenta-se ao leitor um forte posicionamento crítico em relação ao nacionalismo. E essa postura derivaria de uma desconfiança em relação a essa doutrina política, entendida pelos seareiros como representativa de uma atitude tradicionalista, ligada a um olhar voltado para o passado:

¹ Embora muitas das reformas sociais e econômicas defendidas pelo grupo tivessem um conteúdo progressista, não houve comprometimento por parte dos seareiros em relação a uma mudança radical na estrutura social, nem mesmo na distribuição da propriedade (...) em nenhum momento o grupo aliou suas propostas políticas a classes trabalhadoras organizadas, nem a sindicatos, ou a qualquer movimento popular". CABRAL, 1988, p.188.

² LOPES, 1987, p.242.

“A *SEARA NOVA* não pode também esquecer que vive num mundo de nações ainda separadas por estreitos exclusivismos. O seu esforço irá, pois, neste ponto, para combater todas as formas de nacionalismo, essas doutrinas anti-humanas(...)”.

O desprezo pela estreiteza desse conjunto de princípios e regras de caráter nacional teria sua causa mais imediata no então *recente* conflito mundial, a Grande Guerra: “A *SEARA NOVA* (...) crê necessário que se forme, acima das Pátrias eternas, uma consciência internacional capaz de resistir energicamente a novas tentativas militaristas”. Acima das Pátrias, a “vontade desinteressada” e a inteligência seriam as melhores maneiras de solucionar todos os problemas, não só para os portugueses, mas sobretudo para manter a paz nas relações internacionais.

Na seqüência desse editorial, foram inseridas algumas proposições, dispostas de maneira esquemática, que parecem funcionar como pressupostos fundamentais que definem as idéias que o grupo *Seara Nova* pretendia reforçar em seu discurso de abertura.

O GRUPO SEARA NOVA não lisonjeará nenhuma classe da sociedade.

O GRUPO SEARA NOVA não dará a nenhum dos seus aderentes qualquer esperança de benefício pessoal.

O GRUPO SEARA NOVA não pretende o poder, mas preparar as condições necessárias de todo o verdadeiro poder.

O GRUPO SEARA NOVA quer **semear** em proveito coletivo, e não **colher** em proveito próprio.

O GRUPO SEARA NOVA não se limita a prosternar-se perante as glórias passadas da pátria: quer criar para a Pátria uma nova glória.

O GRUPO SEARA NOVA não olha o Passado, marcha resolutamente para o Futuro.

O GRUPO SEARA NOVA não se limita a glorificar os mortos heróis: quer que apareçam heróis vivos.

O GRUPO SEARA NOVA não fará festas, nem lançará morteiros. Dirige todos os esforços para a ação, e para a preocupação do dia de hoje e de amanhã¹.

Algumas das proposições dispostas nesse esquema retomam, de certa maneira, idéias já expostas pelo grupo através do editorial e do quadro “Pretende”. A autonomia que se

¹ SEARA NOVA, 15 de Outubro de 1921.

pretendia alcançar, com a ação de “Doutrina e Crítica”, e que se buscava empreender a partir de então, através da independência partidária, do poder ou de quaisquer classes é reafirmada nos três primeiros pressupostos.

As metáforas do quarto tópico relacionam-se diretamente ao próprio título da publicação lisboeta. Toma-se o sentido da “seara”, que significa uma extensão de terra cultivada, para explicar a atitude do grupo de espalhar “sementes” de forma a colher os “frutos”, decorrentes dessa ação germinadora. Ou seja, buscava-se promover projetos e permitir a renovação da mentalidade, em proveito de toda a coletividade, sem a intenção de alcançar apenas prestígio individual através da obra a realizar.

O quinto, sexto e sétimo pontos têm em comum a delimitação da ação dos seareiros em oposição a outras tendências nacionais de caráter tradicional que existiam em Portugal. A recusa da idéia de um “olhar” voltado para as “glórias passadas” e para os heróis, também do passado¹, se resume no sétimo tópico que determina que a ação daquele escol se daria em direção ao Futuro. Essa oposição define uma escolha política dos seareiros e uma definição ideológica que os associa à tradição, já referida anteriormente, da chamada Geração de 70, em oposição direta, a projetos como o Saudosista, defendido por Teixeira de Pascoaes na 2ª série de *A Águia*. Como afirma Amaro:

“a *Seara Nova* representou na sociedade portuguesa a continuação de uma visão racionalista, cosmopolita e progressiva que, por isso mesmo, entrou em choque com tendências saudosistas, nacionalistas e tradicionalistas”². .

¹ “No remate do artigo são sintetizados os intuitos da *Seara*, em que se afasta a idéia de privilegiar o olhar para o passado e se defende a marcha resoluta para o futuro(...). As glórias do passado histórico nacional, tão elevadas nos primeiros tempos da Renascença por Pascoaes e também por Cortesão, são remetidas para segundo plano, a intenção era que esse olhar para o passado não paralisasse as consciências e permitisse ‘criar para a Pátria uma nova glória’”. TRAVESSA, 2004, p.151.

² AMARO, 1995, p.37.

O oitavo pressuposto também tem relação com os três anteriores, uma vez que busca demonstrar que a *ação* que se pretendia iniciar, teria como horizontes temporais o presente e o futuro daquele país.

Mas, ainda não satisfeitos com essa longa introdução e com a apresentação dos princípios e objetivos gerais do grupo e da revista, que se apresentavam ao público, recorreu-se a uma convocação que retoma algumas das máximas expostas tanto no quadro “Pretende”, quando no Editorial e, também, nessas premissas expostas no exemplar inaugural.

Na seqüência de um texto em Prosa, de Raul Brandão, há uma convocatória: “A todos os portugueses desinteressados e de puras intenções”:

A SEARA NOVA não é nem nunca será um partido político. Não pretende, como grupo, a governança da Nação, mas sim transformar de maneira tal a mentalidade da elite portuguesa e do próprio povo que obrigue os políticos a seguir uma verdadeira política nacional¹.

E, após repetir essas idéias já anunciadas anteriormente, insere-se o convite:

Por isso pede a todos aqueles que concordarem com as idéias basilares da SEARA NOVA e estejam dispostos a enfileirar com ela no bom combate, o favor de comunicarem a esta redação. É urgente que se faça o recenseamento das forças morais e mentais com que o país pode contar para a sua regeneração².

Os seareiros pretendiam aliciar pessoas *desinteressadas e de puras intenções* a fim de realizar a obra a que se propunham. Todas essas afirmações e propostas que se apresentam, podemos concluir, fariam parte do projeto doutrinário e pedagógico que o grupo desejava empreender através de sua *ação*.

¹ SEARA NOVA, out.1921, p.6.

² SEARA NOVA, out.1921, p.6.

Passaremos, a seguir, à realização de uma descrição geral da *Seara Nova* entre 1921 e 1926 e, em seguida, centraremos nossos esforços na interpretação do papel da literatura e da cultura nessa publicação lisboeta.

3.3 Aspectos Gerais

3.3.1 Aspectos Formais

A revista¹ *Seara Nova* foi lançada em 15 de outubro de 1921 e foi publicada até o ano de 1979, em regime de periodicidade variável. De publicação quinzenal², passou a mensal e chegou, mesmo, a ter tiragens semanais³ a partir de 1925. Sua publicação sofreu algumas interrupções, entre as quais, uma em decorrência da instauração da Ditadura Militar, em 28 de Maio de 1926.

A escolha do título dessa publicação, que se deveu a Aquilino Ribeiro e Câmara Reys, como dissemos anteriormente, tinha relação com a imagem de si mesmo que o grupo pretendia veicular aos seus leitores. A palavra “seara”⁴ significa, em sentido denotativo, uma extensão de terra semeada, cultivada; e esse sentido conduz o leitor ao campo semântico da agricultura, da terra, do trabalho e do trabalhador rural. Essa acepção, porém, não se atém apenas à palavra que intitula o periódico: o logotipo e várias capas da publicação traziam imagens que remetiam ao trabalho no campo⁵; e, além disso, o primeiro poema, para citar apenas um, intitulado “Apólogo duma espiga de trigo”⁶, trazia essa

¹ A revista *Seara Nova* possuía o formato de 29,5cm X 21 cm; tinha periodicidade variável; contava, em geral, com uma média de 25 a 30 páginas por exemplar; era vendida, em 1921, a ESC. 0,50 centavos e, em 1926, já havia passado para ESC.1\$50.

² De outubro de 1921 a maio de 1922, a revista foi quinzenal. De julho a setembro de 1925, retoma-se o ritmo quinzenal. De julho de 1922 a julho de 1925 a revista passa a ser mensal, com algumas irregularidades, como a publicação de números duplos.

³ A revista passa a ter tiragem semanal entre outubro de 1925 e julho de 1926.

⁴ “A palavra ‘seara’, pode ser considerada em função dos elementos que a compõem – as espigas, habitualmente de trigo -, ou do conjunto, da seara em si. Em ambos os casos estamos perante símbolos antiqüíssimos, inscritos no mesmo plano de ressurreição e de renascimento, comum, aliás, a todo o mundo vegetal. (...). A espiga - de trigo, na culturas mediterrânicas, ou de milho, nas americanas -, é um emblema de fecundidade e um atributo solar, particularmente importante nas civilizações agrárias como fio condutor entre o Céu e a Terra e, ao mesmo tempo, como resolução dessa dualidade”. VENTURA, 1989, p.163.

⁵ “Deve ainda sublinhar-se a preocupação pelos problemas da estrutura agrária, mesmo se concretizada em medidas tímidas, como as que vieram a serem apresentadas em 1925 pelo ministro Ezequiel de Campos na *Proposta de lei de organização rural*, que ainda assim encontrou resistências inultrapassáveis”. Sottomayor Cárdua destaca a importância desse colaborador da *Seara* quando esteve à frente de um ministério. CÁRDIA, 1971, p.67.

⁶ SANTIAGO, out. 1921, 7-9.

temática e a repetição do vocábulo “seara” em vários de seus versos. Como afirma António Ventura em *O Imaginário Seareiro*: “a questão agrícola ocupou uma posição central nos diversos programas elaborados pelos seareiros(...)”¹.

Por outro lado, essa mesma palavra que dá nome à publicação, pode significar, em sentido figurado: agremiação, associação e, até mesmo, um partido. A aceção do adjetivo “nova” é importante, também, pois parece querer demonstrar um posicionamento ideológico dos seareiros que buscavam opor sua atitude diante da realidade nacional e seu programa de restauração do país a outros projetos de vertente mais *tradicionalista* em Portugal, apresentando-se como uma proposta de *renovação* no país.

Entre 1921 e 1923, fizeram parte da direção da revista: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Câmara Reys, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Raul Brandão, Raul Proença. Esses elementos, que compunham um dos “Grupos da Biblioteca Nacional”, estiveram à frente da publicação até março de 1923. A partir de Abril daquele ano, uma nova diretoria assumiu a publicação e a empresa de Publicidade *Seara Nova*: António Sérgio, Câmara Reys, Faria de Vasconcelos(até 1925) Jaime Cortesão, Raul Proença. A explicação para essa mudança foi publicada nas páginas o periódico lisboeta:

Tendo-se reconhecido a necessidade dum maior unidade de doutrina e dum *controle* mais eficaz de todos os artigos destinados à publicação, foi decidido pelos membros do grupo *Seara Nova* que o número dos diretores desta revista se reduzisse ao estritamente indispensável².

Outras mudanças³ ocorreram na composição dessa diretoria, com a saída de alguns membros e entrada de outros. Mas, de maneira geral, entre 1921 e 1926, três nomes

¹ VENTURA, 1989, p.188.

² SEARA NOVA, abril de 1923, p.153.

³ Em 1924 foram integrados os nomes de Mário de Azevedo Gomes e Sarmiento Pimentel. Em 1925, o piloto Sarmiento de Beires.

permaneceram desde o surgimento dessa publicação de Lisboa: Câmara Reys, Jaime Cortesão e Raul Proença; além, é claro, de um quarto nome, o do próprio António Sérgio, que continuou a fazer parte do corpo diretivo da revista até 1939, ano em que abandonou o grupo em função de discordância em relação a atitudes de Câmara Reys na direção dessa publicação.

As ilustrações da revista foram estudadas por António Ventura em *O Imaginário Seareiro*. Segundo Ventura:

As ilustrações dividem-se em dois grupos distintos: as reproduções e as colaborações originais. No primeiro caso, aproveitam-se trabalhos publicados noutros periódicos nacionais ou estrangeiros, bem como obras de pintores ou principiantes, utilizadas com fins meramente estéticos. O vínculo entre esses artistas e a *Seara* é reduzido ou até nulo.

No segundo caso, há uma comunhão mais efetiva entre os artistas e a revista. Os trabalhos são feitos por encomenda ou por iniciativa própria, num grau que não é possível determinar com precisão. O empenhamento de autores como José Rodrigues Miguéis, José Tagarro e Leal da Câmara não deixa margem para dúvidas, embora só o primeiro desenvolvesse uma atividade no grupo e no seu esforço de propaganda.

Os meios utilizados para veicular graficamente as idéias defendidas pela *Seara*, ou simplesmente para criticar uma situação, são diversos. Vão desde a caricatura, instrumento eficaz e de apreensão fácil e imediata, até às mensagens quase sub-liminares patentes nas vinhetas ou nas inocentes ilustrações de poemas¹.

Apesar da pobre iconografia da revista, que conta com um número reduzido de capas coloridas, reproduzidas em um papel de má qualidade, verifica-se que a linguagem icônica na *Seara Nova* teve a função de reforçar algumas das idéias-força propugnadas pelo grupo.

A revista apresentava uma estrutura interna bastante variável que foi se modificando ao longo do tempo. As seções, que iam aparecendo na revista, não eram fixas, como por exemplo na 2ª série de *A Águia*. A *Seara* tinha uma tendência, também, a acrescentar alguns “Fins de Página” que eram, na realidade, excertos de textos de pensadores, filósofos e escritores, que de maneira geral tinham relação direta com os ideários seareiros.

¹ VENTURA, 1989, p.213.

Com relação às temáticas e à definição geral da revista, podemos afirmar que a *Seara Nova* era uma revista de “Doutrina e Crítica”, que contava com textos sobre temas variados que eram abordados em suas páginas e compunham seu conteúdo. Havia uma grande variedade nos assuntos que eram abordados no periódico:

Também na *Seara Nova*, onde pela primeira vez se diz: ‘ A terra é de quem a cultiva’, deparamos com artigos de intervenção sobre a questão agrária, a carestia da vida, a educação, o funcionalismo, a falência das empresas privadas, a eletricidade, a aeronáutica militar, o fascismo de Mussolini e naturalmente os projetos de reorganização nacional¹.

Como se pode perceber por essa afirmação de Clara Rocha, a idéia de reforma nacional era central no projeto defendido pelo grupo que dirigia a revista. Em geral, publicavam-se artigos e textos que seguiam as temáticas relacionadas a: Doutrinas Políticas e Sociais; Educação; Poesia; Prosa; Política e Administração Portuguesas; Crítica Artística e Literária, além de inúmeros outros temas cotidianos e prosaicos abordados em seções como “Notas e Comentários”, por exemplo.

¹ ROCHA, 1985, p.108.

3.3.2 Uma revista de “Doutrina e Crítica”: os intelectuais, os ideários e a reconstrução nacional

A intelectualidade dos fins do século XIX e início do século XX refletiu de maneira *obsessiva* sobre Portugal, colocando em causa o ser e destino daquela nação. Desde a geração *romântica*, passando pela de 70 e também pelo grupo renascente que criou a 2ª série de *A Águia*, buscou-se discutir a situação nacional, mesmo que tomando enfoques ideológicos diferentes entre si.

A criação da *Seara Nova*: “Refletia, sem dúvida, o fundamental da atitude do grupo, que passava pela necessidade de fazer ressurgir Portugal¹” e essa atitude tinha sua raiz mais profunda numa idéia que aparece definida por Boaventura de Sousa Santos em “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal”:

Portugal tem um destino, uma razão teológica que ainda não cumpriu e que só cumpriu no período áureo dos descobrimentos e que o déficit de cumprimentos só pode ser superado por um reencontro do país consigo mesmo, a solo ou no contexto Espanha das Espanhas ou no contexto da Europa ou, ainda, no contexto do Atlântico².

Seja valorizando o passado português e acreditando no renascimento nacional, como no caso dos Saudosistas, seja criticando as grandes navegações, como a leitura feita por alguns membros da “Geração de 70” e como farão alguns membros da *Seara*, o que importava para a elite intelectual era mesmo contribuir para a reforma do país.

O grupo *Seara Nova* reivindicou para si, como dissemos anteriormente, a responsabilidade pela condução de uma reforma nacional capaz de suprimir a situação de crise da nação. Ou seja, os seareiros, assumindo-se como elite intelectual “espécie de portadores eleitos da Verdade(...) afirmação que teria no caso Dreyfus, com o seu cortejo de

¹ AMARO, 1995, p.37.

² SANTOS, 1995, p.63.

petições e de manifestos e com as suas apaixonadas divisões, o seu momento inaugural”¹, sentiam-se imbuídos de uma missão regeneradora: “Ora, salvar Portugal é tarefa dos intelectuais, pelo menos desde a revolução liberal²”. Como afirma Maria de Lourdes L. dos Santos:

A importância do papel político e cultural da *intelligentsia* na mudança social (a mudança possível dentro das limitadas possibilidades do país) seria por ela mesma expressamente sublinhada; os seus membros reconheciam-se, enquanto tais, vocacionados para regenerar a pátria, herdeiros de uma missão que os homens das luzes tinham encetado e agora lhes cabia recuperar e atualizar³.

É esse sentido de missão assumida por uma elite intelectual que norteia muitos dos artigos publicados na revista lisboeta. Dessa forma, foram convocados pelo grupo a oferecer sua colaboração ao periódico e à nação, alguns especialistas: como o pedagogo Faria de Vasconcelos e também Ferreira de Macedo, que escreveram artigos sobre a educação; o engenheiro Ezequiel de Campos, que escrevia, já desde a revista *Pela Grei*⁴, os artigos de economia; o advogado e funcionário da Caixa de Depósitos, Quirino de Jesus, que era responsável por artigos a respeito das Finanças do país, dentre outros. Entre os membros do grupo e elementos componentes da direção da revista figuravam: Raul Proença, que escrevia, na maior parte das vezes, artigos de crítica à política e à direita portuguesa, dando vasto destaque a uma longa campanha anti-integralista nas páginas da Seara; o dramaturgo, poeta e historiador Jaime Cortesão, que publicou textos vários que versavam sobre assuntos diversos como política interna, soluções políticas, crise nacional, além de ter publicado alguns textos literários e alguma crítica; o dramaturgo, contista e professor liceal Câmara Reis, que publicava textos vários, versando, na maior parte dos artigos, sobre crítica de

¹ CATROGA & CARVALHO, 1996, p.355.

² CATROGA, 2001, p.53.

³ Grifos da autora. SANTOS, 1985, p.9.

⁴ Antecedente da *Seara Nova*.

arte.

A apresentação desses projetos e a ampla colaboração desses nomes citados, porém, não implicava homogeneidade de pensamento. Todos os especialistas na revista *Seara Nova* são unânimes em afirmar a, um tanto óbvia, heterogeneidade no ideário, ou melhor, ideários¹ expressos pelo grupo, tendo em vista a própria diversidade nos componentes do agrupamento de intelectuais e no variado corpo de colaboradores da revista. Sobre as diferenças de orientação política e ideológica, Manuel Villaverde Cabral destaca, entre os principais colaboradores - tidos desde o início como especialistas que contribuíram nos programas de reforma nacional da revista -, os nomes de Ezequiel de Campos e Quirino de Jesus². Segundo Cabral, ambos possuíam uma orientação política mais direitista e teriam, posteriormente, contribuído com a Ditadura instaurada no país. Esse posicionamento ideológico, porém, não impediu que esses nomes figurassem entre os mais assíduos doutrinários da publicação lisboeta.

A unidade dos seareiros residiria, na realidade, na forma de conceberem-se a si mesmos como um grupo que pretendia exercer uma análise crítica e racional da realidade e de acreditarem no poder transformador dos intelectuais e na *ação* doutrinária, acima de

¹ “É difícil definir, dentro de parâmetros ideológicos rígidos, o ideário seareiro. Esta expressão – ‘ideário seareiro’ – é aliás, algo ambígua dada a longevidade da revista e as diversas fases que conheceu. Mesmo no período que consideramos – o ‘primeiro ideário seareiro’ – sobrepõem-se diferentes discursos expressos por personalidades que aparentemente, pouco têm em comum”. VENTURA, 1989, p.211.

² “Among the ‘competent specialists’ who are being suggested as capable of carrying out a ‘coherent plan of reforms... totally independent as party politics, finds Ezequiel de Campos (1874-1965), who are never actually became member of Seara’s editorial board but wrote extensively in the review about industrial and rural development, before he joined Salazar’s Estado Novo. (...) and the Catholic financial expert Quirino de Jesus (1855-1935), also frequent contributor to *Seara Nova*, who later joined the staff of Salazar and is said to have drafted many of the dictator’s early speeches”. “Entre os ‘especialistas’ que eram considerados capazes de apresentar um plano coerente de reformas totalmente independente de partidos políticos, estaria Ezequiel de Campos (1874-1965), que nunca se tornara membro do corpo diretivo da revista, mas que escreveu longamente no periódico sobre desenvolvimento industrial e rural, antes de juntar-se ao Estado Novo salazarista. (...) e o católico e especialista financeiro Quirino de Jesus (1855-1935), também colaborador frequente da *Seara Nova*, que mais tarde juntou-se ao governo salazarista e ficou conhecido como um dos responsáveis pelos primeiros discursos do ditador português”. CABRAL, 1988, p.183.

interesses político-partidários. Essas idéias foram apresentadas por Proença, em artigo de 1922¹, e compartilhadas pelo próprio António Sérgio, que o reforça em artigo de 1933².

ao longo do período compreendido entre 1921 e 1926 a ‘Seara Nova’ mantém certa uniformidade de estilo, (...). A política continua, todavia, a ser sempre, como é natural, a preocupação dominante(...)³.

Definidos os princípios que regeram a organização e orientação geral do grupo e da revista, partiremos para uma descrição dos principais aspectos do periódico no período a que nos propusemos pesquisar.

¹ Segundo Proença, o que uniria os seareiros seria: “espírito crítico, do método científico, o rigor, da sinceridade e probidade do pensamento”. SEARA NOVA, Agosto de 1925, p.34. Esse trecho não aparece assinado, mas pelo tom do texto, podemos afirmar que trata-se de um texto de Raul Proença.

² “o que nos liga é um desejo comum de investigação livre, conduzida, quando possamos, pelos hábitos salutareos da disciplina crítica”. SÉRGIO, 28 de Setembro de 1933, p.327.

³ LEMOS, 1966, p. 11.

3.3.3 Entre 1921 e 1926

O primeiro número da *Seara Nova* trouxe, além dos textos programáticos que analisamos anteriormente, alguns artigos que trataram de fornecer um diagnóstico da crise em Portugal. Ezequiel de Campos afirmou que o “O Problema Português” seria, em suma, econômico, o que provocou uma nota da redação em que se afirmava que seria a “degeneração de toda a atividade mental – e não (...) ‘evidentemente’ os problemas econômicos os únicos que devem preocupar o político e o homem de ação”¹. Faria de Vasconcelos, apresentou um artigo intitulado “As características de educação contemporânea”, no qual se destacava o papel fundamental da educação na formação do homem. Raúl Proença dedicou um longo texto de crítica ao “Funcionalismo Público” e afirmou a necessidade de reformas a fim de melhorar os serviços, organizar as secretarias e agilizar o atendimento ao público. Predominou, especialmente nesse exemplar, o tom de crítica incisiva e vibrante que caracteriza os textos de Raul Proença², principal colaborador desse exemplar e “espinha dorsal” da primeira fase da *Seara*.

O segundo exemplar, trazia uma estruturação formal mais organizada que a do primeiro. Os vários excertos sem título, inseridos de maneira desordenada no número inaugural, foram substituídos por textos que ocupavam por completo as folhas da publicação. Jaime Cortesão, que não havia colaborado no primeiro exemplar, abriu a revista com um artigo intitulado “A Crise Nacional”. Nele, o historiador afirmava:

“Os homens, que dirigem a *Seara Nova*, convenceram-se de que a abstenção e o isolamento

¹ NOTA DA REDAÇÃO, out. 1921, p. 12.

² “Em todos os seus escritos, havia a mesma pureza de intenções, o mesmo ímpeto e calor anímico, o mesmo esmero de forma, naquele estilo flexível, vibrante, carregando o melhor da inteligência e do coração”. REYS, 1972, p.11.

perante a angustiada crise nacional eram tão indignos de criaturas na plena consciência dos seus deveres como perigosos para os seus direitos mais sagrados”¹.

O segundo artigo, assinado por R.P., discutia os graves acontecimentos referentes à Revolução do 19 de Outubro. Nesse artigo, afirmava-se a oposição da revista em relação a levantes revolucionários como esse que culminara na morte de António Granjo, e conclamava-se o público, e principalmente os jovens, a participarem no movimento de “salvação” da Pátria. Ainda nesse mesmo número, de 5 de novembro, inseriu-se um outro texto intitulado “Porque não somos um partido político”, assinado também por Raul Proença: “A missão que a Seara Nova quer exercer na sociedade portuguesa tem de ser realizada em parte por homens de espírito científico, educados nas disciplinas do pensamento crítico e, por isso fundamentalmente incapazes de se arregimentarem em qualquer facção”. Na sequência, Azeredo Perdigão discutia sobre a “Economia e as Finanças”, enquanto Ezequiel de Campos continuava seu diagnóstico d’“O Problema Português”², série de artigos que é publicada na revista até o número 80, correspondente a dezembro de 1922 e janeiro de 1923. Esse segundo exemplar, porém, centrava vários textos no levante de “19 de Outubro” e, em todos, demonstrava-se a reprovação em relação a esses movimentos revolucionários.

Proença, a partir do 5º exemplar, inicia seus artigos intitulados “Acerca do Integralismo Lusitano”:

the group was constantly engaged in political and cultural debates. Proença, in particular, embarked on several important campaigns against integralismo lusitano, Cruzada Nun’Álvares and other groupings of the rising Authoritarian movement, but he tackled

¹ Para se ter uma idéia da influência exercida, imediatamente, pelo grupo da Seara Nova, em Portugal, leia-se o que diz Davi Ferreira em artigo de 1946: “Quatro dias depois do aparecimento do seu primeiro número, com a eclosão do movimento conhecido pelo 19 de Outubro, que tão funda impressão causou no espírito público, era logo a Seara Nova solicitada a intervir na vida política da Nação”. FERREIRA, 2000, p.504.

² Importa salientar que esses artigos intitulados “O Problema Português” e assinados por Ezequiel de Campos não foram publicados em sequência até o número 80. Ver índice da Revista Seara Nova.

them solely on the basis of abstract principles, again with very little reference to social analysis or any of the practical implications of those ideologies¹.

Mas segundo Cabral, esse movimento de crítica às idéias do integralismo não chegou a ser efetivamente uma discussão muito aprofundada dessa doutrina: “the debates turn into no more than discussions of semantics”².

Até o fim de 1921, predominaram na revista artigos sobre questões econômicas e, principalmente, educacionais, havendo também algum destaque nas questões políticas – o integralismo, por exemplo -, e apresentavam-se as propostas e principais linhas de orientação do grupo.

Em fevereiro de 1922, instalado já no poder o governo constituído depois do ato eleitoral, teve a SEARA NOVA conhecimento de que uma nova revolução estava prestes a eclodir. A fim de a evitar, fez espalhar um manifesto que foi largamente distribuído e publicado pela imprensa diária, ‘lançado um grito de aviso e de protesto’, que poderia, como de fato pôde, ‘influir beneficentemente no ânimo dos conjurados’³.

Em 1922, também, em função do famoso vôo Portugal-Brasil, realizado por Sacadura Cabral e Gago Coutinho⁴, houve um amplo movimento de divulgação, dentro da revista⁵ e de outras várias publicações portuguesas, desse extraordinário feito aéreo. A capa do exemplar de Maio, por exemplo, é ilustrada com um avião, semelhante ao utilizado pelos aviadores, pairando sobre um mar revolto. Também em função desse acontecimento,

¹ O grupo engajava-se constantemente em debates políticos e culturais. Proença, em particular, embarcou em várias campanhas contra o integralismo lusitano, Cruzada Nun’Álvares e outros agrupamentos ligados à ascensão do movimento autoritário, mas ele os atacou sozinho através de bases e princípios muito abstratos, novamente sem fazer grandes referências à análise social ou a qualquer implicação dessa ideologia. CABRAL, 1988, p.187.

² “o debate transformara-se numa discussão que não ultrapassou questões semânticas”. CABRAL, 1988, p.187.

³ FERREIRA, 1946, p.218.

⁴ Esse feito aéreo causou uma pequena polêmica, dentro da própria revista, em função da interpretação que se fez desse vôo, como se ele representasse o indício do renascimento de Portugal. Raul Proença acabou por criticar essa idéia e afirmou que o feito teria valor, efetivamente, apenas em função dos avanços científicos decorrentes da viagem. Ver mais detalhes na análise da Literatura da *Seara Nova*.

⁵ O exemplar de Maio traz vários artigos que tem como temática o raid aéreo: “Os Novos Lusíadas”, de Jaime Cortesão; “Os estudos e experiências preparatórias da viagem aérea”, de Gago Coutinho; “Gago Coutinho e Sacadura Cabral”, de José de Magalhães. Outros exemplares publicaram textos discutindo o vôo e o aprimoramento tecnológico decorrente da experiência empreendida pelos aviadores.

a publicação lisboeta deu maior espaço ao país homenageado pelo Centenário de Independência, e surgiu, a partir de então, uma seção intitulada “Bilhetes do Brasil”, assinada pelo jornalista Álvaro Pinto.

Esse foi, também, o ano em que se empreendeu uma campanha social intitulada “Socorram os famintos russos¹”, que recolheu dinheiro de leitores, posteriormente enviados para a Rússia², pelos seareiros.

No mês de Abril, o número 12 apresentou aos leitores da revista o “Programa mínimo de salvação pública”:

O grupo Seara Nova, preocupado com os perigos extremos da crise portuguesa, cumpre o dever de levantar o seu grito de alarme sobre o egoísmo, a inércia e o desvario coletivos, e expor o seu programa de governação extraordinária que julga indispensável entrar em execução para Portugal vencer as dificuldades presentes e consolidar os seus destinos³.

O programa apresentava um planeamento bastante amplo, que abordava temas como a política financeira, agrária, industrial, comercial, colonial e pedagógica. Nesse texto, pela primeira vez, o grupo assinou um artigo em que se referia à hipótese de uma ditadura *consentida* a fim de solucionar os problemas nacionais⁴.

De maneira geral, predominaram, em 1922, os textos sobre política, educação, economia, com ênfase para os fatos destacados acima. A preocupação utópica do grupo, de modificar a realidade nacional, continuava a ser a tônica também nesse ano.

Mas, segundo Davi Ferreira⁵, a nação continuava impassível aos chamados do grupo

¹ Raul Brandão escreveu o primeiro texto, publicado no número 10, da Seara, de 15 de Março de 1922.

² A capa do número 11, de Abril de 1922, traz um desenho de pessoas ajoelhadas próximo a um animal morto, acompanhado da seguinte legenda: “... e os Russos morrem à fome nas florestas”.

³ SEARA NOVA, abril de 1922, p.297.

⁴ “A experiência tem demonstrado que só um esforço prodigioso, realizado fora dos métodos parlamentares (que somos os primeiros a defender nas circunstâncias normais da vida política) poderá encarrear o país no caminho da salvação”. SEARA NOVA, abril de 1922, p.12.

⁵ FERREIRA, 1946.

e, em função disso, em Março 1923, foi lançado um novo “Apelo à Nação”¹. Essa solicitação marcava o lançamento da chamada “União Cívica”², grupo formado por intelectuais de orientação política, muitas vezes, divergente e que acreditavam na união de forças, mesmo que antagônicas, para atender ao sentido maior de retificação da vida portuguesa. Nesse longo artigo, composto por sete páginas, que incluem uma ampla lista de pessoas *aderentes* ao projeto, afirmava-se:

Cumpramos acentuar, primeiramente, que o plano de providências proposto neste apelo o submetemos a toda a Nação, com o desejo de concorrermos para o seu fortalecimento e prosperidade, sem pretensões a excluir nenhum esforço de partidos, coletividades ou homens que possam e queiram, efetivar, ajudar ou apoiar a sua execução. Por outro lado, as pessoas que o assinam, não têm espírito messiânico; sabem que a Nação é que se há de salvar a si mesma; cumpre, porém, que alguém dentro dela tome a iniciativa de exprimir as necessidades e aspirações do País³.

Mais uma vez, o grupo, juntamente com as outras pessoas que assinaram o manifesto, referiram-se a uma “governança extraordinária”, que já aparecera no Programa Mínimo, de 1922. Também aqui, há projetos para a Política Financeira, Econômica, Colonial e Educativa.

O número de Abril de 1923, porém, trazia uma mudança no Corpo Diretivo da revista, como referido na descrição dos Aspectos Gerais da *Seara*. Nesse exemplar, foram publicados dois artigos sobre a “União Cívica”, um assinado por Raul Proença⁴ e outro por António Sérgio⁵ - que acabara de entrar para a direção daquele periódico -, que parecem uma resposta⁶ desses intelectuais a alguma controvérsia decorrente da publicação do citado

¹ “Em finais de 1922, os diretores da *Seara Nova* preparam um novo documento, para o qual procuram arregimentar a adesão do maior número possível de personalidades”. VENTURA, 1989, p.24.

² António Ventura descreve, de maneira bastante aprofundada, as propostas da União Cívica. VENTURA, 1989.

³ SEARA NOVA, março de 1923, p.129.

⁴ PROENÇA, Abril de 1923, p.155-157.

⁵ SÉRGIO, Abril de 1923, p.157-161.

⁶ “Com a União Cívica estamos; mas, se lhe damos o nosso apoio, com ela não nos confundimos. Trabalhamos a seu lado, mas sem desprezar a tarefa que nos circunscrevemos”. PROENÇA, Abril de 1923,

manifesto. Apesar dos esforços do grupo, o projeto não vingou:

“Estava (...) condenado ao mesmo fim anterior o movimento da *União Cívica*. Depois de alguns meses em que foram levadas a efeito umas poucas sessões de propaganda em que se realizaram algumas conferências, a *União Cívica* deixava de existir”¹.

Em Outubro de 1923, publicou-se uma “Carta Aberta Dirigida a Sua Ex.a o Presidente da República” pelo Grupo ‘Seara Nova’”. A epístola era destinada ao recém empossado Presidente Teixeira Gomes:

Diz-se, Ex.mo Senhor, V. Ex.a partidária de se iniciar, sem tardança, uma política de pacificação e reconstrução de Portugal: por isso nos dirigimos a V. Ex.a, para lhe pedir que persevere nessas idéias construtivas, e lhe apresentarmos a maneira de ver de um grupo consciente de patriotas².

Nessa carta, a *Seara* voltava a apresentar projetos para as áreas industrial, pedagógica, política, agrária e financeira e acrescentava, no final do artigo, o que seria uma nova preocupação em relação ao país - o que soa paradoxal³, na verdade, quando confrontado aos outros manifestos da revista: “O Perigo de uma ditadura militar”. Nesse trecho, discute-se a ditadura espanhola, de Primo Rivera e o desejo de alguns portugueses para que se chegasse a um movimento semelhante em Portugal: “existe quem pense nesse momento numa ditadura militar”⁴.

Um novo movimento foi ensaiado pelos intelectuais da *Seara Nova*, através da revista *Homens Livres*: “A revista *Homens Livres*, de que foram publicados dois números (1 e 12 de Dezembro de 1923), marca uma nova etapa nos esforços de convergência

p.157. No número seguinte, Proença retoma esse assunto e escreve um artigo que, pelo próprio título, já é possível determinar o surgimento das controvérsias em relação a esse ovo grupo: “A União Cívica –Resposta às objeções fundamentais”.

¹ FERREIRA, 1946, p.209.

² SEARA NOVA, outubro - novembro de 1923, p.51.

³ A relação do grupo com a ditadura é uma das ambigüidades dos projetos defendidos pelos seareiros, como afirma Manuel V. Cabral. Em vários artigos da revista, inclusive, faz-se referência à necessidade de uma ditadura excepcional: “podemos admitir, em certos casos, a necessidade, muito transitória, da Ditadura”. PROENÇA, Março de 1926, p.83.

⁴ SEARA NOVA, outubro – novembro de 1923, p.54.

dinamizados pelos seareiros”¹. Não seria um grupo organizado, como a “União Cívica”, mas sim um movimento mais informal e efêmero, que teve os princípios gerais redigidos por António Sérgio. Tratar-se-ia de mais uma tentativa de agrupar pessoas² que tivessem diferentes orientações políticas, de qualquer classe social, orientação partidária ou religiosa. Mais uma tentativa efêmera do grupo, desapareceu rapidamente do cenário lusitano.

Em Dezembro de 1923, a *Seara* adotou uma importante modificação em um dos princípios definidos pelo grupo desde a fundação da revista. “Por várias vezes a *Seara Nova* tem sido solicitada a colaborar no governo. A essas solicitações tem ela oposto invariavelmente a sua recusa terminante(...)”. Porém, o grupo escrevia um artigo em que justificava as razões da aceitação de um novo convite: “A *Seara Nova* está, pois, representada no ministério, e está representada *para defender o seu ponto de vista de política geral e para pôr em prática os seus planos concretos de reforma*”³. Os membros do grupo que entraram no governo foram: António Sérgio, que assumiu a pasta de Instrução Pública e Mário de Azevedo Gomes, que ficou no Ministério da Agricultura. Ambos permaneceram nos cargos por aproximadamente 2 meses, e relataram as cada uma das atitudes tomadas nos ministérios através de artigos⁴ publicados na revista. O número 34 trazia, já, a justificativa da saída do Governo e os relatórios de Sérgio e Azevedo, entregues aos sucessores das pastas da Instrução e da Agricultura.

¹ VENTURA, 1989, p.42.

² A lista de colaboradores de *Homens Livres* é longa e nem sempre traduz uma presença real. Da *Seara Nova* aderiram António Sérgio, Aquilino, Augusto Casimiro, Câmara Reys, Ferreira de Macedo, Faria de Vasconcelos, Ezequiel de Campos, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Quirino de Jesus e Sarmiento Pimentel”. VENTURA, 1989, p.42. Além desses nomes, colaboraram alguns monárquicos e homens que haviam aderido à União Cívica.

³ SEARA NOVA, Dezembro de 1923, p.71.

⁴ “Há menos de um mês que a *Seara Nova* está representada no Governo, e já a sua atitude se marcou em alguns atos que revelam os seus pontos de vista, a **superioridade** dos seus intuitos e a pureza das suas ambições”. SEARA NOVA,

Em 24, foram publicados textos que tratavam dos intelectuais e da cultura do país. Em “Pela União dos Intelectuais”, reproduzido do “Opúsculo *Europa*” o Príncipe Carlos de Rohn afirma: “Falam-nos os economistas da reserva metálica: pois a elite intelectual é para a cultura de maior importância ainda que a reserva metálica para o equilíbrio financeiro”¹. António Sérgio, por outro lado, fazendo uso de sua inegável faceta de polemista implacável afirmava, em artigo sobre Fidelino de Figueiredo, que Portugal era um país de “bárbaros, sem verdadeira cultura intelectual”². Outro artigo que convoca esse escol foi escrito por Mário de Castro - que se opunha a uma conferência de Malheiro Dias; neste texto, Castro afirmava que se estivesse a seu alcance, convocaria a “elite intelectual portuguesa”³ a discutir amplamente a situação do país e apresentar *remédios* para a crise.

Essa mesma questão voltou a tona pelo próprio Sérgio, no exemplar de Setembro-Outubro, de 1924. Em “Problemas Pedagógicos”, o ensaísta criticava os intelectuais: “Este ensino, separado da vida, que as escolas tradicionais nos têm dado, divide a sociedade em duas castas: os chamados ‘intelectuais’ (que melhor se dizem os ‘bizantinos’) só sabedores de abstrações; e os chamados manuais, que são máquinas de ganhar pão: e de aí lutas e incompreensões”⁴. Propunha-se, dessa forma, uma educação mais voltada para a prática e o trabalho.

De maneira geral, a *Seara Nova*, em 1924, mantinha as tendências originais, de buscar diagnosticar e propor mudanças para o país. E entrava, também, num terreno de polêmicas⁵ derivadas, certamente, do estilo do ensaísta¹ que entrara para a direção da

¹ ROHN, junho de 1924, p. 241.

² SÉRGIO, Julho-Agosto de 1924, p.8.

³ CASTRO, Julho-Agosto de 1924, p. 12.

⁴ SÉRGIO, Set.-Out. de 1924, p.25.

⁵ Em verdade, as polêmicas estavam presentes na revista *Seara Nova* desde seu surgimento, na própria divergência entre as idéias do grupo e o Integralismo Lusitano. Já, António Sérgio, como afirma Moser, parecia apreciar o polemismo: “Sérgio,(...) replying to a critic, he admitted that "those who attack me render

publicação em Abril de 1923. A *Seara* seguia, também, anunciando suas ações no campo da educação, nas páginas da revista, como indica o próprio título do artigo “Universidade Livre – Bibliotecas ao ar livre – conferências – a colaboração da ‘Seara Nova’ na sua obra educativa”², no exemplar correspondente a Novembro-Dezembro daquele ano. Política, economia e educação continuaram dominantes na revista, em 24.

Também em 1925 verifica-se a predominância dessas temáticas. A educação, a economia, a situação política em Portugal – com destaque para vários artigos que criticavam a corrupção, falta de habilidade em governar, a situação da República. Além desses temas, recorrentes em outros números anteriores da revista, surgiam muitos textos sobre a aviação em Portugal – o que, inclusive, se tornara mais freqüente em função da entrada do piloto da aeronáutica, Sarmiento de Beires³, para a direção da revista; além disso, percebe-se uma ampliação de artigos ligados à Questão Colonial, que já era tida como prioritária a partir do Programa de Salvação Pública, de 1922. Aumentavam, na revista, especialmente a partir de Agosto de 1925, textos de Fim de Página⁴, que eram os já citados pequenos excertos selecionados de importantes nomes da cultura e do pensamento

me a real service. Indeed, such attacks offer me pretexts to explain myself; as a matter of fact, I always enjoy addressing readers, not only the intelligent ones, but the others as well”. Sérgio,(...) respondendo à crítica, admitiu que ‘aqueles que me atacam fazem-me um favor. Na realidade, esses ataques me oferecem pretextos para explicar a mim mesmo; em verdade, eu sempre gosto de dirigir-me aos escritores, não somente os inteligentes, mas os outros também”. MOSER, 1965, p. 23 Ainda segundo Moser: “When Sérgio separated from the group in 1939, *Seara Nova* became less polemical” “Quando Sérgio separou-se da revista em 1939, a *Seara Nova* tornou-se menos polêmica”. MOSER, 1965, p. 27.

¹ Ou seja, António Sérgio.

² “O Grupo ‘Seara Nova’ realizará este ano, regularmente, na Universidade Livre, palestras sobre literatura, arte, história, educação, assuntos econômicos e sociais, etc. Serão conferentes, entre outros, António Sérgio, Jaime Cortesão, Rodrigues Miguéis, Mário de Castro e Câmara Reys”. SEARA NOVA, Nov.-dez., 1924, p.54.

³ “A partir desse número, pertence à direção da ‘Seara Nova’ o major Sarmiento de Beires. Escusamos de acentuar, perante os nossos leitores, quanto nos desvanece, sob o ponto de vista moral e intelectual, a nobre camaradagem do ilustre português na tarefa árdua que nos propusemos realizar. Ele encontra-se inteiramente identificado com os nossos ideais e os nossos processos de propaganda e combate”. SEARA NOVA, 15 de Março de 1925, p.130.

⁴ Esses excertos, que chamaremos de “Fim de Página”, para efeitos de organização bibliográfica, não aparecem nos sumários da revista.

universal, como: Stuart Mill¹, Tolstoi², Dostoievski³, Descartes⁴; entre os portugueses, Camilo⁵ e Antero⁶, para citar somente alguns dos mais conhecidos. Esses excertos serviam, em geral, para reforçar algumas das idéias defendidas pelos seareiros e refletia a própria crença do grupo no poder de transformação da realidade através da intervenção pedagógica e doutrinária dos intelectuais sobre a situação do país.

Também em 1925 surgia, na revista, uma campanha da “Liga Propulsora da Instrução em Portugal”:

Está já instalada em Lisboa a delegação da *Liga Propulsora da Instrução em Portugal*, fundada pelos nossos patrícios do Brasil graças à iniciativa do Sr. António Pereira Inácio e do nosso cônsul em São Paulo, o Dr. José Augusto de Magalhães. A Liga propõe-se criar e manter escolas em Portugal, auxiliar as obras da Assistência, acabar com a mendicidade nas ruas, conceder pensões de estudo e fomentar a investigação científica.

Basta enunciar estes objetivos para os nossos leitores concluírem que a *Liga* terá o apoio entusiasta da *Seara Nova*, pois esses objetivos coincidem perfeitamente com uma parte considerável do nosso programa.

A todas as pessoas que estejam dispostas a auxiliar esta obra, rogamos o obséquio de se dirigirem ao presidente do Conselho Pedagógico da Liga, António Sérgio, Biblioteca Nacional, Lisboa⁷.

¹ “Vi muitas das reformas, pelas quais eu havia combatido, efetuadas ou em via de execução. Estas mudanças, porém, não tinham sido seguidas de tantas vantagens para o bem dos homens que eu ignorava, porque muito pouco haviam feito progredir aquela condição essencial de que depende toda verdadeira melhoria da sorte dos homens: o seu estado intelectual e moral. Estou hoje convencido de que nenhum grande progresso na sorte humana é possível enquanto se não conseguir uma grande mudança na constituição fundamental das maneiras de pensar”. MILL, 15 de agosto de 1925, p.56.

² “Toda a história da humanidade é a substituição progressiva da violência pela convicção racional. Quanto mais a sociedade reconhecer com clareza o estúpido e contraproducente da violência, mais se aproximará da verdadeira liberdade. Para moverem o mundo, cumpre que os homens tenham fé no poder da convicção racional que se sirvam dela unicamente, sem lhe misturar os processos exteriores da violência, que a despojam da suas força”. TOLSTOI, Setembro de 1925, p.84.

³ “Só dizer uma parte da verdade é não dizer coisa alguma”. DOSTOIEVSKI, 12 de dezembro de 1925, p.64.

⁴ “Quanto a mim, homem culto é somente aquele que, por longos cuidados, cultivou assiduamente o seu espírito e os seus costumes. Ora, tal cultura não se pode adquirir por um comércio desordenado com quaisquer livros, mas só pela leitura dos maiores livros, e por uma leitura repetida e assídua deles”. DESCARTES, 10 de Outubro de 1925, p.127.

⁵ “As grandes fortunas surpreendem-se de assalto; as pequenas conquistam-se devagar. Em matéria de riqueza, os improvisos prósperos são por via de regra infâmias felizes”. BRANCO, 1 de Agosto de 1925, p.28.

⁶ “Mas, ex.mo Senhor, será possível viver sem idéias? – Esta é que é a grande questão”. QUENTAL, 15 de Agosto de 1925, p.50.

⁷ SEARA NOVA, 17 de Outubro de 1925, p. 154.

Em *A Pedagogia Portuguesa Contemporânea*¹, Rogério Fernandes destaca o papel de Sérgio na citada Liga e na Educação em Portugal. Os objetivos desta coligação são mais bem expostos em artigo de Janeiro de 1926, assinado pelo Presidente da Delegação naquele país. Nesse artigo, Sérgio afirmava que seria necessário priorizar a qualidade e não a quantidade, mesmo que isso representasse o acesso à educação a uma parcela bastante restrita da população de cada aldeia: “Este *pequeno* núcleo, *intensamente* preparado (...) há de constituir pela natureza das coisas um fermento educador para todo o resto da população²”. Ou seja, cada um dos alunos, intensamente educados, passaria, dessa forma, a ser “um foco intenso de educação para as pessoas em redor de si³”. Em outros exemplares, há pequenas propagandas⁴ que convocam as pessoas a contribuírem com a campanha que se vinha fomentando através desse utópico programa pedagógico.

1926 é, também, um ano de intensa produção doutrinária: política, pedagógica, econômica e de ampliação da campanha colonial. Essa questão tornara-se tão central para os intelectuais da revista, que o número duplo 68-69, correspondente a Janeiro, foi totalmente dedicado a essa temática:

A Seara Nova entende que a finalidade ideal da nação, maior e profunda razão da sua independência, se liga indissolavelmente à missão colonizante e, por conseqüência, à posse dos seus domínios do ultramar. Desta arte, qualquer perigo que impenda seriamente sobre as colônias portuguesas, conturba e ameaça a vida de Portugal, no jogo íntimo das suas energias e aspirações essenciais⁵.

¹ Segundo Fernandes, três anos depois da tentativa frustrada no Ministério da Instrução e da União Cívica, Sérgio: “juntamente com Rodrigues Miguéis, desenvolve apreciável atividade no âmbito da Liga Propulsora da Instrução em Portugal, fundada em 1925, no Estado de São Paulo, por beneméritos portugueses. A Liga pretendia contribuir ‘para o melhoramento das condições da vida portuguesa’, para o que se propunha construir escolas-modelo, fazer publicar obras de natureza didática, atribuir bolsas de estudo, além de prêmios a professores e alunos, etc.”. FERNANDES, 1979, p.96.

² SÉRGIO, 2 de janeiro de 1926, p.129.

³ SÉRGIO, 2 de janeiro de 1926, p.129.

⁴ “Se quereis a reforma da educação popular e melhores dias para o nosso país, inscrevei-vos na ‘Liga propulsora da Instrução em Portugal’. Escrevei ao Presidente da Delegação e diretor pedagógico, António Sérgio, Biblioteca Nacional, Lisboa, ou ao Secretário da ‘Liga’, Dr. Rodrigues Miguéis (mesmo endereço) a dizer a quota mensal com que subscreveis”. A. S., 20 de Março de 1926, p.129.

⁵ SEARA NOVA, Jan. de 1926, p.143.

Mas essa campanha não se ateve apenas a esse número. Leite de Magalhães escreveu sobre questões financeiras das colônias em “O problema do crédito nas colônias e o banco nacional ultramarino”¹ e “O Regime Bancário Ultramarino”²; Constâncio Mascarenhas, sobre “O déficit em Goa”³; Quirino de Jesus, publicou “Metrópole e Colônias – A comissão de Angola e o Banco Emissor”⁴ e “A crise das colônias”⁵; em “Pelas Nossas colônias”, publicou-se o “Programa Nacional da ação nacional de Moçambique”⁶, não assinado; e outra nota da redação, intitulada “Moçambique”. Somam-se a esses artigos, vários textos dedicados à Índia e Macau, na Seção Oriental, criada no número 59 da *Seara*. Em um desses artigos, escritos por Jaime Cortesão, salientava-se a importância da política imperial no Oriente: “Hoje os governos da Índia e de Macau são postos de excepcional interesse diplomático”⁷.

Outra campanha que se intensificou na *Seara*, em 1926, foi a do antifascismo. Raul Proença abria o número 77 com o texto: “O Fascismo e as suas repercussões em Portugal” e fechava o texto com a seguinte nota: “P.S. Escrito em um só dia, às sacadas nervosas, não tive tempo de tornar esse artigo, nem mais curto nem melhor. O momento urge. É

¹ MAGALHÃES, 6 de Março de 1926, p.83.

² MAGALHÃES, 1 de Abril de 1926, p.166.

³ MASCARENHAS, 20 de Fevereiro de 1926, p.58.

⁴ JESUS, 27 de Fevereiro de 1926, p.71-75.

⁵ “Este povo colonizador tem de passar para diante, por cima de todos os obstáculos”. JESUS, 13 de Março de 1926, p.110.

⁶ Antes da publicação do programa, há a seguinte introdução: “A organização política que portugueses de boa vontade, residentes nessa Província, constituíram sob a designação de Ação Nacional de Moçambique, - e de quem publicamos num dos últimos números um telegrama reclamando a atenção dos governantes para os problemas mais instantes da Província – não põe a questão política do regime, nem tampouco o problema religioso. Desta sorte, para esta organização podem ingressar todos os portugueses, quaisquer que sejam as opiniões políticas e as convicções religiosas, uma vez que queiram lutar pelo engrandecimento da Província de Moçambique(...)”. São publicados os princípios definidores da organização, que traz, entre as determinações da “Política externa”: “Condução da política externa em linhas firmes, de modo a estabelecer um equilíbrio justo entre os interesses da Província e de todas as colônias limítrofes”. SEARA NOVA, 23 de junho de 1926, p.410.

⁷ CORTESÃO, 6 de Fevereiro de 1926, p. 6.

necessária a ação. E nós vamos para ela!¹”. A capa do número 80, de 27 de Março de 1926, trazia um desenho com o perfil desenhado de Mussolini e a seguinte legenda, também de Proença:

Mussolini, o Déspota italiano que governa pela violência, a supressão de todas as liberdades, a flagelação e o óleo de rícino. É um dos tiranos mais desprezíveis de toda a História. O seu Império envergonha o mundo moderno. O seu rosto é um dos maiores argumentos contra o Fascismo².

Nesse mesmo número da revista havia uma nota, não assinada, intitulada “Propaganda antifascista – em defesa das liberdades adquiridas”. O texto noticiava as palestras proferidas no Liceu Camões a fim de evitar “a implantação triunfante, em Portugal, do espírito da violência e dos processos mussolinistas”³. O número 83 também apresentou um artigo intitulado “O Fascismo”⁴, assinado por R.P, no qual se fazia a denúncia dos abusos dos governos fascistas na Itália, Romênia e Bulgária. O artigo que abriu a *Seara* de 13 de maio foi assinado, também, por Proença e intitulava-se “Uma apologia do Fascismo”⁵, no qual se publicava uma resposta a artigo de Martinho Nobre de Melo. A partir de junho, surgiram, então, textos sobre a Ditadura Militar. Azevedo Gomes escreveu o texto “A situação política”, em que demonstrava alguma incerteza em relação ao “movimento da força armada”⁶ em Portugal. Proença, porém, em 23 de Junho professava a opinião do grupo em “A República e o exército”: Fez-se um movimento militar do qual discordamos, por não confiar nos resultados que dele iam advir para o país, dadas as características com

¹ PROENÇA, 6 de Março de 1926, p.89.

² PROENÇA, 27 de Março de 1926. (capa)

³ SEARA NOVA, 27 de Março de 1926, p.158.

⁴ SEARA NOVA, 15 de Abril de 1926, p.208.

⁵ PROENÇA, 13 de Maio de 1923, p.283.

⁶ GOMES, 17 de junho de 1926, p.383.

que, desde o início, se apresentou”¹. Porém, esses esforços dos seareiros, representados nos artigos pelas palavras sempre fortes de Proença², passaram a ser vetados a partir do exemplar de 15 de Julho de 1926, que foi, como dissemos anteriormente, o primeiro a ser “visado pela Comissão de Censura”. Uma nota intitulada “A ‘Seara Nova’ e a censura”, do número 96, correspondente a 12 de Agosto de 1926, explicava a situação aos leitores:

Devem ter reparado os nossos leitores que a *Seara Nova*, depois de manter durante mais de oito meses a regularidade da sua publicação semanal, já saiu, por duas vezes com largos intervalos. A nossa obra de doutrina e crítica, que representou um sacrifício constante e árduo, tanto de colaboração como de administração, por parte de uma dúzia de pessoas devotadas e idealistas, não se coaduna com o lápis censural de oficiais, mas cuja existência o país e nós ignorávamos por completo há dois meses.

Estamos a colecionar os artigos costados por eles; se chegarem para dar um número, sairão, em melhores dias, com uma dedicatória solene aos censores.

Até lá iremos obedecendo ao capricho literário e inexperiente, mantendo a nossa revista a feição puramente doutrinária. Assim se explica que, por estes calores de Junho, Julho e Agosto, se tenham deixado descansar um pouco mais os redatores e os compositores da *Seara*.³

¹ PROENÇA, 23 de junho de 1926, p.403. (o artigo não aparece assinado, mas o tom do texto revela que o autor era, na realidade, Raul Proença).

² “Raul Proença, mais atento aos problemas de filosofia política e ao advento dos totalitarismos europeus, deu particular destaque ao combate às primeiras manifestações fascizantes em Portugal”. CATROGA & CARVALHO, 1996, p.357.

³ SEARA NOVA, 12 de Agosto de 1926, p.465.

3.3.4 Breves conclusões

O que podemos concluir dessa breve análise dos 96 números da *Seara Nova*, em termos de doutrina e crítica, é que no geral, predominam nessa publicação entre 1921 e 1926, a análise da situação portuguesa e propostas de soluções para os problemas da nação, centrados, principalmente, nas questões econômicas, políticas – reforma da República¹ - e educacionais. Como afirma António Rafael Amaro: “a política e a doutrinação política dominaram, em relação às outras temáticas, no período de 1921 a 1926, de forma absoluta”².

A *Seara* foi sempre combativa e buscou exercer uma forte influência sobre a sociedade, através de um movimento claramente moralizante³ e social. Em função da priorização das temáticas políticas, a presença da cultura, da arte⁴ e da literatura é bastante escassa na *Seara Nova*, no período abordado. Percebe-se, ainda, lendo a revista lisboeta, que o espaço destinado a esses temas vai sendo progressivamente suprimido pelos assuntos considerados mais *importantes* pelos seareiros.

Mas, como afirma Oscar Lopes: “os fins da revista não eram apenas doutrinários e políticos; *Seara Nova* visava ainda a formação dum escol cultural, capaz duma reforma de

¹ “A combatividade posta na reforma da República e o sentimento que os seareiros tinham de que ela progressivamente se estava afundando explicam o domínio claro dos temas políticos”. AMARO, 1995, p.46. Nesse texto, Amaro mostra em um gráfico a percentagem de textos de Cultura, Literatura e Arte (15,42%) em relação Política (47,58%), Economia (8,35%), História (3,98%), Educação (3,98%). AMARO, 1995, p.47.

² AMARO, 1995, p.46. Nesse texto, Amaro mostra em um gráfico a percentagem de textos de Cultura, Literatura e Arte (15,42%) em relação Política (47,58%), Economia (8,35%), História (3,98%), Educação (3,98%). AMARO, 1995, p.47.

³ “Fazer propaganda da SEARA é contribuir para a moralização dos costumes políticos e dignificação da República”. SEARA NOVA, junho de 1924, p. 30.

⁴ É preciso informar, porém, que o trabalho iconográfico da revista foi bastante significativo e notado pelos pesquisadores que estudaram a *Seara Nova*: “A meu ver, a década de 20 é a década de ouro da *Seara Nova* ao nível iconográfico, com colaborações magníficas de meia dúzia de artistas”. VENTURA, 2001, p.259.

mentalidade”¹. Dessa forma, passaremos, no próximo tópico, a avaliar o papel da literatura no projeto de transformação cultural e educacional proposto pelos seareiros naquele periódico.

¹ LOPES, 1987, p.248.

3.4 A literatura

3.4.1 Introdução

3.4.1.1 Escassos estudos

Sobre a literatura na *Seara Nova*, podemos afirmar que existem pouquíssimos estudos, como os que enumeraremos a seguir. Além da obra de Clara Rocha, que aborda todas as publicações periódicas do século XX em Portugal, e, dessa forma, faz apenas algumas considerações acerca do papel da literatura nesse periódico, há apenas um outro artigo que analisa, especificamente, alguns textos literários e alguns escritores que publicaram nas páginas dessa revista lisboeta.

Em “The Campaign of *Seara Nova* and its Impact on Portuguese Literature”, Gerald M. Moser faz uma breve introdução acerca da “Origem, Espírito e Evolução” do grupo e da revista *Seara Nova*. Depois de discorrer sobre a história da publicação e, principalmente, sobre os objetivos dos intelectuais que criaram esse periódico, o autor do texto dedicou-se, então, à “Questão Literária na *Seara Nova*”, entre 1921 e 1961:

In the pages of *Seara Nova* the reader regularly finds reviews of books, plays, and motion pictures. Now and then a tale, a few poems, or some literary reminiscences add life to the didactic, critical, or technical prose of the remaining pages¹.

Como foi dito anteriormente, a *Seara Nova* foi fundada com a intenção de promover uma reforma política, social e principalmente mental, em Portugal. Segundo Moser, a revista: “It has always placed educational, political, and economic questions above other concerns. At the same time, it has retained the cultural, even artistic, flavor of its beginnings, reflecting the esthetic inclinations of its founders”². Ou seja, mesmo privilegiando os aspectos

¹ “Nas páginas da *Seara Nova* o leitor encontra regularmente críticas de livros, de peças e filmes. Aqui e ali um conto, alguns poemas, crítica ou prosa técnica”. MOSER, 1965, p.29.

² “Colocou sempre as questões educacionais, políticas e econômicas acima de outros temas. Ao mesmo tempo, manteve o gosto cultural, até mesmo artísticos, refletindo as inclinações estéticas de seus fundadores”. MOSER, 1965, p.28.

educacionais, políticos, sociais e econômicos, a *Seara* não o fez em detrimento da cultura, que acabou por refletir o “gosto estético” de seus fundadores. A arte e, mais especificamente, a literatura, são componentes que merecem destaque na estruturação desse periódico de Doutrina e Crítica.

Ao analisar a literatura da revista, no período proposto de 1921 a 61, esse ensaísta fez um recorte, privilegiando a análise da produção de apenas três importantes nomes da literatura portuguesa que fizeram parte da publicação lisboeta: José Gomes Ferreira, José R. Miguéis e Irene Lisboa. Moser cita, ainda, Raul Brandão, a quem ele parece buscar filiar os três, até então, jovens escritores lusitanos.

Sobre o papel da literatura na revista, Moser afirma que a grande contribuição da *Seara* foi abrir espaço, em suas páginas, para uma convivência entre intelectuais experientes e jovens escritores portugueses.

The intellectuals who had rallied to the defense of the Republic in 1919 by forming the "Seara Nova" were mature men, not youthful dreamers. Jose R. Miguéis tells of the impression they made on him and other young people at the time. According to Miguéis, the young felt reassured by the sight of "those men in their forties [sic], reacting together against errors and narrowness. They embodied faith in the value of ideas, culture, a purified Democracy, militant action, unselfishness, constructive criticism, confidence in truth and progress, and an idealistic doctrine arising from the very center of reality like a shining sword." These mature men gave *Seara Nova* more than they received from it. Jaime Cortesão gave it his patriotism, fervent to the point of lyrical exaltation, Raul Proença his talent for organizing, Sérgio his love of clear thinking, Brandão his anger and his pity, Aquilino Ribeiro his realistic understanding of country people and his love of the Portuguese language, Augusto Casimiro his poetic idealism.

On the other hand, inexperienced younger men and women were to owe to *Seara Nova* their first chance to reach with their writings a select public of kindred liberal minds. Given its principles of tolerance and free, rational criticism, averse to rigid dogma, partisanship, or literary *cliques*, *Seara Nova* could not be expected to create a style of writing among the new generations. But it came close to it¹.

1

Os intelectuais que defendiam a República em 1919 formando a “Seara Nova” eram homens maduros, e não jovens sonhadores. José Rodrigues Miguéis conta a influência que eles tiveram sobre ele e sobre outros jovens naquele momento. De acordo com Miguéis os jovens sentiram-se tranquilizados pela visão ‘daqueles homens em seus quarenta anos, reagindo juntos contra erros e estreitezas de pensamento. Eles tinham fé no poder das idéias, cultura, numa democracia purificada, na ação militante, no desprendimento, na crítica construtiva, na verdade e no progresso, e numa doutrina idealista nascida do centro da realidade como uma espada brilhante’.

A troca de experiências entre aquelas gerações e, também, a possibilidade de jovens artistas terem na revista um espaço de publicação¹ de textos literários foram as maiores contribuições que o autor destaca naquela publicação lisboeta, para o campo das artes.

A análise de Moser, porém, não incide sobre os textos que abordam papel da arte e da literatura entre 1921 e 1926. O autor faz um levantamento dos números especiais da revista que foram dedicados especificamente às “*belles lettres*”², mas somente a partir da década de 30.

Assim como Moser, Clara Rocha no já citado livro intitulado *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, dedica um pequeno trecho de seu estudo à *Seara Nova* ao papel da literatura nesse periódico. Para Rocha, o periódico lisboeta teria sido, reconhecidamente, uma publicação com influência maior do ponto de vista doutrinário e político³, mas que, em termos literários, teria sido precursora de uma arte de caráter mais engajado, como a que surgiria naquele país somente a partir dos anos finais da década de 30.

Prolongando-se por quase sessenta anos, a *Seara Nova* foi uma importante publicação doutrinária, tanto no plano ideológico como no plano literário, preparando neste último

Esses homens maduros deram à *Seara Nova* mais que eles receberam. Jaime Cortesão deu seu patriotismo, fervente ao ponto de explicitar uma exaltação lírica, Raul Proença seu talento para a organização, Sérgio seu amor pela clareza das idéias, Brandão sua raiva e pena, Aquilino Ribeiro sua compreensão realista do povo do campo e seu amor pela língua portuguesa, Augusto Casimiro seu idealismo poético.

Por outro lado, jovens inexperientes deveram à *Seara Nova* a primeira chance de encontrar com seus escritos um público seletivo de mentes liberais. Em função de seus princípios de tolerância e liberdade, crítica racional, e aversão a dogmas rígidos, ou *cliques* literários, não se esperava que a *Seara Nova* criasse um estilo de escrita entre a nova geração. Mas chegou bem próximo a isso. MOSER, 1965, p.30.

¹ Cremos, porém, que essa possibilidade de publicação de textos de jovens escritores, a que se refere Moser, não é um privilégio exclusivo da *Seara Nova*. Antes disso, a própria revista *A Águia* constituiu-se como um lugar fundamental para a publicação de escritores até então desconhecidos, como alguns dos membros da “Renascença Portuguesa”. Podemos citar, como exemplo, os nomes de Augusto Casimiro, Jaime Cortesão (que publica a partir de então seus primeiros textos literários), Mário de Sá Carneiro e o próprio Fernando Pessoa, que publicou na 2ª série o seu primeiro texto de crítica literária, intitulado “A Nova Poesia Portuguesa”, além de um trecho do futuro *Livro do Desassossego* (“Na Floresta do Alheamento”). Como afirma Clara Rocha, a “consagração de autores, obras e movimentos” seria uma das funções “possíveis e até bastante comuns das revistas e jornais literários ou culturais”. ROCHA, 1985, p. 99.

² “It is significant that the largest number of the special issues concerned *belles lettres*. Their list reveals the literary preferences of the editors very clearly”. “É significativo o número de questões específicas ligadas às letras. A lista deles revela claramente a preferência dos editores”. MOSER, 1965, p.29.

³ Clara Rocha define a *Seara Nova* como uma “Revistas de feição política”. ROCHA, 1985, p.372.

domínio o terreno para o advento das revistas e das obras que deram voz ao movimento neo-realista português¹.

Apesar desse juízo de Clara Rocha, que aborda especificamente o aspecto literário, pudemos concluir, no entanto, que a tendência dos estudiosos que trabalharam com a *Seara Nova*, no período ao qual nos dedicamos², é ressaltar a influência desse periódico no panorama político português dos anos 20, demonstrando a importância das discussões acerca da necessidade de reformar a República e, também, o próprio país. Como se pode observar, portanto, são bastante escassos os estudos que lidam especificamente com as questões estético-literárias dessa revista, especialmente no período no qual centramos nossas investigações.

Tendo em vista essa escassez de estudos, nossa proposta será realizar uma análise global dos textos de crítica estética e de literatura publicados na *Seara Nova* entre 1921 e 1926.

3.4.1.2 Entre a “arte pela arte” e a arte militante

A literatura na *Seara Nova* não se estruturava segundo um programa estético-literário pré-definido pelo grupo que criou a revista. Como afirma António Ventura:

¹ ROCHA, 1985, p.377.

² Mesmo Moser, que estuda o impacto da produção literária da *Seara* no conjunto da literatura portuguesa, repete essa afirmação dos estudiosos que tendem a ver nessa primeira “fase” da revista apenas a ação no campo da doutrinação política: “*Seara Nova* had run through three periods by 1961. The first extended from 1921 to 1926, while Raul Proença was its editor. Marked by political action and indoctrination, this period came to a sudden end in May 1926, with the fall of the democratic regime in Portugal”. “*Seara Nova* teve três períodos. O primeiro se estenderia entre 1921 e 1926, quando Raul Proença era seu editor. Marcada pela ação política e pela doutrinação, esse período chegou ao fim em Maio de 1926, com a queda da Democracia em Portugal”. MOSER, 1965, p.20.

Não há uma estética assumida como tal, não há a teorização de uma estética seareira, com os seus pressupostos e modelos, como encontramos uma atividade teorizadora noutros níveis. O que não quer dizer que, tratando-se de uma revista de ‘doutrina e crítica’, ela tenha ignorado essa componente¹.

No próprio editorial publicado em 1921, Raul Proença e seus companheiros de grupo apresentavam-se ao público e assumiam-se no papel de *elite* intelectual consciente e atuante no processo de reconstrução nacional. Cientes de sua *responsabilidade*, eles atuariam tendo a seu favor a idéia da autonomia do campo artístico, que lhes fornecia a possibilidade de julgar e orientar – de maneira engajada, mas não filiada a nenhum partido - a política e os políticos em nome dos interesses *mais amplos* da nação:

É apenas em um campo literário e artístico levados a um alto grau de autonomia, (...) que todos aqueles que pretendem afirmar-se como membros com plenos direitos do mundo da arte, e sobretudo aqueles que aí entendem ocupar posições dominantes, sentir-se-ão obrigados a manifestar a sua independência com relação aos poderes externos, políticos ou econômicos”²

Mas essa proposta de engajamento – acima da política partidária -, porém, como afirmam Ventura e Lopes, não se restringiria à crítica e proposição de reformas dessa mesma política portuguesa. Um dos objetivos principais do grupo seria o de promover a reforma das mentalidades em Portugal, através de uma ampla campanha educacional.

Nesse sentido, destacamos um trecho de uma “Nota da Redação” inserida na revista em resposta a um artigo de Ezequiel de Campos. O economista afirmava que a solução dos problemas econômicos seria o meio mais eficaz de encontrar uma saída para a crise do país. A Redação, por outro lado, publica uma nota discordando desse ponto de vista e criticando, também, a literatura contemporânea de Portugal. Neste trecho, assume-se que o tópico mais importante para os seareiros seria o da luta contra a:

¹ VENTURA, 2001, p.259.

² BOURDIEU, 2005, p.78.

degeneração de toda a atividade mental – e não são ‘evidentemente’ os problemas econômicos os únicos que devem preocupar o político e o homem de ação; no fundo é apenas tão grave que não sabemos cultivar os nossos campos como definir fortemente e limpidamente as nossas idéias, sendo insustentável para o nosso brio de nação civilizada que continuemos tendo uma ciência parasitária e *uma literatura que toca as últimas raias do inverossímil nubilista ou fantasmagórico* (problema de educação intelectual geral). A palavra ‘educação’ é aqui tratada, evidentemente, na sua mais larga acepção.¹

A ação no sentido de “definir fortemente e limpidamente” as idéias é defendida pelo grupo como palavra de ordem tão importante quanto modernizar a agricultura, por exemplo. A literatura deveria contribuir para as idéias como a ciência contribui para a agricultura, e para isso precisaria afastar-se das “últimas raias do inverossímil ou fantasmagórico”. Nesse sentido, tem-se aqui uma referência pouco sutil à literatura decadentista ou neo-romântica, vista aqui como uma praga tão perniciosa quanto a permanência de técnicas ultrapassadas do cultivo da terra, um aspecto de um problema mais geral. O apego às técnicas ineficientes de cultivo e à fantasia escapista são produtos de um “problema de educação intelectual geral” que afastava o país de um sentido maior da realidade. Essa perspectiva funda a postura atuante e militante, que certamente, influencia as posições dos seareiros em relação à arte no seu papel na solução dos problemas de Portugal.

Havia, nessa época, uma forte crença² no poder transformador por meio da ação dos intelectuais, através da cultura e da educação. Nesse sentido, a literatura também deveria contribuir para a mudança da mentalidade, afastando-se da inverossimilhança e da fantasmagoria e aproximando-se, por outro lado, de um sentido maior da realidade. Essa tendência a buscar uma perspectiva atuante e militante acabou, certamente, por influenciar as interpretações que os seareiros tinham em relação à arte e seu *papel* na solução dos problemas de Portugal.

¹ NOTA DA REDAÇÃO, 15 de Outubro de 1921, p.12.

² GOMES, 1999.

A Arte não era, definitivamente, o foco central da revista, mas a *Seara Nova* abria espaço para a publicação de prosa e poesia e, também, para textos de crítica de arte e literatura. O lugar ocupado por esse tipo de texto era bastante variável e foi sofrendo modificações, ao longo do tempo, em função das mudanças no próprio corpo diretivo do periódico, e das conseqüentes modificações no ideário defendido pelos seareiros. Desde o início, porém, como se pode perceber no próprio editorial¹, buscou-se estabelecer uma distinção entre o que seria um indesejado “cabotinismo literário” em oposição ao ideal de uma literatura “militante”. A proposta era afastar-se de uma literatura afetada e superficial e aproximar-se de uma produção *participante* e ativa. Essa perspectiva apresentada no texto de fundo da revista foi discutida, também, em outros artigos que abordaram essas questões pertencentes ao campo da Estética. Segundo o filósofo italiano Luigi Pareyson:

Há uma arte que se quer empenhada, militante, *engagé*, que quer enfrentar os problemas vitais do seu tempo, que quer difundir uma determinada concepção religiosa, política, social; e há uma arte que se quer pura forma, decoração, arabesco, que só visa à poesia pura e à arte pela arte, que, despreocupada dos vastos públicos e dos consensos difundidos, fecha-se na torre de marfim, reservando-se para a degustação de poucos e refinadíssimos entendedores².

Caberia ao artista³, segundo alguns artigos de crítica publicados na *Seara Nova*, distanciar-se de uma poética de evasão e *descompromisso*, em busca de um efetivo comprometimento com a *mudança*. Nesse sentido, vem bem a calhar o texto de Justino de Montalvão, publicado em janeiro de 1924, e intitulado “Nova estética”:

Nesta época de febre, de ganância e de miséria, a Arte deve ser, mais que nunca, uma verdadeira religião militante. A grande *missão dos homens de letras* não pode limitar-se ao diletantismo elegante dos amáveis sibaritas estéticos que, na legenda parnasiana da ‘Arte pela Arte’, definiram a sua impassibilidade e a sua inutilidade olímpicas.

¹ Ver análise do editorial da revista.

² PAREYSON, 2001, pp.39-40.

³ “sob a designação de conceitos como arte pura e arte social escondem-se questões tão importantes como a relação entre o artista e o público, o estilo e a sociedade, a escrita e a leitura, ou, no fundo, a função da cultura e do intelectual na transformação das sociedades”. AMARO, 1995, p.146.

A literatura nova tem de cessar de ser apenas a reportagem bizantina e maquilhada das almas decadentes, ou a árida e seca anotação da realidade objetiva, em obediência aos preceitos mais canônicos do naturalismo vulgar¹.

Nesse texto, nem a “Arte pela Arte”², nem a anotação do tipo “reportagem” que busca explorar a realidade, seriam suficientes para responder aos anseios daquela que seria a nova estética “em formação”. O amor, a beleza e a moral deveriam ser os objetivos a serem perseguidos pelos artistas que, através do livro, deveriam contribuir para a mudança no país: “Pelo seu poder de sugestão emocional, o livro deve ser um instrumento ativo de moralização suprema”³.

Nessa mesma linha de concepção de uma arte compromissada, insere-se um texto de Proença publicado em 1925, em que ele afirma: “a literatura de combate é apanágio de todas as épocas, por mais que tentem negá-lo os espíritos acomodatórios e os idealistas sem virilidade, cúmplices eternos de todos os cabotinos da praça pública”⁴. O diretor da revista, que afirmara no editorial a importância do papel dos intelectuais na sonhada reforma nacional, ainda ataca: “Se os Herculanos, os Anteros, os Basílios, renunciaram, não procurem a causa no ambiente, mas neles próprios: é que não foram feitos para a luta”⁵.

Os seareiros acreditavam no papel orientador que caberia à elite intelectual, considerada, também, uma das categorias responsáveis pela grave crise do país. Dessa

¹ MONTALVÃO, jan. de 1924, p.119. (grifo nosso)

² Sobre a “Arte pela Arte”, vale a pena destacar, também, o artigo de José Rodrigues Miguéis publicado em Março de 1925: “1º Salão de Outono”. Nele, Miguéis afirma: “Amar a Arte pela Arte – isto é, inscrevê-la a uma finalidade puramente emotiva, é tão absurdo como supor que algum fenômeno do espírito humano possa existir sem raízes na vida, ou sem estender para ela os seus braços ansiosos. Como fato do sentir humano, a Arte vem da Vida e para ela eternamente volta; compreensão emocional das coisas, das idéias ou das atitudes, ascende para a vida ou provém dela; (...) Para ser bela a Arte houve de ser útil. O primeiro mortal que fez arte, fê-la porque a necessidade o estimulou a embelezar a sua obra rude: gozando-a, ele utilizou-a melhor”. MIGUÉIS, 15 de Março de 1925, p.136. O escritor aproxima a arte da própria vida, em consonância com uma tendência de leitura muito comum a alguns estudiosos da estética. Sobre as relações entre Arte e Vida, ver: PAREYSON, 2001, pp.38-41.

³ MONTALVÃO, jan. de 1924, p.119.

⁴ PROENÇA, Abril de 1925, p.146.

⁵ PROENÇA, Abril de 1925, p.146.

forma, caberia a esses homens o papel de ensinar, orientar e conduzir as pessoas ao caminho da reforma. É essa tendência a assumir uma postura pedagógica que leva os membros do grupo a inserirem na revista textos com afirmações como a que aparece na seqüência:

Nunca literatura alguma teve a *obrigação* de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a literatura deste povo decadente, cujas últimas misérias aí estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasfêmia, o amor ou o insulto, - tudo, menos os pequenos sentimentos do interesse pessoal e da vaidade!...¹

Nesse pequeno trecho de “A missão do escritor”, que fez parte da seção “Páginas para serem meditadas”, afirma-se que a literatura em Portugal teria a “obrigação” de atender ao interesse coletivo desse “povo decadente”. A restauração nacional dependeria de uma literatura “séria” e “elevada”. O escritor, comparado a um apóstolo, deveria primar pela “elevação moral” e contribuir, com suas idéias, para “Levantar esses ânimos incertos e caídos”, “melhorar os espíritos abatidos”, e modificar esta “terra há um tempo fecunda e santa, e agora fria e estéril”². O título desse texto já é, por si só, indicativo da responsabilidade atribuída ao intelectual. Sobre isso, inseriremos um pequeno trecho de artigo de Adolfo Casais Monteiro, publicado, nessa revista lisboeta, em 1937, e que explica a situação do artista em Portugal: “Nós vivemos numa época que tende a exigir do artista, e, dum modo geral, daquele a quem é costume designar como intelectual, mais do que arte; pede-se-lhe resposta às inquietações sociais”³. Apesar de não fazer parte do período pesquisado e de inserir-se em uma polêmica presente no periódico, nos anos 30, acerca do

¹ A REDAÇÃO, 20 de fevereiro de 1926, p.57. (grifo nosso)

² A REDAÇÃO, 20 de fevereiro de 1926, p.57.

³ MONTEIRO, 3 de Junho de 1937, p.146.

neo-realismo¹, essa afirmação de Monteiro mostra a permanência das posturas intelectuais da *Seara*, em outro contexto ideológico.

A crença no poder transformador da educação e dos livros e as solicitações dos leitores da revista, chegaram a inspirar os seareiros a oferecerem um “Serviço de Livros”: “Por mais de uma vez, assinantes nossos da Província, Colônias e Estrangeiro, confiando na probidade e competência dos Diretores da *Seara Nova*, nos têm escrito pedindo que lhes enviemos, à nossa escolha, as últimas novidades literárias”². Os assinantes da revista enviariam uma carta, informando a quantidade de livros que desejavam receber e uma quantia referente à aquisição de obras que seriam indicadas pelo grupo, de acordo com as áreas de interesse de cada leitor.

Como afirma Amaro, os seareiros: “Não eram alheios ao papel pedagógico e doutrinário” que desempenhavam “na sociedade portuguesa, como nunca deixaram de estar no centro das suas preocupações”³ essas questões relacionadas aos intelectuais e à arte: “Por isso conceberam sempre a Arte em geral com um caráter utilitário e ao serviço da necessária renovação das mentalidades”⁴. Por essa razão, havia uma preocupação de alguns colaboradores e de membros do grupo em ressaltar questões relativas ao papel da literatura e sua função na sociedade.

¹ Segundo Clara Rocha, a *Seara* desempenhou um importante papel de doutrinação seja política, seja literária, como no caso, por exemplo: dos “textos teóricos sobre o Neo-realismo que aí publicaram Adolfo Casais Monteiro, Mário Dionísio, Rui Feijó e tantos outros”. ROCHA, 1985, p.58.

² SEARA NOVA, Dezembro de 1923, p.86.

³ AMARO, 1995, p.148.

⁴ AMARO, 1995, p.148.

3.4.2 Aspectos gerais da literatura

O espaço da literatura e da crítica de arte na *Seara Nova* era bastante restrito se comparado, por exemplo, aos textos doutrinários. De maneira geral, publicavam-se, em cada número da revista, apenas um texto de poesia e um texto em prosa. As ficções em prosa eram, normalmente, decompostas e publicadas em partes, o que se justifica pela própria natureza de uma revista que, para manter a diversidade nos assuntos abordados, delimita o espaço ocupado por um determinado texto, dividindo-o¹ em capítulos que iam sendo inseridos ao longo de alguns números da publicação.

O teatro foi um gênero praticamente inexistente na *Seara*. De maneira geral, era a poesia que ocupava o espaço dedicado à literatura nesse periódico lisboeta. Como afirma Moser: “From the outset, the review reserved space for literature and the arts. Not only did it print poems and fiction in small doses but it strove for an artistic appearance”².

A literatura publicada na *Seara Nova* era produzida por autores diversos e que escreviam sobre temas e formas, também, muito variadas. Dentre os colaboradores mais conhecidos, destacamos: na poesia, Afonso Duarte, que também havia colaborado na 2ª série de *A Águia*; Américo Durão; Florbela Espanca, que colabora com apenas 1 soneto; Alfredo Pedro Guisado, que publicara antes em *Orpheu*; além dos já conhecidos intelectuais da “Renascença Portuguesa” e então membros do grupo seareiro: Jaime Cortesão e Augusto Casimiro. Na prosa, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro e José Rodrigues

¹ Essa estrutura, porém, não se restringia apenas aos textos ficcionais. Vários artigos, de importantes colaboradores da revista, iam sendo divididos e inseridos na revista ao longo de vários exemplares, como no caso, por exemplo, da seqüência de artigos de Ezequiel de Campos intitulados: “O Problema Português”.

² MOSER, 1965, p.20.

Miguéis – o qual participou da revista, inicialmente, apenas com ilustrações na capa da *Seara*.

Mas, entre 1921 e 1926, o lugar da arte e da literatura foi se modificando lentamente dentro da publicação. Lendo esse periódico, é possível perceber que os textos doutrinários foram assumindo, gradativamente, o lugar ocupado pela cultura e, a partir de 1925, quando a revista passa a ter uma periodicidade semanal, a literatura praticamente desaparece desse periódico.

Partindo das questões discutidas anteriormente acerca do *papel da literatura* no projeto proposto pelos seareiros e do espaço ocupado por essa forma de arte nas páginas da revista lisboeta, passaremos a realizar uma leitura geral da produção literária da *Seara*, buscando verificar em que medida aquelas concepções acerca da arte e do intelectual tiveram influência sobre a seleção dos textos que foram editados no periódico na primeira metade da década de 1920.

Assim como na 2ª série de *A Águia*, nos deparamos, na *Seara*, com uma variedade de estilos epocais e diferentes procedimentos literários convivendo em um mesmo espaço. Buscaremos, através dessa análise geral da literatura publicada na revista, traçar um panorama¹ dessa produção artística, de modo a ressaltar os tópicos mais recorrentes e os *procedimentos literários*² comuns à literatura da *Seara Nova*, entre 1921 e 1926.

¹ Panorama, por definição, significa um “grande quadro” que permite ver uma ampla quantidade de *imagens*. De maneira geral, porém, o panorama tem a característica de apresenta uma visão ampla e, por essa razão, pouco aprofundada do que se estuda. Cientes desse risco, informamos que a intenção dessa visão geral da literatura na *Seara Nova* é realizar um trabalho, até então inédito, de análise da produção geral dessa revista lisboeta – entre 1921 e 1926 - e despertar, dessa forma, o interesse dos estudiosos dessa área para esses textos, inseridos no contexto da revista estudada.

² Tomamos a idéia de “procedimentos literários” de Clara Rocha em *Revistas Literárias do século XX em Portugal*. Nessa obra, ela afirma: “entendendo-se aqui por procedimentos literários as imagens, os símbolos, os motivos e mesmo as atitudes estéticas”. ROCHA, 1985, p.310.

Um dos tópicos que mais se repetem na poesia publicada na revista lisboeta, nesse período, é o Amor. Em diversos poemas lêem-se diferentes maneiras de lidar literariamente com o sentimento amoroso. Alguns exemplos dessa temática podem ser encontradas em poemas como: “Canto de Amor nas Florestas”¹, de Jaime Cortesão. Nessas dezoito quadras, em redondilhas maiores, tem-se a imagem de um encontro amoroso que se concretiza em “bocas ansiosas” que se prendem em beijos quentes: “Beijo-te. Beija-me. Escaldas”; não se trata, pois, de um amor-adoração. A sensualidade e a paixão dão a tônica dos versos, caracterizados pelos “perfumes de alcova/ Aliciante” e por um ardor do desejo que leva esse encontro amoroso a um: “Êxtase. Beijo profundo/ Vivemos a eternidade”. O lirismo vibrátil desse encontro amoroso faz com que o eu lírico veja, também na natureza, um ambiente que exala sensualidade: “o canto quente da ave”, “O rouxinol tem arquejos”, o “oceano” é “voluptuoso”; o “chão de musgo”, “suave”, seria convidativo e tornaria propício o encontro dos amantes: “Sobre o tapete macio/ Caímos, ébrios de encanto”.

Em “Soneto”², de Américo Durão, o amor também conduz ao êxtase: “Junto ao meu peito as orações do amor/ Logo a minha alma erguida à luz e à cor/ Humílima, num êxtase se queda...”; mas esse mesmo amor não acontece da maneira ardente como no “Canto de Amor na Floresta”. No poema de Durão, escrito em forma fixa e composto por versos decassílabos, desenha-se um amor muito mais sublime, que se traduz numa experiência mística e profunda: “Se as tuas mãos de seda/ Cerram os olhos meus à luz e à cor/ Meu coração ressurgue numa flor,/ E o sonho já nas pétalas se enreda!”. Esse encontro amoroso, porém, não leva apenas à felicidade e pode conduzir, por outro lado, a sentimentos

¹ CORTESÃO, 15 e Abril de 1922, p. 306-307.

² DURÃO, 8 de Julho de 1926, p.438. (todas as citações de trechos desse poema estão na página 438).

contraditórios que se instauram no coração do eu lírico: “Donzel triste, adormeço infantilmente,/ Divina e alta encarnação da ausente,/ A sorrir e a chorar sobre o teu seio...”.

Outro poeta que aborda essa temática é José S. Rau. No primeiro dos “Dois Sonetos”¹, desse escritor, o eu lírico mostra-se encantado com a beleza dos olhos de uma mulher: “Os seus olhos são lindos.” Os lindos olhos seriam, “esmeraldas” que se inseririam numa paisagem de aquarela: “Panorama que eu vi duma janela”. Predominam cores fortes que aquecem o poema, sem que pareça haver qualquer tipo de concretização da relação desejada. Apenas o olhar do eu lírico busca esses olhos cor de esmeralda que ele observa de longe. O segundo soneto² de Rau, publicado no mesmo exemplar, traz um novo cenário – composto por elementos da natureza - e uma nova forma de amar, diferente daquela sublime que aparecia no poema de Durão e da que se definia pelo olhar, como no seu primeiro poema. As sensações são despertadas pelas imagens que seduzem o eu lírico. São flores, cores, frutos e vinhos dispostos como se fossem compor um piquenique: “Mas que vejo: são flores, frutos, vinho/ Que no mundo talvez ninguém provasse!/ E pões tudo no chão em fresco linho...”. Mas o jogo de sedução não estaria completo. Ela cantaria, sorriria e, para completar: “como se isso tudo não bastasse/ Cais a meu lado palpitante e nua!” . A imagem descrita, nesse poema, pode levar o leitor a pensar em “Le Dejeuner sur l’herbe”, de Édouard Manet. Tanto no quadro quanto nos versos, a inesperada nudez feminina causa algum escândalo, que se traduz no poema por um misto de espanto/ encantamento do próprio eu lírico seduzido. Nesse soneto, a mulher é descrita como uma figura sedutora, ao contrário daquela que é objeto do poema de Fernando Tavares de Carvalho. Em “Corpo de Ânfora”, o sujeito poético de Carvalho descreve uma mulher idealizada, com longos

¹ RAU, 15 de Fevereiro de 1925, p. 111.

² RAU, 15 de Fevereiro de 1925, p. 111.

cabelos em “cascata” e belo “corpinho de ânfora”, que chora: “Louca,/ Pelos beijos que irrefletidamente,/ Eu te pousei na mão, esquecendo a boca”. Nesse poema, essa mulher é idealizada¹ e construída pelo eu lírico segundo uma imagem bastante semelhante à da figura feminina presente na chamada mundividência romântica. O amor do eu lírico é altivo e puro: “branca altivez do meu Amor”, é, também, um “Ideal desta infinita graça”. Ele cerra os olhos para “ver melhor” a mulher amada e deseja encontrar, nos cabelos dela, o exílio em que possa esquecer-se de si mesmo “alheio e vago”. O poema, que possui estrofes de variados tamanhos e alguns versos isolados, trata de um amor ideal, não concretizado.

Em outro poema de José S. Rau, “Bucólica²”, o eu lírico pesca, à beira rio, enquanto passa “donairosa”, uma bela figura feminina de lábios “vermelhos” que carrega na cintura uma pequena “ânfora”. Assim como em seu segundo soneto, analisado anteriormente, aqui o amor se revela através de elementos que denotam sensualidade e calor, presentes na cor dos lábios, no desejo do eu lírico e nos olhares que se cruzam. Mas o desejo dessa voz poética se revela tão intenso aos olhos da moça, que ela deixa quebrar-se sua ânfora e perde botões em sua blusa. E, de uma maneira um tanto *Kitsch*, poderíamos dizer, o amor se concretiza e o eu lírico afirma, em tom de conclusão: “Por nossa causa, amor, somos felizes/ Porque um dia perfeito, excepcional/ Fresca como é uma manhã de Abril/ A meu lado passaste donairosa”³.

¹ A imagem da mulher que se desenha no poema de Carvalho assemelha-se à figura feminina ironizada por Cesário em alguns de seus poemas de crítica explícita ao romantismo. Em “Lágrimas”, por exemplo, o poeta oitocentista desenha uma mulher que chora copiosamente, de maneira desesperada, pelo amor de uma voz poética completamente alheia a esse sentimento. A diferença é que, no poema de Carvalho, a figura feminina é idealizada; enquanto no poema de Cesário, a ironia é parte da crítica do poeta aos ideais românticos.

² RAU, 1 de Setembro de 1922, p. 70.

³ RAU, p.70.

Nessa mesma linha, de um eu lírico apaixonado por uma bela campesina que passa, insere-se o poema “Elegia Rústica”¹, de António Ferreira Monteiro. A simplicidade da moça e, também, do quadro pintado pelo eu lírico, é reforçada pela escolha formal de Monteiro, que faz um poema em quadras, em redondilhas menores, bem ao gosto popular². O olhar do eu lírico seguia a jovem, que ia todos os dias, “Buscar água à fonte”: “Eu ia à janela/ A vê-la passar”, desenhando-a, detalhadamente, em seu canto: “Cântaro ao quadril/ Lesto andar singelo/ Leda como Abril/ Ia d’água enchê-lo”; “Moça tal um pomo/ Verde, que amadura;/ Fresca, vede, como/ Leira de verduras”. Sua beleza encanta e fascina: “Que feitiço o seu!/ Tornozelos nus/ E a cabeça ao léu,/ Mergulhada em luz”. Essa passante do campo, que em nada se assemelha à passante baudelairiana das multidões da cidade parisiense do século XIX, trazia em seu modo de ser um misto de seriedade e malícia: “E que graça tinha,/ Séria, mas travessa,/ Depois, quando vinha,/ Cântaro à cabeça!...” que deliciava o olhar do sujeito poético. Mas o eu lírico, porém, tendo ido em viagem, e retornado de uma “jornada”, não mais viu a moça que encantava seus dias. A alegria anterior da voz poética transforma-se em tristeza, explicando-se, por fim, a escolha da palavra “Elegia”³ para intitular o poema. Ao buscar saber o destino de “Conceição”, o eu lírico foi informado da “horrível certeza”: “‘Morreu’ me disseram.../ Que escura tristeza!”; “Um mal que a colheu/ E logo a matou;/ Um dia lhe deu/ No outro a levou”. Sua morte entristeceu o eu lírico que passou a ver na própria natureza os efeitos do acontecido: “E o campo, se agora/ Vou vê-lo, à janela,/ Parece que chora,/ De luto, por ela...”. O amor rústico e simples desse eu lírico não se concretizou, portanto, em função de uma fatalidade.

¹ MONTEIRO, 1 de Agosto de 1925, p.31.

² CARVALHO, 1991.

³ “Poema lírico, cujo tom é quase sempre terno e triste”. HOLANDA, 1986, p.624.

Os poemas intitulados “Sonetos de Amor”, publicados nas páginas da *Seara Nova* em Dezembro de 1925, traziam logo abaixo do título uma informação importante para sua interpretação: “Do Livro no Prelo *A Paixão de Sórora Mariana*”. Partindo desse paratexto, o leitor interpretaria esses poemas tendo em mente a história das famosas Cartas Portuguesas trocadas entre a religiosa Mariana Alcoforado e seu amante, o oficial francês Bouton de Chamilly. Os poemas se estruturam através de um *fingimento* poético em que o eu lírico dirige-se a um interlocutor, que é responsabilizado pelo sofrimento do eu do poema. O primeiro quarteto, do primeiro poema, descreve o desgosto decorrente do abandono: “Foi-se contigo a luz que me sorria/ Meiga luz que meus olhos animava,/ Foi-se contigo o sonho que eu sonhava,/ O deleitoso enlevo em que vivia”. Os sonhos que surgiram daquele amor: “Que formosos castelos construía” e a paixão que imaginava ver no rosto da pessoa amada: “Era tudo para mim... e me bastava!...”. Mas a alegria do passado é suprimida pelo choro constante que sai dos seus olhos, hoje: “Hoje, os meus olhos vivem às escuras,/ E sem repouso, choram amarguras,/ Que outro nenhum emprego lhes sei dar...”. E a única saída para essa voz poética, magoada pela situação em que se encontra, é o choro: “Chorarei, - que é um bálsamo chorar”. Esse soneto, assemelha-se muito a um trecho da primeira carta atribuída a Sórora Mariana, como se pode ver pelo trecho que inserimos abaixo:

Pois quê, essa ausência que a minha dor por mais engenhosa que seja não sabe que triste nome dar-lhe, há-de ela tolher-me para sempre de encarar os teus olhos em que eu via tanto amor, que me enchiam de júbilo, que tinham mais valia do que todas as coisas e que enfim me chegavam? Coitada de mim! Meus olhos é que perderam a luz que recebiam dos teus e só lágrimas derramam hoje, que outro emprego lhes não tenho eu dado senão chorar noite e dia, desde que adquiri a certeza de que estavas resolvido a um apartamento que não posso agüentar e que acabará comigo em pouco tempo¹.

O segundo soneto apresenta um eu lírico mais angustiado e revoltado com o *destinatário* de suas palavras. Essa voz poética, porém, apropria-se da voz que seria de seu interlocutor,

¹ RIBEIRO, 1940, p.309.

argumentando contra as justificativas do amante que a abandonara: “O primeiro pretexto aproveitaste/ Para deixar-me, abandonar-me, sim!/ A tua honra- escreves tu – assim/ Te obrigou ao partido que tomaste”. Nesses versos decassílabos, com acentuação na 6ª e 10ª sílabas métricas, a segunda estrofe traz, ainda, de maneira dialógica, a reprodução de outros argumentos: “Desculpas, nada mais, quanto invocaste:/ A família... o teu rei... coisas enfim/ Que não tinhas presentes, ai de mim!/ Quando um amor eterno me juraste!”. E a partir da terceira estrofe, a voz poética busca mostrar seu sofrimento e apresentar seus próprios contra-argumentos: “A tua honra, dizes tu!... E a minha?.../ Quanto a família eu também a tinha,/ E por amor a desgostei...”. Esse soneto, assim como o anterior, também traz elementos que se aproximam de uma carta atribuída à religiosa portuguesa:

Mas quiseste aproveitar os pretextos que se apresentaram para tornares à França. Saía um navio. Por que não o deixaste abalar? Escrevera-te a família. Não sabes as impertinências que aturei aos meus? Tua honra obrigava-te a deixar-me. Cuidei eu da minha? Tinhas que servir o teu Rei. Se tudo o que dizem dele é verdade, não tem precisão nenhuma de tua ajuda e decerto dispensava-te¹.

O terceiro soneto de Delfim Guimarães, retoma a mesma temática dos anteriores. Passado um ano da realização daquele amor, a voz poética faz como que um *balanço* de todo o ocorrido: “Dentro de breves dias faz um ano/ Que me entreguei a ti completamente,/ No auge da paixão, naquele ardente/ Enlevo, que foi causa do meu dano!”. Na carta, afirma-se:

Dentro de poucos dias vai fazer um ano que me entreguei de todo a ti, sem recato nenhum. Parecia-me o teu amor muito fervoroso e sincero e nunca pensara que os meus desvelos te desgostassem tanto que te obrigassem a percorrer quinhentas léguas e a correr os riscos do naufrágio só para te alongares de mim.(...). Hás de lembrar-te do meu pudor, da minha confusão e embaraço; mas tu de nada te lembras que possa obrigar-te a querer-me contra vontade².

¹ RIBEIRO, 1940, p.314.

² RIBEIRO, 1940, p.317.

Assim como nesse trecho da segunda carta, inserido acima, o destinatário do *poema-carta* é acusado de “desumano”, de haver esquecido tudo e ter levado a amante ao desengano: “Tudo esqueceste, sim! Farto, saciado,/ Fugiste para aí, determinado/ A romper os teus laços pra comigo...”. O amor, nos três sonetos, aparece como a causa de todos os males que teriam vitimado a voz poética. O passado de paixão, sensual e ardente, dava lugar a um presente de mágoa, revolta e desilusão, temáticas essas que faziam parte das próprias cartas editadas, em francês, no século XVII.

Assim como nos sonetos de Delfim Guimarães, o desencontro e a desilusão amorosa dão a tônica do poema de Ângelo César, intitulado “Meus cinco sentidos”. Nestas sextilhas, em redondilhas maiores, canta-se também o sofrimento amoroso de Sórora Mariana no “grande convento” “com celas e grades”. Nesses versos, a religiosa descreve o espaço onde se encontra confinada: “Meus cinco sentidos/ Ó minhas janelas/ De lindos vitrais/ De azul coloridos,/ Molhados de estrelas,/ Finos e ogivais”; mas a beleza dos vitrais e das suas cores não aplaca o sofrimento do eu lírico. Em seis das sete estrofes, a voz poética é a da freira confinada. Na terceira estrofe, porém, surge uma voz, em terceira pessoa, que descreve a situação da religiosa portuguesa: “Para além da vida/ O escuro nirvana,/ A morte sombria.../ - Nas grades caída,/ Sórora Mariana/ Sonha com o dia”. Não há referência ao passado ardente descrito nas cartas, nem mesmo ao ser amado. O que se destaca, nesses versos, são os sentimentos decorrentes da clausura e do desejo de liberdade.

Em “O Amor”, de Martha de Mesquita da Câmara, o eu lírico descreve o encontro amoroso de um certo casal: “Um par: ele enleado, ela embebida/ Mergulhados os dois profundamente/ Naquela página que a gente sente/ Que é lida uma só vez por toda a vida!”. Mas esse amor, descrito nessa primeira estrofe como o resultado de uma forte paixão com alguns laivos de um encontro sublime, passa a ser descrito por uma voz poética que se

mostra já experiente nas coisas do amor e sensibilizada pela ingenuidade daquele casal que, então, observa: “E falam, coitaditos, sem saber/ Que, nos mistérios do encantado amor,/ O mais doce, o mais grato e o melhor/ É tudo o que nos fica por dizer...”. O sujeito poético passa, pois, a discorrer sobre esse sentimento, opondo o verdadeiro amor a um outro sentimento corriqueiro e trivial, que não deixaria nem mesmo alguma cicatriz: “Amor vulgar/ Amor banal, feliz/ Sem dor e sem paixão, amor sem arte/ Que deixa, ao terminar, de parte a parte,/ Quando muito uma leve cicatriz”; no outro extremo : “o verdadeiro amor”, que não seria uma “ventura que nos sorri”, mas sim “um transe doloroso de agonia/ Que breve degenera em chaga aberta” . A imagem dos amantes converte-se, agora, em uma comédia: “Sorriem ambos e nenhum descora:/ É talvez uma cena de comédia.../ O amor é mais sublime, é uma tragédia/ Em que há sempre um que sofre, alguém que chora!”. Como se pode perceber, para esse sujeito poético a tragédia, a dor e o sofrimento seriam elementos que comporiam, indissolavelmente, o amor verdadeiro: “Não são sorrisos, não, é fogo, é luz;/ Se é da terra e reveste a forma humana/ São as cartas de Sórora Mariana.../ Se é do Céu, são as chagas de Jesus!”; e na estrofe seguinte, conclui-se oposição entre Céu e Terra, Humano e Divino: “Em qualquer caso é sempre um mal profundo/ É, por assim dizer, a nota viva,/ A pincelada, a cor mais expressiva/ Do trágico cenário deste mundo”.

Tanto Delfim Guimarães, quanto Ângelo César e Martha de Mesquita da Câmara tomaram a história das cartas de Sórora Mariana Alcoforado para falar sobre o sentimento amoroso. E isso se explica pelo fato de essas cartas¹, atribuídas à religiosa portuguesa, terem sido traduzidas, pela primeira vez, em 1920, no Brasil, pelo historiador e diretor da

¹ “De outra amorosa inventada foi também o caso nos anos 20, prolongando lenda oitocentista. Sórora Mariana Alcoforado teve as falsas cartas traduzidas e prefaciadas por Jaime Cortesão no Rio de Janeiro, em 1920 – e ‘pela boca dela falavam todos os puros amantes de Portugal’”. FRANÇA, 1992, p.126.

Seara Nova, Jaime Cortesão. Em todos esses poemas, o amor é a cauda do sofrimento profundo da voz poética representada por essa mulher abandonada por seu amante.

O desencontro amoroso é o tema de um soneto de outra importante escritora portuguesa do século XX: Florbela Espanca¹. O eu lírico de “Prince Charmant”, poema publicado na *Seara Nova*, busca encontrar um príncipe: “No lânguido esmaecer das amorosas/ Tardes que morrem voluptuosamente/ Procurei-O no meio de toda a gente./ Procurei-O em horas silenciosas”. Os *enjambements* entre os versos da primeira estrofe compõem o efeito de langor e sensualidade que se busca imprimir neste soneto. Os versos da segunda estrofe, ao contrário da primeira – que utiliza o processo poético do *enjambement* - descrevem a alma da voz poética, isoladamente, de maneira que cada verso cria uma imagem que define os sentimentos desse eu lírico: “Das noites da minha alma, tenebrosas/ Bica sangrando beijos, flor que sente.../ Olhos postos num sonho, humildemente.../ Mãos cheias de violetas e de rosas...”. Mas apesar desse sonho e do desejo desses beijos, o príncipe ideal, dos contos e lendas, não é encontrado por essa voz poética: “E nunca O encontrei... Prince Charmant.../ Como audaz cavaleiro em velhas lendas/ Virá, talvez, nas névoas da manhã”. A dúvida, que aparece nesse terceiro verso, é destruída pelo próprio eu lírico, que conclui na última estrofe: “- Nunca se encontra Aquele que se espera!”. Nesse sentido, o amor seria definido pela impossibilidade de realização desse encontro ideal.

A temática amorosa e o “devaneio sentimental”², que aparecem nesses poemas publicados na *Seara Nova* em sua primeira fase, são abordados de maneiras diferentes em

¹ Como afirma José Augusto França, a poesia de Florbela encontrava-se, naquele momento, desconhecida do público e da crítica: “Escondida de todos, permanecia, porém, Florbela Espanca(...). E foi ela o caso de mais profunda criação entre as mulheres que publicaram nos anos 20 portugueses”. FRANÇA, 1992, p.135.

² Segundo Álvaro Manuel Machado, a poesia romântica portuguesa teria como uma das características mais recorrentes esse “devaneio sentimental”. MACHADO, 1986, p.14. cremos, também, que esse devaneio seja uma das características dessa poesia de amor publicada na *Seara Nova*.

cada um dos textos analisados. Oscila-se, pois, de um jogo de sedução à dor, da paixão ao desencontro, do encontro à consciência do sofrimento e da falta. A mulher, ora se mostra recatada e ideal, ora sedutora e aliciante. O homem, principalmente nos poemas de Delfim Guimarães, é a razão do sofrimento por abandonar a mulher; mas no soneto de Florbela, a figura masculina ideal não existe, o que faz do sentimento amoroso uma dolorosa constatação da falta, do desencontro, da impossibilidade.

No primeiro capítulo da tese, vimos que Portugal era um dos tópicos mais recorrentes na literatura e uma das preocupações mais *obsessivas* dos intelectuais envolvidos na “Renascença Portuguesa” e na 2ª série de *A Águia*. O renascimento do país, tema central na poesia publicada naquele periódico português, fazia parte principalmente da chamada literatura de temática saudosista. A *Seara Nova*, por outro lado, apresenta poucos poemas que lidam diretamente com o país e seu destino. Mesmo assim, procederemos à análise dos textos que lidam com as imagens de Portugal na *Seara Nova*.

O primeiro poema, de Alfredo Pedro Guisado, que fora um dos colaboradores da revista *Orpheu*, intitula-se “À véspera de Alcácer-Kibir”¹. A referência histórica imediatamente conduz o leitor à Batalha² em que desapareceu D. Sebastião. Ao longo do poema, alguns versos traduzem um chamado, atribuído primeiro ao Mar, depois ao Povo, e também à própria “Raça”: “Regressai, regressai, vinde de novo...”. Na primeira estrofe, descreve-se o cenário do confronto: “Para as bandas de Ceuta”; “Numa lagoa fria, descuidada/ A Lua se penteia./ E o vento lembra agora a voz do povo/ A chamar, a chamar

¹ GUISADO, 20 de Novembro de 1921, p. 72.

² “A cidade de Alcácer Quibir (‘o grande castelo’) fica situado em Marrocos.(...) Foi junto desta cidade que ocorreu, em 1578, a batalha de Alcácer Quibir, na qual as nossas tropas foram derrotadas por um exército marroquino mais numeroso e bem organizado. Este recontro teve consequências consideráveis para Portugal, por nele D. Sebastião ter morrido sem sucessor e, a maior parte da nobreza que o acompanhara ter sido massacrada ou ter caído em poder dos marroquinos, ficando assim Portugal privado de muitos dos seus quadros numa altura de crise dinástica”. SERRÃO, 1993, p.34.

pelos seus filhos”; a noite, as estrelas, o luar, as campinas compõem essa imagem. À véspera do conflito: “As lanças estão paradas, vigilantes/ Recordando mistérios e orações/ De adormecidos brilhos.../ E o luar, a cair sobre os outeiros, Lembra um sem fim de pálidos turbantes,/ Espreitando no longe os cavaleiros”. O Rei, assim como as lanças, encontra-se “pensativo e quieto”, enquanto os guerreiros cantam “entre as guitarras”: “As nossas Almas ficaram/ Junto de vós, namoradas,/ E a velha Saudade enluta/ As vossas tranças douradas”. Mas a noite se vai e chega a manhã: “*Para as bandas de Ceuta, mais inquietas/ As ondas chamam como infanta loucas.../ Calam-se as bocas,/ Ouvem-se as trombetas...*”. Quando se inicia a batalha, a morte espreeita: “Erguem-se adagas. Há pendões no ar./ A morte nos alfanges dorme e passa./ E o vento lembra agora a voz da Raça/ A chamar... a chamar...”. Portugal, nesse poema, é uma nação que clama pelo retorno daquele que simbolizava¹, no imaginário português, a possibilidade de renascimento do país.

O que percebemos é que esse poema, publicado no número de 20 de novembro de 1921, parece bastante contraditório em relação aos projetos idealizados pelos seareiros e apresentados no editorial da revista e em outros artigos da *Seara*. O número anterior, inclusive, trazia um texto de Raul Proença, intitulado “Ao Futuro”, que parece dialogar e criticar o saudosismo e todo o tipo de idealização do passado e dos *heróis* da nação. A pequena epígrafe já dá fortes pistas do que se vai ler: “Um patriotismo prospectivo – e não um patriotismo retrospectivo. As necessidades vitais do presente – e não as tradições mortas do passado. A atividade inteligente de cada dia, e não o sensibilismo vibrando no puro vácuo da ação”. Dentro do texto, que traz uma linguagem bastante rebuscada e

¹ É a partir do desaparecimento desse Rei que surge, em Portugal, o chamado Sebastianismo: “Sentimento popular datado, o messianismo de cariz sebastianista toma forma a partir de Alcácer-Quibir, da anexação espanhola, do desfolhar das ilusões do prior de Crato, do triunfo esmagador da nobreza na dramática encruzilhada de 1580. O sebastianismo foi, deste modo, uma das conseqüências populares portuguesas desse ‘desespero de viver’, que Braudel pressentiu na sociedades mediterrâneas ao findar do século XVI”. SERRÃO, 1993, p.599.

metafórica, critica-se a idealização dos heróis, já mortos: “Curvam-se sobre os túmulos e os cadáveres – e a isso chamam eles a vida. Mas, por mim, quero curvar-me sobre os berços floridos, quero aspirar com ebriedade o cheiro da primavera!”. O passado e o saudosismo são, assim, alvos dessa crítica: “Demasiado consagramos, demasiado recordamos, demasiado erguemos para trás o olhar saudoso”; é o futuro que é almejado e elogiado pelo autor do texto: “eu afirmo que os quadros mais maravilhosos são as praias do Futuro, com as ondas batendo sob as estrelas chamejantes!”. Nesse sentido, se compararmos o texto de Guisado ao de Proença, percebemos uma contradição ao olhar para o passado e convoca-lo nos versos: o poema traz uma “voz” que convoca o Rei, que morrera na Batalha de Alcácer Kibir; enquanto no texto do diretor da *Seara*, uma “voz profunda” anima alguns homens a buscarem:

fazer do trabalho, do progresso e da consagração de cada dia a grande comemoração dos Mortos. Em vez de subirmos a corrente, como os outros, seguimos a verdadeira tradição dos nossos Pais – pusemos os nossos batéis e as nossas galeras em marcha, sob o docel dos amieiros e mimosas, para o mar largo do *futuro*¹.

Outro texto literário que tem como tema a pátria, conjugando, num mesmo espaço, o passado e o futuro é “A Batalha do Lys”², de João Pina de Morais. Construído no formato de uma peça de teatro, em que se estabelece o diálogo entre duas personagens distintas, e distantes no tempo histórico, esse texto coloca, lado a lado D. João I, de Avis e um “Soldado Desconhecido”, que morrera na Grande Guerra. Os personagens falam sobre a guerra e sobre as diferenças entre os conflitos bélicos do passado e do presente. D. João, primeiro Rei da Dinastia de Avis explica a seu subordinado como é possível estarem ambos se encontrando no presente: “Como vês, Deus deixa-nos vir ao mundo quando faz anos o

¹ PROENÇA, 5 de Novembro de 1921, p.52.

² MORAIS, 15 de Abril de 1922, p.313-314.

dia da batalha”. A partir daí inicia-se o diálogo em que o Rei observa e questiona sobre as vestes e as feridas do soldado morto: “Agora reparo: não usas armadura, nem arnês, nem sequer uma cota de malha?”, ao que o outro responde: “Não, meu senhor”. E a cada interpelação, são lançadas as diferenças marcantes entre as guerras passadas e os conflitos presentes: “Por S. Jorge! Agora reparo, não tens ferida de virote ou de lançada?”; SOLDADO: “Foi um pedaço de granada que remexeu aqui à procura da vida, como uma mão incendiada”. E a crueldade dos conflitos contemporâneos, ou seja, da Primeira Grande Guerra, pode ser lida nas falas do soldado e do rei: D. JOÃO I: “Antes o esmigalhar do montante, ou a mossa dum aça, não deixa a carne tão esfrangalhada”. O curto diálogo termina com um elogio do heroísmo e da luta pela pátria: “D. JOÃO I: “D. Nuno mandar formar! Não diferem um rei e um soldado. O dever iguala mais que a morte. Podes ficar!”. D. João conclama os soldados para uma nova luta, em que o general Nuno Álvares é ordenado a preparar os membros de seu exército. O debate termina, portanto, com um chamado, como o poema de Guisado. Um herói do passado, o citado general, formaria um novo exército para lutar em nome da pátria. Nesse sentido, o que se conclui é que também no passado é que há a solução para o presente. O poema é, claramente, uma crítica ao então recente conflito bélico; um convite à reflexão sobre a guerra. O Portugal do presente, vitimado pela batalha, devia seguir o exemplo do grande general. A questão é que, a imagem de Nuno Álvares¹, nesse período, especialmente, estava muito vinculada a movimentos de direita, integralistas, tão combatidos por Proença em seus textos doutrinários dos primeiros anos da *Seara*.

¹ Como afirma José Augusto França, em *Os Anos Vinte em Portugal*, um novo mito “implantado na sociedade portuguesa, com equívocas relações patrióticas e católicas: o de Nun’Álvares Pereira., saído da pena nacionalista de Oliveira Martins(...)”. E ainda: “A imagem andava nos ares diversos e, em Julho de 18, um capitão sidonista sem nomeada teve a idéia de formar uma associação ou liga dedicada ao condestável sob o nome de Cruzada Nun’Álvares Pereira”. FRANÇA, 1992, p.291-292.

O terceiro poema a tomar Portugal como tema é “Acorda, ó Burro”¹, de autoria de Gomes Leal. Esse soneto difere bastante dos anteriores, por não lidar com as categorias temporais de passado, presente e futuro, nem mesmo com a idealização de heróis mortos. Predomina, nesses versos, uma forte violência interjeitiva caracterizada pela escolha dos próprios vocábulos e, também, por uma dureza na linguagem, muito prosaica e cheia de consoantes repetidas e pouco soantes: “- Acorda herói ó burro!... Escorcham-te!... E não vês!.../ - Rasgam-te a pele, e tu, espojado no estrume!/ - Em teu olhar mortal, nem cruza um fosco lume!/ - Faz hoje, náusea e dor o ser-se português!”. Os *erres* e *tês* acentuam o sentido de desprezo e desgosto expressos por esse eu lírico revoltado que parece gritar, a fim de despertar o leitor. O verso final dessa estrofe faz lembrar um outro, da literatura portuguesa, em que se afirmava: “Que desgraça nascer em Portugal”². Mas a diferença entre eles, está na forma como se enuncia essa idéia nos dois poemas. Enquanto no “Soneto 2”, de António Nobre, percebemos um tom de desencanto e tristeza em mais ampla harmonia rítmica³, em Gomes Leal predomina uma forte tensão e um sentido de revolta. A anáfora⁴ é o tropo predominante: 11 dos 14 versos são iniciados pelo verbo acordar: “- Acorda, asno lendário! Ó sendeiro soez!/ - Acorda, que a traição tocou seu auge e cume!/ - Acorda que já Deus brande, na mão, seu gume!/ - Acorda, que a tragédia abica no entremez!”. “Rasgo”, “traição”, “tragédia”, “dor”, “náusea”, “estrume” representam a realidade da pátria, “hoje”. O grito do eu lírico tem como objetivo despertar as pessoas para a decadência, de forma a combatê-la: “- Acorda, aos dentes mil dos cães, que uivam na almargem!/ - Acorda aos bofetões da torpe vilanagem!/ - Acorda aos pontapés, ao menos,

¹ LEAL, 3 de Outubro de 1925, p.111.

² NOBRE, 2001, p.192.

³ BERARDINELLI, 2001.

⁴ “Anáfora: quando se repete a mesma palavra no início de várias orações”. CANDIDO, 2004, p.134.

do Estrangeiro!”. Nesse soneto, dito Inédito¹, segundo a revista, predomina, portanto, uma imagem extremamente negativa do país e dos portugueses.

O que se traduz nos três poemas e, também, no texto de Proença é, certamente, uma noção de um Portugal decadente que precisava mudar. Não há, pois, uma imagem positiva da nação, mas há laivos de esperança, porém, nos versos de Guisado e Ângelo César, além do próprio texto de Proença, “Ao Futuro”. O mesmo não parece ocorrer com o soneto de Leal. O eu lírico apela para o leitor usando vários argumentos enfáticos e negativos sobre o povo e a pátria, e apelando por último, à humilhação decorrente do poder exercido pelos países estrangeiros sobre aquela nação.

As imagens crepusculares ou noturnas, vagas, cheias de mistério e evasão - que eram algumas das temáticas e formas mais recorrentes na produção literária da 2ª série de *A Águia* - praticamente inexistem na *Seara Nova*. Destacamos, dentro desses tópicos, apenas 3 poemas publicados nos primeiros anos dessa revista lisboeta: “Lacrimae Rerum”, de António Ferreira Monteiro; “Um fio de água no escuro”, de Carlos Gouveia e “Fogueira Eterna”, de António Alves Martins.

O soneto “Lacrimae Rerum”² possui em comum, com o homônimo de Antero de Quental, não somente o título, mas também a angústia e a dor expressas pelos sujeitos poéticos dos dois poemas, diante do seu destino³: “Como que faz a eterna despedida/ E já da carne, em fluido, se desprende/ Mas inda a um raio de sol as mãos estende,/ - Assim eu baixo os olhos sobre a Vida!”. O Outono é a estação escolhida pelo eu lírico para simbolizar seu sentimento: “Choram comigo – Outono – as coisas belas!”. O cair das

¹ António Duarte Gomes Leal nasceu em Lisboa, em 1848 e faleceu na mesma cidade em 1921.

² Lacrimae Rerum, do latim, as lágrimas das coisas. MONTEIRO, 1 de Março de 1922, p.245.

³ “Aonde são teus sóis, como coorte/ De almas inquietas, que conduz o Fado?! E o homem porque vaga desolado/ E em vão busca a certeza que o conforto?”. QUENTAL, p.103.

folhas, típica desse período do ano, reforça a idéia de queda expressa em todo o poema: “Sou uma folha a mais que seca e pende/ E vai tombar da árvore esquecida!”, completando assim, o sentido descendente que se depreende desses versos. O eu poético, angustiado, “sombra lívida e vã”, preocupa-se com o destino de sua alma, de seus desejos e sonhos após a morte, o que demonstra sua inquietação existencial diante da vida: “Mas meu Amor, meus Sonhos, aonde irão?.../ Exala um morno olvido a solidão.../ Rolam no espaço as lágrimas dos mundos...”.

O poema “Fogueira Eterna”¹, de António Alves Martins, entra especificamente no intimismo, pois o eu lírico busca representar-se e questionar o seu próprio *ser*: “Quem sou eu, quem sou eu, no meio do barulho”. O crepúsculo, instante intermediário do dia, símbolo bastante típico da literatura finissecular, é o momento em que esse eu lírico angustiado, assim como o do poema de Monteiro, sente-se impelido a “cismar”: “É, sobretudo, à tarde – e as tardes de Lisboa/ Prestam-se tanto, tanto, a um cismar à toa,/ Ansioso e sem fim - / Que entre o ruído e a paz dos carros e das gentes/ Acordam pra sofrer meus sentidos doentes/ E mais penetro em mim!”. O espaço da cidade é aqui o lugar em que o sujeito poético, no meio da multidão e da “capital febril”, sente-se mais isolado e absorto em seus pensamentos: “Eu olho à minha volta – e uma maré crescente/ De alarido e de povo,/ Parece querer, também, que eu vá juntar-me a ela.../ - Mas eu busco, a cismar, uma longínqua estrela/ Que eu só os astros louvo!”. Nesse poema, assim como no soneto “Lacrimae Rerum”, a morte não é desejada pelo eu lírico como uma saída possível para a sua angústia: “Pois ninguém quer morrer”. O poema de Martins, porém, tem sentido ascensional, ao contrário do anterior, pois termina com um elogio da vida. “É preciso viver!”, conclui o eu lírico.

¹ MARTINS, 5 de Outubro de 1922, p.86-87.

O terceiro poema é “Um fio de água no escuro”¹, de Carlos de Gouveia, que foi dedicado a Teixeira de Pascoaes. A Noite, o adormecer, o sonho e uma forte lentidão dominam a sintaxe desses versos. O lume vacilante parece dificultar a visualização e estruturação das formas, conduzindo tudo para o campo do vago e das incertezas: “Adormece o mal impuro.../ Tomba, momento a momento/ No nada do esquecimento/ O que passou; o futuro/ Não desperta o sentimento;/ E o lume de pouco alento,/ Vacilante, mal seguro/ Acorda no pensamento./ Sonha a noite, e soa, lento/ Um fio de água no escuro”. Uma alma em tormento, diz: “Sou a luz, o Pensamento”, mas essa revelação, não soluciona a aflição, já que apresenta duas faces, desassossega e abranda: “Revolvo, inquieto e torturo/ Mas também amo e acalento...”. O esquecimento seria uma forma de aplacar a dor: “E dou-vos num beijo puro/ Neste embalado lamento/ O profundo esquecimento/ Do fio de água no escuro...”. A lentidão do poema não se deve apenas às escolhas lexicais - “adormece”, “momento a momento”, “lento”, “para o vento”; os versos também soam em ritmo lento, repletos de aliterações em “m” e “n” e de muitas rimas com final “ento” - “acalento”, “momento”, “lamento”, “relento”, “firmamento” - tudo reforçado pelos enjambements que dão continuidade semântica aos versos e maior maleabilidade sonora. Outros fatores que contribuem, formalmente, para esse ritmo impresso, são as reticências inseridas ao final de muitos dos versos. Contrariando o curso próprio da natureza da água, que desce obedecendo à força da gravidade, neste poema o “fio de água no escuro” sobe “ao céu, calmo e puro”, indicando que o texto se constrói em sentido ascensional, buscando a elevação e um equilíbrio, expressos na última estrofe: “Descansa a dor, para o vento.../ Subindo ao céu, calmo e puro,/ O fio de água no escuro/ Soa lento...”.

¹ GOUVEIA, Junho de 1923, p.215.

A escassez dessas temáticas na revista deve-se, cremos, à própria idéia de literatura defendida pelos seareiros nas páginas da *Seara*. Como vimos anteriormente, a revista defendia uma maior objetividade e um comprometimento dos intelectuais e escritores, em detrimento de “fantasmagorias” e temáticas “nubilistas”, como se afirma na Nota da Redação¹ inserida anteriormente.

De maneira geral, o que se pode perceber na *Seara* é que há, sim, alguns outros temas que aparecem nos textos literários da publicação lisboeta, sem que cheguem a se constituir em uma prática ou tendência literária. Daremos destaque, nos próximos tópicos, a algumas das temáticas mais recorrentes e que consideramos mais condizentes com o ideário seareiro acerca do papel da arte e da literatura, entre 1921 e 1926.

¹ Ver *Entre a Arte pela Arte e Arte militante*.

3.4.3 Temas e autores

3.4.3.1 O campo

Desde o primeiro número da *Seara Nova* percebe-se a recorrência de alguns tópicos na produção literária dessa revista, como aqueles que ressaltamos anteriormente. Uma dessas temáticas, porém, merece maior destaque na nossa análise, pelo fato de acreditarmos que fizesse parte de um contexto mais amplo dentro do projeto defendido pelo grupo seareiro na revista lisboeta: o *campo*.

Para alguns críticos, a presença do ambiente rural, na literatura portuguesa, possui algumas implicações importantes, já que se trataria de uma temática inerente à própria realidade e existência de Portugal. Para Clara Rocha: “A *evocação do campo*” seria um “tópico, de resto, sempre presente nas nossas letras (Sá de Miranda, Eça na *Cidade e as Serras*, Fialho, o tão citadino Pessoa, Torga, Manuel da Fonseca, para só mencionar alguns), e pela sua recorrência é talvez um elemento integrante da *literatura nacional*”¹; para o professor e ensaísta brasileiro, Antonio Candido, esse espaço seria “um ambiente básico da civilização portuguesa”².

Esse espaço *imane*nte à cultura de Portugal é, de maneira geral, associado à tradição, seja pelo fato de ser tomado como um motivo “grato” de uma “linha tradicionalista” do campo literário, como afirma Rocha; seja pelo fato de ser tomado em oposição à cidade, ambiente que significava, principalmente no século XIX, a “vida

¹ ROCHA, 1985, p.266.

² CANDIDO, 2002, p.44.

moderna”¹ e a “participação na civilização capitalista do Ocidente”, como afirma Candido. O que importa, porém é que, independentemente de ser tomada por linhas tradicionalistas ou vanguardistas da literatura, o que pretendemos é verificar, na *Seara Nova* entre 1921 e 1926, quais os significados do *campo* na produção literária dessa revista lisboeta.

O primeiro poema publicado na *Seara Nova* é “Apólogo duma espiga de Trigo”², do “esquecido poeta”³ J. M. Santiago Prezado. A epígrafe, semelhante a uma oração, antecede a poesia e antecipa os traços de religiosidade e elogio do campo que se vai ler nesses versos de Prezado: “Que santificado seja/ o teu nome, eternamente./ Tua luz, se a terra beija/ faz germinar a semente”. E ainda: “Dentro do ventre da Terra/ onde a semente caiu,/ a Vida tornou-se eterna/ criou raiz e floriu!...”. Nos versos que se seguem, uma semente germinada, representada por uma espiga de trigo humanizada, interpela um “caminheiro” que a pisara: “Por que é que me pisaste?” e “Que mal é que eu te fiz, ó caminheiro?”. A voz a quem se dirige, porém, não responde a essas questões, e a hipótese encontrada pela espiga para explicar o ato de violência ao qual fora submetida, é a de que se trataria de um “estrangeiro” que nunca teria passado por aqueles campos e, por essa razão, a calcara. Depois de descrever sua relação com a Terra de quem seria “filha humilde” e “sua escrava” – “ela me dava a seiva, dia a dia” – o trigo explica que “O rude camponês, que me conhece/ desvia os passos, quando passa aqui;/ tão cuidadoso vai que até parece/ que apenas para ele é que eu nasci”; esse mesmo campônio, consciente do valor da terra e da plantação, ensinaria ao filho: “Vai pelo carreiro/ Não calques a seara!”. O grão semeado descreve, então, as dificuldades enfrentadas por aquele trabalhador rural: “- Pobre

¹ CANDIDO, 2002, p.31.

² PREZADO, 15 de Outubro de 1921, p.7.

³ “Sant’Iago Prezado, um poeta esquecido”: “A obra de João Maria Sant’Iago Prezado (1883-1971) acompanha de lado quase todo o nosso século e poderá ser entendida como a de um escritor-tipo daqueles a que Óscar Lopes chama *epígonos* e que, não sendo figuras de primeiro plano, encarnam de certo modo o ambiente cultural de onde saem os grandes escritores”. L.F.D.

velho! Como ele trabalhava!/ e quanto ele suou/ Ao vento e à chuva, sobre a terra brava,/ e nunca descansou”. A estrofe seguinte traz ainda mais informações sobre o agricultor, e o polissíndeto¹ utilizado no primeiro verso parece pretender reforçar, na forma do poema, a idéia do trabalho incansável, e sem interrupções, de um camponês: “Usou da enxada, e do arado, e da charrua;/ E em Dezembro, uma vez – que bom que ele era! -/ lançou-me à terra, que não era sua/ e eu depois germinei com a Primavera!”. Como no ciclo próprio da vida, lançada a “semente” e passado o tempo, nasce uma “heróica” planta: “Tu não podes decerto imaginar/ Na tua fantasia,/ que esforço heróico eu tive de empregar/ para romper a terra e ver o dia!”. A descrição de seu esforço e luta teria o objetivo de ser uma “lição”, um “exemplo” para o agricultor e, principalmente, para aquele caminheiro; seu exemplo, porém, seria ainda mais significativo, já que depois de pisada, ela retornaria à terra, transformar-se-ia novamente em uma semente e, finalmente, renasceria no ciclo natural da vida vegetal: “Volte eu à terra, onde nascera, agora:/ - transformada ver-me-ás numa semente por sua própria essência – criadora!”. Ao camponês caberia a lição da luta e do trabalho mesmo em uma terra “que não era sua”: “Ao pobre lavrador, que se consome/ a cultivar em terra alheia o pão,/ ao mesmo tempo que lhe mato a fome/ dou-lhe, com meu exemplo, esta lição”. Prezado denuncia, nesse poema, a situação do trabalhador rural que lida em uma terra que não lhe pertence; mas por trás dessa situação *injusta*, haveria um fundo moral e um discurso de valorização do trabalho e da luta em prol de interesses coletivos: “O mesmo húmus que me fecundara/ fecundará em mim a nova seara/ que há de matar a fome à Humanidade”.

¹ “Polissíndeto: quando se repetem conjunções sucessivas na frase, a mesma ou várias”. CANDIDO, 2004, p.134.

Em outro poema da revista, intitulado “Amor e dor”¹, de José Augusto de Castro, a primeira estrofe apresenta uma imagem de desolação e aridez, representada por um: “Campo estéril, maninho ou de selvagem brenha”. O eu lírico, então, questiona: “que gerações por ti foram passando? Quanta/ infâmia, quanta guerra atroz se ergue e desenha no passado dessa terra abandonada e seca?”. Mas o poema não traz respostas a essas perguntas, mas apresenta uma solução para a situação caótica descrita no primeiro quarteto: “É preciso que venha Fecundar-te de amor e dor...”. O “Homem”, que olhava ansioso essa paisagem árida, depois de espantar os animais selvagens que estavam ali, prepara a terra “- para fazer a seara, a granja, o moinho, a azenha”. E concluído esse trabalho, surge, então, uma nova imagem do campo: “Ei-la, em frutos abrindo/ o seio! A água, em cachão, rega-a, de lado a lado/ E cobre-a o pálio azul do céu risonho e lindo!”. A última estrofe, em jeito de conclusão, traz um apelo dirigido à Humanidade: “Vamos, Homem, enterra ainda mais o arado,/ Para que a dor se extinga e só o amor fique rindo.../ - porque tem sido pouco o amor que lhe tens dado”. Este soneto, composto em versos alexandrinos de sonoridade um pouco estranha² e quase prosaica, assemelha-se a uma pequena narrativa de fundo moral, como o poema de Santiago Prezado. Ambos os poemas buscam provar que somente através do trabalho e da luta seria possível transformar a realidade.

¹ CASTRO, agosto de 1922, p.58.

² A sonoridade do poema parece comprometida por sua própria estruturação. Em primeiro lugar, há algumas inversões sintáticas que causam certa estranheza: “e a juba o leão levanta” e “Que gerações por ti foram passando?”. Além disso, o primeiro quarteto, por exemplo, parece buscar uma complementação de sentido entre os dois primeiros versos e os dois últimos, que não chega a se dar efetivamente: “Campo estéril, maninho ou de selvagem brenha,/ onde o réptil se arrasta e a juba o leão levanta,/ que gerações por ti foram passando? Quanta/ infâmia, quanta guerra atroz se ergue e desenha?”. Outro problema, rapidamente verificável, relaciona-se aos enjambements que, ao invés de criarem a ilusão de continuidade, denotam uma quebra brusca no sentido e na sonoridade dos versos: “É preciso que *venha/ fecundar-te* de amor e dor... – E chora e canta!”; ou em Ei-la, a seara a florir! Ei-la, em frutos *abrindo/ o seio!* A água, em cachão, rega-a, de lado a lado”. (grifos nossos). CASTRO, agosto de 1922, p.58.

Assim como nos poemas anteriores, em “Meu pensamento”¹, de Bernardo de Passos, o campo é o lugar eleito. Mistura-se, nesse poema, o elogio a esse espaço com elementos de religiosidade: “Terra, noiva do Sol! Ó carinhosa/ Virgem-Mãe dos trigais e dos pomares/ que a vida embalas, triste e gloriosa,/ na canção das florestas e dos mares!”. Essa terra idealizada, cantada nessa primeira estrofe, assume um caráter de obscuridade na segunda quadra: “Terra das paisagens misteriosas,/ e dessa hora trêmula e contrita,/ em que o Poente é um vitral de rosas/ na catedral da Noite, erma e infinita!”, dando mostras de uma permanência de alguns símbolos caros a estéticas literárias finisseculares². A plantação floresce nos campos: “Semente humilde do teu chão/ germinou em teu pó, - foi Sofrimento!/ E floresce, e dá fruto, - é Oração!”. Nesses versos, decassílabos, denota-se a busca de uma elevação, através de verbos como flexionados como “subindo” e no infinitivo “voar” e de substantivos como “elevação”: “E enquanto vai subindo, excelso e puro,/ E o infinito em seu voar transcende,/ beija a Dor, a beijar o pó obscuro/ do húmus donde em sonho se desprende...”. O léxico volátil e misterioso – “misteriosas”, “erma”, “astros”, “transfigurado”, “Espaço” - adiciona-se aos elementos que compõem a imagem da terra e da germinação do campo – “trigais”, “pomares”, “semente”, “seiva”, “húmus”, “raiz”. E essa mistura lexical e de idéias, que aproxima uma “evangélica ternura” ao elogio da terra e do campo, se resume nos últimos versos: “E quanto mais, ó Terra, se ergue a Deus/ mais humildade há nessa elevação!/ - Árvore, se ele a fronde eleva aos céus,/ é baixando a raiz para o teu chão...”.

¹ PASSOS, Dezembro-Janeiro de 1923, p.118.

² Para Óscar Lopes, Bernardo de Passos é apenas um exemplo, ao lado de outros escritores, de uma “sobrevivência romântica sentimental onde mal afloram influências *fin-de-siècle*”. LOPES, 1976, p.1057.

Também em “Os cavadores”¹, de Teixeira de Pascoaes, percebem-se, nos primeiros versos, alguns símbolos do vago, outono e espectros, bastante presentes nas produções literárias pascoesianas: “O outono, esse desgosto das paisagens/ A terra e o céu defuma./ Surgem mortas e lívidas imagens/ Boiando à flor da bruma./ Os ermos pinheirais/ São espectros noturnos a dar ais!/ Árvores arrefecidas/ Choram de pejo, vendo-se despidas”. Mas essa imagem inicial é logo modificada, dando lugar a símbolos representativos de elementos mais concretos da realidade do trabalho: “Nos campos enlutados de viuvez,/ Mudo, trabalha o pobre camponês”. Assim como em “Amor e Dor”, o eu lírico desse poema convoca todos ao trabalho: “Trabalhai, meus irmãos! Sofrei, rezai, cantai!/ Dai-vos em vida à terra. Trabalhai!/ Semeais campos e montes solitários/ Desertos e calvários/ Que a seara floresça, em ondas de alegria,”. Em outra estrofe, a voz poética busca igualar o trabalho braçal do campônio ao próprio exercício literário e intelectual: “O poeta e o cavador! A pena é irmã da enxada./ A página dum livro é terra semeada”, no entanto, enquanto um semearia a terra, o outro semearia idéias, todos em prol da coletividade. Mas o trabalho para ser verdadeiro, deveria ter em seu auxílio um sentimento que - como já cantara José Augusto de Castro, em soneto analisado anteriormente - o sujeito poético considerava fundamental: “Trabalho sem amor é improdutivo/ Somente é verdadeiro, eterno e vivo/ O que produz o amor/ O mais é fumo e sombra e vão rumor...”.

Nesses textos analisados, como pudemos perceber, o campo aparece descrito em sua forma mais cristalizada. Segundo Raymond Williams, “Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida- paz,

¹ PASCOAES, 15 de maio de 1924, p.218.

inocência e virtude simples”¹. Ou seja, nesses poemas da *Seara*, predomina essa visão idealizada desse lugar. Mesmo em alguns poemas que inserimos na *temática do amor*, há essa mesma caracterização do campo. Neles, a mulher campesina², que passa à frente do eu lírico, era idealizada e desejada pelo sujeito poético; ela compunha a paisagem e a ela se integrava intimamente.

Mas na maioria dos poemas que analisamos neste tópico, o que ocorre é a associação entre essa imagem desse lugar a um elogio do trabalho. Quase todos os textos mostram esse sítio como o melhor local para, através da labuta, e às vezes, do amor³, chegar-se à mudança. Nesse sentido, notamos que o próprio título da publicação, como dissemos anteriormente, relaciona-se semanticamente ao ambiente rural, e várias ilustrações⁴ – principalmente das capas do periódico – também mostram figuras de campesinos trabalhando na terra. Além disso, a *Seara Nova* foi, como afirma Clara Rocha em seu estudo, a primeira revista a inserir em suas páginas uma afirmação como essa: “A terra é de quem a cultiva”⁵, que é um trecho de trecho das *Memórias*, de Raul Brandão, . Todas essas informações corroboram nossa idéia de que o campo é um dos tópicos mais importantes e recorrentes e cremos, portanto, que a presença recorrente dessa temática na revista corresponda ao ideário dos seareiros acerca do papel da arte na campanha pela reforma da nação.

¹ Williams opõe essa visão do campo à da cidade e afirma que relacionava-se a esse espaço, também, uma outras associações mais negativas: ou seja, o campo seria associado também ao atraso e à ignorância. WILLIAMS, 1990, p.11.

² Ver leitura de “Bucólica” e “Elegia Rústica”.

³ Ver leitura dos poemas: “Amor e Dor” e “Os Cavadores”.

⁴ Ver ilustrações em anexo.

⁵ BRANDÃO, 15 de Outubro de 1921, p. 4.

3.4.3.2 A aldeia e o povo

Como dissemos anteriormente, segundo Antonio Candido: “a quinta, o campo, a freguesia, a aldeia, a pequena cidade” seriam espaços inerentes à existência de Portugal. É sobre um desses ambientes, enumerados pelo crítico brasileiro, que se centra a “Crônica Deselegante da Minha Aldeia”, de Aquilino Ribeiro. Nesse texto, publicado em novembro de 1921, são pintados alguns pequenos quadros de uma *realidade* que o narrador observa, atentamente, da sua janela¹. A primeira imagem é a de um espaço seco e abrasador, sem cores vivas:

Ao sol bravo, os campos rechinam, secaram as fontes, pelaram os montes. ‘A terra parece que vai a virar uma cassarola’, diz o Zé Paiva, apontando a curva do céu ardente, enrubescido.(...) A natureza tomou uma vestidura penitencial, serguilha rota polvilhada de cinzas. Tudo é gris, desde os restolhais, cujo amarelo-claro entra inalterável pelo outono, aos coutos de urze e sargaço onde o tom era sempre verde².

Assim como a paisagem inicial do soneto anteriormente analisado, “Amor e dor”, de José Augusto de Castro, o ambiente seco e quente caracterizaria o espaço rural desenhado por este escritor. Mas, ao contrário do poema de Castro, não é a falta de trabalho nem mesmo de amor e de dor, que fazem com que o *campo* esteja nesse estado. Na crônica de Aquilino, ao contrário, há sim, nesse ambiente cinzento e quente, muito trabalho e muita dor para produzir o tão necessário pão de cada dia:

“Os homens vão *moer ao cambão*. *Roer ao cambão* é fazer girar à força de rins, como os escravos antigos, as mós sobre a moenda. Consoante a maldição, o pão nosso, até vir ao açafate, é regado com suor e sangue”³.

¹ “Da minha janela vejo a vara alta dos engenhos tirar água(...). Ouço a chieira e, aqui e ali, a todo volver de olhos, o jogo bárbaro lembra bando de cegonhas sequiosas, dobrando os colos altos, com lentidão”. RIBEIRO, 5 de Novembro de 1921, p.39.

² RIBEIRO, 5 de Novembro de 1921, p.39.

³ RIBEIRO, 5 de Novembro de 1921, p.39.

A esse primeiro quadro, são acrescentados outros vários que descrevem as pessoas, costumes, crueldades e preconceitos dos habitantes daquela aldeia. Narra-se, assim, a morte de Antonio Cancela “que me ensinou as manhas da caça e só teve medo de Deus”; o parto de Ana Ramira que “Em pleno corte de milhos”, “na terra nua deu a luz um menino, de que o seu juízo não sabe ao certo quem é o pai, mas que muito bem sabe ao coração que é seu filho”; a família Rosaira, que ele vê, de sua janela “erguer mãos no pátio a rezar”; a “Virgínia bêbeda” que tentara matar-se a si e a suas filhas com “veneno para matar ratos”; a Aninhas Quitéria, que se casara, para infelicidade do narrador que “não foi com secreta mágoa” que a viu a caminho da igreja; o bandido Chico Trinta, caçado pela população que o matara e deixara “em pleno ermo três dias e três noites”; a Clarinha, personagem de uma obra de ficção de 1919 “a minha Clarinha das *Terras do Demo* anda há semanas a ‘chocar’ a morte”; o António de Oliveira, por quem todos choraram no povoado pelo fato de ter perdido uma bezerra: “Morreu a bezerra ao António de Oliveira; foi uma desolação no povo”; e o Eduardo que, desejando melhorar de vida e teimando em “viver *fidalgos*”, vendera sua casinha para mudar-se para a cidade grande.

Mas cada um dos retratos¹, tirados do olhar e da consciência desse narrador, não tem a intenção apenas de reproduzir imagens pitorescas da realidade daquele espaço descrito. Eles reproduzem, principalmente, a visão crítica e nada idealizadora, de uma realidade que ele busca descortinar com sua escrita. Por isso ao descrever a Ana Ramira: “uma pobre de Cristo, em tudo amiga do bem fazer”, ele aproveita para mostrar um traço da moral das mulheres da aldeia: “Na aldeia, severa em matéria de castidade, toda a matrona

¹ Segundo Óscar Lopes, um dos temas dominantes em Aquilino era: “a luta(...) dos tipos esmagados na base da pirâmide social, contra todas as opressões que lhes tohem os impulsos vitais”; porém, Lopes destaca esses temas, afirmando nessa tendência a predominância de uma leitura irônica e satírica que não se confirma nessa crônica. Essa crônica de Aquilino traz um narrador angustiado e desgostoso, decepcionado com a *sua* aldeia. LOPES, 1976, p.1070.

que se preza faz pouco dela”. Em outro quadro, o narrador critica a falta de caridade do povo, que havia abandonado o corpo do criminoso Chico Trinta: “Onde pára a caridade cristã? Calou-se e já ninguém ouve a voz da religião que manda como obra, muito do agrado de Deus, enterrar os mortos?”. Ainda dentro da temática cristã, ao descrever a morte da “Clarinha pernóstica”, inscreve-se um diálogo entre o filho “socialista” da moribunda e um padre que, contra o desejo do rapaz, resolvera dar-lhe a extrema unção; nesse diálogo, o jovem acusa o padre de estar rico à custa das pessoas pobres. A conclusão do narrador insere-se no texto em seguida a esses elementos descritos: “É fato; as divindades vão desertando do coração dos camponeses. Acabou o inferno; o céu tem uma existência problemática, mas a aldeia não vai à escola; a aldeia não tem um ideal; a aldeia não teme a justiça, que aliás não existe”¹. Nem a caridade, nem a educação, nem a justiça fariam parte da realidade daquele espaço que ele define como uma “desgraçada terra”.

Mas o balanço da situação das pequenas aldeias, em Portugal, aparece, em sentido geral, na conclusão inserida no último parágrafo da crônica. Nela, denuncia-se a situação dos espaços rurais em Portugal, muito distantes da capital – representada pelo Terreiro do Paço, sede do governo português – e do desenvolvimento; sem acesso à educação; vitimados, também, pela desigualdade social, enfim:

Minha aldeia, pobre célula viva desta terra malfadada, triste, esquecida de todos que não seja o fisco e o letrado da vila, indiferente ao Terreiro do Paço, a quem de resto alimenta, mais aos catitas, às sécias, aos pedantes das letras e das artes, e às ratinhas sábias que apertam o nariz ao cheiro dos teus tojos, minha aldeia bárbara, espelho perfeito da Idade Média rural, a tua ignorância, a tua rudeza são bem escusáveis! Não me desonra, sequer; mas, sim, magoa-me essa alma dura, desumana, impiedosa que te vão inoculando!²

¹ RIBEIRO, 5 de Novembro de 1921, p.41.

² RIBEIRO, 5 de Novembro de 1921, p.41.

O cronista conta a história da *sua* aldeia, definida por ele como um lugar seco e gris. Os fatos são narrados isoladamente, no texto, separados formalmente – há um espaço em branco que separa cada uma das histórias narradas –, e num primeiro momento, tem-se a impressão de não haver nenhuma relação imediata, ligando as pequenas histórias; mas tudo tem, em comum, o espaço onde se desenrolam a narrativa. Essa aparente despreensão na estruturação do texto e na “composição aparentemente solta”¹ esconde a discussão de questões² de maior profundidade que o autor deixa para expor no parágrafo final.

É na conclusão, que o narrador resume sua crítica relativa à condição existencial e a uma crescente desumanidade, decorrentes da injustiça social. Essa crônica retrata o lado “negativo”³ atribuído a esse espaço, segundo a definição de Raymond Williams em *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*.

Outra prosa, que aborda alguns dos aspectos já evidenciados na crônica de Aquilino, é “O Milagre de Joane”. Esse conto, de José Rodrigues Miguéis, foi publicado no exemplar de Agosto-Setembro de 1923. O texto é aberto com uma pequena explicação acerca da história que se vai narrar:

Esta história foi-me contada por uma Santa de cabelos alvos, que faz da minha vida uma perpétua infância. Contou-me de a ouvir contar a uma velhinha que foi sua avó... E assim, não sei de que tempo, nem de que lugar ela provém. De longe, na alma de cada um... E como os dias vão tormentosos para os místicos e os que meditam, porque receio que ela se perca e para sempre se apague da memória das gentes, aí vo-la deixo contada, com sua candura e seu perfume suave de giesta e rosmaninho...⁴

¹ Sobre a crônica, Antonio Candido afirma: “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma(...)”. CANDIDO, 1992, p.13-14.

² Óscar Lopes afirma que Aquilino apresentaria em algumas de suas obras uma “coordenada estética e social”. LOPES, 1976, p.1072.

³ Segundo Williams, associam-se ao campo, também, idéias “negativas”: o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação”. WILLIAMS, 1990, p.11.

⁴ MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.34.

Essa história oral, contada de geração em geração, seria definitivamente registrada, no âmbito da literatura escrita, para que não se apagasse da memória das pessoas: “Era um pastor que vivia no monte, sem pai, nem mãe, a guardar o gado, seu amigo e seu irmão, a quem amava como se ele próprio fora um Francisco de Assis”. Porém, esse homem simples, que vivia isolado da *civilização*, possuía conhecimentos decorrentes de sua observação da natureza: “Conhecia as estrelas de as olhar pela madrugada, quando a noite desmaia e a lua empalidece”, sendo então detentor de um saber que os “das cidades”¹ não conseguiam ter. Por outro lado, se a vivência no campo lhe dava essa sabedoria do mundo natural, o isolamento era a causa de um sério problema de comunicação: “nem sabia dizer duas palavras”; “Só sabia do seu gado, do cão, das flores amarelas com que, nas manhãs de primavera, ornava o cajado e a coleira do bicho. E de Deus...”². E Deus, para ele, era tudo aquilo que ele via de belo em seu cotidiano:

Aquilo a que adorava, como o coração e o receio lho demandavam ao dealbar, quando o sol vinha colorir de ouro a lã das mansas ovelhas, e faiscar nas gotas de orvalho, como diamantes; ao meidia, quando buscavam irmãmente a sombra dos castanheiros; depois, à boquinha da noite, metido o rebanho no redil, quando os olhos se lhe aguardavam a olhar Vésper³.

De Deus, nada mais sabia⁴ além de duas orações: Pai Nosso e Ave Maria. Aos domingos, quando todos iam à missa, ele se postava à frente da igreja, sem ter coragem de entrar; todos riam de sua humildade e o faziam sentir-se humilhado: “O pobre, que jamais comungara, ia-se curvado e humilhado, pois bem sentia em sua alma que aqueles conheciam melhor a Deus em suas orações, do que ele guardando gado”. Num certo

¹ “E, em cada uma, lia coisas que nós os da cidades não sabemos ler. Adivinhava os queixumes da água reluzindo nos seixos, de monte a vale, quando o gado ia beber, balindo e tintinando”. MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.34.

² MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.35.

³ MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.35.

⁴ “Nada mais sabia. Mas isto satisfazia-lhe a crença que punha em alguma coisa que fizera os montes para o gado pastar, as fontes para beber, que dera ao homem o cão para guarda e guia, que fizeram o lume e a sombra das árvores para manso abrigo...”. MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.35.

domingo, porém, ele resolvera entrar na igreja, mas foi criticado pelos fiéis que assistiam à missa: “O povo murmurava, abrindo em volta espaço”; o padre, saindo do altar em direção ao pastor, viera decidido a falar-lhe firmemente quando, de repente, deu-se um milagre aos olhos de todos. Joane, acreditando que o padre vinha para abençoá-lo, resolveu pendurar sua veste, para pôr-se de joelhos:

Olhou à volta e não viu onde pendurá-la. Ergueu os olhos: um fio de ouro, um raio de sol que entrava docemente pela rosácea do coro, cruzava o ar e ia prender-se em frente, doirando a barba de um santo. Seus olhos, pasmados de ventura, viram aquela corda onde suspendesse a veste: e vai, num gesto leve arremessou-a ao ar...

Ah, senhores! Todos tombaram de joelhos, soluçando e orando! Ele ajoelhou também, alheio ao milagre, feliz, porque iam dar-lhe a bênção¹.

Este conto oral, narrado por Miguéis, ambienta-se entre o espaço rural, onde trabalha o pastor, e a aldeia, lugar onde ele entra em contato com uma camada da sociedade com a qual ele tinha dificuldades de se relacionar. O campo é o espaço idílico, ao contrário do lugar descrito por Aquilino; ele opõe-se à cidade, lugar em que as pessoas não têm conhecimento das coisas da terra e da natureza. O pastor, homem simples e trabalhador, vê na natureza um milagre diário e, humilde e muito simples, detém um saber decorrente de seu trabalho, e um coração e um comportamento humildes e devotos. As pessoas da aldeia, assim como as descritas em “Crônica Deselegante”, são preconceituosas e desprezam o pobre pastor, mas são obrigadas a ceder diante de um milagre que ocorre na frente de seus olhos. Nas duas prosas, a caridade cristã das pessoas da aldeia é questionada pelos narradores: no primeiro, a falta de amor ao próximo impede as pessoas de sepultarem um bandido assassinado; no segundo, os aldeões e o próprio padre julgam o pastor em função da sua grande simplicidade. Ambos os textos, nesse sentido, buscam dar ao leitor uma lição

¹ MIGUÉIS, Agosto-Setembro de 1923, p.36.

de humildade e humanidade, através de diferentes estratégias discursivas e diferentes estilos de narrar.

O que se concluir, de maneira geral, é que há nesses textos uma preocupação dos narradores em relação a uma justiça social e, no caso desses dois, especificamente, uma preocupação, também, bastante cristã. Dentro dessa mesma tendência social, inserimos também um outro texto de Miguéis intitulado “Noite Infinita”.

3.4.3.3 A desigualdade social no espaço citadino

O conto “Noite Infinita”¹, de José Rodrigues Miguéis, foi dividido em duas partes: a primeira, publicada no número 53, e a conclusão, no 54, em 1925. Neste, que foi o segundo texto em prosa a ser publicado na revista pelo então jovem e iniciante² escritor português, narra-se a história de uma criança pobre, nas ruas de uma cidade. Com a cabeça encostada no vidro de uma vitrine, o pequeno observava as coisas gostosas que estavam lá dentro e que “nunca provará”. Ao ver tantas delícias:

Crescia-lhe água na boca, rebelde aos amargores da vida. Não, decididamente não se habituava ao pão duro que os outros lhe atiravam! Por isso, tanto mais custoso lhe parecia ver tantas coisas decerto saborosas, debaixo duma luz tão forte, tão brilhante, que era quase preciso fechar os olhos para olhar!...

O narrador, então, descreve a criança:

Estava descalço, na verdade. Não tinha boina. Trazia uma camisola rota que já tinha, talvez, sido vermelha, os restos dum colete de homem, e um calção que lhe ia um pouco abaixo dos joelhos. Um rasgão no sítio onde, ‘se ele fosse um menino fino’, deveria, segundo

¹ MIGUÉIS, 3 de Outubro de 1925, p. 115-116.

² Segundo Moser: “Jose R. Miguéis admired Raul Proença, who enlisted the young man's help for his project of preparing the Guia de Portugal, a guide as good as the W. P. A. Writers' Project series in the United States, if not better. He assisted António Sérgio in his campaign for school reform. Proença and Sérgio, together with Câmara Reys, encouraged Miguéis to write”. MOSER, 1965, p.33. Miguéis que, como afirmamos anteriormente, colaborou inicialmente na *Seara* como ilustrador, foi encorajado a escrever por Proença, Reys e Sérgio.

imaginava, ver-se o pano muito lavadinho das ceroulas, - mostrava-lhe a carne descolorida e triste.

Naquele ambiente urbano, em que “Passavam automóveis buzinando, cheios de clarões”, o menino via o resplandecer da loja, que estava cheia de fregueses e se deu conta de que sentia fome. Resolvera cear, pedindo esmolas a uma senhora. Quando foi atendido, ele percebeu que era “noite de Natal!”...

De repente, então, ele se questiona: “Mas onde raio se meteu a velha?”. A velha era uma mendiga, “tal qual como ele”, que lhe tirava os tostões, “tratava-o mal, batia-lhe, não lhe dava pão e obrigava-o a todos os serviços”; apesar de tudo isso, ele sentia que ela era como uma mãe. Triste por não saber onde ela estava, ele segue buscando a senhora por toda a parte: “E porque havia ele de ficar tão triste? Mas o seu coração (tinha sete anos) não lhe adivinhava coisa boa”. Angustiado, depois de procurar por todos os lados, sentindo já que ela poderia estar morta, ele resolveu ir até a casa, para conferir se ela não estaria lá; mas a porta estava fechada¹.

Sua angústia aumenta, com o passar do tempo. E ele resolve, então, “como se lhe impelisse a mão da noite”, seguir em busca da senhora. E assim termina a primeira parte do conto, que deixa o leitor na expectativa de descobrir o desfecho da triste história dessa criança.

A segunda parte do texto, publicada em Outubro, inicia-se com uma reflexão do narrador, em terceira pessoa, sobre as noites de Natal:

A noite de Natal é enternecedora. Todos os que tiveram um pedacinho de ventura, ainda que o seu caminho seja semeado de espinhos e lhe seja dolorosa a vida, põem-se a recordá-

¹ “Foi à porta, esperou. Ali perto, ouvia rir, falar, e um ruído de louças. Vozes de garotos – os da sua idade! Aqueles também eram felizes. Mas se todos eram felizes, porque o não era ele?”. MIGUÉIS, set. de 1925, p.93.

lo, e é como se o fel da tristeza se fizesse doce. Aquele bocado de luz que vem de longe, dentro de nós, dilata-se, aquece, alegra e reconforta.

Mas, essa leitura terna da noite de natal é modificada pelo próprio narrador no parágrafo seguinte, iniciado por uma conjunção adversativa:

“No entanto, há muita gente que nunca deu por isto. Na noite de Natal, mata-se, violenta-se, esmaga-se e luta-se como sempre. As tragédias e as orgias não têm olhos para a doçura espiritual da natividade...”.

No parágrafo seguinte retoma-se a narrativa iniciada no número anterior: “A velha tinha morrido. Era verdade. Essa convicção entrou de súbito tão fundo na alma do garoto, que lhe causou uma vertigem”. Ele continuava em busca da velhinha, e perguntou a um policial, que o levou à esquadra; lá ele ouviu, então, aquilo de que suspeitava: a velha morrera, atropelada.

O garoto saiu, então, chorando compulsivamente e andando, pela noite chuvosa; por fim, resolveu sentar-se à beira do Rio Tejo, para observar o movimento da água. Ele, que já estava cansado, faminto e febril, deitou-se então em uma pedra, e acabou caindo dentro do rio e morrendo:

Não sentiu nada. E, como a cabeça lhe caísse para o peito, os cabelos pegados contra o seio, apertando a nota, - o corpo resvalou na pedra, uma ondulação mais larga, mais suave, tomou-o, absorveu-o no seu beijo, e sobre a sua dor, a sua dor pequenina e inútil, fechou-se a noite a água, como uma noite infinita...

Nesta narrativa, o discurso direto é usado, de maneira geral, para dar voz ao pequeno *mendigo*, que questiona a todo o momento sobre sua situação: – Por que será?”; “Por quê, meu Deus?”, dizia a criança. Mas o que predomina no conto é o discurso indireto livre, que mistura o pensamento da criança à voz do próprio narrador:

Bombons, sim. Já tinha comido um. Fora... Ora, bem se lembrava: no dia dum casamento. A noiva, que nem uma rainha, atirava bombons da janela e os garotos engalfinharam-se uns nos outros para os disputar. O irmão mais velho – que seria dele? –

trouxera-lhe um. Eram amigos. Como aquilo lhe soubera bem, - forrado de prata, aquela massa doce e branquinha, metida lá dentro!...¹

Em outro trecho, o menino reflete sobre sua condição de exclusão, em comparação com as outras pessoas que vê: “Uma vez, tinha ouvido dizer: ‘Dá Deus o frio conforme a roupa’. E se era assim verdade, os outros com os seus abafos, deveriam ter tanto frio como ele tinha. *E teriam frieiras? – Com certeza. Não havia de ser só ele*”². Sua angústia diante do desaparecimento da “velha” também é descrita através desse recurso, sempre muito bem articulado, como se mostra no seguinte trecho: “Bem quisera sossegar o espírito. *Impossível*. À medida que as ruas se tornavam desertas, que as lojas se fechavam, que a chuva aumentava e o frio redobrava, sentia a garganta mais afogada, *e uma vontade, uma vontade de chorar tão grande!*”³. O narrador e o protagonista, em uníssono, misturam seus discursos, ampliando a sensação, no leitor, do forte tom de introspecção psicológica e profunda angústia que se depreende do texto. A própria noção de tempo, no conto, reforça, essa impressão de interioridade psíquica, já que se percebe uma quase predominância do tempo psicológico, sobre o cronológico. Além disso, o próprio título apresenta para a Noite um qualificativo que significa infindo, ou seja, amplia a noção da própria duração do espaço temporal noturno, seja para a criança que se sente angustiado em busca de uma resposta, ou para o leitor que acompanha atentamente o desenrolar da história.

O protagonista e a velha não têm nome e sua condição extrema de exclusão social não impede o menino de refletir sobre sua situação, quando confrontada com a realidade de outras pessoas mais privilegiadas.

¹ MIGUÉIS, 15 de Setembro de 1925, p.92.

² MIGUÉIS, 15 de Setembro de 1925, p.92.

³ MIGUÉIS, 15 de Setembro de 1925, p.93. (grifos nossos)

Nesse conto, assim como na “Crônica Deselegante da Minha Aldeia” e no “Milagre de Joane”, podemos perceber que o problema social se torna presente no “choque de classes” e na relação entre o excluído e a sociedade. O pastor – sem acesso à educação institucionalizada, distante do poder e da *civilização* representada pela *cidade* – e o pobre – que não tem roupas para vestir, não tem comida – são tomados como objetos da escrita, como afirma Bosi em *Literatura e Resistência*. Em todos os textos, há, também, a presença de um sentimento cristão e de uma crítica da desumanização na sociedade.

3.4.3.4 Raul Brandão: o principal prosador entre 1921 e 1923

Dentro da *Seara Nova*, a parte dedicada à Prosa, entre 1921 e 1923, tinha como seu mais assíduo colaborador o português Raul Brandão. Este singular escritor lusitano fez parte da diretoria da revista, e nela editou trechos de algumas de suas obras já publicadas anteriormente e de outras inéditas, até então. Em seu percurso por esse periódico, ele inseriu trechos de: *A Morte do Palhaço*; vários excertos do primeiro volume das *Memórias*, de 1919; algumas partes de livros, como *Os Pescadores* e o volume II das suas *Memórias*, divulgados na revista antes de saírem em livro. Além de colaborar como prosador, Brandão contribuiu com dois textos na seção de Crítica Literária, fazendo apreciação de duas obras de seu amigo, o poeta Teixeira de Pascoaes, e publicando um texto, que de fato fazia parte das *Memórias*, em uma seção da revista dedicada à História.

Sua participação na *Seara*, que é apenas rapidamente citada em alguns estudos sobre esse escritor, e também em estudos sobre a história do próprio periódico, parece relacionar-se diretamente, à preocupação do grupo seareiro com uma *justiça social* em Portugal.

Um dos aspectos mais notados e recorrentemente comentados acerca da obra de Raul Brandão é, certamente, a presença constante, em sua produção escrita, de temáticas de forte conotação social¹. Seja no sentido de desconcerto do mundo, que perpassaria grande parte da literatura portuguesa desde os trovadores, como observou Maria Helena Nery Garcez² em sua leitura de *Os Pobres*; seja no sentido de uma sobrevalorização da carência ou até mesmo de um “neofranciscanismo”, como afirmou Vítor Viçoso³, em estudo introdutório a essa mesma obra; seja como “consciência de justiça social⁴”, como destacou Álvaro Manuel Machado⁵ em seu reconhecido trabalho *Raul Brandão – entre o Romantismo e o modernismo*: todos esses estudiosos da literatura são unânimes em destacar a presença e até, diria, a insistente análise dos problemas da sociedade nos textos literários, jornalísticos e, até mesmo, autobiográficos desse escritor.

O primeiro texto de Brandão publicado na *Seara Nova*, intitulado “Sombras Humildes”, fazia parte do volume I das suas *Memórias*. Neste excerto, os homens e mulheres do campo são descritos como pessoas carentes, que mal tinham o pão para alimentá-las e que sofriam com o problema da fome. Em outro trecho das *Memórias*, intitulado: “O homem que veio a Lisboa pregar Deus ao Sr. Afonso Costa”, mais uma vez, a questão da injustiça e da exclusão social é diretamente abordada. Esse “homem” parece servir, no citado texto, para exemplificar o abismo que separava o povo das decisões

¹ “(...) após a viragem do século, encontramos Raul Brandão em Lisboa, absorvido pelo mundo do jornalismo, nas colunas do *Correio da Manhã* e de *O Dia*, mundo que o introduz na análise dos problemas sociais, que serão uma constante em sua obra”. RIBEIRO, 1990, p.14.

² GARCEZ, 1985, p.27.

³ VIÇOSO, 1984.

⁴ MACHADO, 1984, p.75.

⁵ MACHADO, 1984.

políticas e para permitir a denúncia da impossibilidade de pessoas comuns, sem voz ativa na sociedade, explicarem que queriam apenas “mais justiça e mais pão”¹.

Em “Retratos de Desconhecidos”, que viria a sair no volume II das *Memórias*, alguns anos depois, além de descrever pessoas simples que faziam parte de suas lembranças do passado, o escritor descreve um pobre ladrão que ele encontrara pelo caminho e que sofria por ter uma filhinha doente a quem não conseguia alimentar; neste texto ele denuncia a corrupção em Portugal e insere-se no contexto da injustiça social dominante, assumindo, também para si², a responsabilidade pela situação vigente no país³.

Seja nestes escritos autobiográficos das *Memórias*⁴, seja em escritos ficcionais, a situação de injustiça e desigualdade social sofrida pelos humildes e a dor de viver parecem povoar grande parte dos textos do escritor. Os trechos de *A Morte do Palhaço*, que foram publicados na revista, traziam figuras de excluídos da sociedade. Entre os excertos dessa obra, um, em especial, merece mais atenção: o texto “Primavera Abortada” que seria, na realidade, uma adaptação de outro conto originalmente intitulado “A Voluptuosidade e o Amor”⁵, que fizera parte de *A História dum Palhaço*, de 1896. Este texto, inserido no periódico, parece⁶ ter sido totalmente modificado pelo escritor e adaptado para o novo contexto em que se inseriu.

¹ BRANDÃO, nov. de 1921, p.74.

² Note-se que os intelectuais assumiram, no editorial da *Seara Nova*, a culpa pelos problemas do país.

³ “Ele é ladrão, mas nós somos piores do que ele – somos piores do que ladrões”. BRANDÃO, março de 1924, p.174.

⁴ “(...) as suas *Memórias* constituem essencialmente um relato, misto de política, crítica social e moral e pinceladas de um quotidiano que não muitas vezes é diretamente o seu”. RIBEIRO, 1990, p.12.

⁵ Segundo João Pedro de Andrade: “O conto *A Voluptuosidade e o Amor*, página das mais belas e, ao mesmo tempo, das mais equilibradas que saíram de sua pena, transforma-se num escrito híbrido, *Primavera Abortada*, com um final de circunstância (a fome que avassalou a Rússia em 1922), declamatório e substituindo o êxtase lírico do conto primitivo”. Há, porém, um dado incorreto nesta abordagem de Andrade. “Primavera Abortada”, inserido em livro, em 1926, não faz nenhuma referência à situação das crianças russas; a referência a essa situação foi publicada na *Seara Nova*, em 1922.

⁶ Não tivemos acesso à primeira versão de “A Voluptuosidade e o Amor”, disponível apenas na Biblioteca Nacional, em Lisboa.

Ao comparar esse conto que saiu na *Seara Nova* ao que foi publicado, anos mais tarde, em edição de *A Morte do Palhaço*, em 1926, percebem-se diferenças significativas entre os dois textos. Em primeiro lugar, a versão publicada na revista é mais curta que a publicada em livro; além disso, e mais importante ainda, percebe-se que o foco dos dois textos incide sobre diferentes elementos: na versão de 1922, eram as crianças russas¹ que mereciam a atenção do narrador em primeira pessoa. No texto de 26, o personagem principal era um Deus sinistro que dominava um país e vivia de se alimentar da tristeza e, principalmente², do sentimento de dor³.

Sobre a citada denúncia da condição da infância russa, abortada pela situação de penúria do país, naquele momento histórico, é importante destacar que se tratava de uma campanha, que surgira na revista lisboeta, com a finalidade de promover a recolha, e posteriormente o envio de dinheiro para os “Famintos Russos”⁴.

Ainda dentro da temática social, na literatura de Brandão inserida nas páginas da revista, podemos citar a publicação de trechos de *Os Pescadores*, obra ainda inédita em livro, no momento de sua edição na *Seara Nova*. Apesar da evidente mudança de perspectiva e coloração da sua narrativa nessa obra, que é bastante mais “diurna”, como afirma Maria da Conceição Ribeiro, há nela a descrição dos *humildes* em sua “faina cotidiana”⁵.

¹ “Também agora mesmo, nesta noite esplêndida e impassível, morrem aos milhares as crianças russas e ninguém as ouve gritar”. BRANDÃO, agosto de 1922, p.62.

² “O Deus sustentava-se de Dor”. BRANDÃO, 1926, p.104.

³ “Só a dor existe, só a dor cega e sem boca para gritar, que neste mundo extraordinário se estorce” BRANDÃO, 1926, p.105. A dor é um dos *topos* recorrentes na literatura de Brandão, como observa Álvaro Manuel Machado.

⁴ “Raul Brandão retoma aí muito do que ficara suspenso no texto de 1894-95. Perante a realidade histórica dum revolução cujas premissas ideológicas eram as do ateísmo, as dum desafio absoluto da Idéia perante Deus, e também as dum messianismo nacionalista russo que se originara num anarquismo, Raul Brandão volta a defender uma posição humanista e religiosa oposta às ideologias ‘sobrehumanas’. (...)”. MACHADO, 1984, p.38.

⁵ RIBEIRO, 1990, p.31.

Evidentemente, a questão social não é o único aspecto notável na escrita de Brandão, escritor tão importante da literatura portuguesa por sua preocupação com a estética das suas obras, que primam por uma moderna fragmentação estrutural e por uma abordagem significativamente peculiar e particular de alguns símbolos e arquétipos temáticos recorrentes que circulam por seus escritos. Porém, podemos afirmar que é essa consciência de justiça na sociedade que o aproxima e filia, certamente, à *Seara Nova*¹.

¹ “(...) terá sido igualmente no âmbito das suas preocupações com a pobreza e com a injustiça social que se terá ligado ao movimento da *Seara Nova*, veículo de toda uma proposta de renovação político-ideológica, mental e social”. RIBEIRO, 1990, p.32.

3.4.4 Considerações finais

Como dissemos anteriormente, a revista *Seara Nova*, apesar de primar pela publicação de textos de crítica política, acabou por editar textos de literatura que apresentavam pontos em comum com o ideário militante do periódico e dos seareiros, principalmente entre 1921 e 1926. Nosso objetivo, obviamente, não era fazer uma análise exaustiva da produção literária da *Seara* nesse período, mas apenas levantar aspectos das produções e temáticas mais recorrentes, montando assim um panorama literário, de maneira a podermos avaliar, comparativamente, algumas das modificações ocorridas na literatura produzida nessas duas décadas.

De maneira geral, o que se percebe nessa revista, quando comparada à segunda série de *A Águia*, é a quase inexistência de textos de temática nacionalista. Além disso, os textos que versavam sobre tópicos como o vago, o outono, o mistério, seres espectrais e outras formas de evasão, que predominavam no periódico portuense, são bastante escassos na *Seara*, naquele período. Havia uma recusa nessa publicação de algumas das temáticas e das estéticas finisseculares, que eram presenças tão marcantes nas revistas do início do século XX. Predominaram na revista textos sobre o amor, abordado pelos escritores sob diferentes perspectivas; assim como um grande número de textos em que o *campo* constitui-se como o espaço predominante, seja na poesia, seja na prosa. Em alguns desses textos, havia uma problematização, ainda assistemática, mas já presente, de questões concernentes ao âmbito social. Seja em alguma poesia, como em “Apólogo duma espiga de trigo”, em que o sujeito poético afirma que o camponês cultiva em terra alheia; seja em alguma prosa de Aquilino, seja na do então estreante, Rodrigues Miguéis, percebe-se a presença de uma

discussão acerca da injustiça e da exclusão social. Mas essa discussão pertencente ao “horizonte social”¹, não se limitava apenas ao campo; ela apareceu, também, na cidade, como vimos anteriormente, em prosa de Miguéis e de Raul Brandão.

Sobre essa problemática social, tomaremos uma crítica de Hernani Cidade, intitulada “Comentários à vida Literária”, que foi publicada em Julho de 1925, na *Seara*:

Não vai aqui incluída toda a produção poética de 924 pra cá. Apenas, da que me chegou ao conhecimento, a mais significativa.

Dos vários aspectos que nela há a considerar, um desejo sobretudo pôr em relevo, numa revista que visa a interesses mais complexos do que os puramente estéticos. E vem a ser a muda indiferença em que deixam a lira de Apolo os ventos mais altos e fortes que sopram no nosso tempo os ideais de solidariedade e justiça social².

Esse pequeno trecho do ensaio de Hernani Cidade levanta vários pontos que consideramos fundamentais para a compreensão do sentido da literatura na revista lisboeta. Em primeiro lugar, o autor afirma que a revista teria interesses mais *complexos* que os estéticos, corroborando o que toda a crítica atesta em relação a esse periódico. Em segundo lugar, ele afirma que os “ideais de solidariedade e justiça social”³ estariam na ordem do dia, ou seja, seriam questões fundamentais naquele momento histórico, mas não fariam parte da estrutura das obras literárias que haviam chegado a seu conhecimento. Nesse sentido, ele ainda completa: “nenhuma outra idéia, de natureza político-social, mais literatura tem provocado ultimamente”, ou seja, para esse crítico, assim como para outros colaboradores da revista e para alguns seareiros, a literatura teria de incorporar esses tópicos de maneira a se aproximarem desses “interesses mais complexos”, a que se refere Cidade.

¹ “Fialho, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro alargaram o horizonte social da ficção aos meios urbanos e rurais em que a vida é mais dura e patética, desprendendo-se correlativamente das formas oitocentistas de hipocrisia moral”. LOPES, 1976, p.1103.

² CIDADE, 1 de Julho de 1925, p.229.

³ Ao escrever um panorama do momento histórico de surgimento da *Seara Nova*, Óscar Lopes também afirma que a questão social seria uma temática pungente nas primeiras décadas do século XX: “Para melhor se compreender a viragem, convém não esquecer que a guerra e a conseqüente inflação, atingindo o povo a favor de uma minoria de *novos ricos*, extremara certos conflitos latentes, dando relevo à chamada *questão social*. Além disso, a vitória da Revolução Russa de Outubro de 1917 começa a fazer-se sentir no operariado, embora nesse período a tendência anarquista ainda prevaleça sobre a leninista”. LOPES, 1987, p.242.

Em seu panorama da produção literária até 1924, Cidade ressalta ainda o que citamos anteriormente em relação ao desaparecimento do “nacionalismo tradicionalista” e afirma que, na realidade, nada de novo estaria sendo produzido na literatura daquele país: “De maneira que prolongamos apenas, com maior ou menor variação de timbre, o eco da poesia de há três lustros pelo menos – como se a história estivesse detida num barranco do caminho...”¹.

Creemos, no entanto, que a despeito desse juízo de Cidade, a literatura publicada na *Seara*, especialmente a prosa de escritores como Raul Brandão, Rodrigues Miguéis e Aquilino Ribeiro trazia já elementos que antecipavam tendências literárias que se acentuariam na literatura portuguesa principalmente a partir da década de 30.

¹ CIDADE, 1 de Julho de 1925, p.229.

4. *TERRA DE SOL*



4.1 Contexto

4.1.1 O Brasil durante a República Velha

“Uma revista que surge
é como um astro novo
que se acende na esperança
de quem a cria,
nos desejos de quem a recebe”

(Editorial da revista brasileira *Terra de Sol*¹)

A revista *Terra de Sol* começou a ser publicada em 1924, no Rio de Janeiro. Essa publicação é considerada uma das revistas *derivadas*² da 2ª série de *A Águia*, tomada como matriz desse trabalho comparativo.

A proposta desse capítulo será, inicialmente, partir do contexto histórico em que se insere essa publicação e, a partir daí, descrever a revista e seus ideários. Em seguida, buscaremos analisar e descrever as relações entre o mensário carioca e a nação portuguesa, detendo-nos sobre os aspectos principais da Vertente criada por Álvaro Pinto. O passo seguinte será a elaboração de um panorama da literatura publicada nesse periódico fluminense, entre janeiro de 1924 e junho de 1925.

Durante a República Velha – 1889 a 1930 – o Brasil vivia sob a política do café-com-leite e a oligarquia agrária tinha em suas mãos o poder político. Nas primeiras décadas do século XX, a situação do país era bastante contraditória, já que existiam, lado a lado, uma crescente urbanização, uma busca pelo progresso e uma aceleração da

¹*Terra de Sol*, jan. 1924, p.7-8. Informamos que foi atualizada a ortografia de todos os textos de *Terra de Sol* utilizados nessa tese.

²“A *Águia*(...) transformar-se-ia mais de dois anos depois do fim da segunda série, em *Terra de Sol*, revista dirigida por Álvaro Pinto e Tasso da Silveira(...)”. OLIVEIRA, 1999, p.237-238.

industrialização, ao lado dessa tradição oligárquica rural¹ que detinha a hegemonia política. Os anos 20, especialmente, foram marcados por forte instabilidade política², revoltas civis e militares, greves do operariado, aumento da desigualdade social, do desemprego, etc.

O Rio de Janeiro, então capital federal, e espaço geográfico em que se situava a revista que vamos analisar, encarnava essas dinâmicas opostas, buscando vencer os “estigmas” de “passado e atraso”, que deveriam ser derrotados: “a cidade cumpria a missão de representar e civilizar o país”³. Buscava-se a modernização e o progresso, para promover o desenvolvimento da nação: “Inicia o Brasil a conquista do século vinte e dos seus benefícios aproveitando os meios e recursos que lhe podem proporcionar o bem-estar e a mecânica”⁴. Esbarrava-se, porém, na estrutura eminentemente agrária a que nos referimos anteriormente. Mas as contradições do país não se inseriam apenas no campo social e político. Em termos culturais, havia também um embate entre a tentativa de possibilitar uma inovação e modernização das artes, em oposição tendências passadistas: “Os campos estão claramente divididos, já em 1920: de um lado, as forças do futuro, a defesa dos anseios dos tempos novos, e, do outro, os conservadores, os saudosistas de uma época ultrapassada. Estão em conflito, enfim, o velho e o novo”⁵. Todas essas tendências conviviam nesse país de grandes contrastes.

No contexto internacional e, também, no nacional, há uma forte presença de ideologias nacionalistas. Na realidade, esse “sentimento de pertencer a uma comunidade

¹ “o poder tornou-se privilégio de uma camada social que possui os bens de produção – a terra – e a liderança política”. CARONE, 1975, p.66.

² “Os últimos dez anos do antigo sistema republicano foram um período de crise aguda em que o poder oligárquico esteve a braços com numerosas facções dissidentes que tentaram se organizar através de partidos ‘oposicionistas’, com insurreições lideradas pelos tenentes que contestavam a legitimidade do regime, e com movimentos reivindicativos dos trabalhadores. (...) contexto de crise social e política. MICELI, 1979, p. XVI.

³ GOMES, 1999, p. 22.

⁴ BRITO, 1958, p.23.

⁵ BRITO, 1958, p.119.

cujos membros se identificam com um conjunto de símbolos, crenças e estilos de vida, e têm a vontade de decidir sobre seu destino político comum”¹, como define Guibernau, tornou-se mais forte a partir da Revolução Francesa e das revoltas liberais na Europa². Desde então, a definição da nação transformara-se em uma questão central na constituição de um Estado que buscasse afirmar sua unidade e identidade em relação a outros países. No caso do Brasil, após a Proclamação da República, em 1889, iniciou-se um processo de busca da consolidação de um Estado *Nacional* que fosse capaz de definir a *nação brasileira*.

Em termos artístico-culturais, desde o início do século XIX esse *sentimento* a que se refere Guibernau, passou a ser uma das principais características da literatura romântica. Em verdade, segundo Antonio Candido, esse tema teria se acentuado em dois momentos, no Romantismo e no Modernismo: “Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no modelo europeu”³, mas ambos, também, buscam afirmar a peculiaridade⁴ do país e de seu *caráter*.

Para alguns estudiosos, o nacionalismo acentua-se nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir de 1924 que é tomado, por vários críticos⁵ brasileiros, como um

¹ GUIBERNAU, 1997, p.56.

² É comum situar a ascensão do estado nacional e do nacionalismo na Europa do fim do século XVIII e associar seu aparecimento às idéias que deram origem à Revolução Americana de 1776 e à Revolução Francesa de 1789. GUIBERNAU, 1997, p. 62.

³ CANDIDO, 2006, p.119.

⁴ Segundo Affonso Ávila e Haroldo de Campos, o Barroco já teria apresentado uma busca de autonomia criativa da literatura brasileira, especialmente pela “tipicidade” da obra poética de Gregório de Matos. ÁVILA, 2002, p.31. CAMPOS, 1989.

⁵ Essa idéia encontra-se expressa, por exemplo, em *O Modernismo*, de Wilson Martins. Nesse estudo ele afirma que “1924 é o ano decisivo, se não na formulação de uma estética modernista definitiva (jamais houve tal coisa), pelo menos na escolha de um rumo nacionalista contra o cosmopolitismo, primitivo contra o artifício, sociológico contra o psicológico(...)”. MARTINS, 1969, p.92.

marco na mudança de rumos do movimento modernista, como afirma Eduardo Jardim de Moraes:

Esta mudança de rumos, generalizada em todas as orientações modernistas que já começaram a se esboçar distintamente, indica que a problemática da renovação estética, presente nos anos anteriores, cedia lugar, a partir de 24, a uma preocupação que, acirrando-se até 1930, se dirigia no sentido de, em primeiro lugar, elaborar uma literatura de caráter nacional, e num segundo momento, da ampliação e radicalização do primeiro, de elaborar um projeto de cultura nacional em sentido amplo¹.

Ou seja, se num primeiro momento – sempre representado pela *Semana da Arte Moderna* de 1922² - a luta dos chamados modernistas era para empreender uma “renovação estética”, a partir de 1924 a arte teria se voltado para a nação, em busca do que ele define como “caráter nacional”. As motivações dessa nova direção apontada por Moraes estariam situadas em fatores históricos, determinados pelos movimentos tenentistas de tendência nacionalista – em 1922 e 1924 -, pelo contato dos intelectuais brasileiros com o chamado movimento *primitivista* europeu³, além, é claro, do próprio nacionalismo tomado em sentido amplo.

A partir de então, o momento era de elogio da nação e de um sentimento “nacionalismo acentuado”⁴, como afirma Candido.

¹ MORAES, 1978, p. 73.

² Segundo João Alexandre Barbosa, a “Semana da Arte Moderna (...)modificou o espaço literário do País, introduzindo um modo peculiar de produção de obras e de reflexão sobre o passado”. BARBOSA, 1974, p.73.

³ Moraes adiciona a esses elementos, a influência do pensamento de Graça Aranha “na elaboração das teses modernistas”: “obra deste autor constitui um marco importante para a definição do projeto modernista”. MORAES, 1978, p.12.

⁴ CANDIDO, 2006, p.129.

4.1.2. Antecedentes de *Terra de Sol*



Terra de Sol era dirigida por dois intelectuais: o editor português Álvaro Pinto e o poeta paranaense Tasso da Silveira. Ambos tinham experiência na carreira jornalística, e também na edição de revistas, cada qual em seu país de origem. A união dos esforços e da experiência desses dois intelectuais possibilitou a criação, em 1924, do periódico carioca em questão. Acreditando que a breve descrição da biografia e das trajetórias seguidas por esses jornalistas – e seu posterior encontro - contribui para desvendar as origens desse mensário fluminense, passaremos a analisar os antecedentes dessa publicação.

Tasso da Silveira, “nascido em 1895, filho do poeta simbolista e diretor da *Cenáculo*, Silveira Neto”¹, trabalhou na imprensa do Paraná² desde muito jovem. Ele mudou-se para o Rio de Janeiro em meados da década de dez, juntamente com o crítico literário e seu amigo “fraternal”, Andrade Muricy. Na capital federal, ambos escreveram em vários jornais, publicaram livros e participaram “da montagem de várias revistas literárias, algumas das quais resultantes de seus esforços diretos. Neste caso estão três experiências: *América Latina*, de 1919; *Árvore Nova*³, de 1922; e *Terra de Sol*⁴, de 1924”⁵.

¹ GOMES, 1999, p.40.

² “Jornalista desde os 14 anos de idade(...)”. MURICY, 1987, p.1130.

³ Álvaro Pinto escreveu uma Nota, publicada na seção da revista *Seara Nova* intitulada “Bilhetes do Brasil”, em que informava sobre o surgimento de *Árvore Nova*: “Das revistas, está formando um belo nome a *Árvore Nova*”. PINTO, Dez. Jan. de 1923, p.115.

⁴ Na realidade, Muricy, em 1924, encontrava-se internado em clínica na Suíça, em função da tuberculose, não podendo, por essa razão, participar mais ativamente de *Terra de Sol*. GOMES, 1999.

⁵ GOMES, 1999, p. 42.

A revista *América Latina*, antecedente da que vamos analisar, teve seis números e foi publicada de agosto de 1919 a fevereiro de 1920; dirigida pelos amigos, Tasso e Muricy, essa publicação de *Arte e Pensamento*, contava, entre seus colaboradores, em Outubro e Novembro¹ de 1919, com Rocha Pombo, Ronald de Carvalho e Silveira Neto, os quais viriam a colaborar, posteriormente, na publicação de 24.

Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, que pesquisou sobre os intelectuais cariocas de *Festa* e sua relação com o Modernismo, no Brasil, o periódico de 1919 publicava artigos de análise e opinião, além de prosa, poesia e textos de crítica de arte, temáticas essas condizentes com o subtítulo da publicação: “Revista de Arte e Pensamento”.

Finalizado esse empreendimento, Tasso teria tentado criar outra publicação literária *Árvore Nova*, da qual teriam saído apenas 2² números, em 1922, em função da “situação precária em que se encontravam”³ esse poeta e Muricy; dois anos depois, surgiria então *Terra de Sol*.

O aparecimento desse novo empreendimento teria significado, para aquele jornalista, a realização de um sonho antigo; como afirma Gomes:

Em carta escrita a Andrade Muricy, datada de 21 de abril de 1924, Tasso da Silveira fala do sucesso e da alegria que lhe proporcionava a revista *Terra de Sol*. (...). Na carta, carinhosa, Tasso diz estar realizando o que fora o grande sonho de adolescência dos dois. Sonho, aliás, já tentado anteriormente, por duas vezes, mas que não alcançara a solidez conseguida desta feita⁴.

¹ Tive acesso aos números 3 e 4, correspondentes a Outubro e Novembro de 1919, respectivamente, na Biblioteca do IEB, Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Angela de Castro Gomes estudou outros exemplares e fez uma breve análise desse periódico em *Essa gente do Rio...Modernismo e Nacionalismo*.

² GOMES, 1999.

³ GOMES, 1999, p. 45.

⁴ GOMES, 1999, p.45.

Importa destacar nessa afirmação o “sucesso” e a “solidez” que se atribuía a essa revista, já em seus primeiros meses de edição. A *estabilidade* e o bom êxito desse empreendimento dever-se-ia, com toda a certeza, à larga experiência editorial de Álvaro Pinto.

Álvaro Pinto foi diretor, secretário¹ e administrador de algumas das mais longas e prestigiadas publicações periódicas de Portugal, na primeira metade do século XX. Sendo ele um dos principais elementos articuladores da chamada Sociedade *Renascença Portuguesa*, este jornalista trabalhou editando revistas e livros junto de importantes nomes da intelectualidade lusitana como, por exemplo, o poeta Teixeira de Pascoaes, o historiador Jaime Cortesão e o ensaísta António Sérgio, todos eles membros, como já o dissemos, da citada agregação cultural.

Buscando impulsionar o desenvolvimento cultural e educacional do país, os homens dessa Associação uniram-se em torno da 2ª série da revista *A Águia*, criaram projetos como o das Universidades Populares e organizaram a edição de um grande número de obras² ligadas aos temas de arte, literatura, filosofia, história e ciência.

Oito anos depois de criada esta série da revista portuense, e após inúmeras polêmicas, tentativas, decepções e dissidência de vários intelectuais, seja do periódico, seja da Associação que o criou, o jornalista e editor português resolveu tentar um novo projeto, no Brasil.

¹ Álvaro Pinto foi secretário e administrador da 2ª série de *A Águia* (1912-1921), foi diretor da revista *Ocidente* (entre 1937 e 1956 - ano de seu falecimento). Dirigiu, também, *Terra de Sol* (1924 a 1925), no Rio de Janeiro - ao lado do poeta brasileiro Tasso da Silveira - além de outras revistas de mais curta duração.

² Em *A Renascença Portuguesa: um perfil documental*, há uma listagem das obras editadas pela casa editora da *Renascença* e as obras editadas por essa sociedade em conjunto com a *Anuário do Brasil*, tipografia criada por Álvaro Pinto quando foi para o Rio de Janeiro em 1920.

Álvaro Pinto¹ veio para o continente americano em 1920, adquiriu, em sociedade com o ensaísta português António Sérgio, uma tipografia, trazendo sua casa publicadora e também a 2ª série da revista *A Águia*. Ambos saíram de sua pátria e dirigiram-se para o Rio de Janeiro em função das graves crises² sofridas por Portugal. Como afirma Rogério Fernandes, em introdução às cartas trocadas entre estes dois intelectuais lusitanos:

sendo cada vez mais desanimador o panorama da vida nacional, em 1920, Sérgio e Álvaro Pinto adquirem no Brasil uma tipografia pertencente ao sogro do primeiro, e decidem continuar naquele lado do Atlântico, a experiência editorial e cultural da *Renascença Portuguesa*. (com o *Anuário do Brasil* e a revista *Terra de Sol*)³.

Naquele momento, a saída encontrada pelo editor-jornalista foi partir para o Brasil⁴. A situação da nação brasileira, porém, não era muito diferente da de Portugal, em termos de instabilidade política e de problemas econômicos e sociais. O país também estava em crise e, no momento da criação de *Terra de Sol*, especificamente, o então presidente Artur Bernardes⁵ governava em estado de sítio. Mas se a situação política e social era de grande instabilidade, o mesmo não se dava, no entanto, no campo editorial. O segmento da imprensa teria sido um dos mais beneficiados pelos avanços tecnológicos alcançados após a virada do século XIX para o XX: “Guardadas as devidas distâncias e temporalidades,

¹ “Cheguei ao Rio de Janeiro, no pacote inglês ‘Orcoma’, a 21 de Março de 1920, domingo chuvoso e inconstante. Algumas semanas depois, chegaram no ‘Curvelo’ sete operários portugueses e a tipografia que havia instalado no Porto em 1914 com cinco amigos, que me cederam as suas cotas para a poder transferir pra o Brasil”. PINTO, out. 1943, p.363.

² Em função da situação do país descrita por ele na breve retomada de suas aventuras editoriais no Brasil, descritas nas páginas da revista *Ocidente*, a emigração foi a única saída: “Como Portugal estava nessa época em regime de desordem permanente, nada aqui se podia realizar com sossego e ânimo confiado”. PINTO, out. 1943, p.363. “Os anos de 1920 e de 1921, em Portugal como noutros países da Europa, caracterizaram-se por situações instáveis e conturbadas. Corrupção, atentados políticos, bombismo social, crise de autoridade, inflação tornaram-se moeda corrente. (...) Em 1920 sucederam-se, quase vertiginosamente, sete ministérios”. MARQUES, 1977, p.282.

³ FERNANDES, 1972, p.9

⁴ “A crise econômica que se abateu sobre Portugal, a ausência de horizontes do homem português, (...) levava à emigração(...)”. PAIVA, 1989, p.16.

⁵ CARONE, 1975.

aquela passagem de século em muito se assemelhou ao que hoje vivemos (...), com as conquistas da informática”¹.

Segundo Sergio Miceli², desde os fins do Império até, pelo menos, as primeiras décadas do século XX, o ramo editorial no Brasil era dominado por estrangeiros, imigrantes que se envolviam no mercado de livros. Álvaro veio para o Rio de Janeiro, consciente das possibilidades econômicas decorrentes de seu investimento, do crescimento do mercado consumidor brasileiro e do interesse do público pelas novidades tecnológicas, seja na publicação de livros, seja na edição de revistas. Nesse contexto favorável, ele fundou a *Anuário do Brasil*³, importante casa publicadora que editou inúmeros livros brasileiros e portugueses no país, e dirigiu os números finais da segunda série do mensário português.

Chegando à capital federal do Brasil, Álvaro encontrou um clima de nacionalismo exacerbado que o fez aproximar-se, ao contrário do que seria esperado, de escritores brasileiros e não dos seus conterrâneos portugueses:

Encontrei na Capital Federal um intenso movimento nativista, mas não me aproximei do vespeiro português, nem da Imprensa portuguesa, fontes da maior parte dos equívocos produzidos entre portugueses e brasileiros. Pelo contrário, aproximei-me dos escritores brasileiros⁴.

Após enfrentar dificuldades⁵ diversas relacionadas à organização e funcionamento de sua Casa Publicadora, *Anuário do Brasil*, esse intelectual deu continuidade à edição,

¹ MARTINS, 2001, p.185.

² MICELI, 1979.

³ Não temos uma informação precisa sobre as obras publicadas por essa editora. Há apenas algumas listas das obras que são inseridas nas páginas da revista *Terra de Sol*. Além disso, em *A Renascença Portuguesa: um perfil documental*, há uma listagem das obras editadas pela casa publicadora da *Renascença* quando esteve em sociedade com a *Anuário do Brasil*.

⁴ PINTO, out. 1943, p.364.

⁵ Sobre essas dificuldades enfrentadas no Brasil, ver as correspondência enviadas do Rio de Janeiro, pelo jornalista, ao famoso historiador português Jaime Cortesão, membro e idealizador da *Renascença Portuguesa* e um dos principais colaboradores da revista *A Águia*. Espólio depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa.

não¹ sem algum atraso, da 2ª série de *A Águia*. A partir daquele momento, então, ele passou a tentar empreender, nesta revista, um novo projeto cultural: o chamado intercâmbio luso-brasileiro.

No primeiro número deste periódico, editado no Rio de Janeiro, surgiu uma seção intitulada “Carta do Brasil²”, em que foram apresentados diversos assuntos como, por exemplo: o “encaminhamento do emigrante”, o “Centenário de Independência do Brasil” e o “nacionalismo anti-português”, dentre outros. Em grande parte deste longo artigo, Álvaro dedicou-se a avaliar e apresentar propostas para a situação dos imigrantes portugueses - que eram parte da categoria da “diáspora da sobrevivência”- , aproveitando para sugerir, também, a idéia de um *verdadeiro* intercâmbio entre aquelas nações de língua portuguesa:

Olhemos, portanto, para o emigrante que se destina ao Brasil e acabemos com a nociva leviandade de se estar falando desde janeiro a dezembro em pomposas, fantásticas aproximações, sem se estudar, pelas vias competentes, qual a forma mais própria de se fazer não uma aproximação, (...), mas um verdadeiro intercâmbio³.

O autor do artigo discutia ainda a situação do chamado *nativismo* e pedia cautela aos portugueses no tratamento dado pela imprensa de Portugal quanto à discussão das questões relacionadas à emigração.

Apesar desses esforços, percebe-se que o intercâmbio, proposto nos exemplares finais de *A Águia*, não funcionou da forma como o diretor da revista esperava. Prova do

¹ “Motivos opostos ao nosso desejo impediram que, até hoje, se publicasse o fascículo de A ÁGUIA, correspondente aos meses de Março e Abril. Confiados em que os nossos prezadíssimos leitores nos absolverão da falta, prometemos, para o futuro, toda a pontualidade na aparição da revista que, para mais, oferecerá melhoramentos nas suas condições”. A ÁGUIA, março e abril de 1920. “Este ano, com instalações, dificuldades de princípio e adaptação, há-de haver algumas faltas e atrasos. Mas depois tudo se normalizará. O atraso da *Águia* apavora-me. O silêncio de certas pessoas é implicativo”. Carta de Álvaro Pinto a Jaime Cortesão. Julho de 1920.

² Essa seção surge, em *A Águia*, apenas quando Álvaro Pinto transfere para o Rio de Janeiro a sua Casa Publicadora. Salientamos este fato, para que fique claro que a intenção de intercâmbio luso-brasileiro que aparecera na revista surge somente a partir desse instante, ou seja, antes, na revista, não havia nenhuma tentativa ou iniciativa efetiva e real de estabelecer inter-relações entre Portugal e Brasil.

³ A.A., *A Águia*, abr. 1920, p.189. (A. A. é a abreviatura usada nos artigos da Redação, ou seja, Álvaro Pinto e António Sérgio, quando da publicação da 2ª série no Brasil. Podemos afirmar, no entanto, que este artigo foi escrito por Álvaro Pinto, uma vez que o jornalista publicou novamente este texto em *São Paulo: cidade vertiginosa*(conferência seguida de um apêndice sobre intercâmbio luso-brasileiro).

fracasso desse projeto nesta publicação foi o progressivo e perceptível escasseamento das colaborações portuguesas no periódico, e, também, o comentário feito pelo próprio jornalista em carta¹ enviada ao historiador Jaime Cortesão, na qual ele afirmava que, sem o envio de artigos e textos literários por parte dos intelectuais lusitanos, a revista estaria assumindo, cada vez mais, as feições brasileiras.

Esse e outros motivos parecem ter contribuído para o fim da 2ª série do periódico originário do Porto. Em outra missiva² enviada a Cortesão, em 1921, Álvaro afirmava divergir da idéia da saída do historiador da Sociedade *Renascença Portuguesa* e do fim da revista, e pedia a seu amigo que modificasse, da maneira que achasse mais conveniente, a estrutura e a orientação daquela publicação mensal e também da associação de intelectuais criada em 1911, mas que mantivesse vivos esses organismos culturais. Mas as divergências de idéias entre os intelectuais que fundaram a “Renascença” e a orientação tomada pela 2ª série foram maiores e mais fortes que o desejo de Álvaro de manter vivos a revista e a associação. O grupo de intelectuais, em Portugal, reunido na Biblioteca Nacional, tinha outros planos: criar uma revista de “Doutrina e Crítica”, com forte orientação política – sem vínculo com nenhum partido político - e ênfase na ação, acima do pensamento: a *Seara Nova*.

Apesar de ter discordado da criação desse periódico lisboeta e de ter criticado o grupo da Biblioteca por abandonar a 2ª série e a “Renascença”, Álvaro³ acabou por

¹ Em carta enviada a Teixeira de Pascoaes, Álvaro afirma: “Se V.Ex. quiser contribuir para esse relacionamento, muito nos obsequiaria enviando para a revista, regularmente, a sua colaboração”. PINTO, fev., 1921.

¹ “Temos obtido a colaboração e solidariedade de todos os bons escritores brasileiros. O que é preciso é que vocês daí mandem colaboração e mostrem que existem. Doutra forma, a revista quase parece brasileira”. PINTO, jan., 1921.

² PINTO, 27 de nov., 1921.

³ Ao que parece, nesse meio tempo entre sua colaboração na *Seara Nova* e a criação de *Terra de Sol*, Álvaro teria se dedicado a publicar a revista da Academia Brasileira de Letras. Sobre isso temos apenas uma nota na

colaborar na *Seara* publicando, entre agosto de 1922 e março de 1923, vários artigos de uma seção intitulada “Bilhetes do Brasil”. Nesses artigos, o jornalista discutia, ainda, as questões do imigrante português no país; as relações Portugal-Brasil e a necessidade de aproximar as duas nações¹; importância de permutar livros entre esses países²; a convenção literária; a visita do presidente lusitano António José de Almeida ao Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário da Independência; a travessia aérea do Atlântico Sul efetuada pelos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho; a revolta do Forte de Copacabana e a violência no Rio de Janeiro, tudo isso em forte tom de crônica jornalística.

Passados alguns anos³, o jornalista empreendeu, enfim, a sua nova aventura editorial, ao lado de Tasso da Silveira, criando *Terra de Sol*⁴. Neste periódico, que foi bastante elogiado, no Brasil, em função da grande qualidade de sua estrutura gráfica⁵, o

própria revista criada pelo jornalista, ao lado de Tasso, em que se afirma: “Somos suspeitos em falar no assunto, porque, depois da Livraria Alves, foi o “Anuário do Brasil”, honrado com a confiança dos muitos ilustres Acadêmicos srs. Mário de Alencar e Afrânio Peixoto, que imprimiu dois anos da Revista, com o possível escrúpulo e a maior sobriedade”. NOTAS E COMENTÁRIOS, Julho de 1924, p.143.

¹ “Entre Portugal e Brasil o principal objetivo a considerar hoje fundamentalmente – é um mútuo conhecimento que passe por sobre os fúteis passeios de três meses, desnorteados sempre com muitos banquetes e muitos vernizes de grande gala, e estabeleça em bases seguras a forma de Portugal mostrar ao Brasil o que *realmente* tem e de o Brasil mostrar a Portugal como está subindo, o que pode dar e precisa receber”. PINTO, 1 de Agosto de 1922, p. 52.

² “Um dos pontos essenciais para a troca de conhecimentos é a permuta dos livros que se publiquem nos dois países. Justo seria então que o Tratado a discutir e aprovar estabelecesse que todas as tipografias dos dois países enviassem, com porte gratuito, todos os folhetos e livros nelas impressos às três principais bibliotecas de cada um. De todas as edições do ‘Anuário do Brasil’ e mais obras nele impressos estou enviando exemplares às Bibliotecas do Porto, Coimbra e Lisboa e assim continuarei, com Tratado ou sem ele, e, embora aquelas duas primeiras Bibliotecas se limitem a acusar a recepção do que lhes envio, como se se tratasse de obrigação imposta”. PINTO, 1 de Setembro de 1922, p.74.

³ Dificilmente serão descobertas quais as atividades desenvolvidas por Álvaro Pinto, no Brasil, entre o fim da 2ª série de *A Águia*, suas colaborações na *Seara Nova* e a publicação da revista *Terra de Sol*, que surge em janeiro de 1924. Além de não haver um espólio de Álvaro Pinto, não há como encontrar dados sobre esse importante intelectual que praticamente não é citado em nenhuma outra obra que diga respeito às publicações periódicas, sejam portuguesas, sejam brasileiras, nem mesmo à atividade editorial no Brasil e Portugal.

⁴ Sobre *Terra de Sol* ver dissertação de Mestrado defendida na UFMG em 15 de dezembro de 2003. SOUZA, 2003.

⁵ Vários comentários sobre o surgimento dessa revista –publicados em outras revistas e jornais da época - foram reproduzidos nas páginas do 2º número de *Terra de Sol* e, de maneira geral, faziam referência à estrutura formal desse periódico que havia sido recém lançado na Capital Federal. Como afirma Gomes: “a revista alcança um grau de reconhecimento, por suas qualidades gráficas e editoriais, muito razoável para esse

editor português propôs, novamente, um diálogo entre as culturas portuguesa e brasileira, a partir do estabelecimento de um intercâmbio, agora literário, entre Brasil e Portugal.

tipo de iniciativa, sobretudo se considerarmos que, para Tasso, o Brasil vivia um momento político e intelectual muito difícil". GOMES, 1999, pp.52-53.

4.2 Propostas

4.2.1. O Editorial de *Terra de Sol*

O editorial de *Terra de Sol*, não assinado, foi publicado no número 1, de janeiro de 1924. Recheado de metáforas e expressões lisonjeiras sobre a nação, esse artigo buscava ressaltar, em suas primeiras linhas, a importância do surgimento de uma publicação periódica, tanto na “esperança” de seus criadores, como nos “desejos de quem” a recebia. A revista é, então, comparada a um “astro” que tem diante de si duas possibilidades: ser um objeto celeste revestido de luz abundante e “esplendores vivazes”; ou apenas um “fogo fátuo”, morrente, sem brilho nem originalidade. A publicação carioca, no entanto, não se encaixaria em nenhuma daquelas caracterizações; ela buscaria ser:

nem aquele astro esplendoroso, nem este satélite efêmero.

Mas, TERRA DE SOL, por força do nome que lhe dita a existência, trará em seu sangue toda a seiva borbotante da fecunda terra brasileira e aquecerá suas energias, seus anseios, suas aspirações na fonte direta de luz e vida que é o Sol do Brasil¹.

Dessa forma, o elemento diferencial desse periódico seria o fato de apresentar-se como um ponto de equilíbrio, entre o esplendor excessivo de uns e a efemeridade de outros.

Em toda a extensão do texto, chamam a atenção do leitor a visão otimista e elogiosa da nação e as numerosas referências à abundância da natureza e à luminosidade solar do Brasil, que é representado nesse texto por meio de símbolos que significam fecundidade, energia e calor: “astro”, “seiva borbotante”, “Sol” e “luz”.

E assim fecunda e luminosa, TERRA DE SOL, que não vem ao mundo para trair seu nome ou deturpar seus fins, pugnará, com alma clara e norte seguro, pela fecundidade cada vez mais ampla da energia brasileira, pela dignidade de seu espírito, pela elevação de seu pensamento.

¹ TERRA DE SOL, Janeiro de 1924, p. 7-8.

O objetivo da revista¹ era lutar pela *fecundidade* da “energia”, do “espírito” e do “pensamento” brasileiros, ou seja, divulgar amplamente a cultura do país, sem deixar de lado, porém, o diálogo com os “camaradas” de outras nacionalidades.

E assim, decidida e confiante, TERRA DE SOL será um novo horizonte para nós outros que a estamos sentindo a melhor realização de nossa vida, e, quem sabe, o novo horizonte de toda geração que vive a época excepcional que estamos vivendo.

O enaltecimento da cultura, do pensamento e do momento vivido pelo país faria parte de um contexto mais amplo. Em linhas gerais, esse elogio da nação e de seus *símbolos* corresponderia ao exacerbamento das ideologias nacionalistas nas primeiras décadas do século XX, como afirmamos anteriormente.

Tendo em vista a acentuação, no Brasil² daquele período, - e também em toda Europa - das idéias de nacionalismo³, valorizava-se no país o conceito de Pátria e a identidade nacional. O editorial de *Terra de Sol* é um reflexo desse desejo de valorizar, também, “o que era tido por genuíno, do próprio país”⁴. Por isso esse ensaio inicial da revista enaltece tanto a natureza⁵ e luminosidade da pátria.

A natureza exuberante, que parece descrita através de um certo olhar *estrangeiro* de deslumbramento de um recém chegado à nação, buscando a essência de uma pátria, dá o tom a esse periódico que passou a ser publicado naquele momento. A revista apresenta-se, então, como uma

¹ No periodismo “buscou-se recorrentemente o entendimento do país, a definição do seu caráter, a expressão de sua nacionalidade”. MARTINS, 2001, p.526.

² “O nacionalismo não foi um fenômeno típico apenas do Brasil(...) do início do século XX. O seu vigor foi igualmente acentuado na própria Europa(...)”. RIBEIRO, 2001, p.147.

³ “a questão do nacionalismo já era antiga na vida da República. Contudo, na década de 1920 aparece revitalizada, como abre- alas daquele momento”. RIBEIRO, 2001, p.147.

⁴ RIBEIRO, 2001, p.148.

⁵ É importante salientar que várias das ilustrações, usadas para compor a estrutura gráfica da revista, são reflexos dessa idéia de valorização da natureza. Ver anexo de elementos constituintes dessa estrutura. Nesse anexo é possível notar a presença de figuras como: tucanos, vasos de flores e arbustos que compunham os “Fins de Página” de *Terra de Sol*. Não podemos, porém, avaliar com maior precisão e profundidade as ilustrações do mensário, já que isso fugiria aos objetivos de nosso trabalho.

criação otimista, mas equilibrada, que pretendia contribuir para a divulgação do pensamento¹ do país. O próprio título, “cartão de apresentação” do periódico, é representativo dessa imagem do Brasil que a revista pretendia veicular.

Ao lado dessa forte *nota* nacionalista² presente no texto que abre essa publicação, há que destacar a “saudação” aos “colegas de todo o mundo”, insinuada neste artigo.

TERRA DE SOL saúda todos os seus nobres camaradas de ideal. E nessa saudação abrange os colegas de todo o mundo com quem terá, sem dúvida, a mais estreita solidariedade na obra a cumprir que, sendo bem brasileira, é ao mesmo tempo bem universal

Nesse sentido, o elogio do país e a reprodução de um nacionalismo acentuado nesse período não impediu a proposta de relação com outras nações, já que se considerava no próprio editorial, que o elogio e enaltecimento de uma *brasilidade*³ seria uma forma de inserir-se no *universal*⁴. Ou seja, para fazer parte do movimento civilizacional, era preciso *escrever* essa nação – sua história, seu folclore, sua literatura, sua música, sua arte, etc. -, em diálogo com os outros países, visando a universalização do pensamento brasileiro.

Essa característica de uma imagem de *brasilidade*, que aparece de forma tão evidente no editorial, não impediu que Antonio Candido⁵ definisse *Terra de Sol* como uma revista luso-brasileira. Já Arnaldo Saraiva, apesar de colocá-la na subdivisão dos capítulos de seu livro, no espaço dedicado às “Revistas Luso-Brasileiras”, afirma que essa publicação: “sem ser explicitamente luso-brasileira(...), iria preocupar-se com a cultura

¹ Na seção “Notas e Comentários”, do número 1, da revista, afirma-se ainda que o objetivo de *Terra de Sol* seria representar em suas páginas “todas as manifestações da alma brasileira”. Notas e Comentários, janeiro de 1924, p.

² “A busca do nacional – um dos objetivos mais perseguidos para a definição da identidade(...). A temática era da ordem do dia”. MARTINS, 2001, p.526.

³ MORAES, 1978.

⁴ Segundo Candido: “O modernismo(...) inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele”. CANDIDO, 2006, p.126.

⁵ “revista luso-brasileira *Terra de Sol*”. CANDIDO, 1983, p.13.

portuguesa como nenhuma outra nessa década no Brasil”¹. A historiadora Ângela de Castro Gomes considerou que essa publicação “também obteve sucesso por procurar fazer aberta interlocução com Portugal (...) havendo inclusive seu preço em escudos”². Por essa observação, percebe-se que o intercâmbio com a nação lusitana era, segundo Gomes, apenas um elemento secundário dentro do mensário carioca, sem demonstrar que a revista tivesse buscado, através desse contato, uma ampliação de relações entre Brasil e Portugal.

Creemos, porém, que *Terra de Sol* era, na realidade, uma revista múltipla, pois: tinha um projeto brasileiro, definido no artigo de abertura e em vários outros artigos publicados ao longo de seus 16 números; propôs a criação de uma “Vertente Americanista” que pretendia aproximar o Brasil da América Hispânica; possuía uma estrutura editorial e gráfica herdadas³ da 2ª série de *A Águia* e foi dirigida por um lusitano que criou a “Vertente Portuguesa”, e buscou através desta a aproximação entre Portugal e Brasil.

¹ SARAIVA, 2004, p.134.

² GOMES, 1999, p.52.

³ OLIVEIRA, 1999.

4.3. Aspectos gerais

4.3.1 Características Gráficas



Publicada pela “Anuário do Brasil”, no Rio de Janeiro, a revista *Terra de Sol* tinha tiragem mensal. Esse periódico saiu em dezesseis exemplares, produzindo, ao final, cinco volumes, cada qual correspondendo a três números, exceto o volume final, quinto, que era composto por dois exemplares duplos, 13-14 e 15-16.

A periodicidade mensal da revista foi respeitada até o número oito, ou seja, o exemplar 1, correspondia a janeiro, o dois, a fevereiro e assim sucessivamente. Do nono, em diante, houve uma alteração na correspondência mês/ número da revista. O fascículo nove era referente aos meses de setembro e outubro de 1924; o dez, a novembro; o 11-12, a dezembro, o 13-14, a janeiro e fevereiro de 1925, e o exemplar final, 15-16, a junho desse mesmo ano.

O desenho da capa era o mesmo, do primeiro ao último número da revista e foi produzido pelo português Correia Dias¹, que colaborara na 2ª série de *A Águia*, e também em *Árvore Nova*. A ilustração, aqui reproduzida, é composta por uma árvore, em primeiro plano, que emoldura o lado esquerdo e o alto do quadro em que se insere, trazendo uma

¹ “a revista contaria com a figura de Correia Dias, considerado à época um soberbo decorador, e ligado a Tasso desde a breve tentativa de *Árvore Nova*”. GOMES, 1999, p.50. Ou seja, esse ilustrador português esteve ligado tanto à 2ª série de *A Águia* quanto a *Árvore Nova*, duas das antecedentes de *Terra de Sol*. “Capa e vinhetas de Correia Dias – A elegância, a finura e a força expressiva do traço de Correia Dias, cujas paisagens e figuras são estilizações de estados de alma, deram ao jovem artista português um nome dos mais acatados nas duas pátrias irmãs e admirado em centros estrangeiros de cultura”. NOTAS E COMENTÁRIOS, Janeiro de 1924, p.109.

montanha e um grande sol amarelo em posição central. É interessante notar que a própria capa do periódico é uma reprodução de um *olhar estrangeiro* sobre o Brasil. O sol, a árvore e a montanha ao fundo são representativos dessa visão de Dias sobre o país; esse é o retrato da pátria com que ele busca representar a intenção da revista que vem expressa no próprio editorial de *Terra de Sol*. Essa imagem do país não se limita apenas a esse desenho da capa. As ilustrações inseridas ao longo do periódico, na forma de vinhetas dos fins de página e alguns cabeçalho de textos, literários ou não, reproduzem figuras de animais da fauna brasileira, cerâmicas marajoaras e elementos da natureza, como flores e frutos. Além dos desenhos do citado ilustrador, fotografias de escritores compõem seções como: “As Mulheres Poetas do Brasil” e “Páginas Portuguesas”; em “Artes Plásticas”, reproduziam-se fotos de obras de arte comentadas e em exposição.

Nessa revista possuía várias semelhanças com a da 2ª série de *A Águia*, como observou Paulo Motta Oliveira no artigo “*Terra de Sol*: entre Portugal e a América”. Nesse texto, Oliveira destaca a seção Bibliografia; as vinhetas de fim de página – de autoria de Correia Dias; a montagem dos índices, dividido entre as ilustrações e os artigos e textos literários publicados na revista, todos elementos que foram herdados da revista portuense: “Essa estrutura gráfica, herdada por *Terra de Sol* não era habitual no período”¹.

Na realidade, o cuidado com a estruturação gráfica² e a apresentação da revista foram os aspectos mais notados pelos outros periódicos em relação à revista *Terra de Sol*, como se pode observar pelos comentários da imprensa da época, reproduzidos no segundo número do mensário carioca.

¹ OLIVEIRA, 1999, p.238.

² “a revista alcança um grau de reconhecimento, por suas qualidades gráficas e editoriais, muito razoável para esse tipo de iniciativa, sobretudo se considerarmos que, para Tasso, o Brasil vivia um momento político e intelectual muito difícil. Na correspondência, há comentários preocupados sobre o levante tenentista de São Paulo(...)”. GOMES, 1999, p.53. Gomes refere-se à correspondência trocada entre Tasso e Andrade Muricy (que estava em tratamento de saúde no exterior, quando da publicação de *Terra de Sol*).

4.3.2 A estrutura

A descrição dos principais tipos de matérias publicadas no periódico e o levantamento dos principais colaboradores permitem a percepção das propostas veiculadas pela revista.

Terra de Sol era uma “Revista de Arte e Pensamento”, assim como fora *América Latina* e como seria, alguns anos mais tarde, a revista *Festa*¹. Nesse sentido, a variedade nos artigos publicados ao longo dos 16 números é condizente com esse subtítulo. Além das seções permanentes, que serão enumeradas neste estudo, havia um grande número de artigos de análise e opinião sobre história, economia e sociologia, filosofia, literatura – prosa, poesia e crítica literária² - e música. Afora essas temáticas gerais, esse mensário trazia características herdadas de dois de seus antecedentes. De *América Latina*, vinha a temática do Americanismo – que consistia na tentativa de estabelecer laços entre países da Hispano-América e Brasil; da 2ª série de *A Águia*, quando de sua publicação no Brasil, vinha a busca de estabelecimento de relações entre Brasil e Portugal, tema que será abordado mais detalhadamente em outra parte deste capítulo.

Os principais articulistas da publicação eram, em sentido decrescente de número de artigos publicados: Rocha Pombo – que escreveu vários artigos sobre a História do Brasil; Victor Viana – que escrevia sobre a economia e a sociedade brasileira; Álvaro Pinto –

¹ A revista *Festa* começou a ser publicado, no Rio de Janeiro, em 1927. Essa publicação foi criada, também, por Tasso da Silveira, ao lado de outros intelectuais que já haviam publicado em *Terra de Sol*, como, por exemplo, Andrade Muricy e Cecília Meireles.

² Ver análise geral da Literatura em *Terra de Sol*.

principal responsável pelos textos da “Vertente Portuguesa”¹; Silveira Neto – responsável pelas críticas de Arte; Tristão de Ataíde – pelos artigos de crítica literária; Nestor Victor – que publicou textos sobre filosofia e sobre personalidades brasileiras como Santos Dumont e o próprio Rocha Pombo; e Andrade Muricy, que escreveu predominantemente sobre poesia e música em *Terra de Sol*.

O mensário era composto por várias Seções que começaram a se configurar já em seu primeiro número. O segundo exemplar desse periódico trazia enumeradas no texto “*Terra de Sol – Revista de Arte e Pensamento*”² suas seções permanentes que seriam: Artes Plásticas; Folk-lore; Bibliografia; De Outros Povos; Instituições Culturais; Notas Estatísticas; Pelos Estados; Música; Teatro³; Efemérides; Notas e Comentários; Capas e vinhetas de assuntos nacionais sobre desenhos de Correia Dias. Destas, apenas quatro chegaram a se configurar realmente como Seções Permanentes de *Terra de Sol*: Bibliografia, Efemérides, Notas Estatísticas e Notas e Comentários. As restantes, apareceram apenas em alguns números do periódico carioca, desaparecendo rapidamente da revista.

Pelo fato de nem todas chegarem a constituir-se realmente como seções permanentes, elas deixaram um espaço que, posteriormente, foi ocupado por outras, formadas nessa revista ao longo do tempo.

Enumeramos, abaixo, todas as seções de *Terra de Sol*:

1. Artes Plásticas
2. As Edições do Anuário do Brasil
3. As Mulheres Poetas do Brasil

¹ “Vertente Portuguesa” é o título que utilizamos para definir essa tentativa de intercâmbio entre Portugal e Brasil. Ver análise dessa vertente.

² TERRA DE SOL E A IMPRENSA, fev. 1924, p.253.

³ Não colocamos “Teatro” na lista de seções da revista pois, apesar de citada no segundo exemplar, essa seção não chega a ser publicada em nenhum exemplar da revista.

4. Bibliografia
5. Carta de Portugal
6. De outros Povos
7. Efemérides
8. Folclore
9. Música
10. Notas Estatísticas
11. Notas e Comentários
12. Páginas Portuguesas
13. Pelos Estados
14. Portugal- Brasil
15. Revistas e Jornais

As seções mais regulares da publicação eram: “Notas Estatísticas” – que apresentava dados sobre a economia, exportações, importações, dados demográficos, etc; “Notas e Comentários - seção que abordava assuntos variadíssimos como, por exemplo, o escândalo causado pelos cabelos curtos de algumas jovens, até informações sobre a morte de escritores e intelectuais; “Bibliografia” – composta por resenhas críticas de livros recebidos pelo mensário; e “Revistas e Jornais” – que dava notícias sobre alguns periódicos brasileiros, portugueses e hispano-americanos, em geral. Todas elas eram seções que foram publicadas do primeiro ao décimo sexto exemplar do periódico aqui analisado. Já “Efemérides” – que como o próprio título indica consistia numa sucessão de fatos organizado em formato de diário -, seguiu do primeiro ao décimo quarto número da revista, estando ausente apenas do número duplo final 15-16.

Outras seções compunham o mensário, mas sem a mesma regularidade das citadas anteriormente. “As Edições do Anuário do Brasil” – que enumerava as obras publicadas pela casa editorial de Álvaro Pinto - aparece do primeiro ao terceiro número; retorna no número oito, seguindo até o número duplo 11-12. Com apenas seis ensaios, surgiu, somente no número 5, a seção “As Mulheres Poetas do Brasil” – que consistia na publicação de uma análise literária e uma pequena antologia de poemas de escritoras como:

Gilka Machado, Cecília Meireles, Narciza Amália, Francisca Julia e Laura da Fonseca e Silva. Esses textos foram publicados com regularidade até o nono exemplar do periódico, tendo retornado somente no número duplo final 15-16.

“Pelos Estados” e “De Outros Povos” foram tentativas de concretizar o projeto de contato mais amplo com outros espaços geográficos – como a idéia expressa no editorial do mensário. Mas essa tentativa não se concretizou nessas seções que foram publicadas somente nos primeiros números de *Terra de Sol*. A primeira, nos exemplares de 1 a 4 e a segunda, nos três primeiros números da revista.

As seções “Folclore” – iniciada como “Estudos Folclóricos; “Artes Plásticas” – publicada em sete exemplares; e “Música” – publicada apenas em 3 exemplares, funcionavam como divulgadoras da arte brasileira.

Já “Carta de Portugal”, “Portugal- Brasil” e “Páginas Portuguesas”, que interessam particularmente por fazerem parte do projeto de Álvaro Pinto, de criar na revista um espaço para intercâmbio entre Brasil e Portugal, constituíam-se como seções importantes em *Terra de Sol*. Sobre elas, nos deteremos mais pormenorizadamente, quando formos analisar a já citada “Vertente Portuguesa”.

Além dessa participação de alguns intelectuais portugueses, que colaboraram em *Terra de Sol*, é importante salientar que a revista tinha a característica de reproduzir, em suas páginas, alguns textos em língua estrangeira. Vários exemplares publicaram artigos em espanhol, de autores hispano-americanos, em sua maioria. Foram publicados, também, dois textos em alemão, de Heinrich Pettermann, no oitavo e décimo exemplares da revista, e o texto “Natura, Idea e Tecnica Dell’Arte, de Ricciardo Bampi, em italiano. Esses artigos, em língua estrangeira, assim como a Seção “De Outros Povos”, além das próprias vertentes

portuguesa e americanista presentes no periódico estudado resultariam do projeto de contato com os camaradas de outras nacionalidades.

4.3.3 O Brasil em *Terra de Sol*

Como se afirmava no editorial, o objetivo de *Terra de Sol* era enaltecer o pensamento brasileiro¹ e elevar os espíritos da nação. De maneira geral, os artigos publicados pelos principais colaboradores da revista – dentre os quais destacamos Rocha Pombo, Ronald de Carvalho, Andrade Muricy, Silveira Neto – discutiam acerca do Brasil, seu passado, seu presente e, buscavam *escrever*² o país, definir seu caráter e a sua “brasilidade”, propondo soluções para os principais problemas nacionais: econômicos, sociais e, principalmente, culturais.

Nesse sentido, observa-se que o primeiro texto de Rocha Pombo é quase uma continuidade do texto de fundo que abria a revista em janeiro de 1924. O mesmo otimismo que percebemos no editorial, apresentava-se em “Terra Gloriosa”. Nele, o historiador descrevia o encantamento do italiano Américo Vespúcio e de outros navegadores, quando avistaram o Brasil, tendo acreditado estar nas “vizinhanças do paraíso terreal”³, como teria descrito o historiador francês Ferdinand Denis. Segundo Pombo, “tudo, ao primeiro relance, confirma a idéia poética, o entusiasmo religioso”⁴ desses homens, ou seja, as belas paisagens, os rios caudalosos e as florestas “verdejantes” seriam responsáveis por essa

¹ Segundo Ângela de Castro Gomes: “*Terra de Sol* tem uma declarada militância nacionalista expressa, por exemplo, no interesse pela história e pelo pensamento social brasileiro”. GOMES, 1999, p.51.

² Em “Notas e Comentários”, há um artigo intitulado: “A Descoberta do Brasil”. Nele afirma-se: Falemos do Brasil de hoje, do Brasil do século XX, que precisa de ser estudado e revelado a cada instante”. Ou seja, o Brasil tinha uma história a *ser* escrita. NOTAS E COMENTÁRIOS, Janeiro de 1924, p.104.

³ POMBO, janeiro de 1924, p.9.

⁴ POMBO, janeiro de 1924, p.9.

impressão causada nos viajantes estrangeiros. A exuberância da natureza do país, por mais “imaginosa” que tenha aparecido nas descrições iniciais da nação, teria deixado em todos um “sentimento de admiração” que perduraria até os dias *atuais*. Os parágrafos finais retomavam a nota otimista e demonstravam o desejo de convocar os leitores para uma mudança futura: “é preciso que tenhas fé no teu destino! É preciso que creias, terra gloriosa!”¹.

Assim como em “Terra Gloriosa”, vários outros artigos da revista fizeram esse mesmo percurso de retorno àquilo que se tende a considerar como *a origem* do Brasil. Em muitos deles, partia-se do século XVI para explicar a formação do povo brasileiro - decorrente da “mistura” entre índios, africanos e portugueses², cada qual portando suas características específicas. Tanto Ronald de Carvalho – quando escreveu e publicou ensaios como o “Bases da Nacionalidade Brasileira”; a “Literatura Brasileira”; “Arte Brasileira”; e a “A Psique Brasileira”³ –, quanto Rocha Pombo – “Os atores do nosso drama”, “O Grande Problema”, “O caramuru”, “O Jesuíta”, etc. – pareciam tentar, através desses textos, definir o que seria um caráter de *brasilidade*.

Já nos artigos sobre a cultura e a arte o diagnóstico era, de maneira geral, de atraso e de falta de um *caráter original* da produção nacional. Silveira Neto criticava a situação das artes plásticas no país: “trata-se da arte brasileira, sem caráter próprio sem os altos recursos do grande aplauso e do consumo caro, que permitem as audácias de invenção, o sangue

¹ POMBO, janeiro de 1924, p.9.

² Em “A Psique Brasileira”, Ronald de Carvalho afirma: “A alma brasileira nasceu de três grandes melancolias”. CARVALHO, Maio de 1924, p.180. E ainda: “Da fusão desses três elementos primordiais, surgiu o tipo brasileiro histórico, tipo de tamanha resistência, que pôde suportar, sem perder as características, e até absorver, melhorando cada vez mais no aspecto e na inteligência os elementos estranhos provenientes da imigração(...)”. CARVALHO, Maio de 1924, p.187. Nesse estudo, percebe-se, ainda, a grande influência das teorias deterministas do século XIX; porém, acreditamos que a visão do povo brasileiro que Ronald quer mostrar é, na realidade, uma visão positiva, que se opõe aos estudos que criticam a miscigenação.

³ Esses artigos de Ronald, publicados em *Terra de Sol*, foram inseridos em volume intitulado: *Estudos Brasileiros*, publicado pela “Anuário do Brasil”, casa editorial de Álvaro Pinto.

novo das correntes estéticas”¹. Quanto à música, Renato de Almeida também censurava a falta de originalidade da produção musical no país:

a nossa música sofre uma sujeição demorada do estrangeiro, da qual se não libertará com facilidade, pois o preconceito muito se enraizou, queremos tão somente servir, com a intransigência dos batalhadores sinceros, à formação da música brasileira e ao seu cultivo, pelo estudo e pela análise de suas origens, de seus pendores e do seu espírito².

Mas o problema dessa manifestação artística se deveria ao contato e à subordinação ao estrangeiro. Para reverter essa situação, seria necessário, então, afastar-se das influências estrangeiras e buscar a origem e um “espírito” genuinamente brasileiros.

Para Ronald de Carvalho, assim como para Renato de Almeida, o estrangeirismo seria o responsável pela falta de liberdade do pensamento brasileiro. Mas o estrangeirismo, sob o ponto de vista de Carvalho, significava a influência da Europa – ou mais especificamente, de Portugal – sobre o país, já que esse escritor propunha, em alguns de seus artigos, que se estabelecesse um contato maior entre o Brasil e os outros países da América Hispânica. Ou seja, não era propriamente o contato com países estrangeiros que seria prejudicial à nação, mas sim o contato com o Velho Continente e a relação de *dependência* do pensamento brasileiro em relação ao *pensamento* europeu:

O nosso dever é combater todos esses desvios, completando com a do pensamento, a obra da nossa independência política.

O nosso dever é erguer, dentro da nossa comunhão, na generosidade e no esplendor da beleza e da força, a civilização latino-americana, gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue.

¹ NETO, janeiro de 1924, p.72.

² ALMEIDA, Fevereiro de 1924, p.218.

Nesse sentido, a independência política da metrópole portuguesa¹ teria sido o primeiro passo para o país, mas essa autonomia dependeria ainda da libertação cultural² do Brasil.

Para Tristão de Ataíde, a literatura atravessava um momento de transição. Segundo ele:

“Todas as gerações, em suas forças vivas, passaram pelo ponto agudo de transição que vivemos. É a crise idêntica a que todos nós sofremos, no dia em que se insinuou em nosso espírito a primeira dúvida sobre a autoridade dos nossos guias, dos nossos mestres”. A solução para os problemas daquela época dependeria do esforço da nova geração de artistas, no sentido de se libertarem da “imitação” e das regras:

Não abduco de minha liberdade, mas reconheço os meus limites. Não aceito a tirania de regras impostas, de ritmo, de linha, de harmonia ou de finalismo, mas construo a *minha* regra. A disciplina do meu mundo interior é o meio de alcançar e impor a minha liberdade. E essa disciplina é a lucidez, é a força de ascensão do sub-consciente, é a consciência de criar. Assim deve falar a nossa geração³.

Para este crítico⁴, a geração *contemporânea*, que vivia um momento de crise, deveria buscar a afirmação de sua liberdade criativa, tornando-se capaz de construir suas próprias “regras”⁵.

¹ É interessante notar que esse mesmo Ronald, que critica a dependência cultural do Brasil em relação à Europa e acusa o estrangeirismo de ser responsável pela indefinição do *caráter* da cultura brasileira, pregava em 1920, em artigo publicado em *O Jornal*, “o intercâmbio literário entre as duas pátrias”. Nesse artigo ele afirmava: “Nem Portugal pode prescindir do Brasil, nem o Brasil, por mais jovem e vigoroso, pode substituir Portugal. Ambos se completam na comunidade de língua e na diversidade do gênio”. Texto de Ronald de Carvalho, intitulado “Intercâmbio luso-brasileiro”, publicado originalmente em *O Jornal* (3/10/1920), reproduzida por: SARAIVA, 2004, p.521-523.

² Segundo Afrânio Coutinho, havia uma “pesquisa do ‘sentimento nacional’” e, naquele momento “a poesia brasileira iria assumir a consciência de que impunha criar-se a si mesma, sem copiar as modas estrangeiras, refletindo a gente e o meio que lhe davam origem. (...) afinal, queriam a mesma coisa: um Brasil original e exportador de poesia, não importador”. COUTINHO, 2001, p.49. O que se afirmava, em *Terra de Sol*, era justamente essa necessidade de originalidade e a afirmação do país.

³ ATAÍDE, Janeiro de 1924, p.192.

⁴ Ver sobre a análise da crítica e da literatura no tópico intitulado: “A literatura em *Terra de Sol*”.

⁵ Nesse sentido, cremos que as idéias expressas por Ataíde nesse artigo, especialmente, convergem com a forma dos modernistas considerarem a literatura: “a poesia do modernismo, em razão mesmo do seu caráter revisionista, se desenvolve como uma forma de oposição aos valores tradicionais, impelida por um sentimento

Todos esses esforços, portanto, convergiam no sentido de proclamarem a necessidade de independência do pensamento no país e de definição de um caráter de brasilidade nas artes e na cultura.

Há uma forte tônica de otimismo nos artigos, mesmo naqueles que definem a arte produzida no Brasil como resultado de imitação. A idéia desses textos é, cremos, incentivar a busca pela independência do pensamento e da cultura. Vários autores afirmam a necessidade de acreditar no país e em suas potencialidades e de lutar pelo seu engrandecimento¹: “O Brasil é uma dádiva da terra, mas, como aquele arco pesado e belo, formidável e gracioso do velho Odisseu, exige dos seus pretendentes uma disposição enérgica e uma vontade sem desfalecimento”². Nesse trecho, Ronald afirma que a disposição e o desejo de mudança, assim como asseverava Pombo, em “Terra Gloriosa”, possibilitariam a renovação e a independência intelectual.

Como se pode perceber por essa análise, são várias as interpretações do país, principalmente nos primeiros números da revista. Todos concordantes, como dissemos, na necessidade de libertar o pensamento brasileiro de influências estrangeiras ou de regras impostas por poéticas fechadas, como em artigo citado de Tristão de Ataíde.

Quanto à influência estrangeira e à comunhão entre Brasil e América Hispânica, como aparece no texto que analisamos, de Ronald de Carvalho, nos deteremos no próximo item.

de mal estar e de fadiga ante o abuso de uma perfeição estratificada e as buscas de um idealismo artificial”. BRITO, 1968, p. XXV.

¹ “Terra de Sol”, desejando que sejam representadas nas suas páginas todas as manifestações da alma brasileira, abre desde já esta seção, que fica franqueada não só aos nossos colaboradores (...) como também a todos os leitores”. NOTA, Janeiro de 1924, p.

² CARVALHO, Maio de 1924, p.18

4.3.4 A Vertente Americanista

“Europeu! Filho da obediência, da economia,
do bom senso
tu não sabes o que é ser Americano!
Ah! Os tumultos do nosso sangue temperado
em saltos e disparadas sobre pampas,
savanas, planaltos, caatingas”¹...
Ronald de Carvalho

Definimos como “Vertente Americanista” a tentativa de alguns intelectuais de *Terra de Sol* de buscarem uma maior aproximação entre o Brasil e os países da América Hispânica. Como dissemos anteriormente, essa tendência já estaria presente nos projetos de Tasso desde a revista *América Latina*, dirigida por ele e por seu amigo Andrade Muricy. Para explicar esse projeto, partiremos da análise de três artigos publicados no mensário carioca: “Bases da Nacionalidade Brasileira”, “Espírito Americano” e “Americanismo”.

O primeiro artigo a tratar diretamente desse assunto é o “Bases da Nacionalidade Brasileira – do Descobrimento às Capitânicas”, escrito por Ronald de Carvalho. Nesse artigo, o escritor e historiador da literatura divide a história do país em fases: “Ciclo da Defesa”; “Ciclo da Conquista”; “Ciclo da Consolidação”; “Ciclo da Independência”.

O primeiro ciclo trata da chegada dos portugueses ao Brasil e dura até o século XVII. A formação do povo brasileiro é destaque nesta descrição, e, segundo Carvalho, índios e negros teriam tido importantíssima parcela na origem da “raça”² brasileira.

Em seguida, o autor afirma a importância dos jesuítas, que introduziram as “raízes do catolicismo” no país:

(...) prestaram os jesuítas inestimável serviço à nossa nacionalidade. Sem o seu concurso diuturno e paciente, sem o devotamento da sua fé, sem o sacrifício de tantas existências massacradas pelo pavor do selvagem, o problema do nosso caldeamento étnico teria sido

¹ CARVALHO, 1926, p.13-14.

² CARVALHO, jan. 1924, p.16.

seriamente dificultado. (...) Plantaram as raízes do catolicismo no coração da nossa terra e transformaram, com o risco iminente das próprias vidas, o instinto áspero do selvagem em um instrumento auxiliar da colonização. São inúmeros os depoimentos, os testemunhos, os documentos preciosos para o estudo das raças americanas, que os jesuítas deixaram nos seus roteiros interessantíssimos¹.

Além dos índios, negros, portugueses e jesuítas, teriam tido importância, também fundamental, os senhores de engenho:

Sem homens de tal têmpera, não obstante, sem essa estirpe de monstros admiráveis, sem esses heróis que sabiam olhar o sol de frente e não recuavam mesmo ante a Igreja, o Brasil não seria uma Pátria, mas uma coletânea de países turbulentos e irreconciliáveis. Foi o senhor de engenho o fermento ativo dos vários compostos étnicos da nacionalidade.²

Os senhores de engenho teriam sido responsáveis pela segurança do país e teriam protegido a “América Brasileira”³ da invasão dos “inimigos”⁴.

O último fato relevante do primeiro ciclo da história brasileira, segundo o autor do texto, foi a guerra contra a invasão holandesa. Esse ato teria sido a primeira lição de patriotismo do Brasil: “A guerra contra a Holanda foi, por assim dizer, a primeira lição de ‘patriotismo’, de ‘orgulho nativista’ que as circunstâncias obrigaram a Metrópole a nos dar”⁵.

O segundo ciclo, das Conquistas, teria se caracterizado pelo esforço de um “herói”: “O bandeirante é um herói sem compromissos (...) é o tipo histórico que mais orgulhece (SIC) o nosso coração brasileiro”⁶.

O penúltimo ciclo impressiona o autor do texto pelos excessos de crueldade e desmandos da ambição humana:

¹ CARVALHO, jan. 1924, p.16.

² CARVALHO, jan. 1924, p.17.

³ CARVALHO, jan. 1924, p.17.

⁴ CARVALHO, jan. 1924, p.17.

⁵ CARVALHO, jan. 1924, p.18.

⁶ CARVALHO, jan. 1924, p.19.

O ouro e o diamante, todavia, trouxeram para os brasileiros, horas amargas. Mais que os colonos delirou a administração da metrópole, viciada e desonesta, incapaz e servil, já completamente entregue de mãos atadas aos banqueiros de Londres¹.

Mesmo em face dessa situação desoladora de pilhamento das riquezas brasileiras, Carvalho lembra uma figura importante desse período da história do Brasil: “(...) o alferes Tiradentes, deixou profundas raízes na alma nacional, e o sangue do mártir não escorreria em vão pelas escadas do patíbulo”². Porém, apesar de todos os ciclos anteriores e do surgimento do *caráter* brasileiro, somente a partir do último ciclo haveria surgido a possibilidade real de transformar e consolidar a nacionalidade.

O ciclo da Independência, que é o último descrito por Ronald de Carvalho, é o que mais nos interessa, pois nele o autor faz referência direta às idéias da Vertente Americanista.

O tom do texto é de grande otimismo em relação à situação do Brasil na época da produção desse artigo. A República teria, segundo o autor, dado ânimo novo ao país e seria um “impulso às nossas atividades econômicas e culturais”³. A noção de nação brasileira seria já uma realidade, e a consolidação dessa situação vantajosa do Brasil, decorrente da república, dependeria de “tornar o nosso país cada vez mais conhecido em nosso continente”⁴. Caberia às novas gerações, buscar transformar essa idéia em realidade:

“As novas gerações do nosso país devem pôr todo o seu empenho no fecundo trabalho de aproximação entre os povos latino-americanos. Confinados em nossas fronteiras, só temos olhos para ver a insidiosa Europa. Sofremos de um particularismo nefasto”⁵.

¹ CARVALHO, jan. 1924, p.20.

² CARVALHO, jan. 1924, p.22.

³ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

⁴ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

⁵ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

Para ampliar as possibilidades de aproximação entre as nações hispano-americanas seria importante negar a influência Européia sobre a cultura brasileira, como dissemos anteriormente. Segundo Ronald, a influência da Europa sobre o país seria excessiva e estaria prejudicando, também, literatura do país: “A nossa literatura ainda é, na generalidade, produto de enxertias (...) Basta de fecundação artificial”¹.

O autor do texto propõe a negação da cultura clássica proveniente dos “mármore da Acrópole”² e afirma que mesmo sendo os brasileiros taxados de bárbaros, deveriam privilegiar sua realidade de “filhos das serranias e das florestas”³. Sendo assim, não bastaria haver a independência política; para alcançar a *verdadeira* autonomia da arte e da cultura, seria necessária a independência do pensamento⁴.

Em resumo, a proposta seria: “Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano”⁵. A cultura e o conhecimento europeu, nocivos para a nação, não se encaixariam no “temperamento” brasileiro e seriam, portanto, prejudiciais ao livre desenvolvimento da cultura no Brasil. Para pensar em americano seria necessário, apenas: “erguer, dentro da nossa comunhão, na generosidade e no esplendor da beleza e da força, a civilização latino-americana, gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue.”⁶

Ter clareza sobre a noção de Nacional e liberdade de expressão em relação à Europa, foram as principais reivindicações de Ronald de Carvalho, que em seu artigo,

¹ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

² CARVALHO, jan. 1924, p.26.

³ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

⁴ Ver: O Brasil em *Terra de Sol*.

⁵ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

⁶ CARVALHO, jan. 1924, p.26.

“Bases da Nacionalidade Brasileira”, escreve, através de uma forma bastante idealizada, sobre a formação da raça¹ brasileira e a concretização do conceito de nação.

O segundo artigo, intitulado “Espírito Americano”, foi escrito por Tasso da Silveira². O próprio título do texto já é indicativo da proposta que se apresenta. Tomando o pensamento de Nestor Vitor, filósofo brasileiro, e de Foerster, intelectual alemão, Tasso busca convencer seu leitor sobre a importância de haver harmonia entre as nações. Tendo passado a primeira Guerra Mundial, pensa-se em soluções para os conflitos no mundo: “(...) a rivalidade entre as nações não é elemento de progresso(..)”³. Ele toma, ainda, uma afirmação do pedagogo alemão: “Todo egoísmo, escreveu Foerster, o nacional como o individual, anula a inteligência”⁴. O autor do artigo segue fazendo outras considerações sobre os “princípios morais do cristianismo”⁵, segundo o pensamento do intelectual alemão, e fazendo considerações sobre a necessidade de pensar sobre a pátria e sua importância. Tasso discute a necessidade de harmonia entre os países e critica o patriotismo de caráter xenofóbico: “o sentimento de amor patriótico continua a envolver implicitamente o gérmen da prevenção contra os povos estranhos”⁶, e essa negação implicaria a desunião e desarmonia entre as nações.

No entanto, apesar do pessimismo proveniente do desentendimento entre os povos, o poeta afirma que estaria ocorrendo uma transformação “espiritual” naquele momento:

¹ A noção de *raça*, que aparece em vários artigos da revista com alguma recorrência, tinha suas raízes no século XIX. Como afirma Roberto Ventura: “A literatura e a cultura brasileira se transformaram na segunda metade do século XIX com a recepção de modelos europeus, como a história natural e a etnologia, que forneceram instrumentos para a interpretação da *natureza tropical* e das *raças e culturas brasileiras*. Foi adaptada a ‘visão’ de naturalistas, etnólogos e viajantes estrangeiros sobre o Brasil e a América do Sul”. VENTURA, 2000, p.12.

² Em “Espírito Americano”, Tasso afirma que a existência de poucas raças na América facilitaria a união dos povos e criação do bloco Hispano-Americano.

³ SILVEIRA, jan. 1924, p.47.

⁴ CARVALHO, jan. 1924, p.47.

⁵ SILVEIRA, jan. 1924, p.48.

⁶ SILVEIRA, jan. 1924, p.48.

“São, aliás, numerosos os sintomas de que já entramos na época das embaixadas espirituais sobrepondo-se às diplomáticas”¹.

Assim como no artigo de Ronald, em “Espírito Americano” a idéia de mistura de “raças” é interpretada como um elemento positivo do continente americano em oposição à Europa:

A diversidade de raças e de línguas e todos os históricos motivos de divergência moral, política, econômica e social que tornam, entre os povos da Europa, difícilíssima a solução do problema, não existem, senão superficialmente, entre as jovens nações do continente americano. Aqui quase que uma mesma raça, falando menos duas línguas diversas do que duas modalidades de uma mesma língua, se reparte por diferentes pátrias, cujos interesses econômicos não se chocam, antes mutuamente se completam. Mas, por isto mesmo, nesta matéria, a responsabilidade moral dos povos americanos é maior, e mais radical a sua obrigação de compreender, aceitar e desejar a realização do maravilhoso destino comum de que são aquelas circunstâncias a deliciosa promessa².

Enquanto a Europa era definida como um Velho continente, a América Hispânica, que seria “jovem” e que possuiria, segundo o autor, praticamente, duas línguas apenas derivadas de uma mesma raiz – ou seja, o latim - deveria ser o grande palco da verdadeira transformação.

Silveira acredita que as questões econômicas seriam elementos importantes na constituição de um bloco hispano-americano, que facilitaria o entendimento entre as nações. Apesar de centrar seu texto em questões relativas ao espírito desses povos, e a questões de raça e língua, o diretor de *Terra de Sol* cita, também, a vantagem do continente americano em relação ao Europeu.

Neste texto, Tasso chega a apontar na direção de uma ampliação futura do bloco, com a inserção da América do Norte que, apesar das “diferenças extremas”³ em relação aos outros países do continente, poderia suprimir essas mesmas diferenças em favor do que ele

¹ SILVEIRA, jan. 1924, p.49.

² SILVEIRA, jan. 1924, p. 49.

³ SILVEIRA, jan. 1924, p. 49.

define como um “o espírito continental”¹: “quando o bloco latino for uma realidade viva na América, pela união estreita das várias nações que o compõem, estas últimas deficiências do espírito político norte americano desaparecerão por certo”². Porém, para fazer parte do bloco, o poeta afirma que seria necessário que os Estados Unidos mudassem o comportamento em relação aos outros países do continente americano: “Erros políticos, e graves, tem esse povo cometido. Do ponto de vista de uma ética internacional mais rigorosa, muitos de seus gestos para com povos vizinhos são absolutamente condenáveis”³.

Em resumo, assim como Ronald, o diretor de *Terra de Sol* propunha o surgimento de um bloco⁴ americano: “Precisamos conhecer profundamente nossos irmãos hispano-americanos, menos em suas deficiências e em suas falhas do que em suas reais afirmações de vida e espiritualidade”⁵. Isolar-se significaria deixar de fazer parte da história do continente e seria um perigo para o Brasil. Juntar-se ao “espírito americano” seria juntar-se a seus irmãos e criar a possibilidade de mudança.

O terceiro artigo a apresentar esse projeto foi “Americanismo”, assinado por Tristão de Ataíde. Nele, o crítico afirma: “A verdadeira aproximação interamericana não será pela diplomacia, que se tem fartado de criar embaraços, nem pelos congressos inócuos e transitórios, nem pelas excursões de turismo”⁶. Assim como Ronald e Tasso, Tristão afirma que o problema do país seria a proximidade excessiva da Europa e seu isolamento dentro de seu próprio continente. O Brasil e os países da América - Hispânica se desconheceriam:

¹ SILVEIRA, jan. 1924, p. 49.

² SILVEIRA, jan. 1924, p.49.

³ SILVEIRA, jan. 1924, p.49.

⁴ É interessante notar que esse projeto de um bloco de países hispano-americanos, apresentado em 1924, no mesário carioca, já antecipava questões fundamentais relacionadas à criação de uma área de livre comércio entre os países da América Hispânica.

⁵ SILVEIRA, jan. 1924, p. 49-50.

⁶ ATAÍDE, mar. 1924, p.289.

Quando insisto, aliás, no desconhecimento que vemos aqui dos nossos vizinhos do continente, não ignoro que a recíproca é idêntica. É tocante ver como as nossas letras são totalmente ignoradas na América. E a coisa se agrava porque os homens de letras hispano-americanos, com poucas exceções, têm especial tendência, ao contrário de nós, a referir-se à alma *americana*, às letras *americanas*.¹

O autor, que criticou as tentativas de aproximação através de vias diplomáticas, acreditava que a melhor maneira de aproximar as nações do continente seria utilizar-se de: “Dois meios, que se completam a meu ver: um agindo pela educação sobre as gerações de amanhã, outro pelo espírito sobre as gerações de hoje”². Ou seja, a educação e um intercâmbio literário entre as nações seriam as melhores maneiras de aproximar esses países: “Precisamos positivamente combater essa tendência ao alheamento do meio americano em que vivemos. E é pela educação que chegaremos a esse resultado”³.

A idéia de uma tendência brasileira de valorizar somente a cultura européia é também alvo de crítica no texto de Ataíde. O isolamento do Brasil e o desconhecimento em relação à hispano América seriam conseqüências da educação coimbrã⁴: “A educação coimbrã de todas as nossas elites, até a independência, é positivamente uma das causas primordiais dessa falta de espírito americano que a nossa história revela”⁵. Reivindica-se, então, o ensino da História da Civilização Americana às gerações futuras para mudar esse estado de coisas.

O intercâmbio literário consistiria na tradução e troca de obras literárias entre escritores hispano-americanos e brasileiros, possibilitando, assim, um mútuo conhecimento

¹ ATAÍDE, mar. 1924, p.289.

² ATAÍDE, mar. 1924, p.290.

³ ATAÍDE, mar. 1924, p.291.

⁴ É importante perceber que essa crítica de Tristão relaciona-se, diretamente, a Vertente Portuguesa que pretendia ampliar o contato entre Portugal e Brasil.

⁵ ATAÍDE, mar. 1924, p.291.

entre as nações. Para ampliar a “familiaridade”¹ entre os países desse continente que comporiam o sonhado bloco idealizado por Tasso da Silveira, em seu “Espírito Americano”, seria importante criar, também, um intercâmbio de artigos entre intelectuais do *bloco*, que deveriam ser publicados e divulgados em periódicos pelos países em questão.

Para Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira e Ronald de Carvalho a questão da aproximação entre os países da América Hispânica era ponto pacífico. A solução para o Brasil seria aproximar-se das jovens nações de seu continente em busca do sonho promissor de mudança. Para tanto, seria necessária a aproximação por força do espírito e do conhecimento mútuo, através da literatura e da circulação da cultura e do pensamento, afastando-se da influência européia sobre o país.

Os outros artigos² de opinião e textos literários e de crítica publicados em *Terra de Sol*, que faziam parte dessa Vertente, correspondiam à tentativa de concretização do projeto exposto nos textos anteriores. Por essa razão, foram publicados estudos sobre artistas latino-americanos; notas de cooperação e relações cordiais e políticas entre os países da América Hispânica; relatos de viagem; textos literários - poemas; ensaios filosóficos, artísticos, históricos e literários; textos sobre crise política no Chile; nota sobre abertura de livraria dedicada aos países hispano- americanos e texto sobre a economia da América.

Como se pode perceber, essa Vertente propunha o afastamento da Europa e a aproximação entre Brasil e América Hispânica. Dentro dessa mesma revista, que apresentava uma imagem lisonjeira e positiva do Brasil e que propunha a criação de um

¹ ATAÍDE, mar. 1924, p.291.

² Sobre os outros textos da “Vertente Americanista”, ver: SOUZA, 2004.

bloco na Hispano-América, havia também um outro projeto, capitaneado pelo jornalista português Álvaro Pinto.

4.3.5 A Vertente Portuguesa

4.3.5.1 Características

Lendo *Terra de Sol*, editada pela casa publicadora de Álvaro, percebe-se que essa revista possuía, como afirmamos anteriormente, muitas semelhanças com a estrutura editorial de *A Águia*, como observa Paulo Motta Oliveira no artigo “*Terra de Sol: entre Portugal e a América*”:

(...) é essa estrutura editorial, aparentemente desconhecida no Brasil, um dos fatos mais notados pela imprensa da época, se levarmos em consideração os trechos publicados em vários jornais e reproduzidos no número dois da revista. Neles podemos encontrar referências como “[revista] primorosamente impressa, com uma feição artística impecável”, “trata-se de uma grande publicação(...) confeccionada em moldes semelhantes aos das melhores publicações britânicas”, que indicam o impacto editorial que a revista causou.¹

Porém, não é somente a semelhança da estrutura editorial que aproxima *Terra de Sol* de *A Águia*. Percebe-se que a real intenção deste lusitano era promover uma maior aproximação entre Brasil e Portugal. Este projeto não surgira em *Terra de Sol*, mas já era percebido na revista portuguesa, nos números editados no Rio de Janeiro, por Álvaro Pinto. Nela, surgiu então a já citada seção intitulada “Carta do Brasil²”, na qual discutiam-se questões diversas, tentando ampliar as relações entre as duas nações.

¹ OLIVEIRA, 1999, p.238-239.

² Essa seção surge, em *A Águia*, apenas quando Álvaro Pinto transfere para o Rio de Janeiro a sua Casa Publicadora. Salientamos este fato, para que fique claro que a intenção de intercâmbio luso-brasileiro que aparecera na revista surge somente a partir desse instante, ou seja, antes, na revista, não havia nenhuma tentativa ou iniciativa efetiva e real de estabelecer inter-relações entre Portugal e Brasil.

A proposta do diretor português, da revista aqui estudada, era estabelecer um intercâmbio literário entre Brasil e Portugal através de acordos entre os dois países e da divulgação de nomes de escritores brasileiros e portugueses, criando no periódico um espaço aberto a esse intercâmbio. O idealizador desse projeto criou, assim, alguns seções dentro do mensário carioca a fim de possibilitar a realização da proposta de intercâmbio entre brasileiros e portugueses.

O primeiro texto diretamente relacionado ao projeto capitaneado por Álvaro Pinto apareceu no primeiro exemplar sob o título “Páginas Portuguesas”, que era uma seção de *Terra de Sol*. Essa seção trazia para os leitores a biografia e trechos da obra de escritores portugueses da época. O primeiro intelectual português a ser biografado foi Jaime Cortesão. Em artigo não assinado, criticava-se o fato de um intelectual brasileiro ter feito referência a Cortesão como se ele se tratasse de iniciante nas letras de seu país. Sem nomear o autor e a fonte do texto a que se refere, afirma-se que essa conclusão precipitada de crítico do Brasil acerca do intelectual lusitano, apresentado aos leitores em “Páginas Portuguesas”, seria indício do patente desconhecimento entre brasileiros e portugueses.

Para solucionar o problema do desconhecimento entre as nações, afirmava-se que *Terra de Sol* se comprometeria a resolver essa situação através do estabelecimento de um intercâmbio entre os países, que vinha sendo tentado, mas não se teria concretizado em função do excesso de retórica e da falta de interesse por parte das embaixadas portuguesa e brasileira: “*Terra de Sol* fará o possível por promover um mútuo conhecimento mais eficaz, com menos retórica.”¹ E ainda: “(...)ligaremos Portugal e Brasil, por intermédio de seus escritores, que são seus mais nobres e exatos representantes”²

¹ PÁGINAS PORTUGUESAS, jan. 1924, p.59.

² PÁGINAS PORTUGUESAS, jan. 1924, p.59.

Cortesão, que fizera parte do grupo da “Renascença Portuguesa”, publicara inúmeros textos em *A Águia*, e era um dos principais diretores da *Seara Nova*, estava encarregado, naquele momento, de encaminhar negociações para uma convenção literária entre Brasil e Portugal. O desconhecimento da obra desse intelectual seria, segundo o autor do artigo, a prova da inexistência de um contato real entre essas nações:

Prova isto o quanto o Brasil e Portugal se desconhecem, não obstante umas aproximações periódicas que com tanta retumbância se apregoam e viverem as embaixadas dos dois países no permanente propósito dum intercâmbio literário, que não chega a deitar rebentos¹.

Nesse artigo, comemorava-se o encaminhamento das negociações entre Portugal e Brasil em relação ao estabelecimento de uma convenção literária.

A Convenção vem auxiliar extraordinariamente o mútuo conhecimento das duas nacionalidades, trazendo desde já grandes benefícios para Portugal, e reparando agora a falta em que o Brasil estava há 23 anos não retribuindo o tratamento especial que lhe era concedido por dec. de 28-2-1901(...)².

A Convenção seria, portanto, um dos acordos fundamentais no processo de intercâmbio entre as nações. Como afirma Oliveira:

Também na mesma linha deve ser pensada a tentativa, feita pela revista, de corroborar com a criação de acordos entre Brasil e Portugal: um que visava isentar de taxas alfandegárias a importação, nesses países, de livros em língua portuguesa, e outro com o objetivo de homogeneizar as ortografias utilizadas nas duas nações³.

Na seção “Notas e Comentários”, do primeiro exemplar de *Terra de Sol*, defende-se a necessidade de haver uma reforma ortográfica no Brasil. Tomando como exemplo a unificação realizada em Portugal, afirmava-se que seria “absolutamente indispensável a

¹ PÁGINAS PORTUGUESAS, jan. 1924, p.59.

² PÁGINAS PORTUGUESAS, jan. 1924, p.67.

³ OLIVEIRA, 1999, p.240

adoção urgente duma ortografia em que todos escrevamos e nos entendamos”.¹ Algumas outras notas publicadas em exemplares da revista discutiam essa questão da homogeneidade da ortografia brasileira.

É importante notar que essa idéia interessava a Álvaro Pinto, mentor da vertente lusitanista, pois ele estava na posição de editor de livros - proprietário da casa publicadora “Anuário do Brasil” - e de intelectual interessado em estabelecer uma aproximação entre as nações através da literatura. Defender a unificação significaria, além da uniformidade na escrita, uma ampliação da circulação de obras entre Brasil e Portugal e, portanto, uma ampliação nas possibilidades de intercâmbio de conhecimento e de vendas.

Outro recurso utilizado para atender a esses interesses econômicos, foi a publicação, na seção “Bibliografia”, de inúmeras resenhas acerca de livros da “Anuário”. Além disso, imprimia-se no periódico uma infinidade de propagandas de livros, também da casa publicadora de Álvaro, que compõem as páginas finais de *Terra de Sol*. Alguns exemplares chegaram a apresentar aos leitores as “Últimas Edições do Anuário do Brasil”, contendo informações sobre as obras, o número de páginas e o valor do livro à venda em versão brochada e encadernada².

A homogeneização ortográfica, que intentava favorecer o intercâmbio literário, sofreu algumas críticas que são apontadas na revista. O segundo exemplar do periódico dava ao leitor uma idéia das discussões que suscitou esta proposta de haver uma unidade na ortografia brasileira. O texto “A Reforma Ortográfica” dirigia-se a João Luis Alves, que seria o responsável pela eleição da comissão destinada a estabelecer a unidade pretendida. Nesse artigo, assinado por *Terra de Sol*, argumentava-se sobre a importância da Unificação

¹ NOTAS E COMENTÁRIO, jan. 1924, p.97.

² Além desses recursos, a Vertente Portuguesa publica três obras de origem lusitana em exemplares do periódico. Sobre esse assunto, discutiremos mais detalhadamente na análise da literatura.

Ortográfica em oposição a questões puramente políticas e nacionalistas: “A unificação ortográfica não cremos que deva ser assunto para politiquices, exibição de pequenos ódios ou mostras azedas de jacobinismos estreitos”¹.

Os ódios e politiquices a que se faz referência nesse trecho, apontam para o fato de, naquele momento, haver uma resistência, de caráter nacionalista, frente a propostas de unidade na ortografia de Brasil e Portugal. Para esclarecer melhor essa situação, recorreremos ao texto “Antes sem Pão do que sem Pátria”, de Gladys Sabina Ribeiro, em que ela afirma que, no Rio de Janeiro: “O nacionalismo havia se convertido novamente em ‘moda jacobina’ e o movimento antilusitanismo se reacendeu pelos quatro cantos da cidade”².

Como afirmamos na introdução deste capítulo, haveria, naquele momento, um sentimento exacerbado de patriotismo que também foi destacado por Mário da Silva Brito em sua *História do Modernismo Brasileiro*. Segundo Brito:

1920 está marcado pelo nacionalismo. Hora em que o país se prepara para comemorar, daí a dois anos, a independência, há como que uma revivescência do mesmo sentimento que, no século anterior gerara o romantismo e levara os nacionais a uma atitude antiportuguesa, jacobina, até. (...)

Na verdade, o país sentia que não se apartara do domínio lusitano com a independência proclamada, aliás, por um príncipe português, e cuja decisão política, no entender de muitos nacionalistas, veio apenas impedir a marcha da história brasileira, que culminaria, cedo ou tarde, na definitiva separação de Portugal. De há muito o sentimento nacionalista vinha progredindo, ganhando corpo, influenciando nas consciências e estimulando as elites³.

¹ TERRA DE SOL, fev. 1924, p.173.

² RIBEIRO, 2001, p. 148.

³ BRITO, 1964, p. 138.

Esse sentimento nacionalista influenciaria, portanto, toda e qualquer proposta e manifestação portuguesa, ou de portugueses, sobre nossa nação. Por isso, haveria em 1924, esse forte sentimento jacobino a que se faz referência em *Terra de Sol* quando surgiu a idéia de unidade ortográfica. Ainda segundo Brito: “Um dos traços marcantes do modernismo é apartar das letras a influência portuguesa, é a ruptura com as formas tradicionais de expressão, fundada no purismo, na gramática herdada dos descobridores”¹.

Tendo em vista essa situação histórica e essa mentalidade que dominava uma parte da intelectualidade brasileira, percebe-se que a vertente portuguesa de *Terra de Sol* parecia tentar nadar contra a corrente. Do primeiro ao oitavo exemplar da revista, excetuando-se o fascículo sete, foram apresentados aos leitores textos relacionados à proposta de unificação. Os artigos que propunham a unidade ortográfica dividiam-se entre manifestações de apoio a esse projeto e de repúdio à idéia. Os principais argumentos utilizados para criticar a proposta eram relativos ao fato de Portugal não haver convidado o Brasil para participar da unificação realizada na terra lusitana e questões relativas à liberdade da língua e à originalidade do nosso idioma. A revista tomava esses depoimentos contrários à homogeneidade na escrita e combatia esses mesmos argumentos através de respostas publicadas em artigos dentro do próprio periódico.

O quinto exemplar da revista trazia, na seção “Portugal-Brasil”, uma nota em que discutia-se a lentidão na tomada de atitudes relativas à unidade das ortografias: “(...) se o sr. Ministro e mais a Comissão por ele nomeada não dão visíveis sinais de si – nos jornais aparece, de vez em quando, longo artigo contra a ortografia portuguesa. (...)”.

O último a protestar quanto à Ortografia portuguesa foi o sr. Alfredo Gomes, em duas colunas e meia do “Jornal do Brasil”. “Argumentos científicos ou racionais – o

¹ BRITO, 1964, p.140.

articulista não apresenta. É conservador, odeia as manias reformadoras, os ímpetos revolucionários”¹. O autor da nota seguiu, então, criticando os argumentos de Gomes e concordando apenas com um, que ele cita: “Cometeu Portugal a imprevidência de não convidar o Brasil? – É o único reparo procedente. Mas já é tempo de passar em julgado o gesto de há treze anos e de se estabelecer o necessário acordo entre os dois países”².

Em resposta, A. P. afirmava que o que se desejava com a reforma era promover um acordo que beneficiasse os dois povos:

O que se quer no Brasil, como se quis em Portugal, é estabelecer uma forma correta, simples, clara, de todos escreverem da mesma forma, sendo da máxima conveniência que essa forma seja idêntica para Portugal e Brasil, aderindo o Brasil à reforma portuguesa, ou modificando Portugal a sua reforma de harmonia com os estudos competentes que se façam no Brasil, ou estabelecendo os dois países, de amigo acordo, uma reforma inteiramente nova, com estes ou aqueles princípios, com esta ou aquela fisionomia³.

A proposta defendida pelo autor do trecho destacado era bastante flexível em relação à organização da reforma ortográfica. Utilizar a unificação portuguesa como modelo para a nossa poderia ser uma ameaça à originalidade do idioma nacional. Esse foi um dos argumentos usados para combater a idéia de homogeneidade da ortografia usada no país. Porém, essa idéia foi veementemente combatida pelos artigos publicados em *Terra de Sol*.

O sexto exemplar da revista apresentava outro artigo, “A Ortografia Portuguesa”, que retomava a discussão com o Sr. Alfredo Gomes: “O Sr. Alfredo Gomes continua discutindo no *Jornal do Brasil* a ortografia portuguesa(...)”⁴. Apesar de defender a unificação, afirmava-se e reafirmava-se que não haveria que privilegiar a reforma portuguesa ou tê-la como o único modelo a seguir. A idéia seria, sim, realizar essa reforma

¹ PORTUGAL- BRASIL, mai. 1924, p.257.

² PORTUGAL- BRASIL, mai. 1924, p.258.

³ PORTUGAL- BRASIL, mai. 1924, p.259.

⁴ PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.416.

a fim de que houvesse unidade na ortografia brasileira. “*Terra de Sol* repete o que tantas vezes tem dito: julga absolutamente indispensável a uniformização, mas não faz questão alguma sobre esta ou aquela ortografia”¹. Salientamos, porém, que o fato de não importar qual seria a ortografia adotada, reforça a hipótese que levantamos acerca do interesse econômico de Álvaro Pinto por trás do projeto de intercâmbio literário, embora se possa também interpretar o fato como uma manobra tática no contexto político da discussão sobre a reforma.

Às manifestações de apoio ao acordo ortográfico que aparecem em notas publicadas na revista, respondia-se que o assunto não seria esquecido por *Terra de Sol*. Na seção “Notas e Comentários”, do exemplar de número 4², afirmava-se que o periódico se responsabilizaria por manter acesa a discussão sobre esse tema. Essa afirmação, de que a revista apoiaria a discussão acerca da uniformização, significava uma tentativa de mostrar que essa idéia seria um projeto defendido pelo periódico e não somente pelos intelectuais que apoiavam a vertente lusitana. Essa atitude, aliás, era comum em outros textos da vertente portuguesa que apresentava publicados, no periódico, alguns artigos e ensaios assinados: *Terra de Sol*, ou seja, como se essa fosse uma decisão do grupo que publicava na revista e dos diretores do periódico.

Também o oitavo exemplar publicou, na seção “Portugal- Brasil”, texto referente a esse assunto. Em “A Questão Ortográfica”, afirmava-se que as manifestações de apoio ao projeto seriam uma constante nas cartas enviadas ao periódico:

Continuamos a receber magníficas provas de que se espera com ansiedade o resultado dos trabalhos em elaboração para a reforma ortográfica, que tão necessária é ao cultivo da língua. (...) Não há dúvidas interiores ou exteriores. Há uma certeza – a unificação³.

¹ PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.416- 417.

² Essa nota se intitula “A Unificação Ortográfica”. Ver índice da seção “Notas e Comentários” na descrição da revista realizada nesta tese.

³ PORTUGAL- BRASIL, ago. 1924, p.260.

O fato de os textos dividirem-se, pois, entre respostas a manifestações contrárias a essa proposta e manifestações de apreço à idéia dessa unidade, cria um entrave à plena realização das propostas de intercâmbio entre as duas nações. Negar a uniformidade era uma forma de negar a influência Européia e, mais especificamente, portuguesa, sobre a língua e, portanto, sobre a literatura brasileira que proclamava, naquele período, a originalidade e a liberdade da arte nacional.

Se na chamada “fase heróica” do Modernismo brasileiro, buscava-se a experimentação, como afirma Bosi, seria necessário discutir as possibilidades de reestruturação também do uso da língua na literatura: “As inovações atingem os vários extratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas e sintáticas do discurso”¹.

Segundo Mário da Silva Brito, mais que um simples desejo de romper com a tradição estética, seria fundamental para os modernistas uma luta política e social pela independência do país também no âmbito cultural. O fato de aproximar a escrita brasileira da portuguesa e cristalizá-la através de uma ortografia comum pareceria aos intelectuais modernos uma *afronta* à liberdade² da língua e da originalidade brasileira:

“A deformação do idioma, a tentativa de sistematizar a fala brasileira numa língua própria, o desejo de tornar válida a dicção nacional, decorrem também de motivos políticos e sociais e não apenas de razões estéticas ou de mera doutrina literária”³.

¹ BOSI, 1994, p. 345.

² Um exemplo dessa valorização da liberdade da língua encontra-se na revista *Estética*, publicação modernista – sucessora de *Klaxon* – contemporânea carioca de *Terra de Sol*, tinha como princípio o respeito à grafia adotada por cada um de seus colaboradores: “Ortografia? – Era caótica, em 1924. A direção de *Estética* resolveu assegurar o caos, embora a própria revista adotasse a reforma portuguesa, embora com algumas variantes próprias. O princípio, liberalíssimo, era o de respeitar a grafia, como as idéias, de cada um. Compromisso, apenas o propósito de renovação cultural”. DANTAS, p.VIII.

³ BRITO, 1964, p.140.

Apesar de Álvaro Pinto tratar da unificação ortográfica como se essa proposta tivesse sido aceita pelos portugueses de maneira unânime e distante de polêmicas, é importante mostrar que também em Portugal várias foram as manifestações de negação à proposta de homogeneização da maneira de escrever. Para comprovar essa situação, citamos texto do poeta Teixeira de Pascoaes intitulado “A Fisionomia das Palavras”, publicado em 1911. Esse escritor demonstrava sua insatisfação em relação à fixação de uma ortografia única argumentando que, sendo as línguas “organismos vivos” e as palavras “seres” que deveriam ser avaliados e considerados em termos de “beleza plástica”, qualquer supressão de letras ou simplificação na “forma gráfica” dos vocábulos seria uma “amputação inestética”. Ainda imbuído de forte sentimento dramático sobre as palavras entendidas como seres vivos, Pascoaes afirmava que: “Ferir a harmonia material e espiritual das palavras é torná-los aleijadas e ridículas. Alterar bruta e cegamente as linhas de seu perfil é uma violência contra a Natureza”¹.

Conclui-se, portanto, que se para os brasileiros a reforma representaria o perigo de mutilação do caráter nacional dos vocábulos, para o escritor português, membro da “Renascença Portuguesa”, a unificação teria um caráter espiritual e representaria uma violência contra o léxico.

Outros fatores de entrave ao projeto de intercâmbio literário eram as taxas postais brasileiras. Todas as notas relativas a essa questão buscavam mostrar aos leitores da revista que essas taxas encareciam demasiadamente o valor das obras exportadas. O quarto exemplar trazia artigo intitulado “ ‘Casa de Portugal’, as taxas postais e os transportes marítimos”. Neste texto, dedicado a Nuno Simões, o autor mostrava como as relações luso-brasileiras estavam sendo dificultadas pelos excessos da burocracia e de taxas entre essas

¹ PASCOAES, 1988.

nações. A questão da Convenção Literária também foi abordada nesta nota, uma vez que, segundo o autor: “Depois duma convenção literária, que tanto beneficia os livros portugueses”¹, no Brasil, o mesmo não ocorreria com os livros brasileiros em Portugal.

Ainda em relação à reivindicação sobre as taxas postais, foram publicados mais dois textos na revista. Cinco meses depois de aparecer a primeira nota sobre esse assunto, publicam-se no nono exemplar notícias animadoras sobre a situação dessas taxas:

Quase ao mesmo tempo é estabelecido entre os dois países o acordo reduzindo a 50% os portes das publicações expedidas pelos respectivos editores. Era este um dos maiores obstáculos à troca do livro e da revista entre Portugal e Brasil. (...) Os gastos postais devem ter descido a um terço ou menos. Melhorem as taxas, facilite-se a permuta e todas as vantagens daí resultam imediatamente: maior venda e, portanto, mais facilidades para editores² e autores; mais expedição, e portanto, maior receita postal; maior expansão de livros, revistas e autores e, portanto, mais consciente aproximação dos dois países, tão desconhecidos um do outro³.

A facilitação na permuta de livros entre brasileiros e portugueses seria o objetivo da redução desses encargos. O décimo exemplar trazia uma nota otimista sobre a “Convenção Postal”. Segundo o autor da nota:

Tudo leva a crer que desde janeiro em diante seja executado o acordo especial luso-brasileiro sobre a redução a metade das taxas internacionais em vigor ou que venham a vigorar quanto a livros brochados ou encadernados e jornais ou revistas, feita a expedição pelos respectivos editores⁴.

Para esclarecer os leitores acerca do custo da existência de taxas tão onerosas na permuta de obras, o autor dessa nota apresentou exemplos numéricos sobre os valores de um livro que fosse submetido a esses impostos, que incidiam sobre o envio, pelo correio, de uma obra literária. Ele compara as situações das taxas entre as duas nações:

¹ PORTUGAL- BRASIL, abr. 1924, p. 60.

² Por esse trecho, percebe-se o interesse econômico de Álvaro Pinto por trás da proposta de intercâmbio literário.

³ PORTUGAL- BRASIL, set. out. 1924, p. 521.

⁴ PORTUGAL- BRASIL, nov. 1924, p.86.

De Portugal para o Brasil os portes ultimamente tornaram-se onerosíssimos, só se podendo fazer alguma venda de livros recebidos pelo correio mercê da desvalorização do escudo. Do Brasil para Portugal esses portes são quase proibitivos, devendo-se atribuir a essa circunstância o principal motivo da pouca expansão em Portugal do livro brasileiro¹.

A redução das taxas seria outra reivindicação importante dessa vertente, uma vez que auxiliaria a concretização dos projetos de permuta de obras e de pensamentos entre as duas nações que Álvaro Pinto desejava aproximar. Também a Unificação Ortográfica e a Convenção Literária seriam bases importantes para a realização da proposta feita pela Vertente Portuguesa de haver um intercâmbio literário entre as duas nações. Essa vertente, que foi, na realidade, um trabalho desenvolvido quase que exclusivamente por Álvaro Pinto em *Terra de Sol*, pretendia reaproximar Portugal e Brasil através da literatura.

Na realidade, como já dissemos anteriormente, essa proposta havia já sido ensaiada pelo diretor português do periódico estudado, na revista *A Águia*, que teve o final de sua segunda série publicado no Brasil quando da chegada do intelectual português ao Rio de Janeiro. Pudemos observar que, no trabalho realizado pelo editor desse periódico - na segunda série dessa revista portuense -, a proposta de reaproximar essas nações já se esboçava na segunda série do mensário português, mesmo antes de aparecer em *Terra de Sol*, em 1924.

É importante reafirmar que essa vertente tinha na literatura a esperança de criar uma relação melhor entre os países. A revista portuense *A Águia*, palco das idéias do Saudosismo defendidas pelo grupo da “Renascença Portuguesa”, também acreditava nos escritores como os grandes eleitos que poderiam promover mudanças significativas na nação. Para os saudosistas, o reerguimento de Portugal dependeria dos escritores portugueses e da revalorização da nacionalidade.

¹ PORTUGAL- BRASIL, nov. 1924, p.86.

Álvaro Pinto, idealizador da vertente lusitana, acreditava que somente poderia haver uma ampliação das relações entre as nações “irmãs” através dos escritores, os eleitos a que se referia o intelectual português Visconde de Vila-Moura¹, em artigo publicado na segunda série da revista *A Águia*, dirigida por A. Pinto. Também Teixeira de Pascoaes, principal idealizador do Saudosismo acreditava que os poetas teriam em suas mãos a possibilidade de fazer renascer a nação: “Eu acredito na grandeza do momento atual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas, que são a sua florescência, principia a sentir-se verdadeiramente revelada”². Pudemos observar, trabalhando com a segunda série desse periódico portuense, que os três primeiros exemplares da revista discutiram a criação de um projeto nacional que estivesse a serviço do renascimento da nação lusitana, através dos poetas.

Se por um lado a proposta do Saudosismo apresentava uma tendência centrípeta de solução para os problemas da nação, ou seja, olhar para dentro e resolver seus problemas dentro dos seus limites territoriais e da valorização do nacional e negação da influência estrangeira, por outro lado Álvaro Pinto propunha em *Terra de Sol* uma solução que ultrapassava os limites da sua pátria, atravessando o Atlântico e chegando ao Brasil onde ele almejava a fraternidade entre aquelas nações.

Em um dos artigos publicados no sexto exemplar de *Terra de Sol*, percebe-se que apesar de haver uma significativa relação comercial entre as duas nações, não havia a sonhada relação intelectual: “Portugal não conhece o Brasil. O Brasil não conhece

¹ Definindo o clero e a nobreza como os primeiros estados e o povo como o terceiro estado, Villa - Moura defende em seu artigo *Palavras Antipáticas, O IV Estado - O Estado Artista*, a criação de um estado governado pelos artistas que, segundo ele, são alguns “d’entre os eleitos a distinguir”. VILA- MOURA, jan. 1912, p. 5-7.

² PASCOAES, fev. 1912, p.2.

Portugal”¹. Haveria um “intercâmbio” econômico, porém “sob o ponto de vista intelectual (que reputamos ser a base de todos os outros entendimentos), a ação tem sido falha, aos puxos, e, principalmente, mal elucidadas”². O espírito de um povo seria reconhecido e divulgado pela sua literatura e não somente pelas relações financeiras entre as nações:

Sob o ponto de vista do comércio e da indústria, as relações entre os dois países não esfriam, porque industriais e comerciantes não deixam os seus interesses nas mãos dos cantadores. Contudo, competia aos governos tratarem dos indispensáveis acordos e tratados para que, favorecendo seus súditos, daí tirassem também seus proveitos³.

Os trechos destacados enfatizam a necessidade da criação de um encontro de espíritos, de almas, de literatura, de escritores. Caberia aos eleitos a função de mudar e ampliar as relações entre as nações que se pretendia aproximar, sem, no entanto, abandonar o caráter econômico do estreitamento de laços entre brasileiros e portugueses.

4.3.5.2 As seções da Vertente Portuguesa e a questão do antilusitanismo

Além de todas essas reivindicações de redução de taxas e realização de acordos e melhoria de relações diplomáticas, criam-se, na revista *Terra de Sol*, algumas seções diretamente ligadas às propostas de intercâmbio. Uma, dedicava-se a divulgar o nome de intelectuais portugueses desconhecidos do público brasileiro; outra, dedicava-se a assuntos portugueses e a última, às relações luso-brasileiras. “Páginas Portuguesas”, composta por artigos não assinados, “Carta de Portugal”, assinada por Carlos Selvagem, e “Portugal-Brasil”, foram criadas no periódico analisado para atender ao projeto capitaneado por Álvaro Pinto.

¹ PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.413.

² PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.413.

³ PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.413.

A primeira que analisaremos, assinada por Carlos Selvagem, funcionava na revista como uma crônica portuguesa dedicada a tratar de assuntos diversos que fossem relevantes, naquele momento, em Portugal. Isso, intentando ampliar o conhecimento de questões relativas à nação portuguesa. Discute-se o teatro português, o verão lisboeta¹ e a relação entre Portugal e Brasil.

Esse último assunto nos interessa mais, pelo fato de ter havido um único texto dessa seção que se relacionou diretamente à proposta da vertente lusitana. Selvagem inicia esse texto, publicado no exemplar 11-12, de dezembro de 1924, lembrando a vitória dos portugueses na ratificação da Convenção Literária entre Portugal e Brasil. Ele continua seu artigo, retomando a discussão já apresentada na revista, sobre artigo de Carlos Malheiro Dias, comentado acima, sobre idéias de Agostinho de Campos e Bettencourt Rodrigues e sobre as intenções de Álvaro Pinto:

Com efeito, depois do vigoroso e longo artigo de Carlos Malheiro Dias no número de Abril da <<Lusitânia>>; depois do livro do Dr. Bettencourt Rodrigues sobre uma sonhada Confederação luso-brasileira; depois dos vários artigos em jornais e em revistas, do professor Agostinho de Campos; depois das inúmeras notas soltas em quase todos os números da *Terra de Sol*, da responsabilidade de Álvaro Pinto; depois, em resumo, duma propaganda que há anos se vem arrastando(...) cremos já estar tudo dito(...)².

Pelo fato de tudo já haver sido dito sobre as relações entre as nações, caberia a ele, segundo afirma, apenas fazer considerações pessoais, de pouco valor, à discussão imposta.

De acordo com esse intelectual, a solução para as nações encontrava-se na espiritualidade, que seria o melhor caminho para haver a união entre brasileiros e portugueses:

E é esse espiritualismo que vem concebendo uma humanidade nova e vitoriosa, menos animal e mais cristã, mais saudável e menos envenenada de mecanismo, mais afetiva, mais solidária, mais heróica.³

¹ Sobre essa seção, ver a descrição das seções relativas à Vertente Portuguesa em *Terra de Sol*.

² Seleção de trechos no artigo foram feitos por nós.

³ SELVAGEM, dez. 1924, p.329.

Nesse último artigo de “Carta de Portugal”, “Política Luso- Brasileira: Algumas Considerações Oportunas”¹, faz-se a defesa do projeto da vertente lusitana. Aproximar os povos, segundo Álvaro Pinto, só seria possível através da intelectualidade e da espiritualidade. Para o autor das Cartas(entre aspas?), só seria possível haver esse encontro através dessa espiritualidade e da eliminação de entraves diplomáticos e políticos. Através do espiritual, que também devia ser pensado em termos cristãos, haveria como:

(...)remediar desde já quanto possível o divórcio latente, o vago desapego mútuo, a que, de uma e outra parte, uma política inepta ou nefasta, uma diplomacia sonolenta e uma pedagogia rotineira e pedantesca, nos têm conduzido.”²

Não havendo esforço político³ para solucionar a questão, estaria no espírito a possibilidade de vencer as dificuldades e criar uma humanidade nova e mais cristã. (ressaltar melhor aqui o aparecimento do elemento cristão) Para o crescimento das duas nações seria imprescindível essa aliança entre brasileiros e portugueses e haveria a necessidade de criar-se uma forma de ampliar o conhecimento entre as duas nações para resolver esse “divórcio” a que se refere:

Por um programa sério de conhecimento mútuo, honesto, leal, despojado de todas as desconfianças, de todos os pensamentos, reservados, de todos os exclusivismos nacionalistas, ou pseudo-nacionalistas.⁴

O mesmo sentimento nacionalista observado em texto sobre a “Reforma Ortográfica”, publicado no primeiro volume de *Terra de Sol*, e já citado anteriormente, é retomado por Carlos Selvagem neste artigo. Ao que parece, o nacionalismo ou “pseudo-nacionalismo” a que se refere Selvagem, pensamento que contagiaria a mentalidade brasileira do período, estaria se transformando em fator de entrave à existência e

¹ SELVAGEM, dez. 1924, p.329.

² SELVAGEM, dez. 1924, p.329-230.

³ Essa questão dos entraves político já havia sido discutida na seção “Portugal- Brasil” , em número anterior.

⁴ SELVAGEM, dez. 1924, p.331.

consolidação do projeto da vertente portuguesa. Nesse sentido, pode-se pensar no sentimento nacionalista e antilusitano que se desenvolvera no Rio de Janeiro no início do século XX.

Para compreender melhor essa situação dos portugueses na capital federal, é necessário explicar o já citado nacionalismo que faria com que brasileiros se indisputassem com as idéias e com o povo lusitano.

O livro *Mata Galegos – Os Portugueses e os Conflitos de Trabalho na República Velha*, de Gladys Sabina Ribeiro, mostra como eram as relações trabalhistas no Rio de Janeiro dos fins do século XIX até a década de 30, do século XX:

O impacto da imigração portuguesa (...) estes imigrantes, solteiros e na flor da idade, formavam boa parte da força de trabalho ativa. Os fluxos migratórios internos e externos fizeram com que a cidade inchasse em número de habitantes(...).Era um período caracterizado pelas crises econômicas, carestia, preços altos e acusações reiteradas aos intermediários e monopolistas(...).

Dentro desse contexto, os portugueses ora eram concorrentes em potencial, ora inimigos do povo, porque monopolizadores de certos ramos de atividades e empregos, como sejam o comércio a retalho e o serviço atrás dos balcões(...). Aceitando baixos salários, os portugueses limitavam e retardavam a expansão de empresas e ramos de atividade organizados em moldes capitalistas, além de acirrare as rivalidades com os nacionais na disputa por uma vaga no setor produtivo(...). O Rio de Janeiro do início do século não era somente aquele dos passeios pela Rua do Ouvidor ou das elegantes tardes de chá na Confeitaria Pascoal, tampouco resumia-se às greves operárias e a movimentos sindicalistas. Havia uma outra face da história da cidade, aquela das guerras travadas nas ruas com vieses nacionais e raciais, conflitos oriundos da briga pela sobrevivência¹.

Ao discutir as relações trabalhistas no Rio, Ribeiro² apresenta um aspecto relacionado à aversão aos portugueses decorrente dessas questões. A falta de trabalho e o número excessivo de imigrantes portugueses teriam motivado um comportamento xenófobo em relação aos lusitanos residentes no Brasil. Esse sentimento de nacionalismo exagerado seria um entrave bastante significativo às idéias dessa vertente, se pensarmos que *Terra de*

¹ RIBEIRO, 1990, p.8.

² Não temos, aqui, a intenção de aprofundar estudos sobre as relações entre brasileiros e portugueses no período citado. Gostaríamos apenas de salientar a existência, no Rio de Janeiro, cidade natal de *Terra de Sol*, de movimento contrário à presença lusitana no país.

Sol traz as propostas de intercâmbio em 1924, no Rio de Janeiro, para esse público leitor avesso a Portugal. Nosso objetivo neste trabalho não é, porém, discutir essas questões de xenofobia antilusitana, mas apenas apresentar esse aspecto, tentando facilitar a compreensão das várias questões que contribuíam para dificultar a criação e legitimação, dentro do periódico estudado, de um espaço mais afeito ao projeto de Álvaro Pinto¹.

Sobre a situação dos portugueses no período citado, também há referência no texto de Malheiro Dias, publicado em *Lusitânia* e alvo de algumas considerações importantes em *Terra de Sol*, como pudemos verificar anteriormente. Justificando a existência de conflitos, esse intelectual discute o “movimento de hostilidade que se depararia na hora presente à proposta militante de uma Confederação luso- brasileira numa nação juvenil, que há pouco festejou as bodas da sua Independência(...)”².

Para melhorar a imagem dos portugueses no país:

Temos que dissipar perante o Brasil equívocos arraigados e aplicarmo-nos em restaurar perante a grande nação emancipada da América a respeitosa simpatia devida à nação progenitora; de corrigir nossa história de todos os erros que a desfiguram e poluem; de observar uma conduta que nos dignifique e patentear com as provas na mão que não somos, como alguns economistas fizeram crer, os beneficiários e muito menos os parasitas que ajudamos a criar no Brasil.(...) Os bens adquiridos pelos portugueses residentes no Brasil constituem riqueza brasileira, na sua grande parte transmitida a filhos brasileiros, integralmente aplicadas no comércio, na indústria e na agricultura ou convertida em propriedade imobiliária e títulos da dívida pública³.

É preciso perceber que há no texto de Malheiro uma lucidez muito grande quanto aos fatos causadores dos problemas que encontravam os portugueses em termos de realização de projetos de confederação, ou mesmo, de intercâmbio, como propunha o diretor português de *Terra de Sol*. A questão econômica, relacionada a “conflitos do mundo

¹ Faremos outros apontamentos sobre a situação entre brasileiros e portugueses na década de 20, em ensaio conclusivo sobre as duas vertentes que destacamos de *Terra de Sol*.

² DIAS, mar. 1924, p.206.

³ DIAS, mar. 1924, p.204- 205.

do trabalho”¹, e o sentimento nacionalista do período teriam motivado esse jacobinismo e esse sentimento xenófobo a que se referem Álvaro Pinto, Carlos Selvagem e Carlos Malheiro Dias em seus artigos. Essas seriam as bases do movimento antilusitano que teriam importante papel na rejeição das idéias lusitanas no Brasil do período.

Terra de Sol surgiu num Brasil de grande instabilidade e crise econômica, e de exigência interna de adaptação a um novo período histórico marcado pelo fim da primeira guerra mundial (1914- 1918) e pela alteração da situação do mundo. O país passava por um progressivo endividamento e por uma grande dependência externa e havia, como vimos acima, um aumento muito grande nos números da imigração. Tudo isso teria contribuído, portanto, para a criação desse sentimento de negação da presença portuguesa no país.

4.3.5.3 “Portugal- Brasil”, “Notas e Comentários” e Graça Aranha

Várias das principais questões referentes às relações entre brasileiros e portugueses tiveram espaço na seção, “Portugal-Brasil”, criada na revista para atender ao projeto da vertente lusitana. Semelhante a “Notas e Comentários”, essa seção trazia notas sobre diversos assuntos, abordando mais de perto a questão do intercâmbio defendida por Álvaro Pinto. O primeiro artigo de “Portugal-Brasil”, que apareceu no quarto exemplar da revista, discutia a Convenção Literária e criticava a demora nas soluções para a aproximação entre brasileiros e portugueses. *Terra de Sol*, mais uma vez, assume a postura de defensora desse intercâmbio e promete lutar para alcançar seu objetivo.

Além das inúmeras notas sobre unificação ortográfica, convenção literária e postal, raid Macau-Lisboa e outros assuntos abordados nessa subdivisão da revista, chama a

¹ RIBEIRO, 1990, p.63.

atenção um pequeno artigo presente no sexto exemplar que discutia uma conferência proferida pelo escritor brasileiro Graça Aranha. Sobre esse assunto, foram publicados sete textos espalhados pela revista, entre notas e artigos, que questionavam a relevância das idéias desse intelectual.

Essa discussão, porém, não ficou localizada em “Portugal Brasil”. Apesar de não ser uma seção criada para atender ao projeto de A. Pinto, “Notas e Comentários” também trouxe textos sobre a conferência proferida na Academia Brasileira de Letras.

Em texto intitulado “Academia Brasileira de Letras – O caso do Sr. Graça Aranha¹”, que foi publicado antes da seção “Portugal-Brasil”, no exemplar número 6 de *Terra de Sol*, afirmava-se que o autor de *Canaã* teria realizado, no dia 19 de março de 1924, na Academia de Letras, um discurso cujo tema seria o “Espírito Moderno”. Criticava-se a proposta do escritor: “Cremos bem que, no primeiro impulso de novidade e rebeldia, muitas pessoas terão aplaudido o gesto nada amável do Sr. Graça Aranha, convocando uma grande assembléia para aquela balbúrdia inconcebível do dia 19 deste mês de junho de 1924”².

Para o autor da nota, a atitude do escritor brasileiro teria sido condenável pelo fato de:

(...)o sr. Graça Aranha decidindo expor a mortais e imortais os profundos mistérios do ‘Espírito Moderno’, foi até o extremo maquiavélico de eliminar com três tiradas de retórica – todos os fundamentos da Academia, todas as qualidades de seus membros e, mais do que isso, o valor, a consciência, a nobre e generosa ansiedade de tantos e tantos outros moços que, por não se sacrificarem ao tal ‘Espírito Moderno’³ não são mais que folhas secas, mirradas, duma Árvore que perdeu toda a seiva criadora⁴.

Indignado com as idéias expostas na conferência do referido autor, prometia-se voltar, na revista, a esse assunto: “*Terra de Sol*, que voltará ao assunto para o tratar com mais

¹ TERRA DE SOL, jun. 1924, p.412.

² TERRA DE SOL, jun. 1924, p.412.

³ Esta notação (<< >>) foi usada pela revista.

⁴ TERRA DE SOL, jun. 1924, p.412.

largueza, promete desde já para então um número especial consagrado ao muito ilustre autor de *Canaã*”¹.

Ainda neste número da revista, em “Portugal-Brasil”, publicou-se uma pequena nota intitulada “Lugares Seletos” que reproduzia um trecho da conferência e onde criticava-se a idéia do acadêmico que afirmara:

“Não somos a câmara mortuária de Portugal.

Já é demais este peso de tradição portuguesa, com que se procura atrofiar e esmagar nossa literatura”².

Em seguida à reprodução deste trecho, o autor da nota, não assinada, ironizava as passagens afirmando que não poderia escrever ou respirar em função da influência perniciosa de Portugal:

“Santo Deus! Que perseguição atroz Portugal está fazendo ao Sr. Graça Aranha e seus mais requintados arautos”³.

Segundo Mário da Silva Brito, em *História do Modernismo Brasileiro*, a afirmação de Aranha seria decorrente de uma luta política dos modernistas de ampliar a independência brasileira em relação à influência⁴ e ao contato com Portugal.

A questão da conferência passara, então, a não ser encarada na revista apenas relativamente às posições modernistas de Aranha ou mesmo à negação do papel da Academia no país, mas devia-se ao fato de referir-se contrariamente a Portugal. Mais que uma crítica ao movimento modernista e à própria academia, a grande desavença que se apresentava de maneira clara dentro da revista referia-se à negação da influência européia e,

¹ TERRA DE SOL, jun. 1924, p.412.

² PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.417.

³ PORTUGAL- BRASIL, jun. 1924, p.417.

⁴ “O propósito de diferenciar o idioma português do brasileiro, é uma forma de contribuição à política antilusitana do tempo. Será ainda sob esse impulso autonômico que Graça Aranha irá clamar, em 1924, na Academia Brasileira de Letras, que o Brasil não é a câmara mortuária de Portugal!”. BRITO, 1958.

em especial, da lusitana. Essa influência mostrava-se aos olhos de Graça¹, como o grande perigo à criatividade e originalidade brasileiras. Por outro lado, as idéias desse escritor brasileiro eram um perigo às propostas de intercâmbio capitaneadas por Álvaro Pinto em *Terra de Sol*.

Percebe-se, porém, que a promessa de um número dedicado ao assunto não se concretiza no periódico. No exemplar de número 7, mais textos são dedicados ao caso Graça Aranha, porém, esse não é um número dedicado ao episódio apresentado no fascículo 6.

É justificada a recusa a dedicar um número a esse tema. Segundo o autor da nota publicada em “Notas e Comentários” e intitulada “Modernismo e Aranhismo”², o fato envolvendo o acadêmico teria recebido uma resposta definitiva na voz de Murilo Araújo:

Justifica-se que os absurdos proclamados pelo Sr. Graça Aranha fossem acolhidos com a assuada geral que irrompeu de todos os pontos. Mas também se fazia mister que alguém respondesse a sério, para que não pudesse o acadêmico rebelado tomar a atitude de gênio incompreendido pela sua época. Esse papel coube a Murilo Araújo que, desarmado de ironia, analisou logicamente os postulados aranhistas, mostrando-lhes a vacuidade e incoseqüência.

De nossa parte havíamos prometido longas considerações sobre o caso para o presente número de *Terra de Sol*. Julgamo-las agora desnecessárias.(...) Trata-se agora de um caso morto que a ninguém mais interessa.³

Apesar dessas afirmações sobre a pequena importância que deveria ser dada ao assunto da conferência proferida na Academia, houve, ainda na mesma seção, outra nota que se relacionava a esse tema. O artigo “O Espírito Moderno e o Dicionário” apresentava outras considerações sobre postulados do referido discurso do autor de *Canaã*. Nestes postulados, afirmava-se a necessidade de haver a confecção de um dicionário no Brasil em

¹ Para compreender melhor as propostas de Graça Aranha, ver texto “O Espírito Moderno”. ARANHA, 1925.

² NOTAS E COMENTÁRIOS, jul. 1924, p.141.

³ NOTAS E COMENTÁRIOS, jul. 1924, p.141.

que não entrassem “portuguesismos”¹. O outro postulado, também originário da conferência de Graça, proporia que a Academia só aceitasse em seu meio pessoas que partilhassem das idéias do “Espírito Moderno” e que não fossem partidárias de um espírito clássico e, portanto, vinculado a Portugal: “(...) não consentindo dentro dela arcaísmos ou expressões do denominado classicismo verbal português e editando todos os modernistas, com alguma originalidade, que não encontrem outro editor”².

É interessante notar que o discurso antilusitanista de Aranha correspondia ao anseio de libertação da arte produzida no Brasil, em relação ao *estrangeirismo*, como se pode notar em artigos publicados na própria revista. Tanto Ronald, quanto Renato de Almeida, ao falarem sobre a cultura brasileira, afirmavam a necessidade de uma autonomia e da originalidade artística no país. Esse discurso, certamente, fazia parte daquele movimento de afirmação do caráter nacional tão em voga naquele período da história.

Como se pode notar a partir desses trechos selecionados, havia, na proposta do autor daquela conferência, de uma forma indireta, uma crítica à proposta de unificação ortográfica defendida por *Terra de Sol*³ e Álvaro Pinto e, de forma direta, à influência portuguesa sobre a literatura brasileira. Para eliminar essa influência, nada mais justo, de acordo com a proposta de Graça Aranha, do que criar um dicionário brasileiro que eliminasse os portuguesismos, coisa que foi alvo de crítica presente no periódico estudado.

Os textos restantes sobre o assunto reafirmavam a postura de negação das idéias do escritor e acadêmico criticado pelo mensário. O exemplar número nove, último a abordar essa questão, trazia uma nota de satisfação pelo fato de a Academia ter negado as idéias de

¹ NOTAS E COMENTÁRIOS, jul. 1924, p.142.

² NOTAS E COMENTÁRIOS, jul. 1924, p.142.

³ É preciso frisar que a proposta só pode ser considerada de *Terra de Sol* tendo em vista o fato de alguns artigos, em defesa das idéias da vertente portuguesa, serem assinados pela revista.

Graça Aranha. Apesar de criticadas em *Terra de Sol*, as idéias desse escritor podem ser entendidas dentro do espírito de certas correntes da época. Negar a influência portuguesa seria negar o passado e alcançar o futuro, segundo a proposta aranhista. Renovar a Academia, recebendo apenas os partidários do espírito moderno e negando a influência da língua advinda de Portugal sobre a unificação do nosso idioma, seriam as formas mais eficazes de defender o próprio sentimento de nacionalismo tão presentes na mentalidade daquele período. Negar o passado seria um passo para o futuro “nacional”¹ da nação brasileira.

Essa postura de combate à influência portuguesa sobre a cultura brasileira era extremamente negativa para os planos de intercâmbio proposto em *Terra de Sol*. Por isso houve este movimento, dentro da revista, de combate às idéias de Graça Aranha. Sem se deixar abalar, o idealizador da vertente lusitana continuou buscando transformar suas idéias em realidade.

¹ Usamos o termo “nacional” no sentido utilizado por Graça Aranha em sua conferência. Ou seja, um país onde não existisse influência estrangeira. A originalidade brasileira em relação aos outros países estaria em mostrá-lo autenticamente brasileiro, autenticamente nacional.

4.4 A literatura

4.4.1 Introdução

Terra de Sol era uma revista de “Arte e Pensamento”, em que a literatura ocupava um espaço bastante expressivo. Em todos os números havia a publicação de vários textos literários, com predomínio da poesia sobre a prosa.

Como pudemos perceber pelo editorial da revista e pela análise de alguns dos textos de crítica publicados no periódico, não há, propriamente, a definição de um ideário ou projeto estético por parte dos seus colaboradores. O que havia era uma afirmação da necessidade de criar-se uma arte mais *autônoma*, que tivesse um caráter mais nacional ou individual e menos atento a regras impostas, como afirmava Tristão de Ataíde em “Americanismo”¹.

O periódico carioca contava com um número bastante grande e variado de colaboradores no campo da literatura, dentre os quais destacamos: Emílio Moura; Murilo Araújo; Cecília Meireles, que além de publicar um poema, foi antologada na seção “As Mulheres Poetas do Brasil”; Guilherme de Almeida; Wellington Brandão e Silveira Neto, além de alguns poetas que tiveram seus versos reproduzidos na revista, como no caso de: Alphonsus de Guimarães, Cruz e Souza, Olavo Bilac, Emiliano Pernetta e Castro Alves. Na prosa, Mário Sette, Lucilo Varejão e Ranulfo Prata foram os principais nomes, ao lado de Tristão de Ataíde, que publicou apenas um conto no número dois, correspondente a fevereiro de 1924.

Além de reproduzir poemas em algumas seções, como nas já citadas “As Mulheres Poetas do Brasil” e em “Páginas Portuguesas”², que fazia parte da “Vertente Portuguesa”, já analisada, *Terra de Sol* tinha a característica de traduzir alguns textos de escritores

¹ Sobre esse texto ver análise no tópico: O Brasil em *Terra de Sol*.

² Ver análise dos textos literários da Vertente Portuguesa.

estrangeiros, como no caso de “Poetas que virão”, de Walt Whitman¹; do conto “Ligéia”², de Edgar Allan Poe; de dois poemas da escritora uruguaia Juana Ibarburu³; da narrativa do escritor peruano Ricardo Palma, intitulada “Justos e Pecadores”⁴; além da reprodução de poema do brasileiro Fagundes Varela⁵, “Lo que yo adoro”, que fora traduzida para o espanhol por um escritor chileno. Essas publicações são reflexos de ideários do mensário que, como já afirmamos anteriormente, teria tentado conciliar o elogio ao Brasil com uma abertura ao estrangeiro.

Terra de Sol pode ser considerada como um exemplo da coexistência entre diferentes correntes nas primeiras décadas do século XX. Segundo Ana Luiza Martins, o período marcado entre o Fim do século até os primeiros anos da década de 20 seriam representativos de uma transição na produção literária do país:

coube de tudo um pouco: um agonizante Romantismo, um naturalismo à *clef* com tinturas positivistas e os prenúncios do Simbolismo, para o endosso e culto da *República das Letras*. Marcou-a, sobretudo, o desprezo ao decadentismo e a eleição do Parnasianismo triunfante; sem perder-se de vista o ensaio do moderno, que se avizinhou, ou, por outra, se esgueirava pelas brechas do sistema que presidia o culto literário⁶.

¹ A seção “Notas e Comentários” de Abril de 1924, trazia as seguintes informações sobre Whitman: “A tradução que damos no presente número de um dos singulares poemas de Walt Whitman, o Poeta-Profeta da grande raça yankee, é talvez uma das primeiras, senão a primeira, que aparecem em língua portuguesa”. NOTAS E COMENTÁRIOS, Abril de 1924, p.140. A historiadora Ângela de Castro Gomes afirma em nota de seu livro *Essa Gente do Rio: Modernismo e Nacionalismo...*: “Whitman era um poeta norte-americano que viveu de 1819 a 1892 e pensou/sonhou a questão da unidade de seu país. Su grande obra, *Folhas na relva*, era admirada, desde 1918, pela revista *América Latina*, sendo, portanto, uma consolidada referência para o grupo de *Festa*”. Ou seja, segundo Gomes, a antecedente de *Terra de Sol* já havia publicado uma tradução de versos do poeta norte-americano. GOMES, 1999, p.64. (nota 76).

² POE, Abril de 1924, p.113-121. O conto foi traduzido pelo escritor caboverdiano Januário Leite.

³ A seção “Notas e Comentários” do número 15-16, em que foram publicados os poemas de Ibarburu, trazia várias informações sobre a escritora uruguaia: “Juana Ibarburu, a autora dos lindos poemas que damos no presente número de *Terra de Sol*, em tradução literal, é, hoje, a maior poetisa uruguaia e uma das maiores da América Latina”. NOTAS E COMENTÁRIOS, Junho de 1925, p.443. Ver análise dos textos literários da Vertente Americanista.

⁴ Ver análise dos textos literários da Vertente Americanista.

⁵ Segundo nota inserida na revista, este poema, em espanhol, teria sido traduzido pelo poeta chileno Leonardo Eliz, e teria sido publicado originalmente em *La Revista Nueva*, de setembro de 1901 – Chile.

⁶ MARTINS, 2001, p.136.

A literatura de *Terra de Sol* é um reflexo dessas tendências destacadas por Martins. Nela foram editados textos de escritores que se orientavam por diferentes projetos estéticos. Já em relação ao *modernismo* do chamado “grupo de São Paulo”¹, que apresentava uma “atitude de rebeldia”² e representava a fase mais *revolucionária* desse movimento, não há sequer uma referência nas páginas do mensário carioca. A revista de Tasso e Álvaro, ao contrário do que viria a ocorrer anos mais tarde com a revista *Festa* – da qual é uma antecedente natural - também dirigida pelo poeta paranaense, ao lado de Andrade Muricy, não discutiu aquele modernismo paradigmático, não publicou os poetas dessa chamada *primeira hora*, nem se propôs como uma alternativa a esse movimento. O que se percebe, nesse periódico, é a presença de alguns escritores que viriam a ser considerados modernistas de uma *outra fase*, como no caso de Cecília Meireles, Emílio Moura e Guilherme Araújo, por exemplo.

Seguindo a metodologia adotada nessa tese na análise dos textos literários das revistas estudadas, buscaremos, portanto, destacar as temáticas principais e as características mais marcantes dos textos literários da revista, a fim de organizarmos um panorama da literatura em *Terra de Sol*.

¹ NUNES, 2002, p.41.

² NUNES, 2002, p.41.

4.4.2 Vertente americanista: poemas e traduções de textos

Os textos literários serão alvos de descrição nesta subdivisão que adotamos para relacionar os poemas e traduções que estão ligadas às propostas da vertente americanista.

Três dos textos selecionados nesta subdivisão pertencem ao exemplar 15-16, e apenas o poema de José Santos Chocano aparece no sétimo número da revista analisada. “El Noturno del relato del Viaje” é o título dos versos do poeta peruano Chocano. Este autor seria posteriormente biografado nas páginas de *Terra de Sol*¹. Nesta prosa poética, composta por setenta e dois versos, o eu-lírico relata uma viagem que faz em busca de si mesmo: “Madre mía: esta noche me pedes que te cuente/ um viaje... Y Yo creo que nunca estuve ausente!”². Ele conclui que a viagem teria valido a pena: “Mucho caminé... Siempre caminé... Estoy cansado;/ pero no me arrepiedo de lo que he caminado/ Quien camina se busca!... Buscándome en el mar/ y en la tierra he vivido, sin llegarme á encontrar...”³. Finda a caminhada, o eu-lírico afirma haver se encontrado com sua mãe, como se fosse para ela, ainda, uma criança. Desse reencontro ele conclui que descobriu-se percebendo que fora, como se nunca houvesse ido viajar: “he venido á encontrarme contigo todavía,/ como si no me hubiera separado de ti...”⁴. A temática deste texto de Chocano é de reencontro com seu mundo interior, e de descoberta de si mesmo.

O último exemplar da revista, publicado em 1925, trazia dois poemas, traduzidos para o português, da poetisa uruguaia Juana de Ibarburu. “Vida que prende” traz um eu-lírico apaixonado que dirige-se a seu amante pedindo-lhe que, quando morrer, abra-lhe

¹ Ver a subdivisão dedicada a descrição de textos de “Artistas e Intelectuais”.

² CHOCANO, jul. 1924, p.100.

³ CHOCANO, jul. 1924, p.100.

⁴ CHOCANO, jul. 1924, p.101.

caixão próximo a um “viveiro de pássaros” ou “junto a uma encantada cantiga de uma fonte”:

“À flor da terra, amante. Onde o sol aqueça os meus ossos, e de onde meus olhos,/ Alongados em caules, subam a ver novamente/ A lâmpada selvagem dos vermelhos ocasos”¹. O desejo de viver, expresso pelo eu-lírico nessas cinco estrofes de quatro versos, faz com que pense em, através da natureza, reaver a vida depois da morte.

O segundo poema de Ibarburu, “A Fugaz Inquietude”, direcionado ao “amado”, também tem como temática central a morte. A inquietude do eu-lírico, que parece incomodar o ser que ama, seria apagada no futuro: “Há de chegar um dia em que quedarei quieta/ Ai, para sempre, para sempre!/ Com as mãos cruzadas e apagados os olhos,/ Com os ouvidos surdos e a boca muda/ E os meus pés andarilhos em repouso perpétuo”². O eu-lírico, tendo em vista a passagem inevitável do tempo, pede ao amado que o deixe gozar o momento: “Oh, deixa-me gozar a doçura do instante/ como uma abelha ébria”³.

Republica-se, também no último exemplar de *Terra de Sol*, poema de Fagundes Varela traduzido para o espanhol pelo poeta chileno Leonardo Eliz. Retirado de *La Revista Nueva*, de 1901, os versos românticos do escritor brasileiro dirigem-se a uma pessoa que é adorada pelo eu-lírico e que, idealizada por ele, tem suas características mais puras descritas em suas palavras: “Lo que yo adoro en ti, es tu alma pura/ Cual la sonrisa angelical de un niño”⁴.

Essa musa ideal é adorada em um ambiente nebuloso, dos sonhos, e o eu-lírico a vê em toda a sua pureza, reproduzindo um pouco do estilo romântico: “I por eso en mis sueños

¹ IBARBURU, jun. 1925, p.276.

² IBARBURU, jun. 1925, p.277.

³ IBARBURU, jun. 1925, p.277.

⁴ VARELA, jun. 1925, p.367.

yo te veo,/ Entre nubes de incienso en aras santas,”¹ e ainda: “Cuan linda eras asi! Llamas divinas/ Circundam tus facciones puras, belas²”.

O último texto que descreveremos nessa subdivisão é uma narrativa traduzida por Argeu Guimarães. “Justos e Pecadores”, do escritor peruano Ricardo Palma³, foi retirado do livro *Tradições Peruanas*. Palma havia escrito boa parte de suas *tradições* em 1863 e, em 1872, lançou-as em diferentes edições. A história traduzida por Guimarães é ilustrada por figura que ocupa a página 344^A, do exemplar final de *Terra de Sol*. “Justos e Pecadores” remonta ao início do século XVII. Conta o narrador que no ano da graça de 1605, em frente à barbearia e taberna de Ibirijuitanga, havia um grande aglomerado de pessoas que assistiam a uma briga: “O caso era que quatro marotos de feia catadura, depois de esvaziarem alguns copos de vinho tinto até deixarem o diabo seco, negavam-se a pagar a despesa(...)”⁴. Desse fato, teria surgido uma discussão entre Ibirijuitanga, dono da taberna, “oriundo do Brasil”, e os baderneiros. O dono da taberna teria uma linda sobrinha, “Transverberação”, a quem protegia de galanteios de estranhos. A sobrinha também se protegia dos estranhos e negava-se a corresponder aos galanteadores, até que no dia deste ocorrido na taberna chegou a conhecer e mirar seus olhos nos olhos de Martinhos de Salazar, que já havia se comprometido com fidalga espanhola, Dona Engracia de Toledo. Desconfiando de traição, a fidalga, que já havia aberto a porta de sua alcova ao belo Martinho, manda matar seu amado Salazar para vingar-se. Salazar é assassinado na porta da taberna e, em função disso, Ibijuruitanga é condenado à forca.

¹ Idem. p.368.

² Idem. p369.

³ Ricardo Palma, escritor peruano, nasceu em 1833 e faleceu em 1919.

⁴ PALMA, jun. 1925, p.341.

Apesar da tragicidade do enredo, a narrativa possui um tom bastante popularesco e um narrador que interage com o leitor de maneira satírica. Ao falar sobre a retidão da sobrinha do taberneiro que recusava os galanteios de inúmeros rapazes, afirma o narrador:

Mas o demônio da paixão aparece quando menos se espera! Por suscetível que seja a mulher e por mais segura(...) lá vem um dia em que tropeça pelas ruas e depara com um mancebo de bigode sedoso, olhos negros, porte marcial... e adeus com todos os propósitos de manter a alma livre.

A eletricidade da simpatia dá uma pancada no pericárdio do coração¹.

Dos quatro textos descritos temos, como se observa, apenas uma narrativa. Os outros três são poesias de autores hispano-americanos e uma tradução, para o espanhol, de um poema de autor brasileiro, publicado originalmente em revista chilena e reproduzido em *Terra de Sol*. Apesar de tratarem de temáticas universais como amor, morte e encontro/reencontro consigo, os poemas ligados à vertente americanista, que descrevemos nessa subdivisão, apresentam vozes poéticas bastante individualistas e centradas no sentimento do eu-lírico.

Diferencia-se destes textos a narrativa de Ricardo Palma que descreve história popularesca e cheia de ironias que, apesar do final trágico e da temática amorosa, possui um narrador que relata, com objetividade, a história da injusta condenação à morte de Ibirijuitanga.

¹ PALMA, jun. 1925, p.342.

4.4.3 A seção “Páginas Portuguesas” e as obras literárias publicadas da Vertente Portuguesa

Para Álvaro Pinto era necessário trazer ao Brasil bons livros portugueses para que houvesse interesse da intelectualidade e do povo brasileiro em consumir a literatura lusitana. Por isso, criou-se a seção “Páginas Portuguesas”¹, semelhante a “As Mulheres Poetas do Brasil”, dedicada a apresentar aos leitores do periódico, escritores portugueses e trechos de suas obras. Foram alvos da antologia dessa seção: Jaime Cortesão, que era responsável pelas negociações relativas à Convenção Literária, membro da “Renascença Portuguesa” e colaborador de *A Águia*; Aquilino Ribeiro; Teixeira de Pascoaes, também um dos principais colaboradores de *A Águia* e grande mentor do movimento Saudosista² e, por último, Carlos Selvagem, autor da seção “Carta de Portugal”. Este último foi, inclusive, o escritor português que mais colaborou no periódico: Selvagem publicou em nove exemplares de *Terra de Sol*.

Outros artifícios são usados no periódico estudado para ampliar o conhecimento entre brasileiros e portugueses. Reproduz-se na revista, estudo de Mário de Lima Barbosa, sobre o líder setembrista Passos Manuel:

“Manuel da Silva Passos ou Passos Manuel, como soa mais vibrante esse nome nas páginas da história do liberalismo em Portugal, nasceu a 5 de janeiro de 1801, na aldeia de S. Martinho de Guifões, no conselho de Bouças, próximo do Porto³”

Esses ensaios iniciam-se no terceiro exemplar de *Terra de Sol*. Sua continuação aparece no quinto número, segue até o sexto, chegando ao final a publicação dos textos sobre o líder português no sétimo fascículo do periódico estudado.

¹ Ver descrição dessa seção em capítulo anterior.

² Para compreender melhor as idéias Saudosistas ver: OLIVEIRA, 1995.

³ BARBOSA, mar. 1924, p. 349.

Além de criar seções, de propor os acordos citados anteriormente e publicar esse estudo sobre Passos Manuel, a vertente lusitana reproduziu obras de autores portugueses para tentar colocar em prática a proposta de fazer com que o público brasileiro conhecesse livros de escritores lusitanos. *Os Trabalhos de Jesus*, do escritor quinhentista Frei Tomé de Jesus, apareceram em dez exemplares (2, 3, 5, 6, 7, 8, 9,10,11-12,13-14)¹ da revista.

Frei Tomé acompanhou D. Sebastião à África e foi capturado. Escreveu essa obra na prisão, enquanto aguardava resgate. “*Os Trabalhos de Jesus* destinam-se a consolar o autor, os seus companheiros de infortúnio e, em geral, toda a <<Nação Portuguesa>>, no tempo daquelas grandes jornadas de África(...)”². O texto do Frei foi reproduzido em dez dos dezesseis exemplares da revista e teve sua publicação interrompida no último exemplar do periódico, em junho de 1925.

Segundo Robert Ricard, em estudo sobre a difusão dos *Trabalhos de Jesus* na França:

La diffusion des *Trabalhos de Jesus* dans le monde entier est attestée par les traductions de cet ouvrage em latin, français, anglais, espagnol et italien. A cette preuve indirecte je puis joindre le témoignage d’un lecteur de qualité. Il s’agit du Père Jesuite Jean Nicolas Grou (1731-1803), religieux des hute certu el auteur de très remarquable traités spirituels, comme les *Caractères de la vraie dévotion*, les *Maximes spirituelles* e surtout le *Manuel des âmes interieures*³.

Nossa hipótese, sobre a divulgação dessa obra nas páginas de *Terra de Sol* relaciona-se, portanto, a esse aspecto editorial da obra que, como afirma Ricard, fora traduzido em várias línguas e teria atingido sempre um grande público leitor. Dessa maneira, essa obra atenderia plenamente à visão editorial e comercial de Álvaro Pinto. Já Ângela de Castro Gomes afirma que a publicação do livro de Frei Tomé estaria relacionada

¹ Ver índice geral de *Terra de Sol*.

² SARAIVA, 1976, p.453.

³ RICARD, 1949, p.6.

à “diretriz católico-espiritualista”¹ de alguns dos intelectuais que publicavam na revista carioca.

O Canto da Sereia, obra de D. João de Castro, que não havia ainda saído em livro em Portugal, passou a ser publicado a partir do sétimo número do periódico. Ao contrário de *Os Trabalhos de Jesus*, essa obra foi toda impressa na revista ao longo de seis exemplares (7, 8, 9, 10, 11-12, 13-14) de *Terra de Sol*. A última nota, inserida no periódico após a finalização da reprodução dos textos de D. João, afirmava que o romance seria, posteriormente, publicado na íntegra, em livro: “Este romance será publicado em volume, logo que o seu ilustre Autor proceda à revisão tipográfica que não pôde por ele ser feita para ‘Terra de Sol’.”²

A primeira obra já estava esgotada em Portugal e a segunda nem havia ainda saído em livro em seus país de origem. A proposta do editor dessas obras, publicadas pela *Anuário do Brasil*, seria divulgar esses textos para o público brasileiro através do periódico que estamos analisando.

A idéia mais ousada, no entanto, aparece no número duplo 11-12 que é todo dedicado a Camões. Para comemorar o centenário do grande poeta lusitano, publica-se, na íntegra, a obra *Os Lusíadas*. O poema épico de Camões ocupa noventa páginas do exemplar duplo, correspondente a dezembro de 1924. Como se pode notar, ao contrário das outras obras que foram apresentadas aos leitores ao longo de vários capítulos em *Terra de Sol*, a obra de Camões foi toda publicada em um único exemplar desse periódico.

¹ “A diretriz católico-espiritualista é também muito forte, havendo uma série de artigos intitulados “Trabalhos de Jesus”, a cargo do Frei Tomé de Jesus”. GOMES, 1999, p.52.

² CASTRO, jan. fev. 1925, p.151.

Esse número duplo nos interessa especialmente, pois foi todo ele dedicado ao ilustre poeta lusitano e trouxe nomes de importantes críticos e estudiosos da obra desse grande escritor.

Dedicado às comemorações do quarto centenário de nascimento desse poeta, esse exemplar apresentou aos leitores, ao todo, quinze textos e alguns excertos sobre Camões, que são distribuídos nos “Fins de Página” de *Terra de Sol*. Publicam textos nesse exemplar: Jaime Cortesão, J. J. Nunes, Agostinho de Campos, J. Barbosa Bettencourt, Antônio Sérgio, Manuel Ramos e Vieira de Almeida.

Dentre os textos dos autores citados, destacamos aqui o de Cortesão que traz notícias sobre carta inédita do autor de *Os Lusíadas*. Em meio a manuscritos do século XVI adquiridos pela “Biblioteca Nacional de Lisboa” encontrava-se a referida carta. Interessamos, porém, mais que a própria notícia, a consideração final de Cortesão que se relaciona diretamente à proposta da vertente portuguesa: “E se essa notícia igualmente inédita aqui damos, fazemo-la por amizade estreita a um dos diretores desta revista e, maiormente, como homenagem ao Brasil – a outra Pátria de Camões”¹.

Anunciar a existência dessas cartas inéditas seria um ato de amizade e de respeito ao Brasil, referido pelo intelectual português como a segunda pátria do grande poeta lusitano que é alvo das comemorações presentes nesse exemplar da revista.

Os outros textos de escritores portugueses que colaboram nesse exemplar resumem-se a tratar de assuntos relativos ao poeta, sem entrar, diretamente, nas questões propostas por Álvaro Pinto e sua vertente lusitana. Antônio Sérgio² discute a postura política de

¹ CORTESÃO, dez. 1924, p.156.

² SÉRGIO, dez. 1924, p.156.

Camões e as palavras do Velho do Restelo, enquanto Manuel Ramos¹ elogia o poeta e nega movimento de hostilidade a Camões que teria surgido no século XVIII. Vieira de Almeida², escreve um poema em que intercala em sua estrofes alguns versos de *Os Lusíadas*. Em sua poesia, há a reprodução do movimento das naus que levam os marinheiros a se encantarem com a terra que se avista ao longe.

Os textos restantes desse exemplar são produzidos por brasileiros que homenageiam o poeta lusitano. Afrânio Peixoto³, Afonso de E. Taunay, Alexandre de Albuquerque e Joaquim Nabuco têm textos impressos em *Terra de Sol* e escrevem sobre Camões com respeito e admiração pela obra desse poeta.

Além desses textos que destacamos acima, há páginas dedicadas a tratar das “Homenagens a Camões”. Em algumas notas são feitos comentários sobre os eventos em homenagem ao poeta. Dos acontecimentos mais importantes, merece destaque o discurso proferido na homenagem realizada pelo Conselho Municipal que tem trecho reproduzido nas páginas da revista:

“Considerando que hoje, 24, se comemora o 4^o centenário de nascimento do imortal cantor das glórias das descobertas e conquistas dos séculos XV e XVI, o padrão histórico comum a Portugal e Brasil(...)”⁴.

Dedicar todo um exemplar a Camões, propor acordos entre Brasil e Portugal, reproduzir obras de autores lusitanos e criar seções na revista para buscar o intercâmbio entre Portugal e Brasil. Além desses recursos, havia na revista a reprodução de fotos, em

¹ RAMOS, dez. 1924, p.164.

² ALMEIDA, dez. 1924, p.170.

³ Ver títulos dos textos desse autores no índice da revista, anexado a esta tese.

⁴ TERRA DE SOL, dez. 1924, p.280.

quatro exemplares desse periódico, dos chamados “Monumentos de Portugal”¹, que eram compostos por fotografias de importantes monumentos lusitanos como, por exemplo: o Convento da Batalha²; o Convento de Cristo³, em Tomar e a Igreja de Silves⁴.

4.4.4 Outras obras literárias

4.4.4.1 A poesia

Há em *Terra de Sol* um grande número de poesias que lidam com temáticas como o vago; o mistério; o estado de vigília; imagens crepusculares; de fantasmas e seres espectrais; além de várias referências a uma musicalidade, nos versos. Alguns exemplos desses tópicos podem ser encontrados em poesias de Murilo Araújo, como em “Doca Noturna”⁵. Nesse poema de 14 estrofes, de versos livres, o eu lírico descreve uma doca, vista por seu olhar, à “meia-noite”; nela, tudo parece repousar: o “transatlântico”, “as máquinas do porto”, num ambiente que naquele momento se definia por um “silêncio nostálgico”. A voz poética, então, parece ouvir de repente um “som pressago”, uma “emoção silenciosa” que o faz ver “Sombras de afeto, ânsias de abraços e de adeuses/ sussurro vago/ de emoções silenciosas”. As aliterações e assonâncias, além da rima, dão uma sonoridade suave ao poema, que desenha a melancolia decorrente das despedidas que antecedem a partida do “vapor”: “Vozes maternas, faces trêmulas e pálidas/ sorrisos mártires que florem dentre as lágrimas.../ longos abraços de ternura melancólica”. As

¹ Ver descrição geral da revista *Terra de Sol*. Aspectos externos da revista. Ver Índice de Ilustrações.

² MONUMENTOS DE PORTUGAL, ago. 124, p.257 A.

³ MONUMENTOS DE PORTUGAL, set. out. 1924, p.529 A.

⁴ MONUMENTOS DE PORTUGAL, jan. 1925, p.161 A.

⁵ ARAÚJO, Janeiro de 1924, p.42-43.

imagens meio indefinidas e quase fantasmáticas desse poema, aparecem em outros versos de Araújo, publicados no número 6, da revista. Em “Colonial”¹, o eu lírico pergunta: “Quem já não viu nos velhos lares de cem anos/ os fantasmas sem voz dos outros dias?”. A sonoridade é dada, também, pelas assonâncias, aliterações e rimas: “Mortas moradas... longas quimeras verdoengas.../ chácaras verdes, onde há verdes persianas”; as sibilantes, bastante sonoras, são acentuadas nos versos pelo recurso à própria letra /s/, repetida textualmente: “Das cornija usadas,/ poentas de ouro,/ pendem no ar, apagadas/ por entre fósseis e velhuscas teais/ e dentre os ss rústicos do enfeite/ antiquadas candeias”. O eu lírico, que fala do passado das casas coloniais, retorna à época da escravidão, descrevendo os tempos do “Brasil Menino e da Colônia.../ das cidades sem luz – pérola e prata -/ ao plenilúcio alegre em sonho e insônia...”. Algumas obras literárias são convocadas a compor esse cenário do passado: “Onde sorriu a *Diva*? E a *Viuvinha*?/ Oh! Num solar assim, sobre a vaga marinha”. E as imagens de fantasmas e sombras de um tempo remoto, aparecem nos versos finais: “E em velhos lagos brotam lágrimas que irroram/ E sombras vagas tremem e choram/ docemente - / docemente emocionais,/ sepultas numa água funda,/ de onde não surgirão agora mais”, para então desaparecerem definitivamente.

No poema autógrafo “Banco de Coral”², de Teófilo Dias, datado de 1887, no ambiente de mistério dado pela luz crepuscular, desenha-se um espetáculo de cores: “Sob as vagas o sol, misteriosa aurora/ Envolve em luz sanguínea um banco de corais”; “a madrepérola branca”, o brilho das “escamas” e o “relâmpago azul” compõem a cena dada pelo poeta nesse soneto em versos alexandrinos, que seria uma tradução de um poema do cubano Heredia.

¹ ARAÚJO, junho de 1924, pp. 319-321.

² DIAS, Set. Out. de 1924, p. 308.

A musicalidade é uma característica marcante no poema “Prelúdio n.3”¹, de Guilherme de Almeida. O próprio título, por si só, já é a chave para a compreensão da importância da música nesse poema. Já no primeiro verso, isolado da segunda estrofe, o eu lírico afirma: “Eu achei na minha terra a flauta de Pã”. Segundo Ana Balakian: “A flauta de Pã de Mallarmé e o violino soluçante de Verlaine não só foram usadas repetidas vezes, mas toda uma série de outros instrumentos foi acrescentada para comunicar o alcance de delicadas insinuações emocionais por parte do poeta simbolista”². Nesse verso de Almeida, a voz poética afirma ter encontrado o instrumento usado pela divindade greco-romana, em *sua terra*. O sujeito poético, então, convoca todos a ouvirem “cantar a avena pagã/ na ventania/ que, encanada entre os barrancos, assovia;”. O som se espalha por um espaço aberto, no meio de um campo, onde os “bambus acrobáticos vergados” e os “rios despedaçados” ouvem o “vento cheio de vogais”. E o eu lírico fecha o poema, repetindo o primeiro verso, do qual suprimiu apenas a expressão “na minha terra” – que parecia individualizar o local onde o instrumento fora encontrado: “Eu achei a flauta de Pã”.

Também em “Noturno”³, de Emílio Moura, a musicalidade aparece no próprio título e em outros recursos e elementos utilizados pelo poeta, como na referência ao compositor “Chopin”, e na utilização de rimas, assonâncias e aliterações. Segundo o Dicionário Aurélio, o *Noturno* significava, no século XX, um poema sinfônico que, por suas características, revive o espírito da serenata do séc. XVIII. Nesses versos curtos e sonoros de Moura, a palavra “hora” é repetida 6 vezes. Essa palavra aparece sempre acompanhada de um qualificativo pertencente ao campo semântico de quietude, docilidade, mansidão, sutileza: “Na hora quieta, na hora mansa”; “na hora sutil”, na “hora-veludo”. No silêncio da

¹ ALMEIDA, Set. Out. de 1924, p.325.

² BALAKIAN, 2000, p. 87.

³ MOURA, Maio de 1924, p.170.

noite “todas as formas para o olhar são belas”; nessa *hora* ideal, “que eu, na minha atitude comovida/ trouxe-te, eterna, para a minha vida!...”. Há uma atmosfera de comunhão do eu lírico com o ambiente, com o momento que ele tenta capturar com sua escrita, e o sentimento desse sujeito é de uma espiritualidade, como se se tratasse de um ritual, representado pelo termo “litúrgico”, e pela palavra “prece”. Essa religiosidade insinuada em “Noturno” era, também, uma das temáticas recorrentes em *Terra de Sol*, assumindo, em cada poema, características próprias e muitas vezes relacionadas às idéias de evasão, êxtase, mistério, do vago e de uma forte marca de subjetividade, elementos esses que já apareceram em vários dos poemas analisados anteriormente.

Dentro desse tópico entra um outro poema de Murilo Araújo, intitulado “Versos ao ouvido”¹. O silêncio e a quietude que estavam presentes em “Doca Noturna” reaparecem aqui: “Tranquilidade./ Desce o silêncio como um sonho sobre nós”. Há, assim como havia em “Noturno”, de Moura, uma comunhão com o ambiente, uma experiência espiritual que parece um sussurro aos ouvidos do leitor: “Um êxtase de alegria e oração...”; de olhos cerrados, o sujeito poético convida a “ver com a alma/ regiões de magníficas viagens -/ reinos mais claros do que o dia”, a transportar-se a outras regiões: “Cerra os teus olhos num mediúnico transporte...”. Alguns outros sentidos são convocados, a fim de ampliarem a experiência transcendente: “Sentes?”; “Ouves?/ Desce do céu um cântico sobre nós./ A vida se abre em florações miraculosas”.

Em “Balada para mim mesma”², de Cecília Meireles, a referência ao universo musical aparece no título, como em “Prelúdio n.3” e “Noturno”. Nesse poema, o primeiro verso “Para os meus olhos, quando chorarem” é repetido 5 vezes ao longo dos versos. As

¹ ARAÚJO, Janeiro de 1925, p.41.

² MEIRELES, Abril de 1924, p.45.

estrofes são dispostas da seguinte maneira: um terceto, um dístico, um terceto, um dístico – até a sexta; a sétima e oitava são ambas compostas por estrofes de três versos. O eu lírico deseja ver “belezas”, “doçuras”, “divinas solitudes”, deseja sentir seus olhos “verterem flores sobre os paludes...” quando “chorarem”, de maneira a suprimirem a tristeza das “noites mudas de desencanto”. Uma atmosfera evanescente percorre inúmeros versos, através de termos como “brumas”, “auras de plumas”; e a noite é o momento do choro. A voz poética parece buscar a elevação; a mudança da paisagem (transformando o pântano em lugar florido); a remissão dos pecados: “Para que os olhos dos pecadores/ Que os humilharem, que os maltrataram,/ Tenham carinhos consoladores // Se em qualquer noite de ânsias e dores/ Os olhos tristes dos pecadores/ Para os meus olhos se levantarem...”. O mesmo sentimento de piedade que aparece nos versos de Cecília, que se compadece da dor dos “pecadores”, aparece em soneto de Emílio Moura, intitulado “Em vão!”¹. O eu lírico vê passar uma “caravana”: “olhei tanto o crepúsculo na estrada,/ fitei cheio de pena a caravana:/ - Uns eram pobres – não tiveram nada,/ nem um sonho suavíssimo que engana”. A tristeza da voz poética ao ver essa cena, o leva a sentir uma “dor profana” que “diz que toda ventura ambicionada/ é uma miséria para a dor humana”. Sabendo da insignificância de uma ação, frente a uma realidade com a qual se deparara o olhar do eu lírico, “Prega a renúncia... Fala da atitude/ dos que fazem dessa íntima virtude/ todo o milagre de uma dor latente...”. Por isso, todo esforço parece ser feito “Em vão”: “Depois... Depois, quem foi que viu, somente/ a minha Dor, na refração da vida/ encher todo o deserto inutilmente?”. A dor e o sofrimento decorrentes da realidade, denotam um tom de pessimismo nos versos de Moura, ao contrário da elevação que se depreende dos versos finais do poema de Cecília.

¹ MOURA, Novembro de 1924, p.50.

O pessimismo e o desejo da condenação divina aparecem em outro texto, de Adelino de Magalhães. Na prosa poética intitulada “Dies Irae”¹, “Dia de ira! Humilhado em argila o Orbe, será desfeito por Ele!”, a ira de Deus destruiria a terra em função das atrocidades, dos pecados: “Épocas de devassidão, liberais, que permitis às gentes se iluminarem do bem, pesar do mal hegemônico”. A ira divina se reflete na própria linguagem, que busca traduzir a visão apocalíptica da realidade que se expressa em todo o texto. Todos os problemas da terra são descritos e clama-se a todo momento: “Hosana! Hosana!”, “Miserere”, “Vinde”, “Dies Irae!”, para pedir a salvação: “Cristo, ó da doçura de Jeová pulcro filho – Dies irae! – salvai-me do rancor de Jeová! Do rancor de Jeová!.. Miserere!”.

Já em “Noite de Natal”², de Silveira Neto e em “Os reis magos da legenda nova”, de Arnaldo Damasceno Vieira³, o otimismo e a visão positiva dão o tom à descrição da jornada dos reis magos. No primeiro poema, a “Estrela dos Reis Magos!” indicava o caminho do “berço pequenino” onde se encontrava o filho de Deus. No poema de Vieira, eles “Vieram de longe, de muito longe/ Das névoas misteriosas,/ À borda dos rios sagrados”. O poema descreve a jornada desses reis, que passavam por belas paisagens e a ela se curvavam: “às plantas do Senhor”. Em “comunhão” com o ambiente, como em “Noturno”, de Moura, os reis se vergaram humildes frente às criações divinas, e construíram: “Templos de ouro e marfim, Jardins maravilhosos/ Como os de Semiramis e de Salomão”.

¹ MAGALHÃES, Abril de 1924, p.109.

² NETO, Fevereiro de 1924, p.153.

³ VIEIRA, Março de 1924, p.300-301.

O Amor é outra temática recorrentemente abordada em poesias de *Terra de Sol*. Em trecho de poema de Castro Alves, publicado sob o título de “Num Álbum”¹, o encontro amoroso se aproxima do êxtase divino: “Queres ver o Paraíso?/ Descerra os lábios... Um riso/ Vem-nos o Éden mostrar.../ Canta!... E aos hinos sagrados/ Verás no Céu debruçados/ Os astros pra te escutar”. A mulher, idealizada, é observada pelo sujeito poético, “- Quando rezas inocente -”. Sua beleza é tão grande e se aproxima tanto da perfeição e da “harmonia”, que: “Quebra a lira o Bardo santo/ Ao ver um sorriso teu.../ Rasga a tela Rafael.../ Fídias estala o cinzel.../ Deus treme de amor no Céu” – o poeta Ossian, o pintor Rafael, o famoso escultor grego Fídias e Deus, síntese suprema e superior a todos os outros criadores de arte, reverenciariam e se curvariam à mulher desejada pelo sujeito poético. A idealização da pessoa desejada é abordada de maneira muito semelhante em soneto de Cruz e Souza, que também fazia parte dos “autógrafos” publicados no mensário carioca. No soneto “Enlevo”, a figura desejada é representada em toda a sua pureza: “inocente, imaculada”; de “cândida fragrância”; um “Arcanjo ideal de auréola delicada”. O amor não se concretiza e só parece ser possível através da “Visão consoladora da Distância...”.

Angelical, também, é a figura observada e desejada pelo eu lírico do soneto “Visão das Noites Brancas”², de Alphonsus de Guimarães. Como um “vulto” branco: “Ó lírico albente, ó pálida açucena”, que se “espiraliza em luz e se distende”, a figura parece pairar à desmaiada luz do “luar notívago”. Esse ser ideal, quase espectro que é visto apenas pelo sujeito poético: “No alvor que ninguém vê, a não ser eu”, “Diante dos meus olhos

¹ ALVES, Julho de 1924, p. 14. Na seção Notas e Comentários, do número 7, há a informação sobre esse “autógrafo” de Castro Alves: “O autógrafo precioso de Castro Alves que reproduzimos em gravura neste número representa um trecho de canção, - de uma das peças mais deliciosas do grande cantor da escravatura. Que mais fora necessário acrescentar?”. NOTAS E COMENTÁRIOS, Julho de 1924, p.149.

² GUIMARÃES, Janeiro de 1925, p.71. (O título dos textos, no Índice, é: “Dois sonetos inéditos de Alphonsus de Guimarães”).

desapareces/ Como o sonho de alguém que já morreu”. Assim como nos poemas anteriores, não há concretização do amor, possível apenas através do olhar dos sujeitos poéticos. Em “Romantismo”¹, de Correia Junior, o ser amado é também uma “sombra”. A noite, espaço de tempo eleito pelos poetas em vários dos poemas anteriores, seria o momento ideal “para amantes de balada...”, “para amantes de novela...”. Nesses versos decassílabos, o sujeito poético estende suas mãos, em busca da “sombra amada”, mas o amor só parece possível no sonho, no desejo de possuir o outro: “Que tristeza ser só! Que desconforto/ Há na lembrança do meu sonho morto,/ Numa noite, como esta, de aquarela”. E a única saída para essa voz poética é ficar “a evocar tua sombra amada”.

Em “Nas Brumas”², de Carlos Magalhães de Azeredo, as cores - violeta, ouro, cinzento, branco, irizado (arco-íris) - compõem o espaço onde o eu lírico vê a figura desejada. Nesse poema, composto por longas estrofes, por um léxico bastante rebuscado – “nacarado”, “náíade”, “coma”, “umbrosa”, “venusto”, “mesta” – e por uma linguagem grandiloqüente, uma mulher de linhagem nobre, neta de “marquesa”, “na corte da granducal Toscana”, parece entediada: “uma atitude de fadiga, de abandono/ como de quem se arrasta a custo no mal compensado trabalho/ de existir... Certo, o *spleen*, a londrina tristeza/ se lhe infiltrou(...)”. Na luz do “crepúsculo” o sujeito poético mira essa mulher e sonha: “que nós ambos, em barco incerto e lento/ viajávamos para um país ignoto/ onde o sol não brilhava, onde nas brumas/ era pálida a relva(...)/ pálidas como a areia e as vãs espumas/ as vagas mudas e espectrais do oceano”. A sonoridade dos versos é bastante acentuada pelas rimas, pela repetição de algumas palavras, nos versos, e por alguns sons, como “v”, “b”, “e” que são monotonamente repisadas no poema.

¹ JUNIOR, Agosto de 1924, p.178.

² AZEREDO, Janeiro de 1925, p. 54-56.

Em “Vilancete”, autógrafo reproduzido de Aníbal Teófilo, o mote era: “Viveis eterna a meu lado,/ E estais tão longe daqui!/ Como foi que eu vos perdi?”. O eu lírico vivia ao lado da pessoa amada, num amor que fora concretizado: “Eram tão firmes os laços/ Que nos ligavam então/ Coração a coração/ Ora feitos em pedaços!...”. O sujeito poético passou a viver uma vida infeliz: “Vivo assim porque morri/ No dia em que vos perdi”.

Como se pode perceber nos poemas acima, o amor assume diferentes formas nos versos analisados de cada um dos poetas, predominando a idéia de distanciamento e impossibilidade de concretização. Na maioria dos poemas, o ser amado aparece descrito como uma imagem ideal e inatingível.

Outra temática que se repete em alguns poemas de *Terra de Sol* relaciona-se à *inquietação existencial* do sujeito em relação à vida, presente e passada; ou em relação à própria morte. O eu lírico de “Maldição”¹, soneto autógrafo de Olavo Bilac publicado no primeiro número, deixou “dormir”, “por vinte anos” a sua “maldição”. Sua alma “velha e cansada da amargura” resolveu “hoje” abrir-se “como um vulcão”, em “torrentes de cólera e loucura”. O sentimento guardado, escondido em uma “furna escura” e a alma torturada resolveram libertar-se do sofrimento de tantos anos; a causa dessa dor estaria em outro ser, a quem o sujeito poético deseja ver sentir o mesmo: “Sobre a tua cabeça ferverão/ Vinte anos de silêncio e de tortura/ Vinte anos de agonia e solidão...”. Os dois últimos tercetos, exclamativos, eram compostos de versos, também decassílabos, que acusavam esse outro ser pela sua grande infelicidade: “Maldita sejas pelo ideal perdido!”, “Pelo amor que morreu sem ter nascido!”. Mas o desassossego maior se deveria, em resumo, à própria existência do eu lírico, em relação ao que se é, e ao que poderia ter sido, mas não foi: “Pela tristeza do que eu tenho sido!/ Pelo esplendor do que eu deixei de ser!...”.

¹ BILAC, Janeiro de 1924, p. 12.

Em “Menestrel”¹, de Agrippa de Vasconcelos, o eu lírico também lamenta sua sorte: “O meu destino fúlgido eclipsou-se/ Nesta existência de ambições mesquinhas,/ Onde espio, ante a sorte que m’as trouxe/ Terríveis culpas que não foram minhas”. Ele desejaria ter vivido uma outra realidade, num “reino doce/ De povo exemplo das nações vizinhas/ Mas em castelo esplêndido onde eu fosse/ Menestrel favorito das rainhas”. Transformar-se-ia ele em um trovador medieval, esbateria “da corte os tédios rudes” e “Teria o amor; a justiça para o agravo/ E, porque não dizer? Beijos da infanta/ Nas ausências, por guerras, do rei bravo”. Ser poeta significaria a possibilidade de uma existência diferente, na qual ele espantaria a tristeza, e teria em sua alcova, “por que não”, a filha do rei ausente em função de batalhas.

O sujeito poético do soneto “Incognitus”², de A. J. Pereira da Silva, encontra-se diante de angústias e dúvidas: “Anda comigo uma tristeza estranha.../ Tristeza? Não. Saudade inconsequente/ De um país que uma luz de lua doente,/ Como os minguentes outoniços, banha”. O lugar que causa nele o sentimento saudoso, seria uma “idéia imanente” que o acompanharia; só que a incerteza e inquietação daquele momento não seria fruto do presente, mas da possibilidade de uma vida passada: “Vivi alhures?... Guardo impercebida,/ Como na calma azul de um céu profundo,/ A ingênita memória de outra vida?”. Essa dúvida, no entanto, se dispersa e se transforma em uma certeza no último terceto: “Quem sabe? ... Um senso incógnito me diz/ Que de outra forma viva e noutra Mundo/ pode alguém ser feliz... e eu fui feliz.”.

Já em “Da Lírica”, de Paulo Gonçalves, o sujeito poético busca compartilhar com a pessoa a quem se destina seu questionamento, a certeza da existência de vidas passadas:

¹ VASCONCELOS, Março de 1924, p.309.

² SILVA, Agosto de 1924, p. 164.

“Nunca te pareceu prolongares no espaço/ Nos momentos do teu mais lírico transporte,/ Um idílio que foi, num beijo, ou num abraço/ Numa vida anterior truncado pela morte?”. O amor do presente, corresponderia “a um outro”, “E a alma de nossa eleita de outra idade/ Que iremos descobrir, mas não sabemos onde,/ Nos adivinhará também pela saudade”. No momento atual, sem se lembrar do que vivera, essa mulher aguarda “O noivo espiritual, de quem não tem memória”; para fazer renascer o sentimento passado, bastaria um encontro: “Para que ressuscite, de repente/ A paixão imortal, na vida transitória”. Nesse poema, duas temáticas se aproximam: o amor e a agitação de sentir-se frente à sensação de ter vivido em outro tempo e lugar. Nesse sentido, a relação amorosa e a imortalidade desse sentimento não seria impedido pela certeza da transitoriedade da vida.

O eu lírico do soneto “Segues...”¹, de Alphonsus de Guimarães, consciente da inevitabilidade da morte, encara com otimismo a transitoriedade da vida: “Segues para a velhice tão contente/ Como se caminhasse para um trono/ A tua alma como um solar sem dono/ Vive de sonhos no teu corpo doente”. Para exprimir a passagem do tempo, o poeta cria metáforas que partem de elementos da natureza em sentido de queda, de proximidade do fim: “o sol está no poente”, “o roseiral murchece no abandono” e “Que importa a primavera? Veio o outono”. Diante do inexorável, a saída apresentada pelo sujeito poético é: “Cerra os olhos suavíssimos e mira/ Os dias que se foram, no letargo”. A voz poética então conclui: “Feliz quem na paz eterna expira.../ Solta as velas à nave. Eis o mar largo./ Eis a bonança. Levem-te bons ventos”.

Em “Uma hora de dor”, de Emiliano Pernet, o sujeito poético não tem a mesma lucidez e a aceitação diante da morte, se comparadas aos versos de “Segues...”. Nesse

¹ GUIMARÃES, Janeiro de 1925, p. 70. (o título no Índice da revista é “Dois sonetos inéditos de Alphonsus de Guimarães”).

poema, o eu lírico dialoga com seu coração que bate acelerado: “- Meu coração, porque é que bates,/ Tão apressadamente, assim? Não me vou ferir em combates”. A voz poética parece tentar convencer-se a si mesmo, de que nada teme: “Por que é que bates, pois, porque/ Se eu não tenho medo da morte?”, mas a batida incomum desse órgão demonstra que seus argumentos não têm efeito sobre o coração. Mesmo assim, nos quatro tercetos finais, a argumentação se intensifica, no caminho da aceitação, mas sem deixar de lado a relação paradoxal que se estabelece em todo o poema, na luta entre a razão – do pensamento que argumenta todo o tempo – contra o coração – que representa o sentimento do sujeito diante da morte. Assim, ele afirma: “Quando tiver que vir, que venha”, “Há de encontrar-me como um justo/ Pálido sim, pálido, mas/ Sem o menor receio ou susto”. Ele deseja ver a morte se aproximar, sozinha: “Simples, sutil, solene, amarga”, mas a violência da forma como ele imagina que será abordado, parece contraditória com a sutileza e solenidade com que a caracterizou: “Ponha-me o pé sobre a gargante/ Calque-me bem, como uma planta/ Erva ruim, maldito pó!”. Nesse poema, portanto, a relação do sujeito poético com a morte é bastante paradoxal e demonstra uma oscilação entre a razão e o sentimento, entre a tentativa de aceitação e a percepção da crueldade do fim.

O eu lírico angustiado de Emiliano Pernetta em “Uma hora de dor” é substituído por um outro que parece mais irônico, totalmente pessimista e cético. O soneto “Versos a um coveiro”¹ descreve e caracteriza o trabalho do sepultador de corpos: “Numerar sepulturas e carneiros,/ Reduzir carnes podres a algarismos,/ Tal é, sem complicados silogismos,/ A aritmética hedionda dos coveiros”. Algumas expressões esdrúxulas - como “carnes

¹ ANJOS, Março de 1924, p. 288.

podres”, “tápidos carneiros”¹ - e as afirmações sobre a frieza e cálculo do executor dessa função demonstram uma agressividade e uma dureza chocantes, principalmente se comparadas essas características a todos os poemas analisados até o momento. A morte se resume a um número a mais, a uma sucessão infinita de ossos, ao inexorável:

“Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos/ Da Morte!(...)”; “Oh! Pitágoras da última aritmética,/ Continua a contar na paz ascética”, “Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros/ Porque, infinita como os próprios números/ A tua conta não acaba mais!”.

Saindo da poesia², passaremos então para uma análise da prosa publicada em *Terra de Sol*.

4.4.4.2 A prosa

Grande parte da prosa publicada em *Terra de Sol* apresentava um certo caráter moralizante e alguns aspectos religiosos, que se traduziam nos textos de alguns dos principais autores da revista.

Em “Seu Arcanjo ou o Paraíso Perdido”³, de Tristão de Ataíde, o protagonista Gabriel era conhecido pelo apelido de “Arcanjo”. Trabalhador e muito simples, casado com Eurídice, mulher também bastante simplória, seu sonho era trabalhar no teatro; e ele assumiu, então, a função de “porteiro do Teatro Municipal”. A partir daí, Gabriel vai

¹ “Tábido” significa podre, corrupto e “carneiro”, nesse poema, significa gaveta ou urna usada para sepultar cadáveres.

² Com essas análises, buscamos apenas situar as temáticas comuns a alguns poemas da revista, a fim de estruturarmos um panorama da poesia de *Terra de Sol*. Isso significa que foi feita uma análise prévia da produção literária, uma sistematização de temas possíveis e, por fim, a produção do texto desse trecho do terceiro capítulo. Essa seleção, portanto, implicou a exclusão de alguns poemas que consideramos como produções isoladas – ou seja, que não fazem parte de nenhuma das temáticas acima – que não chegaram a caracterizar a poesia do periódico.

³ ATAÍDE, Março de 1924, p.166-172.

pouco a pouco mudando o seu comportamento: passa a admirar as pessoas ricas e a desprezar os mais simples¹; começa a beber; perde o emprego²; abandona Eurídice. Ela, então, encontra um homem rico e ele vê seu mundo ruir completamente: perdeu uma “perna”, passou a mendigar na porta das igrejas e viu sua ex-esposa passar ao lado do marido que construía para ela um belo “palacete”.

Não pôde mais sofrer. E tinha quase sempre uma grande alegria. Quando à noite, no seu sono de leproso, numa cocheira de carroças da Piedade, na palha imunda dos animais, sonhava com a sua casinha de outrora. E pouco a pouco a casinha se desvanecia, para ficar apenas a imagem da sala de jantar, o Arcanjo rutilante que era ela, ele Gabriel em carne e osso, com as suas pernas, a sua face de outrora, expulsando de casa os dois culpados, humilhados, corridos de vergonha, despidos de tudo ao passo que ele brandia seu gládio vingador³.

Nesse conto, como se pode notar, o protagonista foi punido de várias formas – perdeu a esposa, o trabalho, uma perna, a dignidade – perdendo, enfim, o seu *paraíso*, como se explica no próprio título desta narrativa.

Em vários outros textos da revista, a morte é apresentada na narrativa como a única saída encontrada pelos personagens para evitar ou reparar um comportamento considerado indigno ou moralmente reprovável. Em “As Guilhotinas”, de Carlos Magalhães de Azeredo, o protagonista Jorge, que lia uma obra de poesia de Albert Samain, deixou cortar-se todo o livro na guilhotina, por “pensar demasiadamente em Magda”⁴. Os versos do poeta francês lhe aparecem, então, como uma “dupla inspiração”: “*Ó Soeur! Mas pela primeira vez os sentidos rebeldes, a imaginação atrevida... Nudité! Jardin rose e divin de la femme!*”.

Na irmã do poema o protagonista imagina a nudez da mulher que ele amava : “Aquilo era

¹ “A humanidade passou a dividir-se para ele em duas classes: a dos que usam casacas e jóias verdadeiras e a dos que não usam casacas nem jóias verdadeiras. E quanto mais se curvava diante das casacas e jóias, mais se empertigava perante os outros mortais desprovidos desses atributos”. ATAÍDE, Fev. de 1924, p.169.

² “Foi suspenso do serviço de saúde pelas faltas sucessivas. Vivia pelos cafés, a contar as noites do Municipal, a descrever jóias e vestidos. Bebia. Armava conflitos. Meteu-se com mulheres. O vagabundo clássico”. ATAÍDE, Fev. de 1924, p.170.

³ ATAÍDE, Março de 1924, p.172.

⁴ AZEREDO, Junho de 1924, p.350.

novo nele, e dava origem a sua nervosidade. Como ? ao cabo de dois anos, quando se acreditava já imune de tais tentações?”. Aquela era uma paixão cultivada desde a infância; ele se lembrava de cada minuto passado ao lado dela; desejava ficar sempre com Magda; queria vê-la, naquele momento, mas resolveu, por fim, escrever-lhe uma carta.

O fato de ser um “homem civilizado, cristão e cavalheiresco”¹, entrava em conflito com a própria consciência do protagonista, pelo fato de desejar uma mulher casada². Escrita a carta, decidiu não entregá-la, mas encontrou-se com ela à porta do “cinematógrafo” e, juntos, viram na tela uma história³ que espelhava a deles. A questão moral era caracterizada, no texto, como uma “luta entre o bem e o mal”. Ele resolve, então, ligar pra ela, dizendo que iria se ausentar; por fim, encontrou-se com Magda: “Aquela visita de despedida, para uma ausência de oito dias, foi uma prova mais do ponto crítico a que havia chegado a paixão de ambos”. A saída encontrada pelo protagonista foi, então, lançar-se ao mar: “No derradeiro olhar, de um segundo, em torno a si, antes de sossobrar definitivamente, ele enxergou, longe, numa praia sonhada, irreal, Magda, que estendia os braços para o núfrago, pálida, lívida, paralisada de terror...”⁴. A morte foi a saída encontrada por Jorge para evitar o adultério, ato considerado abominável, pelo narrador da história.

Um outro texto, bastante semelhante a essa de Azeredo, era “Pela sua felicidade”, de Lucilo Varejão. Nessa narrativa, conta-se a história de Grinaura, que gostava muito de Celso e que sentia por ele uma paixão semelhante às que lia nos “romances franceses”. Ele, no entanto, a abandonara. Ela sofreu duramente durante 3 anos. Um dia, um primo a pediu

¹ AZEREDO, Junho de 1924, p.353.

² “O marido de Magda era um homem insignificante, ainda que rico e bem educado”. AZEREDO, Junho de 1924, p.355.

³ Na tela branca, diante dos seus olhos, a fita narrava uma história do mesmo gênero. Mas que necessidade havia de buscar argumentos num drama de cinematógrafo?”. AZEREDO, Junho de 1924, p.355.

⁴ AZEREDO, Junho de 1924, p.359.

em casamento e ela aceitou. Teve filhos, viveu uma vida *digna* e até feliz. Mas, um dia, revê Celso à porta de um cinema. Todo o sentimento antigo retorna, e ela muda. Repentinamente, ele entra em sua casa e tenta seduzi-la, deixando-a completamente lânguida e tentada, mas Grinaura resiste. Diz a ele que não e, quando o *sedutor* tenta fugir, ela atira nas costas dele, não pelos filhos nem pelo marido, mas em função da “própria felicidade perpetuamente ameaçada enquanto vivesse aquele homem pérfido e tão cheio de seduções”¹. Assim como no conto de Carlos Magalhães de Azeredo, o adultério foi evitado com a morte.

Em “O Tio Neca”², de Ranulfo Prata, a morte também foi a única saída para evitar um comportamento que seria reprovado pela sociedade. Neste conto, o narrador, em primeira pessoa, dirige-se³ ao leitor a todo o momento. Depois conjecturar longamente acerca da ficção e da realidade, ele compara a situação das fazendas “riograndenses”, “mineiras” e “paulistas”, às do “infeliz Nordeste das políticas, das secas, das endemias e da pobreza”⁴. O narrador, então, insere em seu texto um questionamento que ele considera que o leitor *contemporâneo* faria a ele: “- Pois ainda te afoitas, ó humilde narrador, a escrever sobre vaqueiros e vaquejadas, depois que o gênio de Euclides da Cunha entalhou no bronze da língua as fulgurosas páginas quase decoradas por mim?”, ao que ele responde, com a própria narração. As descrições do espaço⁵ são longas e detalhadas; o protagonista, que intitula o texto, era “Neca Justino”, homem simples, bom, trabalhador que um dia, caminhando, encontra no cominho uma criança abandonada. Ele a recolhe, leva para casa e

¹ VAREJÃO, Maio de 1924, p. 223.

² PRATA, Set. Out. De 1924, p.399-403.

³ “Não ma tomem por fantástica esta narração. A verdade é às vezes mais inverossímil que a ficção, disse acertadamente famigerado escritor”. PRATA, Set. Out. de 1924, p.399.

⁴ PRATA, Set. Out. de 1924, p.399.

⁵ Segundo Temístocles Linhares, o “Norte e o Nordeste” eram espaços recorrentes nos romances do sergipano Ranulfo Prata desde o seu “primeiro livro”. LINHARES, 1987, p.276.

junto da esposa e dos outros filhos, eles passam a criar a garota. Valéria, aos 15 anos, não “era um tipo rafaelesco, fino e esguio, como liberalmente se usa com as heroínas das novelas”, mas tinha “uma formosa e escampada fronte e fartos cabelos pretos”, era uma ótima filha que ajudava a mãe na cozinha a fazer o “dicomê” e ajudava, também, o pai, nas vaquejadas, sempre junto dele. O sentimento do protagonista, então, foi mudando em relação a essa moça:

“E Neca Justino, sentado à margem do rio, com a cabeça presa entre as mãos, estupidamente aparvalhado, pensava na desgraça que se despenhara, como um raio matador, sobre ele: a paixão que nele despertara Valéria, a sua filha adotiva”. Ele passa a lutar contra esse sentimento, se isola, entristece, mas não consegue modificar o que sente. A saída, então, foi a morte: “caminhou tranquilamente para diante, mais para diante, mais ainda... inclinou o corpo e submergiu na profundidade do abismo...”. O suicídio era preferível ao incesto, neste conto de Prata inserido posteriormente em *A Longa Estrada*, obra editada pela “Anuário do Brasil”.

Em outro texto de Ranulfo, trecho do romance *O Lírio na Torrente*¹, vários acontecimentos antecedem a história central que justifica o título da narrativa. Fortunato sempre fora apaixonado por Chiquita, uma moça que se tornara prostituta e que vivia em outra cidade; um dia, ouvindo um ruído, ele abre a porta e vê caída no chão essa mulher que ele sempre adorara. Ela, muito doente, passou dias e dias na cama, sofrendo, até que, enfim, recuperou-se completamente e ambos passaram a viver uma idílica história de amor². Mas a felicidade de Fortunato foi abalada por sua própria consciência: “O passado de Chiquita,

¹ O romance *O Lírio na Torrente*, de Ranulfo Prata foi publicado pela primeira vez em 1925 pela Editora de Álvaro Pinto, a “Anuário do Brasil”. Na revista *Terra de Sol* editou-se um longo trecho dessa obra, no último exemplar, 15-16, correspondente a Junho de 1925. PRATA, Junho de 1925, p. 316.

² Temístocles Linhares afirma que: “a acusação que pesou sobre o romance foi de dramalhão de capa e espada”. LINHARES, 1987, p. 280.

que ele esquecera num milagre de amor generoso e forte, ressurgia de repente diante de seus olhos, assombroso e horrendo como um espectro que lhe aparecesse pela noite alta(...)”. Perturbado, ele muda seu comportamento e, não conseguindo viver com aquela situação, ele resolve jogar-se com ela em uma cachoeira: “Fortunato levantou nos braços o esvaecido corpo da amante e ainda teve tempo de beijá-lo nos lábios, nos olhos, na testa, nas faces... Descerrou-se o velário de colorida espuma e a canoa desapareceu...”¹.

Em “O Sacrifício”, outro conto de Lucilo Varejão, o protagonista João Cláudio “Tivera uma mocidade muito agitada. Fizera toda sorte de loucuras, estragara muito dinheiro, comprometera um tanto a saúde”. Passados vários anos, ele “ia aos poucos percebendo melhor a esterilidade daqueles longos anos vividos sob o domínio absoluto dos sentidos(...)”. João lembra-se, então, de seu filho, fruto de um relacionamento com uma mulher casada; ele recorda todos os “secundários detalhes, as baixeiras a que então descera para poluir uma pobre mulher – que lhe devia ser duplamente sagrada”, já que era casada e esposa de seu amigo. Os qualificativos utilizados para caracterizar o caso amoroso, como “baixeiras”, “poluir”, “crime”, denotam o juízo moral do narrador diante do adultério. Aos sessenta anos, João Cláudio resolveu aproximar-se do filho e passou a frequentar a casa do amigo, já viúvo; concluiu que este, apesar de traído e de ignorar o fato de ser pai de um filho de outro homem, era muito mais “feliz”² que ele mesmo. Essa felicidade passou a incomodá-lo e a “inveja” o levou a desejar contar a verdade ao filho e ao amigo, até que soube que o *traído* seria avô: “E João Cláudio, que já o ferira tão fundamente na sua honra de homem honesto, não quis feri-lo de novo no coração”. O protagonista, então abandonou a casa para lá “nunca mais” pôr “os pés”. É importante notar que nesse conto, assim como

¹ PRATA, Junho de 1925, p. 316.

² “Sem mocidade, sem saúde, sem filhos – como ele repugnava agora irrisórios os argumentos em que sempre se abroquelara para evitar o matrimônio”. VAREJÃO, Julho de 1924, p.71.

em “Pela sua felicidade”, é o homem o acusado de seduzir a mulher casada e *honest*a – que cede ao adultério, como em “O Sacrifício”; ou sente-se tentada a ceder à sedução, como no caso de Grinalva. Há semelhança, também, entre o personagem Gabriel, do conto de Tristão de Ataíde e João Cláudio: ambos teriam optado por viver uma vida sem regras e tiveram de pagar por essa escolha; ambos ficaram sozinhos em função de suas próprias escolhas na maneira de viver.

Em “Um Homem singular”¹, o tema é, também, o adultério. Nesse “Capítulo de Romance”, de Raul de Azevedo, o teatro era o espaço onde o narrador em primeira pessoa assistia a duas histórias que se espelhavam, de maneira semelhante ao que ocorria em “As Guilhotinas”. Ele observava no camarote à sua frente uma mulher que traía o marido, e via sentado na platéia, o amante: “O moço que estava ali a olhá-la da platéia, era um dos melhores amigos meus. Uma noite, num intervalo dos intervalos de espetáculo, ele contara-me os seus amores, as suas poucas alegrias, as suas grandes tristezas”. Contara que ela se casara “obrigada”: “Sacrificara-se tendo não sei que esperança a bailar-lhe no cérebro”. Ele, então, tentara fugir da paixão, mas não conseguira: “homem apaixonado e mulher fraca que eram”. A peça, baseada em história “francesa”, mostrava a protagonista, ajoelhada no chão, a suplicar ao marido que a perdoasse pelo ato de adultério; o velho com quem se casara a moça observava o “drama estrangeiro”, atentamente:

“E quando viu no palco o marido ultrajado, desesperado e louco, matou a mulher, a sua vida, esse pobre espectador, vítima do mesmo crime, - olhou sua companheira, dizendo com os olhos alguma coisa que a abalou...”. A moça, então, chorou copiosamente, enquanto da platéia, “o moço culpado” se indagava “como acabaria o seu próprio drama...”.

¹ AZEVEDO, Junho de 1924, p. 322-324.

Outro aspecto que se observa na prosa publicada em *Terra de Sol* é a existência de alguns textos que se relacionam a um espiritualismo, que já havíamos destacado em algumas poesias, mas que nas narrativas assume um viés cristão mais acentuado. Além dos *Os Trabalhos de Jesus*¹ - obra do Frei Tomé de Jesus, que esteve relacionada à Vertente Portuguesa, mas que Ângela de Castro Gomes associou a uma diretriz “católico espiritualista”² de alguns dos colaboradores do mensário - , há mais três narrativas que se inserem nessa temática.

O narrador de “O Pântano”, de José Geraldo Viana, quando se tornou membro das “ordens menores” da “Santa Madre Igreja”, já sofria de problemas nos pulmões. Em função do agravamento de sua doença, ele foi internado em uma clínica; do lado de fora ele via a beleza da paisagem, a exuberância de montanhas e vales e a floresta que envolvia a casa em que se encontrava: “me orgulhava da minha terra, com piedosa reverência esquecendo minha viagem a Roma, a Europa anêmica e que agora me surgia diante dos olhos(...)”. Lendo a “Escritura”, ele meditava, quando de repente ouviu baterem a sua porta: “Pressenti um vulto de mulher. Devia ser alguma coisa grave”. Abrindo a porta, ele vê a mulher que o assusta: “só então vi a máscara do demônio que me tinha ido chamar”. O narrador passa então a caracterizá-la como um ser abominável, que possuía “tentáculos”, “pálpebras visquentas”, “face hedionda”, olhos voluptuosos; ele a questionava, mas ela exige que ele a seguisse. Caminharam em direção à floresta e lá, próximo ao pântano, ela tentava seduzi-lo: “Como um animal rastejante coleou, espumando, ganindo, os olhos cheios de centelhas e a boca cheia de saliva; os braços, cabeças de hidra, ousava, tocar o meu corpo de Ungido!”.

¹ Sobre os *Trabalhos de Jesus*, ver descrição da literatura da Vertente Portuguesa.

² GOMES, 1999, p.52. Tasso da Silveira, Andrade Muricy e Nestor Vitor, para citar somente alguns deles, assumiram essa orientação católico espiritualista mais explicitamente na revista *Festa*, criada em 1927, no Rio de Janeiro.

Tomado de pavor, ele “inspirado decerto pelo Divino Espírito Santo” desvencilhou-se dela e gritou: “Espírito imundo, afasta-te de mim...”. Ela desmaia e foi carregada por ele para a casa; depois disso, ele concluiu que estava sendo tentado e resolveu retomar a leitura da Bíblia, refletindo assim sobre seus “Votos” e sobre o “sentido” do que lia, sentindo em seu corpo “a vaza pútrida dos instintos toldando tudo...”. Além do aspecto religioso e moralizante desse texto, percebe-se um forte teor naturalista na descrição da personagem feminina.

Já em “Nemésio, o bispo de Emese”¹, a *tentação* sofrida por um bispo, não se deveu a uma presença demoníaca representada por uma figura feminina, mas sim a um embate entre a razão grega e o cristianismo. Depois de discutir sobre a inteligência e o significado do olhar, o narrador resolve contar a história de um filósofo cristão que vivera em Emese, na Síria, no século V: “ouve com atenção, procurando a moralidade onde melhor te parecer”. Um dia, estudando entre manuscritos da biblioteca e meditando sobre um “Deus Razão” e “um deus, Razão Divina, fonte da Piedade, Único...”, ele adormeceu na mesa de estudos. Ouvia um chamado: “Nemésio, ouve a minha voz”, dizia Vulcano, que ao bispo se apresentara. O religioso, então, grita “Vade retro, Satanás...”, ouve a risada do “príncipe imortal do fogo e das forjas” e é levado a uma sala de mármore branco onde ouve discípulos de Platão, um sofista, um epicurista, um empirista em profundas discussões filosóficas. Ele ouve Vulcano dizer que “nada é eterno”, sente em seu peito uma forte pressão e esconjura mais uma vez a imagem à sua frente: “Tinha sonhado. Lá fora um sino cabriolava no ar, espalhando o recolhimento. E através da ampla janela aberta, ele viu um céu profundo, em que as estrelas luziam tremulamente, misteriosamente...”. Nesse

¹ FRANCO, Julho de 1924, p.29-31.

conto, além da luta entre a razão e a religião o narrador dirige-se ao leitor esperando que este saiba achar o sentido moral de sua narrativa.

Em “Um Bispo”, de Mário Sette, narra-se¹ um fato histórico relacionado aos problemas entre a Igreja e a Maçonaria², no século XIX. Nesse episódio, o Bispo de Olinda, D. Vital, recebeu em frente do Palácio do Sossego os Maçons revoltosos que para lá se encaminharam: “Subitamente o povo emudeceu, estacou, ouvindo a palavra altiva e aconselhadora do prelado. Os mais intolerantes dispersaram-se. Alguns choravam comovidos. E o grande bispo pernambucano continuou a orar como se estivesse sob o teto sagrado da casa de Deus”. Os três contos reforçam dogmas e a moral católica em oposição a valores divergentes – no primeiro caso, a tentação sofrida pelo religioso; no segundo, a luta entre a razão e a crença na existência de um Deus “Único”; e no terceiro, a divergência entre a Igreja e a maçonaria.

4.4.5 À guisa de conclusão

De maneira geral, como se pode perceber na análise realizada, há um predomínio, na poesia de *Terra de Sol* de versos com temáticas mais vagas, evanescentes e subjetivas, coincidindo, assim, com parte da produção literária inserida na 2ª série de *A Águia*. Em termos formais, muitos poemas mantinham a rima e as formas fixas, como o soneto, mas havia também vários deles produzidos em versos livres. O tom dos poemas era, na maior

¹ “Mário Sette foi a porta de entrada no conhecimento das Histórias e lendas que povoam o passado de Pernambuco”. Leonardo Dantas Filho, em prefácio a *Terra Pernambucana*, obra em que foi inserido o conto “Um Bispo”, de Sette, afirma que esse livro foi adotado durante muitos anos pelas escolas pernambucanas. DANTAS FILHO, 1981, p.2.

² “Naqueles dias acendia-se, tormentosa e violenta, a questão entre a igreja e a maçonaria, e o bispo de Olinda, compelido a tomar enérgica atitude, cioso de zelar o prestígio do nobre episcopado, armava-se de ânimo para realçar a sua autoridade eclesiástica numa luta, embora a tendência da sua alma cristã fosse sempre inclinada para a fraternidade, para a paz”. SETTE, Março de 1924, p.205.

parte das vezes, bastante elevado; a linguagem era, às vezes rebuscada, ora extremamente subjetiva, em função de construções semânticas extremamente voláteis.

Já na prosa, nota-se a predominância de alguns temas que, na realidade, eram recorrentes no século XIX, como o adultério e uma tendência moralizante e quase pedagógica de alguns dos textos. Há, ainda, como apontamos, a presença de um espiritualismo muito ligado a concepções cristãs.

Assim, se a revista pretende seja romper com os antigos laços culturais, estabelecendo novas parcerias com os países da América hispânica, seja revigorar os laços com Portugal, estabelecendo uma nova relação com a antiga metrópole, a prosa, diferentemente da poesia apresentada, parece apontar muito mais para a permanência de tendências já existentes no século anterior, do que propriamente para a criação de algo novo.

5. CONCLUSÃO

Para pensar nas relações possíveis entre as três revistas analisadas neste trabalho, podemos recorrer ao próprio título desta tese - “Convergências e Divergências: revistas literárias em perspectiva”. De maneira geral, o que se verifica na análise dos periódicos é a existência de alguns elementos que, ora aproximam, ora afastam as publicações estudadas.

O que se observa, de imediato é que, tanto a 2ª série de *A Águia*, quanto a *Seara Nova* e *Terra de Sol* foram produzidas em períodos marcados por um forte nacionalismo, motivado, evidentemente, por diferentes contextos históricos e até mesmo espaciais – entre Portugal e Brasil. O Saudosismo, na revista portuguesa, buscava – dentre outras coisas – definir a *alma* nacional; a *Seara Nova*, apesar de afirmar que o nacionalismo seria uma questão problemática para a relação entre as nações – especialmente se levarmos em conta o fato de essa revista ter sido publicada após o fim do primeiro conflito mundial - , apresentou em suas páginas, entre 1921 e 1926, um amplo projeto de reconstrução nacional sem¹, no entanto, abrir-se para um diálogo com outras nações; já *Terra de Sol*, excluindo a análise da Vertente Portuguesa e da Americanista, propunha, assim como sua matriz, a definição de um *caráter* nacional e a criação de uma arte e uma literatura genuinamente brasileiras – aproximando-se do projeto saudosista e, ao mesmo tempo, afastando-se dele, por ser um programa dirigido para o Brasil.

Outro elemento fundamental que permite a aproximação entre os três periódicos é a crença dos intelectuais na sua *missão* reformadora. Na revista portuguesa, acreditava-se que os poetas, considerados os verdadeiros *eleitos*, estariam já promovendo um renascimento de Portugal através da *nova* literatura que se produzia no país. Os *seareiros*, por outro lado,

¹ O diálogo da *Seara Nova* com o Brasil durou apenas de 1922 a 1923 e deveu-se, exclusivamente, aos esforços de Álvaro Pinto.

acreditavam na eficácia da *ação* pedagógica e doutrinária e no poder de transformação da *intelligentsia* lusitana sobre a crise nacional. Já *Terra de Sol* proclamava, dois anos após a comemoração do Centenário de Independência do Brasil, a necessidade de uma independência *cultural* no país, através de uma *mudança de mentalidade* e da busca do novo – o que seria possível através da ação da “nova geração de artistas” brasileiros, como afirmava Tristão de Ataíde.

Dentro dessa idéia da importância do papel dos intelectuais, devemos destacar os colaboradores comuns aos três periódicos. Foram eles: António Sérgio, Jaime Cortesão e Álvaro Pinto. Este último se destaca por ter sido o elemento mais importante na tentativa de estabelecimento de relações entre Portugal e Brasil, não somente nas três revistas analisadas, mas também através da publicação de artigos em jornais cariocas, como *O Jornal* e *O Diário de Notícias*, e com a publicação de livros sobre o intercâmbio e sobre o Brasil, como *São Paulo: cidade vertiginosa* e *O Brasil atual: duas conferências*¹.

Pensando no papel de Álvaro Pinto nas três publicações analisadas e no ramo editorial em Portugal e no Brasil, percebe-se que esse jornalista foi um importante elemento nas relações entre os dois países, especialmente a partir da década de 1920. No entanto, esse jornalista e editor foi esquecido pela maioria dos estudos que abordam as questões relacionadas ao luso-brasilismo. Álvaro não é citado em obras fundamentais como *Relações Luso-brasileiras*, de A. Silva Rego(1822-1953), nem em *Um século de relações luso-brasileiras*, de Fidelino de Figueiredo, ou em *Atualidade e Permanência do Luso-Brasilismo*, de Nuno Simões. Nem mesmo João Alves das Neves, em seu livro *Relações*

¹ As duas obras citadas datam da década de 30, e apresentam números referentes à população e ao desenvolvimento econômico brasileiro. Em ambos, também, são feitas referências ao intercâmbio luso-brasileiro, ressaltando-se sempre a necessidade de estabelecer laços fraternos entre os dois países.

Literárias Luso-brasileiras, cita o nome de Álvaro Pinto apesar de criticar, nesta obra, a ausência dos portugueses na história da imprensa brasileira¹.

Porém, diante dos estudos realizados, acreditamos que Álvaro Pinto deve ser pensado como um importante editor, que esteve à frente de duas grandes casas publicadoras e que viabilizou a edição² de um número bastante significativo de livros portugueses e brasileiros. Considerado a ‘coluna vertebral’ da *Renascença Portuguesa*³ Álvaro foi um verdadeiro ativista do intercâmbio luso-brasileiro e, também, diretor de importantes revistas literárias portuguesas.

De maneira geral, a crítica tende a afirmar que houve um rompimento de relações entre Brasil e Portugal a partir das primeiras décadas do século XX. Já Arnaldo Saraiva, em *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*, buscou comprovar que as relações literárias entre essas duas nações não teriam sido interrompidas, naquele período. Segundo Saraiva, de 1909 até os finais da década de 1920⁴ vários acontecimentos teriam marcado “mundo cultural” luso-brasileiro. Mas, apesar das evidências de um intenso contato entre Portugal e Brasil naquele momento, haveria uma:

¹ “As omissões e distorções sobre o papel cumprido na Imprensa brasileira pelos jornalistas (e outros) portugueses devem ser apontadas e corrigidas”. NEVES, 1992, p.26.

² Segundo Ângela de Castro Gomes, o sucesso da revista *Terra de Sol* se devera a Álvaro Pinto: “certamente um dos maiores responsáveis pela introdução pelo fato, pois era e é reconhecido como um dos introdutores do livro impresso sob moldes técnicos e industriais no Brasil”. GOMES, 1999, p.50.

³ Em 1957, um ano após a morte de Álvaro Pinto, houve um número da revista *Ocidente* totalmente dedicado ao intelectual lusitano. Nestes artigos, escritos por portugueses e brasileiros, vários mencionam a importância desse jornalista na estruturação e viabilização da *Renascença Portuguesa* e da 2ª série da revista *A Águia*. Jaime Cortesão afirma, em seu artigo, que Álvaro Pinto foi a “coluna vertebral” da *Renascença Portuguesa*. *Ocidente*, 1957, p.37.

⁴ “no período que vai de 1909 aos fins da década de 1920(...): a proclamação da República em Portugal, com os seus reflexos no comportamento (e no aumento) da colônia portuguesa no Brasil; a nomeação de um cônsul português no Rio de Janeiro logo seguida da criação de uma Embaixada; a publicação de novas revistas culturais preocupadas com o luso-brasilismo; a inauguração dos estudos brasileiros em Portugal; a celebração de alguns acordos culturais ou comerciais; as visitas de alguns dos altos estadistas (Hermes da Fonseca, Epitácio Pessoa, António José de Almeida); a primeira travessia aérea do Atlântico, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral; a publicação da obra monumental, dirigida por Carlos Malheiro Dias, *História da colonização portuguesa do Brasil*, etc.”. SARAIVA, 2004, p.25.

idéia generalizada de que no período em que se afirmam os modernismos de Portugal e do Brasil foram interrompidos, ou quase, os contatos literários entre os dois países, ou se pôs termo à influência da literatura portuguesa sobre a brasileira¹.

A constatação de um “divórcio” entre o *modernismo* das duas nações seria uma opinião comum à grande maioria dos historiadores brasileiros, como atesta Maria Aparecida Santilli em “Desacatos em português e em brasileiro”². Essa generalização acerca da separação e negação da influência da literatura e cultura lusitana sobre a brasileira relacionava-se, certamente, ao projeto de identidade brasileira ou de uma pesquisa do “sentimento nacional”³ e de originalidade que teve início no século XIX – com o Romantismo – e se acentuou na década de 20 do século passado, como afirma Afrânio Coutinho em *A Literatura no Brasil*. Ainda segundo Santilli, a citada cisão não significaria no entanto, a ruptura ou “irreversível estremecimento”⁴ das relações literárias entre as duas nações.

Em seu alentado estudo, Saraiva procurou comprovar que “as distâncias entre os dois modernismos não foram assim tão grandes”⁵. A fim de demonstrar sua *tese*, o pesquisador analisou os acordos estabelecidos entre as duas nações; as discussões acerca da unificação da ortografia; as relações entre alguns intelectuais dos dois países e as iniciativas no sentido de aproximação entre Portugal e Brasil, destacando, dentre elas, a criação de alguns periódicos que buscavam estabelecer um campo cultural luso-brasileiro. Dentre as publicações estudadas por Saraiva, ele destacou o papel da 2^a série da revista portuense *Águia* e, também, a carioca *Terra de Sol*.

Sobre a presença do *modernismo* naquelas revistas, faremos aqui apenas algumas rápidas considerações. Tomando as publicações analisadas, o que se observa é que, além

¹ SARAIVA, 2004, p.21.

² SANTILLI, 1984, p.7-13.

³ COUTINHO, 2002, p. 49.

⁴ SANTILLI, 1984, p.9.

⁵ SARAIVA, 2004, p.26.

da discussão acerca do polêmico discurso de Graça Aranha sobre a necessidade de um afastamento da cultura brasileira, em relação à lusitana – presente na revista carioca -, na tentativa de afirmação de uma produção *nacional*¹, não há nenhuma referência ao modernismo brasileiro – seja na *Seara Nova*, seja em *Terra de Sol* – nem mesmo a colaboração dos modernistas mais *paradigmáticos*, como Mário e Oswald de Andrade. Ou seja, a *Seara* quando abre espaço para o Brasil – a partir do ponto de vista de Álvaro Pinto – simplesmente ignora a *Semana de Arte Moderna*, que é definida pela crítica e historiografia literárias como o marco fundador do movimento no Brasil. O mesmo se pode afirmar em relação a *Terra de Sol*, que apesar de ter tido o poeta Ronald de Carvalho como um de seus principais colaboradores e de ter criticado o discurso do autor de *Canaã*, passou distante das discussões modernistas acerca das inovações estéticas e da euforia inicial dos impulsionadores da renovação cultural brasileira na década de 20. Segundo Antonio Candido,

A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética, um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa *Semana de Arte Moderna*, em 1922, e se ramificou depois pelo País, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava sobretudo a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. Estes fatos tiveram o seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930(...)².

Como se pode ler neste excerto, os modernistas - representados aqui pelo movimento de vanguarda da *Semana de 22*, - teriam tentado *superar* a literatura vigente, buscando

¹ Segundo o Prof. Dr. Marcos Napolitano, o período entre a década de 20 e a de 70: “concentrou o maior número de debates e projetos em torno da identidade brasileira e da busca da modernidade, obsessões culturais que, uma vez satisfeitas, nos permitiriam escapar do dilema cultural atávico apontado por Sérgio Buarque de Holanda, entre o ‘não ser’ e o ‘ser outro’”. NAPOLITANO, 2003, p.295.

² CANDIDO, 1983, p.7.

vigorosamente criar o *novo*¹ e valorizando sobremaneira a idéia de *ruptura*². cremos, no entanto, que a interpretação do modernismo brasileiro, por parte da crítica, acaba por sobrevalorizar a importância da *Semana*³ e da literatura produzida por alguns dos intelectuais nela envolvidos, em detrimento do restante da literatura que vinha sendo produzida em todo o país. Havia, ainda, uma forte predominância de diferentes correntes e tendências estéticas que conviviam ao lado dessa tendência vanguardista e, além disso, havia também a coexistência com outras formas de modernismo – que não essa mais paradigmática⁴ - que viriam a ser interpretadas como representativas de uma *outra fase* do modernismo na literatura. O prof. Antonio Candido e também Mário da Silva Brito⁵, dividiram o modernismo em fases distintas. Dentro dessas subdivisões, a terceira fase, que teria sido iniciada apenas em 1927, se caracterizaria por uma tendência espiritualista que, na realidade, cremos, já estava *em curso* muito antes dessa data. Nesse sentido, buscamos apenas questionar o sentido desses tipos de periodizações que são, muitas das vezes, redutoras para se pensar a literatura.

Quanto ao modernismo em Portugal, representado na crítica pela revista *Orpheu*, que se apresentava em 1915 como luso-brasileira, e que significava, segundo Eugênio Lisboa, um grande marco na criação de “uma língua nova”, na ruptura com o “passado” e no “empenho mais fundo” na renovação literária naquele país – a 2ª série de *A Águia* ignora essa publicação e a *ruptura* apresentada por parte da literatura desse periódico. A revista

¹ "Make it New", de Ezra Pound.

² “ A palavra de ordem do moderno foi, por excelência, ‘criar o novo’”. COMPAGNON, 1996, p.10.

³ Talvez fosse interessante pensar na recepção da “Semana de Arte Moderna” fora de São Paulo, de maneira a ponderar a repercussão desse evento no país.

⁴ Chamamos de Modernismo *paradigmático* a esse Modernismo que aparece definido nos manuais de Historiografia Literária, que consideram a *Semana de 1922* como o marco inicial da literatura modernista no Brasil e que tomam os nomes de Mário de Andrade e Oswald de Andrade como os principais representantes da busca pelo *novo* e pela *ruptura* na literatura do Brasil.

⁵ Brito afirma que a partir da revista *Festa* teria sido iniciada uma “reação espiritualista” ao “nativismo dominante”. BRITO, 1968, p. XXIII.

idealizada por Ronald de Carvalho e Luís de Montalvor, que causou tanto escândalo¹ quando de seu lançamento em Portugal, não foi nem sequer referida na revista portuguesa. Quanto à recepção dessa revista no Brasil, não há notícia² dessa publicação entre o público brasileiro.

Ou seja, se tomarmos as três publicações analisadas, percebe-se que as relações entre os Modernismos em suas formas mais *paradigmáticas*, ou modelares nos dois países, praticamente não existe³. Se há alguma possibilidade de diálogo entre as literaturas publicadas nestas revistas, - no *período do modernismo* nas duas nações - ela diz respeito à existência de algumas temáticas comuns à poesia de dois⁴ desses periódicos. Lendo a 2ª série de *A Águia* e a revista *Terra de Sol* é possível notar pontos de confluência nos versos de alguns poetas portugueses e brasileiros que se aproximariam pelo fato de abordarem tópicos semelhantes, como: o vago; o mistério; a luz crepuscular ou a escuridão noturna; seres espectrais; além de espaços e objetos que se desenham nos textos perante a falta, quase total, de contornos bem definidos; e a busca de uma elevação e de um *espiritualismo* religioso que se traduzia muitas vezes num êxtase do eu lírico diante da natureza ou do mundo. E esses temas podem ser notados em versos dos portugueses Mário Beirão, Augusto Casimiro e Teixeira de Pascoaes e nos de brasileiros como Emílio Moura, Cecília

¹ “*Orpheu* se transformou num escândalo”. GALHOZ, 1971, p.XVIII.

² Segundo Saraiva, “há mesmo que perguntar se para o Brasil chegaram a ser enviados os vários exemplares de *Orpheu* correspondentes às assinaturas de que falava Ronald”. SARAIVA, 2004, p.110.

³ Saraiva aproxima alguns escritores e obras de modernistas brasileiros e portugueses em *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Mas em relação às revistas que analisamos e que apresentaram, em algum momento, a intenção de estabelecer um diálogo entre Portugal e Brasil, não há efetivamente nenhuma forma de diálogo entre os nomes mais característicos dos modernismos das duas nações.

⁴ A literatura publicada na *Seara Nova* entre 1921 e 1926, apresentava traços muito distintos das produções literárias da 2ª série de *A Águia* e de *Terra de Sol*. Grande parte da poesia e da prosa editadas no periódico lisboeta, no período em questão, tinha fortes traços de questões relacionadas a uma justiça social, além de uma valorização de temas como o *campo*; o trabalho e o trabalhador, o que se explica pela própria intenção do grupo seareiro de se opor à ideologia e à cultura veiculadas na 2ª série portuguesa e pela intenção do grupo de produzir uma literatura que exercesse um papel na restauração da mentalidade em Portugal.

Meireles, Guilherme de Almeida e Murilo Araújo, considerados modernistas da já citada terceira fase.

Em resumo, percebe-se que não houve um rompimento das relações culturais entre as duas nações, já que existiram sim contatos e iniciativas, muitas vezes individuais, como as empreendidas pelo jornalista e editor português Álvaro Pinto; colaborações de escritores fundamentais, como Ronald de Carvalho – que publicara na 2ª série e em *Terra de Sol* e que colaborara na modernista *Orpheu*; e possíveis relações, que ainda não foram estudadas, a respeito das convergências temáticas¹ na literatura em parte da produção da revista portuense e da sua herdeira carioca, *Terra de Sol*.

Para concluir cremos também que, não chegou a existir, como apontamos aqui, uma ruptura total entre *A Águia* e *Seara Nova*, por mais que a segunda tenha surgido com o objetivo de, em vários aspectos, se contrapor à primeira. Assim os três periódicos aqui estudados, com suas convergências e diferenças, acabam por fornecer um painel interessante, e bastante rico, para pensarmos não só sobre as relações literárias, mas também sobre as relações ideológicas e culturais, existentes no universo luso-brasileiro das décadas de 10 e 20 do último século.

¹ Cremos, também, que além das convergências temáticas, havia algumas convergências ideológicas entre o movimento desenvolvido na 2ª série de *A Águia*, representado pela idéia de nacional pelo espiritualismo presentes na revista portuense, e no projeto de nação e de um espiritualismo religioso – sem esquecer, claro, as diferenças nas trajetórias de cada projeto - idealizados na revista *Terra de Sol*.

6. BIBLIOGRAFIA

6.1 Textos dos periódicos analisados

6.1.1 A *Águia*

A REDAÇÃO. NOTA. *A Águia*, 2ª série, mar.- abr. 1920.

A.A. “Carta do Brasil”, *A Águia*, 2ª série, n.100, Rio de Janeiro, abr. 1920.

A.A. “Carta do Brasil”, *A Águia*, 2ª série, Rio de Janeiro, jan.mar. 1921.

A ÁGUIA. “Nota”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v. 18, Março-Abril de 1920.

ALBUQUERQUE, Matheus. “Canto do Outono”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.11, pag. 12-14, jul. 1916.

ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner. “A memória longínqua de uma pátria”. In.: *Poemas Escolhidos*. Org. Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

AZEVEDO, Narcísio de. “Esfinge”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.3, n.16, pag.127, abr.1913.

BEIRÃO, Mário. “A epopéia dos malteses”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.5, pag. 146-147, mai. 1912.

BEIRÃO, Mário. “Ausente”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.2., n.10, pag.115, out. 1912.

BEIRÃO, Mário. “O Vago”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.1, pag. 4, jan. 1912

BEIRÃO, Mário. “Rezando Oitavas”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.3, p.188.

CASIMIRO, Augusto. “A Primeira Nau”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.2, p.125-133.

CASIMIRO, Augusto. “O poeta e a nau”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, p.129.

CASIMIRO, Augusto. “Quinta das Lágrimas – Fonte dos Amores”. v.1, n.1, pag.

CASIMIRO, Augusto. “Versos de Aleluia”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v. 2, p.10.

COBEIRA, António. “Elegia da alma”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.2., n.8, pag. 59, ago. 1912.

- COBEIRA, António. “Romaria das Árvores”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.3., n.14, pag.44-47, fev.1913
- COIMBRA, Leonardo. “Uma fala de Espíritos”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.1 , pag. 15-18, jan. 1912.
- CORTESÃO, Jaime. “Regendo a Sinfonia da Tarde”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, p.175-180.
- FERREIRA, Alexandre. “Eu”. Porto, v.3, n.15, pag.84, mar.1913.
- LOPES, Arthur Ribeiro. “O silêncio do meio-dia”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.4, pag.112, abr.1912.
- OLIVEIRA, António Correia de. “A Luiz de Camões”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.3, n.18, pag. 183, jun.1913
- OLIVEIRA, Carlos de. “Bênção de Deus”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.2., n.11, pag.157, nov. 1912.
- OLIVEIRA, Carlos de. “Da Comoção das Árvores”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v. 3, n.15, □pág.92, mar.1913.
- OLIVEIRA, Carlos de. “Evocação profética”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.3., n.13,
- OLIVEIRA, Carlos de. “O Calvário da Tarde”. *A Águia*. 2ª série, Porto, v.2., n.10, pag.117, out. 1912.
- PASCOAES, Teixeira de. “A Dor e o Céu”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.4, n.19, pag.6-7, jul.1913.
- PASCOAES, Teixeira de. “Ainda o Saudosismo e a Renascença”. *A Águia*, 2ª série, v.2, n.12, p. 185-186.
- PASCOAES, Teixeira de. “Camões e a Cantiga Popular”. *A Águia*, 2ª série, v.3, n.18, p. 177-178.

- PASCOAES, Teixeira de. “Mais palavras ao homem da espada de pau”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.6, n.31, p. 1-5, jul. 1914.
- PASCOAES, Teixeira de. “O Saudosismo e a Renascença”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.2., n.10, pag.113-116, out. 1912.
- PASCOAES, Teixeira de. “Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio”. *Águia*, 2ª série, v. 4, p.104-109.
- PASCOAES, Teixeira de. “Renascença(o espírito da nossa raça)”. *A Águia*, 2ª série, v.1, n.2, p.33-34.
- PASCOAES, Teixeira de. “Renascença”. *A Águia*, 2ª série, v.1, n.2, p.33-34.
- PASCOAES, Teixeira de. “Resposta a Antônio Sérgio”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.26, p. 33-38, fev. 1914.
- PASCOAES, Teixeira de. “Saudosismo e Simbolismo”. *A Águia*, 2ª série, v.3, n.16, p. 113-115.
- PASCOAES, Teixeira de. “Última Carta? ”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.29, p. 129-137, mai. 1914.
- PESSOA, Fernando. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.4, p. 101-107, abr. 1912.
- PROENÇA, Raul. “Renascença”. In. SAMUEL, Paulo. *Renascença Portuguesa: um perfil documental*, 1990.
- SÉRGIO, Antônio. “Despedida de Julieta”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.28, p. 109-112, abr. 1914.
- SÉRGIO, António. “Epístola aos Saudosistas”. *A Águia*, 2ª série, v.4, p.97-103.
- SÉRGIO, Antônio. “Explicações necessárias do homem da espada de pau ao homem da espada dum relâmpago”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.30, p. 170-175, jun. 1914.

SÉRGIO, Antônio. “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, In: *A Águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.25, p. 1-9, jan. 1914.

VILA- MOURA. “Palavras Antipáticas, IV Estado - O Estado Artista”. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.1, p. 5-7, jan. 1912.

6.1.2 Seara Nova

BRANCO, Camilo. “Fins de Página”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5 n. 50, p.28, Agosto de 1925.

BRANDÃO, Raul. “O homem que veio a Lisboa pregar Deus ao Sr. Afonso Costa”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.3, 20 de nov. de 1921.

BRANDÃO, Raul. “Primavera Abortada”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.16, p.62, 1 de ago.1922.

BRANDÃO, Raul. “Retratos de Desconhecidos”. *Seara Nova*, Lisboa, v.3, n.33, p.173, 20 de mar. 1924.

BRANDÃO, Raul. “Sombras Humildes”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.1, p.4, 15 de Outubro de 1921, p.4.

CASTRO, José Augusto de. “Amor e Dor”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 2, n.16, p. 58, Agosto de 1922.

CASTRO, Mário de. “Resposta dum exortado a uma nobre exortação”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 4, n.37, p.12-13.

CIDADE, Hernani. “Comentários à Vida Literária”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 4, n.42, p.112, 15 de fevereiro de 1925.

CORTESÃO, Jaime. “Canto de Amor na Floresta”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.12, p.306-307, 15 de Abril de 1922.

- CORTESÃO, Jaime. “O problema do Oriente e suas relações com Portugal”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n. 73, p. 3-7, 6 de Fevereiro de 1926.
- DESCARTES. “Fins de Página”. *Seara Nova*, Lisboa, V.5, n.55, p.127, 10 de Outubro de 1925,
- DOSTOIEVSKI. “Fins de página”. *Seara Nova*, Lisboa, v.7, n.64, p.64, 12 de Dezembro de 1925.
- DURÃO, Américo. “Soneto”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.94, p.438, 8 de Julho de 1926.
- GOMES, Azevedo. “A situação política”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.92, p.383, 17 de Junho de 1926.
- GOUVEIA, Carlos de. “Um fio de água no escuro”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 2, n.24, p.215, Junho de 1923.
- GUISADO, Alfredo Pedro. “À Véspera de Alcácer Kibir”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 1, n.2, p. 72, 20 de novembro de 1921.
- JESUS, Quirino. “A crise das colônias”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.78, p.110, Março de 1926.
- JESUS, Quirino. “Metrópole e Colônias – A comissão de Angola e o Banco Emissor”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n. 76, de 1926, p.71-76, 27 de Fevereiro.
- MAGALHÃES, A. Leite de. “O problema do crédito nas colônias e o Banco Nacional Ultramarino”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.77, p. 83, 6 de Março de 1926.
- MAGALHÃES, A. Leite de. “O regime bancário ultramarino”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, p. 166, n.81, 1 de Abril de 1926.
- MAGALHÃES, José de. “Ensaio”. *Seara Nova*. Lisboa, v.2, n.14, p.20, 1º de junho de 1922.

- MARTINS, António Alves. “Fogueira Eterna”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.18, p.86-87, 05 de Outubro de 1922.
- MASCARENHAS, Constâncio. “O Déficit em Goa”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n. 75, p.58, 20 de Fevereiro de 1926.
- MIGUÉIS, José Rodrigues. “1º Salão de Outono”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n. 43, p.136-138, 15 de Março de 1925.
- MIGUÉIS, José Rodrigues. “Noite Infinita”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 5, n.54, p. 115-116, 3 de Outubro de 1925.
- MIGUÉIS, José Rodrigues. “O milagre de Joane”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 3, n. 26, p.34-35, Agosto-Setembro de 1923.
- MILL, Stuart. “Fins de Página”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5, n.51, p.56, 15 de Agosto de 1925.
- MONTALVÃO, Justino de. “Nova Estética”. *Seara Nova*, Lisboa, v.3, n.30, p.119, janeiro de 1924.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “A Arte e o Povo”, *Seara Nova*, Lisboa, n.512, p.146, 3 de Junho de 1937.
- MONTEIRO, António Ferreira. “Elegia Rústica”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5, n.50, p.31, 1 de Agosto de 1925.
- MONTEIRO, António Ferreira. “Lacrimae Rerum”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.9, p.245, 01 de Março de 1922.
- MORAIS, Pina de. “A Batalha do Lys”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 1, n.12, p.313-314, 15 de Abril de 1922.
- PASCOAES, Teixeira de. “Os Cavadores”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 3, n.35, p.218, 15 de Maio de 1924.

- PASSOS, Bernardo de. “Meu Pensamento...”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.20, p.118, Dezembro-Janeiro de 1923.
- PINTO, Álvaro. “Bilhetes do Brasil”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 2, n.20, p.115, Jan. Dez. 1923.
- PINTO, Álvaro. “Bilhetes do Brasil”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.17, p.74, 1 de Setembro de 1922.
- PINTO, Álvaro. “Bilhetes do Brasil”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.17, p.52, 1 de Agosto de 1922.
- PREZADO, Santiago. “Apólogo duma espiga de trigo”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.1, p.7-8, 15 de Outubro de 1921.
- PROENÇA, Raul. “A União Cívica e a ‘Seara Nova’”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.22, p.153-157, Abril de 1923.
- PROENÇA, Raul. “Ao Futuro”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 1, n.2, p.51, Novembro de 1921.
- PROENÇA, Raul. “Combates”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n.44, p.146, Abril de 1925.
- PROENÇA, Raul. “Legenda da capa”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.80, capa, 27 de Março de 1926.
- PROENÇA, Raul. “O Fascismo e suas repercussões em Portugal”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.22, p.83-89, 6 de Março de 1926.
- PROENÇA, Raul. “Uma apologia do fascismo”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.87, p. 283, 13 de Maio de 1926.
- PROENÇA, Raul. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.16, p.59, 1 de ago. 1922.
- QUENTAL, Antero. “Fins de Página”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5, n.51, p.50, 15 de Agosto de 1925.

RAU, José S. “Bucólica”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.17, p. 70, 1 de Setembro de 1922.

RAU, José S. “Dois Sonetos”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n. 42, p. 111, 15 de Fevereiro de 1925.

RIBEIRO, Aquilino. “Crônica deselegante da minha aldeia”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.2, p.39-42, 5 de Novembro de 1921.

ROHAN, Carlos de. “Pela União dos Intelectuais”. *Seara Nova*, Lisboa, v.3, n.36, p. 241, Junho de 1924.

SANTIAGO, J. M. “Apólogo duma espiga de trigo”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.1, p.7-9 out.1921.

SEARA NOVA, “Nota”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n.43, p.130, 15 de Março de 1925.

SEARA NOVA. “A questão colonial”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 7, p.143-146.

SEARA NOVA. “A *Seara Nova* e a Censura”. *Seara Nova*, v. 8, n.96, p.465, 12 de Ago. de 1926.

SEARA NOVA. “Apelo à Nação”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 2, n.21, p.129-134, Março de 1922.

SEARA NOVA. “Carta Aberta Dirigida a Sua Ex.a o Presidente da República” pelo Grupo ‘*Seara Nova*’”. *Seara Nova*, Lisboa, v.3, n.27, p.51-54, outubro-novembro de 1923.

SEARA NOVA. “Editorial”. *Seara Nova*, Lisboa, v.1, n.1, 15 de out. 1921.

SEARA NOVA. “Fascismo”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.83, p.208, 15 de Abril de 1926.

SEARA NOVA. “Liga Propulsora da Instrução em Portugal”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5, n.56, p.154, 17 de Outubro de 1925.

SEARA NOVA. “Nota da Redação”. *Seara Nova*, Lisboa, v.5, n.50, p.34, 1 de Agosto de 1925.

- SEARA NOVA. “Nota”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 8, n.75, 20 de Fevereiro de 1926.
- SEARA NOVA. “Nota”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.79, p.129, 20 de Março de 1926.
- SEARA NOVA. “Programa da Ação Nacional de Moçambique”. *Seara Nova*, Lisboa, v.8, n.93, p.410, 23 de Junho de 1926.
- SEARA NOVA. “Serviço de Livros”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 3, n. 28, Dezembro de 1923.
- SEARA NOVA. “Universidade Livre”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n.39, , p.54, novembro-dezembro de 1924.
- SÉRGIO, António. “A mentalidade nacional”. *Seara Nova*, Lisboa, v. 8, p.129.
- SÉRGIO, António. “A União Cívica, os seus intuitos e os seus métodos”. *Seara Nova*, Lisboa, v.2, n.22, p.157-161, Abril de 1923.
- SÉRGIO, António. “Liga Propulsora da Instrução em Portugal”. *Seara Nova*, Lisboa, v.7, n.67, p. 129. 2 de janeiro de 1926.
- SÉRGIO, António. “Nótulas soltas”. *Seara Nova*, Lisboa, n.357, p.327, 28 de Setembro de 1933.
- SÉRGIO, António. “O que se chama uma questão literária... em Portugal”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, n.37, p.7, jul.-ago. 1924.
- SÉRGIO, António. “Problemas pedagógicos”. *Seara Nova*, Lisboa, v.4, p.25.
- TOLSTOI. “Fins de Página”. *Seara Nova*, v.5, n. 53, p.84, 15 de Setembro de 1925.

6.1.3 Terra de Sol

- A P. “Portugal - Brasil”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.10, p.82-86, Novembro de 1924.
- A P. “Portugal - Brasil”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p. 255-258, Maio de 1924.

- ALMEIDA, Guilherme de. “Prelúdio n.3”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p. 325, Set. Out. de 1924.
- ALMEIDA, Renato de. “Música”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.218, Fevereiro de 1924.
- ALMEIDA, Vieira de. “Vera-Cruz”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.11-12, Dezembro de 1924.
- ALVES, Castro. “Num Álbum”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.7, p.14, Julho de 1924.
- ANJOS, Augusto dos. “Versos a um coveiro”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.288, Março de 1924.
- ARAÚJO, Murilo. “Colonial”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.6, Junho de 1924, p.319.
- ARAÚJO, Murilo. “Doca Noturna”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.42-43, Jan. de 1924.
- ARAÚJO, Murilo. “Versos ao ouvido...”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, p.41, Janeiro de 1925.
- ATAÍDE, Tristão de. “Americanismo”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.289-294.
- ATAÍDE, Tristão de. “Realidade”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.192-194 Maio de 1924.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. “As guilhotinas”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.6, p.350-359, Jun. de 1924.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. “Nas Brumas”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, n.13-14, p.54-56, Jan. de 1925.
- AZEVEDO, Raul de. “Um homem singular”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.6, p.322-324, Junho de 1924.

- BARBOSA, Mário de Lima. “Passos Manuel”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 2, n.5, Maio de 1924.
- BILAC, Olavo. “Maldição”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.12, Jan. de 1924.
- CARVALHO, Ronald de. “A Psique Brasileira”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.180-189, Maio de 1924.
- CARVALHO, Ronald de. “Bases da Nacionalidade Brasileira”, *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.13-26, Janeiro de 1924.
- CHOCANO, Santos. “El noturno del relato del viaje”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 3, n.7, p.100-101, Julho de 1924.
- DIAS, Teófilo. “O Banco de Coral”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.9, p.308, Set.-Out. de 1924.
- FRANCO, Caio de Melo. “Nemésio, o bispo de Emese”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p.29-31, Julho de 1924.
- GUIMARÃES, Alphonsus. “Dois sonetos inéditos de Alphonsus de Guimarães – Visão das noites brancas”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, p.71, Janeiro de 1925.
- IBARBURU, Juana. “Dois poemas de Juana Ibarburu”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, n.15-16, p.443-445, Junho de 1925.
- JUNIOR, Correia. “Romantismo”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, p.178, Agosto de 1924.
- MACHADO, Raul. “Poema de uma noite de inspiração”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, n.15-16, p.435, Junho de 1925.
- MAGALHÃES, Adelino de. “Dies Irae!”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.109, Abril de 1924.

MEIRELES, Cecília. “Balada para mim mesma”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.45, Abril de 1924.

MOURA, Emílio. “Em vão!”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.10, p.50, Novembro de 1924.

MOURA, Emílio. “Noturno”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p. 170, Maio de 1924.

NETO, Silveira. “Artes Plásticas – Marinhas, de Garcia Bento”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.72, Janeiro de 1924.

NETO, Silveira. “Noite de Natal”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 153-155, Fev. de 1924.

NOTAS E COMENTÁRIOS. “A descoberta do Brasil”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.104, Janeiro de 1924.

NOTAS E COMENTÁRIOS. “Dois poemas de Juana Ibarburu”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, n.15-16, p.443-445, Junho de 1925.

NOTAS E COMENTÁRIOS. “Nossos autógrafos”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, p. 149, Julho de 1924.

NOTAS E COMENTÁRIOS. “Nota”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 3, n.7, Julho de 1924.

NOTAS E COMENTÁRIOS. “Um poema de Walt Whitman”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.140, Abril de 1925.

PÁGINAS PORTUGUESAS. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 59-66, jan. 1924.

PALMA, Ricardo. “Justos e Pecadores”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 5, n.15-16, Junho de 1925.

PINTO, Álvaro. “Páginas Portuguesas – Carta a Jackson de Figueiredo”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 3, n.9, Set. Out. de 1924.

- POE, Edgard Allan. “Ligéia”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.113-121, Abril de 1924.
- POMBO, Rocha. “Terra Gloriosa”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.9, janeiro de 1924.
- PORTUGAL-BRASIL. “Portugal - Brasil”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.6, p. 413, Junho de 1924.
- PORTUGAL-BRASIL. “Portugal - Brasil”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 3, n.8, p.259, Agosto de 1924.
- PRATA, Ranulfo. “O Lírio na Torrente”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.5, n.15-16, p.292-316, Junho de 1925.
- PRATA, Ranulfo. “O Tio Neca”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p.399-403, Set. Out. de 1924.
- RAMOS, Manuel. “Camões e a Crítica”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.11-12, Dezembro de 1924.
- SELVAGEM, Carlos. “Carta de Portugal”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, p.327-333, Dezembro de 1924.
- SÉRGIO, António. “Camões”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 4, n.11-12, Dezembro de 1924.
- SETTE, Mário. “Um Bispo”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.205-206. Maio de 1924.
- SILVA, A J. Pereira da. “Incognitus”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.8, p.164, Ago. de 1924.
- SILVEIRA, Tasso da. “Espírito Americano”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, Janeiro de 1924.

- TEÓFILO, Aníbal. “Vilancete”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p. 26, Abril de 1924.
- TERRA DE SOL. “Editorial”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7, Janeiro de 1924.
- TERRA DE SOL. “Notas e Comentários – A Revista da Academia”, Rio de Janeiro, v.3, n.7, p.143, Julho de 1924.
- VAREJÃO, Lucilo. “Mercado de Almas – O Sacrifício”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 2, n.7, p.71-73, Julho de 1924.
- VAREJÃO, Lucilo. “Mercado de Almas - Pela sua Felicidade”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 2, n.5, p. 221-223.
- VARELA, Fagundes. “Lo que jo adoro”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v. 5, n.15-16, Junho de 1925.
- VASCONCELOS, Agrippa de. “Menestrel”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.309, Março de 1924.
- VIANA, Victor. “Estudos Econômicos e Sociais”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.205-207, Fevereiro de 1924.
- VIEIRA, Arnaldo Damasceno Vieira. “Os reis magos da legenda nova”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.300-301, Março de 1924.
- WHITMAN, Walt. “Poetas que virão”. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.140, Abril de 1924.

6.2 Demais obras utilizadas

ABDALA Jr., B. *Literatura, história e política*. Literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ática, 1989.

AMARO, António Rafael. *A Seara Nova nos anos Vinte e Trinta (1921-1939)*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 1995.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1990.

ANDRADE, João Pedro de. *Raul Brandão*. Lisboa: Arcádia Editora, 1963.

ARANHA, Graça. *O Espírito Moderno*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

ÁVILA, Affonso. “Do Barroco ao Modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro”. In: *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002. 2^a ed.

BACHELARD, Gaston. “Instante poético e Instante Metafísico”. In.: *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BALAKIAN, Ana. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BARBOSA, João Alexandre. “Linguagem & Realidade do Modernismo de 22”. In. *A Metáfora Crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BERARDINELLI, Cleonice. “Que desgraça nascer em Portugal”. Rio de Janeiro, revista *Semear*, Cátedra Padre António Vieira, n.6, 2001.

BORGES, Luísa. *O Lugar de Pascoaes: epifanias da Saudade revelada*. Porto: Caixotim, 2005.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7^a ed.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 2^a.ed.

- BRANDÃO, Raul. “Primavera Abortada”. In *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*. Lisboa: Seara Nova, 1926.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- BRITO, Mário da Silva. *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 2ª ed.
- BUENO, Aparecida de Fátima. “A Ínclita Geração: considerações acerca da geração de 70 e a questão religiosa”. *Revista de Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, n.39, já./jul.2002, p. 33-52.
- CABRAL, Manuel Villaverde. “The Seara Nova Group (1921-1926) and The Ambiguities of Portuguese Liberal Elitism”. *Sep. de Portuguese Studies*, vol.4. Londres: W. S. Maney & Son, 1989.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1983.
- CAMPOS, Haroldo de. *O Seqüestro do Barroco*. Salvado: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- CANDIDO, Antonio [et. Al.]. “ A vida ao rés-do-chão”. In.: *A Crônica*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. “Entre o Campo e a Cidade”. In. *Tese e Antítese*. São Paulo: TA Queiroz, 2002.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”. In.: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, 9ª edição.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo; Belo Horizonte: EDUSP; Itatiaia, 1975. 2 vol.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2004, 4ª ed.

- CANDIDO, Antonio. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. São Paulo: DIFEL, 1983. 9ª ed.
- CARDIA, Sottomayor. *Seara Nova: antologia – Pela Reforma da República (1) 1921-1926*. Seara Nova, 1971.
- CARONE, Edgard. *A República Velha*. São Paulo : DIFEL, 1975.
- CARVALHO, Ronald de. *Toda a América*. São Paulo, SN, 1935.
- CASIMIRO, Augusto. *Augusto Casimiro: Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.
- CATROGA, Fernando. “As vanguardas intelectuais, da Geração de 70 à *Seara Nova*”. In.:
- CATROGA, Fernando. CARVALHO, Paul A. M. Archer de. *Sociedade e Cultura Portuguesa II*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- COELHO, Jacinto do Prado. “Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes”. In.: *A Poesia de Teixeira de Pascoaes [seguido de] A educação do Sentimento Poético*. Porto: Lello Editores, 1999, 2ª ed.
- COELHO, Jacinto do Prado. “Nota sobre o Movimento Saudosista”. In.: *A Poesia de Teixeira de Pascoaes [seguido de] A educação do Sentimento Poético*. Porto: Lello Editores, 1999, 2ª ed.
- COELHO, Jacinto do Prado. “O Saudosismo e seus valores individuais”. In.: *A Poesia de Teixeira de Pascoaes [seguido de] A educação do Sentimento Poético*. Porto: Lello Editores, 1999, 2ª ed.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Portugal: Editorial Verbo, 1973.
- COMPAGNON, Antoine. *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. (trad. Cleonice Mourão, Consuelo Santiago, Eunice D. Galéry)

- CORTESÃO, Jaime. “Álvaro Pinto”, *Ocidente*, vol. LII, n.226, Lisboa, fev. de 1957.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Era modernista*. São Paulo: Global, 2002.
6^a.ed.
- DANTAS, Pedro. “Vida da Estética e não Estética da Vida”. In. *Estética* (edição facsimilada da revista de 1924 - 1925). Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2002. TRAD. Póla Civelli.
- ELIOT, T.S. “Tradição e Talento Individual”. In.: *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.
(trad. Ivan Junqueira)
- FERNANDES, Maria Luisa Garcia(org.). *Seara Nova: Razão, Democracia, Europa*. Porto: Campo das Letras, 2001.
- FERNANDES, Rogério. *A Pedagogia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Inst. De Cultura Portuguesa, 1979.
- FERNANDES, Rogério. *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto*. Lisboa: edição da revista *Ocidente*, 1972.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *Um século de relações luso-brasileiras*. Lisboa: Emp. Literária Fluminense, s.d.
- FRANÇA, José-Augusto. *Os Anos Vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- FRANCO, António Candido. “Introdução à poesia de Mário Beirão”. In. BEIRÃO, Mário. *Mário Beirão: Poesias Completas*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. Sinfonia Desconcertada: uma leitura de *Os Pobres* de Raul Brandão. In *Boletim Informativo: Publicação do CEP da USP*, São Paulo, 3^a série, ano XI, 1: 27-34. 1985
- GARRETT, Almeida. *Camões*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1963.

- GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOMES, Pinharanda. *A “Renascença Portuguesa” – Teixeira Rego*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Lisboa – Biblioteca Breve, Volume 87, 1984.
- GUIBERNAU, Monteserrat. *Nacionalismos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- GUINSBURG, J(org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GUINSBURG, J. ROSENFELD. “Romantismo e Classicismo”. In. GUINSBURG, J(org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 4ª ed.
- HOBBSAWN, Eric.”A nação como novidade”. In.: *Nações e Nacionalismo desde 1780*. (trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: – Paz e Terra, 1998, 2ª edição.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HOMERO, *Odisséia*. São Paulo: Atena Editora, 1960. 2ª ed.
- LEITE, Januário. “Álvaro Pinto”, *Ocidente*, vol. LII, n.226, Lisboa, fev. 1957.
- LEMOS, Mário Matos. *‘Seara Nova’ e o Pensamento da Revolução Nacional*. Lisboa: Panorama, 1966.
- LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- LIND, Georg Rudolf. “Duas tentativas para o aperfeiçoamento do simbolismo: o paulismo e o interseccionismo”. In: *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981.

- LOPES, Oscar. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- LOPES, Oscar. SARAIVA, António. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1976. 9ª ed.
- LOURENÇO, Eduardo. “Apoteose ou Segunda Morte de Fernando Pessoa?”. In: *Fernando Pessoa rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. “Da Literatura como Interpretação de Portugal”. In.: *O Labirinto da Saudade*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- LOURENÇO, Eduardo. “Psicanálise Mítica do Destino Português”. In.: *O Labirinto da Saudade*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- LOURENÇO, Eduardo. “Sérgio como mito cultural”. In.: *O Labirinto da Saudade*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *O Romantismo na poesia portuguesa (de Garrett a Antero)*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve, 1986.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984, v. 88.
- MARQUES, A H. de Oliveira. “Das revoluções liberais aos nossos dias”. In.: *História de Portugal – vol.3*. Lisboa: Palas Editores, 1981, 2ª ed.
- MARQUES, A H. de Oliveira. “Para a história da 1ª República Portuguesa”. In.: *Ensaios de História da 1ª República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- MARQUES, A H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2006. 6ª ed.

- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ensaio de História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizontes, 1988.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizontes, 1980, 3ª ed.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas, 1977.
- MARTINS, Ana Luisa. *Revistas em Revista*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MARTINS, Wilson. *O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MATOS, Sérgio Campos. “Crises em Portugal nos séculos XIX e XX”. Atas do seminário organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. Lisboa, coleção Colóquio, 2002.
- MEDINA, João. “A democracia frágil: a primeira república portuguesa (1910-1926)”. In:
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- MONTEIRO, Nuno G. PINTO, António Costa. “Mitos Culturais e Identidade Nacional Portuguesa”. In. PINTO, António Costa (org.) *Portugal Contemporâneo*. Espanha: Sequitur – Grupo Gráfico HUBA, 2000.
- MORAES, Eduardo Jardim. *A brasilidade modernista*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MOSER, Gerald M. “The Campaign of *Seara Nova* and its Impact on Portuguese Literature, 1921-61”. *Luso-Brazilian Review*, vol.2, n.1, summer 1965, pp. 15-42.
- MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987. v.2.
- NEVES, João Alves das. *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

- NOBRE, António. *Só*. Braga: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2001, 3ª ed.
- NUNES, Benedito. “A Visão Romântica”. In. GUINSBURG, J. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. “Fernando Pessoa e o Saudosismo: A Nova Poesia Portuguesa em A Águia”. Oxford, 1998. (Atas do 5o Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas)
- OLIVEIRA, Paulo Motta. “*Terra de Sol: entre Portugal e a América*”. In.: MACIEL, Maria Esther; ÁVILA, Myriam; OLIVEIRA, Paulo Motta. *América em Movimento*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. “Um oceano por achar: Pascoaes, Pessoa e a questão nacional”. In.: revista da ABRAPLIP, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.329-350, 1999.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. *Esperança e decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A Águia*. Campinas: UNICAMP, 1995. (tese de doutorado).
- PAIVA, José Rodrigues de. *Literatura e Emigração: da diáspora da aventura à diáspora da cultura*. Pernambuco: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 1989.
- PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2ª ed.
- PASCOAES, Teixeira de. “A Fisionomia das Palavras”¹. In: GOMES, Pinharanda(org.). *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988. p.15-18.
- PAZ, Otávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 2ª.ed.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. São Paulo: Nova Aguilar, 2005.

¹ Esse texto foi publicado originalmente na primeira série da revista *A Águia*. (n. 5, fev. 1911)

- PINTO, Álvaro. "Para a História da Águia e da Renascença Portuguesa". Revista Ocidente, v.2, n.6, out. 1938. p.443-448.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de Memória – Quadro das minhas aventuras editoriais no Brasil", *Ocidente*, 1943.
- PINTO, Álvaro. Carta enviada a Jaime Cortesão, do Rio de Janeiro, em 12 de jan. 1921. Biblioteca Nacional de Lisboa (espólio de Jaime Cortesão - Manuscrito).
- PINTO, Álvaro. Carta enviada a Jaime Cortesão, do Rio de Janeiro, em 27 de nov. 1921. Biblioteca Nacional de Lisboa (espólio de Jaime Cortesão - Manuscrito).
- PINTO, Álvaro. Carta enviada a Jaime Cortesão, do Rio de Janeiro, em 27 de nov. 1921. Biblioteca Nacional de Lisboa (espólio de Jaime Cortesão - Manuscrito).
- PINTO, Álvaro. Carta enviada a Jaime Cortesão, do Rio de Janeiro, em 12 de jan. 1921. Biblioteca Nacional de Lisboa (espólio de Jaime Cortesão - Manuscrito).
- PINTO, Álvaro. Carta enviada a Teixeira de Pascoaes, do Rio de Janeiro, em 06 de fev. 1921. Biblioteca Nacional de Lisboa (espólio de Teixeira de Pascoaes - Microf.)
- PINTO, Álvaro. *O Brasil atual: duas conferências*. Lisboa: Álvaro Pinto (edição do autor), 1935.
- PINTO, Álvaro. *São Paulo: cidade vertiginosa (seguido de um apêndice sobre o intercâmbio luso-brasileiro)*. Lisboa: Álvaro Pinto (edição do autor), 1937.
- PIRES, Daniel. *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.
- QUADROS, António. *A Idéia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989.
- QUENTAL, Antero de. *Poesia e Prosa: Antero de Quental*. São Paulo: Cultrix, 1974.

- RAMOS, Rui. “O Mito da Política Nacional (1918-1926)”. In.: MATTOSO, José (org.). *História de Portugal*. Vol. 6. Lisboa: Estampa, 2001.
- REYS, Câmara. “Prefácio”. In. *Obra Política de Raul Proença – Páginas de Política I*. Lisboa: Seara Nova, 1972.
- REYS, Câmara. *Raul Proença*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1985.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. “ Antes sem Pão do que sem Pátria”. *Revista Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura. v.2, n.18, 2001.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata- Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- RIBEIRO, Manuel. *Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado(1640-1723)*. Lisboa: Sá da Costa, 1940.
- RIBEIRO, Maria da Conceição. *Raul Brandão – Um Labirinto Trágico* (Estudo e antologia). Lisboa: Alfa, 1990, p.9-43.
- RICARD, Robert. *La diffusiona des Trabalhos de Jesus en France*. Coimbra : Coimbra Editora Limitada, 1949.
- ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985.
- ROSAS, Fernando. “Contextos Históricos da *Seara Nova*”. In.: FERNANDES, Maria Luisa Garcia (Coord.). *Seara Nova: Razão, Democracia, Europa*. Porto: Campo das Letras, 2001.
- SAMUEL, Paulo. *A Renascença Portuguesa: um perfil documental*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990.

- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos. *A Renascença Portuguesa um movimento cultural portuense*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990.
- SANTOS, Boaventura de Souza. “Onze Teses por Ocasão de mais uma descoberta de Portugal”. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994. p. 49- 67.
- SARAIVA, Antonio José. *A cultura em Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1985.
- SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- SEABRA, José Carlos Pereira. “Poesia urgente: ‘Na limiar duma idade nova’”. In: *Augusto Casimiro: Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.
- SEABRA, José Carlos Seabra. “Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)”. *Análise Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol.XIX (77-78-79), 1983, pp.845-873.
- SEABRA, José Carlos Seabra. *O neo- romantismo na poesia portuguesa*. Coimbra, 1999. (tese de doutoramento).
- SÉRGIO, António. “Do intuito e da natureza desta Revista”. *Pela Grei*, Lisboa, n.1, 1918, p.1-6.
- SÉRGIO, António. “Do intuito e da natureza desta Revista”. *Pela Grei*, Lisboa, n.1, 1918, p.1-6.
- SERRÃO, Joel. “Do Socialismo Libertário ao Anarquismo”. In. *Do Sebastianismo ao Socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- SERRÃO, Joel. *Emigração Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizontes, 1971.
- SERRÃO, Joel. *Pequeno Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1993.
- SIMÕES, Nuno. *Atualidade e Permanência do Luso-Brasilismo*. Lisboa: N. Simões, 1960.

- SODRÉ, Néelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TELO, Antônio José. "O Pós- Guerra (1919-1922)". In.: *Decadência e queda da 1ª República Portuguesa*. Lisboa: Regra do Jogo, 1980.
- TENGARRINHA, José(org.). São Paulo: Editora da UNESP; EDUSC, 2001, 2ª ed.
- TRAVESSA, Elisa Neves. "I - Os primeiros vôos da Águia". In.: *Jaime Cortesão – Política, História e Cidadania (1884-1940)*. Porto: ASA, editores, 2004, p.17-51.
- TRAVESSA, Elisa Neves. "II. A Renascença Portuguesa e a Guerra". In.: *Jaime Cortesão – Política, História e Cidadania (1884-1940)*. Porto: ASA, editores, 2004, p. 52-92.
- TRAVESSA, Elisa Neves. *Jaime Cortesão*. Lisboa: ASA, 2004.
- VENTURA, António. "Há uma Estética seareira?". In: VÁRIOS. *Seara Nova – Razão, Democracia, Europa*. Matosinhos: Campo das Letras, 2001. pp.257-272.
- VENTURA, António. *O Imaginário Seareiro*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VERDE, Cesário. *Obra Poética Integral de Cesário Verde (1855-86)*. São Paulo: Landy, 2006.
- VIÇOSO, Vitor. "Os Pobres: um dolorismo redentor". In BRANDÃO, Raul. *Os Pobres*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1984, p.9-31.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ZILBERMAN, Regina. "Crítica". In. JOBIM (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

7. ANEXOS

7.1 Índice Geral da Revista *Seara Nova*¹

Seções marcadas em negrito.

Volume e página	Número da revista	Seção ou título do texto - Data da publicação	Autor
15 de Outubro de 1921			
01; p.01	1	Seara Nova	Grupo Seara Nova
01; p.04	1	Sombras Humildes	Raul Brandão
01; p.06	1	A todos os portugueses desinteressados e de puras intenções	Não assinado
01; p.06	1	A “Seara Nova” e certos republicanos	R.P.
01; p.07	1	Apólogo duma espiga de trigo	J. M. Santiago Prezado
01; p.09	1	O que nos é necessário	Não assinado
01; p.10	1	O Problema Português ²	Ezequiel de Campos
01; p.13	1	No Pelourinho ³	R.P.
01; p.15	1	A Carestia da Vida ⁴	Francisco António Correia
01; p.17	1	As características da educação contemporânea	Faria de Vasconcelos
01; p.19	1	Uma carta de Antero a D. Carolina Michaelis	Antero de Quental
01; p.21	1	No Pelourinho – Lugares Seletos	R.P.
01; p.23	1	Literatura Portuguesa no Estrangeiro – “Los Pobres” de Raul Brandão ⁵	C.R.
01; p.25	1	O meu amor ⁶	Augusto Casimiro
01; p.26	1	A questão do funcionalismo	Raul Proença
01; p.30	1	Idéias, fatos e documentos	Faria de Vasconcelos
01; p.31	1	Teatros	Câmara Reys
01; p.31	1	Crítica Literária ⁷	Nota não assinada
01; p.32	1	As nossas edições ⁸	Não assinado
5 de Novembro de 1921			
01; p.33	2	A Crise Nacional	Jaime Cortesão
01; p.36	2	Os Últimos Acontecimentos	R.P.
01; p.37	2	Organização Militar	General Gomes da Costa

¹ Ao realizar esse trabalho, atualizamos toda a ortografia dos textos publicados na revista, para facilitar a leitura dessa tese.

² A seguir a esse texto, na página 12, há uma Nota da Redação, assinada por R.P e que se relaciona com o artigo de Ezequiel de Campos.

³ No pelourinho traz pequenos textos comentando situações variadas. Alguns aparecem assinados e outros não.

⁴ Em seguida ao artigo “A Carestia da Vida” há um pequeno texto, sem título, assinado por R.P. e um excerto de pensamento de Leon Poincard também sem título, retirado de *Le Portugal inconnu*.

⁵ Dentro do texto há excertos da obra *Os Pobres*, de Raul Brandão.

⁶ Pequeno texto, na mesma página, título e sem assinatura, fala de objetivo da *Seara Nova*. Segue, também, uma lista do “Ministério da Salvação Nacional”.

⁷ Nota sobre o recebimento e posterior crítica de obras enviadas para a *Seara Nova*.

⁸ Segue uma lista com as primeiras edições da *Seara Nova*, as edições em preparação e os próximos lançamentos alguns com comentários.

01; p.39	2	Literatura: Crônica deslegante da minha aldeia	Aquilino Ribeiro
01; p.42	2	António Granjo	C.R.
01; p.43	2	Neve	Vieira de Almeida
01; p.44	2	Se a burguesia quisesse ¹	Emílio Costa
01; p.48	2	Porque não somos um partido político	Raul Proença
01; p.49	2	Economia e Finanças	Azeredo Perdigão
01; p.51	2	Ao futuro	Raul Proença
01; p.53	2	A ária da renúncia	R.P.
01; p.54	2	O problema português	Ezequiel de Campos
01; p.56	2	19 de outubro	Não assinado
01; p.56	2	No Pelourinho	R.P.
01; p.58	2	Alguém	J.C.
01; p.58	2	Uma nova revolução?	Não assinado
01; p.59	2	Crítica Literária	C.R.
01; p.60	2	Teatros	J.C. e C.R. ²
01; p.61	2	A Seara Nova e o sr. Francisco A. Correia	Não assinado
01; p.62	2	Idéias, fatos e documentos	Faria de Vasconcelos
01; p.63	2	Notas e Comentários ³	R.P. ⁴
01; p.64	2	As nossas edições	
20 de Novembro de 1921			
01; p.65	3	A lição do Canal	Faria de Vasconcelos
01; p.71	3	Portugal e Galícia ⁵	Eugénio Carré Aldao
01; p.72	3	A Véspera de Alcácer-Kibir	Alfredo Pedro Guisado, Pedro de Menezes
01; p.73	3	O homem que veio a Lisboa pregar Deus ao Sr. Afonso Costa	Raul Brandão
01; p.75	3	Cartas à Mocidade	Jaime Cortesão
01; p.77	3	Um livro de claridades e de sombras	Raul Proença
01; p.81	3	O problema da educação na crise atual portuguesa	Ezequiel de Campos
01; p.85	3	Crônica Internacional	Câmara Reys
01; p.87	3	No pelourinho	R.P.
01; p.88	3	As afirmações da quinzena	R.P.
01; p.89	3	Homens de ação desconhecidos	Não assinado
01; p.91	3	Bases para a solução dos problemas da educação nacional	Faria de Vasconcelos
01; p.95	3	Ao Brasil	Seara Nova
01; p.95	3	Os navios estrangeiros no Tejo	Jaime Cortesão
01; p.96	3	As nossas edições	
05 de Dezembro de 1921			
01; p.97	4	O Problema Português	Ezequiel de Campos
01; p.101	4	Cartas à Mocidade	Jaime Cortesão
01; p.102	4	Ministério da Instrução	C. R.
01; p.103	4	O regicídio e os regicidas	Aquilino Ribeiro
01; p.104	4	O Dente d'Ouro e a noite trágica	J.C.
01; p.105	4	Tentação do Calvário	Augusto Casimiro

¹ Propaganda de Edição da *Seara Nova*, na página 47, em seguida ao texto de Emílio Costa.

² Cada um dos autores assina uma crítica.

³ Na mesma página acrescenta-se uma "Errata".

⁴ Apenas uma das notas é assinada por R.P. As outras não aparecem assinadas.

⁵ Texto escrito em galego.

01; p.107	4	Os quarenta imortais – Guerra Junqueiro	C.R.
01; p.108	4	O manifesto da Cruzada Nun'Álvares	Raul Proença
01; p.110	4	Se a burguesia quisesse...1	Emílio Costa
01; p.114	4	No Pelourinho	R.P.
01; p.115	4	Anatole France	Aquilino Ribeiro
01; p.116	4	Consultório do Cidadão	R.P.
01; p.117	4	Lugares Seletos	Não assinado
01; p.118	4	Teatro	Câmara Reys
01; p.119	4	A Seara Nova e o poder	Não assinado
01; p.120	4	Crítica Literária	C.R.
24 de Dezembro de 1921			
01; p.121	5	Soluções Políticas	Jaime Cortesão
01; p.123	5	Memórias, porque se matou Mousinho de Albuquerque	Raul Brandão
01; p.126	5	Os escultores franceses e a renascença em Portugal	Reinaldo dos Santos
01; p.129	5	A utilização da energia hidro-elétrica	José Ferreira da Silva
01; p.131	5	Ministérios de fantasia	Não assinado
01; p.132	5	Acerca do Integralismo lusitano	Raul Proença
01; p.137	5	No pelourinho	R.P.
01; p.138	5	Natal	Câmara Reys
01; p.139	5	Economia e Finanças	Azeredo Perdigão
01; p.142	5	Bases para a solução dos problemas da educação nacional	Faria de Vasconcelos
01; p.144	5	Teatro	Câmara Reys
14 de Janeiro de 1922			
01; p.146	6	Política Interna	Câmara Reys
01; p.148	6	Galiza e Portugal	Alfredo Pedro Guisado
01; p.148	6	Eis como a noite vem ao meu castelo	Afonso Duarte
01; p.149	6	Acerca do integralismo lusitano	Raul Proença
01; p.155	6	Auto dos pastores brutos	J.M.Santiago Prezado
01; p.157	6	No pelourinho	C.R.
01; p.158	6	O problema português	Ezequiel de Campos
01; p.161	6	Notas e Comentários	R.P.
01; p.162	6	Carta de António Nobre a Vasco da Rocha e Castro	António Nobre
01; p.163	6	O regicídio e os regicidas	Aquilino Ribeiro
01; p.165	6	A união militar	Não assinado
01; p.166	6	Lugares seletos	Não assinado
01; p.166	6	O bailado, por Teixeira de Pascoaes	R.B.
01; p.166	6	Se a burguesia quisesse2	Não assinado
01; p.167	6	Teatro	C.R.
1 de Fevereiro de 1922			
01; p.169	7	Política Interna	Jaime Cortesão
01; p.170	7	O abismo econômico e financeiro	Quirino de Jesus
01; p.173	7	Resposta à carta de um amigo do Trabalho que quiere matricular-se numa escola de agricultura	Ezequiel de Campos
01; p.174	7	Bases para a solução dos problemas nacionais	Faria de Vasconcelos

¹ Segue N. da R. após o artigo em que se afirma a discordância do texto de Emílio Costa.

² Nota da revista sobre “gralhas” no texto de Emílio Costa.

01; p.177	7	Veemência	João de Barros
01; p.178	7	Acerca do integralismo lusitano	Raul Proença
01; p.183	7	Notas e Comentários	Não assinado
01; p.183	7	Aos meus amigos	Gomes Ferreira
01; p.184	7	Idéias, fatos e documentos ¹	Faria de Vasconcelos
01; p.186	7	Lei alemã do inquilinato ²	Não assinado ³
01; p.188	7	Da Arte	Humberto Pelágio
01; p.190	7	Dos Livros	Não assinado
01; p.192	7	Do Teatro	J.C. e C.R.
15 de Fevereiro de 1922			
01; p.193	8	Política Interna	Câmara Reis
01; p.194	8	A redução do valor da nota	Quirino de Jesus
01; p.198	8	Os Pescadores	Raul Brandão
01; p.203	8	Notas e Comentários	Não assinado ⁴
01; p.204	8	Educação Popular	Ferreira de Macedo
01; p.208	8	A expedição de Pedro Álvares Cabral ⁵	Jaime Cortesão
01; p.215	8	As questões morais e sociais na literatura	Não assinado
1 de Março de 1922			
01; p.217	9	Política Interna	Raul Proença
01; p.218	9	O problema português	Ezequiel de Campos
01; p.220	9	Bases para a solução dos problemas da educação nacional	Faria de Vasconcelos
01; p.222	9	O banco de Portugal	Quirino de Jesus
01; p.226	9	O regicídio e os regicidas	Aquilino Ribeiro
01; p.230	9	Cartas à mocidade	Jaime Cortesão
01; p.232	9	Se a burguesia quisesse ⁶	Emílio Costa
01; p.235	9	O problema do inquilinato	Azeredo Perdigão
01; p.239	9	Acerca do Integralismo Lusitano – IV Liberdade e Igualdade	Raul Proença
01; p.242	9	Hora Feliz	M. Cardoso Marta
01; p.243	9	Política Internacional – A Conferência de Gênova	Q. de J.
01; p.244	9	O Congresso Económico Nacional	Ezequiel de Campos
01; p.245	9	A Um Livro	Américo Durão
01; p.245	9	Lacrymae rerum	António Ferreira Monteiro
01; p.246	9	Notas e Comentários	C. R.
01; p.247	9	Dos Livros	C. R.
01; p.248	9	Do Teatro	R.
15 de Março de 1922			
01; p.249	10	Socorram os Famintos Russos!	Raul Brandão

¹ Em seguida ao texto, há um pequeno excerto de texto de “S. Santidade Leão XIII, na encíclica”.

² Há uma nota da administração informando aos assinantes sobre diminuição da porcentagem de desconto nas edições da *Sera Nova*.

³ Há uma N.da R. que se relaciona ao texto sobre a lei do inquilinato.

⁴ Apenas uma das notas apresenta assinatura de C.R.

⁵ A seguir a esse texto, há uma pequena nota intitulada “A renúncia do sr. Presidente da República”. Essa nota na aparece no sumário da revista. p.214. Há, também, uma nota do serviço administrativo na mesma página.

⁶ Nota, na página 234, ao final desse artigo, intitulada: “D. Ramiro Maetzu”. Não aparece citado no Sumário. Outra nota da administração em seguida a essa citada.

01; p.250	10	P Problema Português – II – Traços Gerais da Reorganização Económica	Ezequiel de Campos
01; p.251	10	Cartas à Mocidade – IV – Os caracteres e o carácter	Jaime Cortesão
01; p.253	10	Encerrado	António Ferreira Monteiro
01; p.254	10	O Programa Financeiro do Governo	Quirino de Jesus
01; p.257	10	Educação Pacifista ¹	Sebastião da Costa
01; p.261	10	Página da mocidade – A indiferença	David Ferreira
01; p.262	10	D. Ramiro de Maeztu	Não assinado
01; p.263	10	O terceiro congresso internacional de Educação Moral	Faria de Vasconcelos
01; p.264	10	O Defunto movimento social e as últimas eleições	R. P.
01; p.265	10	Os quarenta imortais – II – Teófilo Braga	Câmara Reys
01; p.246	10	Da medicina Social - I – O que a medicina social não é	João Camoêsas
01; p.268	10	Notas e comentários	C. R.
01; p.269	10	Alves de Souza – A morte de um grande artista	C. R.
01; p.270	10	No Pelourinho	A. C. e C. R.
01; p.271	10	Dos Livros	C. R.
01; p.272	10	Dos Teatros	C. R.
1 de Abril de 1922			
01; p.273	11	Política Interna – O orçamento e o empréstimo	Quirino de Jesus
01; p.176	11	O Problema Português – III – Uma Revolução Política	Ezequiel de Campos
01; p.278	11	Socorram os famintos russos	R. P.
01; p.279	11	Ana Dióménica	Augusto Casimiro
01; p.280	11	Acerca do Integralismo Lusitano – V – O progresso e as doutrinas científicas	Raul Proença
01; p.285	11	Nós e o “Mundo”	Não assinado
01; p.286	11	O Raid Aéreo Portugal-Brasil	A. C.
01; p.287	11	O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra	Teófilo Júnior
01; p.289	11	O Sr. Alfredo Pimenta	R. P.
01; p.293	11	Notas e Comentários	J. C.
01; p.294	11	Da Arte	Humberto Pelágio
01; p.296	11	Do teatro	J. C.
15 de abril de 1922			
01; p.297	12	Programa mínimo de salvação pública	Não assinado
01; p.302	12	A morte do palhaço – Os seus papeis 2	Raul Brandão
01; p.306	12	Conto de amor na floresta	Jaime Cortesão
01; p.308	12	Política financeira – Reparações, créditos e empréstimos	Quirino de Jesus
01; p.310	12	Política da Guerra ³ - Uma carta do Sr. Freire de Andrade	Augusto Casimiro responde a carta
01; p.313	12	A Batalha do Lys	Pina de Moraes
01; p.315	12	As Homenagens ao Sr. Augusto de Castro na Academia	C. R.
01; p.316	12	Bases para a solução dos problemas da educação nacional	Faria de Vasconcelos
01; p.317	12	O lusitanismo em Galicia	Eugenio Carré
01; p.318	12	Os quarenta imortais – III – Eugénio de Castro	Câmara Reys
01; p.319	12	Socorram os famintos russos	R. P.
01; p.320	12	Notas e comentários	R. P.

¹ Na sequência deste texto Há uma nota não assinada intitulada “República Federal” – p.260.

² A este texto, segue nota assinada por “Wells” – p.305

³ A este texto, segue carta de Alfredo Pimenta enviada a Raul Proença

01; p.321	12	Dos Livros	Fernandes Lopes
12 de Maio de 1922			
02; p.1	13	Os Novos Lusíadas	Jaime Cortesão
02; p.2	13	Os estudos e experiências preparatórias da viagem aérea Lisboa-Rio	Gago Coutinho
02; p.8	13	O raid aéreo Lisboa-Funchal	Sacadura Cabral
02; p.9	13	Dois mestres de heroísmo e tenacidade	Não assinado
02; p.11	13	Gago Coutinho – Sacadura Cabral	José de Magalhães
02; p.12	13	A ciência da posição e a ciência da utilização	Ezequiel de Campos
02; p.14	13	O destino de Portugal	Quirino de Jesus
02; p.16	13	Dos Livros	C. R e R. B.
02; p.--	13	Socorram os famintos russos!	Não assinado
1º de Junho de 1922			
02; p.17	14	A política fiscal do Governo	Quirino de Jesus
02; p.20	14	Ensaio crítica literária	José de Magalhães
02; p.25	14	Notas e Comentários	C. R.
02; p.26	14	Nós e a Luta	R. P.
02; p.28	14	A morte do palhaço	Raul Brandão
02; p.31	14	Dos Livros	B. e M.
02; p.31	14	Do Teatro	C. R.
02; p.32	14	Socorram os famintos russos	A. C.
1 de Julho de 1922			
02; p.33	15	Álvaro Pires de Évora em Itália	Reynaldo dos Santos
02; p.34	15	O Problema Português	Ezequiel de Campos
02; p.36	15	Cântico sobre o abismo – a Gago Coutinho e Sacadura Cabral	Augusto Casimiro
02; p.38	15	A maldição cubra os pardais prosa	Aquilino Ribeiro
02; p.40	15	Acerca do integralismo lusitano – VI – Nacionalismo e internacionalismo	Raul Proença
02; p.42	15	O Ferrugento	Pina de Moraes
02; p.44	15	A Lição do Lusitânia	Sebastião da Costa
02; p.46	15	Ensaio crítica literária	José de Magalhães
02; p.48	15	Dos Livros	B. e M.
1 de agosto de 1922			
02; p.49	16	A Partida da armada de Pedro Álvares Cabral	Jaime Cortesão
02; p.52	16	Bilhetes do Brasil	Álvaro Pinto
02; p.53	16	Bases para a solução dos problemas da educação nacional	Faria de Vasconcelos
02; p.57	16	História Ingênuia	Américo Durão
02; p.58	16	Soneto da Lua	Ângelo César
02; p.58	16	“Pense Charmant”	Florbelia Espanca
02; p.58	16	Amor e Dor	José Augusto de Castro.
02; p.59	16	Notas e comentários	R. P.
02; p.60	16	O Dr. Antonio Aurélio da Costa Ferreira e a Casa Pia de Lisboa	David Ferreira
02; p.62	16	Primavera Abortada	Raul Brandão
02; p.63	16	Dos Livros	B. e M.

1 de Setembro de 1922			
02; p.65	17	O Problema Português – A Questão Agrária	Ezequiel de Campos
02; p.67	17	Cambó e a conferência de Génova	Não assinado
02; p.70	17	Bucólica	José S. Rau
02; p.71	17	A Andorinha e o Morcego	Severo Portela
02; p.73	17	As delícias de Cápua dos aviadores	R. P.
02; p.73	17	O Mercure de France e a Seara Nova	Não assinado
02; p.73	17	A missão ao Brasil	Não assinado
02; p.74	17	Bilhetes do Brasil	Álvaro Pinto
02; p.75	17	O exército Construtor	Sebastião da Costa
02; p.78	17	Notas e Comentários	B. e M.
02; p.79	17	Da Arte	Humberto Pelágio
02; p.80	17	Dos Livros e Revistas	Não assinado
5 de Outubro de 1922			
02; p.81	18	Desastrosa governação financeira	Quirino de Jesus
02; p.83	18	A morte do palhaço – III – Camélia	Raul Brandão
02; p.86	18	Fogueira eterna	António Alves Martins
02; p.87	18	A reconciliação Portugal-Espanha	Sebastião da Costa
02; p.89	18	Notas e comentários	E. de C.
02; p.92	18	Dos Livros e Revistas	Vários autores
3 de outubro de 1922			
02; p.97	19	Portugal-Espanha	Trindade coelho Quirino de Jesus Ezequiel de Campos
02; p.100	19	A clareira dos mortos	Augusto Casimiro
02; p.103	19	O “Cavaleiro de Oliveira” prefácio	Aquilino Ribeiro
02; p.106	19	O problema religioso	Raul Proença
02; p.107	19	Basílio Teles ¹	Ezequiel de Campos
02; p.108	19	Canção da Saudade	Luís de Avelar
02; p.109	19	Brillat Savarin	Jorge Cid
02; p.110	19	Os Livros	H. C.
Dezembro-Janeiro de 1923			
02; p.113	20	O Problema Português – A Questão da Força	Ezequiel de Campos
02; p.114	20	Bilhetes do Brasil ²	Álvaro Pinto
02; p.118	20	Meu pensamento...	Bernardo de Passos
02; p.119	20	A morte do palhaço – IV – Sonho e Realidade	Raul Brandão
02; p.122	20	O Problema do Marrocos	Não assinado
02; p.124	20	Notas e Comentários	R. P.
02; p.127	20	Sobre os livros escolares	R. P.
Fevereiro – Março de 1923			
02; p.129	21	Apelo à Nação	Não assinado

¹ Seguem a este artigo duas pequenas notas não assinadas.

² Segue nota não assinada referente à “Subscrição a favor dos famintos russos”

02; p.135	21	A morte do Palhaço – IV – Sonho e Realidade	Raul Brandão
02; p.138	21	O Anjo e a Flauta de Pan	Jaime Cortesão
02; p.140	21	Notas e Comentários	R. P.
02; p.142	21	Bilhetes do Brasil	Álvaro Pinto
02; p.147	21	A ressurreição de Lázaro	Ezequiel de Campos
02; p.148	21	O problema da instrução religiosa nas escolas particulares	António Sérgio
02; p.150	21	Lugares Seletos	Não assinado
02; p.151	21	Exposições	Rodrigues Miguéis
Abril de 1923			
02; p.153	22	Seara Nova	Não assinado
02; p.155	22	A União Cívica e a Seara Nova	Raul Proença
02; p.157	22	A União Cívica, os seus intuítos e os seus métodos	António Sérgio
02; p.162	22	Uma hora de Don Juan	José S. Rau
02; p.163	22	Bazilio Teles	Azeredo Perdigão
02; p.165	22	Notas e Comentários	A. S. e C. R.
02; p.170	22	Pão Alheio	Não assinado
02; p.173	22	Livros e Revistas	Vários autores
Maio de 1923			
02; p.177	23	Problemas políticos nacionais – A política de Oliveira Martins	António Sérgio
02; p.183	23	Sarah Bernhardt morreu!	António Arroyo
02; p.186	23	A União Cívica e a Seara Nova – II – Resposta às objeções fundamentais	Raul Proença
02; p.189	23	A derrocada nacional	Quirino de Jesus
02; p.192	23	Notas e comentários	A. S.
02; p.193	23	Livros e Revistas	R. B.
Junho de 1923			
02; p.202	24	Paginas antigas... e de hoje – Causas e remédios do despovoamento de Portugal	Severim de Faria
02; p.206	24	A morte do palhaço – A última farsa	Raul Brandão
02; p.208	24	Notas e Comentários	A. S.
02; p.212	24	Meus cinco sentidos	Ângelo César
02; p.213	24	Os problemas da educação nacional; exemplos a aproveitar – A violoncelista Suggia e o maestro Lacerda ¹	António Arroyo
02; p.215	24	Um fio de água no escuro...	Carlos de Gouvêa
02; p.216	24	Livros e Revistas	A. S.
02; p.219	24	Os teatros	C. R.
Julho de 1923			
03; p.2	25	Guerra Junqueiro	Raul Proença
03; p.4	25	Problemas Pedagógicos – Ensino livre, ensino obrigatório	Alberto Pessoa
03; p.8	25	Problemas económico-sociais – Elementos Naturais da Organização Nacional ²	Ezequiel de Campos
03; p.10	25	Uma carta inédita de Camilo	Não assinado
03; p.11	25	Problemas educativos – A Reforma da Educação	Jaime Cortesão
03; p.14	25	Trovas do velho estudante	Alberto d’Oliveira
03; p.15	25	Problemas administrativos – A autonomia dos Açores e da	Quirino de Jesus

¹ Segue nota não assinada.

² Segue em nota separada do artigo uma citação de Alexandre Herculano

		Madeira	
03; p.16	25	Os Adufes da Saudade	Celestino David
03; p.18	25	Notas e Comentários	C. R. e A. S.
03; p.20	25	Questionário sobre a projetada reforma da instrução pública	Não assinado
Agosto-Setembro de 1923			
03; p.26	26	Os Pescadores	Raul Brandão
03; p.28	26	Uma carta inédita de Basílio Teles	Não assinado
03; p.29	26	A União Cívica e a Seara Nova – III – Resposta às objeções fundamentais	Raul Proença
03; p.32	26	A Morte da Rola	Afonso Duarte
03; p.33	26	Os Quarenta Imortais – IV – Raul Brandão	Câmara Reys
03; p.34	26	Milagre de Joane	Rodrigues Miguéis
03; p.36	26	Máximas	António Ferreira Monteiro
03; p.37	26	Diálogos de Urbano e Silvestre	Simplicissimus
03; p.39	26	Um problema literário – Eça de Queirós e a sociedade Portuguesa	António Sergio
03; p.42	26	Notas e Comentários	C. R. e A. S.
Outubro-novembro de 1923			
03; p.51	27	Carta Aberta Dirigida a Sua Ex ^a o Presidente da Republica	O Grupo Seara Nova
03; p.55	27	A lei eleitoral argentina	Alberto de Oliveira
03; p.58	27	Ainda Guerra Junqueiro	Raul Proença
03; p.61	27	O problema do pão – O pão de tipo único	Cap. Fernandes Duarte
03; p.62	27	Corretivos essenciais de organização nacional	Ezequiel de Campos
03; p.63	27	Afonso Costa	R. P.
03; p.64	27	Notas e Comentários	A. S. e C. R.
Dezembro de 1923			
03; p.71	28	No Governo	Não assinado
03; p.72	28	O sistema de Wirth em Gary – A União do Professorado Primário	Faria de Vasconcelos
03; p.77	28	Corpo de Ânfora	Fernando Tavares de Carvalho
03; p.78	28	O Dai-Nippon extrato de prefácio	Almeida de Eça
03; p.82	28	Grupo Seara Nova	Luis Araquistain
03; p.83	28	O Problema do Pão	Cap. Fernandes Duarte
03; p.85	28	Página da Mocidade	João de Souza
03; p.86	28	Serviço de livros	Não assinado
20 Janeiro de 1924			
03; p.91	29	No Governo ¹	Não assinado
03; p.93	29	Das causas de ineficácia do ensino superior em Portugal	A. Quintanilha
03; p.97	29	O Problema da Ordem Pública ²	Sarmiento Pimentel
03; p.99	29	O Riso	Teixeira de Pascoais
03; p.100	29	Antonio Sergio e o seu monarquismo ante o olhar puríssimo de certas vestais republicanas	R. P.
03; p.102	29	Notas e comentários	C. R.

¹ Segue nota não assinada sobre Leonardo Coimbra

² Segue nota de pesar, não assinada ao Dr. Faria de Vasconcelos

03; p.103	29	Vera Vergani	Não assinado
03; p.104	29	Exposições	Rodrigues Miguéis
03; p.106	29	Livros e Revistas	H. C.
03; p.107	29	Serviço de Livros	Não assinado
31 Janeiro de 1924			
03; p.111	30	Teófilo Braga	Não assinado
03; p.112	30	No Governo	Não assinado
03; p.114	30	A Seara Nova e a Batalha	Não assinado
03; p.115	30	Camilo e o Fantasma	Raul Brandão
03; p.117	30	Exposição Souza Lopes	Rodrigues Miguéis
03; p.119	30	Nova Estética	Justino de Montalvão
03; p.121	30	Vera Vergani	Não assinado
03; p.122	30	O sistema de Wirth em Gary	Faria de Vasconcelos
03; p.125	30	Notas e Comentários	C. R.
03; p.126	30	Livros e Revistas	António Ferreira Monteiro
15 Fevereiro de 1924			
03; p.131	31	No Governo	Não assinado
03; p.133	31	A Batalha e a Seara Nova	Não assinado
03; p.134	31	Idéias Educativas dum Candidato Trabalhista – “a Chama Imortal” de Wells	António Sergio
03; p.141	31	Humorismo – Good Morning	José S. Rau
03; p.142	31	Protesto que é um apelo ¹	Bourbon e Meneses
03; p.143	31	Mandamentos do Desportista	Agostinho de Campos tradução
03; p.144	31	Notas e Comentários	R. P.
03; p.145	31	O Trabalhismo Perante os Grandes Problemas Europeus	Não assinado
1 Março de 1924			
03; p.151	32	No Governo	Não assinado
03; p.153	32	A Ditadura	Raul Proença
03; p.156	32	A Industrialização dos Serviços do Estado – Generalidades	Cap. Fernandes Duarte
03; p.159	32	União da Mocidade Republicana	Rodrigues Miguéis
03; p.162	32	Notas e Comentários	R. M. e R. P.
03; p.163	32	Documentos Políticos – A Seara Nova e a Ação Nacional ²	Vários Autores
20 Março, 1924			
03; p.171	33	Mi Homenage a Dom Luiz de Camões	Andrés Goinzales Blanco
03; p.173	33	Retratos de Desconhecidos	Raul Brandão
03; p.175	33	Ibañez na Gruta de Camões	S. C.
03; p.177	33	No Governo	Joaquim de Carvalho
03; p.178	33	Coisas do Demo no Papel do Nemo	António Sérgio
03; p.180	33	A industrialização dos serviços do Estado – Generalidades	Cap. Fernandes Duarte
03; p.182	33	Documentos políticos – A Seara Nova e a Ação Nacional	Não assinado

¹ Segue nota não assinada sobre Leonardo Coimbra

² Seguem 3 notas não assinadas

9 Abril, 1924			
03; p.191	34	O Grupo Seara Nova ao País	O Grupo Seara Nova
03; p.194	34	D Miguel de Unamuno	Gabriele D'Annunzio
03; p.195	34	No Governo	António Sérgio
03; p.198	34	Salve-se o Cooperativismo!	Armando de Vasconcelos Massano
03; p.199	34	A direção da "Seara Nova"	Não assinado
03; p.200	34	A Propósito de um Comentário	Raul Proença
03; p.204	34	Ortografia Portuguesa no Brasil	Jorge Guimarães Daupias
15 Maio, 1924			
03; p.211	35	Sinfonia do Vento	Capt. Sarmiento de Beires
03; p.213	35	No Governo	Prof. Azevedo Gomes
03; p.218	35	Os Cavadores	Teixeira de Pascoais
03; p.219	35	A Família do Anão quadro	Martins Barata
03; p.220	35	União da Mocidade Republicana	Mário de Castro
03; p.222	35	A Revolução Alemã desenhos	Worn Kow
03; p.223	35	Uma réplica	Raul Proença
03; p.224	35	Engenheiros Auxiliares	R. R.
03; p.224	35	Propaganda Católica	Não assinado
03; p.225	35	O Estado e os Seus Funcionários	Prof. Azevedo Gomes
03; p.226	35	Um Programa	A. S.
03; p.226.	35	Instrução	A. S.
Junho, 1924			
03; p.231	36	"Sinfonia do Vento"	Não assinado
03; p.233	36	Instrução Militar	Sarmiento Pimentel
03; p.238	36	O Caso dos Olivais	J. C.
03; p.239	36	AS Eleições em França desenhos	Não assinado
03; p.240	36	Meu Quixotismo	António Ferreira Monteiro
03; p.241	36	Pela União dos Intelectuais	Príncipe Carlos de Rohan
03; p.242	36	Notas e Comentários	R. P e A. S.
03; p.243	36	J. M. de Sant'Iago Prezado – um livro de versos	M. Cardoso Marta
03; p.246	36	Uma Carta de Augusto Gil a Raul Proença ¹	Augusto Gil
Julho e Agosto, 1924			
04; p.3	37	"Sinfonia do Vento" pelo Capt. Sarmiento de Beires – Opiniões de Alguns dos Mais Ilustres Escritores Portugueses	Vários
04; p.5	37	... Nem Bom Casamento – Ao Major Francisco Aragão ²	Sarmiento Pimentel
04; p.7	37	O Que Se Chama Uma Questão "Literária"... em Portugal	António Sérgio
04; p.10	37	Moção das Juntas de Freguesia	Não assinado
04; p.10	37	Escolas Primárias Superiores	A. S.
04; p.10	37	Palavras de António Maura	A. S.
04; p.11	37	D. Miguel de Unamuno	Não assinado
04; p.12	37	Resposta dum Exortado a uma Nobre Exortação	Mário de Castro

¹ Segue resposta assinada por R. P.

² Segue trecho de texto intitulado "Palavras de Oliveira Martins" dos Dispersos

04; p.14	37	No governo ¹	Prof. Azevedo Gomes
04; p.17	37	Considerações de Shopenhauer Sobre o Duelo	Não assinado
04; p.18	37	Roupa Lavada	Não assinado
04; p.18	37	O Ideal Republicano	Não assinado
Setembro e Outubro 1924			
04; p.23	38	“Sinfonia do Vento” pelo Capt. Sarmento de Beires – Opiniões de Alguns dos Mais Ilustres Escritores Portugueses	Vários
04; p.25	38	Problemas Pedagógicos	António Sérgio
04; p.26	38	Reflexões Sobre O Fomento Pecuário	A. Monteiro da Costa
04; p.29	38	A Rússia Comunista – Impressões de Carlos Gide	Não assinado
04; p.30	38	O Artificio Cambial – Como Neutralizar Seus Efeitos	Armando de Vasconcelos Massano
04; p.31	38	O Mercado de Perfumes	Fernando Tavares de Carvalho
04; p.32	38	No Governo – II – Medidas de Fomento	Prof. Azevedo Gomes
04; p.36	38	Matteoti e Casalini	Não assinado
04; p.36	38	Um Opúsculo Político	A. S.
04; p.37	38	Notas e Comentários	C. R.
04; p.38	38	O Sindicalismo e o Movimento das “Forças Vivas”	A. S.
04; p.38	38	Os Trabalhistas no Poder	Não assinado
Novembro –Dezembro de 1924			
04; p.43	39	Sacadura Cabral	J. M. Sarmento de Beires
04; p.44	39	O Programa do Governo e o da “Seara Nova”	A. S.
04; p.45	39	“Sinfonia do Vento” pelo Capt. Sarmento de Beires – Opiniões de Alguns dos Mais Ilustres Escritores Portugueses	Vários
04; p.47	39	Anatole France	Câmara Reys
04; p.49	39	No Governo – III – A Atividade técnica do Ministério	Prof. Azevedo Gomes
04; p.50	39	Alexandre Ferreira	Não assinado
04; p.51	39	São Simão	Santiago Prezado
04; p.52	39	Ainda a Espanha	Sarmento Pimentel
04; p.54	39	Universidade Livre – Bibliotecas ao Ar Livre – Conferências – A Colaboração da “Seara Nova” na sua Obra Educativa	Não assinado
04; p.55	39	Política – Parlamento e Competência	J. Rodrigues Miguéis
04; p.57	39	Em Regime de Compadrio	M. de C.
04; p.58	39	Notas e Comentários	M. de C., C. R. e D. F.
Janeiro de 1925			
04; p.63	40	Regresso ao Próprio Espírito – À margem das Idéias e da Vida – Sobre a existência de Deus e a lealdade de consciência	Raul Proença
04; p.68	40	“Sinfonia do Vento” – Pelo Capt. Sarmento de Beires – continuação da lista de subscritores	Não assinado
04; p.69	40	Romance da Raposa	Aquilino Ribeiro
04; p.72	40	Paixão Clerical e Anti-Paixão Clerical	A. S.
04; p.73	40	Vômitos da Retórica nacional Sobre o Cadáver de Sacadura	R. P.
04; p.75	40	Mar das Tormentas – poemas por António Ferreira	Não assinado

¹ Seguem fins de página de Fialho de Almeida e Dumas Filho

		Monteiro1	
04; p.76	40	Notas e Comentários	R. P. e D. F.
1 de Fevereiro , 1925			
04; p.83	41	Ilusões Políticas	Mário de Castro
04; p.84	41	A União Agrária	A. S.
04; p.85	41	Cartas à Mocidade – V – A Disciplina2	Jaime Cortesão
04; p.88	41	No Governo	Prof. Azevedo Gomes
04; p.91	41	Uma Carta Inédita de Camilo a Beldemónio	Não assinado
04; p.92	41	Programa Velho	Vieira de Campos
04; p.94	41	Ossos dum Banquete	David Ferreira
04; p.95	41	A educação Nacional os Orçamentos	Rodrigues Miguéis
04; p.96	41	Escolas Primárias Superiores	Não assinado
04; p.97	41	“Sinfonia do Vento” – Pelo Capt. Sarmento de Beires – continuação da lista de subscritores	Não assinado
15 de Fevereiro, 1925			
04; p.103	42	A “Seara Nova” e o Governo	Não assinado
04; p.105	42	A Última Etapa	Sarmento de Beires
04; p.	42	“Sinfonia do Vento” – Pelo Capt. Sarmento de Beires – continuação da lista de subscritores	Não assinado
04; p.109	42	Carta aberta a Trindade Coelho	António Sérgio
04; p.111	42	Dois Sonetos	José Shimidt Rau
04; p.112	42	Comentários a Vida Literária	Hernani Cidade
04; p.115	42	Questão de Estética Literária	A. S.
04; p.116	42	O Problema Agrário Português – Opiniões de Vários Publicistas3	Não assinado
04; p.117	42	“O Graal do Meu Encanto”4	Não assinado
15 de Março, 1925			
04; p.123	43	Tréplica a Carlos Malheiro Dias Sobre a Questão do Desejado	António Sérgio
04; p.130	43	Um Exemplo	A. S.
04; p.130	43	Alunos e Mestres	C. R.
04; p.131	43	Carta a Raul Proença – Ateísmo e Deísmo. Filosofia da Razão e Filosofia da Vida	António Ferreira Monteiro
04; p.134	43	Um Apóstolo Falou	David Ferreira
04; p.135	43	Melros	A. S.
04; p.136	43	1º Salão D’Outono	R. M.
Abril, 1925			
04; p.143	44	Algumas palavras Sobre o Desastre do Breguet N° 13	Sarmento de Beires
04; p.146	44	Combates...	Raul Proença
04; p.151	44	Um Inédito de Fialho D’Almeida	X
04; p.151	44	A Feira das Almas	Fialho D’Almeida

¹ Citações de críticas feitas ao livro em outras publicações

² Seguem citações de Cunha e Costa e João da Silva Corrêa publicadas em outros periódicos

³ Trechos de textos publicados em livros e outros periódicos

⁴ Citações de críticas publicadas em outros periódicos

04; p.153	44	Tréplica a Carlos Malheiro Dias Sobre a Questão do Desejado – Continuação	António Sérgio
Maio, 1925			
04; p.162	45 e 46	Uma Carta	Alberto Martins de Carvalho, António de Souza, Mário de Castro, Sílvio Lima, Vitorino Nemésio
04; p.163	45 e 46	O Último Movimento Revolucionário	Raul Proença
04; p.167	45 e 46	A Proposta Orçamental do Ministério da Guerra	Sarmento de Beires
04; p.173	45 e 46	Tréplica a Carlos Malheiro Dias Sobre a Questão do Desejado – Conclusão	António Sérgio
04; p.178	45 e 46	Ele e Eu	Augusto Pinto
04; p.180	45 e 46	Carta Aberta a um Conservador Lusitano	A. S.
04; p.182	45 e 46	Em Torno do Problema Agrário Português	Mário Fortes
04; p.188	45 e 46	Princípios Fundamentais de uma Democracia Organizada	Mário de Castro
04; p.193	45 e 46	Notas e Comentários	R. P.
04; p.194	45 e 46	À Margem da Questão Sebástica	Não assinado
Junho, 1925			
04; p.199	47	Sobre a Reforma da Organização Militar Colonial ¹	Francisco Aragão
04; p.202	47	Soberania do Povo	A. S.
04; p.202	47	Burocracias	A. S.
04; p.203	47	Ele e Eu	Augusto Pinto
04; p.206	47	General Gomes da Costa	J. C.
04; p.206	47	O Teatro Juvénia	Jaime Cortesão
04; p.207	47	Resposta ao Senhor Afonso Lucas “Ci-Devant” Homem Livre	Raul Proença
04; p.211	47	Um Professor	Câmara Reys
04; p.213	47	Notas e Comentários	R. P.
1 de julho, 1925			
04; p.219	48	Cartas à Mocidade	Jaime Cortesão
04; p.223	48	Em Caminho de Ferro	Aquilino Ribeiro
04; p.225	48	Oração em Noite de África	Augusto Casimiro
04; p.226	48	Considerações de Shopenhauer Sobre o Duelo ²	Não assinado ³
04; p.229	48	Comentários á Vida Literária	Hernani Cidade
04; p.233	48	Conluio	R. P.
04; p.234	48	Notas e Comentários	R. P.
15 de Julho, 1925			
05; p.1	49	Uma Vida	Raul Brandão
05; p.3	49	Angola	Sarmento Pimentel
05; p.4	49	O Calor da Máscara	A. S.
05; p.4	49	Voltaireianismo de Pechisbeque	A. S.
05; p.5	49	Pelo Governo da Agricultura	Ezequiel de Campos

¹ Segue nota assinada por António Sérgio

² Fim de página do Professor Magalhães Colaço

³ Tradução de Eduardo Abecassis

05; p.6	49	Explicações ao Exm ^o Sr. Professor Martinho Nobre de Melo Sobre as Doutrinas Morais dos Meus Ensaios	António Sérgio
05; p.10	49	O Problema Agrário Português	Não assinado
05; p.11	49	Notas e comentários	R. P.
05; p.12	49	O Imaculado	Não assinado
05; p.13	49	Ele e Eu	Augusto Pinto
05; p.15	49	Vida Literária	A. S.
05; p.16	49	Revisão constitucional	Rodrigues Miguéis
05; p.17	49	Isto vai mal!	R. P.
05; p.17	49	19 de Julho	C. R.
05; p.18	49	Habilidades Políticas	Não assinado
1 de Agosto, 1925			
05; p.23	50	Trecho de Trás-Os-Montes – A Terra e a Gente outono de 1916	Virgínia de Castro e Almeida
05; p.26	50	Portugal no Estrangeiro	C. R.
05; p.27	50	Arabescos	Bourbon e Menezes
05; p.28	50	A Seara Nova e a Crise	C. R.
05; p.29	50	Uma Interpretação de Dom João	Sílvio Lima
05; p.31	50	Elegia Rústica	António Ferreira Monteiro
05; p.32	50	O Letrado de Pamir 1	Vieira de Campos
05; p.34	50	Em Volta da Crise	C. R.
05; p.35	50	Explicações ao Exm ^o Sr. Professor Martinho Nobre de Melo Sobre as Doutrinas Morais dos Meus Ensaios conclusão	António Sérgio
05; p.38	50	Teatro Juvênia	M. M.
15 de Agosto, 1925			
05; p.43	51	Defesa Nacional ²	José M. Sarmento de Beires
05; p.45	51	O Problema Capital Desta República ³	Raul Proença
05; p.47	51	Um Político	Oliveira Martins
05; p.48	51	Sinal dos Tempos	C. R.
05; p.49	51	Amuos	Câmara Reys
05; p.50	51	Sobre o Problema da Instrução Pública	A. S.
05; p.51	51	Ele e Eu	Augusto Pinto
05; p.52	51	Considerações Sobre a Investigação Científica em Portugal	Luís Simões Raposo
05; p.54	51	RIFF	C. R.
05; p.54	51	Em Vésperas de Eleições	Não assinado
05; p.55	51	A reforma agrária na Romênia ⁴	M. de C.
05; p.57	51	Notas e Comentários	R. P. e C. R.
1 de Setembro, 1925			
05; p.63	52	Os Catedráticos Reclamam! ⁵	José Rodrigues Miguéis

¹ Segue nota da redação

² Segue pequeno texto de Jean Jaurès sobre *a coragem*.

³ Segue pequeno texto de George Montandon sobre *religiões na China*.

⁴ Segue texto de fim de página de Stuart Mill.

⁵ Seguem P. S. de R. M. e texto de fim de página de Daunou.

05; p.69	52	A Eterna Crise Política	Ezequiel de Campos
05; p.70	52	A Uns Políticos	Antero de Quental
05; p.71	52	Que Devemos Fazer? ¹	Emílio Costa
05; p.73	52	Competência e Governância ²	M. d'Azevedo Gomes
05; p.76	52	Gazetas e Gazeteiros	Câmara Reys
05; p.78	52	Sociedade das Nações	C. R.
15 de Setembro, 1925			
05; p.83	53	O Problema Português ³	Ezequiel de Campos
05; p.84	53	A Moral dos Mestres ⁴	H. Taine
05; p.85	53	Menino ⁵	Bourbon e Menezes
05; p.87	53	A Revolução – Condições de Triunfo	Emílio Costa
05; p.89	53	De Pacheco e da Crítica ⁶	António Sérgio
05; p.91	53	Um Político	Ramalho Ortigão
05; p.92	53	Novelas da Seara	Rodrigues Miguéis
05; p.94	53	Divina tristeza ⁷	Manuel Mendes
05; p.96	53	Notas e Comentários	R. M.
05; p.98	53	Independentes e Filiados	R. M.
3 de Outubro, 1925			
05; p.103	54	O Problema Português – II ⁸	Ezequiel de Campos
05; p.105	54	Competência e Governação – II	M. d'Azevedo Gomes
05; p.107	54	Se Não Mudarmos...	Sarmiento Pimentel
05; p.108	54	Gazetas e Gazeteiros	C. R.
05; p.109	54	A Opinião Pública e o Dezoito de Abril	David Ferreira
05; p.110	54	Em País Conquistado	A. G.
05; p.111	54	Acorda, Ó Burro	Gomes Leal
05; p.112	54	Para Evitar Confusões – Como Eu Entendo a Revolução ⁹	Emílio Costa
05; p.115	54	Novelas da Seara – Noite Infinita	Rodrigues Miguéis
05; p.117	54	O Cancro ¹⁰	Raul Proença
05; p.118	54	Pano Abaixo	D. F.
Sábado, 10 de Outubro, 1925			
05; p.123	55	Depois da Sentença	Câmara Reys
05; p.124	55	As Bolas de Neve ¹¹	Fernando Brederode
05; p.128	55	Os Nossos Mestres – Antero	Manuel Mendes
05; p.131	55	A Revolução – Orientação Política Geral ¹²	Emílio Costa

¹ Seguem textos de fim de página de Montaigne, Oliveira Martins e Maine de Biran

² Seguem textos de fim de página de Saint-Simon e Proudhon

³ segue texto de fim de página de Tolstoi

⁴ Segue texto de fim de página, intitulado *Instrução*, de Guyau

⁵ Fim de página, sem autoria citada, intitulado *O Que Nos é Necessário*

⁶ Fim de página de R. M.

⁷ Fim de página de Jean Jaurés

⁸ fim de página não assinado

⁹ Fim de página de Carlyle

¹⁰ fim de página de Edmond Demolins

¹¹ Fim de página de Descartes

¹² Fim de página de Hegel

05; p.133	55	Perfil Achatado	Simplicissimus
05; p.134	55	Discriminando Responsabilidades – As Queixas das Forças Vivas ¹	Armando de Vasconcelos Massano
05; p.137	55	Notas e Comentários	Fernando Brederode e M. M.
Sábado, 17 de Outubro, 1925			
05; p.143	56	O Problema Português – III ²	Ezequiel de Campos
05; p.144	56	O 4º Aniversário da Nossa Revista	Não assinado
05; p.145	56	Uma Carta	Vitorino Nemésio
05; p.147	56	A Choldra	J. C.
05; p.147	56	Defendamos a Assistência	Não assinado
05; p.148	56	O Problema da Cultura em Portugal e o Significado do Seiscentismo na Sua História	António Sérgio
05; p.151	56	Institutos de Investigação Científica	A. S.
05; p.152	56	A Revolução – Organização de Trabalho	Emílio Costa
05; p.154	56	A Fechar...	J. C.
05; p.154	56	Os Para-Raios	J. C.
05; p.154	56	Liga Propulsora da Instrução em Portugal	Não assinado
05; p.155	56	Os Nossos Mestres – Antero – II ³	Manuel Mendes
05; p.157	56	As colônias Portuguesas Perante a Sociedade das Nações	A. S.
05; p.158	56	Os Trabalhos e a Paz ⁴	R. M.
Sábado, 24 Outubro de 1925			
05; p.163	57	O Problema Português – IV	Ezequiel de Campos
05; p.164	57	Um Manifesto Eleitoral	A. S.
05; p.164	57	Confraternização com o Brasil	Não assinado
05; p.165	57	Aviação Colonial	José Manuel Sarmiento de Beires
05; p.167	57	A Decisão da Sala do Risco	Raul Proença
05; p.168	57	Sobre o Julgamento do 18 de Abril	A. S.
05; p.169	57	O Problema da Cultura em Portugal e o Significado do Seiscentismo na Sua História ⁵	António Sérgio
05; p.172	57	Notas Breves	R. P.
05; p.173	57	Sociedade das Nações	A. S.
05; p.173	57	A “Seara Nova” e o Governo do Sr. Dr. José Domingues dos Santos	Não assinado
05; p.174	57	A comemoração do 4º Aniversário da “Seara Nova”	Não assinado
Sábado, 31 de Outubro de 1925			
05; p.183	58	Aos Políticos Portugueses – O Patrimônio e a Independência Nacional em Perigo	Jaime Cortesão
05; p.184	58	O Problema Português – V	Ezequiel de Campos
05; p.185	58	O Livro de Oswald Spengler – A Decadência do Ocidente	Hernani Cidade
05; p.189	58	A Revolução – Orientação Económica Geral	Emílio Costa
05; p.190	58	Situação Definida	Não assinado
05; p.191	58	A Comemoração do 4º Aniversário da “Seara Nova”	Não assinado

¹ Segue nota da redação

² Fim de página de Vauvenargues

³ Fim de página de Bayle

⁴ Fim de página de Descartes

⁵ Fim de página de Descartes

Sábado, 7 de Novembro de 1925			
05; p.203	59	O Problema Português – VI	Ezequiel de Campos
05; p.204	59	Imoralidades Eleiçoeiras à Custa Da Instrução Pública	Não assinado
05; p.205	59	Da Reforma do Ensino e da Contribuição dos Professores ¹	A. Quintanilha
05; p.207	59	O Centro Católico e “A Época” – Um Trecho da História Político-Religiosa Contemporânea	Quirino de Jesus
05; p.213	59	Virá Outra Igual ?	A. S.
05; p.214	59	A Interpelação de um Estudante, em Coimbra, ao Sr. Cunha Leal.	Não assinado
05; p.215	59	Monumento a Antero de Quental	A. S.
05; p.216	59	Do Teatro Juvênia	César Porto
05; p.217	59	Seção Oriental da “Seara Nova”	António Sérgio
05; p.218	59	Vale a Pena Conhecer o Oriente?	Cordato de Noronha
Sábado, 14 de Novembro de 1925			
05; p.223	60	Revolução e Ditadura	Raul Proença
05; p.225	60	Impressões de Berlim ²	José Manuel Sarmiento de Beires
05; p.226	60	Perfil Adunco	Simplicissimus
05; p.227	60	Algumas Reflexões Sobre o Problema da Carne	Fernandes Duarte
05; p.231	60	Rainhas e Cavalos	C. R.
05; p.232	60	Patriotismo de Algibeira	S. de B.
05; p.232	60	Nacionalismo e Tradicionalismo	Não assinado
05; p.233	60	A Comemoração do 4º Aniversário da “Seara nova”	Luís Simões Raposo
05; p.234	60	Caçada na Selva	J. C.
05; p.235	60	Telas Trasmontanas – No Moinho	Gastão Souza Dias
05; p.237	60	A Falência do Banco Industrial Português	Não assinado
05; p.238	60	As Eleições	C. R.
Sábado, 21 de Novembro de 1925			
06; p.03	61	O Problema Português – VII – Regar!	Ezequiel de Campos
06; p.04	61	O Caso do Banco Industrial Português ³	Não assinado
06; p.05	61	O Significado dos Acordos de Locarno	Jaime Cortesão
06; p.08	61	A Lição das Últimas Eleições ⁴	David Ferreira
06; p.09	61	As Bolas de Neve	Fernando Brederode
06; p.13	61	Revolução e Ditadura ⁵	Emílio Costa
06; p.14	61	A Absolvição Revolucionária da Sala do Risco e o Sr. Cunha e Costa	Raul Proença
06; p.18	61	Propaganda	Raul Proença, David Ferreira e Rodrigues Miguéis
Sábado, 28 de Novembro de 1925			
07; p.23	62	O Problema Português – VIII – Eletricidade	Ezequiel de Campos
07; p.24	62	Propaganda	Não assinado
07; p.24	62	D. Carolina Michaelis de Vasconcelos	Não assinado
07; p.25	62	A Revolução – O Problema da Instrução	Emílio costa

¹ Fim de página de Eça de Queiroz

² Segue nota assinada por V. M.

³ Fim de página de Emerson.

⁴ Fim de página de Montaigne

⁵ Segue nota de falecimento de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos

07; p.27	62	O Grande Problema	Mário de Castro
07; p.29	62	O Problema da Carne – Industrialização do Comércio de Carnes	Cap. Fernandes Duarte
07; p.30	62	Toma Lá Dá Cá	C. R.
07; p.30	62	A grande Imprensa Republicana	Não assinado
07; p.31	62	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – I	Sarmiento de Beires
07; p.32	62	Descriminando Responsabilidades	Armando de Vasconcelos Massano
07; p.34	62	Eleições Administrativas	C. R.
07; p.35	62	Resposta à nota de Emílio Costa	Raul Proença
07; p.36	62	Comentários Às Falências das Empresas Privadas –I – Banco Industrial Português	Não assinado
07; p.37	62	Lugares Seletos	Não assinado
07; p.38	62	A Comemoração do 4º Aniversário da Seara Nova ¹	Não assinado
Sábado, 5 de Dezembro de 1925			
07; p.43	63	A Questão Colonial – Carta Aberta Ao Futuro Chefe do Governo	Jaime Cortesão
07; p.46	63	A Sociedade das Nações – A Conferência de Loucrano e as Colónias Portuguesas	J. C.
07; p.46	63	Voltareis ó Cristo	C. R.
07; p.47	63	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – II	Sarmiento de Beires
07; p.48	63	Contra a Superstição do Cantor	Pedro Nascimento
07; p.49	63	Os Bons Apóstolos ²	C. R.
07; p.49	63	Jaurès	C. R.
07; p.50	63	Do Amor e da Mulher – Máximas	António Ferreira Monteiro
07; p.52	63	Évora – Impressão Geral	Raul Proença
07; p.53	63	Mais Um Escândalo ³	R. P.
07; p.54	63	Comentários às Falências das Empresas Privadas – I – O Banco Industrial Português	Não assinado
07; p.55	63	De Coimbra	C. R.
07; p.56	63	Diplomacia e Educação	Sarmiento de Beires
07; p.57	63	Seção Oriental – Rabindranath Tagore	Cordato de Noronha
07; p.58	63	Aspectos Económico da Nossa Índia	C. de N.
Sábado, 12 de Dezembro de 1925			
07; p.63	64	A Saque ⁴	C. R.
07; p.65	64	Os Nossos Mestres – Antero – Conclusão	Manuel Mendes
07; p.68	64	Comentários às Falências das Empresas Privadas – I – O Banco Industrial Português	Não assinado
07; p.70	64	O Grosso Cacete	R. P.
07; p.71	64	Sonetos de Amor	Delfim Guimarães
07; p.72	64	A Revolução – Coisas “Sem Importância”	Emílio Costa
07; p.73	64	O Complemento da Obra	C. R.
07; p.74	64	Sinais de Vida ⁵	Azevedo Gomes
07; p.75	64	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – III	Sarmiento Beires
07; p.78	64	Cidades Antigas, Terras Mortas	Não assinado

¹ Fim de página de Carlyle

² Fim de página de Alfredo de Vigny

³ Fim de Página de Poussin

⁴ Fim de página de Dostoievski

⁵ Fim de Página de Lamartine

07; p.78	64	Vice-Governadores do Banco Nacional Ultramarino	Não assinado
07; p.78	64	Propaganda	Não assinado
Sábado, 19 de Dezembro de 1925			
07; p.83	65	Castigo aos Criminosos – E homens Competentes no Poder!	Não assinado
07; p.84	65	O Problema Português – XI – Eletricidade!	Ezequiel de Campos
07; p.85	65	Lugares Seletos	Não assinado
07; p.85	65	Novos Livros	J. C.
07; p.86	65	Toujours un Plus Sot	R. P.
07; p.87	65	Dois Capítulos do Prefácio da “Santa Joana” de Bernard Shaw	Bernard Shaw
07; p.88	65	Os Dois Critérios ¹	A. S.
07; p.89	65	Sobre o Problema da Carne – Alguns Aspectos	A. Monteiro da Costa
07; p.91	65	Toledo	António Ferreira Monteiro
07; p.92	65	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – IV	Sarmento de Beires
07; p.95	65	Presidência da República	C. R.
07; p.95	65	Esclarecimentos	C. R.
07; p.95	65	A Saque	Não assinado
07; p.96	65	Em Louvor da Limpeza	Rodrigues Miguéis
07; p.97	65	Um Louvor	S. de B.
07; p.98	65	Jardim da Europa	Não assinado
Sábado, 26 de Dezembro de 1925			
07; p.103	66	Miss Edith Cavell – Martir Cristã	Jaime Cortesão
07; p.104	66	O Presépio	António Sérgio
07; p.105	66	O Crucificado	Câmara Reys
07; p.106	66	Na Madeira – A casinha do Monte 2	Raul Brandão
07; p.108	66	A Exposição Ibero-Americana	Vários ³
07; p.110	66	Um Monumento	Não assinado
07; p.111	66	Homens de Ação Desconhecidos	R. M.
07; p.113	66	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – V	Sarmento de Beires
07; p.115	66	Comentários às Falências das Empresas Privadas – I – O Banco Industrial Português	Não assinado
07; p.117	66	Trigo e Joio	S. C.
07; p.118	66	O novo Governo	Não assinado
07; p.118	66	Propaganda	Não assinado
Sábado, 2 de Janeiro de 1926			
07; p.123	67	A Situação Política ⁴	Raul Proença
07; p.127	67	Política Exterior – A Nota da “Segurança” Inglesa ⁵	Jaime Cortesão
07; p.128	67	O Célebre Telegrama Para o Alto Comissário de Moçambique	Não assinado
07; p.129	67	Liga Propulsora da Instrução em Portugal	António Sergio
07; p.130	67	Sem Pés Nem Cabeça	C. R.
07; p.130	67	Homem Representativo	Não assinado

¹ Fim de Página de Goethe

² Fim de Página de A. Comte.

³ Vários autores assinam o artigo. Dentre eles Alberto d’Oliveira, Columbano Bordalo Pinheiro, Jaime Cortesão e António Sérgio.

⁴ Segue trecho de uma carta de Eça de Queirós a Oliveira Martins.

⁵ Fim de Página de Léon Blum.

07; p.131	67	Pierre Bertrand	David Ferreira
07; p.133	67	Da Reorganização da Aeronáutica Militar – Conclusão	Sarmiento de Beires
07; p.134	67	O Duelo	A. S.
07; p.135	67	Seção Oriental – Ocidente e Oriente – I	António Sergio
07; p.136	67	Mahatma Gandhi	Constancio Mascarenhas
07; p.138	67	Páginas a Serem Meditadas – O Princípio de Democracia	Montesquieu ¹
Sábado, 9 de Janeiro de 1926			
07; p.143	68 e 69	A Questão Colonial	Não assinado
07; p.146	68 e 69	No Passado – A Partilha de África	Ernesto de Vasconcelos
07; p.148	68 e 69	No Presente – A S. D. N. e os Mandatos Coloniais ²	Freire d’Andrade
07; p.153	68 e 69	A Opinião Estrangeira	Vários ³
07; p.154	68 e 69	Portugal e as Colônias – As Ambições Estranhas	Quirino de Jesus
07; p.161	68 e 69	Bases para a Colonização de Angola ⁴	Major Leite de Magalhães
07; p.162	68 e 69	Administração Colonial	Armando Cortesão
07; p.165	68 e 69	Aspecto Financeiro e Económico da Crise ⁵	Álvaro de Castro
07; p.167	68 e 69	Propaganda	Não assinado
07; p.168	68 e 69	O Problema do Crédito nas Colônias	A. Leite de Magalhães
07; p.171	68 e 69	O Problema da Colonização – O Futuro de Angola ⁶	Gastão de Souza Dias
07; p.174	68 e 69	Defesa Militar das Colônias	Francisco de Aragão
07; p.177	68 e 69	O Trabalho Indígena nas Colônias Portuguesas ⁷	William J. B. Chapman
07; p.178	68 e 69	Conclusões	Não assinado
Sábado, 16 de Janeiro de 1926			
07; p.183	70	O problema Português – X – Os Fatores da Revolução	Ezequiel de Campos
07; p.184	70	A Canção Popular Pelo Mundo Fora	C. R.
07; p.185	70	Salvemos o Parlamentarismo	Rodrigues Miguéis
07; p.188	70	As Responsabilidades da Casa Waterlow – Os Contratos São Nulos	Avelino de Faria
07; p.189	70	Misticismo	A. S.
07; p.190	70	Comentários às Falências das Empresas Privadas – I – Banco Industrial Português ⁸	Não assinado
07; p.193	70	Política e Negócios	Não assinado
07; p.193	70	As a “Grande Imprensa” Quisesse...	Não assinado
07; p.194	70	À Margem das Palavras e dos Fatos	R. P.
07; p.196	70	Água Mole em Pedra Dura...	A. S.
07; p.197	70	Lugares Comuns na Mentalidade Monárquica	C. R.
07; p.198	70	Palavras do Sr. Alfredo Pimenta em 1906	Não assinado
07; p.198	70	Trabalho de Sísifol	Não assinado

¹ Reprodução de texto de Montesquieu.

² Fins de página de Oliveira Martins e Edmundo Demolins.

³ Reproduções de trechos de publicações estrangeiras.

⁴ Trecho de conferência realizada pelo autor.

⁵ Fins de Página de Oliveira Martins e Fichte.

⁶ Fim de página de Leroy Beaulieu.

⁷ Carta do autor originalmente publicada em *O comércio*, de Benguela em 14 de Novembro de 1925.

⁸ Fim de página de Vauvenargues.

Sábado, 23 de Janeiro de 1926			
07; p.203	71	Política Interna	Azevedo Gomes
07; p.204	71	O Desastre de Alverca	S. de B.
07; p.205	71	O Caso das Notas de Quinhentos Escudos	S. de B.
07; p.206	71	Monumentos	A. S.
07; p.206	71	A revolução	Não assinado
07; p.206	71	Um Parlamento e um Governo Descritos por um Deputado	Não assinado
07; p.207	71	Portugal e o Estrangeiro – I – Nós e a Turquia ²	Jaime Cortesão
07; p.209	71	Um Nobre Apelo a Favor da Humanidade	D. F.
07; p.210	71	“Seara Nova” – A Propaganda das suas Doutrinas	Não assinado
07; p.212	71	As Atitudes do Sr. Cunha Leal	Raul Proença
07; p.214	71	Cartas a Jovens Portugueses – I	António Sérgio
07; p.216	71	Uma Homenagem	A. S.
07; p.216	71	Pensões de Estudo no Estrangeiro	A. S.
07; p.217	71	Páginas Para Serem Meditadas – A Aristocracia Inglesa	André Chevillon ³
07; p.218	71	Metendo a Foice	D. F.
Sábado, 30 de Janeiro de 1926			
07; p.223	72	Política Interna – Onde Estais, “Portugueses”?	Jaime Cortesão
07; p.224	72	Um Bom Livro	Não assinado
07; p.224	72	Déficit Mental ⁴	A. S.
07; p.225	72	O Manifesto de Cruzada Nun’Álvares ⁵	Luís Simões Raposo
07; p.227	72	Absoluto e Relativo	R. P.
07; p.228	72	Sobre o Problema da Carne – Alguns dos Seus Aspectos ⁶	A. Monteiro da Costa
07; p.229	72	Paradoxo Explicado	A. S.
07; p.230	72	Liga Propulsora da Educação em Portugal	A. S.
07; p.	72	Liga Européia Para A Defesa da Liberdade	A. S.
07; p.232	72	Banco Nacional Ultramarino – As Grandes Liquidações Coloniais	Quirino de Jesus
07; p.235	72	Páginas Para Serem Meditadas – A Aristocracia Inglesa – II	André Chevillon ⁷
07; p.236	72	A Orgia dos Automóveis	Não assinado
Sábado, 6 de Fevereiro de 1926			
08; p.3	73	Seção Oriental – O Problema do Oriente nas suas Relações com Portugal	Jaime Cortesão
08; p.6	73	Mais Uma...	M. de C.
08; p.7	73	A Situação Financeira e econômica de Angola	Pinto Teixeira
08; p.9	73	Neste País de Malucos... ⁸	S. da C.
08; p.10	73	O Nosso Passado... Segundo a Obra do Dr. Adolfo Schulten	Hernani Cidade
08; p.14	73	À Margem da Greve Acadêmica	A. G.
08; p.15	73	A aliança Mental ⁹	Justino de Montalvão

¹ Fim de Página de J. Barui.

² Fim de página de Vauvenargues.

³ Trecho de *La Pensée de Ruskin*, Cap. V., traduzido por António Sérgio.

⁴ Fim de página de Stendhal.

⁵ Segue nota de S. de B.

⁶ Fim de página de Vauvenargues.

⁷ Trecho de *La Pensée de Ruskin*, Cap. V., traduzido por António Sérgio.

⁸ Fim de página de Bernardin de Saint-Pierre.

⁹ Fim de página de Mably

08; p.16	73	O Banco emissor das Colônias – A Salvação da Herança Portuguesa ¹	Quirino de Jesus
08; p.18	73	Os Últimos Acontecimentos	R. P.
Sábado, 13 de fevereiro de 1926			
08; p.23	74	Os Outros	Raul Proença
08; p.26	74	Os Desastres de Aviação e Suas Causas	Sarmento de Beires
08; p.29	74	A famosa Aliança e o Último Movimento Revolucionário	David Ferreira
08; p.31	74	Um Grande Triunfo da Aeronáutica Espanhola	S. de B.
08; p.32	74	A Conversão das Dívidas Coloniais – A Organização do Crédito	Quirino de Jesus
08; p.35	74	Liga Propulsora da Instrução em Portugal	António Sérgio
08; p.37	74	Páginas para Serem Meditadas – Governos e Governados ²	Ramalho Ortigão ³
08; p.38	74	O Sr. Nobre de Melo, Filósofo	R. P.
08; p.38	74	O Sr. Cunha Leal, Evangélico	R. P.
Sábado, 20 de Fevereiro de 1926			
08; p.43	75	A Reorganização do Exército Francês ⁴	António Ribeiro de Carvalho
08; p.46	75	O Problema Português – XI – Os Organismos Essenciais da Revolução	Ezequiel de Campos
08; p.47	75	Lições de Civismo	A. S.
08; p.48	75	Varrendo a Testada... – Ao Dr. Martinho Nobre de Melo	Azevedo Gomes
08; p.49	75	Tabacos de Portugal – A Ruína e a Salvação ⁵	Quirino de Jesus
08; p.53	75	O Caso do Angola e Metrópole ⁶	R. P.
08; p.53	75	Duas Revistas Pedagógicas	A. S.
08; p.54	75	Liga Européia para a Defesa da Liberdade ⁷	Não assinado
08; p.55	75	A Reforma Agrária na Polónia ⁸	Não assinado
08; p.56	75	Páginas Para Serem Meditadas ⁹	Não assinado
08; p.58	75	Um Caso de Administração Colonial - O “Déficit” em Goa ¹⁰	Constâncio Mascarenhas
Sábado, 27 de Fevereiro de 1926			
08; p.63	76	A “Seara Nova” e a Situação	Sarmento de Beires
08; p.66	76	A Reorganização do Exército Francês ¹¹	António Ribeiro de Carvalho
08; p.69	76	Sobre o Problema da Carne – Alguns dos Seus Aspectos	A. Monteiro da Costa
08; p.70	76	A Salvadora Hulha Branca	S. da C.

¹ Segue nota da redação.

² Fim de página de Saint-Evermont.

³ Texto retirado de “As Farpas” vol.VIII.

⁴ Segue texto de Tocqueville retirado de *De La Démocratie em Amérique, II, VII* traduzido por António Sérgio.

⁵ Fim de página de Kant.

⁶ Fim de página de Franklin.

⁷ Fim de página de Mably.

⁸ Fim de página de E. About.

⁹ Fim de página de Bossuet.

¹⁰ Fim de página de Marco Aurélio.

¹¹ Fim de página de F. Pécaut.

08; p.71	76	Metrópole e Colônias – A Comissão de Angola e o Banco Emissor	Quirino de Jesus
08; p.76	76	Demagogias	Não assinado
08; p.76	76	A Ordem no Lar	Xenofonte ¹
08; p.77	76	Cartas Leves Sobre Temas Graves – Educadores, Pedagogistas e Cartilhistas	António Sérgio
08; p.78	76	Os Tabacos	R. P.
Sábado, 6 de Março de 1926			
08; p.83	77	O Fascismo e suas Repercussões em Portugal	Raul Proença
08; p.89	77	Texto sem título	Antero de Quental ²
08; p.90	77	Mais Dois Mortos no Martirologio da Aviação ³	Maj. Sarmiento de Beires
08; p.91	77	A “Seara Nova” e Raul Proença	Não assinado
08; p.92	77	O problema do Crédito nas Colônias e o Banco Nacional Ultramarino	A. Leite de Magalhães
08; p.97	77	A Reorganização o Exército Francês – Conclusão	António Ribeiro de Carvalho
08; p.99	77	Eu, Godinho e a Grande Imprensa	R. P.
Sábado, 13 de Março de 1926			
08; p.103	78	Uma Infâmia Jornalística ⁴	Raul Proença
08; p.107	78	Para Confrontar com a “Oratória” dos Nossos Parlamentares	Não assinado ⁵
08; p.107	78	Cultura Portuguesa no Estrangeiro	S. da C.
08; p.108	78	O Problema Português – XII – Os Organismos Essenciais da Revolução	Ezequiel de Campos
08; p.110	78	A Crise das Colônias – A Impotência Financeira do Banco Emissor	Quirino de Jesus
08; p.14	78	Má Propaganda ⁶	A. G.
08; p.115	78	O Congresso dos Nacionalistas ou o Triunfo dos Imponderáveis	Raul Proença
08; p.117	78	“O Doido e a Morte” ⁷	C. R.
08; p.118	78	Alguém que Passa...	Azevedo Gomes
Sábado, 20 de Março de 1926			
08; p.123	79	Variações Sobre um Novo Tema ⁸	Raul Proença
08; p.126	79	Representação Proporcional	Rodrigues Miguéis
08; p.128	79	Ceci Tuera Cela	S. da C.
08; p.129	79	A Mentalidade Nacional ⁹	A. S.
08; p.130	79	O Sindicato dos Bancos Perdidos	Quirino de Jesus

¹ Texto extraído de *Econômicas*. Cap.VIII

² Extraído de *A Indiferença m Política – Prosas, tomo I*.

³ Segue uma nota sobre o maestro Francisco de Lacerda e outra em que António Sérgio assina o artigo *Demagogias* que saíra no número anterior.

⁴ Fim de página de V. Hugo.

⁵ Trecho, em francês, do artigo *Formons des pilotes* por Mr. Louis Couché, in *L'air*, nº 152 de 1 de março de 1926.

⁶ Fim de página de A. Fouillee.

⁷ Fim de página de Kant.

⁸ Segue nota de R. P. sobre o Sr. Pina Lopes.

⁹ Fim de Página de Bruke.

08; p.133	79	Ainda a Questão dos Monumentos I	A. S.
08; p.134	79	Páginas Para Serem Meditadas – O Problema da Felicidade	Maine de Brian ²
08; p.135	79	Seção Oriental – O Padroado Português no Oriente	Constantino dos Santos
Sábado, 27 de Março de 1926			
08; p.143	80	Palavras Dum Republicano que Quis Ser fiel Á Sua Palavra	Raul Proença
08; p.146	80	O Problema Português – XIII – A Solução do Problema da Eletricidade ⁴	Ezequiel de Campos
08; p.147	80	Uma Honra	S. de B.
08; p.147	80	Nova Fabula	S. da C.
08; p.148	80	O SR. Afonso Lucas Não Percebe...	Mário de Castro
08; p.149	80	Política, Idéias e Palavras	A. S.
08; p.150	80	As Montanhas Orçamentais – A Urgência da Revolução Governativa	C. R.
08; p.153	80	Escola Médica de Goa	Constâncio Mascarenhas
08; p.155	80	O Homem Público e os Cidadãos	R. P.
08; p.155	80	O Homem que Perdeu sua Palavra	R. P.
08; p.155	80	O Sr. Martinho Nobre de Melo Confunde	R.P.
08; p.156	80	Páginas Para Serem Meditadas – O Isolamento dos Indivíduos Perante as Democracias	Tocqueville ⁵
08; p.157	80	Um Telegrama	Não assinado
08; p.158	80	Propaganda Anti-Fascista	Não assinado ⁶
Quinta-Feira, 1 de abril de 1926			
08; p.163	81	Política Exterior – A Aliança Inglesa	Jaime Cortesão
08; p.165	81	Flatus Vocis	Raul Proença
08; p.166	81	O Regime Bancário Ultramarino	A. Leite de Magalhães
08; p.170	81	Cartas leves Sobre Temas Graves – a Propósito da Conferência do Professor Magalhães Colaço	António Sérgio
08; p.174	81	Como Se Fazem Altos Comissários ⁷	A. G.
08; p.175	81	A Revolução Governativa – Os Desastres da Política Financeira	Quirino de Jesus
08; p.177	81	A Imprensa e a “Seara Nova”	Não assinado
08; p.178	81	Páginas Para Serem Meditadas – A Flor da Vida Humana	Guyau ⁸
Quinta-Feira, 8 de Abril de 1926			
08; p.183	82	Palavras Dum Republicano Incapaz de Faltar à sua Palavra	F. de Pina Lopes
08; p.185	82	Resposta ao Sr. Pina Lopes	Raul Proença
08; p.188	82	As Conferências Do Salão de S. Carlos – Literatura Argentina	D. José M. Cantillo

¹ Fim de página de E. Laboulaye.

² Trecho de *Pensamentos* traduzido por António Sérgio.

³ A capa desse número traz nota de R. P. contra Mussolini e o Fascismo.

⁴ Fim de página de Goethe.

⁵ Trecho de *De la Démocratie en Amérique III*, 2ª Parte, II. Traduzido por António Sérgio.

⁶ Inclui trecho retirado de *Arte e Verdade – Prosas*, tomo I de Antero de Quental.

⁷ Fim de Página de Guyau.

⁸ Trecho de *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*, traduzido por António Sérgio.

08; p.191	82	A Aviação na Vida Moderna	Sarmento de Beires
08; p.196	82	Ecos das Nossas Campanhas	Não assinado
08; p.196	82	Ainda a Greve Acadêmica...	Azevedo Gomes
08; p.197	82	Seção Oriental – O Padroado do Oriente e os Consulados Portugueses	Constantino dos Santos
08; p.198	82	Flatus Vocis ¹	R. P.
Quinta-Feira, 15 de Abril de 1926			
08; p.023	83	A Derrocada e a Reconstrução – Só os Cegos Não Vêem!	Quirino de Jesus
08; p.207	83	O Ministério da Agricultura e o Orçamento	Azevedo Gomes
08; p.208	83	O Fascismo	R. P.
08; p.209	83	Um Tal J. B.	R. P.
08; p.209	83	Incompetência e Corrupção ²	R. P.
08; p.209	83	Por Coimbra	A. S.
08; p.209	83	Ainda Sobre o Problema dos Monumentos	A. S.
08; p.210	83	“Pó do Teu Caminho...” – O Amor	Martha de Mesquita da Câmara
08; p.211	83	Berta Singerman	Não assinado ³
08; p.212	83	A Aviação na Vida Moderna ⁴	Sarmento de Beires
08; p.216	83	Os Jornais e Raul Proença	Não assinado
08; p.217	83	Ação Republicana	Não assinado
08; p.217	83	Banco Nacional Ultramarino	Não assinado
08; p.218	83	Páginas Para Serem Meditadas – Deveres do Incrédulo Perante as Religiões	Jules Simon ⁵
Quinta-Feira, 22 de Abril de 1926			
08; p.223	84	“J. B., ou Le Polémiste Imaginaire”	Raul Proença
08; p.225	84	A “Seara” em Coimbra	Não assinado
08; p.226	84	Máximas e Comentários ⁶	António Ferreira Monteiro
08; p.228	84	A Missão do Professor	António Yraizoz
08; p.230	84	O Trabalho Manual – Suas Vantagens e Desvantagens – I	Emílio Costa
08; p.233	84	Sintomas do Tempo	S. de B.
08; p.233	84	Multas, Automóveis e Isqueiros	S. de B.
08; p.234	84	A Primeira Bancarrota – Ruínas, “Déficits”, “Sabotage” dos Tabacos	Quirino de Jesus
08; p.237	84	Pour Pâtir...	R. P.
08; p.237	84	A Lápide de Anto ⁷	R. P.
08; p.238	84	Uma Iniciativa Útil	Não assinado
08; p.238	84	Ecos das Nossas Campanhas	Não assinado
08; p.238	84	Por Índia e Por Portugal	Cordato de Noronha
Quinta-Feira, 29 de Abril de 1926			

¹ Correções ao artigo publicado no n° anterior.

² Segue telegrama de Lourenço Marques à “Seara Nova”.

³ Texto não assinado. Ilustrações de Tagarro.

⁴ Fim de página de Michel Chevalier.

⁵ Extraído de *Le Devoir*. Traduzido por António Sérgio.

⁶ Fim de página de Blackie.

⁷ Fim de página de V. Hugo.

08; p.243	85	Camilo Pessanha ¹	Sebastião da Costa
08; p.248	85	A “Salomé” de Wilde na Festa de Amélia Rey Colaço	Manoel Mendes
08; p.249	85	As “Uniãoes Intelectuais” – I – O Seu Objeto ²	Príncipe Carlos de Rohan
08; p.251	85	O trabalho Manual Constitui, no Ensino, um Dificil Problema Social ³	Emílio Costa
08; p.255	85	Os Hormones da “Época”	A. S.
08; p.256	85	A Montanha da Dívida Flutuante – Grandes perigos Nacionais ⁴	Quirino de Jesus
08; p.258	85	Ecos das Nossas Campanhas	Não assinado
08; p.258	85	A Semana da “Seara Nova” em Coimbra	Não assinado
08; p.258	85	O Sr. Nobre de Melo	R. P.
08; p.258	85	Errata ⁵	Não assinado
Quinta-Feira, 6 de Maio de 1926			
08; p.263	86	Em Frente das Doutrinas Reacionárias	Mário de Castro
08; p.266	86	Ainda a Propósito da Representação da “Salomé” ⁶	Não assinado
08; p.266	86	Mandamento do Bom Jornalista ⁷	Não assinado
08; p.267	86	A Investigação científica e a Investigação em Portugal	Carvalho Brandão
08; p.268	86	Congresso Esquerdista	R. P.
08; p.269	86	Amor ou Categoria Social?	Emílio da Costa
08; p.270	86	As nossas Edições ⁸	C. de F.
08; p.271	86	A Semana da “Seara Nova” em Coimbra ⁹	Vários
08; p.273	86	A Ruína Econômica – Reação Indispensável	Quirino de Jesus
08; p.275	86	Os Lagartos da “Época” ¹⁰	Não assinado
08; p.276	86	Explicação Sobre os Partidos aos partidários da “Reconquista” ¹¹	António Sérgio
08; p.277	86	A Assistência Mundial ¹²	Não assinado
08; p.278	86	Páginas Para Serem Meditadas – O Alicerce da República	Ludovic Naudeau ¹³
Quinta-Feira, 13 de Maio de 1926			
08; p.283	87	Uma Apologia do Fascismo	Raul Proença
08; p.287	87	Ensino Secundário	C. R.
08; p.287	87	Raul Brandão	C. R.
08; p.288	87	A Invasão	Sarmiento Pimentel
08; p.289	87	Os Bancos emissores Portugueses	Quirino de Jesus
08; p.291	87	O Monopólio dos Acendedores	S. de B.

¹ Fim de página de Júlio Lemaitre.

² Fim de página de Lacordaire

³ Fim de página de Pascal

⁴ Segue nota sobre Dr. Fernando de Brederode, diretor da companhia de seguros *A Nacional*.

⁵ Correção ao artigo “J. B., ou Le Polémiste Imaginaire” publicado na edição anterior.

⁶ Fim de Página de E. Lavissee

⁷ Fim de página de Fontenelle

⁸ Fim de página de H. Marion.

⁹ Fim de página de Goethe.

¹⁰ Fim de página de Montesquieu.

¹¹ Fim de página de D’Alembert.

¹² Fim de página de Plutarco.

¹³ Retirado de *Une Crise de la Democratie*. Traduzido por António Sérgio

08; p.291	87	Barros Queiroz	Não assinado
08; p.291	87	Guarda Republicana	C. R.
08; p.291	87	Vicente Ferreira	Não assinado
08; p.291	87	Le Monde Nouveau	Não assinado
08; p.292	87	Cartas Leves Sobre Temas Graves – Aos Jovens “Seareiros” de Coimbra Sobre a Maneira de Lidar com os Inimigos da Luz e da Razão ¹	António Sérgio
08; p.294	87	A Greve Inglesa	C. R.
08; p.295	87	Em Coimbra – As Praxes Acadêmicas	C. J.
08; p.296	87	Seção Oriental – Movimento de Idéias na Moderna Índia	Dr. Cordato de Noronha ²
08; p.298	87	A Imprensa e a “Seara Nova”	Não assinado
Quinta-Feira, 20 de Maio de 1926			
08; p.303	88	À margem do Seiscentismo – Pública Explicação Sobre Um Libelo	Rodrigues Miguéis
08; p.311	88	Cartas Leves Sobre Temas Graves – Aos Meus Jovens Amigos que me Pediram que “Respondesse Àquilo” ³	António Sérgio
08; p.314	88	Em Frente das Doutrinas Reacionárias – II ⁴	Mário de Castro
08; p.317	88	Estradas	S. de B.
08; p.318	88	Glória In Exelsis ⁵	Não assinado
Quinta-Feira 27 de Maio 1926			
08; p.323	89	Carta Aberta a um Integralista de Coimbra	Vitorino Nemésio
08; p.325	89	Sobre o Problema da Carne – Alguns dos Seus Aspectos – Conclusão	A Monteiro da Costa
08; p.326	89	As Nossas Edições	José Agostinho
08; p.327	89	Em Frente das Doutrinas Reacionárias – Conclusão	Mário de Castro
08; p.329	89	O Conflito de Sábado no Salão do Teatro de S. Carlos	Não assinado
08; p.330	89	A Semana da Seara Nova em Coimbra	Não assinado
08; p.332	89	Seção Oriental – movimento de Idéias na Moderna Índia – Conclusão	Não assinado
08; p.336	89	Páginas Para Serem Meditadas – o Investigador Científico	Ernesto Renan ⁶
08; p.337	89	O aumento dos Vencimentos aos Oficiais e Sargentos	C. B.
08; p.338	89	A Crise Política	Não assinado
Quinta-Feira 3 de Junho de 1926			
08; p.343	90	Uma “Nobre Jornada” do Integralismo Lusitano ⁷	Raul Proença
08; p.346	90	A “Seara” e a Imprensa	Não assinado
08; p.346	90	Os Bons Políticos	R. P.
08; p.346	90	Dr. Raul de Miranda	Não assinado
08; p.346	90	Corrupto e Corruptor	R. P.
08; p.347	90	Hereditariedade	Não assinado

¹ Segue nota de “errata” com correções ao artigo *Camilo Pessanha* publicado no n° 85.

² Excerto de Conferência do autor.

³ Fins de página de Numa Droz e José Agostinho de Macedo.

⁴ Fim de página de F. Buisson.

⁵ Fim de página de Montesquieu.

⁶ Retirado de *Discours de réception a l'Académie*. Traduzido por António Sérgio

⁷ Fim de página de Leonardo de Vinci.

08; p.350	90	Um Protesto Nobilíssimo	Vários
08; p.351	90	As Nossas Edições ¹	Não assinado
08; p.352	90	António Sérgio	Vieira de Campos
08; p.353	90	“La Nueva Rusia” ²	A. de C.
08; p.354	90	As “Uniãos Intelectuais” – II – O Movimento	Príncipe Carlo de Rohan
08; p.355	90	A Iglorificação dos Heróis ³	S. da C.
08; p.356	90	Uma Posição	José Osório de Oliveira
08; p.357	90	Estradas	A. G.
08; p.358	90	A Revolta Militar	José M. Sarmiento de Beires
Quinta-Feira, 10 de Junho de 1926			
08; p.363	91	A Ditadura Militar	Raul Proença
08; p.366	91	Explicação Necessária Sobre Um detalhe do Pronunciamento Militar	José Manuel Sarmiento de Beires
08; p.368	91	Hereditariedade – II ⁴	Não assinado
08; p.371	91	O Ministério da Agricultura e o Orçamento	Azevedo Gomes
08; p.372	91	A “Seara” em Coimbra ⁵	Mário de Castro
08; p.373	91	Seção Oriental – Características da Literatura Indiana ⁶	Cordato de Noronha
08; p.377	91	Páginas Para Serem Meditadas – Necessidade de Instituições Adequadas ao Ideal Democrático	Oliveira Martins
08; p.378	91	Moçambique ⁷	Não assinado
Quinta-Feira, 17 de Junho de 1926			
08; p.383	92	A Situação Política	Azevedo Gomes
08; p.384	92	Oásis no Deserto	Não assinado
08; p.385	92	Tendências Atuais duma Ciência Moderna	Raul de Miranda
08; p.386	92	Hereditariedade – Conclusão	Dr. Ruy Teles Palhinha
08; p.388	92	Elogio da Competência	L. A. Verney ⁸
08; p.389	92	O Problema da Habitação e o Seguro de Vida ⁹	David Ferreira
08; p.393	92	Um Alvitre ¹⁰	Sebastião da Costa
08; p.394	92	A Vida Acadêmica em Cambridge	Silva Teles ¹¹
08; p.398	92	As Boas Almas	Não assinado
Quarta-Feira, 23 de Junho de 1926			
08; p.403	93	A República e o Exército ¹	Não assinado

¹ Trechos retirados de outras publicações.

² Fim de página de Plutarco.

³ Fim de página de Funck Brentano.

⁴ Fim de página de Saint-Simon.

⁵ Fim de página de Leopardi.

⁶ Fim de página de Carlyle.

⁷ Fim de página de Kant.

⁸ Retirado de *Verdadeiro Método de Estudar*, II vol., pg. 151-2.

⁹ Segue errata sobre o artigo “Explicação Necessária Sobre Um Detalhe do Pronunciamento Militar” publicado no n° anterior.

¹⁰ Segue nota da redação.

¹¹ Retirado de *A Universidade de Cambridge e a celebração científica de Darwin*.

08; p.404	93	A Viagem Portugal-Macau ²	Não assinado
08; p.405	93	Serão Possíveis os Estados Unidos da Europa? ³	Henri Hauser
08; p.407	93	Depoimentos	Jaime de Magalhães Lima e Manuel da Silva Gaio ⁴
08; p.408	93	Uma Carta	Raul Proença
08; p.410	93	Pelas Nossas Colônias – Programa da Ação Nacional de Moçambique ⁵	Não assinado
08; p.413	93	Pronunciamentos	J. Ortega y Gasset
08; p.414	93	Cartas Leves Sobre Temas Graves – A Atual Situação Política e a Instrução Pública	António Sérgio
08; p.415	93	Páginas Para Serem Meditadas	C. Wagner ⁶
08; p.417	93	Alerta Sulfídricos! ⁷	Não assinado
08; p.418	93	Palavras de Sinceridade	A. S.
Quinta-Feira, 8 de Junho de 1926			
08; p.423	94	Carta Aberta ao Diretor da “Época”	Mário de Castro
08; p.425	94	Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra	Não assinado
08; p.426	94	Por Bom Caminho...	Azevedo Gomes
08; p.427	94	O Seiscentismo	Alexandre Azevedo Lobo.
08; p.428	94	Observação e Ideologia, Produtor e Cidadão ⁸	A. S.
08; p.429	94	Os Males da Preguiça	Julio Payot ⁹
08; p.430	94	África Portentosa – O Distrito da Huila e as Cubiças Estranhas	Gastão Souza Dias ¹⁰
08; p.433	94	Uma Escola de Artistas Na Rússia dos Sovietes ¹¹	Helena Butipoff
08; p.435	94	A “Seara” em Coimbra	Mário de Castro
08; p.437	94	Depoimentos	M. Gonçalves Cerejeira e matos Sequeira ¹²
08; p.437	94	“Reorganização Nacional”	A. S.
08; p.438	94	Soneto	Américo Durão
Quinta-Feira, 15 de Junho de 1926			
08; p.443	95	Revelação Duma Alma	R. P.
08; p.444	95	Um Homem de Princípios	A. S.
08; p.445	95	Ação Cívica ¹³	Agostinho de Campos
08; p.447	95	Depois da Revolução – À Espera duma Resposta	A. Aerosa Feio ¹

¹ Fim de página de Paulo Valery.

² Fim de página de Amiel.

³ Fim de página de Remy de Gourmont.

⁴ Cartas enviadas à revista.

⁵ Fim de página de Descartes.

⁶ Retirado de *A Vida Simples*. Traduzido por Eugénio de Castro.

⁷ Fim de página de Sócrates.

⁸ Segue errata sobre a *Carta* de Raul Proença publicada no n.º anterior.

⁹ Retirado de *A Educação da Vontade*.

¹⁰ Retirado do livro *África Ocidental Portuguesa*.

¹¹ Fim de página de Taine.

¹² Cartas enviadas à revista.

¹³ Fim de página de Robespierre.

08; p.448	95	Sobre Colonização Agrícola ²	Mário Fortes
08; p.494	95	Um “Remédio” Revulsivo ou um Decreto Escandaloso ³	Mário de Castro
08; p.451	95	Escolas Privadas, Sanidade Escolar	Rodríguez Miguéis
08; p.454	95	Lugares Seletos de Três Entrevistas	Não assinado
08; p.455	95	Dogmatismos	A. S.
08; p.455	95	Álvaro Cebreiro	Manuel Mendes
08; p.455	95	Onde Pô-lo?	A. S.
08; p.456	95	Páginas Para Serem Meditadas – A União Para a Ação Moral	Julio Lagneau ⁴
08; p.457	95	A Semana da Seara Nova em Coimbra	Não assinado
Quinta-Feira, 12 de agosto de 1926			
08; p.463	96	“A Consagração Simbólica da Revolução Nacional”	Armando Zuzarte Cortesão.
08; p.465	96	“África Portentosa”	Não assinado
08; p.465	96	A “Seara Nova” e a Censura	Não assinado
08; p.466	96	Os Estados Unidos Europeus	R. M.
08; p.470	96	A Ditadura e a Ciência Portuguesa	S. R.
08; p.471	96	Um Nobre Artista	Mário de Castro
08; p.474	96	Guarda-Sol	A. S.
08; p. 474	96	Revelação duma Alma	R. P.
08; p.475	96	Pérola de Orvalho	Afonso Duarte

¹ Retirado do *Jornal de Santarém*, de 26-06-1926.

² Fim de página de Pierre Bertrand.

³ Fim de página de Descartes.

⁴ Retirado do *Projeto de manifesto da União para a Ação Moral*. Traduzido por António Sérgio

7.2 Índice Geral da Revista *Terra de Sol*

{ } : indica textos pertencentes aos “Fins de Página”;

As seções terão seus títulos em **negrito**.

Os textos autógrafos (reprodução de originais de poetas) aparecerão em *itálico*.

Volume e página	Número da revista	Seção e/ ou título do texto	Autor
Janeiro de 1924			
01; 007	1	TERRA DE SOL	Não assinado
01; 009	1	I TERRA GLORIOSA!	Rocha Pombo
01; 012	1	MALDIÇÃO ¹	Olavo Bilac
01; 013	1	BASES DA NACIONALIDADE BRASILEIRA	Ronald de Carvalho
01; 027	1	O AMOR POETA – DUAS CANÇÕES AMOROSAS	Afrânio Peixoto
01; 029	1	CARTAS INÉDITAS DE GONZAGA DUQUE	Gonzaga Duque
01; 032	1	DOIS AMIGOS	Tristão de Ataíde
01; 038	1	{PENSAMENTOS DE MARCO AURÉLIO}	Marco Aurélio
01; 039	1	O POETA NEGRO	Andrade Muricy
01; 042	1	DOCA NOTURNA	Murilo Araújo
01; 044	1	OS ESTUDOS FOLCLÓRICOS NO BRASIL ²	Amadeu Amaral
01; 047	1	ESPÍRITO AMERICANO	Tasso da Silveira
01; 051	1	EM DEMANDA DO SOL	Abraham Valdelomar
01; 059	1	PÁGINAS PORTUGUESAS – I – JAIME CORTESÃO	Não assinado
01; 067	1	A CONVENÇÃO LITERÁRIA ENTRE PORTUGAL E BRASIL	Não assinado
01; 070	1	A DÍVIDA DO URUGUAI AO BRASIL	Não assinado
01; 072	1	ARTES PLÁSTICAS – MARINHAS, DE GARCIA BENTO	Silveira Neto
01; 078	1	MÚSICA	Renato Almeida
01; 080	1	O BRASIL NA AMÉRICA LATINA – COMÉRCIO EXTERIOR – ORÇAMENTOS	Victor Viana
01; 084	1	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
01; 086	1	DE OUTROS POVOS	Não assinado
01; 091	1	PELOS ESTADOS	Campos Ribeiro
01; 094	1	EFEMÉRIDES	Não assinado
01; 096	1	NOTAS E COMENTÁRIOS ³	Não assinado
01; 110	1	REPRESENTANTES DE TERRA DE SOL NOS ESTADOS	Não assinado
01; 111	1	O LIVRO DE OURO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA E DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO	Não assinado
01; 116	1	EDIÇÕES DO ANUÁRIO DO BRASIL	Não assinado ⁴
01; 121	1	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
01; 1231	1	BIBLIOGRAFIA	T. S.

¹ Texto autógrafo de Olavo Bilac.

² Este é o primeiro texto da Seção “Folclore” a ser publicado na revista. Todos as seções de *Terra de Sol* serão apresentadas em **negrito**, nesta tabela, a fim de facilitar a compreensão da revista.

³ Ver índice da seção “Notas e Comentários” no capítulo dedicado à Descrição Geral de *Terra de Sol*.

⁴ Este texto traz várias resenhas críticas, assinadas por vários intelectuais, comentando obras da “Anuário do Brasil”.

Fevereiro de 1924			
01; 129	2	II OS ATORES DO NOSSO DRAMA	Rocha Pombo
01; 132	2	ENLEVO	Cruz e Souza
01; 133	2	A VIAGEM	Nestor Victor
01; 144	2	LITERATURA BRASILEIRA	Ronald de Carvalho
01; 153	2	NOITE DE NATAL	Silveira Neto
01; 156	2	FOLCLORE II	Amadeu Amaral
01; 159	2	HELLO	Tasso da Silveira
01; 165	2	A CIDADE	Caio de Mello Franco
01; 166	2	SEU ARCANJO OU O PARAÍSO PERDIDO	Tristão de Ataíde
01; 173	2	A REFORMA ORTOGRÁFICA	Terra de Sol ²
01; 177	2	O GRANDE POETA DA RAÇA	Não assinado ³
01; 185	2	TEÓFILO BRAGA	Não assinado ⁴
01; 192	2	“TRABALHOS DE JESUS”	Fr. Tomé de Jesus
01; 205	2	ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS	Victor Viana
01; 208	2	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
01; 212	2	A DÍVIDA DO URUGUAI AO BRASIL	Não assinado
01; 214	2	ARTES PLÁSTICAS SALÃO DA PRIMAVERA EM 1924	S. N.
01; 218	2	MÚSICA	Renato Almeida
01; 221	2	DE OUTROS POVOS	Não assinado
01; 228	2	PELOS ESTADOS	Mário Linhares
01; 232	2	EFEMÉRIDES	Não assinado
01; 236	2	NOTAS E COMENTÁRIOS ⁵	Não assinado
01; 253	2	TERRA DE SOL REVISTA DE ARTE E PENSAMENTO	Não assinado ⁶
01; 257	2	EDIÇÕES DO ANUÁRIO DO BRASIL	Assinado por vários autores ⁷
01; 265	2	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
01; 269	2	BIBLIOGRAFIA ⁸	Não assinado
Março de 1924			
01; 281	3	RUY BARBOSA	Não assinado
01; 283	3	UM HISTORIADOR ARGENTINO - RICARDO LEVENE	Rocha Pombo
01; 288	3	VERSOS A UM COVEIRO	Augusto dos Anjos
01; 289	3	AMERICANISMO	Tristão de Ataíde
01; 295	3	FLORES DE VIDRO	Visconde de Villa-Moura
01; 296	3	SOCIOLOGIA ECONÔMICA O PREPARO DA GENTE	Victor Viana
01; 300	3	OS REIS MAGOS DA LEGENDA NOVA	Arnaldo Damasceno

¹ As páginas finais de cada exemplar trazem para o leito da revista, propagandas de obras da “Anuário do Brasil”.

² Este artigo está assim assinado: Terra de Sol.

³ A revista reproduz, depois de nota inicial, um artigo de Afrânio Peixoto sobre Camões.

⁴ Neste artigo, a assinatura que aparece ao final é de uma carta de Teófilo Braga, que tem trecho publicado.

⁵ Dentro da Seção “Notas e Comentários” existe nota assinada por Tasso da Silveira e Álvaro Pinto.

⁶ Os artigos republicados na revista que aparecem nesse exemplar foram retirados de periódicos e não aparecem assinados pelo autor. A única identificação é da fonte de onde foi retirado o comentário.

⁷ Para cada livro comentado, assina um intelectual a resenha crítica da obra analisada.

⁸ Dentro dessa seção existem alguns textos assinados. Mas a seção, no geral, não é assinada.

			Vieira
01; 301	3	{ ANTERO DE QUENTAL }	Miguel de Unamuno ¹
01; 302	3	NESTOR VICTOR	Jackson de Figueiredo
01; 309	3	MENESTREL	Agrippa de Vasconcelos
01; 310	3	DA VITALIDADE DOS ROMANCES DE DOSTOIÉVSKY	Vicente L. Cardoso
01; 316	3	{ A CIÊNCIA }	Miguel de Unamuno
01; 317	3	A CEGUEIRA DOS FELIZES	Baltazar Pereira
01; 320	3	MIGUEL DE UNAMUNO	Leonardo Coimbra e Miguel de Unamuno ²
01; 323	3	{ SOBRE IBSEN }	Miguel de Unamuno
01; 324	3	A LÍNGUA UNIVERSAL	Silveira Sobrinho
01; 329	3	O PÂNTANO	José Geraldo Vieira
01; 333	3	{ MINHA RELIGIÃO }	Miguel de Unamuno
01; 334	3	NATURA, IDEA E TECNICA DELL' ARTE	Ricciardo Bampi ³
01; 339	3	"TRABALHOS DE JESUS"	Fr. Tomé de Jesus
01; 349	3	PASSOS MANOEL ENSAIO BIOGRÁFICO	Mário de Lima Barbosa
01; 354	3	ARTES PLÁSTICAS MONUMENTOS DO CENTENÁRIO	Silveira Neto
01; 359	3	UMA CARTA	S. N.
01; 361	3	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
01; 364	3	{ A MORTE }	Miguel de Unamuno
01; 365	3	DE OUTROS POVOS	Não assinado
01; 370	3	{ SOBRE PASCAL }	Miguel de Unamuno
01; 371	3	PELOS ESTADOS	Silva Lobato e Fernando Callage ⁴
01; 375	3	{ CRER EM DEUS }	Miguel de Unamuno
01; 376	3	EFEMÉRIDES	Não assinado ⁵
01; 378	3	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
01; 392	3	CORREIO DE "TERRA DE SOL"	Não assinado
01; 393	3	EDIÇÕES DO ANUÁRIO DO BRASIL	Não assinado
01; 399	3	{ CRER EM DEUS }	Miguel de Unamuno
01; 400	3	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
01; 403	3	{ A DESESPERAÇÃO DO DESTERRO }	Miguel de Unamuno
01; 404	3	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ⁶
Abril de 1924			

¹ Este trecho da obra de Unamuno, e outros trechos publicados ao longo desse exemplar de *Terra de Sol*, são textos que aparecem nos "Fins de Página" dessa revista, destinados a divulgar o pensamento de intelectuais e ocupar o espaço que ficaria em branco ao final de cada artigo. Todos os textos que fizerem parte dessa seção aparecerão marcados por { }, para facilitar a leitura desta tabela.

² Neste artigo foram publicados dois textos: um de Leonardo Coimbra tratando de Miguel de Unamuno; outros dois Unamuno, uma carta e um artigo do intelectual espanhol.

³ Texto de Ricciardo Bampi foi publicado em italiano.

⁴ Esta seção trouxe, neste número, dois textos: "Assuntos Pernambucanos", assinado por Silva Lobato e "Letras Gaúchas", de Fernando Callage.

⁵ A seção "Bibliografia" não aparece no índice inicial do terceiro exemplar da revista estudada. Há uma nota, logo após "Notas e Comentários", em que se afirma que essa seção, além de alguns outros artigos, seriam publicadas em número posterior. Porém, no índice geral de colaborações ao final do exemplar número 3, aparece citada a seção "Bibliografia", como presente nesse número da revista.

⁶ Alguns dos artigos publicados nessa seção apresentam notas assinadas, que apresentam iniciais de T. de A., T. S. e N. V. Supomos tratarem-se de Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira e Nestor Victor. Ver nota n.16.

02; 0071	4	III O GRANDE PROBLEMA	Rocha Pombo
02; 009	4	{ A SÍNTESE DE UM PROGRAMA }	Alberto Torres ²
02; 010	4	ARTE BRASILEIRA	Ronald de Carvalho
02; 025	4	{O QUE NOS FALTA }	Alberto Torres
02; 026	4	VILANCETE	Aníbal Teófilo
02; 027	4	UM ASPECTO DOS <<REPUBLICANOS HISTÓRICOS>>	Nestor Victor
02; 031	4	{O GRANDE PROBLEMA }	Alberto Torres
02; 032	4	FOLCLORE III	Amadeu Amaral
02; 034	4	{O ESTUDO DA GEOGRAFIA}3	Alberto Torres
02; 035	4	UM POEMA DE WALT WHITMAN - POETAS QUE VIRÃO	Walt Whitman
02; 036	4	SOCIOLOGIA ECONÔMICA A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA RURAL	Victor Viana
02; 044	4	{A ILUSÃO DOS FILÓSOFOS }	Alberto Torres
02; 045	4	BALADA PARA MIM MESMA	Cecília Meireles
02; 046	4	ANATOLE FRANCE E O BRASIL PALESTRA COM O REVERENDO JERONYMO COIGNARD	Andrade Muricy
02; 052	4	{PENSAMENTOS ESPARSOS }	Alberto Torres
02; 053	4	PAPINI	Tasso da Silveira
02; 058	4	A DÍVIDA DO URUGUAI AO BRASIL	Não assinado
02; 059	4	PORTUGAL –BRASIL	A. P.
02; 062	4	{NOSSO PROBLEMA CAPITAL }	Alberto Torres
02; 063	4	PÁGINAS PORTUGUESAS II CARLOS SELVAGEM	Não assinado
02; 097	4	{O NOSSO NACIONALISMO }	Alberto Torres
02; 098	4	A BATALHA DE LA LYS (9 DE ABRIL DE 1918)	General Gomes da Costa e Tenente Pina de Moraes
02; 109	4	DIES IRAE	Adelino Magalhães
02; 111	4	A FLORADA DO CAFÉ	Rubens Amaral
02; 113	4	LIGEIA	Edgard Allan Poe (trad. De Januário Leite)
02; 122	4	ARTES PLÁSTICAS EXPOSIÇÃO HANS PAAP	Silveira Neto
02; 124	4	{A DURA, MAS SALUTAR VERDADE }	Alberto Torres
02; 125	4	PINTORES ARGENTINOS CONTEMPORÂNEOS: VALENTIN THIBON DE LIBIAN ⁴	B. Sanchez-Sáez
02; 127	4	{O QUE O BRASIL PRECISA }	Alberto Torres
02; 128	4	MÚSICA	A. M.
02; 130	4	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
02; 133	4	PELOS ESTADOS ⁵	R. R. de Castro e José Lins do Rego
02; 137	4	{O NOSSO NACIONALISMO }	Alberto Torres
02; 138	4	EFEMÉRIDES	Não assinado
02; 140	4	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
02; 149	4	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ¹

¹ A revista *Terra de Sol* é numerada por volume. A cada novo volume, que é composto por três números do periódico, inicia-se uma nova numeração.

² O exemplar número quatro inicia o segundo volume e apresenta em seus “Fins de Página” trechos da obra de Alberto Torres.

³ Este texto, do fim de Página não aparece citado no índice do quarto exemplar da revista.

⁴ Este texto foi publicado em espanhol e enviado para a revista, como aparece em nota antes do texto.

⁵ Dois textos são publicados nessa seção: “Associações Literária do Pará”, de R. R. de Castro e “Algumas Notas sobre a Faculdade de Direito do Recife”, de José Lins do Rego.

02; 153	4	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
02; 158	4	CORREIO DE TERRA DE SOL	Não assinado
Maio de 1924			
02; 161	5	PROBLEMAS DE ANTROPOLOGIA SOCIAL - RAÇAS E SELEÇÕES TELÚRICAS	Oliveira Viana
02; 167	5	{ARTE}	Farias Brito ²
02; 168	5	IV O JESUÍTA	Rocha Pombo
02; 170	5	NOTURNO	Emílio Moura
02; 171	5	BARRETT	Alvaro Yunque ³
02; 180	5	A PSIQUE BRASILEIRA	Ronald de Carvalho
02; 190	5	FILOSOFIA DE URSO	Baltazar Pereira
02; 192	5	REALIDADE	Tristão de Ataíde
02; 195	5	DUAS CARTAS DE GOMES FREIRE	Moisés Marcondes
02; 201	5	{O DESTINO DO HOMEM}	Farias Brito
02; 202	5	A MOLÉSTIA DE PASCAL	Almeida Magalhães
02; 205	5	UM BISPO	Mário Sette
02; 206	5	{OS DOIS HOMENS}	Farias Brito
02; 207	5	A ESCRAVIDÃO	Plínio dos Santos
02; 210	5	{PSICOLOGIA EXPERIMENTAL}	Farias Brito
02; 211	5	AS MULHERES POETAS DO BRASIL I- NARCIZA AMÁLIA	Não assinado
02; 214	5	{AS TRÊS FORÇAS DO ESPÍRITO}	Farias Brito
02; 215	5	MOEMA	J. Galeão Coutinho
02; 217	5	{A ARTE E A PSICOLOGIA}	Farias Brito
02; 218	5	MERCADO DE ALMAS	Lucilo Varejão
02; 224	5	UMA CENA DA RENASCENÇA - TRÊS EPISÓDIOS DA CONJURAÇÃO DOS PAZZI	Caio de Mello Franco
02; 228	5	{A REFORMA PELO AMOR}	Farias Brito
02; 229	5	ANCHIETA	Elpídio Pimentel
02; 230	5	{A FILOSOFIA ETERNA}	Farias Brito
02; 231	5	A EXPEDIÇÃO DE CABRAL E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL	Elísio de Carvalho
02; 248	5	{ A NOSSA ANGÚSTIA }	Farias Brito
02; 249	5	CARTA DE PORTUGAL	Carlos Selvagem
02; 254	5	{A HORA NOVA}	Farias Brito
02; 255	5	PORTUGAL-BRASIL	A. P.
02; 259	5	{A LIBERDADE}	Farias Brito
02; 260	5	A BATALHA DO LYS	Capitão Médico Jaime Cortesão
02; 269	5	“TRABALHOS DE JESUS”	Fr. Tomé de Jesus
02; 278	5	PASSOS MANOEL	Mário de Lima Barbosa
02; 281	5	{OS MOMENTOS SUPREMOS}	Farias Brito
02; 282	5	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
02; 285	5	EFEMÉRIDES	Não assinado
02; 286	5	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
02; 295	5	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ¹

¹ Há apenas uma resenha assinada por T. de A.

² O quinto exemplar de *Terra de Sol* dedica seus “Fins de Página” a Farias Brito.

³ Este artigo foi publicado em espanhol e foi enviado pelo autor para ser publicado em *Terra de Sol*.

02; 302	5	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
Junho de 1924			
02; 305	6	JOSÉ DE ANCHIETA	Rocha Pombo
02; 308	6	{O SERTANEJO}	Euclides da Cunha ²
02; 309	6	LITERATURA DE PINTORES	Sud Menucci
02; 312	6	{O SERTANEJO}	Euclides da Cunha
02; 313	6	FIANDEIRA	Carvalho Aranha
02; 316	6	INTRODUÇÃO AOS “TRABALHOS DE JESUS”	Edgar Prestage
02; 319	6	COLONIAL	Murilo Araújo
02; 322	6	UM HOMEM SINGULAR(CAPÍTULO DE ROMANCE)	Raul de Azevedo
02; 324	6	{O SERTANEJO}	Euclides da Cunha
02; 325	6	NO PAÍS DOS JESUÍTAS(CAPITULO DE UM LIVRO DE VIAJEM)	José Muricy
02; 332	6	HONRAS Á BRAVURA	Baltazar Pereira
02; 334	6	UN PINTOR GORKIANO GILLERMO FACIO HEBEQUER	Elias Castelnuovo ³
02; 338	6	{O SERTANEJO}	Euclides da Cunha
02; 339	6	O NEO ESPIRITUALISMO NA OBRA DE UM PENSADOR ARGENTINO	Ângelo Guido
02; 349	6	{O GAÚCHO E O VAQUEIRO}	Euclides da Cunha
02; 350	6	AS GUILHOTINAS	Carlos Magalhães de Azeredo
02; 360	6	A NOSSA POLÍTICA FERROVIÁRIA	Porfírio Soares Netto
02; 364	6	“TRABALHOS DE JESUS” - QUE PASSOU DA HORA EM QUE FOI CONCEBIDO, ATÉ O DIA EM QUE PADECEU, RESUMIDOS EM VINTE E CINCO	Fr. Tomé de Jesus
02; 384	6	{O VAQUEIRO}	Euclides da Cunha
02; 385	6	VICENTE DE CARVALHO - O POETA E O MAR	S. Galeão Coutinho
02; 387	6	{O GAÚCHO E O VAQUEIRO}	Euclides da Cunha
02; 388	6	UM FILÓSOFO PARANAENSE	Dario Vellozo
02; 400	6	AS MULHERES POETAS DO BRASIL II – FRANCISCA JULIA	Não assinado
02; 404	6	PASSOS MANOEL	Mário de Lima Barbosa
02; 412	6	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: O CASO DO SR. GRAÇA ARANHA	Não assinado
02; 413	6	PORTUGAL- BRASIL	Não assinado ⁴
02; 419	6	EFEMÉRIDES	Não assinado
02; 420	6	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
02; 421	6	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
02; 426	6	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ⁵
02; 437	6	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado ¹

¹ Apenas um dos textos dessa seção é assinado. Trata-se de um estudo de duas obras feito por Gilberto Câmara.

² O exemplar número 6 traz trechos de *Os Sertões* de Euclides da Cunha nos “Fins de Página de *Terra de Sol*.”

³ Texto publicado em espanhol.

⁴ Ao final desse artigo há uma nota, na página 418, informando que o atraso na correspondência enviada por Carlos Selvagem teria impossibilitado a publicação do artigo no sexto número da revista. Há um aviso de que o artigo será publicado em número posterior.

⁵ Apenas três resenhas dessa seção são assinadas. Uma, sobre Poemas do Cárcere, por Sidnei Neto; outra, sobre *Poemas dos Belos Dias* por Gilberto Câmara; a terceira foi assinado por T.S., comenta *Dans l'ombre*.

02; 441	6	EDIÇÕES DO ANUÁRIO DO BRASIL	Andrade Muricy; Gilberto Câmara; Jornal do Comércio; O Imparcial; A Ordem;2
Julho de 1924			
03; 007	7	VI O PADRE ANTÔNIO VIEIRA	Rocha Pombo ³
03; 010	7	A FORÇA ECONÔMICA PELA EDUCAÇÃO	Victor Viana
03; 013	7	{OS DESERTOS}	Euclides da Cunha ⁴
03; 014	7	NUM ÁLBUM	Antônio de Castro Alves ⁵
03; 016	7	A INVENÇÃO DA POESIA BRASILEIRA	Ribeiro Couto ⁶
03; 017	7	CRUZ E SOUZA - O ESTRANHO POETA NEGRO	Silveira Netto
03; 024	7	{A DURA APRENDIZAGEM}	Euclides da Cunha
03; 025	7	NESTOR VICTOR E “O ELOGIO DO AMIGO	Moisés Marcondes
03; 029	7	NEMÉSIO, O BISPO DE EMESE	Caio de Mello Franco
03; 032	7	AS MULHERES POETAS DO BRASIL III – GILKA	Não assinado
03; 041	7	A SIGNIFICAÇÃO DO “IDIOTA” DE DOSTOIEVSKY	Vicente Licínio Cardoso ⁷
03; 044	7	{A ARMADURA DO VAQUEIRO}	Euclides da Cunha
03; 045	7	PÁGINAS PORTUGUESAS III – AQUILINO RIBEIRO	Carlos Selvagem
03; 071	7	MERCADO DE ALMAS	Lucilo Varejão
03; 076	7	ARTES PLÁSTICAS	S. N.
03; 078	7	{O JAGUNÇO E O GAÚCHO}	Euclides da Cunha
03; 079	7	O CENTENÁRIO DE CAMÕES ⁸	Francisco Romero; Jornais Prensa e Nacion; Edgar Prestage e Ernest Barker.
03; 100	7	EL NOTURNO DEL RELATO DEL VIAJE	Santos Chocano
03; 102	7	CARTA DE PORTUGAL	Carlos Selvagem
03; 105	7	{A ALVORADA QUE VEM}	Farias Brito ⁹

¹ Essa seção republica um artigo assinado por Almeida Magalhães e publicado anteriormente no “O Estado de São Paulo”.

² Várias notas aparecem nessa seção. São assinadas pelos autores que aparecem citados e são republicações que apareceram originalmente nos periódicos enumerados.

³ Inicia-se o terceiro volume de *Terra de Sol*, a partir do sétimo exemplar, em julho de 1924.

⁴ Novamente Euclides da Cunha é o autor homenageado nos “Fins de Página”.

⁵ Texto autógrafo de Antônio de Castro Alves. Na seção “Notas e Comentário” há uma sub seção, intitulada “Nossos Autógrafos”, onde são feitos comentários sobre o autor que tem seu texto manuscrito publicado na revista aqui analisada.

⁶ Texto dedicado a Graça Aranha.

⁷ No índice indica-se que este texto se inicia na página 40. No entanto, folheando a revista, percebe-se o equívoco.

⁸ O artigo intitulado “O Centenário de Camões”, aparece na revista como título de vários outros textos, como se essa fosse uma machete ou uma seção da revista. Dentro desse título aparecem os textos de Francisco Romero, intitulado “Camões”. Porém, no índice da revista, aparece o título do texto de Romero como se fosse um artigo independente. Os outros artigos, de *Prensa e Nacion*, em espanhol, aparecem no índice com o título “O Centenário de Camões”. O último texto, também dentro de “O Centenário de Camões, aparece no índice sem os autores e com a seguinte informação: “Mensagem da Universidade de Londres”.

⁹ Outro intelectual, Farias Brito, que já havia figurado nas páginas de *Terra de Sol*(n.5), volta a ser homenageado nos “Fins de Página” dessa revista.

03; 106	7	PASSOS MANOEL – VII	Mário de Lima Barbosa
03; 113	7	“TRABALHOS DE JESUS”	Fr. Tomé de Jesus
03; 123	7	HEROÍSMO INTERIOR	Farias Brito
03; 124	7	O CANTO DA SEREIA – I	D. João de Castro
03; 136	7	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
03; 140	7	EFEMÉRIDES	Não assinado
03; 141	7	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
03; 150	7	BIBLIOGRAFIA	Não assinado l
03; 159	7	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
Agosto de 1924			
03; 161	8	O CARAMURU	Rocha Pombo
03; 164	8	INCOGNITUS	A. J. Pereira da Silva
03; 165	8	MESSER MARCO POLO EL ÚLTIMO VIAJERO DE <<LAS MIL Y UNA NOCHE>> ²	Arturo Lagorio
03; 172	8	{ATÉ NA HORA DA MORTE, SEMPRE A VAIDADE}	Mathias Ayres ³
03; 173	8	SOCIOLOGIA ECONÔMICA	Victor Viana
03; 178	8	ROMANTISMO	Corrêa Junior
03; 179	8	TOTILA ALBERT	Tristão de Ataíde
03; 182	8	{VAIDADE DO BEM}	Mathias Ayres
03; 183	8	UM PARALLELO: 1776(E. UNIDOS) – 1879(FRANÇA)	Vicente L. Cardoso
03; 188	8	DA “LÍRICA”	Paulo Gonçalves
03; 189	8	TOBIAS BARRETO (PROFESSOR DE DIREITO)	Abelardo Lobo
03; 196	8	POETISAS (DO “ESFINGES” AO “NUNCA MAIS”)	Emílio Moura
03; 199	8	PRÉ HISTORIA BRASILEIRA: A CHAVE DE UM MISTÉRIO	A. Morales de Los Rios
03; 205	8	{PORQUE A HONRA VALE MAIS QUE A FORTUNA E A VIDA}	Mathias Ayres
03; 206	8	AS MULHERES POETAS DO BRASIL IV - AUTA DE SOUZA	Não assinado
03; 212	8	{COMO VEMOS AS NOSSAS E AS ALHEIAS VAIDADES}	Mathias Ayres
03; 213	8	ARTES PLÁSTICAS	S. N.
03; 217	8	{VAIDADE E AMOR PRÓPRIO}	Mathias Ayres
03; 218	8	CARTA DE PORTUGAL	Carlos Selvagem
03; 225	8	PANAMÁ	Argeu Guimarães
03; 226	8	{DA INCONSTÂNCIA DE TUDO}	Mathias Ayres
03; 227	8	O PRIMEIRO SENADOR PELO RIO GRANDE DO SULLUIZ CORREIA TEIXEIRA DE BRAGANÇA	M. de L. B.
03; 229	8	{FUNÇÃO SOCIAL DA VAIDADE}	Mathias Ayres
03; 230	8	O CANTO DA SEREIA II.	D. João de Castro
03; 241	8	{VAIDADE É PAIXÃO DA ALMA}	Mathias Ayres
03; 242	8	EXPRESSIONISMUS	Heinrich Petermann
03; 244	8	{OS MALES QUE NASCEM DA VAIDADE SÃO INCURÁVEIS}	Mathias Ayres
03; 245	8	“TRABALHOS DE JESUS”	Fr. Thomé de Jesus
03; 259	8	PORTUGAL-BRASIL	A. P.

¹ Três textos dessa seção são assinados por Tristão de Ataíde e dois por T.S. Os textos restantes não foram assinados.

² Texto publicado em Espanhol.

³ O oitavo exemplar traz trechos da obra de Mathias Ayres.

03; 264	8	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
03; 266	8	EFEMÉRIDES	Não assinado
03; 267	8	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
03; 276	8	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ¹
03; 283	8	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
03; 285	8	EDIÇÕES DO “ANUÁRIO DO BRASIL”	Jornal do Comércio; Gilberto Câmara; O País; Bezerra de Freitas; Oscar Lopes; J. M. Gomes Ribeiro; Osório Duque Estrada; A. F.; Agostinho Fortes; Acácio França; Jornal do Brasil; Homero Prates; O Jornal; 2
03; 298	8	“TERRA DE SOL” E A IMPRENSA	Wellington Brandão; João de Leste; F. Faria Netto; Comércio do Jahu; Campos Ribeiro; A Republica; Gilberto Câmara; Paulo de Oliveira; Correio do Ceará; A Cidade; Província do Pará; Folha do Norte; Sergipe- Jornal.
Setembro- Outubro de 1924			
03; 305	9	VII A FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO	Rocha Pombo
03; 308	9	O BANCO DE CORAL	Teófilo Dias ³
03; 309	9	GÂNDAVO	C. de Abreu
03; 312	9	O RISO DE TONALÁ	Ronald de Carvalho
03; 314	9	EL RESURGIMIENTO DEL ESPIRITUALISMO EN LA VIDA Y EN EL ARTE HOMENAJE A LA JUVENTUD BRASILEÑA	Fernán Félix de Amador ⁴
03; 325	9	PRELÚDIO N. 3	Guilherme de Almeida
03; 326	9	AS MULHERES POETAS DO BRASIL V -CECÍLIA MEIRELES	Não assinado
03; 331	9	FASCISMO? DIRETÓRIO MILITAR?QUE OCURRE EN CHILE?	Eduardo Barrios
03; 335	9	{O BARÃO DE TAUTPHOEUS}	Joaquim Nabuco ⁵
03; 336	9	O TIPO ÉTNICO BRASILEIRO	F. J. Oliveira Viana
03; 358	9	À MARGEM DO 7 DE SETEMBRO	Vicente L. Cardoso
03; 365	9	O CANTO DA SEREIA	D. João de Castro

¹ Gilberto Câmara assina duas das resenhas da seção “Bibliografia”.

² Alguns dos autores citados nessa lista, escreveram mais de uma resenha para essa seção de *Terra de Sol*.

³ Esta poesia faz parte dos textos autógrafos publicados em *Terra de Sol*. Ver nota 35.

⁴ Texto publicado em espanhol.

⁵ O nono exemplar traz em seus “Fina de Página” pensamento esparsos de Joaquim Nabuco.

03; 385	9	A MONTANHA E A CIDADE	Wellington Brandão
03; 388	9	ROCHA POMBO NO PARANÁ	Nestor Victor
03; 399	9	O TIO NECA	Ranulfo Prata
03; 404	9	PARNASIANOS E NATURALISTAS na Literatura Brasileira (Notas Antigas)	Andrade Muricy
03; 409	9	A CABEÇA DE SALOMÉ	Jaime D'Altávila
03; 415	9	ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES	Silveira Neto
03; 424	9	NOTAS DE ARTE	Não assinado
03; 426	9	WHITMAN	V. Coaracy
03; 430	9	SOCIOLOGIA ECONÔMICA	Victor Viana
03; 434	9	{CONSELHEIRO DE RENAN}	Joaquim Nabuco
03; 435	9	DA "ALEGRIA CRIADORA"	Tasso da Silveira
03; 440	9	{A GRANDE POESIA}	Joaquim Nabuco
03; 441	9	FALA O GRANITO	Adelino Magalhães
03; 444	9	{O GÊNIO FRANCÊS E O GÊNIO INGLÊS}	Joaquim Nabuco
03; 445	9	LAS FUERZAS SECRETAS	B. Sanchez-Sáez
03; 447	9	{O NOSSO ESPÍRITO E A BELEZA}	Joaquim Nabuco
03; 448	9	CADA MOLUSCO EM SUA CONCHA	Moisés Marcondes
03; 450	9	UM POEMA DE HEINE - O NAVIO NEGREIRO	Heine
03; 451	9	{OS DOIS MOVIMENTOS DA POLÍTICA}	Joaquim Nabuco
03; 452	9	MARIA DO AMPARO	Eugênio de Castro
03; 454	9	A REDENTORA	Joaquim Nabuco
03; 455	9	ESPLENDOR E DECADÊNCIA DO PÃO	S. Galeão Coutinho
03; 457	9	DO SIGILO NACIONAL SOBRE OS DESCOBRIMENTOS	Jaime Cortesão
03; 472	9	GUILHERME DE ALMEIDA	Luiz Delgado
03; 475	9	MERCADO DE ALMAS	Lucilo Varejão
03; 479	9	CARTA DE PORTUGAL	Carlos Selvagem
03; 485	9	PORTUGAL NA LIGA DAS NAÇÕES	Não assinado
03; 485	9	"A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR"	Bernardino de Souza
03; 497	9	PROTEÇÃO AO LIVRO	Não assinado
03; 498	9	{OS ESTADOS UNIDOS}	Joaquim Nabuco
03; 499	9	"TRABALHOS DE JESUS"	Fr. Tomé de Jesus
03; 515	9	PORTUGAL-BRASIL CARTA A JACKSON DE FIGUEIREDO	Álvaro Pinto
03; 522	9	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
03; 525	9	EFEMÉRIDES	Não assinado
03; 527	9	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
03; 542	9	{AS FORÇAS ANCESTRAIS}	Joaquim Nabuco
03; 543	9	BIBLIOGRAFIA	Não assinado
03; 548	9	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
03; 550	9	O "LIVRO DE OURO" E A IMPRENSA	Gilberto Câmara; A Tribuna; O Nordeste; Correio do Povo; Federação.1
03; 554	9	EDIÇÕES DO "ANUÁRIO DO BRASIL"	O Jornal; Rio-Jornal; O País – A. de S.; Gazeta de Notícias; Jornal do Brasil; R. Cansino Assens; A Notícia – H. Castriciano; A Época – Dr. Miunças; O

¹ Este texto é composto por republicações de artigos.

			País- Alexandre de Albuquerque; Osório Duque-Estrada; A Noite.1
Novembro de 1924			
04; 007	10	O NEGRO EM NOSSA HISTÓRIA	Rocha Pombo
04; 010	10	SONETO2	Alphonsus de Guimarães
04; 011	10	JOSÉ SANTOS CHOCANO: SU VIDA3	Luis Velazco Aragón
04; 019	10	PEQUENOS ENSAIOS - O SOLITÁRIO	Victor Viana
04; 021	10	{PATROCÍNIO}	Joaquim Nabuco4
04; 022	10	A BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO	Alfredo Mariano
04; 023	10	O IDEALISMO DA CONSTITUIÇÃO	T. J. Oliveira Viana
04; 035	10	UM POEMA INÉDITO DE EMILIANO PERNETA5	Emiliano Pernetá
04; 037	10	SOBRE A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA PORTUGUESA	Jaime Cortesão
04; 041	10	{A DÚVIDA}	Joaquim Nabuco
04; 042	10	AS TRÊS FASES DA MENTALIDADE HUMANA E A EVOLUÇÃO DO DIREITO	Pontes de Miranda
04; 050	10	EM VÃO	Emílio Moura
04; 051	10	SANTOS DUMONT	Nestor Victor
04; 055	10	PERNAMBUCO E SUA NOVA GERAÇÃO DE POETAS	Mário Linhares
04; 066	10	CRESCENTE DE AGOSTO	Bruno de Menezes
04; 067	10	A PINTURA EM PERNAMBUCO	Ângelo Guido
04; 072	10	{A ABOLIÇÃO}	Joaquim Nabuco
04; 073	10	ARTES PLÁSTICAS CARLOS MÓRA – TABORDA JUNIOR	S.N.
04; 075	10	{A ABOLIÇÃO}	Joaquim Nabuco
04; 076	10	“O CANTO DA SEREIA”	D. João de Castro
04; 082	10	PORTUGAL-BRASIL	Jackson de Figueiredo; A.P.6
04; 088	10	O CASO DO PAPEL PARA A IMPRENSA	Não assinado
04; 092	10	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
04; 096	10	EFEMÉRIDES	Não assinado
04; 097	10	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado7
04; 108	10	BIBLIOGRAFIA	Não assinado
04; 114	10	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
04; 116	10	EDIÇÕES DO “ANUÁRIO DO BRASIL”	Nuno Pinheiro; Leonidas Barletta; Jarbas Peixoto; Theodoro Brazão; C. B.; Austregésilo de Ataíde; Afrânio;

¹ Alguns dos jornais que aparecem citados nos autores, publicaram mais de um artigo, sobre diferentes obras da “Anuário do Brasil”.

² Poema autógrafo de Alphonsus de Guimarães. Reprodução de texto original do poeta brasileiro.

³ Texto em espanhol.

⁴ Joaquim Nabuco é novamente homenageado pelos “Fins de Página” da revista *Terra de Sol*.

⁵ “Uma Hora de Dor”. PERNETA, Novembro de 1924, p.35.

⁶ O primeiro texto da seção Portugal- Brasil, publicado no décimo fascículo da revista foi assinado por Jackson de Figueiredo em resposta a Álvaro Pinto. São publicadas noutras notas, não assinadas, e a última tem por assinatura as iniciais A. P..

⁷ Apenas uma das notas é assinada com as iniciais T. S.

			Moisés Marcondes; Mario Bonança; A Folha; Diário de Notícias(Lisboa); Agripino Grieco1; B. A.; Diário de Pernambuco.
Novembro - Dezembro de 1924			
04; 129	11-12	O <<PARNASO>> DE CAMÕES, FONTE D'OS LUSÍADAS	Afrânio Peixoto
04; 141	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES2	Aubrey F. G. Bell
04; 142	11-12	CAMÕES NA SELVA BRASILEIRA OS BANDEIRANTES E OS <<LUSÍADAS>> (COMEMORANDO O QUARTO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE CAMÕES	Afonso de E. Taunay
04; 145	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES3	Millevoye
04; 146	11-12	OS ESTUDOS CAMONEANOS NO BRASIL	J. Barbosa Bettencourt
04; 148	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	George Le Gentil
04; 149	11-12	CAMÕES DESCONHECIDO	Agostinho de Campos
04; 152	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	W. Storck
04; 153	11-12	CAMÕES E O FOLCLORE O POETA NA EPOPÉIA E NA LÍRICA4	J. J. Nunes
04; 155	11-12	NOTÍCIA SOBRE UMA CARTA INÉDITA DE CAMÕES	Jaime Cortesão
04; 156	11-12	CAMÕES	Antônio Sergio
04; 163	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Carolina Michaelis
04; 164	11-12	CAMÕES E A CRÍTICA	Manuel Ramos
04; 166	11-12	OS ERROS SOBRE CAMÕES	Alexandre de Albuquerque
04; 168	11-12	CAMÕES, HOMEM BÍBLIA	Murilo Araújo
04; 169	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Torquato Tasso
04; 170	11-12	VERA-CRUZ	Vieira de Almeida
04; 174	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES SOBRE CAMÕES	Bernardo Tem Brinck; Montesquieu; Rosenkranz; Lord Byron; Clóvis Lamarre; Esmenard; Humboldt.5
04; 177	11-12	OS LUSÍADAS	Luis de Camões
04; 267	11-12	O LUGAR DE CAMÕES NA LITERATURA - CONFERÊNCIA REALIZADA NA UNIVERSIDADE DE YALE AOS 14 DE MAIO DE 1908	Joaquim Nabuco
04; 279	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	F. Schegel
04; 280	11-12	AS HOMENAGENS A CAMÕES	Assia Cintra

¹ Agripino Grieco assina duas das resenhas publicadas nessa seção de *Terra de Sol*.

² Neste exemplar, que é todo dedicado a Camões, são publicados excertos sobre o poeta ao longo da revista, nos fins de página. Por não se tratar dos “Fins de Página” como apresentados em exemplares anteriores, citaremos estes pequenos textos sob o título “Excertos e pensamentos sobre Camões”, como aparece no próprio índice do número 11-12.

³ Pequeno excerto em francês.

⁴ O índice da revista 11-12 traz a numeração errada deste artigo. Na realidade, a página do início deste artigo de J. J. Nunes é 153 e não 159 como aparece no índice na primeira página desse exemplar.

⁵ Todos esses autores têm excertos publicados juntos sob o título “Sobre Camões”.

04; 283	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Miguel Cervantes
04; 283	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Edgar Quinet
04; 284	11-12	BIBLIOGRAFIA CAMONENANA	A. P.; L. S.; 1
04; 302	11-12	TRADUÇÕES DOS LUSÍADAS	Não assinado
04; 302	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Alexandre de Humboldt
04; 303	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Edgar Quinet
04; 305	11-12	OS PROBLEMAS DA RAÇA	Oliveira Viana
04; 311	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	F. Schlegel
04; 312	11-12	UMA EXPEDIÇÃO LUSO-ESCANDINAVA À AMÉRICA, ANTES DE COLOMBO	Jaime Cortesão
04; 317	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Lope de Veja
04; 318	11-12	A MÚSICA BRASILEIRA E SUA FORMAÇÃO FOLCLÓRICA	Andrade Muricy
04; 326	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	G. de Le Gentil
04; 327	11-12	CARTA DE PORTUGAL: POLÍTICA LUSO-BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES OPORTUNAS	Carlos Selvagem
04; 334	11-12	EXCERTO E PENSAMENTO SOBRE CAMÕES	Alexandre de Humboldt
04; 335	11-12	ELOGIO DA CIDADE PROVINCIANA	Carlos Magalhães de Azeredo
04; 339	11-12	O ÉPICO BOLIVARIANO	Argeu Guimarães
04; 343	11-12	O CANTO DA SEREIA	D. João de Castro
04; 363	11-12	“TRABALHOS DE JESUS” ²	Fr. Tomé de Jesus
04; 383	11-12	AS TRÊS FASES DA MENTALIDADE HUMANA E A EVOLUÇÃO DO DIREITO	Pontes de Miranda
04; 390	11-12	AS ROCAS ³	H. R.
04; 393	11-12	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
04; 395	11-12	EFEMÉRIDES	Não assinado
04; 396	11-12	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado
04; 401	11-12	BIBLIOGRAFIA	Não assinado
04; 407	11-12	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado
04; 409	11-12	EDIÇÕES DO “ANUÁRIO DO BRASIL”	A Noite; Jornal do Brasil; O Estado de São Paulo; Rio-Jornal; Agripino Grieco; Tristão de Ataíde; Leôncio Correia; A. B. C.; O Imparcial; Acácio França; Gilberto Câmara; País.
04; 421	11-12	“TERRA DE SOL” E A IMPRENSA	Alves Pedrosa; Província do Pará; A Notícia; estado do Pará; Diário do Comércio; Correio de São Carlos.

¹ São assinadas algumas resenhas (que aparecem sob estas iniciais) de estudos sobre Camões e aparecem listas de relatórios, comemorações, discursos, catálogos, etc.

² Propaganda de obras de Ronald de Carvalho editadas pela “Anuário do Brasil”.

³ Propaganda de obras de Teixeira de Pascoaes editadas pela “Anuário do Brasil”.

Janeiro de 1925			
05; 007	13-14	NOTAS SOBRE A PRIMEIRA CONSTITUINTE(FRAGMENTO)	Tristão de Ataíde
05; 011	13-14	A MONTANHA AZUL	Silveira Neto
05; 012	13-14	DE “A COROA DE AVENCA”	Tasso da Silveira
05; 020	13-14	{ A CRENÇA }	Rui Barbosa ¹
05; 021	13-14	UMA PALHETA QUE VIVE(BATISTA DA COSTA)	Gonzaga Duque
05; 024	13-14	{ A VIDA E O SOL }	Rui Barbosa
05; 025	13-14	A CRISE DO LIVRO	Álvaro Pinto ²
05; 030	13-14	ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GODOFREDO RANGEL	Wellington Brandão
05; 032	13-14	{ A FORÇA E A PAZ }	Rui Barbosa
05; 033	13-14	A RIO DE JANEIRO	Enrique Bustamente Balivian ³
05; 040	13-14	A VISITA DO IMPERADOR	Mário Sette
05; 041	13-14	VERSOS AO OUVIDO	Murilo Araújo
05; 042	13-14	MIGUEL DE S. TIAGO	Argeu Guimarães
05; 044	13-14	TRÊS POETAS ARGENTINOS: FERNÁN FELIX DE AMADOR, ARTURO LAGORIO, RICARDO GUTIERREZ	Totila Albert ⁴
05; 048	13-14	OS NOVOS VALORES POÉTICOS DE PERNAMBUCO DOIS LIVROS E DOIS POETAS	Mário Linhares
05; 054	13-14	NAS BRUMAS	Carlos Guimarães de Azeredo
05; 057	13-14	ESTADO ATUAL DA LITERATURA CHILENA ⁵	Ricardo Davila Silva
05; 070	13-14	DOIS SONETOS INÉDITOS DE ALPHONSUS DE GUIMARÃES	Alphonsus de Guimarães
05; 072	13-14	UMA FAMÍLIA DE TICO-TICOS	Rodolfo Von Ihering ⁶
05; 081	13-14	LA RECIENTE CRISIS REVOLUCIONARIA DE CHILE	Eduardo Barrios ⁷
05; 085	13-14	PÁGINAS PORTUGUESAS TEIXEIRA DE PASCOAES ⁸	Carlos Selvagem
05; 097	13-14	O ENSINO QUE NOS CONVÉM - PREFÁCIO	Licínio Cardoso
05; 113	13-14	O MONSTRO QUE SE PRESTA A SÍMBOLO	Néstor Víctor
05; 117	13-14	SOBRE EL CONCEPTO DEL NACIONALISMO EN EL ARTE - LA TRADICIÓN COMO FUENTE DE PERSONALIDAD ARTÍSTICA ⁹	Martin Noel
05; 126	13-14	A NEVROSE DE JOÃO MALAFAIA	Brasílio Luz
05; 129	13-14	O CANTO DA SEREIA(CONCLUSÃO) ¹⁰	D. João de Castro
05; 152	13-14	“TRABALHOS DE JESUS” ¹	Fr. Tomé de Jesus

¹ O exemplar duplo 13-14 tem seus “Fins de Página” dedicados a Rui Barbosa.

² Esse texto, no índice do exemplar ‘13-14, consta como tendo sido de autoria de Álvaro Pinto, porém, é reprodução de uma reportagem publicada em *O Jornal*.

³ Poesia em espanhol.

⁴ Texto em espanhol. É importante salientar que, ao final desse artigo, ao invés de aparecer nos “Fins de Página” texto de Rui Barbosa(homenageado no exemplar 13-14), aparece uma propaganda de textos editados pela “Anuário do Brasil”: *Obras de Jaime Cortesão; Soror Mariana; Itália Azul*.

⁵ Este texto é a reprodução de discurso de “incorporação à Academia Chilena, correspondente da Real de Espanha”, de Ricardo Dávila. Texto em espanhol.

⁶ Mais uma propaganda de obras publicadas pela “Anuário do Brasil”, na página 80 desse exemplar.

⁷ Idem. P.84

⁸ Idem. p.96.

⁹ No final do artigo, mais uma propaganda de obras editadas pela “Anuário do Brasil”.

¹⁰ Há uma nota, após a publicação final da obra de D. João de Castro, informando que o romance deste autor seria publicado em volume posteriormente à revisão do autor.

05; 172	13-14	RAZÃO DE SER ²	Ranulfo Prata
05; 189	13-14	OSCAR WILDE ³	José de Queiroz Lima
05; 194	13-14	NOTAS ESTATÍSTICAS ⁴	Não assinado
05; 199	13-14	EFEMÉRIDES	Não assinado
05; 202	13-14	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado ⁵
05; 217	13-14	BIBLIOGRAFIA	Não assinado
05; 222	13-14	REVISTAS E JORNAIS	Não assinado ⁶
Junho de 1925			
05; 241	15-16	MURILO ARAÚJO	Tasso da Silveira
05; 257	15-16	EDUCAÇÃO TÉCNICO-PROFISSIONAL	James Darcy
05; 268	15-16	EM UM TÚNEL	Faria Neves Sobrinho
05; 270	15-16	GONZALO ZALDUMBIDE ⁷	Luiz Velazco Aragón
05; 276	15-16	DOIS POEMAS DE JUANA DE IBARBURU	Juana de Ibarburu
05; 278	15-16	LA MUJER ANTE LA VIDA Y LA HISTORIA	Santiago Loscacio
05; 289	15-16	“A LIBERDADE DOS MARES”	Alberto Sarmento
05; 292	15-16	O LÍRIO NA TORRENTE	Ranulfo Prata
05; 316	15-16	{A MENTIRA}	Rui Barbosa ⁸
05; 317	15-16	“TRABALHOS DE JESUS” ⁹	Fr. Tomé de Jesus
05; 337	15-16	O POETA PARNI NO BRASIL	Mário de Lima Barbosa
05; 340	15-16	JUSTOS E PECADORES ¹⁰	Ricardo Palma
05; 346	15-16	A CRISE DO LIVRO ¹¹	Álvaro Pinto
05; 349	15-16	A “TERRA DE SOL” EM PORTUGAL ¹²	Carlos Selvagem
05; 353	15-16	LENDAS AMAZÔNICAS DE CORNÉLIO HISPÂNICO	Cornélio Hispânico ¹³
05; 360	15-16	MOTIVOS SOBRE A DANÇA E A BELEZA	Tomas Murat
05; 364	15-16	LAS METAMÓRFOSIS DE ISARAKÍ ¹⁴	Ernesto Morales
05; 367	15-16	LO QUE YO ADORO...(FAGUNDES VARELA)	Fagundes Varela ¹⁵
05; 370	15-16	AS MULHERES POETAS DO BRASIL VI – LAURA FONSECA E SILVA	

¹ Outra propaganda das obras da “Anuário do Brasil” é publicada após a publicação dos *Trabalhos de Jesus*.

² Propaganda das obras de Jackson de Figueiredo editadas pela “Anuário do Brasil”.

³ Outra propaganda de livros da “Anuário do Brasil”.

⁴ Idem. p.198

⁵ Idem. p. 216.

⁶ Uma nota final informa quais foram as outras publicações recebidas por *Terra de Sol*. Essa nota é assinada por T. de S.

⁷ Esse texto foi publicado em espanhol.

⁸ Esse exemplar tem em um de seus “Fins de Página” excerto de pensamento de Rui Barbosa.

⁹ Logo após o final desse texto há a publicação de propaganda de obras publicadas pela “Anuário do Brasil”.

¹⁰ Há uma nota informando que este texto vem da tradição peruana e foi escrito por Ricardo Palma, com tradução de Argeu Guimarães.

¹¹ Logo após o final desse texto há a publicação de propaganda de obras publicadas pela “Anuário do Brasil”.p. 348.

¹² Esse artigo é reprodução de artigo de Carlos Selvagem publicado originalmente na revista “Lusitânia”. É importante notar que as reproduções de artigos são uma marca da revista *Terra de Sol*. Logo após a republicação deste artigo há mais uma nota de propaganda das obras editadas pela “Anuário do Brasil”; p. 352.

¹³ Esse texto de Cornélio Hispânico foi traduzido por A. G.

¹⁴ texto publicado em espanhol.

¹⁵ Este poema, em espanhol, apresenta a observação final de que Leonardo Eliz era uma poeta chileno e que esta poesia estaria em *La Revista Nueva*, de setembro de 1901 – Chile. Eliz traduziu o poema do poeta brasileiro Fagundes Varela.

05; 390	15-16	INCONFIDÊNCIA MINEIRA ¹	Rocha Pombo
05; 413	15-16	DE OUTROS POVO CARTAGENA DE ÍNDIOS ²	Não assinado
05; 417	15-16	ACONTECIMENTOS QUE OBRIGARAM A CORTE PORTUGUESA E REFUGIAR-SE NO BRASIL ³	Rocha Pombo
05; 435	15-16	POEMA DE UMA NOITE DE INSPIRAÇÃO	Raul Machado
05; 436	15-16	NOTAS ESTATÍSTICAS	Não assinado
05; 443	15-16	NOTAS E COMENTÁRIOS	Não assinado ⁴
05; 449	15-16	ASSUNTOS PORTUGUESES A CASA DE PORTUGAL ⁵	Álvaro Pinto
05; 455	15-16	BIBLIOGRAFIA	Não assinado ⁶
05; 465	15-16	EDIÇÕES DO “ANUÁRIO DO BRASIL”	Correio da Manhã; O Mundo Literário; A Idéia Ilustrada; Fernando de Azevedo; Gazeta de Notícias; Osório Duque Estrada; Imparcial; Jornal do Comércio, Lisboa; A Verdade, Porto; A Noite; O País; Jornal do Brasil; Jornal do Recife; Jarbas Peixoto; Berilo Neves; Gazeta de Notícias; Agripino Gieco; Gilberto Câmara; Paulo Silveira; Oscar Lopes; Diário da Noite; Diário do Estado; Diário de Pernambuco; A Rua; Jornal do Brasil; M. S.; Mário Sette; A Pátria; 7
05; 512	15-16	REVISTAS E JORNAIS ⁸	Não assinado

¹ Abaixo do título aparece a seguinte nota em letras pequenas: “Excerto da ‘História do Brasil’ de Rocha Pombo, a sair em tomos editados pelo ‘Anuário do Brasil’ ”.

² Abaixo do final desse texto há mais uma propaganda de obras editadas pela “Anuário do Brasil”. P. 416.

³ Mais um excerto da “História do Brasil” de Rocha Pombo.

⁴ Apenas uma das notas é assinada. Álvaro Pinto discute mais uma vez a questão da “Crise do Livro”. Ao final dessa seção, há mais uma propaganda trazendo lista de obras editadas pela “Anuário do Brasil”.

⁵ Nesse artigo, o título “Assuntos Portugueses” vem no alto da página, em letras pequenas, e abaixo, e letra maior, o título “A Casa de Portugal”. O texto foi republicado de *O Jornal* e aparece assinado por Álvaro Pinto.

⁶ Aparecem alguns textos assinados por periódicos brasileiros.

⁷ Alguns dos jornais aqui enumerados assinam mais de um texto republicado nessa seção de *Terra de Sol*.

⁸ Abaixo dessa seção há mais uma propaganda das obras editadas pela “Anuário do Brasil”

7.3 Editorial da Revista A Águia

A ÁGUIA, literario, dr. José de Magalhães; secretario, dr. José de Magalhães; director scientifico, dr. José de Magalhães; redacção, Alvaro Pinto - Redacção e administração, rua da Alegria, 218, Porto - Tipografia Gomes Carregal, tr. Passos Manuel 27, Porto - Gravuras de Cristiano de Carvalho, Godofredo, 95-T.º, Porto.

I

LITERATURA

RENASCENÇA

Neste momento genésico e caótico da nossa Pátria, é necessário que todas as forças reconstitutivas se organizem e trabalhem, para que ela atinja rapidamente a sonhada e desejada harmonia.

O fim d'esta Revista, como órgão da "Renascença Portuguesa", será, portanto, dar *um sentido* ás energias intellectuaes que a nossa Raça possui; isto é, collocá-las em condições de se tornarem fecundas, de poderem realizar o ideal que, n'este momento historico, abraça todas as almas sinceramente portuguezas:— Crear um novo Portugal, ou melhor resuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do tumulo onde a sepultaram alguns seculos de escuridade fisica e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram.

Por isso, a *Sociedade* a que me referi, se intitula "Renascença Portuguesa". Mas não imagine o leitor que a palavra Renascença significa simples regresso ao Passado. Não! Renascer é regressar ás fontes originarias da vida, mas para crear uma nova vida.

Renascer é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna em harmonia com ele. O Passado é indestrutivel; é o abysmo, a treva onde o homem mergulha as raizes do seu ser, para dar a nova luz do futuro a sua flôr espiritual.

A Pátria Portuguesa viveu; atravessou depois alguns seculos de morte; por fim, n'uma alvorada heroica que fez erguer do sepulcro a sombra de Nun'Alvares, acordou do seu profundo somno; levantou-se n'um impeto sófrego de vida; e, sob a instantanea luz que a deslumbrou, ei-la ofuscada e cega, tacteando, sem ver o caminho verdadeiro e a terra firme para os seus pés.

D'ahi a confusão caotica presente.

E' preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta á sua propria realidade essencial, ao sentido da sua propria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então poderá realizar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e poderá gritar entre os Povos: *Renasci!*

Ora, esta obra sagrada compete ao espirito portuguez, a todos os portuguezes que encerrem no seu ser uma parcela viva da alma da nossa Pátria. Mas, porque toda a obra só pôde ser realizada...

Um certo numero de operarios congregados e harmonicos, ligados pelo mesmo sonho, impõe-se, por consequencia, mais uma vez o firmamos, a união dos portugueses que vivam, além da sua vida egoista e individual, a vida mais vasta e profunda, porque é abstracta e transcendente, da Patria Portuguesa.

Por mais diferentes que sejam as nossas ideias, sob o ponto de vista religioso, filosofico ou artistico, poderemo-nos sempre entender, porque ha um lugar em que todos os principios e todas as ideias fraternisam. E n'esse lugar altissimo, que é para nós, n'este momento, a vida da Nacionalidade, devemos dar uns aos outros as mãos amigas e caminhar juntos para a realisação do sonho redemptor que ilumina as almas sinceramente portuguesas: a criação d'um novo Portugal, dentro do seu caracter, das suas qualidades intimas e originaes que lhe deem relevo e destaque, fisionomia propria entre os outros Povos.

Se não existisse uma *alma portuguesa*, teriamos de evolucionar conforme as almas estranhas, teriamos de nos fundir n'essa massa amorfa da Europa; mas a *alma portuguesa* existe, vem desde a origem da Nacionalidade; de mais longe ainda, da confusão dos povos heterogeneos que, em tempos remotos, disputaram a posse da Iberia. Houve um momento em que, no meio d'essa confusão dolorosa e guerreira, se destacou uma voz proclamando um Povo, criando a Alma d'uma Raça: foi a voz de Viriato; foi o Verbo creador que encarnou em Afonso Henriques e se tornou Acção e Victoria. Depois fez-se *Verbo* novamente, exaltou-se n'um sonho de immortalidade; e foi o Canto eterno dos Luziadas! Depois, cansado das longes terras, dos longes mares, como que adormeceu n'um tempo de tristesa, de olhos postos no Passado. E sonhou... E nesse momento, mais divino que humano, a alma portuguesa gerou das suas entranhas penetradas por uma luz celeste, a *Saudade*, a saudade do futuro Canto imortal, o Verbo do novo mundo português. A Saudade é Viriato; Afonso Henriques e Camões desmaterializados, reduzidos a um sentimento, postos em alma estrême. A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia, a emoção reflectida*; onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e ceu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essencia religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedotico de simples *gosto amargo de infelizes*.

E na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; nela resurgiremos, porque eia é a propria Renascença original e creadora.

Eu acredito na grandeza do momento actual, porque só agora que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescencia, principia a sentir-se verdadeiramente revelada. Só agora ella sabe quem é; porque só agora a Saudade lhe falou, dizendo-lhe o seu antigo segredo...

E por tudo isto, Portugal não morrerá; nem uma Patria morre,

no instante em que encontra o seu espirito. Portugal não morrerá e creará a sua nova Civilização, porque vê que a sua alma é inconfundível, que encerra em si um novo sentido da Vida, um novo Canto, um novo Verbo, e, portanto, uma nova Acção.

Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original.

Revelê-mo-la agora a todos os portugueses, na sua maior parte afastados d'ela, pelas más influencias literarias, politicas e religiosas vindas do estrangeiro.

Revelêmo-la a todos os portugueses, para que todos comuniquem o seu proprio espirito, e possam cumprir o destino que por natureza, nascimento e sangue lhes pertence.

E então um novo Portugal, mas *português*, surgirá á luz do dia, e a civilização do mundo sentir-se-á mais dilatada.

Teixeira de Sousa



7.4 Editorial da Revista *Seara Nova*

Número 1

SEARA NOVA

15
OUTUBRO
1921

A *SEARA NOVA* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional.

Não comunga ela no vão e pernicioso sofisma de que são os políticos os únicos culpados da nossa situação. A verdade é que os políticos não são melhores nem piores do que o permitem as condições gerais da mentalidade portuguesa. Todo o país tem de aceitar a responsabilidade que lhe cabe no desastre colectivo; todo o país, e em especial a sua *élite*. A vida política duma nação é, em grande parte, o reflexo da sua vida intelectual, dos seus movimentos de ideias, das aspirações mais profundas do seu escol. Por outro lado nenhum regimen político de mentira e incompetência se pode manter em qualquer país sem que essa incompetência e essa mentira sejam os característicos dominantes da sua própria *élite* intelectual. De outra forma, as monstruosidades e as traficâncias impedi-las hia o seu protesto organizado. Em última análise, é ela a maior responsável, porque constitui aquela parte da consciência duma nação que deveria ser a última a desfalecer ou a corromper-se. Renunciando ao seu papel directivo, sequestrando-se no formalismo e no cabotinismo literário, não fazendo do sacrifício o seu prazer mais elevado e da dedicação pelo bem geral o seu mais alto privilégio — não tendo sequer a elegância moral de se conservar pura e desinteressada no meio da corrupção e da deliquescência das altas camadas da sociedade — a sua indiferença, o seu miserável contentamento de si própria, o seu scepticismo moral, a sua intolerável vaidade, a sua falta de preocupações largamente humanas e, sobretudo, a absoluta incompreensão da sua verdadeira missão social, conduziram a este tremendo resultado, que todas as esferas da actividade da nação se sentiram atingidas da falta de ideal, de inteligência, de capacidade criadora e de sensibilidade moral que se revelavam na sua *élite*.

Os homens da *SEARA NOVA* pretendem fazer, por sua parte, em nome de toda a *élite* portuguesa, o seu acto de contrição. Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes: Ao contrário dos contritos de outro tempo, que renunciavam ao mundo para se consagrar ao divino, é ao mundo que a sua contrição os restitue. Muito tempo passaram já os homens de *élite* isolados do povo, fora das realidades sociais, muito para além do plano e do movimento em que se tece o futuro do mundo. É preciso que desçam até à corrente que transporta os germens da sociedade futura, e que nela lancem também o seu próprio sangue. Pouco importa qual o exemplo das outras classes sociais. Quanto mais baixo e mais vil for o meio que os cerca, mais eles tem de refinar no sacrificio e na nobreza, pondo as qualidades morais acima de todas as outras distinções. Considerarão o egoísmo como uma lepra, como a deselegância suprema. Que importam as dificuldades a vencer, e os perigos com que arrostar? O heroísmo é a palavra mais adequada para exprimir o peso enorme das suas responsabilidades.

Compenetrados destas ideias, queremos constituir na *SEARA NOVA* um núcleo de homens de boa consciência e vontade enérgica dispostos a assumir perante a expoliação, a rapina, o egoísmo e a mentira nacionais uma violenta e sistemática atitude de protesto. Queremos apontar ao desprezo público os inimigos do bem comum, os que deitaram abaixo as estátuas de todos os altares, para prestar apenas culto ao Bezerra de Ouro. Queremos agrilhoar ao pelourinho da infâmia os «potentados do dinheiro» que dêle se servem apenas para fazer a miséria dum povo. Queremos instaurar o processo de todos os escândalos, sejam quais forem os seus autores e responsáveis, sem que nos tolha a pena nem por um momento o miserável sofisma de podermos ser, com as nossas campanhas de moralidade, prejudiciais à República. Tais sofismas só podem ser defendidos por cúmplices ou por participantes; ou então pelos que, tendo horror à verdade, repudiam dessa maneira a mais alta essência do regimen que dizem defender. Em Democracia quem mente ao povo é reu de alta traição. É a verdade, a sinceridade, a absoluta lealdade e probidade de pensamento, que é mister habituar o povo português.

Mais ainda que os próprios escândalos, irritam o homem de perfeita consciência esse sistema de silêncio, de meias confissões e baixos compromissos em que todos nós vivemos. Sente-se que há sempre por detrás das nossas palavras guarda-ventos e arteparos onde a verdade se esconde. O vento da verdade é demasiado forte para nós. Pelo que pessoalmente nos diz respeito, queremos receber nas faces a sua lufada vital. Poremos sempre o que julgamos o nosso dever para com o país e a República acima da maneira como possam ser interpretadas ou deturpadas as nossas intenções. Pouco nos importará também que a crítica que fizermos em obediência à verdade se encontre por vezes com aquela que por simples interesses partidários façam os inimigos da República: isso não alterará nem num ápice a linha do nosso procedimento.

Mas não abandonando nunca estas disposições de combate, *A SEARA NOVA* quer exercer mais que uma simples acção de crítica e de protesto: quer chamar a atenção de todo o país para as reformas necessárias e contribuir para que se crie, em volta dessas reformas, uma opinião nacional que as exija e apoie. Quer fundar as condições da verdadeira democracia, sem as quais a República não passará do regimen de baixa mentira e indigna plutocracia que tem sido até hoje. Quer ajudar a criar essa luminosa e firme consciência nacional que imponha aos dirigentes (políticos e não políticos) o caminho da nossa salvação. Quer, numa palavra, contribuir para a grande e profunda Revolução que deve redimir a nossa Pátria — e exactamente porque trabalha para essa Revolução, combater todas as revoluções de clientelas, sófregas de mando e vazias de princípios, que o banditismo dos *condottieri* políticos, sem o menor respeito pela vontade do país e pela democracia, tem perpetrado em Portugal. Esses processos de assalto revolucionário em que o poder é tomado por surpresa, sem o esclarecimento prévio do país sobre as intenções dos seus dirigentes, só poderão esperar da nossa parte, e sejam quais fôrem os princípios de que pretendam inspirar-se, a mais formal e indignada condenação.

Não nos prendendo assim com vãs palavras — República, Revolução — atrás das quais se pode pôr tudo, até o *contrário* da República, até o *contrário* da Revolução — procuraremos atingir as próprias realidades. Mas porque o nosso realismo não é um realismo estreito e materialista, um realismo do «inferior», que só vê na melhoria das condições materiais a nossa verdadeira salvação, e despreza o Espírito e tudo quanto depende do Espírito como, uma excrescência de luxo ou um puro epifenómeno, esforçar-nos hemos acima de tudo pela elevação do Espírito, condição essencial de toda a nobreza da vida humana e das próprias reformas materiais. Para nós a literatura, a arte, a filosofia não constituem um requinte dispensável da civilização: são, pelo contrário, as suas necessidades mais insofismáveis e as mais altas realidades da vida da espécie, sem as quais não seria possível conceber a sua existência nem desejar a sua prorogação. Se o idealismo está desacreditado entre nós, é porque ele se tem conservado infinitamente longe da vida, é porque ele não tem expresso as mais reais e fortes aspirações da alma humana. Mas o verdadeiro idealismo é aquele que mergulha as suas raízes nas mais fundas necessidades da existência, aquele que exprime a própria vontade de viver uma vida inteiramente humana. A verdade é que toda a civilização que pretenda deixar de fundar-se num idealismo desta natureza atinge, só por esse facto, o *terminus* da sua existência: parte assim todas as molas que a mantinham e lhe davam impulso. — Por outro lado, não concebemos nenhum esforço de redenção nacional sem uma espécie de conversão e de exaltação religiosa dos espíritos. Não é no marasmo intelectual, no létargo colectivo, que se podem elaborar os grandes movimentos redentores. E aos que nos queiram contradizer, perguntamos simplesmente o que é então que explica porque não entrámos ainda nesse caminho de redenção. Essa exaltação religiosa dos espíritos direis talvez vós outros que é uma utopia; iludí-vos singularmente: a verdadeira utopia é pensar que sem ela se possa redimir qualquer país. Chamais espírito *prático* ao que vê apenas as determinantes inferiores dos processos sociais; mas nós chamamos verdadeiramente espírito *prático* ao que vê também as determinantes superiores. Eis como o vosso materialismo vos torna vítimas da utopia mais perigosa. — Pela nossa parte não cremos nas gerações espontâneas; não cremos numa melhoria da nossa vida nacional sem que as mais íntimas fibras das consciências sejam abaladas. Somos afinal os grandes scépticos: teimamos em não acreditar que da morte possa sair qualquer germen de vida. A salvação nacional ou se fará pelo caminho que deixamos indicado — ou não se fará. E não valem pressas e impaciências ante a irredutível realidade das coisas.

Sob o ponto de vista político, *A SEARA NOVA* enfileira na extrema esquerda da República. Radical, sem ser jacobina, os seus esforços irão para a transformação do regimen no sentido das mais avançadas aspirações. A crítica que todas as escolas, reaccionárias ou progressivas, tem feito da demo-

cracia, ou sofrem do êrro de exigir dela um "absoluto" que nenhum regimen poderá atingir, porque nenhum poderá modificar a própria natureza das coisas; ou incidem apenas sôbre defeitos de organização que não são inseparáveis do sistema; ou, o que é pior, recaem sôbre as *realizações da democracia*, tantas vezes antagónicas do seu verdadeiro espírito. Não se pode atacar a democracia pelo facto de ela não realizar o paraíso terreal; pela circunstância de *os homens que a puseram em prática* não terem adoptado, em conjunção com os métodos que lhe são próprios, métodos de organização social e de valorização da "inteligência", que com ela são absolutamente compatíveis; finalmente de ser a responsável pelas grotescas falsificações que em alguns países (como Portugal) se fizeram do seu espírito e dos seus métodos, isto é, no fundo, de ser responsável por que os homens a não tivessem feito.

Mas *A SEARA NOVA* não pode proceder ainda como se a sociedade actual fôsse a realização suprema da justiça; como se uma maior justiça social não fôsse possível nem desejável; como se o socialismo não representasse uma promessa de realização dessa justiça. Todas as suas simpatias vão, pois, para os que lutam, *dentro da ordem, dos métodos democráticos e dêsse espírito de realidades sem o qual são inteiramente illusórias quaisquer reformas sociais*, pelo triunfo do socialismo.

Longe, pois, de termos de retroceder até aos últimos dias de Setembro de 1910, como querem os monárquicos tradicionais; ou ainda mais para além, como querem os monárquicos tradicionalistas, devemos regressar ao 5 de Outubro, mas regressar avançando, caminhando numa direcção inteiramente diversa e numa atitude de espírito inteiramente nova.

A SEARA NOVA não poderá também esquecer que vive num mundo de nações ainda separadas por estreitos exclusivismos. O seu esforço irá, pois, neste ponto, para combater todas as formas de nacionalismo, essas doutrinas anti-humanas que pretendem erguer em volta de cada país um círculo espesso de muralhas da China. Ela crê necessário que se forme, acima das Pátrias eternas, uma consciência internacional capaz de resistir energicamente a novas tentativas militaristas. E' preciso que em todo o mundo haja, entre os espíritos de integral humanidade, uma acção de reconhecimento: também nós devemos formar um exército, pronto a mobilizar à primeira voz, pronto a impedir que haja mais uma hecatombe ao deus da Estupidez e dos Exércitos. Possam os homens de boas intenções de todas as Pátrias erguer um dia, sôbre um mundo que ainda hoje se debate em miseráveis disputas nacionalistas, o arco-de-aliança duma humanidade justa e livre, realizando na paz vitoriosa as conquistas da inteligência e da vontade desinteressada!

O GRUPO SEARA NOVA não lisonjeará nenhuma classe da sociedade.

O GRUPO SEARA NOVA não dará a nenhum dos seus aderentes qualquer esperança de benefício pessoal.

O GRUPO SEARA NOVA não pretende o poder, mas preparar as condições necessárias de todo o verdadeiro poder.

O GRUPO SEARA NOVA quer a Revolução, mas não aplaude as revoluções.

O GRUPO SEARA NOVA quer semear em proveito colectivo, e não colher em proveito próprio.

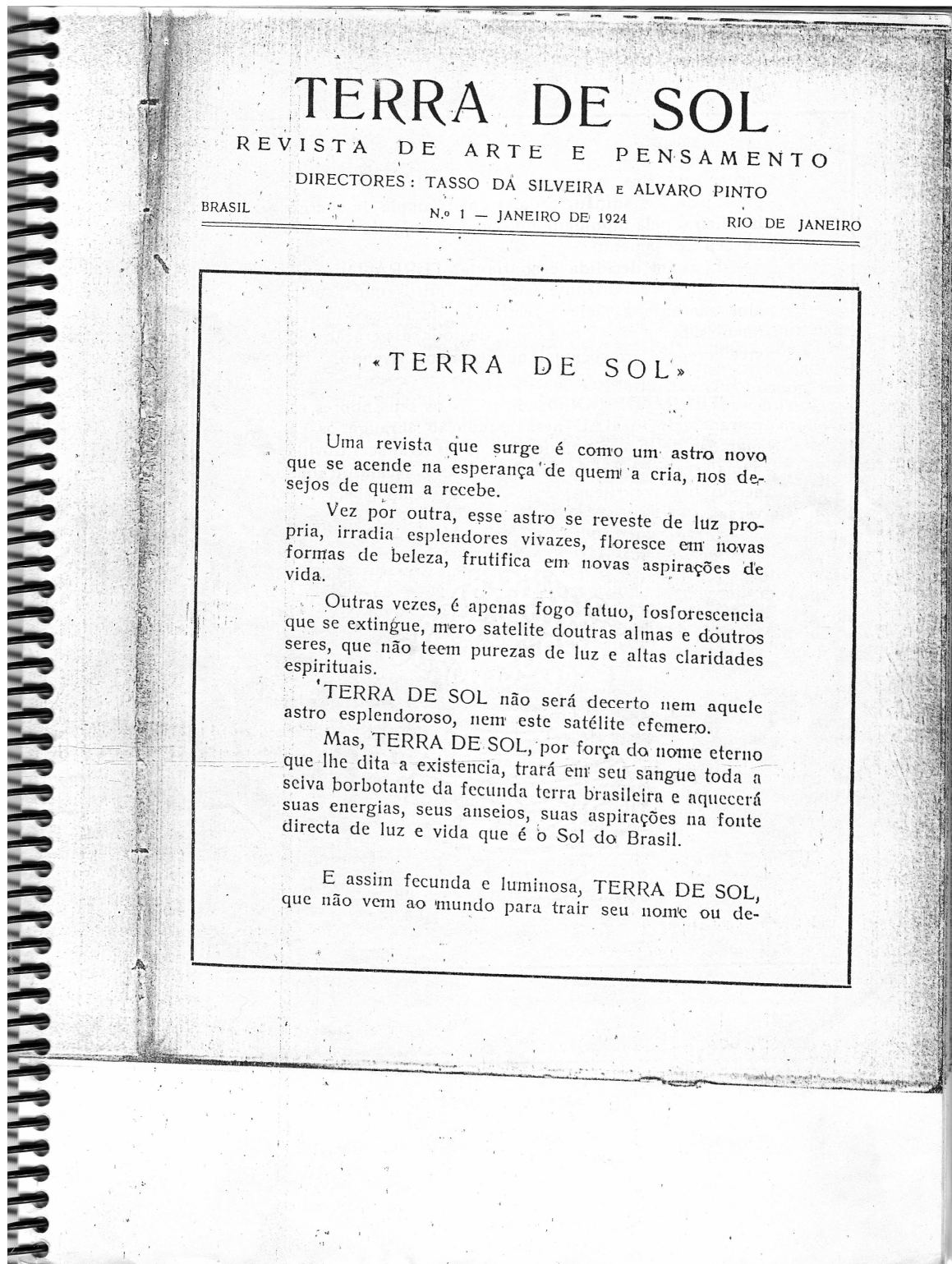
O GRUPO SEARA NOVA não se limita a prosternar-se perante as glórias passadas da Pátria: quer criar para a Pátria uma nova glória.

O GRUPO SEARA NOVA não olha o Passado, marcha resolutamente para o Futuro.

O GRUPO SEARA NOVA não se limita a glorificar os mortos herois: quer que apareçam os herois vivos.

O GRUPO SEARA NOVA não fará festas, nem lançará morteiros. Dirige todos os esforços para a acção, e para a preocupação do dia de hoje e de amanhã.

7.5 Editorial da Revista *Terra de Sol*



TERRA DE SOL

REVISTA DE ARTE E PENSAMENTO

DIRECTORES: TASSO DÁ SILVEIRA e ALVARO PINTO

BRASIL

N.º 1 - JANEIRO DE 1924

RIO DE JANEIRO

«TERRA DE SOL»

Uma revista que surge é como um astro novo que se acende na esperança de quem a cria, nos desejos de quem a recebe.

Veza por outra, esse astro se reveste de luz propria, irradia esplendores vivazes, floresce em novas formas de beleza, frutifica em novas aspirações de vida.

Outras vezes, é apenas fogo fatuo, fosforescencia que se extingue, mero satellite doutras almas e doutros seres, que não teem purezas de luz e altas claridades espirituais.

TERRA DE SOL não será decerto nem aquele astro esplendoroso, nem este satellite efemero.

Mas, TERRA DE SOL, por força do nome eterno que lhe dita a existencia, trará em seu sangue toda a seiva borbotante da fecunda terra brasileira e aquecerá suas energias, seus anseios, suas aspirações na fonte directa de luz e vida que é o Sol do Brasil.

E assim fecunda e luminosa, TERRA DE SOL, que não vem ao mundo para traír seu nome ou de-

turpar seus fins, pugnará, com alma clara e norte seguro, pela fecundidade cada vez mais ampla da energia brasileira, pela dignidade de seu espirito, pela elevação de seu pensamento.

E assim decidida e confiante, TERRA DE SOL será um novo horizonte para nós outros que a estamos sentindo a melhor realização de nossa vida, e, quem sabe, o novo horizonte de toda a geração que vive a época excepcional que estamos vivendo.

TERRA DE SOL sauda todos os seus nobres camaradas de ideal. E nessa saudação abrange os camaradas de todo o mundo com quem terá, sem dúvida, a mais estreita solidariedade na obra a cumprir que, sendo bem brasileira, é ao mesmo tempo bem universal.



Brasileiro x Universal

Brasileiro = Universal — Proposta de
ficar em contato
com o mundo

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)